

FRANCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA

Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil

Dissertação de mestrado
Fevereiro de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

FRANCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA

**Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação
em Biblioteconomia no Brasil**

**RIO DE JANEIRO
2019**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA –
IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

FRANCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA

**Representações Sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação
em Biblioteconomia no Brasil**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientador: Dr. Gustavo Silva Saldanha

**RIO DE JANEIRO
2019**

Catálogo da Publicação na Fonte

- S586r Silva, Franciéle Carneiro Garcês da.
Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil / Franciéle Carneiro Garcês da Silva – Rio de Janeiro, 2019.
521 p.
- Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.
1. Biblioteconomia Negra - Brasil. 2. Educação Bibliotecária - Brasil. 3. Culturas Africanas e Afro-brasileiras - Brasil. 4. Representações Sociais. 5. Percepções docentes I. Saldanha, Gustavo Silva. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

FRANCIÉLE CARNEIRO GARCÊS DA SILVA

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DAS CULTURAS AFRICANA E
AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.



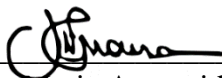
Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador)
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ



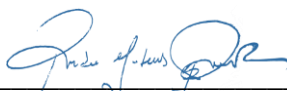
Profa. Dra. Daniella Camara Pizarro
PPGInfo/UDESC



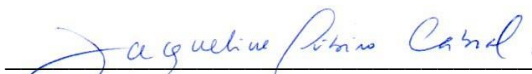
Profa. Dra. Glenda Cristina Valim de Melo
PPMS/UNIRIO



Profa. Dra. Maria Aparecida Moura
PPGCI/UFMG



Prof. Dr. Ricardo Pimenta
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ



Profa. Dra. Jacqueline Ribeiro Cabral
UFF

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 2019.

Dedico este trabalho a:

Pedro Giovâni da Silva, meu esposo;

Iara Maria Carneiro Garcês, minha mãe;

Eloi Vargas Garcês, meu pai;

Dirnéle Carneiro Garcez, minha irmã.

Com os quais tenho dividido vitórias e dificuldades.

AGRADECIMENTOS

Desenvolver uma pesquisa de mestrado requer muitos fatores. Entre os fatores mais importantes estão: família, amigos, gratidão, suporte, oportunidades, dedicação e perseverança.

Eu quero agradecer ao meu esposo, Pedro Giovâni da Silva, por ser meu companheiro de aventuras e desafios e por não me deixar desistir e nem de acreditar que eu conseguiria. Obrigada por ser meu porto seguro, pelo apoio em minhas decisões, pela confiança, suporte, amor e afeto. Gratidão por estarmos junto a cada passo do caminho! Te Amo!

Eu agradeço à minha mãe, Iara e ao meu pai, Eloi, por vibrarem com minhas vitórias e por se fazerem presentes em todos os momentos me mostrando que não estou só. Agradeço por me ajudar quando precisei, pelos esforços em me manter perto mesmo morando em outro estado; pelas ligações durante minhas viagens semanais para o Rio de Janeiro e por serem os melhores pai e mãe que eu poderia querer! Obrigada, Mãe e Pai, amo vocês!

Eu agradeço à minha irmã, Dirnéle, que sempre foi minha amiga, minha parceria e que está seguindo pelo mesmo caminho acadêmico trilhando seus passos dentro da Ciência da Informação. Mana, vamos nos tornar o que prometemos uma à outra debaixo daquele cinamomo! Pode apostar! Além disso, quero ver o nosso pai com as tatuagens que ele prometeu quando nos tornarmos doutoras! (risos). Te amo, preta! És meu orgulho e minha inspiração!

Eu agradeço aos orientadores e orientadora que tive até aqui:

Ao Gustavo Saldanha, por ter me aceitado como orientanda de mestrado no IBICT, por me incentivar e pelo respeito para com minha luta pelas culturas afros em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

À Daniella Pizarro, pelo apoio e parceria na causa antirracista dentro da Biblioteconomia, pela amizade e por ter me incentivado a ingressar no IBICT.

Ao Paulino Cardoso, por ter me convidado a fazer parte do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB/UDESC), me inserido na luta antirracista e por me ensinar a “não deixar as/os irmãs/os na porta”.

Meu profundo agradecimento ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB/UDESC), no qual, durante quatro anos, tive a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas que me ensinaram a lutar pela causa antirracista, a plantar frutos para as próximas gerações e a devolver um pouco do que aprendemos para a comunidade, por meio das ações e projetos ali desenvolvidos.

Eu agradeço à Daiana Breternitz, pela amizade, parceria com a UmanuS e pelo suporte durante meus períodos de ausência.

Eu agradeço à Graziela dos Santos Lima, pela amizade e por se manter fiel a si mesma. Agradeço pelos lindos livros que organizamos e que consolidou um sonho: o de ver bibliotecários/as negros/as como produtores/as de conhecimento.

Agradeço ao Coletivo Mulheres Negras na BCI: Dirnéle Carneiro Garcez, Graziela dos Santos Lima, Priscila Frevier e Andreia Sousa da Silva, pelos encontros a

cada semana e discussão de nosso papel enquanto pesquisadoras e mulheres negras dentro da BCI. Pela torcida e pela parceria científica, gratidão!

Agradeço ao Coletivo Bibliotecários/as Negros/as pela força, inspiração e constante aprendizado.

Agradeço à Nathália Lima Romeiro, por ser minha amiga e parceria acadêmica no IBICT para “sair fora da caixa” e reconstruir novos lugares para mulheres dentro da BCI. Gratidão, migs, pelos livros “tombantes e arrantys” que organizamos. Espero que sejam os primeiros de muitos que ainda realizaremos juntas!

À Miriely Souza, que se tornou uma amiga assim que cheguei ao IBICT e, desde então, tem feito parte de minha existência! Migs, que continuemos a trilhar um lindo caminho!

À Carina Santiago pela amizade, confiança, amizade e carinho. Pelos diálogos mesmo estando longe e por coletar materiais nos EUA para que eu continue estudando e pesquisando sobre a *Black Librarianship*.

À Benilde Inácio Lopes Alves, por me mostrar que palavras sem ação são somente palavras vazias.

Agradeço à equipe da Associação Catarinense de Bibliotecários, não só pela parceria de publicarem os livros por mim organizados pela Editora da Associação, mas pela compreensão nos momentos de ausência. Obrigada, pessoal!

Agradeço à equipe da Secretaria do IBICT-UFRJ, à Janete e à Christiane; e um agradecimento especial à Joelma, pelo carinho e diálogo antes das aulas (e por ter ido assistir minha defesa!).

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação com os quais convivi durante estes dois anos, o meu muito obrigada pela oportunidade de aprendizado.

Agradeço às Professoras: Glenda Melo, Daniella Câmara Pizarro e Regina Marteleto e ao Professor Ricardo Pimenta, por suas participações e contribuições na banca de qualificação de minha dissertação.

Meus agradecimentos às Professoras Maria Aparecida Moura, Glenda Melo, Daniella Câmara Pizarro, Jacqueline Ribeiro Cabral e ao Professor Ricardo Pimenta por seus aceites e importantes contribuições na banca de defesa. Agradeço ainda, ao docente Arthur Bezerra por aceitar ser suplente desta banca.

Por fim, meus agradecimentos aos docentes que se disponibilizaram a responder os meus questionamentos e pela oportunidade de diálogo e aprendizado.

Ubuntu!

Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa a proposta de uma adaptação aos moldes de sociedade capitalista e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Confiamos na idoneidade mental do negro, e acreditamos na reinvenção de nós mesmos e de nossa história. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica, na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições golpeadas pelo colonialismo e pelo racismo. Enfim reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado.

Abdias do Nascimento

RESUMO

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

Esta pesquisa visa compreender as representações sociais acerca das culturas Africana e Afro-brasileira na Educação em Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil a partir de instrumentos normativos (projeto político pedagógico, ementa, programa e bibliografia das disciplinas) e dos discursos dos docentes pertencentes a instituições federais e estaduais que oferecem os cursos de Biblioteconomia. Como referencial teórico, apresenta a *Black Librarianship* Americana e os potenciais para a construção de uma Biblioteconomia Negra Brasileira. Contextualiza e discute a questão racial na sociedade brasileira e aborda sobre os elementos que unem Brasil e África, bem como os seus aspectos históricos, socioculturais e educacionais das populações de origem africana. A fundamentação teórico-metodológica se embasa na Sociologia do conhecimento e no socioconstrutivismo, que possuem como suporte metodológico a teoria das representações sociais. Trata-se de uma pesquisa aplicada e exploratória de cunho fenomenológico, cujo procedimento de coleta e análise dos discursos encontra-se embasado na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Além da entrevista, utilizou o questionário de caracterização do perfil dos docentes para coleta de dados. Os resultados referentes ao corpus documental demonstraram a presença de 16 disciplinas com abordagens relacionadas às culturas africanas e afro-brasileiras, sendo apenas oito específicas das temáticas e, destas, 12 são disciplinas optativas e quatro são disciplinas obrigatórias. Quanto às percepções docentes, a partir da análise do Discurso do Sujeito Coletivo, trouxe cinco pontos de discussão, a saber: a complexidade e diversidade dos desafios sociais da formação bibliotecária na atualidade; a formação do bibliotecário e a incipiente relação com as culturas africanas e afro-brasileiras; o desconhecimento das ações que inserem essas culturas em cursos de Biblioteconomia; a indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras e o desenvolvimento da Biblioteconomia Negra Brasileira e a (consciência da) branquitude presente nos discursos docentes.

Palavras-chave: Biblioteconomia Negra - Brasil. Educação Bibliotecária - Brasil. Culturas Africanas e Afro-brasileiras - Brasil. Representações Sociais. Percepções docentes. Ciência da Informação.

ABSTRACT

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

This research aims to understand the social representations about African and Afro-Brazilian cultures in the Education in Library and Information Science in Brazil from normative instruments (pedagogical political project, syllabus, program and bibliography of the disciplines) and speeches of teachers belonging to federal and state educational institutions that offer the courses of Library Science. As a theoretical reference, it presents the American Black Librarianship and the potential for the construction of a Brazilian Black Librarianship. This research contextualizes and discusses the racial issue in Brazilian society and addresses the elements that unite Brazil and Africa, as well as their historical, socio-cultural and educational aspects of populations of African origin. The theoretical-methodological frame of reference is based on the Sociology of knowledge and on social-constructivism, which have as a methodological support the theory of social representations. It is an applied and exploratory research of phenomenological nature, whose procedure of collection and analysis of the discourses is based on the technique of the Discourse of the Collective Subject. In addition to the interview, a questionnaire to characterize the profile of teachers for data collection was used. The results related to the documentary corpus demonstrated the presence of 16 disciplines with approaches related to African and Afro-Brazilian cultures, with only eight specific disciplines, of which 12 are elective disciplines and four are compulsory disciplines. Regarding teacher perceptions, from the analysis of the Discourse of the Collective Subject, the results brought five points of discussion, namely: the complexity and diversity of the social challenges of the current librarian training; the formation of the librarian and the incipient relationship with African and Afro-Brazilian cultures; the unfamiliarity on actions that insert these cultures in courses of Library Science; the indication of bibliographic sources, authors, disciplines or projects on African and Afro-Brazilian cultures and the development of the Brazilian Black Librarianship and the (awareness of) whiteness present in the teaching discourses.

Keywords: Black Librarianship - Brazil. Librarian Education - Brazil. African and Afro-Brazilian Cultures - Brazil. Social Representations. Teaching perceptions. Information Science.

RESUMEN

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

Esta investigación pretende comprender las representaciones sociales acerca de las culturas africana y afro-brasileña en la Educación en Bibliotecología y Ciencia de la Información en Brasil a partir de instrumentos normativos (proyecto político pedagógico, menú, programa y bibliografía de las disciplinas) y de los discursos de los docentes pertenecientes a los docentes instituciones federales y estatales que ofrecen los cursos de Bibliotecología. Como referencial teórico, presenta la *Black Librarianship* Americana y los potenciales para la construcción de una Bibliotecología Negra Brasileña. En el caso de las poblaciones de origen africano, las diferencias entre Brasil y África, así como sus aspectos históricos, socioculturales y educacionales de las poblaciones de origen africana. La fundamentación teórico-metodológica se embasa en la Sociología del conocimiento y en el socioconstrutivismo, que poseen como soporte metodológico la teoría de las representaciones sociales. Se trata de una investigación aplicada y exploratoria de cuño fenomenológico, cuyo procedimiento de recolección y análisis de los discursos se encuentra embasado en la técnica del Discurso del Sujeto Colectivo. Además de la entrevista, utilizó el cuestionario de caracterización del perfil de los docentes para recolección de datos. Los resultados referentes al corpus documental demostraron la presencia de 16 disciplinas con abordajes relacionadas a las culturas africanas y afrobrasileñas, siendo apenas ocho específicas de las temáticas y de ellas 12 son disciplinas optativas y cuatro son disciplinas obligatorias. En cuanto a las percepciones docentes, a partir del análisis del Discurso del Sujeto Colectivo, trajo cinco puntos de discusión, a saber: la complejidad y diversidad de los desafíos sociales de la formación bibliotecaria en la actualidad; la formación del bibliotecario y la incipiente relación con las culturas africanas y afrobrasileñas; el desconocimiento de las acciones que insertan esas culturas en cursos de Bibliotecología; la indicación de fuentes bibliográficas, autores, disciplinas o proyectos sobre las culturas africanas y afrobrasileñas y el desarrollo de la Bibliotecología Negra Brasileña y la (conciencia de la) branquitud presente en los discursos docentes.

Palabras clave: Bibliotecología Negra - Brasil. Educación Bibliotecaria - Brasil. Culturas Africanas y Afrobrasileñas - Brasil. Representaciones Sociales. Percepciones docentes. Ciencia de la información.

RÉSUMÉ

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da. **Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil**. 2019. 521 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019.

La recherche a pour objectif de comprendre les représentations sociales des cultures africaines et afro-brésiliennes dans l'enseignement en bibliothéconomie et en sciences de l'information au Brésil. Le corpus méthodologique provient des instruments normatifs (projet pédagogique du cours, contenu thématique, programme et bibliographie des disciplines) et des discours des enseignants appartenant aux établissements d'enseignement publics. En tant que cadre théorique, la recherche présente la «bibliothéconomie noire américaine» et le potentiel de construction d'une bibliothéconomie noire au Brésil. La révision théorique contextualise et aborde également la question raciale dans la société brésilienne et examine les éléments qui unissent le Brésil et l'Afrique, ainsi que leurs aspects historiques, socioculturels et éducatifs des populations d'origine africaine. Les fondements théorico-méthodologiques sont basés sur la sociologie de la connaissance et sur le social-constructivisme, qui ont pour support méthodologique la théorie des représentations sociales. Il s'agit d'une recherche appliquée et exploratoire de caractère phénoménologique, dont la procédure de collecte et d'analyse des discours est basée sur la technique du «discours du sujet collectif». Outre l'entretien, la recherche a utilisé le questionnaire caractérisant le profil des enseignants pour la collecte de données. Les résultats relatifs au corpus documentaire ont mis en évidence la présence de 16 disciplines ayant des approches liées aux cultures africaine et afro-brésilienne. Seulement 8 disciplines sont spécifiques, dont 12 sont des matières à non requis et quatre des matières obligatoires. En ce qui concerne les perceptions des enseignants, l'analyse du discours du sujet collectif a amené cinq points de discussion, à savoir : la complexité et la diversité des défis sociaux de la formation actuelle des bibliothécaires ; la formation du bibliothécaire et la relation naissante avec les cultures africaines et afro-brésiliennes ; le manque de connaissance des actions qui insèrent ces cultures dans les cours de bibliothéconomie ; l'indication de sources bibliographiques, d'auteurs, de disciplines ou de projets sur les cultures africaines et afro-brésiliennes et le développement de la bibliothéconomie noir brésilienne et la (conscience de) la blancheur présents dans les discours d'enseignement.

Mots-clés: Bibliothéconomie noir - Brésil. Education bibliothécaire - Brésil. Cultures africaines et afro-brésiliennes - Brésil. Représentations sociales. Perceptions des professeurs. Science de l'information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dr. E. J. Josey fundador da Black Caucus da American Library Association e Editor das duas edições do Handbook of Black Librarianship (1977 e 2000)	83
Figura 2 - Primeira obra atribuída à Biblioteconomia Negra Americana.....	86
Figura 3 - Livro “Para uma história do negro no Brasil” publicado em 1988 pela Biblioteca Nacional	95
Figura 5 - Distribuição das Universidades que tiveram docentes entrevistados na pesquisa.	137
Figura 6 - O discurso docente, a formação e a inserção da temática conforme gênero e cor dos entrevistados.	194

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Retornos das respostas sobre as entrevistas com docentes dos cursos de Biblioteconomia de Instituições Federais e Estaduais.....136

Tabela 2 - Número de disciplinas por curso de graduação em Biblioteconomia em Instituições Federais (F) e Estaduais (E) brasileiros.143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Disciplinas dos cursos de Biblioteconomia de Rio de Janeiro e São Paulo	69
Quadro 2 – Primeiros Cursos e Escolas de Biblioteconomia criados entre 1911 a 1969 no Brasil.....	70
Quadro 3 - Distribuição de disciplinas do Currículo Mínimo de 1962 e o Currículo Mínimo de 1982.	73
Quadro 4 - Aspectos metodológicos da pesquisa.	133
Quadro 5 - Relação das Universidades Federais e Estaduais pesquisadas.	135
Quadro 6 - Categorias dos entrevistados.	136
Quadro 7 - Disciplinas e ementas relacionadas à inserção das culturas africana e afro-brasileiras nos Curso de Biblioteconomia.	145
Quadro 8 - Perfil dos docentes entrevistados que responderam ao questionário de caracterização.	159
Quadro 9 - Sugestão de conteúdos das culturas africanas e afro-brasileiras em disciplinas dos cursos de Biblioteconomia brasileiros	198
Quadro 10 - Uma cronologia de Publicações da Black Librarianship	236
Quadro 11 - Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira (1993-2018)	239

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AASL	<i>Alabama Association Of School Librarians</i>
ACB	Associação Catarinense de Bibliotecários
ALA	<i>American Library Association</i>
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BCALA	<i>Black Caucus of the American Library Association</i>
BCI	Biblioteconomia e Ciência da Informação
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BENANCIB	Repositório das apresentações e palestras nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
BRAPCI	Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CBBD	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDU	Classificação Decimal Universal
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
CRB	Conselho Regional de Biblioteconomia
DAINF	Direção de Avaliação e Informações Institucionais
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
ERAA	Espaço de Referência Ações Afirmativas
FEBAB	Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições
GpDD	Grupo de Pesquisa “Didática e Formação Docente”
GTEA	<i>The Librarians’ Section of the Georgia Teachers and Education Association</i>
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
NAPE	Núcleo de Apoio Pedagógico
NEAB	Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros
NCNLA	<i>North Carolina Negro Library Association</i>
ONU	Organização das Nações Unidas

PEA	<i>Palmetto Education Association</i>
PETROBRAS	Petróleo Brasileiro S. A.
PSTA	<i>Palmetto State Teacher's Association</i>
SCEA	<i>South Carolina Education</i>
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	22
1.1	QUESTÕES DE PESQUISA	25
1.2	OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS	25
1.3	PRESSUPOSTOS.....	26
1.4	ESTRUTURA DO TRABALHO	26
2	DA ÁFRICA AO BRASIL: COMPREENDENDO AS QUESTÕES RACIAIS E A ESCRAVIDÃO	28
2.1	UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL.....	31
2.2	ÁFRICA E BRASIL: O QUE OS UNE?.....	41
2.3	ELEMENTOS HISTÓRICOS DE ÁFRICA E DO POVO AFRICANO	43
2.3.1	África e o regime de estereotipia	45
2.3.2	A Escravidão de Africanos na África e no Brasil: diferenças e semelhanças.....	49
2.3.2.1	A escravidão dos africanos: do pré-islamismo até o tráfico negreiro.....	50
2.3.2.2	A escravidão no Brasil: o que ainda não aprendemos?	63
3	FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA E EDUCAÇÃO ORIENTADA PARA A CONSCIÊNCIA ÉTICO-POLÍTICA	67
3.1	A EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: BREVE CONSIDERAÇÃO	67
3.2	BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM PERCURSO ENTRE A <i>BLACK LIBRARIANSHIP</i> ESTADUNIDENSE E A BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA.....	75
3.2.1	<i>Black Librarianship</i>: A Biblioteconomia Negra Americana.....	80
3.2.2	Existe uma Biblioteconomia Negra Brasileira?	93
3.3	A EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA E AS CULTURAS AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO DOS CURSOS BRASILEIROS	113
4	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, FENOMENOLOGIA E A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE	119
4.1	A FENOMENOLOGIA E AS RELAÇÕES SOCIAIS	120
4.2	A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.....	127
4.3	REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	129
5	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	133
5.1	UNIVERSO DA PESQUISA	134

5.2	SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS.....	135
5.3	ETAPAS METODOLÓGICAS.....	138
5.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DISCURSOS	138
5.5	CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	140
5.6	PROCEDIMENTOS ÉTICOS NA PESQUISA.....	141
6	OS CONTEÚDOS DOS CURRÍCULOS E A INSERÇÃO DAS CULTURAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS	142
7	PERCEPÇÕES DOS DOCENTES A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO	158
7.1	DESCREVENDO OS ENTREVISTADOS	158
7.2	O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: O QUE PENSAM OS DOCENTES?.....	160
7.2.1	Ponto 1 - Os Desafios Sociais para a Formação do Bibliotecário.....	168
7.2.2	Ponto 2 - Indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-Brasileiras: desvelando a Biblioteconomia Negra brasileira?	174
7.2.3	Ponto 3 - A formação do bibliotecário e a sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras	177
7.2.4	Ponto 4 - As ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) que contemplam a inserção dessas culturas em cursos de Biblioteconomia	185
7.2.5	Ponto 5 - A Branquitude em questão	187
7.3	DISCUSSÃO: DIALOGANDO COM ENTRE DADOS DOCUMENTAIS E DADOS ORAIS	191
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200
	REFERÊNCIAS	204
	REFERÊNCIAS DA CRONOLOGIA DA BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA	224
	APÊNDICES.....	236
	APÊNDICE A – CRONOLOGIA DE EVENTOS NA BIBLIOTECONOMIA NEGRA AMERICANA NO HANDBOOK OF BLACK LIBRARIANSHIP (COMPILAÇÃO DA 1ª E 2ª EDIÇÃO).....	236
	APÊNDICE B – CRONOLOGIA DE PUBLICAÇÕES E EVENTOS DA BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA.....	239
	APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	254

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO.....	256
APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA	258
APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	259
APÊNDICE G - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO - IAD	368
APÊNDICE H – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2	496

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo da trajetória enquanto mulher, negra e estudante do curso de Biblioteconomia, participei como bolsista de extensão, pesquisa e voluntária durante o período de quatro anos, do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB), da Universidade de Santa Catarina (UDESC) e, a partir daí, tornei-me uma integrante da luta antirracista, tanto dentro do ambiente acadêmico, quanto fora dele.

Atuei em vários projetos de extensão do NEAB, especialmente, do Projeto “Biblioteca de Referência do NEAB-DESC” e do “Centro de Memória e História das Populações de Origem Africana em Santa Catarina”, ambos vinculados ao Programa de extensão “Memorial Antonieta de Barros”. Participei ainda, como voluntária do projeto de extensão “Espaço de Referência Ações Afirmativas (ERAA)” e, por último, fui bolsista de iniciação científica do Projeto de Pesquisa “Ser alfabetizador no olhar de quem se alfabetiza: uma abordagem fenomenológica”, do Grupo de Pesquisa Didática e Formação Docente (GpDD), vinculado ao Núcleo de Apoio Pedagógico (NAPE) e NEAB.

Além disso, fui atuante na Campanha realizada pelo NEAB-UDESC contra os casos de discriminação racial denunciados por alunas da UDESC no ano de 2015. Desse modo, no período entre 2015 até o primeiro semestre de 2016, colaborei na organização de palestras da Campanha “Racistas Otários nos deixem em Paz!”, título este inspirado na música dos Racionais Mc’s. Essa Campanha foi muito emblemática na minha formação, visto que nosso intuito era trazer convidados de diversas áreas e movimentos sociais para palestras e discutir sobre temas como: Islamofobia, Escravidão Contemporânea, Educação das Relações Étnico-raciais, Feminismo negro, Lesbofobia, Homofobia, Transgeneridade, Indígenas na universidade, Branquitude, Negritude, Genocídio da população negra, Religiões de Matriz Africana, Saúde da População negra, entre outros.

Ao longo dos quatro anos de minha formação na UDESC e, principalmente, no NEAB, participei de viagens em grupo para apresentações de trabalhos em eventos nacionais e internacionais, realizei a produção de artigos e capítulos de livros sobre os projetos aos quais estava vinculada, auxiliiei na organização de eventos do Núcleo e do curso de Biblioteconomia, me tornei integrante da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB) e da Revista desta Associação e fiz meu estágio obrigatório na

biblioteca comunitária “Barca dos Livros”. Em outras palavras, aproveitei as oportunidades que a academia me ofereceu.

Entender-me enquanto mulher e negra na sociedade brasileira e sobreviver aos casos de racismo e discriminação sofridos não é uma tarefa fácil. Por questões políticas, decidi me inscrever como cotista étnica no vestibular para Biblioteconomia e, neste caso, sempre tive que me esforçar o dobro para demonstrar que o investimento feito pela sociedade na minha educação valeu a pena, sendo que ser negra e cotista na Universidade ainda carrega o estigma de que não somos competentes intelectualmente. Assim, ao participar do NEAB e encontrar um lugar de refúgio, atuação política e de participação no fortalecimento da luta contra o racismo, consegui estabelecer-me psicológica e fisicamente para atuar por esta causa em Biblioteconomia e Ciência da Informação.

No entanto, apesar dos debates sobre as culturas africana e afro-brasileira no NEAB, quando chegava ao meu curso, raramente essas discussões eram trazidas para dentro da sala de aula. Observei que as disciplinas ministradas no curso não faziam relação com as culturas africanas e afro-brasileiras, bem como, com as populações indígenas, LGBTQIA+ e outras consideradas à margem da sociedade. Populações estas com quem eu teria contato após graduada e que seriam receptoras de minha prática enquanto profissional da informação.

Conforme o período histórico do país, os cursos de Biblioteconomia possuem forte influência das escolas estadunidenses e francesas. O currículo do curso de minha Universidade tinha uma base essencialmente estadunidense e eurocêntrica, na qual raramente eram utilizados autores que não pertencessem à classe considerada detentora de poder. Por se tratar de um curso no qual, após graduados, os profissionais irão trabalhar em centro e unidades de informação, organizações, instituições e empresas, uma formação crítica para o entendimento da realidade e dos aspectos sociais, políticos e éticos de sua atuação talvez incentivasse o exercício da alteridade. A partir deste exercício, se colocar no lugar do outro provavelmente influenciaria no atendimento oferecido aos usuários e nos serviços prestados pelo profissional da informação.

Com a criação da Lei Federal nº 10.639/2003 (BRASIL, 2003), que tornou obrigatório o ensino de Histórias e Culturas Africana e Afro-brasileira nas instituições de ensino brasileiras, públicas e privadas, do ensino fundamental ao médio e que, posteriormente, passou a ser incorporada pela Lei nº 11.645/2008 (BRASIL, 2008) juntamente com a Histórias e Culturas Indígena, a produção e a discussão a respeito dessas culturas começou a se transformar. Mas qual é a reflexão acerca dos processos que

envolvam as culturas no âmbito biblioteconômico-informacional? O que ainda precisa ser feito para que o preconceito contra negros, indígenas e outras etnias seja erradicado? O engajamento tanto de professores, quanto alunos dos cursos de Biblioteconomia pode ser uma alternativa para a inclusão étnico-racial?

A partir dessas inquietações, este trabalho¹ dará continuidade à pesquisa realizada por mim na graduação, visto que desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso relacionado a este tema e a pesquisa utilizou da Teoria das Representações Sociais para permitir conhecer as percepções dos professores do curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) sobre a importância das histórias e culturas africana e afro-brasileira no curso. Ao final dessa pesquisa, constatamos que embora as culturas sejam consideradas importantes na formação do bibliotecário, há fatores como a falta de formação para incluir estas culturas no curso e na prática profissional e o desconhecimento de leis que tratam da obrigatoriedade da inclusão das Histórias e Culturas Africana e Afro-brasileira nas unidades de ensino do país. Além disso, os dilemas entre a criação de novas disciplinas ou adaptação das existentes para inclusão das culturas foram obtidos como resultados e levaram à criação da presente pesquisa de mestrado (SILVA, 2016a).

Com a perspectiva de que estamos inseridos em uma sociedade racista, conforme aborda o antropólogo Kabengele Munanga (2003), e que as diferenças étnicas, econômicas e sociais são motivos para excluir o outro ao invés de incluí-lo na sociedade, reflito se uma formação acadêmica voltada para o respeito à diversidade étnico-racial e cultural, bem como à valorização de populações historicamente preteridas na história do Brasil, auxiliará a documentar uma memória coletiva e de valorização de identidades e de culturas dos povos pertencentes ao nosso país.

Outro fator importante para refletirmos é quanto à percepção dos profissionais da informação com relação às contribuições destas populações na sociedade brasileira e de suas necessidades informacionais para a construção da identidade dos afrodescendentes. Além de refletirmos também sobre a representação dos afrodescendentes em todos os aspectos que os envolvem, tais como, o desenvolvimento de pesquisas na Biblioteconomia e Ciência da Informação, a representação dessas populações em

¹ Neste trabalho de dissertação, reconheço a complexidade do assunto a ser abordado, visto que faço parte daquele que é conhecido como “negro-tema” (CARDOSO, 2017). Neste sentido, faço parte de dois mundos: aquele pelo qual fui/sou considerada tema de pesquisa e aquele para o qual a minha análise se volta.

materiais inseridos em acervos de bibliotecas, museus e centros de informação, a criação de políticas públicas de reparação e de valorização dessas populações, entre outros.

1.1 QUESTÕES DE PESQUISA

Dentre as questões centrais de nosso estudo, podemos reunir os seguintes aspectos indagativos: Como ocorre a inserção das culturas africana e afro-brasileira na formação do bibliotecário? O que os docentes manifestam ou percebem das culturas africanas e afro-brasileiras na formação dos bibliotecários? Como é realizada a preparação dos profissionais em questão quanto à questão étnico-racial? Como os elementos da *Black Librarianship* comparecem nos instrumentos normativos dos cursos mencionados?

1.2 OBJETIVOS GERAL E ESPECÍFICOS

Esta pesquisa visa compreender as representações sociais acerca das culturas africanas e afro-brasileiras² na educação e no pensamento em Biblioteconomia a partir de instrumentos normativos (projeto político pedagógico, ementa, programa e bibliografia das disciplinas), bem como de entrevistas com os docentes dos cursos de Biblioteconomia de instituições federais e estaduais brasileiras. Como objetivos específicos, pretendemos:

- a) Identificar os desafios sociais para a formação em Biblioteconomia no Brasil e sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras, a partir do discurso docente;
- b) Verificar como as culturas estão inseridas no ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil;
- c) Reconhecer os potenciais de construção de uma Biblioteconomia Negra Brasileira a partir da transformação curricular e da consequente formação do bibliotecário no contexto das culturas africana e afro-brasileira.

² Culturas africanas se referem a todas as culturas oriundas de populações pertencentes ao Continente Africano e que foram dispersas ao redor do globo por conta de processos históricos, como, por exemplo, a escravidão de africanos. As populações derivadas deste Continente carregam elementos culturais que atualmente fazem parte da composição da população de diversos países, como Brasil, Cuba, França, entre outros. No Brasil, denomina-se cultura afro-brasileira a unificação entre as culturas das populações de origem africana e os elementos característicos da multiculturalidade do país. Nesta dissertação, utilizarei o termo “culturas africanas e afro-brasileiras” para designar as culturas acima explicadas.

1.3 PRESSUPOSTOS

O contato com o racismo na sociedade foi algo que acompanhei não só durante minha trajetória como mulher negra, mas enquanto estudante universitária em uma universidade pública brasileira me mostraram como as facetas do racismo são escondidas por baixo de uma falsa democracia racial, que forja as relações sociais entre brancos e negros e trata por “brincadeiras” violências e preconceitos cometidos por brancos contra negros. Neste sentido, as discussões e o conhecimento sobre os grupos étnico-raciais, suas sociabilidades e obstáculos são deixados de lado, visto que não se percebe (ou se finge não perceber) como as desigualdades entre brancos e negros estão presentes e que há a existência de uma estrutura que mantém os privilégios de uns e retira os direitos de outros dentro da sociedade brasileira. A formação profissional, não somente em Biblioteconomia como em outras áreas, encontra-se estruturada no conservadorismo, nos falsos mitos democráticos, na ausência de justiça social e na hipocrisia. Dessa forma, temos como pressuposto principal que os cursos de graduação em Biblioteconomia não oferecem formação sobre as culturas africana ou afro-brasileira.

Os cursos de Biblioteconomia brasileiros possuem influência das Escolas Francesas, de um cunho humanista, e Estadunidenses, com um cunho tecnicista (CASTRO, 2000). Nos Estados Unidos, existe uma vertente relacionada aos movimentos de luta pelos direitos de populações excluídas, chamada *Black Librarianship*. Por ter seu foco em questões sociais e nas necessidades de produtos e serviços de informação de populações afro-americanas, argumenta-se que essa seja uma das vertentes ausentes na problematização do objeto de estudo aqui em construção no currículo dos cursos de Biblioteconomia do Brasil, visto que esse movimento vai ao encontro da realidade brasileira que possui 54% da população autodeclarada como negra.

Outro pressuposto que temos é que há um desconhecimento sobre os instrumentos normativos (Leis, Diretrizes Curriculares Nacionais, Decretos, etc.) que regem sobre a inclusão das culturas africanas e afro-brasileiras no ensino brasileiro e que corrobora para a invisibilidade das mesmas dentro do currículo dos cursos.

1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

A seção primária 2 intitulada “*Da África ao Brasil: compreendendo sobre as questões raciais e a escravidão*” apresenta o referencial bibliográfico com a

contextualização e discussão da questão racial na sociedade brasileira. Abordamos sobre os elementos que unem Brasil e África, bem como os seus aspectos históricos (em especial a escravidão), socioculturais e educacionais das populações de origem africana.

Na seção subsequente, chamada “*Formação da Educação em Biblioteconomia e a Educação orientada para a consciência ético-política*” dedicamo-nos à abordagem sobre a educação em Biblioteconomia vinculada às problemáticas sociais, éticas e políticas. Contextualizamos a existência do movimento da *Black Librarianship* Americana, nos Estados Unidos e, por fim, questionamos a existência de uma Biblioteconomia Negra Brasileira.

“*Representações sociais, fenomenologia e a Sociologia do conhecimento: a construção social da realidade*” é a seção primária 4. Essa seção se refere à fundamentação teórico-metodológica da pesquisa embasada na Sociologia do conhecimento e no socioconstrutivismo, que possuem como suporte metodológico a teoria das representações sociais, de Serge Moscovici.

Com o aporte teórico-metodológico da seção anterior, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa na seção 5. O procedimento de coleta e análise dos discursos encontra-se embasado na técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Além da entrevista, utilizamos questionário de caracterização do perfil dos docentes.

As seções 6 e 7 apresentam os resultados da análise dos currículos dos cursos de graduação em Biblioteconomia brasileiros e as percepções docentes a partir da análise do DSC, respectivamente. Por fim, as considerações finais do estudo.

2 DA ÁFRICA AO BRASIL: COMPREENDENDO AS QUESTÕES RACIAIS E A ESCRAVIDÃO

Nesta seção, em um primeiro momento, trazemos o nosso olhar para discutirmos a questão racial no Brasil, visto que faz parte das tensões raciais relacionadas a pessoas brancas *versus* negras ou pessoas brancas *versus* indígenas ou, em outras palavras, entre a pessoa branca *versus* aqueles tidos como “outros”. Essas tensões foram criadas a partir do momento em que foi estabelecida a raça enquanto definidor de quem é tido como “superior”, o qual recebe uma série de aspectos sociais positivados atribuídos a pessoas brancas como beleza, riqueza, *status* social privilegiado, entre outros; e aquele que é percebido como o “outro” ou “inferior” e que carrega consigo uma gama de estereótipos negativos ligados ao seu fenótipo, como a atribuição de feiura, criminalidade, inteligência limitada, entre outros. Para a construção do referencial desta seção, nos basearemos em autores como o antropólogo Kabengele Munanga, o sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, o cientista social Carlos Moore, o sociólogo Joaze Bernardino-Costa, o advogado criminalista Luciano Góes, os historiadores Paulino Cardoso e Karla Leandro Rascke, entre outros, para apresentarmos e discutirmos a origem, os aspectos e os conceitos de raça, racialismo, miscigenação racial, racismo e preconceito racial no Brasil a partir da ótica de diversas áreas do conhecimento.

De posse dessa compreensão, passamos para a seção secundária que aborda os elementos que unem África e Brasil, em especial, a partir dos autores Carlos Serrano e Maurício Waldman com a sua obra “Memória D’África: a temática africana em sala de aula”. Essa seção secundária serviu para, em poucas palavras, fazermos a introdução das semelhanças entre o Brasil e o Continente Africano, bem como estabelecer a herança criada a partir desses dois contextos e que faz parte do país nos dias de hoje.

Continuando o desenvolvimento da seção primária, abordamos na próxima seção secundária os elementos históricos de África e do povo africano. Aqui, queremos frisar a importância da contextualização e panorama sobre a “África Negra”- em especial, a partir de estudos do historiador congolês Elikia M'Bokolo e do escritor e etnólogo maliense Amadou Hampaté Bâ, além daqueles publicados na Coleção “História Geral da África” da UNESCO - visto que dela provinha os africanos de pele negra (originários da África Subsaariana ou África Negra) escravizados no Brasil. O foco está em identificar construtos sobre a história da África que permitam o delineamento crítico do objeto de estudo. Entendemos que, por ser uma dissertação focada na formação bibliotecária, os

conteúdos aqui abordados precisam contextualizar ao leitor ou à leitora a importância do conhecimento de aspectos sobre as civilizações africanas e suas relações sociais, econômicas e políticas para retirarmos do nosso dia a dia profissional e educacional, toda e qualquer desinformação sobre o assunto, além de contribuir para a introdução da temática em bibliotecas e salas de aula. Consideramos importante também subdividir essa seção secundária em duas seções terciárias: a) apresentar o regime de estereotipia criado sobre África pelos contextos hegemônicos que dificultou o acesso ao contextual, social e cultural conhecimento sobre esse Continente. Em outras palavras, queremos dizer o conhecimento provindo da visão do africano e não daquele que colonizou e o escravizou; b) explicar as semelhanças e diferenças entre a escravidão que ocorreu em África – desde o período pré-islâmico até o tráfico negreiro – e aquela no Brasil com foco para além do que aprendemos nos livros didáticos sobre o que é escravidão. Para esses dois últimos pontos, nos baseamos, - além das obras de Elikia M'Bokolo, Amadou Hampaté Bâ e da Coleção História Geral da África - em pesquisadores como Karla Leandro Rascke, Claudia Mortari, Amaílton Azevedo e Willian Lucindo.

Temos consciência de que a abordagem bibliográfica não foi realizada de modo exaustivo. O que buscamos foi um panorama que nos permitiu chegar na centralidade do objeto. Como não encontramos em Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileiras dissertação ou tese com aprofundamento sobre África, seus povos e que expusesse sobre o processo de escravidão, ressaltamos que a extensão da revisão pretendia ampliar o horizonte sobre o Continente Africano e, por isso, em algumas seções abordamos detalhadamente alguns fatos. Além disso, queremos instigar o leitor a encontrar mais fontes críticas e contextuais sobre África a partir da explanação do Continente que aqui fizemos. “Enegrecemos³” ainda, que ao longo do texto, alguns termos serão adotados e possuem conceitos diferentes um do outro, tais como, africano⁴, afro-brasileiro⁵ e afrodescendente⁶.

³ Substituímos o termo “esclarecer” que significa “tornar claro” ou “iluminar” por “enegrecer” que significa “tornar negro” ou “escurecer algo”. Este é um termo de uso político, visto que ao enegrecermos algo estamos evidenciando, explicando ou explicitando.

⁴ Africano: Termo que designa pessoa nascida no Continente africano.

⁵ Afro-brasileiro: se refere ao sujeito descendente de africano nascido no Brasil, assim como, afro-americano se refere aos nascidos nos Estados Unidos da América e assim por diante.

⁶ Afrodescendente: termo adotado após a Conferência da ONU ocorrida em Durban, África do Sul no ano de 2001 devido ao fato de países africanos de língua portuguesa e alguns países de língua espanhola e inglesa consideravam o termo negro como pejorativo, visto que era utilizado no período da escravidão para chamar os africanos escravizados (SILVA, 2007). Conforme Nunes (2017), o termo é praticamente a mesma palavra em português, inglês, francês e espanhol e por isso alguns militantes do movimento negro

Conforme apresentado nas considerações iniciais desta pesquisa, as motivações para a realização deste estudo estão pautadas na luta antirracista e pelo reconhecimento da História da África, dos africanos e seus descendentes na construção do Brasil. Nesse sentido, faz-se necessário a contextualização das teorias, histórias e culturas africanas para o melhor entendimento da sua importância na formação do bibliotecário brasileiro.

Os estudos relacionados à História da África e às Culturas Africanas e Negras são essenciais para a quebra de pré-conceitos introjetados na sociedade brasileira desde o período escravista. Para desconstruí-los, é necessária a compreensão sobre as origens, história, memória e cultura das populações de origem africana. Para este estudo, ressaltamos uma importante crítica feita por Silva (2014), pois

[...] reconhecer e valorizar a diversidade étnica brasileira, visualizando com dignidade o segmento populacional negro, significa enfatizar as contribuições sociais, econômicas, culturais, políticas e intelectuais desse povo, em todas as áreas e aspectos. Não se pode reduzir as contribuições negras somente a aspectos relativos a seus costumes alimentares, vestimenta, religiosidade ou rituais festivos, como se faz atualmente (SILVA, 2014, p. 21).

Ao afirmarmos que a construção do Brasil está alicerçada no Continente Africano, refletimos que se faz urgente a apreensão de conhecimentos sobre os diversos saberes elementares da vida dos negros e que estão firmados nas teorias provenientes de África por seus ancestrais através da cosmovisão africana e suas concepções de vida, universo e sociedade. Dessa forma, para entender as histórias e culturas negras do Brasil, é preciso “superar a visão senso comum, justificada por ideias pré-concebidas sem fundamentação histórica dos aspectos da exclusão quanto aos povos africanos e seus descendentes no Brasil” (SILVA, 2014, p. 21).

Nesta seção, ainda discutiremos a questão racial no país visando demonstrar a singularidade da raça dentro da sociedade brasileira e seus efeitos na população negra. Posteriormente, abordamos os elementos de conexão que trazem para o Brasil e a África uma ligação inexorável por intermédio de seus aspectos geográficos, populacionais, socioculturais, entre outros. Fazemos ainda, uma breve contextualização da História da África para entendermos a constituição desse continente e a contribuição do seu povo na criação do nosso país.

consideram-na como universal por conseguir unir os africanos e os grupos da diáspora. Para esta dissertação, afrodescendente se refere a qualquer descendente de populações africanas do mundo.

2.1 UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

Antes de iniciarmos nossa discussão dentro da Biblioteconomia e a formação do bibliotecário brasileiro, realizaremos uma breve introdução sobre as questões raciais, o conceito de raça e suas especificidades dentro do Brasil. Conforme Nilma Lino Gomes (2017), a discussão sobre relações raciais no contexto brasileiro está entremeada por uma diversidade conceitual e de termos. Isso gera certos desentendimentos sobre quais os conceitos ou termos adequados para sua abordagem, visto que os teóricos, intelectuais ou ativistas que abordam o assunto possuem perspectivas teóricas e ideológicas diversas, conforme sua área de atuação e posicionamento político. No entanto, aspectos históricos e conceituais são importantes para evidenciar as teorias sobre o tema das relações raciais, como também para demonstrar as interpretações sobre o assunto dentro da sociedade brasileira.

O conceito etimológico de raça é oriundo do italiano *razza*, que descende do latim *ratio*, cujo significado é sorte, categoria, espécie. No latim medieval, a noção de raça passou a ser usada para atribuir a descendência e linhagem de grupos de pessoas. O conceito de raça começou a ser atribuído como conhecemos hoje, quando o francês François Bernier o aplicou para classificar a diversidade de seres humanos em grupos fisicamente distintos em 1684. A partir dos séculos XVI e XVII, esse termo começou a efetivamente fazer parte das relações sociais da França daquela época e passou a ser empregado pela nobreza visando a distinção entre a elite e a plebe. A nobreza francesa tinha como concepção a existência da pureza do sangue que os tornaria uma raça superior às pessoas pertencentes à plebe. Essa concepção era atribuída devido a supostas aptidões naturais e habilidades especiais que os primeiros diziam possuir e que lhe davam o poder, inclusive, de escravizar os segundos (SILVÉRIO, 1999; MUNANGA, 2003).

No final do século XVII, para ser aceito como ser humano, a pessoa deveria mostrar que era descendente de Adão, conforme estipulava a Teologia e as Escrituras, visto que as três raças estavam representadas no mito dos três Reis Magos, no qual, inclusive, havia um representante de africanos. A partir do século XVIII, a Igreja passa a ser contestada como representante do conhecimento pelos filósofos iluministas. Com esta recusa de explicação religiosa para a história da humanidade, os filósofos começam a utilizar o conceito de raça existente nas ciências naturais e iniciam a classificação das pessoas em grupos de raças diferentes. Assim, o conceito de raça se estabeleceu como um instrumento de operacionalização do pensamento que serve para classificar a diversidade

humana e, assim, subjugar ou subalternizar aquelas consideradas “raças inferiores” (SILVÉRIO, 1999; MUNANGA, 2003).

Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito, em nome de sua autoridade científica, de hierarquizar as chamadas raças, ou seja, de classificá-las numa escala de valores superiores e inferiores, criando uma relação intrínseca entre o corpo, os traços físicos, a cor da pele e as qualidades intelectuais, culturais, morais e estéticas. (MUNANGA, 2010, p. 187).

Dessa forma, foram criados critérios para a separação das raças, e um dos elementos principais para essa separação foi a cor da pele, a partir do qual, conforme o nível de melanina⁷ presente na pele, as pessoas seriam classificadas em raças diferentes. Esse critério, posteriormente, no século XIX, passou a ser acompanhado de aspectos morfológicos - caracterizados pelo formato do nariz, espessura e forma dos lábios, formato do crânio, entre outros fatores – e mentais que visavam o aperfeiçoamento dessa classificação de grupos raciais (SILVÉRIO, 1999; MUNANGA, 2003).

No século XX, foram adicionados a esses dois critérios, os aspectos sanguíneos que evidenciariam os marcadores genéticos de cada raça. Foi a partir desse conjunto de critérios que se passou a designar diversas raças, sub-raças e sub-sub-raças humanas (MUNANGA, 2003). Embora tenha se confirmado a invalidação científica do conceito de raça para seres humanos, o mesmo ainda continua a ser utilizado como elemento propulsor de desigualdades em diversos continentes e países.

O conceito de raça, no contexto da sociedade brasileira, é um construto social e não um conceito biológico, ou seja, a raça enquanto categoria classificatória é algo atribuído socialmente aos seres humanos pertencentes a determinadas etnias, não biologicamente. É a partir da existência da raça e da importância atribuída à ela que as desigualdades raciais são mantidas, pois as pessoas são distribuídas em categorias que as classificam dentro da sociedade brasileira como “seres de primeira ou segunda classe” conforme seus traços físicos, cor da pele e cabelo. A partir dessa categorização, são dadas ou retiradas oportunidades para o desenvolvimento educacional, profissional, social, econômico e cultural de cidadãos brasileiros (BERNARDINO-COSTA; SANTOS; SILVÉRIO, 2009).

Conforme Cardoso e Rascke (2014), as pessoas que acreditam na existência de raças são denominadas “racialistas”. Bernardino-Costa, Santos e Silvério (2009) inferem que o termo racialismo se refere à existência de um sistema social de classificação de

⁷ Substância que dá coloração à pele, olhos e cabelos.

indivíduos baseado na existência das raças e está situado no plano das relações raciais em sociedade. É tido como um conceito atribuído a uma realidade social onde os aspectos físicos são associados à concepção de “essência racial” que atribui valores intelectuais, morais e físicos a uma pessoa. Dessa forma, quando nos referimos à realidade social das raças, estamos utilizando o racismo, pois não há fundamentação biológica para tal fato (BERNARDINO-COSTA; SANTOS; SILVÉRIO, 2009; OLIVEIRA FILHO; SANTOS; SOARES, 2010).

No Brasil, o racismo surgiu na cena política brasileira como uma doutrina científica quando estava perto de acontecer a abolição da escravatura e, conseqüentemente, a igualdade política e formal (distribuição de terras, por exemplo) entre todos os que no país viviam, sejam eles senhores ou africanos escravizados. Entretanto, o sociólogo Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (2004) nos lembra que não devemos apenas ler o racismo brasileiro como uma reação à igualdade legal entre cidadãos que se aproximava com o fim da escravidão, mas também como um modo das elites intelectuais reagirem às desigualdades de cada região que aumentavam naquele período, bem como a decadência da valorização do açúcar e do café.

A partir das elites intelectuais de Salvador, na Escola de Medicina da Bahia, e da Escola de Direito do Recife que uniram a medicina, a criminalidade e deficiências físicas e mentais às doutrinas do Rio de Janeiro e São Paulo, o racismo avançou. As preocupações buscavam ser resolvidas por intermédio do embranquecimento da população, algo subsidiado pelas políticas empregadas na época que buscavam substituir a mão de obra africana por imigrantes vindos da Europa e, de bônus, clarear a população até que a população negra fosse apagada e somente os atributos (psicológicos, culturais, fenotípicos) da população branca continuassem (GUIMARÃES, 2004; SÁ; COELHO; MENDES, 2012; SANTOS, 2012).

Com os estudos de Gilberto Freyre na década de 1930, as teorias raciais recebem um novo olhar com a busca pela “alma nacional”, algo que ganha cientificidade quando se encontra com a antropologia cultural do americano Franz Boas ao substituir “a noção biológica de raça pela noção de cultura, enquanto expressão material e simbólica do *ethos* de um povo” (GUIMARÃES, 2004, s.p.).

Influenciado pela ideia de nação criada na França, Freyre herda a ambigüidade do conceito existente naquele país com relação ao tratamento da raça (COSTA, 2002). Gilberto Freyre “não opera uma inflexão definitiva no discurso racista dominante”, pois enquanto rompe com o biologicismo, não o faz com a ideia de raça (GUIMARÃES, 1999,

COSTA, 2002), defendendo, assim, uma “concepção eurocêntrica de embranquecimento” (GUIMARÃES, 1999; COSTA, 2002)

Com essa revolução ideológica no Brasil, o *ethos* do povo passou a ser relacionado com a “democracia social e étnica”, conceito que atualizou “na linguagem das ciências sociais emergentes, o precário equilíbrio político entre desigualdade social, autoritarismo político e liberdade formal, que marcou o Brasil do pós-guerra” (GUIMARÃES, 2004, s.p.).

Dessa forma, Gilberto Freyre se utilizou da miscigenação e da ascensão social das pessoas negras de pele clara⁸ para fundamentar na sociedade o que já estava compreendido entre os estudiosos da época:

(a) o Brasil nunca conhecera o ódio entre raças, ou seja, o "preconceito racial"; (b) as linhas de classe não eram rigidamente definidas a partir da cor; (c) os mestiços se incorporavam lenta, mas progressivamente à sociedade e à cultura nacionais; (d) os negros e os africanismos tendiam paulatinamente a desaparecer, dando lugar a um tipo físico e a uma cultura propriamente brasileiros. (GUIMARÃES, 2004, s.p.).

Conforme Guimarães (2004), chegaram novas teorias e métodos oriundos de Donald Pierson, que, utilizando a historicidade, passou a estabelecer três pilares importantes. Em primeiro lugar, determinou a “existência original de raças diferentes”, em segundo, a “mistura racial ou miscigenação” e em terceiro lugar, a “mobilidade social de mestiços”. Este último pilar foi atribuído como justificativa para dizer que existia a ascensão social de mestiços, pois para Pierson, não existia o preconceito de raça (GUIMARÃES, 2004). Como resposta ao preconceito, criou o termo “preconceito de classe” que buscava esconder “tanto a história social da escravidão feita por Freyre quanto a agenda de pesquisa formulada nos Estados Unidos, nos anos 1910, para responder à questão racial americana” (GUIMARÃES, 2004, s.p.).

A “democracia racial” se estabeleceu como discurso buscando incluir os indivíduos em “nações democráticas no mundo” e foi a partir desse conceito que os estudos sobre relações raciais se voltaram a entender se existia ou não preconceito racial e qual era a diferença específica sobre esse assunto entre Brasil e os Estados Unidos. O contexto brasileiro deu foco à miscigenação no debate ideológico-político e balizou o processo de construção de identidades particulares e nacional. Importante ressaltarmos

⁸ O termo citado por Guimarães (2004) é mulato, termo utilizado à época para designar pessoas afro-brasileiras ou afrodescendentes de pele clara. Esse termo é pejorativo para a população negra ou afro-brasileira, visto que a palavra deriva de “mula”, algo que à época se referia ao filhote que era a cruzada de um jumento com uma égua.

que a miscigenação entre brancos e negros, a qual era exaltada por Gilberto Freyre como sendo a semente da democracia racial brasileira e base para a construção da identidade nacional, não foi realizada como um processo natural, mas sim determinado pela violência e exploração do português contra a africana em cativeiro durante a escravidão (CARONE, 2014).

O fenômeno biológico da miscigenação tornou-se algo de importância política, pois dependia da miscigenação o processo de homogeneizar biologicamente a sociedade para se criar a identidade nacional brasileira (MUNANGA, 2017). Aliado a esse contexto, a ideologia de branqueamento se tornou uma peça fundamental para a construção da identidade brasileira desejada, pois se acreditava que nasceria uma raça nova mais arianizada, clara e fenotipicamente branca graças à miscigenação (HOFBAUER, 2003; CATOIA, 2018).

Com esses processos de miscigenação e ideologia do branqueamento, as pessoas desenvolveram atitudes e comportamentos sociais que interiorizam marcas invisíveis no imaginário e representações coletivas. Essas marcas, por consequência, interferem nos processos de identificação individual e na construção de uma identidade coletiva. Assim, essa interiorização leva à negação da própria natureza humana nas pessoas negras que veem como único recurso o embranquecimento físico e cultural de seus descendentes, algo permitido pela miscigenação racial e mestiçagem cultural (MUNANGA, 2017).

A ideologia de branqueamento é reproduzida diariamente por intermédio da educação e de mecanismos sociais, bem como da construção da realidade a partir da linguagem, manifestando o fenômeno em termos, expressões e anedotas. Dessa forma, as populações negras e brancas introjetaram o ideal de branqueamento, algo que afeta a construção da identidade do negro e do seu coletivo, assim como forma uma baixa autoestima na população negra e uma supervalorização da população branca (MUNANGA, 2017).

Retomando a discussão sobre raça, seus desdobramentos e conceitos, é importante compreender a diferença entre alguns termos comumente utilizados, mas que possuem significados e sentidos diferentes. No Brasil, assim como em outros países, ainda existem aquelas pessoas que acreditam na existência de raças humanas. Por conta dessa crença, acabam por cometer racismo, discriminação racial, preconceito racial ou injúria racial com aquelas pessoas ou grupos que consideram de “outras raças”. No entendimento do advogado Luciano Góes (2015, p. 40), racismo é

uma prática que estrutura, projeta e fomenta ideologias, instituições, valores e atos, coletivos e individuais, públicos ou privados, de caráter explicitamente excludente e violento por parte de um grupo social-racial que se considerou superior, consolidando a posição inferior do negro perante o mundo e nos múltiplos aspectos que formaram diversas sociedades “irradiadas” por esse pensamento, construindo um contexto sociocultural, atemporal e ateritorial, cuja naturalização dessa posição inferiorizada, resultante das relações raciais, tornou-a quase acrítica.

Importante lembrar que, no nosso país, a Constituição Federal de 1988 prescreve em seu Artigo 5º, inciso XLII que “a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei” (BRASIL, 1988, s.p.). No entanto, muitos casos de racismo ainda são autuados nos boletins de ocorrência como injúria racial por parte da polícia. No que concerne ao conceito, a injúria racial é um crime racial definido como ofensa à dignidade ou decoro de alguém no que se refere à raça, etnia, religião, origem ou condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência. O crime encontra-se previsto no Artigo 140 do Código Penal e possui pena de detenção de até seis meses ou multa (BRASIL, 1940).

Talvez a atribuição do crime de injúria racial a casos de racismo aconteça pelo fato de a polícia não ter uma formação formal para atribuir os casos de racismo de forma adequada devido à estrutura da sociedade racista elaborada desde os primórdios do país. Pode ser também porque a formação tradicional das escolas de policiais ainda possui obras como as de Cesare Lombroso e de Eugenio Raúl Zanffaroni que estabeleceram o estigma da feiura como característica criminal, além de trazer as características fisionômicas das pessoas negras como ligadas ao feio, à criminalidade e a raças inferiores, as quais a força policial estaria orientada a perceber sempre com base nesses estereótipos (GÓES, 2015). Aliado a isso, a população negra é representada sob um viés negativado e marginalizado em diversos setores da sociedade, o que corrobora com a percepção de que uma pessoa negra é vista sempre como suspeita e nunca como vítima por parte da força policial. Como exemplo disso, cotidianamente vemos casos de força policial nas comunidades periféricas das cidades em busca de “bandidos” ou “traficantes”, onde, por consequência, acabam por exterminar de forma quase descontrolada pessoas negras inocentes devido a uma pseudo “aparência suspeita” (leia-se ser negro) ao portarem um guarda-chuva⁹ confundido com uma arma de fogo; ou por simplesmente estar dentro de

⁹ MOURA, C. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. **El País**, 19 set. 2018. Disponível em: <<http://twixar.me/cGg3>>. Acesso em: 10 out. 2018.

um carro, levantar suspeita de policiais¹⁰ e acabar morto por mais de 100 tiros. Sobre esse fato, podemos concordar com Moore (2007), quando aborda que o racismo está arraigado em todas as instâncias do mundo, indo desde a economia, a política e a cultura até o militar e o policial.

O racismo se manifesta de forma individual por intermédio de atos discriminatórios de pessoas contra outras, assim como pode também ser manifestado de forma institucional por meio de práticas de exclusão, isolamento ou discriminação realizadas de forma direta ou indireta pelo Estado (CARDOSO; RASCKE, 2014). Para o sociólogo Hédio Silva Júnior, o racismo

consiste em um fenômeno histórico cujo substrato ideológico preconiza a hierarquização dos grupos humanos. Diferenças meramente culturais e/ou fenotípicas são utilizadas como justificações para atribuir desníveis intelectuais e morais aos seres humanos, a partir do que estes passam a ser classificados. (SILVA JÚNIOR, 2002b, p. 19).

Carlos Moore (2007) infere que não se pode discutir o racismo sem pensar nos custos e benefícios que ele permite a todos os atores e segmentos sociais que compõem as sociedades historicamente racializadas. Em outras palavras, o racismo resulta em benefícios trazidos de forma explícita para as populações fenotipicamente brancas e para os indivíduos integrados nelas ou que estão abrigados e protegidos social, econômica e culturalmente por elas. Não podemos esquecer ainda que desde o seu princípio, o racismo se desenvolveu em torno da luta pela posse e preservação dos recursos vitais – antes esses recursos eram território, força de trabalho, riquezas do ambiente e, atualmente, são acesso à educação, serviços sociais, poder político, capital de financiamento, lazer, direito de ser tratado de forma igualitária pela justiça, etc. – da sociedade. O racismo restringe o acesso a tudo e as vantagens e benefícios são distribuídos conforme o fenótipo do indivíduo, onde uma pessoa de fenótipo africano ou negro terá pouco ou nenhum acesso a bens materiais, imateriais e simbólicos, enquanto as pessoas de fenótipo branco serão as que usufruirão do acesso a esses benefícios de forma ilimitada.

Assim, a função do racismo está em blindar os privilégios do grupo hegemônico da sociedade, caracterizado pelas suas características fenotípicas, ao passo que torna impotente e fragilizado os grupos subalternizados.

¹⁰ Cito como exemplo o caso de cinco jovens mortos por 111 tiros em 2015. BRISO, C. B. STJ liberta PMs acusados de chacina de cinco jovens em Costa Barros. **O globo**, 21 jun. 2016. Disponível em: <<http://twixar.me/NGg3>>. Acesso em: 10 out. 2018.

A estigmatização da diferença com o fim de ‘tirar proveito’ (privilégios, vantagens e direitos) da situação assim criada é o próprio fundamento do racismo. Esse nunca poderia separar-se do conjunto dos processos sistêmicos que ele regula e sobre os quais preside tanto em nível nacional quanto internacional (MOORE, 2007, p. 284).

Bento (2014) afirma que há sempre um silenciamento sobre os privilégios dos brancos e pouca reflexão de seu papel na sociedade enquanto mantenedor de desigualdades raciais no país, que coloca o negro como foco de discussão, mas silencia sobre os brancos. Assim, o racismo, por exemplo - que é um fator explícito das populações brancas-, passou a ser atribuído como um problema da população negra, não das pessoas brancas que são racistas. Segundo a autora, “há um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil” (BENTO, 2014, p. 26).

Maria Aparecida Silva Bento (2014) nos fala da percepção sobre o fato de que muitas das pessoas brancas progressistas que buscam o combate à opressão e às desigualdades silenciam e mantêm seu grupo sob proteção das avaliações e análise. As pessoas brancas reconhecem que há desigualdades raciais, mas não associam essas desigualdades à discriminação racial¹¹ e isso é um sintoma denominado pela autora de branquitude ou identidade racial branca.

As pessoas brancas brasileiras são consideradas racistas, pois fazem parte de uma estrutura que ainda propaga o pensamento de “raças superiores” e “raças inferiores”, onde as primeiras seriam as pessoas brancas e as segundas as pessoas negras, indígenas ou de outro pertencimento étnico-racial (BENTO, 2014, SCHUCMAN, 2014a,b). Conforme Edith Piza (2014, p. 70), há uma necessidade de se conhecer, descrever e analisar o comportamento das pessoas brancas, antes de se “estabelecer as estratégias de intervenção no processo de relações raciais”.

Por diversos anos, a relevância da raça e a existência das desigualdades raciais foram negadas pelos intelectuais e governantes do Brasil. Isso se deve ao projeto de nação articulado em prol da eliminação das diferenças e invisibilização das dificuldades

¹¹ A Organização das Nações Unidas (ONU) estabeleceu em seu Artigo 1º da “Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial” que discriminação racial significa toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto ou resultado anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício em um mesmo plano (em igualdade de condição) de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública” (ORGANIZAÇÃO..., 1965, s.p.). No mercado do trabalho, por exemplo, a discriminação racial se manifesta “na ponta final das relações raciais, isto é, a parcela negra da população defrontava-se com o racismo no momento do ingresso e/ou no curso da relação de trabalho” (SILVA JÚNIOR, 2002, p. 20).

imputadas a determinados grupos étnicos que não fazem parte do padrão estabelecido como o ideal de povo brasileiro. No entanto, essa negação não foi suficiente para eliminar a raça do imaginário brasileiro e de influenciar no desenvolvimento de uns em detrimento de outros grupos (BERNARDINO-COSTA; SANTOS; SILVÉRIO, 2009).

Mas o que é ser branco no Brasil? Segundo Liv Sovik (SOL, 2010, s.p.)

Ser branco é uma função social, não é uma cor exatamente. A cor é uma condição para essa função. A matiz exata da cor pode variar até regionalmente. Um branco na Bahia não é branco no Rio Grande do Sul. Tem uma série de formas em que a branquitude se define relacionalmente. Isso é algo que a frase esconde, porque volta para a relação internacional. Já ouvi europeus dizerem: “Aqui ninguém é branco”. Isso é uma percepção real, só que, internamente, se você vai ver a identidade brasileira sem o contraste usado no exterior. Existem brancos, sim, no Brasil e que têm os privilégios do branco do mundo inteiro, sobretudo do ocidente.

Conforme Schucman (2014a, p. 55-56), “ser branco e ocupar um lugar simbólico de branquitude não é algo estabelecido por questões genéticas, mas sobretudo por posições e lugares sociais que os sujeitos ocupam”. Dessa forma, para compreendermos a branquitude, é importante entendermos a forma como foram construídas as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram (SCHUCMAN, 2014a).

Para compreender sobre a identidade racial branca, alguns estudos começaram a ser realizados nos Estados Unidos, África do Sul, Inglaterra e Brasil. W. E. B. Du Bois realizou a teorização sobre a identidade racial branca em seu conhecido *Black Reconstruction in the United States*, assim como foi pensada pelo psiquiatra caribenho Frantz Fanon, em sua obra “Peles Negras, Máscaras brancas”. Este último pensador foi influência para muitos dos pesquisadores contemporâneos que escreveram sobre a população negra e africana e a opressão vivida pelos povos colonizados.

No Brasil, Guerreiro Ramos (1957), Iray Carone (1992), César Rossato e Verônica Gesser (2001), Edith Piza (1998, 2002, 2014), Maria Aparecida Silva Bento (1992, 2002), Liv Sovik (2004, 2009), Lúcio Otávio Alves Oliveira (2007), Lourenço Cardoso (2014) e Lia Vainer Schucman (2012, 2014a,b, 2018), Tânia Müller e Lourenço Cardoso (2017), são alguns dos estudiosos que abordam a branquitude ou a identidade racial branca em diversos contextos.

No que concerne ao conceito, Corossacz (2017, p. 200) infere que a branquitude é caracterizada por “expressar uma posição de privilégio estrutural, determinada por uma combinação de fatores históricos e de mecanismos ligados ao presente”. A branquitude interfere no desenvolvimento da igualdade e justiça para todos dentro da sociedade. Ela

se modifica com o passar do tempo e está em constantes processos de construção e reconstrução histórica e social, pois recebe influências locais e globais. Há brancos que irão desaprovar o racismo e atitudes racistas, mas que possuem privilégios atribuídos pela sua identidade racial. Por outro lado, há pessoas brancas que irão utilizar conscientemente seus privilégios simbólicos, materiais e imateriais para exercer o racismo e propagar a suposta supremacia racial branca (CARDOSO, 2008; SCHUCMAN, 2014a,b).

No campo biblioteconômico-informacional, as relações raciais podem ser discutidas pensando a branquitude e como ela está inserida dentro da sala de aula. Conforme pontuam Silva, Saldanha e Pizarro (2018), é preciso pensar a prática docente e como o “poder simbólico” que o docente possui dentro da sala de aula pode influenciar na vida de seus alunos negros.

O primeiro passo para um docente que se reconhece como branco dentro da sociedade brasileira é ganhar consciência da branquitude enquanto um construto social, e assim, detectar seus privilégios enquanto pessoa branca dentro da academia. Dessa forma, após “percebida” a branquitude é possível que esse docente exercite a alteridade e se coloque no lugar do “Outro”. Geralmente, esse “outro” será seu aluno, seu colega docente, o funcionário que trabalha na secretaria ou no setor administrativo e demais presentes dessa esfera simbólica que oculta as diferenças e reproduz a opressão (SILVA; SALDANHA, PIZARRO, 2018, p. 3824).

Os autores inferem também em como os docentes brancos podem entender as dificuldades que seus alunos negros e pobres possuem em realizar atividades acadêmicas consideradas básicas (interpretação de texto, elaboração de resumos e resenhas, formatação de textos acadêmicos, escrita de artigos) ao compreenderem os seus privilégios materiais, simbólicos e imateriais, devido ao fato de processos históricos, dinâmicas sociais e estruturas raciais estarem relacionados às dificuldades hoje apresentadas por essas populações no meio acadêmico (SILVA; SALDANHA, PIZARRO, 2018).

As ações afirmativas, que são um conjunto de políticas públicas criadas para proporcionar acesso às populações negras, indígenas e originárias de escolas públicas ao ensino superior, também são alvo da branquitude. O discurso pregado pela elite branca hegemônica é o de que as ações afirmativas “privilegiariam” os negros, indígenas e pobres no ingresso à universidade. Esquecem, por exemplo, de que as populações negras foram proibidas de frequentarem os bancos escolares pela Lei nº 1, de 14 de janeiro de 1837, que decidia em seu Artigo 3º:

Artigo 3º São proibidos de frequentar as Escolas Publicas:

1º Todas as pessoas que padecerem molestias contagiosas.

2º Os escravos, e os pretos Africanos, ainda que sejam livres ou libertos.
(BRASIL, [1937] 2005).

Por isso, as políticas são necessárias para, além de também tentar reparar o déficit criado por proibições como a estabelecida pela Lei nº 1, também promover a inclusão da população negra nos espaços educacionais, o que, conseqüentemente, trará também maior representatividade de profissionais negros e negras formados e atuantes no mercado de trabalho, assim como de docentes negros e negras dentro de cursos de formação profissional.

Com a entrada da população negra nas universidades, também será possível o desenvolvimento de materiais bibliográficos e pesquisas científicas realizadas por pessoas negras sobre as temáticas negras sob um viés que promova o “lugar de fala” dessas populações. Esse lugar de fala permite que as pessoas negras tragam as suas reivindicações e lutas para o meio acadêmico e científico buscando promover o reconhecimento da contribuição dessas populações na construção deste país, assim como exterminar o racismo e a branquitude a partir do respeito à diversidade étnico-racial, como é o caso da pesquisa aqui apresentada.

2.2 ÁFRICA E BRASIL: O QUE OS UNE?

Além do processo escravista, o Brasil está irreversivelmente ligado à África a partir de certos elementos considerados formadores das estruturas que fazem parte das especificidades raciais, culturais e populacional do nosso país. Em primeiro lugar, podemos citar as inferências nos planos cultural, geográfico, histórico e social que converteram a África e o Brasil em parceiros de diversas situações e experimentos da vida humana. A tropicalidade e as diversas culturas e religiões são dominantes nas realidades brasileira e africana. “Sem qualquer sombra de dúvida, estamos diante de duas realidades nas quais as analogias predominam sobre as diferenças, materializando caminhos comuns passíveis de serem trilhados por africanos e brasileiros” (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 13). Em segundo lugar, podemos dizer que a África está presente também na realidade sociocultural brasileira devido, principalmente, ao tráfico de africanos escravizados que foram trazidos para o Brasil por mais de três séculos e meio. Embora essas influências tivessem sido reprimidas, ainda se fazem presentes e atuantes na

sociedade brasileira por intermédio das comunidades quilombolas, movimento negro, coletivos negros, imprensa negra, cultura afro-brasileira, entre outros pontos de luta e resistência dessa população. Essas são partes indissociáveis da personalidade dos brasileiros que os torna um grupo distinto dos demais povos do mundo (SERRANO; WALDMAN, 2008; GOMES, 2017).

Em terceiro lugar, recordemos também que mais de 54% da população brasileira é negra (pardos e pretos), segundo o IBGE (2015). Essa proporção faz do Brasil o segundo país negro no mundo, perdendo somente para a Nigéria, país mais populoso de África. A herança negro-africana está presente em diversos domínios, tais como, na música, religiosidade, oralidade, culinária, artesanato, técnicas agrícolas tradicionais e linguística (SERRANO; WALDMAN, 2008; HAMPATÉ BÂ, 2010).

O quarto aspecto que se relaciona à Língua, pois além dos vocábulos, a influência dos africanos está presente no campo fonológico, sem mencionar os particularismos léxicos que se expressam em língua africana no território brasileiro. Ademais, o relacionamento com os africanos nos permite analisar e compreender os fatos que contribuíram para a formação socioespacial e histórica brasileira, onde entre esses, mencionamos o movimento quilombola, a Revolta do Malês (1935), a Balaiada (1838/1841), entre outros (SERRANO; WALDMAN, 2008).

Outro elemento de ligação entre Brasil e África está no fato de que, após a abolição, um pequeno grupo de ex-escravizados retornou ao solo africano, especialmente, os do Golfo da Guiné. Os retornados, como eram chamados, levaram para África uma série de “afro-brasileirismos” que foram incorporados na localidade (SERRANO; WALDMAN, 2008; LIMA, 2011). Na Nigéria, Benim, Togo e Gana, os retornados se tornaram um segmento socialmente influente, além de serem inclusos na elite local. “Em razão da sua hegemonia social, política e econômica, o espectro das influências dessa minoria nas sociedades africanas locais foi absolutamente desproporcional ao seu número, marcando, assim, a presença do Brasil em terras africanas [...] (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 14).

Por fim, o Brasil ficou marcado na sociedade, geografia e histórias africanas devido ao fato de que os interlocutores do comércio escravocrata, por terem frequentado o litoral africano, acabaram por estabelecer contato com as populações ali residentes, além de fundarem portos e cidades. Nesse sentido, o Brasil é, também, tido como uma das referências históricas para compreendermos a própria África, bem como suas

sociedades e história; problemáticas estas que acabam por alcunhar analogias que unem os brasileiros e africanos (SERRANO; WALDMAN, 2008).

2.3 ELEMENTOS HISTÓRICOS DE ÁFRICA E DO POVO AFRICANO

Para este estudo, iremos contar um pouco da História da África para entendermos a constituição do Continente Africano e a contribuição do seu povo na criação do nosso país, bem como compreendermos porque há preconceito contra os descendentes de africanos que aqui residem. Como recorte, abordaremos a “África Negra”, que se refere aos africanos de pele escura oriundos de países de África e que foram as maiores vítimas do comércio escravista (M’BOKOLO, 2009; DIAGNE, 2010; OBENGA, 2010). Visamos também documentar uma memória coletiva sobre a África e os africanos com o objetivo de romper com a exclusão dos negros, algo que persiste até hoje em todas as camadas da sociedade brasileira. Concordamos com Silva (2014, p. 21) quando este diz:

Toda a evolução da história e da cultura brasileira estão marcadas pelas histórias e pelas culturas africanas trazidas para essa margem do Atlântico pelos milhões de africanos que para cá foram enviados pelo tráfico, por isso a questão racial pode e deve ser assunto para todas as propostas de trabalho, projetos e unidades de estudo durante todo o ano letivo.

Conforme Macedo (2013, p. 09), a história da África “só pode ser compreendida a partir das configurações internas, intra-africanas, e de sua interação com o mundo extra-africano, que poderá restituir o papel fundamental do continente na história mundial”. Existe uma ideia de que o Continente Africano evoluiu sem contato com outros continentes. Conforme Pereira (2013), essa é uma ideia enganosa. Desde o início dos períodos históricos, as partes norte e leste de África nutriram contato com a Ásia e Europa. Por conta disso, os estudos que proponham estudar a história do Continente, precisam levar em conta a abordagem de sua dimensão pré-colonial.

Na fase anterior à formação do sistema mundial, a África era parecida com uma península com parte de seu território ligada aos grandes fluxos econômicos e culturais. Com as grandes navegações e a constituição de um sistema mundial com base nos espaços oceânicos sob domínio dos impérios europeus, o Continente Africano começou a ficar “no centro” dos fluxos comerciais. Assim, passou a ser conectado a esse sistema mundial e ao mercado em ascensão de forma indireta, onde as formações políticas africanas eram quem detinham parte do poder. Ainda, no norte e nordeste de África houve a islamização

dos povos, mantendo, assim, interações entre Europa mediterrânea e a Ásia Ocidental e a Meridional (SHAW, 2010; PEREIRA, 2013).

A espécie humana surgiu na África Oriental e na Meridional e foi desse ponto que os povos se distribuíram para colonizar o Continente e o mundo, conhecendo novos ambientes, adaptando-se quando necessário e promovendo o surgimento de novos grupos étnico-linguísticos (SERRANO; WALDMAN, 2008; PEREIRA, 2013). Nas sociedades elaboradas pelo homem africano, o foco estava na fertilidade e na defesa do homem perante à natureza (MABOGUNJE, 2010). As populações eram de poucos integrantes e possuíam grandes extensões territoriais. Essas populações manifestavam as diferenças sociais, a começar, pelo controle do povo, seguida da posse de metais preciosos e a criação de gado (OBENGA, 2010, VERCOUTTER, 2010). Ou seja, na África, o poder era exercido a partir do controle de rebanhos e pessoas e não pelo domínio permanente de um território. Os impérios em África não possuíam fronteiras definidas e, quando se mudavam, deixavam pequenas quantidades de ruínas arquitetônicas. Essas grandes migrações ocorreram até os dois últimos séculos, quando a chegada europeia ao continente aconteceu (PEREIRA, 2013).

Quando analisamos o processo migratório de povos de África vemos que as migrações ocuparam grande espaço de tempo e expansão territorial. Primeiramente, esse processo aconteceu de leste para oeste. Após isso, houve o sentido inverso e depois, os povos se dirigiram rumo ao sul. Nesse período, além da formação de reinos e impérios africanos, ocorreram misturas entre etnias, bem como o aparecimento de novas culturas (OLDEROGGE, 2010; PEREIRA, 2013).

Outra atividade predominante em África é a agricultura (OBENGA, 2010; PEREIRA, 2013). O sistema agrícola africano foi móvel durante muito tempo. Em outras palavras, se adaptavam conforme o ambiente ao invés do transformarem. Existem três formas específicas de como a agricultura era praticada: agricultura de subsistências, sistema de rotação de terras, e permanente (PEREIRA, 2013). Conforme M'Bokolo (2009, p. 64), “a eclosão de civilizações assentadas na produção em vez da simples apropriação (caça, colheita, apanha) foi de fato uma ‘revolução’”. Estudos apontam que o aparecimento da agricultura e a transformação dos metais foram processos endógenos das referidas civilizações, apesar de estudos sobre as civilizações africanas, considerados “teses difusionistas”, terem postulado que as mesmas teriam recebido do exterior e adaptado aos seus territórios. Ao contrário do que foi postulado por leituras que

desqualificavam o continente africano, este apresentava muitos elementos que contradiziam os estudiosos ocidentais (SERRANO; WALDMAN, 2008).

A pecuária é pouco realizada em áreas equatoriais e tropicais. No entanto, no Egito, Marrocos, Argélia, Líbia e Tunísia (região norte), há criações de camelos, caprinos e ovinos. Há pouca industrialização no continente africano, entretanto, no Norte, o Egito e a Argélia são aqueles que possuem indústrias bem desenvolvidas, na parte de alimentos, petróleo, têxtil, siderúrgica, óleos vegetais e máquinas agrícolas. Há industrialização também no Zimbábue e na África do Sul com indústrias alimentícia, de energia, têxtil, química, metalúrgica, de equipamentos de transportes e siderúrgica (PEREIRA, 2013).

Atualmente, vivem quase um bilhão de pessoas na África, sendo que 60% se referem à população rural e 40% à urbana. São mais de 800 grupos étnicos possuídores, cada um, de sua própria língua e cultura. No continente africano são faladas mais de mil línguas. Estas são separadas em quatro famílias: khoisan, nígero-congolesas, nilo-saarianas e afro-asiáticas. As línguas mais faladas são o árabe, suaíle e hausa. Existem também as línguas austronésias e *afrikaaner*, línguas indo-europeias, que não fazem parte das famílias de línguas africanas. Línguas como a alemã, espanhola, italiana e portuguesa são faladas por poucos grupos. O cristianismo (crença mais difundida) e o islamismo são as principais religiões entre os africanos. No entanto, 15% desses grupos étnicos praticam as religiões locais ou animistas e, além disso, a maioria da atividade cultural africana está centrada no grupo étnico e na família (KI-ZERBO, 2010a; PEREIRA, 2013).

2.3.1 África e o regime de estereotipia

Para começarmos, ressaltamos uma das maiores dificuldades para o conhecimento da história da África até recentemente: o estudo desse continente era pautado em cima de referenciais europeus, ou seja, a partir da visão estereotipada do colonizador. Conforme Elikia M'Bokolo (2009, p. 49),

o fato de que os primeiros que escreveram a história da África tenham sido estrangeiros – árabes e europeus – não deixa de ter consequências sobre as orientações ulteriores da historiografia africana e sobre a excepcional vitalidade de algumas lendas, mais negras do que douradas. Curiosidade e ingenuidade, simpatia e repulsa, busca da verdade e defesa de interesses, vontade de deformação sistemática e dúvida metódica, as atitudes contraditórias misturam-se em proporções várias conforme as épocas e conforme os indivíduos para desenhar configurações epistemológicas [...]. O contexto particular que presidiu à formação destas historiografias estrangeiras foi sempre, além disso, caracterizado por relações desigualitárias entre

africanos e aqueles que produziram esta história, comerciantes ou missionários, negreiros ou colonizadores.

Desconstruir a imagem criada de uma África pobre, povoada por sociedades “primitivas” e permeada por guerras por territórios, é uma das tarefas mais árduas deste estudo. Esperamos trazer uma reflexão maior acerca da importância dessas culturas na formação dos bibliotecários e profissionais da informação visando a erradicação de preconceitos e discriminações sobre os afros e esse continente.

O universo africano foi criado sem uma perspectiva linear ou cronológica. A evolução do continente africano não foi realizada do mesmo modo nos seus “meios naturais, grupos sociais e manifestações culturais”. As experiências históricas das sociedades africanas aconteceram de diferentes formas e as condições materiais de sua existência foram sendo desenvolvidas a partir de necessidades inerentes ao ambiente em que viviam ou do contato estabelecido entre si e outros povos (MACEDO, 2013).

Quando pensamos que os impactos da visão sobre África representam um conjunto de aspectos estigmatizados e estereotipados, podemos inferir que foi criado um “regime de estereotipia” (SERRANO; WALDMAN, 2008) ao longo dos séculos para que essa percepção fosse criada. Esse estereótipo não foi constituído somente na Europa, no entanto, esta teve o papel principal na sua propagação. Os mecanismos simbólicos de exclusão daqueles considerados “outros” remontam há muito tempo, e estão profundamente enraizados na cultura europeia (SERRANO; WALDMAN, 2008).

Conforme os autores acima citados,

as fabulações européias a respeito da África são antigas, podendo ser localizadas em um variado conjunto de elaborações socioculturais. É a partir desse passado remoto que se estratificaram os preconceitos cultivados contra o *outro*, personificado em diferentes momentos pelos bárbaros, tártaros, mongóis, ciganos, judeus, muçulmanos, assim como pelos negros africanos (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 24).

Assim, o mundo ocidental acabou por constituir um relacionamento preconceituoso contra populações que não fossem de origem europeia (M’BOW, 2010). Importante ressaltarmos que a depreciação de populações não-europeias não foi unicamente com relação às pessoas e etnias. Como parte de uma estratégia de inferiorização do outro, a desqualificação também aconteceu nos territórios em que as populações não-europeias habitavam. Dessa forma, esses espaços, culturas e sociedades eram impregnados de símbolos da negatividade (SERRANO; WALDMAN, 2008).

Relacionado a isso, o continente africano foi o mais desqualificado pelo pensamento ocidental com a construção de imagens particularmente negativas e excludentes. Desde a teoria camita¹² até a cartografia ptolomaica¹³, a África foi relegada a imagens de guerra, inferno, inferiorização de seus povos, entre outros. Nessa construção mitológica:

[...] a África terminou retratada pela cartografia europeia como um conjunto de terras situadas *abaixo* do espaço europeu. Portanto, *simbolicamente estigmatizada como inferior*. Em segundo lugar, as terras africanas, *ao estarem assoladas por um calor escaldante*, seriam impróprias para a vida civilizada. Isso tanto no aspecto físico quanto no espiritual. Evidentemente, não haveria como deixar de ser mencionado que as terras quentes meridionais *estavam simbolicamente vinculadas ao inferno, ao passo que a posição norte, ao paraíso* (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 25, grifo dos autores).

Essas concepções foram introduzidas a partir da Antiguidade clássica. Para os antigos gregos e romanos, o continente africano compreendia as terras entre a Líbia e Marrocos (atualmente conhecidos por esses nomes) e eram habitadas pelas populações de idioma *berbere* (grupo de línguas que faz parte da família afro-asiática), são eles, os nômadas, líbios, mauritânios e garamantes. Uma das origens do termo “bárbaro” estaria ligada ao termo *berbere*. Este designava as populações que tinham cultura e língua diferentes da greco-romana, e por isso eram consideradas inferiores quando comparadas com o padrão hegemônico (SERRANO; WALDMAN, 2008; OBENGA, 2010).

O fato do clima tropical ser predominante no continente africano também foi utilizado para justificar a suposta inferioridade inata dos africanos. Diversos artigos científicos na Europa que propagavam a tese de que os africanos possuíam incapacidade intelectual, eram passionais e preguiçosos devido ao clima tropical e à umidade elevada do ar em África (SERRANO; WALDMAN, 2008, KI-ZERBO, 2010b).

Sobre o regime de estereotipia criado sobre África, o mesmo obteve reforço por conta da distância e possível separação entre o continente africano e europeu (SERRANO; WALDMAN, 2008; FELIPE; TERUYA, 2010). A África, em especial a África Negra ou Subsaariana, representava um

¹² No Antigo Testamento, em Gênesis, (9:23-27), há uma passagem sobre Cam (filho de Noé) considerado o ancestral bíblico dos povos africanos, que teria zombado do pai e com isso havia recaído sobre ele o estigma da escravidão. Entretanto, não há referência à cor da pele de Cam, sendo assim, não é possível determinar que o mesmo fosse negro (SERRANO; WALDMAN, 2008)

¹³ “A cartografia ptolomaica referenda a Europa na posição Norte, isto é, superior, a Ásia como sendo o Leste, ou seja, pátria de populações antagônicas ao ocidente, e a África, às regiões meridionais do mundo conhecido, vale dizer, inferiores” (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 25).

domínio nebuloso sobre o qual as informações eram fragmentárias e distorcidas, ocultando-se, para completar, por trás de um deserto considerado impenetrável, o Saara. As imagens do continente africano construídas pelo imaginário medieval suscitavam todo tipo de objeções. Assolados pelo calor inclemente, os territórios meridionais estariam infestados de monstros e de outros seres fabulosos, coabitando com grupos semi-humanos ou de humanos inferiores (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 27).

A passagem acima nos aponta que a imagem criada na Europa sobre África não era positiva. Embora, posteriormente, as navegações europeias tivessem produzido questionamentos sobre as representações tradicionalmente criadas, esse imaginário europeu sobre África não sofreu grandes transformações.

Além disso,

O rebaixamento da África relaciona-se intimamente às demandas objetivas da sociedade capitalista ocidental, que continuamente reapresenta para o continente a condição de periferia do sistema de produção de mercadorias. Desse modo, se no período mercantilista foi reservado à África o papel subalterno de fornecer braços para a monocultura açucareira e para a extração de metais e pedras preciosas, com a hegemonia do capitalismo industrial o continente é novamente subalternizado, enquadrado na condição de manancial de mão-de-obra barata e de fornecedor de matérias-primas para as potências industriais (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 27-28).

Isso significa que a condição de subalternização e inferioridade atribuída à África pelo mundo ocidental não sofreu modificações. Por isso, foram elaboradas teorizações desqualificadoras do continente africano que se utilizam de diversos “malabarismos conceituais” para justificarem o domínio europeu. Entre as teorias, encontramos:

- a) No período mercantilista foram atribuídos à África problemas espirituais, religiosos e “elementos fabulosos” em seu espaço geográfico;
- b) Durante o período industrialista criaram a “carência de civilização” para justificar, por exemplo, a retirada do Egito faraônico da África. Tida como uma civilização notável, a civilização egípcia foi desvinculada do continente africano, que na perspectiva eurocêntrica era visto como um “continente selvagem”. Nesse sentido, o Egito foi “arianizado”. Como referência, basta lembrarmos dos filmes sobre Egito onde os personagens que representam a população egípcia são aquelas com traços europeus;
- c) Houve também, a criação de uma “pseudoselvageria” aos povos africanos, bem como a atribuição do barbarismo aos seus soberanos. Essas atribuições eram realizadas sem utilização de conhecimentos científicos ou oriundas de fontes fidedignas (SERRANO; WALDMAN, 2008; DIARRA, 2010; MABOGUNJE, 2010).

Assim, a África foi entendida como um continente carente de civilização e, por isso, foi estigmatizada pelos “obstáculos naturais”, “doenças endêmicas”, natureza em “estado bruto” e “atraso econômico”, “que caberia ao europeu ultrapassar, colocando os imensos recursos africanos a serviço do progresso e do desenvolvimento da humanidade” (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 31).

Por fim, no século XIX, África foi retalhada em colônias e distribuída entre potências mercantilistas. Estas organizaram o continente africano conforme sua necessidade, ignorando qualquer arranjo geográfico-espacial anterior (SERRANO; WALDMAN, 2008). Posteriormente, após muitas lutas pela independência, deixaram de ser colônia décadas depois. No entanto, as marcas da invasão europeia ainda são presentes na vida de muitos africanos e africanas.

2.3.2 A Escravidão de Africanos na África e no Brasil: diferenças e semelhanças

O período escravista no Brasil ocupou mais de 300 anos. Foram milhares e milhares de vidas retiradas de seu continente, aprisionadas e transportadas em porões de navios negreiros e forçadas a trabalhar sob o regime de escravidão nas Américas.

A história dos negros no Brasil não teve início com o tráfico de africanos escravizados. Ela se inicia muito antes da escravidão nas Américas e faz parte da formação do Brasil enquanto país, atrelada com as navegações europeias, em especial, portuguesas e espanholas (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006).

A seguir, abordaremos a escravidão realizada na África desde o período pré-islâmico até a escravidão realizada no Brasil. Apontaremos as diferenças e as semelhanças que aconteceram entre os tipos de escravidão realizadas nesses dois continentes. Buscamos, nesse sentido, trazer a perspectiva de estudiosos congolezes e brasileiros que pesquisam sobre História da África e os legados civilizatórios da África na produção do conhecimento. O intuito dessa seção é promover o conhecimento sobre alguns aspectos do Continente Africano visando evidenciar a importância de uma formação bibliotecária voltada para o entendimento dessas culturas no currículo.

2.3.2.1 A escravidão dos africanos: do pré-islamismo até o tráfico negroiro

Para esta seção quaternária nos pautaremos nas fontes informacionais escritas pelo historiador congolês Elikia M'Bokolo, devido à sua obra intitulada “África Negra Negra: História e Civilizações - Tomo I e Tomo II” ser considerada pelo próprio autor como um “manual da história africana”, apresentando documentos e textos de época que nos permitem compreender de forma coerente, o contexto histórico em que o Continente Africano se encontra/encontrava. Além das referidas fontes, os livros da Coleção da “História Geral da África” da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e o livro “Uma história do negro no Brasil” dos historiadores Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006) também serviram de base para a escrita desta seção quaternária por abordar sobre as sociedades africanas antes da chegada dos europeus, os povos e a diversidade de culturas que vieram compor o Brasil, assim como a “experiência de africanos e seus descendentes no Brasil desde o século XV até os dias atuais” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, s.p.).

No século XV, ao desembarcarem no continente africano, os europeus se depararam com uma realidade e um modo de vida diferente do que estavam acostumados. Os africanos possuíam lugares sociais para as pessoas conforme seu grau de parentesco em relação ao patriarca ou à matriarca da família. As famílias africanas prezavam pela preservação da memória de seus antepassados, reverenciavam e privilegiavam os mais antigos e partilhavam da mesma fé religiosa (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; FAGE, 2010).

É importante ressaltar que, na África, existiram poderosos impérios (Mali) e reinos (Kongo), além de pequenas aldeias que se juntavam por seus laços de ascendência ou linhagem. Dentro da população, existiam nômades, comerciantes, agricultores, pastores e entre outros que estavam em constante movimentação conforme condições do clima ou de oportunidades de negócios (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; FAGE, 2010).

Um ponto que se destaca no continente africano – muitas vezes tratado como desculpa para a escravidão no Brasil – é que em África também existiu escravidão. Assim, achamos necessário discorrermos sobre a escravidão que ocorreu na África e a escravidão ocorrida no Brasil, para que, assim, possamos entender melhor como foram construídos esses processos e refletirmos as diferenças de cada um.

Conforme Albuquerque e Fraga Filho (2006), um dos tipos de escravidão que ocorria no continente africano era caracterizado como “escravidão doméstica”. Era realizada quando alguém de um grupo rival vencido em confronto era aprisionado para utilizar a sua força de trabalho, em geral, na agricultura. Esse tipo de escravidão era necessária para se aumentar o número de sujeitos que buscavam o sustento de uma família ou grupo proprietários ou arrendatários de um pedaço de terra, mas sem mão de obra suficiente para trabalhar nela (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; ALI HAKEM, 2010).

Os sujeitos escravizados eram poucos por família. A família detentora de sujeitos escravizados possuía prestígio e poder frente à comunidade, visto que representava a capacidade de realizar seu autossustento e também da sua linhagem. A preferência era por escravizar mulheres e crianças. As mulheres se tornavam concubinas dos seus senhores e garantiriam o aumento do grupo familiar. Quanto à escravidão de crianças, estas eram preferidas, pois assimilavam regras rapidamente e construía vínculos com os familiares do senhor. No entanto, algo que acontecia neste tipo de escravidão era a gradual incorporação dos filhos dos cativos com os filhos dos senhores. Os cativos não eram vendidos e conforme surgiam seus descendentes, eram incorporados à linhagem perdendo, assim, a condição de servis. Esse tipo de arranjo auxiliava no fortalecimento do grupo, pois nasciam novos sujeitos e, ao mesmo tempo, as relações de subordinação ao senhor aumentavam (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; KI-ZERBO, 2010b; ALI HAKEM, 2010).

Nas sociedades africanas, não era somente pela guerra que os sujeitos eram escravizados. Aqueles que fossem condenados por roubo, feitiçaria, assassinato ou adultério também eram mantidos em cativeiro. Outras maneiras de escravizarem era pela penhora (quando os sujeitos eram penhorados como pagamento de dívidas até elas serem pagas pelos parentes), pelo rapto individual, além da compra e da troca.

Algumas sociedades tinham a escravidão como estratégia para sobreviver à fome e à seca, pois a venda ou a troca de um sujeito daquela sociedade poderia garantir a sobrevivência não só do grupo, mas também daquele que foi escravizado. As maneiras acima citadas de adquirir escravos foram utilizadas por diversos lugares ou períodos dentro do continente africano. Entretanto, é importante ressaltar que a troca ou venda do sujeito em troca de comida ou para garantia de sobrevivência eram um recurso só utilizado quando não havia outras opções, pois, o sujeito entregue como escravo era exilado de sua comunidade de origem, tinha que adquirir a fé de seu senhor, aprender e

comunicar-se por intermédio de outro idioma e tornar-se um estrangeiro ao seu grupo de origem (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; ALI HAKEM, 2010). Assim, “sentenciar alguém à escravidão era acima de tudo desenraizá-lo e desonrá-lo” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 15).

Foi a partir do século VII que a escravidão doméstica passou a ser de grande escala. Com a ocupação do Egito pelos árabes, começou um intenso comércio de sujeitos escravizados. Nesse sentido, o tráfico de escravizados passou a ser organizado e desenvolvido pelos árabes em grande quantidade por todo o continente africano. Isso significa que não eram mais poucos cativos, mas sim centenas deles que eram trocados e vendidos, primeiramente para o continente africano e, posteriormente, para as Américas, incluindo o Brasil (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; ALI HAKEM, 2010).

Sobre o tráfico árabe-muçulmano de escravizados, M’Bokolo (2009, p. 211) afirma:

As longas relações da Arábia com a África, pelo mar Vermelho e pelo oceano Índico, explicam que os árabes se encontrem em lugar de destaque na vasta galeria de negreiros. Este comércio, começado em pequena escala e certamente nos dois sentidos antes do Islã, conheceu uma brusca mudança de escala após a pregação do profeta Muhammad e a expansão árabe na África do Norte.

Com relação às regiões africanas do tráfico, a primeira corrente, considerada por M’Bokolo (2009) a mais importante, era a que ligava a costa oriental da África com a Arábia. No entanto, os escravizados eram uma das mercadorias oferecidas e estavam entre as mais procuradas juntamente com o marfim, ouro e madeira. Na segunda corrente, o comércio acontecia em duplo sentido entre a Arábia e o Chifre da África (em especial a Abissínia, território do Nordeste africano que hoje compreende países como Somália e Etiópia) e se interligava às questões políticas e operações militares. A presença de escravizados de origem abissínia era explicada por conta das guerras entre os reinos abissínicos de Axum e a Arábia. A Abissínia, nesse momento, estava ligada às apostas geopolíticas, econômicas e religiosas da Ásia Central (M’BOKOLO, 2009; PORTÈRES; BARRAU, 2010).

Quanto às terminologias utilizadas para designar os africanos contidas em fontes árabes estavam os termos: negros (*aswad*, plural: *sudan*), *zandj* (plural: *zunu*) e ainda abissínios (*habasha*, plural: *ahbasha*) (M’BOKOLO, 2009; BIANQUIS, 2010; HRBEK, 2010; OLDEROGGE, 2010; TALIB, 2010). Esses termos demonstram que a

referência à cor da pele era relativamente precisa, no entanto, os termos utilizados não possuíam rigor terminológico (M'BOKOLO, 2009).

Segundo M'Bokolo, na Arábia haviam debates no interior do Islã sobre a legitimidade da escravidão africana e das relações entre raças. Nas fontes estudadas pelo autor supracitado, são encontradas referências aos africanos (livres ou escravizados) que faziam parte de exércitos árabes. Estes atuaram durante as guerras e muitos se destacaram por suas atuações:

[...] muitas fontes insistem em salientar a simpatia que o Islã encontrou junto dos africanos: não só o reino de Axum ofereceu hospitalidade aos partidários perseguidos do Profeta [Muhammad], mas numerosos escravos negros destacaram-se combatendo ao lado do Profeta e, mais tarde, nos exércitos de conquistas árabes (M'BOKOLO, 2009, p. 213).

Além disso, há referência de africanos (quase sempre escravizados) que aparecem dentre os companheiros do Profeta Muhammad. Muitos deles, após suas alforrias, detinham prestígio e recebiam terras para terem rendimentos (M'BOKOLO, 2009).

Foi a partir da escravidão islâmica que a África passou a ser exportadora de seres humanos para serem escravizados. Com a disseminação da fé islâmica pelos árabes, por meio da palavra, acordos comerciais e, em especial, pelas armas, é que começaram a ocorrer as *jihad* ou “guerras santas” com a visão de islamizar a população e escravizar aqueles que não quisessem incorporar esta nova fé, considerados então como “infieis” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; ADE AJAYI, 2010; BAIER, 2010; BATRAN, 2010; IVANOV, 2010; MASHINGAIDZE, 2010; PANKHURST, 2010;).

Conforme M'Bokolo (2009, p. 215)

Se o tráfico e a escravatura pré-islâmicos se mantiveram, até onde se pode saber, marginais em relação ao continente africano, as coisas mudaram bruscamente com a instauração do Islã e, mais precisamente, com a criação do califado, quando da morte do profeta Muhammad, e com a expansão militar e religiosa dos árabes e da nova religião.

O primeiro povo a se converter ao Islamismo foi o *berbere*, da África do Norte. A partir disso, os *berberes* islamizados começaram a percorrer o Saara em caravanas, a fim de ganhar mais adeptos ao islamismo. Um dos pontos cruciais para a expansão do islamismo foi a adoção de camelos para percorrerem grandes distâncias e para suportar a vida no deserto. As caravanas com guias, mercadores, soldados, camelos e sujeitos escravizados andavam em longas viagens, indo por rotas que ligaram Marrocos, Líbia, Argélia, Tunísia e o Egito (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006; MONÈS, 2010; LEWICKI, 2010; SHAW, 2010; TALBI, M. 2010).

As conquistas árabes e a expansão do Islã impulsionaram a produção maciça de escravizados, além de trazerem consequências decisivas para o desenvolvimento do tráfico e da escravatura dos negros. A escravatura teve então a sua legitimação, visto que qualquer idólatra que fosse capturado em uma das “guerras santas” se tornava imediatamente um sujeito escravizado. A partir disso, era conferido a todas as guerras e expedições, o estatuto de *djizya* (imposto ou tributo onde os governos muçulmanos pediam cada vez mais pessoas escravizadas) auxiliando, assim, na captura de mais seres humanos para serem escravos (M’BOKOLO, 2009; BATRAN, 2010; LAST, 2010; TALIB, Y., 2010). Sobre esse ponto, M’Bokolo se refere a um sábio negro do século XVI, Ahmed Baba (1556-1627), quando este:

[...] teve o cuidado, ao mesmo tempo em que condenava com determinação a dominação dos escravos negros muçulmanos, de lembrar que a escravatura era legítima no Islã desde que tivesse o cuidado de respeitar algumas condições: era necessária uma guerra santa contra os idólatras; os prisioneiros capturados nestas circunstâncias eram reduzidos à escravatura, não podiam reivindicar a liberdade, mesmo convertendo-se ao Islã. É certo que as necessidades econômicas, militares e domésticas em escravos se mantiveram duradouramente elevadas no conjunto do mundo muçulmano (M’BOKOLO, 2009, p. 215).

Sobre a questão de serem escravizados somente africanos negros, M’Bokolo esclarece:

[...] relacionada a esta solicitação [sobre as condições elencadas por Ahmed Baba] e a partir de agora legítima em escravos, a escravatura tornou-se cada vez mais, com o tempo, a condição específica e exclusiva dos africanos negros. Homens ou mulheres, os escravos brancos eram destinados a tarefas exigindo certas qualificações e susceptíveis de elevar aqueles que a elas se entregavam [...]. Aos africanos foram pelo contrário confiadas as tarefas que o tempo contribuiu pra desvalorizar: eunucos, escravos de plantações, etc. (M’BOKOLO, 2009, p. 215).

A demanda de eunucos, que com o tempo passaram somente a ser uma profissão atribuída aos escravizados negros, vinha principalmente do Oriente Médio, as cidades mais importantes possuíam seu próprio mercado de escravizados. O de Basra, mercado de vendedores de escravizados, era vizinho dos espaços dos cambistas, vendedores de livros e comerciantes na parte ocidental da cidade. Isso permitiu o desenvolvimento de três eixos principais que buscavam atender às necessidades de africanos escravizados no mundo árabe-muçulmano. O primeiro eixo se refere à ligação entre o “país dos zandj” (*Bilad al-Zandj*) com a península arábica (M’BOKOLO, 2009; HARRIS, 2010; KNIGHT, 2010). O país dos *zandj* se refere, segundo as fontes estudadas por M’Bokolo,

aos países situados ao sul da Abissínia (principalmente costa oriental da África e as populações bantu).

A partir dessa época, já se denota nas fontes encontradas por M'Bokolo, a crescente onda de preconceitos racistas quanto aos africanos com fenótipos negróides como podemos ler abaixo em uma citação de Marcel L. Devic (1883, p. 127) citado por M'Bokolo (2009, p. 216):

Galiano, diro Kazuine, atribui aos zendjs dez características especiais: tez negra, cabelos encarapinhados, nariz achatado, lábios grossos, gracilidade das mãos e dos pés, odor fétido, inteligência limitada, extrema petulância, hábitos antropofágicos. O cosmógrafo árabe explica a qualidade que nós traduzimos como petulância acrescentando que não se vê nunca um zendj preocupado; incapazes de conservar uma impressão duradoura de desgosto, todos se abandonam à alegria. É, dizem os médicos, devido ao equilíbrio do sangue no coração, ou na opinião de outros, porque a estrela Sohél [Canopcia] se eleva todas as noites por cima das suas cabeças, e que este astro gozava do privilégio de provocar a alegria.

Por conta dos acordos e contatos comerciais que os habitantes de Omã mantinham com a costa oriental da África, a exploração do “país dos *zandj*” foi facilitada e acelerada pela colonização dos habitantes de Omã na referida costa. Começou uma onda de migração para essa costa de refugiados fugindo de perseguições religiosas, contingentes de muçulmanos, bem como outros povos que começaram a fundar cidades na costa oriental da África. Esse processo de povoamento foi sendo realizado de forma calma, não a partir de uma chegada maciça de pessoas. Foi a partir dessas cidades costeiras, que começou a organização do comércio negreiro (M'BOKOLO, 2009; KNIGHT, 2010).

O segundo dos três eixos de troca ligava o Egito à Núbia e começou a partir do século VII. A partir de um tratado de paz intitulado *baqt*, realizado entre as tropas muçulmanas e a Núbia, sendo que esta última foi dominada pela primeira o que forçou à sua assinatura, começaram as corretes regulares de trocas entre o Egito e a Núbia (M'BOKOLO, 2009; MICHALOWSKI, 2010). Nesse tratado, entre outros pontos, estavam como condições o fato da Núbia rechaçar para o Islã os escravizados fugitivos, não conceder asilo a muçulmanos que aniquilassem outros muçulmanos, proteger as mesquitas construídas por muçulmanos na Núbia, não permitir que núbios residissem em países muçulmanos, e por último, entregar anualmente 360 escravizados sem enfermidades ao Imã (Califa), sendo este o número mínimo a ser atendido (HAMIDULLAH, 1935, p. 127-129 apud M'BOKOLO, 2009). Em troca, o Egito entregava aos povos núbios cavalos, tecidos, cereais e vinhos.

O terceiro eixo para abastecimento de escravizados teve seu desenvolvimento no oeste, entre Ifríqiyya e o Magreb com o Sudão central e ocidental por intermédio de rotas transaarianas. Com a conquista árabe sobre a Ifríqiyya e o Magreb permitiu a transformação de populações berberes em reservatórios de escravizados (M'BOKOLO, 2009; IVANOV, 2010; WARMINGTON, 2010). Essa foi uma das causas da participação maciça “dos berberes às doutrinas igualitárias dos ibadistas que proclamavam a igualdade absoluta dos homens – isto é, dos muçulmanos – perante Deus” (M'BOKOLO, 2009, p. 218). Entretanto, o comércio de escravizados obtinha grande demanda, o que obrigou os ibadistas a desenvolverem a negociação de escravizados negros para atender à esta demanda.

Nesse sentido, os ibadistas foram os que deram o impulso decisivo para o desenvolvimento do comércio de escravizados por intermédio do Saara, pois eram providos de uma comunidade de fé, conhecimento do terreno e competências comerciais. A partir do século IX, o rapto de sujeitos para serem escravizados deu lugar à comercialização regular da qual participavam os muçulmanos oriundos do Oriente.

Com relação ao tráfico negreiro por intermédio do Saara, não há até o presente momento, conforme afirma M'Bokolo (2009), um número aproximado de pessoas escravizadas pelos eixos para o mundo árabe-muçulmano. Quanto às utilizações dada aos africanos escravizados, M'Bokolo (2009) afirma que estes eram usados no mundo muçulmano, principalmente, para a domesticidade, o serviço de armas e o trabalho, em especial, o agrícola. Com relação à domesticidade, eram destinadas as atribuições domésticas aos africanos escravizados segundo o seu sexo. Para as mulheres, a preferência era os serviços domésticos como criadas ou diaristas, embora os homens também tivessem, em menor proporção, desenvolvido esta tarefa. Muitas das mulheres negras escravizadas, em certos locais, tornaram-se concubinas de seus patrões, o que gerou uma grande quantidade de mestiços.

Os africanos negros escravizados também foram utilizados no serviço de armas. A chamada “guarda negra” é um tema que tem sido muito estudado dentro da historiografia árabe-muçulmana. Os escravizados negros eram soldados que participam da história militar do mundo muçulmano. Aparecem em certas regiões e em determinadas épocas no Iraque, Tunísia, Egito, Espanha e Marrocos, mas em menor quantidade que os mamelucos¹⁴. M'Bokolo (2009) reflete que talvez tenha sido na colonização europeia que

¹⁴ No Brasil, mamelucos significa a mistura de indígenas com brancos. M'Kobolo não descreve o que significa mamelucos na África Negra.

a “guarda negra” tenha se constituído enquanto um “autêntico mito, no momento em que, dando-se conta da eficácia das tropas negras nas guerras coloniais, ela começou a interrogar-se a respeito da sua utilização eventual nos campos de batalhas europeus” (M’BOKOLO, 2009, p. 228).

Os soldados negros são citados, individual ou coletivamente, em narrativas militares tanto da Arábia pré-islâmica quanto nas primeiras guerras do Islã. Posteriormente, a utilização dessas tropas começou a partir do século IX, depois de escravizados negros no Iraque terem obtido sucesso com seus talentos militares. No entanto, esta “guarda negra” causava tanto admiração por sua coragem, quanto receio de que pusessem fim à ordem social estabelecida. Assim, após serem utilizadas em diversas batalhas, os califas de Bagdá as deixaram ser trucidadas no ano de 930 por soldados brancos e pela multidão. As dinastias utilizavam as forças negras para aplacar rebeliões internas, como para conquistas exteriores, como foi o caso da dinastia dos Aghlabidas¹⁵. Os soldados negros se espalharam em todo o Egito e desempenhavam papéis conforme as necessidades das dinastias (M’BOKOLO, 2009; DJAIT, 2010).

No setor produtivo, a força de trabalho escravizada também foi utilizada. Nas atividades de artesanato, não havia menção a trabalhadores negros nas profissões urbanas. No entanto, quando se falava de plantações, esses eram os que foram amplamente utilizados. Nas plantações açucareiras havia grande concentração de escravizados e estes eram submetidos a exaustivas jornadas de trabalho (M’BOKOLO, 2009; PORTÈRES; BARRAU, 2010).

No Iraque, por exemplo, existiam grandes plantações escravagistas. A demanda de alimentos (açúcar, arroz, aveia) por conta do crescimento urbano em cidades do Iraque, levou o setor agrícola a se desenvolver para poder suprir esta demanda utilizando mão de obra escrava. Dessa forma, a exploração de escravizados era feroz, e os proprietários inclusive confiaram a gestão de terras para os intendentess (*wakil*) e a forros (*mawla*) que eram remunerados para exercer tal função (CHÉRIF, 2010; EL FASÍ; HRBEK, 2010). Um dos trabalhos mais difíceis era os dos escravizados que eram encarregados de retirar a camada de natrão¹⁶ que cobria o solo para que este se tornasse cultivável. Houve diversas revoltas de escravizados *zandj* no Iraque e isso levou ao abandono de terras mortas (HRBEK, 2010). A partir daí a escravatura recuou e tomou a forma de escravidão

¹⁵ Dinastia muçulmana que ocorreu entre 800 e 909.

¹⁶ O natrão se compõe de uma mistura de carbonato de sódio, bicarbonato de sódio, sal e sulfato de sódio, muito usado no processo de mumificação realizado pelos egípcios (MOKHTAR, 2010).

doméstica. No Marrocos, no entanto, aconteceram poucas revoltas de escravizados negros. Ali, as plantações se desenvolveram no período em que o Iraque abandonou o sistema de plantações escravagistas e duraram do século IX ao século XVII (M'BOKOLO, 2009).

No mundo árabe, tornaram-se fortemente conhecidas duas tradições intelectuais sobre os africanos e os negros que designam duas percepções: uma positiva e a outra negativa. No entanto, ainda não é possível designar quais das duas percepções era dominante, nem em que determinado momento, grupo ou país. A tradição que está associada à desvalorização dos negros estava formulada desde o século X, conforme aborda M'Bokolo (2009), ao apresentar uma citação realizada por *Al-Masudi* onde encontram-se representados os argumentos e opiniões daqueles que são hostis aos negros.

Na Índia, Ásia oriental e China também houve envio de africanos escravizados, no entanto, os conhecimentos desses domínios ainda é escasso. A Índia, por exemplo, foi um dos países que recebeu um número substancial de africanos escravizados, no entanto, as fontes sobre esse assunto, quando encontradas, apresentam a maioria das informações sobre as qualidades religiosas do que sobre as origens e os percursos desses africanos (M'BOKOLO, 2009; BATHILY, 2010).

No que se refere à China, só esta parece ter estabelecido relações comerciais com o continente africano. Há certa impossibilidade de extrair informações confiáveis sobre o tráfico e as suas correntes por conta da difícil interpretação das fontes. Com relação às relações comerciais, o que pode ser descoberto é que os chineses obtiveram informações sobre a existência do tráfico de escravizados nas costas da África. Fontes demonstram que mulheres negras foram vendidas a partir do século IX. Em contrapartida à compra de escravizados por parte dos chineses, os africanos importavam produtos da China, tais como arroz, cetins, tafetás de cor, sedas, pimenta, madeira de sândalo, caixas de marfim, entre outros (M'BOKOLO, 2009; BATHILY, 2010).

A Europa começou a participar ativamente do tráfico de africanos a partir do século XIV, quando os europeus (em especial os da península ibérica) realizaram um esforço para abrir vias de trocas diretas com a África atlântica. A partir disso, o comércio de escravizados, que antes era mediado pelos árabes, se desenvolveu de maneira exponencial. Contrário à imagem eurocêntrica de que a Europa teria “descoberto” a África, M'Bokolo (2009) apresenta-nos uma historiografia que vai de encontro à tradicionalmente contada. Conforme o autor, se a dimensão econômica aparece como essencial no complexo processo em que a historiografia tradicional reduziu à noção de

‘grandes descobertas’, a Europa desta época teve grandes consequências, visto que deu aos negros de África imagens degradantes e designou-lhes o menor lugar na escala humana, preparando, assim, as mentalidades da época para o gigantesco tráfico transatlântico que durou quatro séculos (M’BOKOLO, 2009).

Na Europa medieval, a escravatura era um estatuto social corrente. Ao final da Idade Média, a maior parte dos escravizados que viviam na Europa eram oriundos de país que ficavam às margens do Mar Negro e Cáucaso. O maior contingente de africanos escravizados foi enviado para Espanha (M’BOKOLO, 2009; HRBEK, 2010). Conforme M’Bokolo (2009, p. 253) infere: “Foi sem dúvida a Espanha que recebeu os contingentes mais numerosos de escravos africanos como resultado da sua conquista e da longa ocupação de uma grande parte da península ibérica pelos muçulmanos (séculos VIII-XV)”. Desempenhando um importante papel nas batalhas, os soldados negros ganharam uma reputação de serem corajosos o que levou a alguns príncipes europeus a desejarem possuir uma “guarda negra”. Um dos imperadores que realizou este desejo foi Frederico II (1212-1250) que buscou dos lugares santos islâmicos sua “guarda negra”. Estes soldados realizavam, além das tarefas militares, atividades domésticas (M’BOKOLO, 2009; LAROUÏ, 2010).

A partir do século XI, com a reconquista cristã, as regiões que retomaram o cristianismo seguiram mantendo estruturas escravagistas. No entanto, os escravizados eram aqueles de origem muçulmana. Os escravizados negros eram poucos durante este período. Até o século XIII, os escravizados que residiam na Espanha eram de regiões como a Península Ibérica e países eslavos. O tráfico de escravizados tomou grande proporção e o número de escravizados negros na Espanha aumentou nos dois últimos séculos da Idade Média. A partir disso, fontes apontaram o surgimento informações a respeito de vendas de escravizados negros, como também as fugas, bem como alforrias.

Negros cristãos também foram escravizados. O fato demonstra, conforme M’Bokolo (2009), que o estatuto social e o preconceito com a cor se tornaram mais importantes do que a comunidade de religião entre brancos e negros. Na Catalunha, durante os séculos XIV e XV, houve um aumento significativo do número de negros para serem escravizados. Outra região que demonstrou interesse no comércio escravocrata foi a Itália, que recebia a maioria dos escravizados vindos da Espanha.

A abertura do Oceano Atlântico e o tráfico de escravizados ainda causam incertezas e debates em especialistas e estudiosos. A historiografia eurocêntrica tradicional encontra-se estabelecida em torno da “descoberta” da África pelos europeus.

No entanto, esta “descoberta” da África precisa ser discutida, visto que há pelo menos três razões para que seja revista: a) a primeira razão é que, bem antes dos portugueses, os navegadores árabes já tentavam explorar as costas ocidentais da África; b) a segunda razão, é que, ao contrário do que afirmam, os africanos fizeram sim explorações marítimas; c) a terceira razão é que a abertura do Atlântico se tornou

uma operação de grande fôlego durante a qual a sede de ouro e a busca das especiarias, a audácia dos navegadores portugueses, assim como de espanhóis e de italianos, interessados no lucro das operações, os lentos progressos técnicos e o conhecimento progressivo do terreno acumularam os seus efeitos (M'BOKOLO, 2009, p. 257).

Recuamos aqui para uma breve digressão, fundamental para o tópico em discussão, que trata da percepção da África pela Europa. No imaginário europeu, a África e seus habitantes detiveram

um amplo leque de injunções desqualificantes, muitas vezes respaldadas pelos expoentes da chamada ‘grande intelectualidade européia’. A África, condenada ao papel de espaço periférico da humanidade, além de ser considerada desprovida de interesse para a civilização, seria igualmente alheia a ela (ANJOS, 1989, p. 14 apud SERRANO, WALDMAN, 2008, p. 21).

O pensamento europeu “discerniu a existência de um eixo leste-oeste, polaridade que subentenderia uma sucessão e rivalidade entre civilizações” (SERRANO, WALDMAN, 2008, p. 21), especificamente os conflitos entre o Oriente e Ocidente. Ao mesmo tempo, havia outro eixo, no sentido norte-sul, que estaria conotado pela contradição entre civilização, natureza e selvageria. Esta última contraposição encontra-se presente em diferentes declinações e pronunciamentos. Assim, em face de a civilização deter prioridade diante do que é considerado não-civilizado, restaria ao Sul a submissão ao Norte (SERRANO; WALDMAN, 2008).

Esse raciocínio esteve presente em diversas manifestações de intelectuais no Ocidente. Entre elas, citamos as expressões iluministas, de Voltaire (França), Hume (Escócia), Kant (Alemanha) e Jefferson (Estados Unidos) que enfatizavam a universalidade da razão, mas negavam aos africanos e seus descendentes a posse de capacidades literárias (APPIAH, 1994, p. 84 apud SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 23). Georg Hegel afirmava que a África não faria parte da história universal, pois “tratar-se-ia de um continente presente no espaço e no tempo físicos do planeta. Mas não no seu mapa e na sua cronologia civilizacionais” (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 23).

No mundo ocidental, as regiões orientais constituíram uma ameaça presente na localização Leste. Ao Sul, eram incutidos fortes adereços de inferioridade. Nesse

entendimento, “a África não disporia de qualquer outro papel além da área eternizada à função de provedora de bens e serviços apropriados para calçar o poderio dos próprios algozes [...]” (SERRANO; WALDMAN, 2008, p. 23).

Com o nascimento do comércio atlântico, foi permitido aos europeus instaurarem “correntes de trocas em seu proveito”. Inicialmente copiadas do comércio árabe-muçulmano, essas trocas começam a adquirir uma forma específica e tornaram os escravos negros um produto de troca prestigiado. Primeiro, começaram a realização de novas parcerias e, posteriormente, o aumento das trocas em espaços econômicos já estabelecidos (M’BOKOLO, 2009).

Utilizando os moldes do comércio transaariano dos árabes, o comércio português se estabeleceu e passaram a transportar mercadorias na África ocidental. Inclusive, transportavam uma gama de produtos comprados na África mediterrânea e demandados pelos estados sudaneses. Os escravizados que eram comprados ou capturados no continente africano eram transformados em domésticos em Portugal, assim como era realizado nos países muçulmanos. O interesse dos navegadores portugueses era comprar escravizados em uma região africana para serem vendidos em outra. As redes comerciais realizadas pelos europeus ligadas ao comércio transaariano só terminaram com a colonização imperialista, no final do século XIX (M’BOKOLO, 2009).

Foi a partir do século XV que foi formado um “arsenal ideológico” visando justificar o tráfico e escravatura dos africanos. Entre as justificativas, estava a utilizada pelos países islâmicos de que a escravidão dos africanos era justificada nas Sagradas Escrituras. A partir dessa interpretação falaciosa do referido livro que foi encontrado o pretexto histórico e teológico da escravidão dos negros (M’BOKOLO, 2009).

Com relação à escravidão realizada nas Américas, M’Bokolo (2009, p. 273) afirma que a mesma foi primitiva: “economia de coleta, de colheita e de pilhagem, preocupou-se pouco com os recursos – ouro, madeira e couros que não tardaram em esgotar-se – menos ainda com os homens”. O sistema econômico estabelecido foi a *encomienda* ou *repartimento* onde o beneficiário podia valorizar suas terras e minas além de utilizar os indígenas conforme desejasse, visto que o estado lhe dava o direito sobre as referidas populações. Os indígenas das Américas foram os primeiros a serem dizimados, seja pelo trabalho brutal a que eram submetidos, seja pelas doenças trazidas pelos colonizadores (M’BOKOLO, 2009).

A partir de 1511, por conta de protestos contra o genocídio indígena, o comércio de africanos escravizados oriundos do continente africano começou a tomar grande

proporção. As minas foram descobertas no início do século XVI e não tardaram a serem exploradas, em especial, as minas de ouro da Hispaniola, e as de prata no México e no Peru. No plano geopolítico, a América Central e a América do Sul foram parar nas mãos da Espanha e de Portugal, enquanto que a Guiana e as Antilhas, os outros estados europeus (Inglaterra, Dinamarca, Holanda, Espanha) tomaram posse (M'BOKOLO, 2009; CHANAIWA, 2010; MABOGUNJE, 2010).

Na segunda metade do século XVII, a Inglaterra, França, Holanda, Dinamarca, Suécia, Brandemburgo, Corlândia e cidades alemãs livres começaram a ocupar seus espaços no comércio de escravizados negros. As primeiras companhias que trabalhavam especificamente com o comércio africano começaram a aparecer no século XVI. A Coroa Espanhola, em 1663, fez um contrato de *asiento* com a Companhia Portuguesa de Cacheu¹⁷, inovação para a época. Assim, era a primeira vez que a Espanha concedia contrato à companhia estrangeira (M'BOKOLO, 2009; HARRIS, 2010).

Portugal teve um papel emblemático na história do tráfico de africanos negros. Primeiramente, porque possuía o Brasil como vantagem no que se refere à mão-de-obra escravizada, em segundo, porque controlava diversos pontos da costa africana, o que lhe permitia ter sua própria cota de escravizados (M'BOKOLO, 2009).

O tráfico realizado por Portugal se destinava principalmente ao Brasil, para suprir as demandas do setor mineiro e das plantações de açúcar. Os portugueses faziam um esforço para controlar de maneira acirrada o comércio negreiro. Tanto nas chegadas às Américas, quanto na partida da África, o controle era exercido sobre quem chegava ou saía. Em Angola, haviam funcionários encarregados de cobrar direitos de saída dos navios que deviam partir, obrigatoriamente, de Luanda e Benguela. Quando chegavam ao Brasil, os navios negreiros deviam desembarcar na Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. No entanto, existiam outros beneficiários do comércio negreiro: A Holanda, por exemplo, deteve de 5 a 10% dos escravizados que eram transportados para as Américas, um número relativamente baixo quando comparado com Portugal e Espanha. Foi a primeira a se beneficiar da brecha aberta ao monopólio ibérico ao final do século XVI (M'BOKOLO, 2009; CHINWEIZU, 2010).

¹⁷ Conforme Benzinho e Rosa (2015, p. 57), “Cacheu foi capital no tempo colonial e, segundo os historiadores, a primeira feitoria portuguesa daquela que é, nos dias de hoje, a Guiné-Bissau. Criada em 1588, foi o centro de comércio de escravos e ali nasceu em maio de 1656 a Companhia de Cacheu e Rios”.

2.3.2.2 A escravidão no Brasil: o que ainda não aprendemos?

Os escravos são as mãos e os pés do senhor de Engenho, porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar a fazenda, nem ter engenho corrente

(ANTONIL, 1982, p. 89).

Pensando na sociedade brasileira do período colonial, além de considerarmos a escravidão enquanto uma questão econômica (mão de obra para trabalho compulsório), religiosa (a escravidão era legitimada quando acontecia com os não-cristãos, conforme abordamos na subseção anterior) e racial (hierarquia de “raças”, onde as inferiores eram escravizadas pelas superiores), devemos pensar na concepção de hierarquia social, que legitimava (jurídica e costumeiramente) as desigualdades e, portanto, a escravidão (MATTOS, 2001; MORTARI; VIEIRA, 2014).

É a partir da frase de André João Antonil que podemos perceber qual era a importância da mão de obra escravizada no Brasil. Considerado o maior importador de africanos escravizados das Américas, o país recebeu uma estimativa de mais de quatro milhões de pessoas para serem escravizadas entre os séculos XV e XIX. Os grupos étnicos trazidos para nosso país eram oriundos de diversos lugares da África Negra e possuíam diferentes culturas e costumes. Congo, Angola e Moçambique foram alguns dos lugares de onde esses povos eram pertencentes antes de virem para servirem de mão de obra escrava em solo brasileiro para o enriquecimento do colonizador (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988).

A hierarquia social era justificada tendo como base uma concepção religiosa cristã e trazia consigo concepções tradicionais de nobreza. Dessa forma, a condição que justificava a escravidão de indígenas e africanos era estabelecida pela condição de “bárbaros e ateus diante do olhar católico português” (MATTOS, 2000 apud MORTARI; VIEIRA, 2014, p. 168). Conforme Mattos (2000; 2001) e Lara (2000) citados por Mortari e Vieira (2014, p. 168):

A escravização era embasada na naturalização de direitos e privilégios e, desse modo, durante todo o período colonial, e até meados do século XIX, os fatos jurídicos que estabeleciam a condição livre ou escravizada foram produzidos, inicialmente, com base nas relações costumeiras e socialmente reconhecidas, sempre dependentes das relações de poder pessoal. Quando não existia este reconhecimento, eram necessários os documentos, bem como a decisão jurídica da coroa.

Dessa forma, a escravidão no Brasil foi “uma prática considerada legítima e justa por meio das leis divinas da igreja, dos direitos jurídicos e da naturalização ou costume dos homens. Enquanto fato e prática, no contexto colonial e imperial brasileiro, esteve presente em praticamente todos os segmentos sociais” (MORTARI; VIEIRA, 2014, p. 169).

Ao chegarem ao país após um longo e violento processo de travessia realizado em navios de tráfico negreiro (AZEVEDO; LUCINDO, 2014), os africanos eram submetidos a um regime de trabalho e vida compostos por processos de transculturação, reinvenção de identidades e recriação de suas vidas (MORTARI; VIEIRA, 2014). As principais atividades desenvolvidas pelos africanos eram realizadas, principalmente, na agricultura (cana-de-açúcar, algodão, fumo, café), minas (extração de metais preciosos), serviços domésticos (somente eram escolhidos os escravizados considerados mais “sociáveis” e eram destinados ao serviço realizado na casa grande) e nos ofícios (moagem da cana e preparo do açúcar, trabalhos de construção, sapataria, carpintaria, olaria) (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988).

A coerção física e psicológica e a violência realizada contra africanos escravizados são princípios de uma sociedade escravista que se utilizava de meios para garantir a submissão para que o sistema de fato funcionasse (MORTARI; VIEIRA, 2014). Entretanto, a condição de cativos trouxe diversas reconfigurações devido à necessidade das atividades que eram desenvolvidas pelos escravizados, bem como suas referências culturais. Em outras palavras, mesmo tendo a condição de escravo dentro de um contexto de dominação por parte dos senhores, o escravizado não se subordinava passivamente, e tinha capacidade de perseguir seus objetivos, assim como de afirmar-se enquanto diferente (CHALHOUB, 1998 apud MORTARI; VIEIRA, 2014).

Conforme Mortari e Vieira (2014), é importante lembrar também que as relações costumeiras entre senhores e escravizados colaboraram para a construção de parte da legislação vigente no período colonial e imperial. Isso é percebido pelos autores supracitados como um indício de que existia um campo de negociações estratégicas entre escravizados e senhores, inclusive quando se referia à alforria e ao estabelecimento de vínculos por intermédio do casamento.

Apesar dos africanos e seus descendentes terem constituído estratégias de sobrevivência mesmo com a violência e a escravidão, o tráfico negreiro, o desenraizamento e a escravidão das populações de origem africana desestabilizaram os vínculos existentes entre África e os africanos. Entretanto, não retirou a sua percepção

enquanto sujeitos, o que permitiu que reinventassem suas identidades (MORTARI; VIEIRA, 2014).

Os africanos conviveram com diversos grupos sociais e povos (portugueses, teutos, espanhóis, populações indígenas e africanos de diversas regiões de África). Para terem uma organização social e interação entre os diversos grupos, criaram as irmandades religiosas. Essas irmandades eram consideradas associações que possuíam objetivos em comum. As irmandades representaram uma maneira dos africanos e seus descendentes manifestarem-se religiosa e socialmente (RASCKE, 2015).

Surgidas entre os séculos XII e XV, as irmandades eram remanescentes de agremiações de artes e ofícios que haviam na Europa durante a Baixa Idade Média. Seu objetivo era congregar fiéis em torno de um santo escolhido para ser padroeiro, bem como possuíam regras que regravam os objetivos, a admissão de membros, os deveres e as obrigações dos membros. A partir desse modelo europeu, as irmandades foram incorporadas pelos africanos, que desejam ter sua própria igreja e santos e estabelecerem relações de solidariedade entre os “seus” (RASCKE, 2015).

Em documentos históricos é possível verificar como as redes entre africanos escravizados, libertos e seus descendentes eram estabelecidas não só por intermédio das irmandades acima citadas, como também por intermédio dos rastros deixados pelas suas experiências ao longo da vida, tais como, documentação do batizado de seus filhos e afilhados, a profissão exercida, o registro de suas procedências africanas e o estabelecimento de vínculos familiares (MORTARI; VIEIRA, 2015). Tudo isso em documentos encontrados por pesquisadores que buscam retirar da invisibilidade a história desses sujeitos desconhecidos, mas que reinventaram seus modos de ser e viver desde o período que aqui chegaram.

Como conseguimos ver nesta curta seção terciária, a escravidão no Brasil existiu e deixou marcas profundas que duram até hoje na população negra brasileira. Entretanto, esta seção demonstra que, apesar de ter ocorrido a escravidão no Brasil, houve sociabilidades, resistência e estratégias para a manutenção dessas populações. Novos estudos têm buscado evidenciar a história das populações de origem africana para além do viés da escravidão e da função dessas populações como mão de obra escrava, e eles têm evidenciado que essas populações eram compostas por sujeitos que cotidianamente definiam e redefiniam fronteiras simbólicas e espaços de legitimação (MORTARI; VIEIRA, 2014). Algo, que no século XXI, é preciso ser disseminado para que as populações negras possam conhecer as sociabilidades, processos educacionais e de luta

das populações negras em prol de direitos hoje acessados, além de estabelecerem uma visão positivada das populações de origem africana enquanto atores principais de sua própria existência (MORTARI; VIEIRA, 2014).

Nesse sentido, a introdução deste tema e reflexão sobre a formação do bibliotecário e profissional da informação pautada em estudos sobre o entendimento da escravidão, suas nuances e diferenças entre o Brasil e o Continente serviria para proporcionar o estabelecimento de novos olhares sobre estes episódios históricos e sobre estas populações.

3 FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA E EDUCAÇÃO ORIENTADA PARA A CONSCIÊNCIA ÉTICO-POLÍTICA

Esta seção primária se dedica ao referencial teórico desta pesquisa constituída de materiais bibliográficos oriundos de um levantamento realizado no Portal de Periódicos CAPES e da Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), bem como de livros e instrumentos normativos (leis, resoluções e decretos). Iniciamos esta seção com os aspectos teórico-metodológicos, visto que estes são elementos para a construção da referida seção.

Abordamos as vertentes que fazem parte da formação em Biblioteconomia relacionadas às problemáticas sociais e consciência ético-política. No âmbito internacional, realizamos a contextualização da *Black Librarianship* dos Estados Unidos, um dos movimentos criados para a introdução do pensamento africano na Biblioteconomia Americana. Por fim, questionamos: Existe uma Biblioteconomia Negra brasileira? E apresentamos as pesquisas que deram origem ao movimento de introdução das culturas afro na Biblioteconomia e Ciência da Informação (BCI) as quais sugerimos ser a semente da Biblioteconomia Negra no Brasil.

3.1 A EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL: BREVE CONSIDERAÇÃO

A formação profissional bibliotecária compreende estratégias para a capacitação e/ou aperfeiçoamento do bibliotecário e para a regulamentação da profissão. Já o ensino de Biblioteconomia compreende o processo formal de ensino feito pelas escolas/cursos, currículo, ementas e disciplinas (CASTRO, 2000). As dimensões educativas da Biblioteconomia brasileira podem, na concepção de Castro (2000), ser entendidas sob as perspectivas: profissional, técnica e a que se refere aos métodos de influência. A primeira perspectiva inclui desde a formação até o mercado de trabalho. A segunda engloba as formas de controle, de processar e armazenar a informação, além da utilização de novas tecnologias e linguagens documentárias. Enquanto isso, os modelos de influência focam no currículo e a inserção social, política, educacional e cultural do bibliotecário.

No cenário brasileiro, é reconhecido que a formação bibliotecária teve sua origem nas escolas francesas e americanas. A educação em Biblioteconomia no Brasil se iniciou com a criação do primeiro curso na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1911, pelo Decreto 8835. O objetivo deste curso estava vinculado a “uma formação

atualizada, imposta pela necessária reorganização dos serviços existentes” (ARAGÃO, 1977, p. 36).

À época, a Biblioteca Nacional possuía como diretor o pernambucano Manoel Cícero Peregrino da Silva, considerado um “reformador”, que além de “conseguir movimentar os apoios à conquista dos recursos necessários para a edificação de um novo prédio para abrigar a instituição”, criou também atividades culturais, prêmio de incentivo à pesquisa e o curso de Biblioteconomia, o primeiro do país e da América Latina e o terceiro no mundo (RUSSO, 1966; CASTRO, 2000; SOUZA, 2009).

Para se tornar bibliotecário, o candidato deveria conhecer amplamente as áreas de Humanas, Línguas e Ciências. O curso adotou como parâmetro a escola francesa de vertente humanística *École Nationale de Chartes*, e teve seu início oficial em 1915 com quatro disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática (CASTRO, 2000, SOUZA, 1997, 2009; DAVANSO; ZANAGA, 2011).

O currículo do curso visava suprir as necessidades de pessoal da própria Instituição, assim, “a escolha das disciplinas tinha menos o caráter de uma diretriz filosófica e mais uma razão pragmática” (SOUZA, 2009, p. 47). Dessa forma, o curso não tinha o objetivo de transformar a sociedade, mas sim consolidar um projeto da elite da época e de alicerçar a Biblioteca Nacional.

O segundo curso foi criado em 1929, no *Mackenzie College*, de São Paulo, e seguia a influência norte-americana, algo que estava cada dia mais crescente entre os intelectuais daquele período. Com duração de um ano, o curso intitulado “Curso Elementar de Biblioteconomia” tinha características tecnicistas de ascendência da *Columbia University*, oferecendo as disciplinas de Catalogação, Classificação, Referência e Organização de Bibliotecas (MATTOS, 1977 apud SOUZA, 2009; CASTRO, 2000; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013). A bibliotecária americana Dorothy Muriel Geddes Gropp veio dos Estados Unidos para preparar a bibliotecária do Instituto para ir aos Estados Unidos fazer o curso de Biblioteconomia. Este curso buscava a formação dos funcionários da biblioteca, professores e bibliotecários de outras instituições (CASTRO, 2000).

Em 1936, foi criado o Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo por Rubens Borba de Moraes. Assim, o curso do *Mackenzie College* encerrou suas atividades. Em 1939, a prefeitura de São Paulo fez o cancelamento do curso devido a questões políticas. No entanto, em 1940 o curso foi reinstalado na

Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. (RUSSO, 1966; CASTRO, 2000; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Com o passar dos anos, o primeiro curso acrescentou as disciplinas de História Literária e Cartografia, mas continuou sendo um curso institucional e não adicionou o modelo americano até 1944, quando passou por uma alteração curricular. Rubens Borba de Moraes ressalta que currículo do curso de 1931 da Biblioteca Nacional era considerado de pouco alcance e pouco frequentado (SOUZA, 2009). Segundo Souza (2009), o curso estava “voltado ao enriquecimento cultural” e “era pouco aberto à formação de organizadores e administradores capazes de dar maior mobilidade a seus acervos”, por isso tinha “pouco alcance” daqueles que se interessavam por Biblioteconomia.

Quadro 1 - Disciplinas dos cursos de Biblioteconomia de Rio de Janeiro e São Paulo.

Ano	Biblioteca Nacional Rio de Janeiro	Ano	São Paulo
1915	Bibliografia Paleografia e Diplomática Referência	1929	Catálogo Classificação Organização de Bibliotecas
1931	Bibliografia Paleografia e Diplomática História da Literatura Iconografia e Cartografia	1941- 1942	Catálogo Classificação Bibliografia História do Livro Organização de Bibliotecas
1944	Organização e Administração de Bibliotecas Catálogo Classificação Bibliografia e Referência História do Livro e das Bibliotecas História da Literatura (aplicada à Bibliografia) Noções de Paleografia	1943- 1959	Catálogo Classificação Bibliografia Organização de Bibliotecas História do Livro e Paleografia
1962	Técnica de Referência Bibliografia Geral Catálogo e Classificação Organização e Administração de Bibliotecas História do Livro e das Bibliotecas Organização e técnicas de Documentação Literatura e Bibliografia Literária Introdução à Cultura Histórica e Sociológica Reprodução de Documentos Paleografia Introdução à Cultura Filosófica e Artística	1960- 1961	Catálogo Classificação Referência e Bibliografia História do Livro Paleografia Organização e Administração de Bibliotecas Seleção de Livros Introdução à Cultura Artística Introdução à Cultura Filosófica Introdução às Ciências Sociais Documentação

Fonte: Castro (2000, p. 105).

Conforme Quadro 1, até 1942, os cursos de Biblioteconomia possuíam diferentes disciplinas, com exceção da disciplina de ensino de bibliografia, que passou a fazer parte de ambos os cursos a partir do ensino na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Para Castro (2000), deveria, supostamente, haver diferença nas práticas e modos de ensino entre os dois estados, tais como, a participação bibliotecária em movimentos de classe, o envolvimento dos bibliotecários em debates da área, o mercado de trabalho, etc. Neste caso, mesmo a nomenclatura das disciplinas sendo idênticas, o conteúdo ministrado poderia ser distinto no perfil do profissional, por buscar o atendimento de necessidades específicas de cada estado.

A partir do retorno aos estados de origem dos profissionais formados por ambos os Cursos, começou a organização de novos cursos ou escolas de Biblioteconomia. A expansão do ensino de Biblioteconomia pelo Brasil ocorreu na década de 1940 e promoveu o surgimento de lideranças para além do eixo Rio-São Paulo, de forma que os profissionais passaram a publicar na área (especialmente as mulheres), reivindicar o *status* profissional e a lutar tanto pelo estabelecimento de um currículo mínimo, quanto pela regulamentação da profissão bibliotecária e pela implementação de Cursos e Escolas de Biblioteconomia em Universidades Federais (CASTRO, 2000). Conforme o Quadro 2, a seguir, podemos verificar os cursos e escolas criados em instituições de ensino a partir de 1911.

Quadro 2 – Primeiros Cursos e Escolas de Biblioteconomia criados entre 1911 a 1969 no Brasil.

CURSO	ANO	
1	Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional	1911
2	Escola de Biblioteconomia da Prefeitura Municipal de São Paulo	1939
3	Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade da Bahia	1942
4	Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Filosofia Sedes Sapiente	1944
5	Faculdade de Biblioteconomia da PUCCAMP	1945
6	Curso de Biblioteconomia do Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura do Recife	1948
7	Curso de Biblioteconomia Nossa Senhora do Sion	1948
8	Curso de Biblioteconomia da Universidade de Pernambuco	1950
9	Curso de Biblioteconomia da Universidade de Minas Gerais	1950
10	Curso de Biblioteconomia do Instituto de São Caetano de Campos	1951
11	Curso de Biblioteconomia da Universidade do Paraná	1952
12	Escola de Biblioteconomia e Documentação Santa Úrsula da PUC/RJ	1957
13	Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos	1959
14	Faculdade de Biblioteconomia da Universidade de Brasília	1961
15	Curso de Biblioteconomia da Universidade do Pará	1963

16	Curso Autônomo de Biblioteconomia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro	1963
17	Curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Ceará	1964
18	Escola de Bibliotecários e Documentalistas da Fundação “Álvaro Clemente de Oliveira”	1969
19	Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão	1969
20	Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba	1969

Fonte: Castro (2000, p. 111).

Para Castro (2000, p. 111-112),

A incorporação ou criação de Escolas/Cursos de Biblioteconomia pelas Universidade era uma reivindicação antiga e constante dos bibliotecários, que acreditavam ser esta a maneira pela qual a profissão alcançaria status acadêmico e social e, principalmente, um modo de os estudantes conviverem com os saberes, possibilitando a inter-relação entre o ensino técnico e humanista, requisitos necessários para formar um profissional apto a atuar no mercado, além de contribuir para eliminar as escolas de qualidade inferior. Para tanto, as escolas deveriam ser entregues a bibliotecários experientes para que pudessem orientar, informar e formar futuros bibliotecários.

No entanto, a expansão de cursos e escolas não promoveu o aumento de pessoas à procura da formação em Biblioteconomia. Aragão (1967) citada por Castro (2000, p. 112) afirma que:

Na Bahia, no vestibular de 1957, o número de alunos inscritos foi o menor em relação aos demais cursos da Universidade. Ainda, os aprovados não tinham ‘sólido conhecimento de sua própria língua e literatura, um conhecimento mediano das mais vulgarizadas línguas estrangeiras, sem os princípios fundamentais de organização e administração científicas, sem o conhecimento de psicologia, da sociologia, de relações humanas (ARAGÃO, 1967, p. 6 apud CASTRO, 2000, p. 112-113).

Um fator que contribuiu para o desenvolvimento da Biblioteconomia é a criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) – atual Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – que passou a intervir no ensino e na denominação de congressos da área. A partir de então, alguns cursos, escolas e eventos científicos passam a incluir o termo Documentação. Assim, as Escolas de Biblioteconomia e Documentação começaram a incluir em seus currículos as técnicas documentais, visando a capacitação dos estudantes para atuarem em Centros de Documentação (ARAGÃO, 1961 apud CASTRO, 2000).

Em 1962, a profissão de bibliotecário teve seu exercício regulamentado pela Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho do referido ano e passou a estabelecer a designação profissional de Bibliotecário aos Bacharéis oriundos de Escolas de Biblioteconomia “de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas” (BRASIL, 1962, s.p.)

e aos bibliotecários cujos diplomas são “de instituições estrangeiras que apresentem os seus diplomas revalidados no Brasil” (BRASIL, 1962, s.p.). A partir daí, deu-se início à padronização das disciplinas a serem ministradas e surgiu a obrigatoriedade de registro dos diplomas nas Diretoria de Ensino Superior do Ministério da Educação e da Cultura. (ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Com a criação da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB), em 26 de julho de 1959, iniciou-se a discussão para a fixação do currículo mínimo para os cursos de Biblioteconomia brasileiros (SANTOS, 1998). A FEBAB, com o apoio do Conselho Federal de Educação, aprovou em 16 de dezembro de 1962, o Parecer nº 326/1962 com o Currículo Mínimo para os cursos de Biblioteconomia. Dentre outros aspectos, este currículo estabelecia a duração dos cursos e contava com as disciplinas de História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, Documentação e Paleografia. Além disso, cada escola de Biblioteconomia poderia incluir outras disciplinas para comporem seu currículo pleno, este era composto por disciplinas obrigatórias, eletivas e as extracurriculares (CASTRO, 2000; DAVANSO; ZANAGA, 2011). Assim, esse currículo incorporava um conteúdo cultural e humanístico e outro com teorias aplicadas à organização bibliográfica (MUELLER, 1988; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Posteriormente, a proposta inicial foi alterada pelo Conselho Federal de Educação, o que causou um descontentamento nos docentes da classe, pois havia a suposição de que os professores consagrados da Biblioteconomia estariam melhor preparados para apontar diretrizes para o ensino da área. Dessa forma, as escolas começaram a oferecer disciplinas optativas em seus currículos e não somente as obrigatórias. No que concerne às disciplinas culturais, estas eram muito amplas e acabaram por frustrar a intenção de uma formação humanística (MUELLER, 1988, ALMEIDA, 2012; ALMEIDA; BAPTISTA, 2013).

Em 1976, o Currículo Mínimo de Biblioteconomia instituído no ano de 1962 teve uma proposta de alteração. Esta proposta de mudança foi discutida na reunião da Associação Brasileira de Escolas de Biblioteconomia e Documentação (ABEBD) na cidade de Campinas, São Paulo. Como questões básicas para mudança no Currículo Mínimo criado em 1962 foram apresentados alguns pontos como: a) a mudança social; b) o profissional que não corresponde totalmente às exigências sociais; c) a delimitação do

produto final que se pretende tendo em vista as necessidades e as tendências da sociedade; d) o profissional formado pelas escolas deve responder às situações apresentadas anteriormente e ser um agente de transformação e desenvolvimento da sociedade à qual se insere (FERREIRA et al., 1977). O novo currículo mínimo de Biblioteconomia foi aprovado somente em 1982 pelo Parecer nº 460/1982, do Conselho Federal de Educação, e passou a estabelecer a divisão de disciplinas em três grupos: a) Fundamentação Geral, b) Disciplinas Instrumentais e, c) Disciplinas de formação profissional (GUEDES, 1985; MUELLER, 1988, ALMEIDA; BAPTISTA, 2013) (Quadro 3).

Quadro 3 - Distribuição de disciplinas do Currículo Mínimo de 1962 e o Currículo Mínimo de 1982.

CURRÍCULO MÍNIMO (1952)	CURRÍCULO MÍNIMO (1982)
	Disciplinas de Formação Geral
	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação
<ul style="list-style-type: none"> • Introdução aos estudos históricos e sociais 	<ul style="list-style-type: none"> • Aspectos sociais, políticos e econômicos do Brasil Contemporâneo
<ul style="list-style-type: none"> • História da Arte* • Evolução do pensamento filosófico e científico* • História da Literatura* 	<ul style="list-style-type: none"> • História da Cultura*
	Disciplinas Instrumentais
	<ul style="list-style-type: none"> • Lógica • Língua Portuguesa e Literatura da Língua Portuguesa • Língua Estrangeira Moderna • Métodos e Técnicas de Pesquisa
<ul style="list-style-type: none"> • Documentação* 	Disciplinas de Formação Profissional
	<ul style="list-style-type: none"> • Informação aplicada à Biblioteconomia*
<ul style="list-style-type: none"> • História do Livros e das Bibliotecas* 	<ul style="list-style-type: none"> • Produção dos registros do conhecimento*
	<ul style="list-style-type: none"> • Formação e desenvolvimento de coleções
<ul style="list-style-type: none"> • Catalogação e Classificação* 	<ul style="list-style-type: none"> • Controle bibliográfico dos registros do conhecimento*
<ul style="list-style-type: none"> • Bibliografia e Referência* 	<ul style="list-style-type: none"> • Disseminação da Informação*
<ul style="list-style-type: none"> • Organização e Administração de Bibliotecas* 	<ul style="list-style-type: none"> • Administração de Bibliotecas*
<ul style="list-style-type: none"> • Paleografia 	

Fonte: Mueller (1988, p. 75).

* Disciplinas que constam em ambos os currículos, embora com denominações distintas.

Na percepção trazida pela leitura dos estudos Souza (1997, 2009), percebemos que os cursos de Biblioteconomia começaram a ser criados para seguir um projeto de elite que visava a manutenção de privilégios e o acesso à educação e formação de uma Biblioteconomia voltada para a técnica e não para o humano.

Em um segundo momento, destaca-se a prática bibliotecária racionalizadora de base norte-americana, com predomínio tecnicista, funcionalista e academicista. Nessa direção, surge a criação de escolas para a formação de bacharéis, o fortalecimento das corporações profissionais e a regulamentação da profissão. Posteriormente, considerando o contexto neoliberal da globalização política e econômica, ressalta-se um conjunto de atividades de documentação, o estudo da informação científica e a necessidade de formação de um quadro profissional de pós-graduados que atue na indústria da informação e fomenta o desenvolvimento industrial econômico (SOUZA, 1997, 2009 apud SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2018, p. 3814).

Para Pizarro (2017), o ensino em Biblioteconomia perpassa pelas dimensões técnica, estética, ética e política. Todo o agir do profissional que preceda a técnica ou a prática é uma atividade ético-política. Dessa forma, ao olharmos para a construção dos cursos de Biblioteconomia brasileiros percebemos uma perspectiva que busca eximir o nosso olhar do agir ético-político profissional, que passa por todas as ações do bibliotecário, da responsabilidade de pensar a construção social da nossa realidade.

Ao longo das décadas, a questão das culturas africanas e afro-brasileiras dentro da Biblioteconomia foram deixadas “sob o tapete” tanto no que concerne à formação, quanto à atuação do profissional. Conforme Silva, Saldanha e Pizarro (2018, p. 3814), “o currículo dos cursos de BCI possuem bibliografia e perspectiva ‘branca’ onde a maioria dos autores e autoras brancos são utilizados nas vertentes teóricas propagadas e nas bibliografias básica e complementar de disciplinas”. Assim, o agir bibliotecário e a prática docente refletem as heranças de caráter eurocêntrico e estadunidenses recebidos na sua formação, o que colabora para uma atuação excludente no que se refere à memória, história, importância dessas populações negras para a constituição da nação brasileira. Ademais, a capacitação de docentes para a inclusão de disciplinas na matriz curricular sobre as culturas ainda precisa ser realizada, visto que, segundo Silva (2016), embora os docentes considerem as culturas importantes na formação bibliotecária, não possuem formação para trabalhar com elas em sala de aula.

3.2 BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: UM PERCURSO ENTRE A *BLACK LIBRARIANSHIP* ESTADUNIDENSE E A BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA

Cada uma das etnias que compõem o Brasil possui sua história, memória e cultura e teve contribuição na construção do país que atualmente conhecemos. Entre as populações que contribuíram significativamente para a construção do Brasil, encontram-se as populações de origem africana. O transporte dessas populações aconteceu em um processo de violência e desumanidade, e deixou resquícios que perduram até hoje.

A tentativa de (re)conhecimento dessas populações e de luta por direitos sociais acontece desde o momento em que os povos vindos de África colocaram seus pés em solo brasileiro. As lutas dos movimentos sociais negros por direitos garantidos pela Constituição do Brasil estabelecida em 1888 ainda são pautas de diversas reivindicações enquanto combate político.

Em 2018, completamos 130 anos da Abolição da Escravidão no Brasil, mas a situação dos afrodescendentes no país, conforme os índices do Mapa da Violência e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ainda é preocupante, visto que são os mais afetados social e economicamente. O referido Mapa aponta que a população negra ainda é a que mais sofre com homicídios, pobreza e discriminação racial. No nosso entendimento, isso ocorre pois estamos em uma sociedade estruturalmente racista que visa manter o poder nas mãos dos grupos da elite dominante composta majoritariamente por pessoas não negras.

Quando pensamos em educação, temos alguns marcos que visam incorporar a História da África e dos Negros no currículo escolar e do ensino superior. Entre os marcos regulatórios que estruturam o campo educacional brasileiro, destacamos a ainda vigente Lei das Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) sancionada em dezembro de 1996, que se refere à inserção no currículo oficial de ensino da temática das Histórias e Culturas Afro-brasileira e Indígena. Esta sofreu alterações pela Lei Federal nº 10.639/03, que torna obrigatório o ensino de histórias e culturas africana e afro-brasileira nos ensinos fundamental e médio brasileiros, e proporcionou um grande avanço no que concerne à discussão das culturas e publicação de materiais didáticos e científicos sobre o tema. Posteriormente, a referida Lei foi alterada novamente, desta vez pela Lei Federal nº 11.645/2008, e introduziu também o ensino e história das culturas indígenas no ensino do país (BRASIL, 1996, 2003, 2008). Conforme Coelho e Soares (2016), estas Leis buscam

trazer visibilidade às demandas dos povos negros e indígenas mobilizados enquanto atores políticos para conquistar os direitos assegurados pela Constituição de 1988.

O Brasil criou Planos Nacionais e Diretrizes Curriculares para a inserção da História da África e do Negro nos currículos de instituições brasileiras, inclusive para o ensino superior. A Resolução CP/CNE nº 1, de 17 de junho de 2004, em seu Artigo 1º institui

[...] Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, a serem observadas pelas Instituições de ensino, que atuam nos níveis e modalidades da Educação Brasileira e, em especial, por Instituições que desenvolvem programas de formação inicial e continuada de professores (BRASIL, 2004, p. 01).

Além disso, ainda no Artigo 1º, inciso 2, informa que o “cumprimento das referidas Diretrizes Curriculares por parte das instituições de ensino será considerado na avaliação das condições de funcionamento do estabelecimento”. Em seu Artigo 5º, esta Resolução estabelece que os docentes dos cursos ministrados sejam “competentes no domínio de conteúdos de ensino e comprometidos com a educação de negros e não negros, sendo capazes de corrigir posturas, atitudes, palavras que impliquem desrespeito e discriminação” (BRASIL, 2004, p. 01).

Quanto à educação das relações étnico-raciais implementadas pelas Diretrizes, esta visa à reeducação das relações entre brancos e não-brancos, ou seja, que os indivíduos sejam reeducados quanto à valorização das identidades, culturas e das histórias de populações não-brancas que construíram e compõem o país. O que se propõe é o conhecimento sobre essas populações até então invisibilizadas para que suas histórias e culturas sejam discutidas e respeitadas, e assim haja a erradicação da discriminação e do preconceito racial (BRASIL, 2004).

Com o governo Temer, alguns dos progressos realizados a respeito da educação tiveram retrocesso¹⁸ com a reforma do ensino médio promovida a partir de 2015. A Lei nº 13.415/2017 alterou a LDB e:

¹⁸ Ao longo da escrita desta dissertação até a data de defesa em 2019 e o processo de depósito, o que percebemos foi um aumento exponencial deste retrocesso. Esse retrocesso não se deu somente no que concerne às populações negras, mas também às pautas indígenas, das mulheres e crianças, passando pelo cerceamento de alguns direitos básicos (trabalhistas, educacionais e de moradia) até o corte de bolsas de pesquisa na graduação e pós-graduação. Isso nos faz refletir sobre a urgência de debates como o que propomos nessa dissertação com o foco na profissão bibliotecária e a temática negra.

[...] estabeleceu uma mudança na estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica e profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade. (BRASIL, 2017c, s.p.).

Em seu Artigo 35-A, a referida lei infere que

A Base Nacional Comum Curricular definirá direitos e objetivos de aprendizagem do ensino médio, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Educação, nas seguintes áreas do conhecimento:

I - linguagens e suas tecnologias;

II - matemática e suas tecnologias;

III - ciências da natureza e suas tecnologias;

IV - ciências humanas e sociais aplicadas. (BRASIL, 2017a, s.p.).

Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), conteúdos como filosofia, sociologia, artes e educação física deixaram de ser obrigatórios no ensino médio. Embora ainda passe por algumas mudanças, a BNCC já foi homologada pelo Ministério da Educação (MEC), e segundo informe no site da BNCC, a mesma “deve nortear os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil” (BRASIL, 2017b, s.p.). Cada instituição terá até 2022 para adaptar seus currículos e deverá oferecer aqueles conteúdos que estiverem previstos na BNCC, que passa a definir o conteúdo mínimo a ser ministrado em sala de aula e as disciplinas que estarão obrigatoriamente no ensino médio. Assim, passaram a ser obrigatórias somente as disciplinas de português e matemática nos três anos do ensino médio.

Quando analisamos as culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula no ensino médio, as mesmas não aparecem no documento citado. No ensino fundamental, os temas da educação étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena instituídos pelas Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008 e os Pareceres CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004 (BRASIL, 2003, 2004a, 2004b, 2008) são citados na BNCC. Na referida Base, “essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de **forma contextualizada**” (BRASIL, 2018, p. 20, grifo nosso).

No contexto internacional, com a participação de representantes do Brasil na III Conferência Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata¹⁹ foi firmado o compromisso do País em realizar a implementação do Programa de Ação da Declaração de Durban²⁰, que busca à promoção e fomento do ensino e objetiva a capacitação e atividades educacionais que sejam relacionadas aos direitos humanos e à luta contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância (SILVA JÚNIOR, 2002a). Ainda no âmbito mundial, no ano de 2015, a Organização das Nações Unidas (ONU), corroborando com a Declaração de Durban e o Programa de Ação, proclama pela resolução 68/237, a Década Internacional dos Afrodescendentes durante o período de 2015 a 2024 em Assembleia Geral (ORGANIZAÇÃO..., 2013). Conforme a ONU, o:

O período também é uma oportunidade única de apoiar o Ano Internacional de Povos Afrodescendentes, observado pela comunidade internacional em 2011, além de destacar a importante contribuição dada pelas e pelos afrodescendentes para nossas sociedades e propor medidas concretas para promover a sua plena inclusão, o combate ao racismo, à discriminação racial, à xenofobia e à intolerância. (ORGANIZAÇÃO..., 2017, s. p.).

No entanto, apesar dos esforços das últimas décadas, com a eleição do novo governo em 2018 que se inicia em 2019, ainda não sabemos quais dos direitos já conquistados serão mantidos e qual será o papel do Estado na manutenção de desigualdades.

A despeito dos avanços do movimento negro para a inserção das culturas afros na educação, muitas áreas do conhecimento ainda não aderiram à introdução das culturas africana e afro-brasileira no currículo. Quando refletimos na inserção dessas culturas na grade curricular dos cursos de Biblioteconomia, sentimos a necessidade de analisar e

¹⁹ Esta Conferência Mundial foi realizada de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001 em Durban, África do Sul e contou com a presença de representantes de diversos países, entre eles, do Brasil. Foi a partir dessa Conferência que foi elaborada a “Declaração e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata”. O ano de 2001 foi o Ano Internacional de Mobilização contra o Racismo e Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata e tinha o objetivo de “chamar a atenção do mundo para os objetivos da Conferência Mundial e dar lugar a um novo momento para o compromisso político de eliminar todas as formas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata” (DECLARAÇÃO..., 2001, p. 3-4).

²⁰ A “Declaração e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata”: a) apresenta questões gerais sobre o propósito da Declaração e Programa; b) aborda sobre as origens, causas, formas e manifestações de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata; c) explicita sua preocupação sobre as vítimas de racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata; d) apresenta medidas preventivas, educacionais e de proteção com vistas à erradicação do racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata em níveis nacionais, regionais e internacionais; e) estabelece recursos e medidas eficazes de reparação, ressarcimento, indenização e outras medidas em níveis nacional, regional e internacional; f) aborda estratégias para alcançarmos a igualdade plena e efetiva de forma abrangente; entre outros pontos de discussão (DECLARAÇÃO..., 2001).

pesquisar como as mesmas estão sendo implementadas na formação do bibliotecário e profissional da informação, bem como na prática docente biblioteconômica-informacional. Com escolas e instituições de ensino cada vez mais pluriétnicas por conta das políticas públicas²¹ e ações afirmativas²², se torna desafiador a formação de bibliotecários/profissionais da informação que sejam mais sensíveis e respeitosos à

²¹ Embora não possua consenso quanto ao seu conceito, para esta dissertação, o conceito de política pública é que se trata de uma diretriz criada para solucionar um problema público. Uma política pública possui dois elementos principais: a intencionalidade pública e a “resposta a um problema público”. É, então, “uma orientação à atividade ou à passividade de alguém; as atividades ou passividades decorrentes dessa orientação fazem parte da política pública” (SECCHI, 2014, p. 02). Ainda conforme Leonardo Secchi, “a razão para o estabelecimento de uma política pública é o tratamento ou a resolução de um problema entendido como coletivamente relevante” (SECCHI, 2014, p. 02). Como exemplo de políticas públicas na área da educação, podemos citar “programa de reforço escolar para alunos com dificuldades de aprendizado nas disciplinas de português e matemática do ensino fundamental do estado do Amazonas” (SECCHI, 2014, p. 11).

²² O termo ação afirmativa teve sua origem nos Estados Unidos em 1960. Com fim das leis segregacionistas e a luta do movimento negro norte-americano pelo acesso a direitos civis, foi reivindicado que o Estado, além de garantir leis antissegregacionistas, também fosse ativo no compromisso de uma vida melhor para a população negra. Por isso, surgiu a ação afirmativa como uma ideia que representasse essa posição ativa do Estado (MOEHLECKE, 2002). Além do Brasil, países como Austrália, Índia, Malásia, Austrália, Nigéria, África do Sul, Argentina e Cuba também tiveram experiência no uso de ações afirmativas. Nesses cenários, as ações afirmativas podiam ser: a) programas do governo ou de empresas privadas; b) ações voluntárias, obrigatórias ou mistas; c) leis e orientações. No Brasil, as ações afirmativas surgiram, pois “movimentos sociais começaram a exigir uma postura mais ativa do Poder Público diante das questões como raça, gênero, etnia, e a adoção de medidas específicas para sua solução, como as ações afirmativas” (MOEHLECKE, 2002, p. 203). Conforme Moehlecke (2002), em 1968 tivemos o primeiro registro do que consideramos hoje ações afirmativas dentro do Ministério do Trabalho e do Tribunal Superior do Trabalho, no entanto, nenhuma lei foi elaborada. Em 1983, o deputado federal Abdias Nascimento apresentou um Projeto de Lei propondo uma “ação compensatória” para a população negra. Conforme a ementa do referido Projeto “Dispõe sobre ação compensatória, visando à implementação do princípio da isonomia social do negro, em relação aos demais segmentos étnicos da população brasileira, conforme direito assegurado pelo artigo 153, parágrafo primeiro, da Constituição da República” (BRASIL, 1983, p. 01). O Projeto de Lei propunha reserva de vagas para mulheres e homens negros no serviço público, bolsas de estudos; introdução, nos currículos escolares e acadêmicos, das ações positivas dos africanos e afrodescendentes à sociedade brasileira, a resistência desta população à escravidão por intermédio dos quilombos, a luta contra o racismo no período pós-abolicionista, inserção de conteúdos sobre as civilizações africanas (seus avanços tecnológicos e culturais antes da invasão da Europa em África) dentro da disciplina de História Geral, dentre outros aspectos reivindicados. No entanto, esse projeto foi arquivado em 1989 (BRASIL, 1983). Em 1988, foi promulgada a nova Constituição do Brasil e partir daí algumas iniciativas no Poder Público começaram a ser criadas a partir da luta do movimento negro. Em 1995, foi estabelecida a primeira política de cotas adotada em nível nacional: o estabelecimento de uma cota mínima de 30% destinada a mulheres enquanto candidatas de partidos políticos. Em 1995, em alusão aos 300 anos da morte de Zumbi, foi realizada a Marcha Zumbi dos Palmares. A partir dela, foram articuladas politicamente algumas ações do Movimento negro, que resultou no “Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial” (MOEHLECKE, 2002). No referido Programa, foram reivindicadas algumas ações. Posteriormente, foram implementadas: a) Sistema de Cotas nas Universidades (BRASIL, 2012); b) Criminalização do Racismo no Art. 5, inc. XLII da Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988); c) Reconhecimento de propriedade das terras de remanescentes de quilombos no Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003c); d) Pela Lei nº 10.678, de 23 de maio de 2003, foi criada a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; A mesma foi extinta em 2015, no governo Temer (BRASIL, 2003b, 2017); f) Criação do Estatuto da Igualdade Racial pela Lei nº 12.288, de julho de 2010 (BRASIL, 2010b), g) Lei nº 10.639/2003 inclui no currículo oficial da Rede de Ensino (pública e privada) a obrigatoriedade da História e Cultura Afro-brasileira (BRASIL, 2003); h) Lei nº 11.645/2008 que altera a Lei nº 10.639 e trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Indígena (BRASIL, 2008).

diversidade étnico-racial dos frequentadores e utilizadores dos serviços e produtos de bibliotecas e de unidades de informação.

Embora não reconheçamos como único movimento no tocante à questão das culturas africanas, a seguir, apresentaremos a vertente da *Black Librarianship* dos Estados Unidos. O movimento dos bibliotecários afro-americanos dedicou-se ao estudo e à luta pelo reconhecimento das culturas e histórias africanas na Biblioteconomia.

3.2.1 *Black Librarianship*: A Biblioteconomia Negra Americana

O movimento pelos direitos civis teve um profundo impacto na Biblioteconomia, assim como ocorreu em toda a sociedade americana daquele período. Organizações e indivíduos desempenharam importantes papéis ao moverem bibliotecas e associações de bibliotecas ao encontro da igualdade racial e irem contra a segregação racial existente nos Estados Unidos (LIPSCOMB, 2005).

A luta dos bibliotecários negros que atuaram na Biblioteconomia americana teve seu início a partir do *library movement* do século XIX. Em 1900, Edward Christopher Willians tornou-se o primeiro bibliotecário negro graduado pela Escola de Biblioteconomia do Estado de Nova York após realizar sua formação no período de um ano ao invés de dois anos (JOSEY, 1969 apud RAYMAN, 2015; JORDAN, 2000). Entre os anos de 1900 a 1936, 180 afro-americanos se graduaram em Biblioteconomia, conforme consta em *A Directory of Negro Graduates of Accredited Library Schools, 1900-1936* (COLUMBIA CIVIC LIBRARY ASSOCIATION, 1937).

A *Hampton Institute Library School* foi a única Escola de Biblioteconomia do Sul dos Estados Unidos a aceitar estudantes negros entre o período de 1925 a 1939. Ao total, o *Hampton Institute* graduou 183 bibliotecários negros durante o período de sua existência. Entre os profissionais oriundos da *Hampton Institute Library School*, podemos citar Eliza A. Gleadon, Josephine Thompson, Wallace Van Gleason, Augusta Baker, Zenobia Coleman, Albert P. Marshall, E. J. Josey, entre outros (JORDAN, 1977; SILVA, SALDANHA, 2018). Conforme Jordan (2000, p. 19, tradução nossa) elucida:

Antes do estabelecimento da *Hampton Institute Library School*, na Virgínia, bibliotecários negros treinados profissionalmente recebiam sua educação em instituições predominantemente brancas. A Escola de Biblioteconomia de Hampton foi fechada em 1939 e, em 1941, a Escola de Serviços de Biblioteca da Universidade de Atlanta assumiu a responsabilidade de educar a maioria dos bibliotecários negros americanos. Das fileiras de graduados de Hampton,

então, vieram a maioria dos pioneiros da Biblioteconomia americana que, por acaso, eram negros. Com cerca de cem anos de envolvimento no campo pelos negros, alguns parâmetros foram necessariamente colocados neste estudo. Muitos bibliotecários “pioneiros” estão vivos [anos 2000], alguns ainda trabalhando e outros apenas recentemente aposentados, de modo que este capítulo se refere apenas aos bibliotecários que foram mortos em 1960. Assim, a consideração das carreiras de Eliza A. Gleason, Virginia L. Jones e Hallie B. Brooks, Josephine Thompson, Wallace Van Jackson, Mollie Dunlop, Dorothy Porter, Carrie Robinson, EJ Josey, Annette Phinazee, Augusta Baker, Clara S. Jones, Zenobia Coleman, Morteza Sprague, Mollie Hustson Lee, Jean Blackwell Hutson, Albert P. Marshall, Lawrence Reddick e Milton Byam, para citar apenas alguns, devem ser realizados em outro momento.

Com o encerramento da Escola de Biblioteconomia do *Hampton Institute*, durante algum tempo, os profissionais tiveram acesso somente a programas *para-profissionais*²³ de atualização profissional ou cursos de verão. No Norte, eram diversas as Escolas de Biblioteconomia que permitiam o ingresso de afro-americanos em seus cursos (RAYMAN, 2015). No entanto, os estudantes negros que as frequentavam tinham dificuldades devido à desigualdade racial não formalizada (AMERICAN..., 1939 apud RAYMAN, 2015; GUNN, 1986 apud RAYMAN, 2015). Conforme Lipscomb (2004, s.p., tradução nossa):

A segregação racial das bibliotecas, a inexistência ou insuficiência de coleções e serviços de bibliotecas para minorias e desigualdades para bibliotecários, frequentemente estavam debaixo da superfície – não discutidos ou não reconhecidos. Os esforços para mover a Biblioteconomia para a integração e os direitos civis eram dolorosamente lentos, às vezes refletindo mudanças na sociedade como um todo e, outras vezes, em seu próprio ritmo.

O racismo também estava presente na vida profissional dos bibliotecários afro-americanos. Na Conferência Anual da *American Library Association* (ALA) de 1936 realizada em Richmond, por exemplo, bibliotecários negros foram impedidos de participar de sessões da Conferência devido às Leis de Segregação Racial (RAYMAN, 2015).

Embora os bibliotecários negros tivessem sido convidados pela ALA a participarem da Conferência, a Associação publicou na imprensa uma carta pública informando as condições para a participação dos mesmos (RAYMAN, 2015). Apesar de serem autorizados a ingressarem nos hotéis pela mesma entrada que os delegados brancos, os delegados negros não podiam ficar nos quartos dos hotéis anfitriões da Conferência e nem participarem das refeições, devido às Leis segregacionistas da Virgínia. Além disso,

²³ *Para-profissional* é um título de trabalho dado a pessoas em vários campos ocupacionais, que são treinados para auxiliar profissionais, mas que não possuem licenciatura profissional (OXFORD UNIVERSITY PRESS, 2018).

havia assentos das salas de reuniões que eram reservados aos bibliotecários e delegados negros. Essa atitude da Associação causou comentários contra o tratamento desigual dado pela ALA aos bibliotecários e delegados negros (RAYMAN, 2015).

Como resposta, a ALA criou um Comitê contra a Discriminação Racial, em dezembro de 1936. No relatório do Comitê publicado em janeiro de 1937, no *Bulletin of the American Library Association*, a Associação resolveu que estipularia as condições em que aceitaria a hospitalidade “com o devido respeito pelo seu próprio respeito e a de seus membros”. No entanto, não se opôs a qualquer parte geográfica do país para a realização da Conferência anual e informou que a condição para a seleção dos locais da mesma estaria condicionada à admissão de todos os membros em situação de igualdade total (RAYMAN, 2015). Esse episódio segregacionista ocorrido na Virgínia fez com que somente em 20 anos depois a ALA retornasse a realizar outra Conferência no Sul em um espaço não-segregado. Mesmo assim, os bibliotecários negros encontravam dificuldades para se hospedarem e eram obrigados a ficar com amigos ou parentes ou em pequenos hotéis (MARSHALL, 1970 apud RAYMAN, 2015).

A história da Biblioteconomia Negra dos Estados Unidos não possui somente bibliotecários entre o *roll* dos influenciadores. Existiram também “homens ilustres de livros” que marcaram essa vertente, entre eles os bibliófilos Arthur Schomburg e Henry P. Slaughter e o bibliógrafo Monroe Nathan Work (JORDAN, 2000; SILVA; SALDANHA, 2018).

Entre os bibliotecários negros atuantes na luta contra a segregação racial na Biblioteconomia americana e oriundos do *Hampton Institute*, destacamos E. J. Josey (1924-2009) (Figura 1). Professor emérito do Departamento de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Escola de Biblioteconomia e Ciências da Informação da Universidade de Pittsburgh e ex-presidente²⁴ da ALA (1984-1985), é considerado um dos mais importantes defensores dos direitos civis e da igualdade de oportunidades para bibliotecários afro-americanos, assim como um mentor para as demais etnias. Participou de movimentos civis contra a segregação e contra a discriminação racial, de idade, de gênero ou orientação sexual, tornando-se “o primeiro bibliotecário afro-americano a ser aceito como membro da *Georgia Library Association*” (AFRICOLOGY..., 2009, p. 235,

²⁴ Josey não foi o primeiro presidente negro da ALA. De 1975 a 1976, Clara Jones presidiu a Associação e desde sua eleição já houve quatro presidentes negros. ALA concede bolsas de estudos de Biblioteconomia a bibliotecários negros desde 1997. A *Black Caucus* concede a bolsa de estudos E. J. Josey desde 1994. (JOSEY, 1994 apud RAYMAN, 2015).

tradução nossa). Além disso, em 1970, foi eleito pela primeira vez para o Conselho da ALA onde ficou até 2000. Foi membro da ALA por mais de 48 anos e também presidiu o Comitê de Relações Internacionais da Associação (AFRICOLOGY..., 2009). Em 2002, tornou-se “membro honorário da ALA, a maior honra da associação, em reconhecimento a suas destacadas contribuições de importância duradoura para Bibliotecas e Biblioteconomia” (AFRICOLOGY..., 2009, p. 235, tradução nossa).

Figura 1 - Dr. E. J. Josey fundador da *Black Caucus* da *American Library Association* e Editor das duas edições do *Handbook of Black Librarianship* (1977 e 2000)



Fonte: *Africology: The Journal of Pan African Studies* (2009).

Entre os fatos importantes da carreira deste bibliotecário afro-americano, educador e intelectual encontra-se a fundação em 1970 da *Black Caucus of the American Library Association* (BCALA)²⁵ criada para atender às necessidades dos bibliotecários negros e para “agir ao invés de reagir” (JOSEY, 1994 apud RAYMAN, 2015). Conforme a BCALA:

Em 1969, E.J. Josey foi nomeado para o Comitê de Indicação da Associação Americana de Bibliotecas. Josey encorajou os bibliotecários negros a se

²⁵ A Missão da BCALA é servir “[...] como uma defensora do desenvolvimento, promoção e melhoria dos serviços e recursos da biblioteca para a comunidade afro-americana da nação; e fornece liderança para o recrutamento e desenvolvimento profissional de bibliotecários afro-americanos” (BLACK CAUCUS..., 2018a, s. p., tradução nossa).

reunirem na reunião da Midway de 1970 da ALA, em um esforço para encontrar candidatos negros e brancos socialmente responsáveis pelo Conselho da ALA de 1971. Na reunião, foi decidido que a ALA não estava atendendo às necessidades dos profissionais negros de bibliotecas e que uma Black Caucus [Convenção Política Negra] foi criada para atender às preocupações. E. J. Josey foi eleito presidente da Black Caucus e os dois primeiros objetivos da organização foram apresentar uma Declaração de Preocupação formal à ALA e submeter uma Resolução ao Conselho da ALA que censuraria bibliotecas e bibliotecários oferecendo materiais e serviços a escolas segregadas privadas que foram formadas com o objetivo de evitar a integração. Em 1992, o *Black Caucus* tornou-se formalmente afiliado à ALA e um fundo de bolsas de estudo recebeu o nome de E.J. Josey foi criado para fornecer assistência financeira aos afro-americanos para a procura de grau de graduação em Biblioteconomia e estudos da Informação. Este ano também marcou a primeira Conferência Nacional de Bibliotecários Afro-Americanos (NCAAL). Em 1995, o grupo celebrou seu 25º aniversário e revisou sua declaração de missão para que seja lida como atualmente. (BLACK CAUCUS..., 2018a, s.p., tradução nossa).

No preâmbulo do documento intitulado *Constitution and Bylaws of the Black Caucus of the American Library Association* (Constituição e Estatuto da Convenção Política Negra da Associação Americana de Bibliotecas) criado em 21 de janeiro de 1970 e alterado em 25 de junho de 2017, consta que, por considerarem a existência de um “atraso crítico no desenvolvimento da Biblioteconomia para os negros e considerando que há saídas inadequadas para os estudos e relatórios sobre questões relativas a cidadãos negros americanos” e além de que a profissão bibliotecária, em geral, e a ALA, em especial, haviam sido lentas em responder aos problemas dos negros, os membros negros da ALA resolveram se unir para criar a BCALA (BLACK CAUCUS..., 2017, p. 01, tradução nossa). Em seu Artigo 2º, este documento apresenta o propósito geral da BCALA onde informa que a mesma é “organizada exclusivamente para promover o desenvolvimento de serviços de bibliotecas e informação para afro-americanos e outras pessoas de ascendência africana” (BLACK CAUCUS... 2017, p. 01, tradução nossa). O propósito geral da BCALA é subdividido em oito propósitos específicos, a saber:

1. Chamar a atenção da American Library Association para a necessidade de responder positivamente em nome dos membros negros da profissão e das necessidades de informação da comunidade negra. A [Black] Caucus revisará, analisará, avaliará e recomendará ações sobre as necessidades dos bibliotecários negros que influenciarão seus status nas áreas de recrutamento, desenvolvimento, promoção e condições gerais de trabalho;
2. Revisar os registros e avaliar a posição dos candidatos para os vários cargos dentro da ALA para determinar seu impacto potencial sobre os bibliotecários negros e serviços para a comunidade negra;
3. Participar ativamente das atividades das Divisões, Mesas Redondas e Comitês da Associação Americana de Bibliotecas, participando ativamente desses grupos para garantir que estejam atendendo às necessidades dos bibliotecários negros;
4. Servir como uma “casa de compensação” (clearinghouse) para os bibliotecários negros na promoção de uma participação mais ampla de bibliotecários negros em todos os níveis da profissão e da Associação;

5. Apoiar e promover esforços para alcançar uma comunicação significativa e uma representação equitativa nas associações de bibliotecas estaduais e nos conselhos de administração e assessoria das bibliotecas nos níveis estadual e local;
6. Facilitar o serviço de biblioteca que atenda às necessidades informacionais dos negros;
7. Incentivar o desenvolvimento de recursos informativos confiáveis sobre negros e a disseminação dessas informações para a comunidade maior;
8. Abrir canais de comunicação para e através de bibliotecários negros em todas as entidades da American Library Association. (BLACK CAUCUS..., 2017, p. 1-2, tradução nossa).

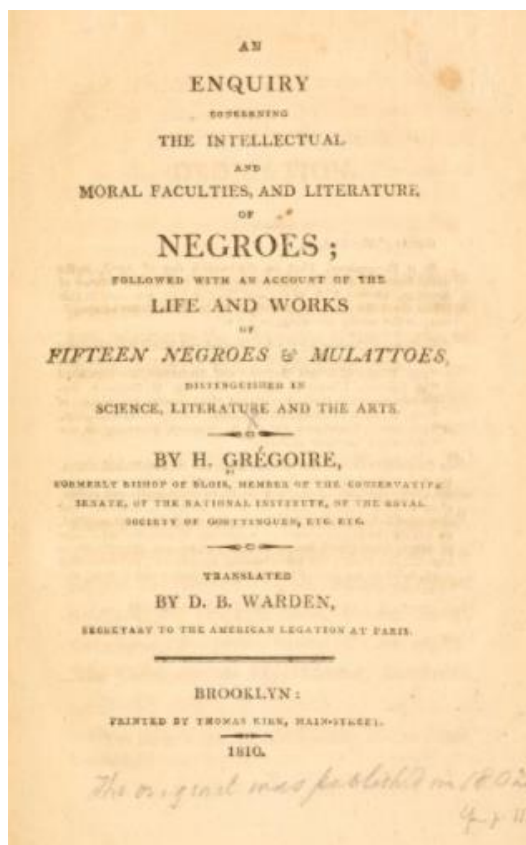
Além disso, o documento informa sobre reuniões, membros, disposição de ativos, estatuto, eleições e emendas. Também consta no Artigo 4º, seção 2, que será encorajado a todos os membros da BCALA tornarem-se membros da ALA, o que sugere a importância da participação dos membros negros na Associação visando o fortalecimento da classe, bem como as pautas dos bibliotecários negros (BLACK CAUCUS..., 2017).

Retomando os fatos importantes da carreira de E. J. Josey, destacamos que o mesmo é autor de mais 400 artigos em periódicos de Biblioteconomia, Educação e História. Em 1992, a biografia deste bibliotecário afro-americano foi lançada com o título *E. J. Josey: An Activist Librarian*, editado por Ismail H. Abdullahi. Josey escreveu e/ou editou 12 livros no campo da Biblioteconomia, entre eles apontamos: *The Black Librarian in America* em 1970, *What Black Librarians are Saying* em 1972, *New Dimension for Academic Library Service* em 1975, *Opportunities for Minorities in Librarianship* como co-editor com Kenneth E. Peebles Jr. em 1977, coeditor do *Handbook of Black Librarianship* em parceria com Ann Allen Shockley também no ano de 1977, *The Information Society: Issues and Answers* em 1978, *Ethnic Collections* com Marva L. DeLoach em 1983, *The Black Librarian in America Revisited* em 1994, editou a segunda edição do *Handbook of Black Librarianship* juntamente Marva L. DeLoach no ano de 2000 (AFRICOLOGY..., 2009).

Sobre o *Handbook of Black Librarianship* da edição de 1977, este possui 392 páginas, 37 capítulos e aborda episódios históricos da *Black Librarianship* apresentando uma cronologia de eventos que fazem parte da Biblioteconomia Negra Americana (ver Apêndice A) (JORDAN; JOSEY, 1977; SILVA, SALDANHA, 2018). Nessa cronologia apresentada por Jordan e Josey (1977), a primeira obra atribuída à *Black Librarianship* é intitulada *An enquiry concerning the intellectual and moral faculties, and literature of negroes; followed with an account of the life and works of fifteen negroes & mulattoes*,

distinguished in science, literature and the arts, de Henri Grégoire²⁶ publicada em 1810 (Figura 2). Contendo oito capítulos, essa obra foi traduzida para o inglês por Hamilton Rowan e discute obras literárias de autores (*Herodotus, Atheneus, Heliodorus, Eusebius, Hume*, entre outros) da época que abordavam questões sobre africanos e negros.

Figura 2 - Primeira obra atribuída à Biblioteconomia Negra Americana



Fonte: Archives.org (2018).

Importante lembrar que os Estados Unidos da América só aboliram a escravidão de africanos em 1863 com o Ato de Emancipação assinado pelo presidente Abraham Lincoln. No entanto, Henri Grégoire (1810) já discutia a escravidão e a sua abolição (entre outros assuntos), conforme nos conta Hamilton Rowan no prefácio da obra:

Este assunto é tão habilmente discutido pelo nosso autor, que o seu trabalho deve contribuir poderosamente para acelerar em todos os países a abolição deste tráfico injusto e desumano. O plano recentemente adotado pelo governo dos Estados Unidos e a decisão tardia do parlamento britânico dão espaço à

²⁶ Henri Grégoire foi um sacerdote e político francês que trabalhou pela “união do clero com o Terceiro Estado, pela concessão da cidadania aos judeus e pela abolição da escravatura”. Sua obra abolicionista *De la littérature des Nègres* (1808) “argumentou que os negros eram capazes das mesmas realizações intelectuais que os brancos” (ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA, 2018, s.p., tradução nossa).

esperança de que, em um período não muito distante, a escravidão absoluta não existirá mais. (ROWAN, 1810, p. 11, tradução nossa).

Além disso, o autor apresenta obras que consideram os africanos e negros como aqueles detentores de conhecimentos, como nesta passagem relacionada à filosofia apreendida pelos gregos com os negros, como na citação abaixo:

Gregory [1785], em seu *Historical and Moral Essays*, nos remete a eras remotas, para mostrar de maneira semelhante que os negros são nossos mestres na ciência; para os egípcios, entre os quais Pitágoras e outros gregos viajavam, para aprender filosofia, estavam na opinião de muitos escritores, não menos que os negros, cujas características nativas foram modificadas e alteradas pela mistura sucessiva de gregos, romanos e sarracenos. Se for provado que as ciências passaram da Índia para o Egito, é menos verdade que, para chegar à Europa, cruzaram o último país? (GRÉGOIRE, 1810, p. 23-24, tradução nossa).

O autor também discute obras que trazem a perspectiva do negro como inferior ao branco e desqualificam as faculdades intelectuais do negro e africano, como por exemplo na passagem abaixo:

Os filósofos não estão de acordo sobre qual parte do corpo humano deve ser considerada como a sede das afeições do pensamento. Descartes, Hartley, Buffon, oferecem a cada um seu sistema. Como o pensamento supostamente reside no cérebro, alguns concluíram que os maiores cérebros são mais ricamente dotados de talentos e que, como o cérebro dos negros é menor do que o dos brancos, o último deveria ser superior ao dos primeiros. Esta opinião é destruída por observações recentes. A maioria das aves, e os diferentes quadrúpedes e peixes, [...] têm proporcionalmente o cérebro mais volumoso que o homem. (GRÉGOIRE, 1810, p. 31, tradução nossa).

O autor pondera que a “opinião da inferioridade dos negros não é nova” e que a pretensa superioridade que os brancos possuem “é defendida por juízes interessados da mesma cor, cuja competência pode ser questionada, antes que sua decisão seja atacada” (GRÉGOIRE, 1810, p. 43, tradução nossa). Além das discussões supracitadas, Grégoire utiliza a literatura da época para articular sobre os “talentos dos negros para artes e ofícios”, “qualidades morais dos negros, amor pela indústria, coragem, bravura, ternura paterna, generosidade filial, etc.” (GRÉGOIRE, 1810, p. 89, tradução nossa). Ao final do livro, são trazidos depoimentos de afro-americanos pelo autor.

Sobre as organizações de Bibliotecas, a primeira edição de Jordan e Josey (1977) e a segunda edição de Josey e DeLoach (2000) abordam sobre as primeiras organizações:

- a) *Alabama Association of School Librarians* (AASL) – foi uma associação de bibliotecários escolares afro-americanos do Alabama. Conforme Carrie C. Robinson (2000), há pouca documentação registrada disponível sobre o começo

dessa Associação, no entanto, a autora encontrou o registro do primeiro encontro de bibliotecários afros do Alabama em março de 1944, no período em que ocorreu um programa de treinamento para bibliotecários escolares de escolas públicas para afro-americanos do Alabama. Um dos principais serviços oferecidos pela AASL foi de “proporcionar reuniões profissionais para as quais líderes destacados nas áreas de Educação e Biblioteconomia foram convidados como principais contribuintes” (ROBINSON, 2000, p. 52, tradução nossa). Em sua primeira década, a AASL reuniu esforços para integrar bibliotecários brancos e negros. Um dos eventos que culminaram nesta tentativa de integração foi quando a então presidente da Associação de Bibliotecas do Alabama, Gretchen Schenk, nomeou um comitê birracial. Antes de ocorrer a Reunião Anual da Associação de Bibliotecas do Alabama, a presidente convocou uma reunião do comitê birracial e convidou bibliotecários brancos e negros para participarem da mesma com o objetivo de “delinear os procedimentos para a aceitação de membros negros na antiga associação branca, em antecipação aos novos membros negros recrutados que participariam da próxima reunião anual” (ROBINSON, 2000, p. 53-54).

- b) *The Librarians' Section of the Georgia Teachers and Education Association (GTEA)* – A “Seção de Bibliotecários da Associação de Professores e Educação” foi criada em 1950. Tudo começou com um grupo de treze bibliotecários que, em 1949, se reuniu para a discussão e o compartilhamento de problemas e busca de soluções com a então consultora da Biblioteca Estadual, Clarice Jones Alston. Posteriormente, houve uma reunião onde buscava-se reunir bibliotecários escolares como uma seção da GTEA, o que foi aceito e aprovado pelo corpo de pais da Associação e Theodosia Theus tornou-se a presidente. Em 1951, houve o estabelecimento de novas diretrizes e propósitos para a Organização, entre eles: a) “o aprimoramento e expansão do serviço de biblioteca nas escolas, como medida de fortalecimento do programa educacional”; b) “a promoção do crescimento profissional e desenvolvimento de bibliotecários”; e c) a cooperação com outras organizações educacionais preocupadas com o bem-estar de crianças e jovens” (LEWIS, 2000, p. 60, tradução nossa). A Seção de Bibliotecários esteve desde sua criação no ano de 1950 até 1953, sob a gestão e direção de Clarice Jones Alston. Posteriormente, “sob a liderança de William D. Beasley, a Seção de Bibliotecários começou a emergir como uma força dinâmica e orientadora no

desenvolvimento do serviço de biblioteca na Educação Negra na Geórgia” (LEWIS, 2000, p. 60, tradução nossa). Lewis (2000, p. 61, tradução nossa) ressalta ainda que as contribuições feitas pela Seção de Bibliotecários da Associação de Professores e Educação da Geórgia “foram gravadas na história da educação na Geórgia”. E afirma que a “educação dos negros na Geórgia não poderia ter progredido sem a organização e a dedicação dos membros da Seção dos Bibliotecários”. “Com a fusão das associações de educação negras e brancas em 1969, a organização ficou conhecida como o Departamento de Bibliotecas da Associação de Educadores da Geórgia” (LEWIS, 2000, p. 61, tradução nossa).

- c) *North Carolina Negro Library Association* (NCNLA) – Esta Associação foi criada em abril de 1934, a partir da união de vinte e seis bibliotecários que se reuniram na Universidade de Shaw, Carolina do Norte, para discutir a formação da mesma. Conforme Marshall (2000), esta reunião trouxe respostas às condições que foram percebidas pela comunidade educacional negra. A primeira condição refere-se ao “um impulso educacional entre os negros na Carolina do Norte que, provavelmente, superou qualquer esforço estadual no resto do país” (MARSHALL, 2000, p. 63, tradução nossa). Doze faculdades do *Tar Heel State*²⁷ uniram-se para “fornecer o melhor ensino de graduação possível para seus alunos. Cinco instituições apoiadas pelo Estado trabalharam em harmonia com sete faculdades e institutos privados para melhorar a educação dos negros em geral” (MARSHALL, 2000, p. 63, tradução nossa). A segunda condição refere-se à “demanda por bibliotecários treinados, respaldada pelo apoio da fundação para estudantes que desejavam frequentar a Escola de Biblioteconomia do Instituto Hampton” (MARSHALL, 2000, p. 63-64, tradução nossa). Diversos bibliotecários já trabalhavam para o estado e uma “camaradagem” foi desenvolvida mesmo sem ter uma organização. Isso criou uma receptividade à ideia de organizar uma Associação. A terceira condição concerne ao fato de que a Associação de Bibliotecas da Carolina do Norte era composta por pessoas brancas e não conseguiu encontrar em seu corpo de filiados a disposição para convidar e aceitar membros negros, embora tenha acontecido debates sobre o

²⁷ É o apelido dado ao Estado da Carolina do Norte e ao seu povo. Ver mais em: QUINE, K. Why is North Carolina Called “The Tar Heel State”? **Our State**. 05 May 2015. Disponível em: <<https://www.ourstate.com/why-is-north-carolina-called-the-tar-heel-state/>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

assunto. A quarta condição relaciona-se ao fato de que, desde seu início em 1925, a Escola de Biblioteconomia do Instituto Hampton havia graduado pessoas que estavam trabalhando em cargos na Carolina do Norte e no ano de 1934, haviam dezessete bibliotecários profissionais trabalhando em instituições no estado. A quinta condição que auxiliou na criação da associação foi a presença de Mollie Huston Lee, que se tornou uma “movimentadora e agitadora” por toda sua vida profissional, visto que sempre viu oportunidades de praticar a profissão e “acreditava que, se conseguisse que bibliotecários trabalhassem juntos para a promoção de bibliotecas, a educação em geral seria aprimorada” (MARSHALL, 2000, p. 64, tradução nossa). A sexta condição versa sobre o estímulo aos bibliotecários de que participassem de outras associações além da Associação de Bibliotecas Negras. Além disso, “dois bibliotecários brancos que trabalhavam para o estado, muitas vezes, se esforçavam para fornecer orientação e encorajamento às bibliotecas em dificuldades que serviam à juventude negra” (MARSHALL, 2000, p. 64, tradução nossa). Mollie Huston Lee enviou cartas aos bibliotecários negros do estado em 1934 questionando sobre o interesse na criação da Associação. Houve unanimidade no apoio à ideia, com sugestões de ser uma organização estadual ou nacional. Em 1934, houve o encontro organizacional realizado na Universidade de Shaw contando com a presença de vinte e sete bibliotecários (escolares e públicos). Destes, alguns possuíam bacharelado e o restante não possuía ou possuía pouco treinamento especializado. O encontro ofereceu palestras sobre as fases do trabalho em uma biblioteca e foi realizada a votação dos primeiros presidente, vice-presidente, secretária e tesoureiro. Conforme Marshall (2000), durante sua existência, a NCNLA realizou um papel importante para a melhoria dos serviços oferecidos para negros em bibliotecas da Carolina do Norte. Além de criar líderes profissionais, aumentou o número de bibliotecários negros, com ou sem títulos profissionais. No encontro realizado no ano de 1936, criaram-se divisões de bibliotecas universitárias, públicas e escolares e, em 1939, foi criado um manual biblioteconômico que continha estatísticas e outras informações a respeito de bibliotecas que serviam aos negros no Estado (MARSHALL, 2000, p. 65, tradução nossa).

- d) *The South Carolina State Library Group* – Conforme Caldwell (2000), a história de bibliotecários negros no estado da Carolina do Sul alinha-se à história da

Associação Estadual de Educação Negra, a *Palmetto State Teacher's Association* (PSTA). No ano de 1967, a *Palmetto Education Association* (PEA) se uniu à associação de estadual de pessoas brancas, a *South Carolina Education* (SCEA). O secretário da primeira associação tornou-se o secretário associado e diretor de serviços especiais da segunda associação. A *Black State Library Association* (Associação de Bibliotecas Estaduais Negras) existia enquanto um Grupo Negro ou Departamento de Bibliotecas Estaduais, visto que a única associação de bibliotecas estaduais no período de 1936 a 1967 era uma associação segregada e não se encontrava presente em áreas resididas por afro-americanos. No início do Grupo, o termo “bibliotecário” designava não só os bibliotecários que possuíam bacharelado em Biblioteconomia pelo Instituto Hampton, mas professores-bibliotecários que estavam começando ou já haviam se matriculado em cursos de Biblioteconomia de diversas instituições. Posteriormente, esse termo passou a designar somente os profissionais certificados de acordo com as exigências do estado. A primeira reunião do grupo aconteceu em 1937 com três bibliotecárias de Charleston, Sadie Burroughs, Susan D. Butler e Mae H. Purcell. Susan D. Butler, presidiu temporariamente o *South Carolina State Library Group* e o objetivo da reunião foi organizar um grupo de bibliotecas estaduais. Para isso, o grupo decidiu:

1) a votação para nomear um Comitê de Bibliotecas do Estado que se aplicaria à Associação de Professores Estaduais de Palmetto para se tornar uma parte funcional dessa organização, 2) elegeram Geraldine P. Zimmerman, professora-bibliotecária do Condado de York, como presidente e Susan D. Butler e Charliese P. Sheffield como secretárias, e 3) marcaram a próxima reunião a ser realizada na Palmetto State Teacher's Association em março de 1938 (CALDWELL, 2000, p. 70, tradução nossa).

A partir do grupo, foram estabelecidos metas, objetivos e resultados que definiram um formato para o grupo de bibliotecas, bem como criaram-se tópicos centrados em temas contemporâneos que refletiam as preocupações dos tempos (CALDWELL, 2000).

- e) *The Division of Librarians of the Virginia State Teachers* – Em 1933, foi elaborado pelo bibliotecário do *Virginia State College*, Alpha S. Rogers, um grupo para auxiliar pessoas não treinadas encarregadas de coleções de livros. Esse grupo posteriormente ficou conhecido como *Division of Librarians of the Virginia State Teachers Associations* (Divisão de Bibliotecários da Associação de Professores

do Estado da Virgínia). Mais tarde, em 1934, o editorial do *Bulletin of Virginia State Teachers Association* relatou que, pela primeira vez, a Conferência de Bibliotecários e Professores-Bibliotecários se reuniu na 47ª Convenção Anual da Associação, realizada em novembro de 1934. Antes da reunião ocorrer, foi realizada uma emenda por um comitê da Associação de Professores para adicionar no Artigo XXI mais um departamento, desta vez o de Bibliotecários. Na convenção de 1935, Vivian T. Tucker apresentou um artigo na Convenção de 1935 intitulado *The School Library – A Field of Service* (A Biblioteca Escolar – Um campo de Serviço) e em sua apresentação afirmou que a Conferência da 1934 evidenciou a necessidade de bibliotecários treinados, pois estes podem “dar seu tempo e energia totais ao curso” ao invés dos professores-bibliotecários que viviam “enterrados com deveres da sala de aula” (TUCKER, 1935 apud HILL, 2000, p. 76, tradução nossa). Na 48ª Convenção Anual da Associação, Wallace Van Jackson, proferiu sobre a importância de se obter treinamento profissional e um diploma em cursos aprovados no *State Teachers College* ou no *Hampton Institute Library School*. Sobre o desenvolvimento da Divisão de Bibliotecários da Associação dos Professores do Estado da Virgínia, Hill (2000) aponta que podemos visualizar melhor quando nos atemos aos programas de liderança que a Divisão promoveu nos primeiros anos de sua existência. Além disso, uma revisão do *Virginia Teachers Bulletin* revelou que “não só os bibliotecários escolares, como bibliotecários, bibliotecários públicos e outros educadores participaram das reuniões” promovidas pela Divisão (HILL, 2000, p. 77, tradução nossa). Hill finaliza afirmando que “com toda a probabilidade, a faculdade e os bibliotecários públicos se interessaram pela organização porque, na época, lhes foi negada a participação na Associação da Biblioteca da Virgínia” (HILL, 2000, p. 77, tradução nossa). Assim, a Divisão de Bibliotecas incentivou seus membros a se engajarem na educação continuada e incutiu nos diretores e supervisores a importância da biblioteca no processo educacional. Além disso, inseriu o valor do serviço de bibliotecas e na oportunidade por dada por ele de fornecer um genuíno serviço educativo para as crianças da escola e professores (HILL, 2000).

A *Black Librarianship* da década de 1960, pontuada no *Handbook of Black Librarianship* de 1977, traz a realidade dos profissionais negros que eram membros de

organizações nacionais e se depararam com o racismo dentro dessas organizações profissionais.

A partir disso, chegaram à conclusão de que o racismo poderia ter impacto nas suas profissões e desenvolvimento profissional. Neste sentido, começaram a se organizar para criar organizações visando garantir a sua liberdade enquanto pessoas e profissionais, bem como lutar contra o racismo presente em suas vidas. Existiram conferências como a *National Conference of Black Political Scientists*, onde cientistas políticos negros se organizaram e elaboraram uma publicação bimestral; a *National Conference of Black Lawyers*, de advogados negros que criaram a *American Bar Association*, organização estabelecida para combater o racismo; e a *National Association of Black Social Workers* foi criada por trabalhadores sociais negros. No caso da Biblioteconomia e na *American Library Association*, os negros não romperam seus laços com a organização profissional nacional. Contudo, se organizaram em *caucus* (convenção política), “considerado um encontro fechado de um grupo de pessoas pertencentes ao mesmo partido político ou facção - geralmente com o objetivo de decidir sobre a política” (JOSEY, 1977 apud SILVA; SALDANHA, 2018, p. 299).

Conforme Silva e Saldanha (2018, p. 299), a “Bibliografia descritiva” apresentada no *Handbook of Librarianship* pode ser considerada como “manifesto da luta sobre as disputas do meio social na qual o campo biblioteconômico-informacional se insere objetivamente”. Como podemos perceber, as lutas sociais fazem parte da Biblioteconomia Negra Americana e a união dos bibliotecários e não bibliotecários em prol da educação da população afro-americana foi o fio condutor dessas lutas e atuação política dentro da Biblioteconomia Estadunidense. No contexto brasileiro, seria possível delinear a existência de uma Biblioteconomia Negra Brasileira, tendo por base a construção de uma crítica da formação dos bibliotecários do país?

3.2.2 Existe uma Biblioteconomia Negra Brasileira?

Para esta seção terciária, nos baseamos no seguinte questionamento: Quais os elementos que compõem a Biblioteconomia Negra Brasileira? Como podemos perceber na seção anterior, existiram elementos (autores antirracistas, bibliografias produzidas por bibliotecários afro-americanos, escolas de Biblioteconomia para formação de bibliotecários negros, criação de associações e incentivo à participação de bibliotecários negros na ALA, estímulo à formação em Biblioteconomia, entre outros aspectos) que consolidaram a *Black Librarianship* dos Estados Unidos enquanto movimento pelas causas sociais e educacionais de Bibliotecários negros americanos.

Pensando no contexto brasileiro, pretendemos verificar se há construção de um movimento para consolidação da Biblioteconomia Negra Brasileira. Não pretendemos comparar os movimentos dos Estados Unidos e do Brasil, mas sim, a partir de cada contexto, analisar criticamente quais os aspectos, eventos, atores e elementos que poderiam ser considerados os precursores de uma Biblioteconomia Negra Brasileira. Aproveitamos para elucidar que esta etapa não busca cumprir um papel “etapa metodológica”, mas sim, busca a construção crítico-argumentativa do referencial teórico desta pesquisa.

Segundo Aquino e Santana (2005, p. 02), “a informação, o conhecimento, a sabedoria, os gestos, as relações e os valores do homem africano foram sistematizados no discurso eurocêntrico como nocivos à cultura branca”. Além disso, a historiografia brasileira buscou invisibilizar e apagar as culturas africanas e afrodescendentes em diversas áreas do conhecimento e permitir que as perspectivas eurocentradas se tornassem a “norma” e o “padrão” a serem seguidos. Embora tenhamos conhecimento que os estudos sobre BCI criados no Brasil advêm das vertentes americanas e francesas, refletimos que somente um “certo lado da história” foi realçado dentro do ensino e formação do bibliotecário e profissional da informação brasileira. Vide o caso da *Black Librarianship* americana: quando fizemos a pesquisa pelos termos “*Black Librarianship*”, “*Black Librarianship Americana*” e “Biblioteconomia Negra Americana”, não obtivemos nenhuma recuperação de informações a este respeito na Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Brasil.

Até onde temos conhecimento, o capítulo de livro publicado por Silva e Saldanha (2018) intitulado “As Culturas Africanas e Afrodescendentes em Biblioteconomia & Ciência da Informação no Brasil: Epistemologia histórica, pensamento crítico e meio social” foi um dos primeiros a abordar a *Black Librarianship Americana* no Brasil. Os manuais de história da Biblioteconomia mundial e brasileira disponíveis no Brasil tendem a reduzir toda a construção da Biblioteconomia estadunidense ao discurso tecnicista, sem se atentar para a construção crítico-social de diferentes linhas de pensamento dessa heterogênea tradição, como o caso da questão do negro nesse contexto. No referido estudo, os autores ressaltam que um dos motivos para ainda estarmos em construção de uma Biblioteconomia Negra Brasileira é o fato de que certas pesquisas sobre as culturas dentro da BCI ainda são discutidas como inaugurais, sem buscar reforçar os autores que já as estudavam, tornando-se, assim, “uma série ininterrupta de desconstruções isoladas”

(SILVA; SALDANHA, 2018, p. 292). Nesse sentido, a importância da presente pesquisa está também em buscar resgatar e apresentar fatos, atores e estudos sobre as culturas africanas e afrodescendentes dentro da BCI brasileira visando estabelecer, quiçá, a Biblioteconomia Negra Brasileira.

Alguns eventos poderiam ser considerados demarcadores dessa Biblioteconomia Negra no Brasil. Considerando os limites desta pesquisa, encontramos como primeiro material bibliográfico sobre as populações de origem africana publicado pela Biblioteca Nacional o livro intitulado “Para uma história do negro no Brasil” lançado em 1988 (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988). Com 64 páginas, essa obra aborda a escravidão no Brasil, o fim do tráfico negreiro, o movimento abolicionista e a busca de cidadania e igualdades pela população negra. A sua publicação foi possível por conta da Lei nº 7.505/1986 (Lei Sarney) com recursos concedidos pela Fundação Nestlé de Cultura para a Sociedade de Amigos da Biblioteca Nacional (BIBLIOTECA NACIONAL, 1988).

Figura 3 - Livro “Para uma história do negro no Brasil” publicado em 1988 pela Biblioteca Nacional



Fonte: Biblioteca Nacional (2018).

Com relação à formação bibliotecária, Regina Santos Silva Tonini²⁸ foi a primeira mulher negra graduada em Biblioteconomia e Documentação no ano de 1966 pela Universidade Federal da Bahia e tornou-se Mestre em Ciências da Informação em 1998, pela Universidade de Brasília (UnB) com a dissertação intitulada “Análise de Custos de Produtos e Serviços de Informação e Documentação”. Regina Tonini, posteriormente foi contratada em 1975 pela Petróleo Brasileiro S.A. (PETROBRAS) onde atua até hoje.

Quanto à atuação docente, Maria Aparecida Moura foi a primeira bibliotecária negra que se tornou Professora Titular na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além de ser uma professora negra dentro de uma instituição renomada, sua atuação dentro da Escola de Ciência da Informação (ECI/UFMG) tem auxiliado em diversas pautas em prol da diversidade étnico-racial e antirracista, como no caso do Programa de Ensino, Pesquisa e Extensão “Ações Afirmativas na UFMG”, articulado juntamente com Professora Nilma Lino Gomes, da Faculdade de Educação da Instituição, no ano de 2001. Este Programa foi aprovado no Concurso Nacional “Cor no Ensino Superior”, promovido pelo Programa Políticas da Cor, do Laboratório de Políticas Públicas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), com apoio da Fundação Ford (CHAGAS, 2019). “A principal proposta do projeto era promover a entrada e permanência de estudantes negros(as), sobretudo os(as) de baixa-renda, nos cursos de graduação e pós-graduação da UFMG” (CHAGAS, 2019, p. 22).

De 2006 a 2008 coordenou o projeto de pesquisa “Estudo de Viabilidade para a criação do curso de Graduação em Ciência da Informação em Moçambique Pró-África/CNPq – (Brasil e Moçambique)²⁹” cujo objetivo era

Realizar estudo de viabilidade social, política e técnica para criação de um curso de graduação em Ciência da Informação em Moçambique, tendo em vista constituir os elementos fundamentais, no âmbito da Sociedade da informação, para a articulação de uma agenda sócio-cultural do ponto de vista dos países em desenvolvimento. (MOURA, 2019a, s.p.)

Quanto às pesquisas em andamento, Moura (2019) está elaborando o “Coexistence: Thesaurus of intersectionality – race, gender, sexuality, feminist studies³⁰” definido como “um dispositivo colaborativo para a organização do conhecimento a partir

²⁸ Informações retiradas do Currículo Lattes da Bibliotecária Regina Tonini, disponíveis no endereço: <<http://lattes.cnpq.br/8601766937340709>>. Acesso em: 20 de abr. 2018.

²⁹ Informação retirada do site profissional da professora. Disponível em: <<http://mamoura.eci.ufmg.br/?p=125>>. Acesso em: mar. 2019.

³⁰ Informação retirada do site profissional da professora. Disponível em: <http://mamoura.eci.ufmg.br/?page_id=842>. Acesso em: mar. 2019.

de uma perspectiva de interseccionalidade” (MOURA, 2019b, s.p., tradução nossa). Busca, então, “sistematizar, organizar e disseminar os termos, conceitos e teorias que podem nos auxiliar na atuação como acadêmicos, profissionais da informação, ativistas, professores e formadores de opinião para um mundo mais justo e igualitário nos diferentes aspectos” (MOURA, 2019b, s.p., tradução nossa).

Além disso, esta docente e bibliotecária negra tornou-se Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 no ano de 2016³¹, bem como teve participação em outros projetos que visavam à inclusão de “pessoas vindas de grupos historicamente desfavorecidos na academia, como o Programa Afirmção na Pós-graduação, fruto de consórcio entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e o CEFET/MG” (CHAGAS, 2019, p. 23).

Quanto às entidades de classe, em 09 de outubro de 1984, o bibliotecário Edson Miguel de Jesus tomou posse como Presidente da 7ª Gestão do CFB (1984/1987) e tornou-se (conforme os dados da presente pesquisa) o primeiro presidente negro do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB) (CONSELHO FEDERAL..., 2019).

Segundo o livro “Bibliotecário: 50 anos da regulamentação da Profissão no Brasil (1965-2015)” (CORTÊ et al, 2015), a eleição da 7ª Gestão ocorreu no dia 21 de setembro de 1984 na atual sede do Conselho Federal de Biblioteconomia. À época, em reunião com os presidentes dos Conselhos Regionais no ano de 1985, o presidente propôs a elaboração de um plano de trabalho conjunto entre o CFB e os CRBs (CONSELHO FEDERAL..., 2015). Conforme elucida o livro supracitado,

A proposta comum entre os presentes foi a necessidade da realização de estudos no sentido de melhorar o desempenho operacional e o planejamento das ações, visando a valorização e a dignificação do bibliotecário, sua profissionalização, seu aperfeiçoamento e ampliação das oportunidades no mercado de trabalho (CONSELHO FEDERAL... 2015, p. 49).

Como contribuição desta Gestão, houve o estudo de questões vinculadas à regulamentação do estágio curricular e extracurricular na formação bibliotecária, bem como o mercado de trabalho e o Código de Ética Profissional do Bibliotecário. Além disso, foi criado o 14º Conselho Regional de Biblioteconomia que recebeu a jurisdição no Estado de Santa Catarina (CONSELHO FEDERAL..., 2015).

Ainda durante sob a presidência de Edson Miguel de Jesus, foi realizada alteração no artigo 3º da Lei nº 4.084/62 pela Lei nº 7.504/186 que passou a instituir a

³¹ Informação retirada do Currículo Lattes da Professora. Disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4791199H9>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

obrigatoriedade na apresentação de diploma de Bacharel em Biblioteconomia aos Técnicos de Documentação (CONSELHO FEDERAL..., 2015).

Na 12ª Gestão do CFB (2000/2003), José Fernando Modesto da Silva tornou-se o segundo presidente negro do Conselho entre agosto de 2000 a março de 2002. Antes de ser Presidente do CFB, já havia sido Conselheiro em Gestões anteriores e foi também Presidente na 9ª Gestão do Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região (CRB-8) no período de 1991 a 1993 (CONSELHO FEDERAL..., 2015).

Em 2015, Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda tornou-se o primeiro bibliotecário negro diretor da Direção de Avaliação e Informações Institucionais (DAINF) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)³² e, em 2019, foi eleito como o terceiro presidente negro do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB), na 18ª Gestão (2019/2021)³³.

Sobre a atuação bibliotecária em prol da inserção das questões étnico-raciais nos CFB/CRB, no ano de 2016, a bibliotecária negra Dandara Baçã realizou uma petição intitulada “Presidência do CFB e CRBs: Criação da Comissão de equidade de raça e gênero no âmbito CFB/CRB³⁴” na Avaaz.org com o principal objetivo de reivindicar uma “Comissão de Equidade de Raça e Gênero”. Para solicitar a criação da Comissão, Baçã se ampara em Fonseca (2005) e no

[...] art. 26 do decreto nº 56.725, de 16 de agosto de 1965, [que informa que] o Conselho Federal de Biblioteconomia poderá organizar Comissões ou Grupos de Trabalho, para execução de determinadas tarefas. Na lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962, podemos explicitar as seguintes alíneas do artigo 15 sobre as atividades do CFB que dizem respeito a toda a profissão de bibliotecário: h) deliberar sobre questões oriundas do exercício de atividades afins à especialidade do bibliotecário; i) convocar e realizar, periodicamente, congressos de conselheiros federais para estudar, debater e orientar assuntos referentes à profissão (BAÇÃ, 2016, s. p.).

Dandara Baçã justifica que essa Comissão criada no âmbito do CFB permitirá a “participação aberta a todos os bibliotecários do país para discutirmos a equidade de gênero e raça para que possamos construir como classe a reflexão sobre essas questões de forma eficiente e eficaz” (BAÇÃ, 2016, s.p.). Conforme a autora, os objetivos da Comissão seriam:

- Contribuir para a eliminação de todas as formas de discriminação no acesso, remuneração, ascensão e permanência no emprego;

³² Fonte: PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda**. Brasília, 2019. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8713013619609185>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

³³ Fonte: SISTEMA CFB/CRB. **Diretoria**. S.l., 2019. Disponível em: <<https://www.cfb.org.br/institucional/diretoria/>>. Acesso em: 24 jan. 2019.

³⁴ Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB)/Conselho Regional de Biblioteconomia (CRB).

- Conscientizar e incentivar empregadoras e empregadores em relação às práticas de gestão de pessoas e de cultura organizacional que promovam a igualdade de oportunidades entre mulheres e homens dentro das organizações;
- Reconhecer publicamente o compromisso das organizações com a igualdade entre mulheres e homens no mundo do trabalho;
- Promover a rede Pró-Equidade de Gênero e Raça;
- Disponibilizar e divulgar um banco de práticas de igualdade entre mulheres e homens e raça no âmbito da gestão de pessoas e da cultura organizacional no mundo do trabalho
- Incorporação de indicadores da diversidade de gênero e raça na seleção, contratação e promoção da força de trabalho;
- Efetivação de medidas orientadas para combater a desigualdade e a discriminação;
- Consideração da diversidade de experiências, atitudes e conhecimentos na organização, garantindo critérios equitativos para a valorização de tarefas, postos e lugares de decisão, tendo em conta o equilíbrio entre o número de mulheres e homens e as responsabilidades familiares, na perspectiva racial;
- Incorporação dos direitos das mulheres estabelecidos na Constituição Federal de 1988 e nas convenções e tratados internacionais ratificados pelo Brasil. (BAÇÃ, 2016, s.p.).

A Comissão também possuiria ações distribuídas em eixos, tais como, capacitação e treinamentos, acesso a direitos, cultura organizacional, etc. Enquanto formato, disponibilizaria informações por intermédio da biblioteca virtual do CFB, além da realização de fóruns online, participação em eventos científicos da BCI e canal de denúncia e informações (BAÇÃ, 2016, s.p.). Em entrevista à Revista Biblio, a bibliotecária afirma que “não é só na biblioteca da diversidade que o ‘diverso’ precisa ter acesso à informação, mas em toda a unidade de informação” (TARGINO, 2016, s.p.). Além disso, Dandara Baçã defende que “a informação é o veículo redutor de incertezas, capaz de mudar as estruturas cognitivas do indivíduo e podemos ser partícipes ativos desse processo. Podemos fazer da carteirinha de acesso à biblioteca uma ferramenta de direitos quando o transexual pode ter o nome social nela” (TARGINO, 2016, s.p.)

Outro fator relevante para a Biblioteconomia brasileira em prol das lutas étnico-raciais refere-se à publicação, no ano de 2017, do “Repertório Bibliográfico Sobre a Condição do Negro no Brasil” coordenado pelo bibliotecário negro Raphael Cavalcante e pela psicóloga Clarissa Estrêla e publicado pelas Edições da Câmara dos Deputados. Com o intuito de contribuir para a celebração do Dia da Consciência Negra de 2017, houve a união do Comitê Gestor do Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça e da Biblioteca da Câmara dos Deputados para a elaboração da obra. Conforme os organizadores e coordenadores do Repertório,

Apesar de todos os avanços nos campos social, legal e institucional em relação à promoção da igualdade racial, acreditamos que esta obra é uma contribuição oportuna e necessária para a promoção da igualdade racial e para a consolidação da consciência negra, que é uma construção histórica e diária, um

exercício de cidadania para todos os que acreditam que uma grande nação se faz com respeito aos direitos de todos os cidadãos, independentemente da cor da pele ou do grupo étnico. (CAVALCANTE et al., 2017, p. 11).

Nesse sentido, o objetivo é que a obra seja utilizada não só por legisladores e especialistas das culturas, mas pela sociedade como um todo promovendo assim, o debate, a análise, a reflexão e a denúncia da condição do negro brasileiro a partir da leitura das obras indicadas (CAVALCANTE et al., 2017).

Outro ponto de demarcação da Biblioteconomia Negra Brasileira é o livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política³⁵” organizado pelas bibliotecárias negras, Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima. Publicado em 2018 pela Editora da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB), o livro possui 18 capítulos escritos por técnicas negras em Biblioteconomia e bibliotecárias e bibliotecários negros dos mais variados níveis acadêmicos (graduação, mestrado, doutorado) e de atuação profissional. Para Maria Aparecida Moura, esse livro “indica novas estratégias para enfrentamento histórico do racismo nos marcos da ampliação da presença negra no campo da Ciência da Informação e áreas correlatas” (MOURA, 2018, p. 12). Dessa forma, o livro “busca a representatividade e protagonismo negro” e tem o intuito de mostrar “que a/o bibliotecária/o negra/o existe e ocupa diversos espaços, que tem voz e pode falar por si, que pode expor e pesquisar sobre os desafios que, diuturnamente, fazem parte de sua luta pelo reconhecimento como ser intelectual e humano” (SILVA; LIMA, 2018, p. 14).

Para podermos identificar uma possível Biblioteconomia Negra Brasileira, decidimos mapear os dados dos primeiros trabalhos publicados sobre as culturas que envolvem o negro/afrodescendente/afro-brasileiro em livros, artigos e eventos científicos da BCI brasileira. Primeiramente, buscamos identificar no Repositório das apresentações e palestras nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da

³⁵ A partir da união entre bibliotecárias e bibliotecários negros que fizeram parte desta obra e de outros bibliotecários negros do país foi elaborado, sob coordenação de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima, Andreia Sousa da Silva e Daniella Camara Pizarro, o I Encontro Nacional de Bibliotecárias/os Negras/os e Antirracistas, realizado na Universidade do Estado de Santa Catarina nos dias 08 e 09 de julho de 2019. Com o tema “O protagonismo de bibliotecárias/os negras/os na Biblioteconomia e Ciência da Informação”, o foco do evento foi se “constituir como um espaço público de discussão, proposição e luta pela promoção da profissão bibliotecária e pela valorização das/os bibliotecárias/os negras/os e antirracistas” (ENCONTRO, 2019, s.p). Assim, seu objetivo principal foi promover o protagonismo de bibliotecárias/os negras/os e antirracistas e “de ações de engajamento em prol de melhores condições de emprego e trabalho, acesso à educação e à capacitação, desconstrução do racismo institucional e estrutural, além de ações voltadas para o fortalecimento identitário das populações de origem africana em bibliotecas e unidades de informação sejam estrategicamente discutidas e organizadas” (ENCONTRO, 2019, s.p.). Informações sobre o evento encontram-se disponível em: <<https://encontrodebibliote.wixsite.com/bibliotecarixsnegrxs>>. Acesso em: jul. 2019.

Informação (BENANCIB) para o período de 1997 a 2016 e no site do XVIII Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação para coletar os trabalhos apresentados em 2017, visto que no repositório os dados não estavam disponíveis.

Para a construção sociocrítica do referencial teórico desta dissertação, foram utilizados os termos de pesquisa: “negro”, “afro-brasileiro” e “afrodescendente” no campo de busca do referido repositório entre 27 de março de 2018 a 31 de março de 2018. Ao total, foram recuperados com os termos de pesquisa 320 trabalhos, divididos entre comunicação oral e pôsteres. Foram lidos os resumos, título e palavras-chaves de cada trabalho, e quando não suficientes para compreender se tratavam algum aspecto das culturas africana e afro-brasileira na BCI, o trabalho foi lido por completo. Além disso, retiramos as duplicidades de textos que foram recuperados por mais de um termo de pesquisa, sendo atribuído ao texto o primeiro termo que o recuperou. Do total recuperado, 60 trabalhos discutem, em algum aspecto, as culturas relacionadas à África, negros, afrodescendentes e afro-brasileiros na BCI.

A partir dos resultados, podemos identificar que o primeiro trabalho sobre as culturas em questão foi apresentado no III Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (III ENANCIB) sob o título de “O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais” escrito por Arlete Nery de Andrade, Judite dos Santos Rosário e Leila Beatriz Ribeiro no ano de 1997. Conforme as autoras, este trabalho deriva do Projeto de Pesquisa criado em 1995 intitulado “Um Jeito 'Charm' de Ser: as relações de comunicação e práticas de informação no espaço dançante carioca”. Seu objetivo era

Desenvolver uma visão sobre a realidade afro-brasileira, analisando os bailes de Charme na cidade do Rio de Janeiro, enquanto espaço social, em suas formas de organização, de comunicação, de informação e de lazer, cuja representação é expressa através da imagem simbólica do ‘jovem negro elegante, educado e gentil’ (PLARAFORMA..., 2018a, s.p.).

Assim, podemos considerar que este foi o primeiro trabalho apresentado no ENANCIB que faz parte da Biblioteconomia Negra Brasileira e que, neste contexto, visou o resgate da “memória histórico-cultural do charme em favor do reconhecimento da autoestima e da construção de uma identidade negro-brasileira” (ANDRADE; ROSÁRIO; RIBEIRO, 1997, p. 52). Importante ressaltarmos que as autoras não são bibliotecárias. As mesmas são oriundas das áreas de Comunicação Social e História. No entanto, Judite dos

Santos Rosário e Leila Beatriz Ribeiro possuem pós-graduação em Ciência da Informação (PLATAFORMA..., 2018a, 2018b).

Com relação aos primeiros trabalhos escritos por bibliotecários sobre as culturas africana e afro-brasileira, destacamos o trabalho intitulado “Informatização e organização do trabalho em bibliotecas universitárias: estudo comparado entre Brasil, Moçambique e África do Sul³⁶” de Manuel Valente Mangué (não é brasileiro – é um pensamento que vem da África para o Brasil) e Helena Maria Tarchi Crivellari (MANGUE; CRIVELLARI, 2005) e o trabalho “Representação informacional e as temáticas nacionais: desafios e tendências para a elaboração de linguagens de indexação” de Maria Aparecida Moura (MOURA, 2005), também apresentados no VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VI ENANCIB). O primeiro trabalho é oriundo da tese de doutorado do Manuel Valente Mangué

[...] intitulada “Consolidação do Processo de Informatização em Sistemas de Bibliotecas da África do Sul, Brasil e Moçambique”, cujo propósito era analisar a inter-relação entre os elementos políticos, organizacionais, técnico-biblioteconômicos e tecnológicos presentes em processos de informatização, bem como as políticas e estratégias (macro e micro) que nortearam a adoção dos Sistemas Integrados de Gerenciamento de Bibliotecas (SIGB) nas bibliotecas que serviram de referência empírica.

O segundo trabalho relata “experiências de pesquisa e elaboração de tesouros em que especificidade do contexto nacional foi evidenciada em termos da representação da informação: Tesouro Eletrônico de Cinema brasileiro, Tesouro Eletrônico para indexação de atestados de obra e tesouro de religiões afro-brasileiras em Minas Gerais (Congado, Umbanda e Candomblé)” (MOURA, 2005, p. 02).

Com Mestrado em Biblioteconomia e sendo considerada por esta pesquisa como uma afro-brasileira, a Professora Mirian de Albuquerque Aquino obteve o maior número (12) de trabalhos acadêmicos (comunicação oral e pôster) apresentados nos ENANCIBs que tratam das culturas africanas e afro-brasileira juntamente com seus orientados e orientadas: Vanessa Santana, Jobson Francisco da Silva Junior, Leyde Klébia Rodrigues da Silva, entre outros. Sua primeira participação foi no VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VI ENANCIB), ano de 2005 no GT1: Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação, com o trabalho intitulado “Para além dos discursos: imagens de inclusão social/racial na sociedade do conhecimento” escrito em parceria com

³⁶ Este artigo foi escolhido entre os melhores do VI ENANCIB – ANCIB. Informação obtida do Currículo Lattes do autor do trabalho. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/7552293400017250>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

Vanessa Alves Santana. Este estudo apresenta uma “análise de imagens de negros/negras no discurso da inclusão social/racial em ambientes universitários” (AQUINO; SANTANA, 2005, p. 01).

Conforme pesquisa realizada na BRAPCI compreendendo o ano de 1988 a 2017, o primeiro artigo sobre as culturas foi escrito pela bibliotecária³⁷ Brasilina Passarelli, com o título de “Hipermissão na aprendizagem - construção de um protótipo interativo: a escravidão no Brasil”, publicado na Revista Ciência da Informação no ano de 1993. No mesmo ano, a bibliotecária defendeu sua tese de mesmo título no curso de Doutorado em Ciências da Comunicação, da Universidade de São Paulo (PASSARELLI, 1993a, 1993b).

Ao avaliar o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB), organizado pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), Silva e Saldanha (2018) encontraram, no período de 2013 a 2017, cinco trabalhos apresentados sobre as culturas relacionadas aos afros. Ao analisarmos os eventos de 2011, 2009 e 2007 não encontramos nenhum trabalho sobre as culturas na programação.

No ano de 2017, foi inserida na programação do XXVII CBBB, a roda de conversa “Conversando sobre as bibliotecas e a década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024. Práticas, fazeres e desafios”, onde foi proposta a discussão, no âmbito da BCI, relacionada ao crescimento de pesquisas e debates em torno das relações raciais, dos estudos africanos e afro-brasileiros, da Lei Federal nº 10.639/2003 e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicas Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana. O debate abordado inferia que “o bibliotecário é um profissional que deve sempre se lembrar das suas responsabilidades sociais, promovendo ações e disseminando informações relacionadas à sociedade brasileira sem qualquer tipo de discriminação” (CONGRESSO..., 2017, s.p.). E, por fim, foram perguntadas questões como:

Por isso, como nós, bibliotecários, independentemente de sermos negros ou de outra etnia, devemos nos posicionar para atuar num contexto de construção de debates mais sólidos e com ações mais pontuais sobre educação das relações étnicas raciais, diversidade étnica, racismo e igualdade racial para estabelecer a implantação da lei citada (por exemplo)? Como promover as práticas, fazeres e desafios para aproximar a Biblioteconomia das informações relacionadas à história, memória e cultura africana e afro brasileira desconhecidas até então por boa parte dos bibliotecários brasileiros? Como promover práticas que

³⁷ Dados retirados do Currículo Lattes da autora. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/8136525601831162>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

possam fortalecer a promoção da igualdade racial e a luta antirracista? (CONGRESSO..., 2017, s.p.).

Não encontramos nas programações dos anos anteriores do evento nenhum outro momento referente a essas discussões, exceto a acima citada. No entanto, identificamos comunicações orais referentes às culturas às culturas africana e afro-brasileira no evento.

Analizamos também os trabalhos apresentados nas edições do Painel Biblioteconomia em Santa Catarina de 1999 a 2017 e encontramos como primeiro³⁸ artigo apresentado sobre as culturas africana e afro-brasileira, “O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação” de Andreia Sousa da Silva e Elaine Rosângela de Oliveira Lucas (SILVA; LUCAS, 2005) apresentado no XXIV Painel Biblioteconomia em Santa Catarina no de 2005. Posteriormente, este artigo foi publicado na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina como um dos melhores trabalhos apresentados no evento (SILVA; LUCAS, 2006).

Em 2011, foi apresentado no 30º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina o relato de experiência “Disseminando a igualdade: um balanço da Biblioteca de Referência sobre diversidade cultural – BRDC/NEAB/UDESC (2009/2010)” de Graziela dos Santos Lima e Paulino de Jesus Francisco Cardoso que aborda a experiência de biblioteca especializada nas culturas africana e afro-brasileira (LIMA; CARDOSO, 2011). Este trabalho também foi selecionado como um dos melhores apresentados no evento e foi publicado na Revista ACB no ano de 2012 (LIMA; CARDOSO, 2012). Em 2014 e 2015, respectivamente, os trabalhos “Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC” de Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima e Amabile Costa (CARDOSO et al., 2014) e “Os interagentes da biblioteca de referência NEAB/UDESC: avaliação da biblioteca especializada em temática africana, afro-brasileira e indígena” de Paulino de Jesus Francisco Cardo, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Amabile Costa e Graziela dos Santos Lima (CARDOSO et al., 2015) foram apresentados abordando sobre a mesma Biblioteca especializada no XXXII Painel Biblioteconomia em Santa Catarina e 33º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina. Todos os artigos supracitados foram publicados posteriormente na Revista ACB.

No ano de 2016, o 34º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina incluiu em sua programação, a mesa redonda “A presença da diversidade cultural no contexto da Ciência

³⁸ Considerando as fontes disponíveis no site da Associação Catarinense de Bibliotecários. Disponível em: <<https://www.acbsc.org.br/painel-Biblioteconomia-de-santa-catarina/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

da Informação³⁹” e entre as convidadas desta mesa, a bibliotecária e docente negra Maria Aparecida Moura, da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste evento foi apresentado o artigo “Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na Biblioteca” de Elisângela Gomes. Posteriormente, este artigo foi publicado na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina (GOMES, 2016).

No ano de 2018, foi realizado o 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, sob a coordenação da bibliotecária negra, Andreia Sousa da Silva, tendo como tema “A formação política e os espaços transformadores de atuação do bibliotecário no contexto atual”. Neste evento, foi oferecida a oficina “Questões étnico-raciais na formação e na atuação do bibliotecário”, ministrada por Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Andreia Sousa da Silva e Graziela dos Santos Lima (PAINEL..., 2018), bem como contou com o lançamento do livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política”. Com capítulos produzidos por bibliotecárias e bibliotecários negros com relatos de experiência em unidades de informação, resultados de pesquisas de mestrado e doutorado e experiências docentes. Entre as comunicações orais apresentadas no evento, destacamos o trabalho “(Re)existir: narrativas negras na Biblioteconomia” dos bibliotecários negros, Elisângela Gomes e Erinaldo Dias Valério, apresentado no eixo educacional, que contemplava as culturas africanas e afro-brasileiras dentro da área (PAINEL..., 2018).

Com relação ao ensino de Biblioteconomia vinculado às questões étnico-raciais, em 2017, o artigo intitulado “As temáticas africana e afro-brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação” de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Daniella Camara Pizarro e Gustavo Silva Saldanha, apresentado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) e, posteriormente, publicado na revista Tendências de Pesquisa em Ciência da Informação, promoveu uma crítica epistemológica frente à construção da formação em Biblioteconomia e focou nos problemas apontados na área buscando reconhecer como estão sendo desenvolvidas (ou se estão ausentes) as temáticas africana e afro-brasileira na constituição da Biblioteconomia Brasileira (SILVA; PIZARRO; SALDANHA, 2017).

No ano de 2018, o livro “Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política” (SILVA; LIMA, 2018) trouxe alguns capítulos para pensarmos o ensino, a formação bibliotecária e a inclusão das temáticas étnico-raciais nos cursos e disciplinas. O capítulo “Pensando uma Biblioteconomia Afrodiaspórica” (LIMA; SILVA, 2018)

³⁹ Informação retirada da programação do evento apresentada no site do evento. Disponível em: <<https://34painelBiblioteconomia.wordpress.com/blog/dia-1111/>>. Acesso em: 27 abr. 2018.

aponta sugestões de bibliografias, autores, assuntos e temas a serem inseridos em disciplinas dos cursos visando a representação do que chamam de “Biblioteconomia Afrodiaspórica”. Disciplinas como Fundamentos da Biblioteconomia, Introdução à Biblioteconomia, Fundamentos da Organização do Conhecimento, Representação descritiva, Representação temática, Introdução ao Pensamento Filosófico e Científico receberam sugestões para a inserção de um pensamento que valorize as temáticas ligadas às pessoas negras e busque formar profissionais que sejam mais humanos e respeitosos da diversidade, identidade e dos saberes dessas populações (LIMA; SILVA, 2018).

Dávila Maria Feitosa da Silva e Erinaldo Dias Valério, em seu capítulo “Descolonizando o fazer bibliotecário: uma ação urgente e necessária” presente na obra supracitada, discutem a descolonização da prática e dos serviços oferecidos por bibliotecários. Neste capítulo, apresentam como a formação bibliotecária - entre outros pontos - possui suas bases vinculadas à colonialidade do saber e que o processo educativo acaba por promover a estereotipia da população negra e sua representação negativada em aparatos de construção do imaginário social. (SILVA; VALÉRIO, 2018).

Erinaldo Dias Valério publicou o capítulo “A formação política do(a) bibliotecário(a) no campo das relações raciais” no livro “Formação e atuação política na Biblioteconomia” no qual “debate questões preliminares sobre a formação política do(a) bibliotecário(a), no que se refere a atuação antirracista nas diferentes unidades de informação e apresentar algumas possibilidades de ação prática” (VALÉRIO, 2018, p. 285). Neste mesmo livro, Elisângela Gomes discute sobre o currículo de Biblioteconomia, a função social da área e a temática étnico-racial no contexto universitário (GOMES, 2018).

No que concerne à branquitude no ensino de BCI, o trabalho apresentado no Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB) intitulado “A Branquitude nas Práticas docentes em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Notas Teórico-Críticas sobre um Ensino no âmbito do preconceito racial” de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Gustavo Silva Saldanha e Daniella Camara Pizarro “suscitar discussões sobre questões relacionadas ao impacto da branquitude na formação biblioteconômico-informacional” (SILVA; SALDANHA; PIZARRO, 2018, p. 3811).

Mas afinal, existe uma Biblioteconomia Negra Brasileira? A partir desses questionamentos, elaboramos a definição de Biblioteconomia Negra e uma cronologia parcial das publicações (livros, capítulos de livros, artigos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso), atuação e eventos (graduação de pessoas negras em

Biblioteconomia; contratação de bibliotecários negros em bibliotecas, unidades de informação e instituições de ensino; participação de bibliotecários negros em Conselhos Federal/Estaduais de Biblioteconomia e Associações Bibliotecárias), do que, para nós, representaria a existência do que chamamos de Biblioteconomia Negra Brasileira.

Para esta pesquisa, a Biblioteconomia Negra Brasileira é reconhecida como um movimento reflexivo que discute a formação na área, a atuação bibliotecária de profissionais negros e a produção científica realizada por bibliotecários negros e não-negros sobre questões étnico-raciais. O movimento envolve os aspectos que respondem pela condição social das populações de origem africana no Brasil através das lentes teórico-metodológicas da Biblioteconomia. Esse movimento se utiliza inicialmente da teoria e das técnicas da bibliografia como instrumento de resistência, visibilidade e representação da identidade da população negra brasileira.

Esta cronologia⁴⁰ foi elaborada a partir da compilação inicial de artigos publicados em periódicos científicos da área, livros publicados por bibliotecários, trabalhos apresentados em eventos científicos da BCI, Dados do Currículo Lattes de Bibliotecários Negros⁴¹ e de Pesquisadores da área, dados de sites (CFB, CRB, FEBAB, ABECIN⁴², ANCIB⁴³ e sites profissionais) e anais de eventos, da BDTD, da BRAPCI, do BENANCIB, Painel Biblioteconomia em Santa Catarina, entre outros.

Assim, conforme nos mostra o Apêndice B desta dissertação existe formação, atuação, eventos e produção bibliográfica que compõem o que aqui chamamos de Biblioteconomia Negra Brasileira. Observamos uma crescente produção de estudos a partir dos anos 2000, talvez pela criação das Leis nº 10.639/2003, nº 11.645/2008, Diretrizes e Planos Nacionais para a inclusão das culturas do Negro no ensino e a Lei de

⁴⁰ Para a coleta de publicações visando compor a Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira apresentada na seção terciária 3.2.2 e Apêndice B, foi realizado um levantamento de fontes na BRAPCI, Base de Teses e Dissertações (BDTD), Repositório das apresentações e palestras nos Encontros Nacionais de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (BENANCIB), Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), Associação Catarinense de Bibliotecários e Repertório Bibliográfico sobre o Negro, além de sites e anais de eventos científicos da BCI.

⁴¹ Conforme o Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2008), o termo “negro” significa: a) Adj. (Indivíduo) Que tem a pele escura; b) S. A cor preta; c) Adj. Dessa cor; d) Diz-se dessa cor. Para esta pesquisa, foi entendido como “bibliotecárias e bibliotecários negros” pessoas graduadas em Biblioteconomia e que apresentavam traços fenotípicos (pele negra/escuro e/ou cabelo crespo ou cacheado) de pessoas de origem africana, conforme a identificação feita pela pesquisadora no momento da coleta dos dados no Currículo Lattes. Consideramos também como bibliotecárias e bibliotecários negros, aqueles bibliotecários que se autodeclararam como negros ou pardos no questionário de caracterização durante a coleta de entrevista do estudo.

⁴² Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN).

⁴³ Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB).

Cotas nas Instituições de ensino superior. Assim, conforme os dados apresentados até o momento, podemos concordar com Silva e Saldanha (2018, p. 304) ao dizer que “alguns avanços vêm sendo registrados no desenvolvimento de pesquisas voltadas para o estudo das culturas e tentativas de colocar em cena a visibilidade da história e cultura dos africanos e seus descendentes”.

Mas quais seriam os principais elementos que dificultariam a criação de uma Biblioteconomia Negra Brasileira, como um movimento social articulado colaborativo, orientado para pautas abertas, porém compartilhadas em comunidade em prol da luta pela justiça social?

Para responder às questões, nós nos fundamentamos em cinco hipóteses que articulam os elementos de África, de escravidão e de construção social da distinção na vida do negro no Brasil e na Biblioteconomia brasileira, estruturados até este momento na dissertação ao longo de nosso referencial teórico. São eles: o mito da democracia racial, o racismo, a ideologia do branqueamento, a branquitude e a ausência de negros nos espaços de produção do conhecimento. A seguir, buscaremos explicitar de forma crítica o que dificultaria ou tornaria diferente a criação desse movimento de articulação entre bibliotecários negros na sociedade brasileira.

O primeiro ponto a considerar para a construção ou não desse movimento no campo biblioteconômico-informacional seria o “mito da democracia racial”⁴⁴. O Brasil foi um dos últimos países a abolir a escravatura, onde foram quase quatrocentos anos de escravismo colonial (MOURA, 1983). Esse fato histórico-social faz parte da formação e consolidação da sociedade brasileira e, conforme infere Clóvis Moura (1983), isto não parece sensibilizar ou estimular os cientistas sociais a analisar de forma profunda quais as marcas que o período escravista deixou nessa sociedade. Foi no período escravista Brasil que todas as visões a respeito dos afrodescendentes foram elaboradas e assimiladas, onde os homens e mulheres africanos passaram a serem vistos como “coisas” e sua humanidade foi retirada pelos senhores (MOURA, 1983). Posteriormente, uma “política de memória” (HUYSSSEN, 2000) foi construída pelo Estado visando contar uma “história

⁴⁴ Góes e Correia (2015, p. 175-176) afirmam que a democracia racial “Trata-se de um pacto criado na ditadura varguista visando incluir o Brasil na constelação dos países que expressam a perspectiva da democracia e, nos anos de 1960, após a instituição da ditadura civil militar, com vistas a combater o discurso de negritude, oriundo do movimento encabeçado por Aimé Césaire, com a finalidade de reivindicar a cultura e a identidade negra, procurando eliminar a visão pejorativa do termo “negro” e atribuir a este uma qualidade. Razão pela qual o movimento preconizava a ideia do orgulho de ser negro, de demonstrar a participação e a contribuição do africano ao processo civilizatório. A “democracia racial”, portanto, viria na contramão de qualquer projeto de construção de negritude”.

única” (ADICHIE, 2009), ou seja, a história dos vencedores e daqueles que detêm o poder. Em outras palavras, o discurso elaborado pelo Estado é o que afirma ser o dia 13 de maio de 1888, o dia da Abolição da Escravatura quando a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea. A partir desse fato, os escravizados foram “libertos”, mas sem receberem terras, moradia, trabalho ou pagamento pelos anos trabalhados em solo brasileiro. Mas quando acontece o mito da democracia racial?

O mito da democracia racial foi inserido pelo Estado no período da República em 1889, quando foram mobilizados esforços para a construção da ideia de uma nação construída pela unidade de seu povo e pelo esquecimento da abolição da escravidão (XAVIER, 2014). Para Domingues (2009, s.p.) “embora o racismo à brasileira, no pós-abolição, tenha sido exacerbado na prática social, foi neste momento que as bases teóricas do mito da democracia racial se consolidaram no imaginário social”. Entretanto, podemos dizer que foi no contexto político entre as décadas de 1960 e 1970 do século XX com a ascensão da ditadura militar que os militares aprofundaram o mito da democracia racial, negando de forma veemente o problema racial do país. Nessa época, a ideia que era divulgada no exterior era a de um país que possuía harmonia entre as “três raças” e formalizava a igualdade entre raças sem nenhuma restrição para ascensão social da população que a elas pertencessem (JESUS, 2016). Assim, a democracia racial, significaria “um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial, e, em certa medida, um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação” (DOMINGUES, 2009, s.p.).

Quando analisamos o contexto atual, verificamos que na sociedade brasileira existe a visão “economicista” que, segundo Jessé Souza (2016, p. 22), nos faz acreditar que o “marginalizado social” possui “as mesmas capacidades e disposições de comportamento do indivíduo da classe média”. E, ainda nesse aspecto,

o miserável e sua miséria são percebidos como contingentes fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível, bastando para isso uma ajuda passageira e tópica do Estado para que ele possa ‘andar com as próprias pernas’ (SOUZA, 2016, p. 22).

Nesse sentido, perguntamos: qual é a maioria dos marginalizados e miseráveis no Brasil? Respondemos: a população negra! Conforme dados demográficos, a população negra é a maioria da população brasileira (pretos e pardos) e é a que mais se encontra em situação de vulnerabilidade econômica, educacional e social. É também a que mais sofre

com o genocídio⁴⁵ e encarceramento em massa promovidos pelo Estado, assim como os alarmantes níveis de feminicídio⁴⁶ de mulheres negras. O mito da democracia racial cai por terra quando, além dos dados supracitados, verificamos que mesmo que o negro ascenda socialmente, ele ainda não consegue se livrar do “estigma da cor” que o acompanhará diariamente e fará com que passe por situações racistas mesmo que faça parte da elite. Houve diversos casos de racismo sofridos por pessoas negras de diversos extratos da sociedade, entre eles, podemos citar: a) o recente caso da advogada negra Valéria Santos⁴⁷, que sofreu racismo institucional em fórum de Duque de Caxias e chegou a ser algemada e conduzida para delegacia após discordar de juíza sobre poder acessar os documentos referentes ao caso de sua cliente (DEISTER, 2018); b) o caso de racismo sofrido pela vereadora Marielle Franco⁴⁸ em aeroporto (LINS, 2017); c) o racismo sofrido pela vereadora Lucimar Ponciano⁴⁹ durante sessão da Câmara (LÉLIS, 2017); d) Taís Araújo⁵⁰ e o racismo sofrido nas redes sociais *online* (G1 Rio, 2017).

Mas qual a relação dos fatos com o campo biblioteconômico-informacional? Muitos elementos fazem parte do fazer do profissional da informação e bibliotecário, que não pode deixar de ser visto como um cidadão que faz parte de um contexto social e possui crenças, valores e preconceitos intrínsecos. Nesse sentido, a formação profissional, se busca a construção de um ponto de vista crítico e dialético do plano social, orientar-se-ia para questões ligadas à sociedade, sua composição populacional e as demandas informacionais de todo os grupos que a compõe.

Contextualizadas dentre as ciências sociais, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação abordariam, sob a via crítico-dialética, um olhar social e transformador a partir dos currículos e instrumentos normativos dos cursos, o incentivo à uma formação profissional voltada para o lado humanístico das mesmas.

⁴⁵ Para maiores informações, acessar: CERQUEIRA, D. et al. **Mapa da Violência 2017**. Rio de Janeiro: IPEA, FBSP, junho de 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/FxYVJy>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁴⁶ Para maiores informações ler: WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: ONU, 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/FfzZni>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

⁴⁷ DEISTER, J. (ed.) Advogada negra é vítima de racismo institucional em fórum de Duque de Caxias (RJ). **Brasil de Fato**. Rio de Janeiro, 11 Set. 2018. Disponível em: <<http://twixar.me/Fj53>>. Acesso em: 15 set. 2018.

⁴⁸ LINS, M. N. Vereadora Marielle Franco denuncia racismo no Aeroporto de Brasília. **Extra**. Rio de Janeiro, 13 fev. 2017. Disponível em: <<http://twixar.me/Lj53>>. Acesso em: 15 set. 2018.

⁴⁹ LÉLIS, H. Vereadora de Jacareí é vítima de racismo durante sessão de Câmara. **O Vale**. 17 nov. 2017. Disponível em: <<http://twixar.me/Wj53>>. Acesso em: 15 set. 2018.

⁵⁰ G1 Rio. Atriz Taís Araújo é alvo de comentários racistas em rede social. **G1.Globo.com**. 01 nov. 2015. Disponível em: <<http://twixar.me/Zj53>>. Acesso em: 15 set. 2018.

Outra hipótese que destacamos está na ideologia do branqueamento. Essa ideologia integra as pseudo-teorias raciais, como a eugenia⁵¹, que visavam o estabelecimento de padrões genéticos superiores na raça humana. Esse padrão baseava-se na ideia de que o homem branco europeu é quem possuía os melhores aspectos fenotípicos e qualidades intrínsecas e que, portanto, era “superior” às outras “raças”. Conforme Santos (2005) e Domingues (2005), no Brasil, as heranças colonialistas deixaram milhares de africanos e descendentes após a abolição da escravatura e, com receio de que o país se tornasse uma “outra África” resolveram “clarear” ou “branquear” a população. Com isso, foi incentivada a imigração de europeus para o país. Ao chegarem aqui, os europeus recebiam lotes de terra para trabalharem e se desenvolverem. O branqueamento populacional surgiu como sendo uma resposta aos problemas do governo, visto que ajudaria no sistema econômico e auxiliaria na criação de uma nova nação.

Respaldada pelas teorias racialistas do século XIX, propostas pelo francês Conde de Gobineau, e rapidamente incorporadas por intelectuais brasileiros, como Nina Rodrigues, Silvio Romero, Oliveira Viana, etc. a elite brasileira sustentava que havia necessidade, para que nos constituíssemos como povo, sermos uma só raça. (SANTOS, 2005, p. 176).

Assim, a população brasileira passou a se considerar miscigenada, ou seja, pertencente a várias origens étnicas e, sobretudo, foi ensinada a encontrar nos fenotípicos do homem e mulher branca, o ideal de ser humano.

Aqui, consideramos que esse poderia ser um dos principais motivos para o tardio desenvolvimento do movimento de uma Biblioteconomia Negra, devido ao fato de que o bibliotecário ou bibliotecária negro/a não sabe definir (por conta dos motivos já explicitados na seção 2.1 deste estudo) exatamente a que etnia pertence, além de ver que na sociedade, o fenótipo do negro é invisibilizado, ridicularizado e não é o ideal a ser seguido. Importante reforçar que o principal elemento conotativo das “representações dos negros constituídas pelos brancos é o de que o branqueamento é uma doença e patologia peculiar” atribuída aos negros, que possuem o desejo de branquear a si e a seus descendentes ou “de alcançar privilégios da branquitude por inveja, imitação e falta de identidade étnica positivada” (CARONE, 2014, p. 17). Ou seja, há um imaginário social

⁵¹ A eugenia foi criada no século XIX pelo antropólogo Francis Galton e é definida como um ‘um conjunto de idéias e práticas que visava ao ‘melhoramento da raça humana’ ou [...] ‘o aprimoramento da raça humana pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade’” (MACIEL, 1999, p. 121). A eugenia “teve um grande sucesso e, mesmo após o seu questionamento como ciência, ainda se manteve por um longo tempo como justificativa para práticas discriminatórias e racistas. No Brasil, ganhou vulto nas primeiras décadas do século XX, pois seus pressupostos forneciam uma explicação para a situação do país [...] e, ao mesmo tempo, indicava o caminho para a superação dessa situação” (MACIEL, 1999, p. 121).

que foi construído acerca da ideologia do branqueamento que trouxe alterações de função e de sentido no imaginário social (CARONE, 2014). Nesse contexto, definir-se como negro no Brasil é considerado um ato político e definir-se como parte de uma Biblioteconomia Negra Brasileira e trazer à pauta a luta desses profissionais para se manter nos espaços formativos e de trabalho seria algo que requereria uma estrutura identitária forte.

Identificamos a terceira hipótese que dificultaria a criação de uma Biblioteconomia Negra Brasileira: a branquitude. Para Liv Sovik (2014, p. 168),

a branquitude brasileira é um lugar de fala, envolvendo relações socioeconômicas, socioculturais e psíquicas, como Ruth Frankenberg (1997) afirma sobre a norte-americana. Está arraigada em questões de imagem e autoimagem, como dizem Muniz Sodré (1999) e Guerreiro Ramos (1995). É formada ao longo de uma história específica.

Os estudos críticos da branquitude pesquisa os grupos raciais brancos e seus privilégios simbólicos, imateriais e materiais na sociedade (SCHUCMAN, 2014a). Dentro da estrutura social brasileira, a elite branca brasileira é a que detém o poder econômico, estético, educacional e *status* social. Dessa forma, essa elite não deseja que grupos marginalizados e considerados por ela como subalternos ascendam socialmente, pois para que ela possa se manter é preciso que haja a mão de obra barata e que o estabelecimento do branco como ideal a ser seguido permaneça.

Essa ideia de hierarquização racial e cultural, imposta primeiramente pelo colonialismo, foi a que manteve a concepção de que deve haver uma oposição ao “outro”, bem como a sua subordinação (SILVA, 2017). É por causa da branquitude que o racismo continua acontecendo, pois a elite brasileira utiliza-se da desatualizada noção de “raça” como elemento social para justificar a opressão sobre grupos considerados “minorias sociais”. Por esse motivo, poderíamos considerar a branquitude como um dos impeditivos de uma atuação mais crítica do bibliotecário negro brasileiro, sobretudo, porque a partir da sociedade (racista) é que aspectos positivos da identidade negra são invisibilizados ou subrepresentados nos espaços de poder dominados por uma elite minoritária e branca e, por conseguinte, o faz considerar as culturas e aspectos europeus como norma e ideal ser seguido.

A branquitude seria também a responsável por considerarmos as histórias e culturas europeias e americanas como aquelas que devem ser privilegiadas no ensino, visto que nos foi incentivado, desde os tempos da criação de nossa sociedade que somente

o que é “de fora” é bom, belo e correto e o fato de sermos descendentes de italianos, alemães e americanos é melhor do que termos descendência indígena ou africana.

Por fim, elencamos o racismo, presente na vida da população negra brasileira de forma estrutural e estruturante em diversos setores (educacional, institucional, político, jurídico, econômico, religioso) da sociedade e que permeia, transpassa e complementa as quatro hipóteses supracitadas.

Mas será que as bibliografias da Biblioteconomia Negra Americana e Biblioteconomia Negra Brasileira são inclusas nos currículos e nas práticas biblioteconômico-informacionais brasileiras? Para averiguar esta inserção, iremos avaliar nos resultados desta pesquisa, as bibliografias das disciplinas dos cursos de graduação em Biblioteconomia e Pós-Graduação em Ciência da Informação.

3.3 A EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA E AS CULTURAS AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NO CURRÍCULO DOS CURSOS BRASILEIROS

A Biblioteconomia brasileira possui duas explicações histórico-sociais possíveis que transformaram a prática biblioteconômica em um conjunto de fazeres que pouco se preocupam com o bem-estar dos usuários das bibliotecas. Esses usuários visam a unidade informacional como um recurso para superação de limites e transformação de suas realidades que os impedem de acessar o conhecimento e ter o pleno exercício de sua cidadania dentro de nossa sociedade (SOUZA, 2009).

Cunha (2000), citado por Souza (2009, p. 29), aborda “[...] que as artes e ofícios mecânicos e manuais no Brasil Colonial eram tidos como trabalhos de escravos, portanto indigno de pessoas de pele branca”. Conforme Souza (2009), nesse período, os responsáveis pelas bibliotecas eram eruditos e intelectuais que possuíam a função de “bibliotecário” sem de fato se importarem com a gestão e a organização dos acervos. Assim, o autor questiona se esse não seria o motivo do desprestígio social atribuído ao bibliotecário ao longo do tempo, visto que a Biblioteconomia faria parte da memória sócio-histórica dos brasileiros como uma atividade de pouco valor social e com desprestígio aos seus executores ou se é o próprio bibliotecário no Brasil que carrega na memória o estigma de origem explicitado pelo analfabetismo do zelador de documentos que guardava o conhecimento europeu no século XVII? (SOUZA, 2009).

Para Job e Oliveira (2006, s.p.), a formação em Biblioteconomia possui seu início no século XX. No entanto, o reconhecimento da profissão só aconteceu com a aprovação

da Lei Federal nº 4.084, de 30 de junho de 1962, que dispunha sobre a regulação do exercício da profissão de bibliotecário (BRASIL, 1962). Trinta e seis anos depois, essa Lei será alterada pela Lei Federal nº 9.674 que incluiu outras providências ao exercício da profissão (BRASIL, 1998).

A Biblioteconomia está sempre se reinventando e, segundo Souza (2009, p. 19),

[...] seus momentos de (re)escritura e inovação dos conhecimentos têm relação muito aproximada com os momentos históricos em que o País deu saltos tecnológicos pela assimilação de novas formas de produção industrial, de intermediação comercial, de fornecimentos de serviços financeiros, de comunicação impressa, de telecomunicação ou novos processos de gestão política ou econômica da riqueza pública ou privada”.

Nesse sentido, Souza (2009) chama a atenção para a constante inserção de técnicas, instrumentos e conteúdos na prática e formação biblioteconômica, e cita como exemplo a adoção da Classificação Decimal Universal (CDU) pela Biblioteca Nacional no ano de 1918, a inserção da Classificação Decimal de Dewey (CDD) em 1946 pela mesma Biblioteca, a inclusão de métodos e processos de *marketing* na década de 1960, criação de cursos de mestrado em 1970 e de cursos de doutorado em 1980, entre outros. Assim, com as mudanças ocorridas no século XX, começaram a exigir dos profissionais a formação universitária e, posteriormente, qualificações com mestrado e doutorado.

No século XX, as mudanças exigidas no bibliotecário provocaram a “diversidade profissional” que requeria o desempenho de novos papéis e habilidades por parte dos bibliotecários. Ao mesmo tempo em que se mantém a identidade dos conhecimentos que embasam a profissão com o conjunto de serviços e produtos que a caracterizam, este profissional precisa ser e se sentir preparado para conquistar o mercado para a Biblioteconomia, com a criação de produtos e serviços buscando a expansão do campo e respondendo aos desafios da sociedade (SOUZA, 2009).

Para Castro (2000), existe uma divisão histórica do ensino de Biblioteconomia no Brasil composto por cinco fases identificadas pelo autor. A primeira fase é do período de 1879 a 1928, com o movimento fundador da Biblioteconomia no país tendo como influência a perspectiva humanística francesa liderada pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. A segunda fase se refere ao período de 1929 a 1939 quando há o predomínio do modelo estadunidense sobre o modelo francês. Em seguida, o período de 1940 a 1961 caracterizará a terceira fase referente à consolidação e expansão do modelo estadunidense de ensino. O período de 1962 a 1969 trata da uniformização dos conteúdos pedagógicos e também da regulamentação da profissão de bibliotecário e, a quinta e última fase

identificada por Castro (2000), aconteceu no período de 1970 a 1995, com a paralização do crescimento quantitativo de escolas de graduação e cursos de pós-graduação, além da busca pelo amadurecimento teórico da área por intermédio de novas metodologias e abordagens de outros campos.

No entanto, questionamos sobre a formação do bibliotecário para exercer o papel social que a Biblioteconomia possui e, nesse caso, exercer o olhar sobre as pessoas que são utilizadoras dos serviços e produtos de uma unidade de informação. A formação de bibliotecários, além de incluir a mediação da informação (ALMEIDA JUNIOR, 2008) que tem como propósito atender às suas necessidades informacionais dos usuários, deveria trabalhar também as questões intrínsecas desse profissional com vistas a atender os usuários com a sensibilidade e empatia de se colocar no lugar do outro, independentemente da cor de sua pele, orientação sexual, religião, *status* social e orientação política.

No contexto central para a discussão da BCI e as temáticas sociais, autores como Solange Puntel Mostafa (1985) e Antonio García Gutierrez (2013) destacam-se por trazerem reflexões e discussões epistemológicas contra a hegemonia construída no campo biblioteconômico-informacional. No Brasil, no campo das discussões epistemológico-críticas, Solange Puntel Mostafa busca discutir por intermédio de uma visão crítica da Biblioteconomia em sua tese intitulada “Epistemologia da Biblioteconomia” de 1985. A partir do estudo de teóricos sobre a epistemologia da Biblioteconomia (entre eles, brasileiros), Solange Mostafa (1985, p. 11) afirma que o fato dos mesmos não considerarem (naquela época) a Biblioteconomia como ciência era “uma expressão, em larga medida, daquilo que pensam os teóricos americanos”. Conforme interpretação de Mostafa (1985), Shera afirma que as profissões precisam conhecer:

[...] o que é uma profissão; conhecer o tipo da profissão e terceiro, o que a diferencia de outras profissões. Existe em toda a profissão um elemento, a quinta-essência, que a distingue das outras atividades humanas e que deriva do conteúdo intelectual da disciplina, da tecnologia de sua prática e das responsabilidades que a sociedade nelas deposita” (SHERA apud MOSTAFA, 1985, p. 11).

Ainda conforme Mostafa (1985, p. 23), “toda a atividade humana é essencialmente social independentemente de termos ou não consciência disso. A Biblioteconomia é uma prática social antes mesmo que eu a perceba assim”. A autora aborda a profissionalização e o rigor formal como necessários, mas não suficientes, pois é preciso termos um profundo entendimento sobre a sociedade. Utilizando a perspectiva marxista, Mostafa

(1985, p. 39) afirma ainda que toda a “produção em sociedade é produção social”, ou seja, feita por “um conjunto de homens” e problematiza sobre o modo capitalista de produção e a apropriação desses meios por uma elite. Aponta a contradição entre “o caráter social das forças produtivas em contraposição à apropriação privada dos meios de produção” (MOSTAFA, 1985, p. 40). Ou seja, “a produção é social mas o produto por ela gerado é ‘anti-social’, pois só se apropria dele aqueles que anteriormente detinham a posse dos meios de produção” (MOSTAFA, 1985, p. 41).

Refletindo sobre os pontos de discussão sobre a sociedade, os meios de produção elencados por Mostafa (1985) e as questões das culturas africanas e afro-brasileiras na sociedade, é possível compreender que há uma hierarquização sobre quem trabalha e quem detém os meios de produção no Brasil. Em outras palavras, há dois tipos de classes sociais pré-estabelecidas desde o período escravista que ainda se perpetua: quem trabalha são aqueles sujeitos pertencentes às populações de origem africana (bem como de outras etnias) e quem detém os meios de produção são os “brancos” pertencentes à “elite”. Os últimos utilizam-se de valores, crenças e estereótipos criados sobre os primeiros para poder se apropriar não só da força de trabalho e comercializar elementos de suas culturas, mas também para invisibilizar suas histórias, culturas e memórias por intermédio da manutenção de seu *status* de pertencente aos grupos marginalizados. Jessé Souza (2017, p. 09-10) nos diz que “ao perceber as classes sociais como construção sociocultural, desde a influência emocional e afetiva da sociabilização familiar, abrimos um caminho que esclarece sobre nosso comportamento real e prático no dia a dia como nenhuma outra variável”. Ao relacionarmos entre os elementos acima citados, não podemos esquecer que o bibliotecário é o profissional que está diretamente ligado aos contextos, à realidade cotidiana e também aos sujeitos que compõem a sociedade.

Outra abordagem crítica na BCI que citamos é aquela trazida por Antonio García Gutiérrez (2013) que discute a descolonização do conhecimento por intermédio dos chamados “estudos pós-coloniais”. Considera que o mundo biofísico e o universo do conhecimento estão em constante recolonização e, portanto, o pensamento e o conhecimento também não conseguem ficar excluídos desse processo. Nesse sentido, frisa que, mesmo com o processo de colonização dos saberes, não devem ser excluídas ou erradicadas práticas de saberes consideradas periféricas (como destacaríamos os saberes de africanos, população LGBTQI, indígenas, entre outros) para que não se transgrida os limites da própria produção do conhecimento. Cita Foucault (1979) para destacar que “poder coloniza para fora e para dentro” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2013) e

que as relações humanas são pensadas como uma construção constante e fragmentada a partir de práticas de poder exercidas no dia a dia das pessoas. Assim, o poder colonizador não faz parte dos sujeitos em si, mas sim da natureza das relações sociais. Ainda para o autor, o pós-colonial não seria um estado definitivo, mas sim uma outra forma de recolonização das instâncias físicas e simbólicas.

No campo das abordagens críticas sobre o ensino de Biblioteconomia, Francisco das Chagas de Souza (2008) chama a atenção para o fato de que a formação oferecida pelos cursos de Biblioteconomia até os anos 2000 possuía um caráter formador para capacitar gestores de informação, pessoal para operação de bibliotecas e para atuar no ensino superior de Biblioteconomia. Por falta de uma formação voltada para a licenciatura em Biblioteconomia, havia um impedimento na preparação de docentes para atuar no ensino médio e escolas que formariam técnicos em Biblioteconomia. Dessa forma, os cursos preparavam os profissionais visando o mercado profissional, o que apontava para uma perspectiva curricular e de carreira acadêmica voltada para uma concepção elitista. Em outras palavras, eram formados profissionais que visavam o domínio das técnicas e não ao atendimento das necessidades informacionais e interesses de leitura, lazer e informação da sociedade.

Quase dez anos depois, Daniella Câmara Pizarro (2017, p. 231) realizou um estudo com os docentes dos cursos de Biblioteconomia em Santa Catarina e constatou que o processo de ensino formava bibliotecários voltados para o “servilismo econômico e coerente com o movimento tecnocrático e destruturador que as lideranças financeiras exigem”. Assim, encontrou uma distância entre o profissional e a sociedade que só tende a crescer, visto que o modelo tecnicista de ensino trazido para o Brasil das Escolas de Biblioteconomia dos Estados Unidos ainda é o que está em vigor. Chama a atenção para o fato de que esse modelo não representa o que é necessário a um modelo brasileiro de Biblioteconomia.

Neste aspecto, destacamos o fato da escolha do modelo de ensino estadunidense que foi realçado nas escolas de Biblioteconomia brasileiras, visto que a história e os autores da Biblioteconomia Negra Americana não são pauta dos currículos dos cursos de Biblioteconomia do nosso país. Isso nos faz refletir qual foi o modelo de profissionais pensados para a sociedade brasileira, onde a maioria da população é negra, mas o modelo de ensino biblioteconômico-informacional vigente é o estadunidense branco, que, conforme Pizarro (2017, p. 232), “refere-se então, a algo que não foi criado por esse grupo e somente, reproduzido no eco do eco dos seus discursos”.

Pensar em uma Biblioteconomia mais humana seria pensar na inclusão das populações que diariamente são excluídas dos espaços de aprendizagem das universidades, das escolas e das bibliotecas, além de adotar um modelo brasileiro de ensino de BCI que resulte na formação de um profissional que conheça a população brasileira e as suas necessidades informacionais.

Para tal, na próxima seção, a pesquisa orientar-se-á para a apresentação do aporte teórico-conceitual desta dissertação baseado nos pilares do socioconstrutivismo, fenomenologia social e teoria das representações sociais.

4 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, FENOMENOLOGIA E A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

Entre as pesquisas que estudam as representações sociais em BCI, encontramos os estudos de Daniella Camara Pizarro com sua tese intitulada “Entre o saber-fazer e o saber-agir: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina” (PIZARRO, 2017), bem como a sua dissertação intitulada “Ética Profissional do Bibliotecário atuante no segmento empresarial em Santa Catarina” (PIZARRO, 2010). Essas pesquisas utilizaram a teoria das representações sociais de Moscovici (2003), entendida “como as manifestações de um determinado coletivo as quais englobam seus modos de pensar, de agir, seu sistema de valores, ideias e práticas” (PIZARRO, 2017, p. 17) para analisar os discursos de bibliotecários e docentes dos cursos de Biblioteconomia (PIZARRO, 2010, 2017).

Outra pesquisadora que utilizou a teoria das representações sociais de Moscovici (2003) foi Ana Claudia Perpétuo da Silva. Em sua tese intitulada “Biblioteca Pública do Povão? Exclusão Social da Informação nas Bibliotecas Públicas do Estado de Santa Catarina nas Representações de seus Dirigentes”, a autora utilizou as representações sociais como “[...] uma teoria que fundamenta o método para a compreensão das representações manifestadas pelos bibliotecários que atuam em bibliotecas públicas catarinenses a respeito do fenômeno da exclusão social em seu contexto de atuação” (SILVA, 2017, p. 127). Ambas as autoras se baseiam também na fenomenologia social de Alfred Schutz e no construtivismo social de Berger e Luckmann. Segundo Silva (2017) as representações sociais só podem ser acessadas pela interação, linguagem, comunicação e pelo ouvir a realidade da vida cotidiana do outro.

Assim como as autoras supracitadas, Carlos Cândido de Almeida, em sua dissertação chamada “O Campo da Ciência da Informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil” (ALMEIDA, 2005) fundamentou-se na teoria das representações sociais de Moscovici para “conhecer as representações do campo da ciência da informação expressas por seus pesquisadores no Brasil” (ALMEIDA, 2005, p. 24).

Como os trabalhos supracitados, esta pesquisa tem como aporte teórico e conceitual, o Construtivismo Social de Berger e Luckmann e a teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici, ambos pertencentes ao campo da Psicologia Social. A Fenomenologia é a corrente filosófica que apoia essas teorias e, nesse sentido, nos

pautamos nos escritos de pesquisadores, tais como François Lyotard, David R. Carbone, Creusa Capalbo e Alfred Schutz para apresentar os conceitos de fenomenologia, fenomenologia pura ou transcendental de Husserl e a fenomenologia social de Schutz. Este último conceito será a base desta pesquisa, visto que o âmbito de nosso estudo está nas relações sociais e servirá para que exercitemos a prática fenomenológica na representação social apresentada nos instrumentos normativos analisados e no discurso dos sujeitos educadores e gestores educacionais investigados na pesquisa.

4.1 A FENOMENOLOGIA E AS RELAÇÕES SOCIAIS

O primeiro passo para a prática fenomenológica está no “nosso ver das coisas”, ou seja, em concentrarmos a atenção na nossa experiência do mundo, mas não no que vivenciamos no mundo lá fora. Nesse sentido, a fenomenologia “nos convida a ficar com o que estou chamando aqui ‘a própria experiência’, para nos concentrarmos em seu caráter e estrutura em vez de no que quer que possa subjazê-la ou ser causalmente responsável por ela” (CERBONE, 2012, p. 14). Como tentativa de entender o domínio fenomenológico, podemos utilizar o exemplo trazido por Cerbone (2012), a partir do qual intentamos descrever o que vemos ao ler uma página de um livro com e sem óculos. Com os óculos, poderemos dizer: a) estamos olhando a página nitidamente; b) de certo modo, estamos envoltos pela leitura; c) a descrição do que vemos pode ser relacionada à cor da folha e das letras, o número da página, o título do livro no cabeçalho ou rodapé, o plano de fundo onde este livro se encontra, as palavras que estão escritas no conteúdo da página, entre outros; d) possivelmente, está ocorrendo uma experiência visual. Agora, sem os óculos, o que se vê é uma página borrada. Se colocar e retirar os óculos repetidas vezes estaremos vendo a página de forma intercalada entre o nítido e o borrado.

Mas e se, em vez de descrevermos os “objetos” dessa experiência visual, nós descrevêssemos o nosso *ver* dos objetos? Em outras palavras, vamos focar na experiência visual que passamos ao fazer esse exercício. A experiência visual descrita no primeiro parágrafo desta subseção é sobre o livro, a página, as palavras e as letras, e isso indica que eles são “os objetos da experiência: que a experiência é de ou sobre eles”. Essa noção de experiência será o que chamam de “intencionalidade”, concebida como um traço definidor e exclusivo da experiência. Por esse motivo, na tradição fenomenológica, a intencionalidade é caracterizada como estudo da intencionalidade (CERBONE, 2012, p. 15).

O intuito de Husserl era criar uma filosofia sem pressupostos, conforme nos informa Wagner (2012, p. 15), visto que o ponto de partida eram as “experiências do ser humano consciente que vive e age em um “mundo” que ele percebe e interpreta, e que faz sentido para ele”. O ser humano lida com o mundo conforme o “modo intelectualmente espontâneo e ativo da intencionalidade: não há qualquer fase ou aspecto da consciência humana que apareça em si mesma ou por si mesma; a consciência é sempre a consciência de alguma coisa” (WAGNER, 2012, p. 16).

As formas da consciência estão relacionadas ao conteúdo das experiências. A experiência é definida como a atenção dirigida aos objetos (reais ou imaginários, materiais ou ideais) e todos esses objetos são “intencionados”. Esse processo é “imanente a toda experiência”; o objeto é construído por um processo de apercepção mediante a síntese de diferentes ‘perspectivas’ a partir dos quais o objeto é realmente visto ou lembrado posteriormente de modo tipificado” (WAGNER, 2012, p. 16).

Lyotard (2008) apresenta-nos sua perspectiva sobre a intencionalidade: por não existir verdadeiramente imanência⁵² à consciência é que o objeto pode ter o sentido de transcendência no próprio seio da imanência do Eu. Ainda para esse autor, Husserl fez uma distinção mundana ao dizer que a separação do mundo e da consciência se refere aos dados imanentes e dados transcendentos. A consciência, para esse autor, é a intencionalidade e possibilita efetuar a redução sem perder o que é reduzido, ou seja, “reduzir é, no fundo, transformar face-a-face, em fenómeno, e revelar assim os caracteres essenciais do Eu: fundamento radical ou absoluto, fonte de toda a significação ou potência constituinte, nexos de intencionalidade do objeto” (LYOTARD, 2008, p. 37).

A perspectiva de Lyotard (2008) sobre a fenomenologia husserliana apresenta a possibilidade de abordarmos a inclusão do mundo dentro da consciência, visto que a consciência não é só o “pólo Eu (noese)”, mas é também o “pólo isso (noema)”. No entanto, é necessário sempre inferir que essa inclusão não é real (cachimbo está no quarto), mas sim intencional (o fenómeno cachimbo está na nossa consciência). Em outras palavras, “é porque a inclusão é intencional que é possível fundar o transcendente no imanente, sem o aviltar. Deste modo, a intencionalidade é por si mesma uma resposta à questão: como pode haver um objeto-em-si para mim? Perceber o cachimbo é, precisamente, visá-lo enquanto existe real” (LYOTARD, 2008, p. 39).

⁵² Imanência, segundo o Dicionário Online de Português significa: Característica do que faz parte da essência de alguma coisa em oposição à existência (real, imaginária ou fictícia). Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/imanencia/>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

Com relação ao nosso sentido do mundo, Lyotard afirma que este é decifrado pelo sentido que damos ao mundo; mas esse sentido é vivido como objetivo, pois nós o descobrimos, de outra maneira, o sentido que o mundo possui para nós não seria o mesmo. Na análise intencional, a redução irá permitir a descrição rigorosa da relação sujeito-objeto. É essa análise que deve demonstrar como é construído o sentido de ser do objeto, visto que a intencionalidade é um objetivo e é também uma doação de sentido (LYOTARD, 2008).

Retomando a experiência do primeiro parágrafo, mesmo que tenhamos a experiência visual do livro como objeto, ainda não vemos a totalidade do livro ou da página. O objeto é apresentado sob determinada perspectiva, na qual somente vemos um dos lados do mesmo e de um determinado ângulo. Por isso, há outras perspectivas e ângulos por onde poderemos ver o livro. Diferentemente de uma imagem plana, isso trará maior “profundidade” e “densidade” à experiência visual descrita.

Assim, a simples experiência de observar o livro a partir da perspectiva, sugestão, profundidade e densidade sugere que a nossa experiência possui riqueza e densidade em sua estrutura, além de poder ser delineada e descrita em todas suas especificidades. A estrutura encontra-se longe de ser arbitrária ou idiossincrática, pois pode indicar algo essencial com relação a possuir qualquer experiência visual com objetos como os livros. A partir daí, observamos o interesse que a fenomenologia tem em nossa experiência. Ao realizar a descrição de nossa experiência visual (frisando que podem haver outros tipos de experiências), é possível delinear as “estruturas essenciais” dessa experiência. Em outras palavras, delineamos a estrutura que a experiência irá ter para ser considerada uma experiência visual. Assim, a fenomenologia pretende ser uma “iniciativa transcendental”, com o intuito de articular as “condições de possibilidades” da experiência ou intencionalidade (CERBONE, 2012, p. 16).

Mas o que é a fenomenologia?

A fenomenologia teve seu desenvolvimento histórico melhor definido a partir do início do século XX, quando foi fundada pelo sociólogo Edmund Husserl, na Alemanha. Com considerável influência no pensamento científico e filosófico da contemporaneidade, a Fenomenologia de Husserl foi base para diversos teóricos, entre os quais destacamos: Heidegger, Scheler, Ludwig Landgrebe, Eugen Fink, Nicolai Hartmann, Karl Jaspers, Ludwig Bunschwanger, Alphonse De Waellhens, Alfred Schutz, Paul Ricoeur, Maurice Merleau-Ponty, Jean Paul Sartre, Enzo Pacci, F. J. Bytendijk,

Emmanuel Levinas, Reny Kwant, Alexandre Koyré, Edith Stein, Roman Ingarden, Biemel, entre outros (CAPALBO, 2008).

A contribuição da fenomenologia está presente na “renovação dos métodos e na nova abordagem e orientação dos problemas nas Ciências Humanas” (CAPALBO, 2008, p. 09), em especial, na Biologia, Ciências Sociais, Psicologia, Psiquiatria e Teologia. Na Filosofia, a fenomenologia é estudada principalmente em Antropologia Filosófica, Filosofia da História, Filosofia da Linguagem, Lógica e Estética (CAPALBO, 2008).

Na Ciência da Informação, são encontrados estudos onde a fenomenologia é abordada tais como, Budd (2005), Marciano (2006), Loureiro et al (2011), Reifschneider (2011), Figueiredo (2012), Mostafa, Cruz e Benevenuto (2013), Prado (2013), Souza et al. (2014), Guerra (2016), Silva (2016b) e Corujo e Revez (2017).

Considerado o “Pai da Fenomenologia”, Husserl publicou “Filosofia da Aritmética” em 1891, em que analisou “o conceito de número, o método usado pela Matemática e o caráter lógico de seus conceitos e de seus princípios”. Assinala ainda, a “diferença entre o conceito de número e o processo de enumeração, referentes respectivamente ao seu aspecto lógico e ao seu aspecto psicológico” (CAPALBO, 2008, p. 15). Conforme a autora supracitada, é a partir da definição dada por Husserl de que o número é o conceito de relação produzido por reflexão que esta obra representa o pontapé inicial para os principais conceitos estabelecidos por ele dentro da fenomenologia. É tida esta percepção, pois é por intermédio do valor que Husserl atribui aos conceitos de “produção da operação reflexiva” em que são aprendidos os atos psíquicos doadores da significação, bem como pela busca das articulações constantes ou essência, pela classificação dessas articulações através de análise que procura a origem da sua significação na consciência e do método descritivo que busca essa origem.

Na sua obra “Lógica formal e lógica transcendental”, Husserl tomou uma posição diante do psicologismo e ergueu bases para uma lógica pura, por intermédio do ataque ao psicologismo e empirismo. Posteriormente, demonstrou na obra “Investigações concernentes à Fenomenologia e à teoria do conhecimento” que a lógica tem sua divisão na teoria da ciência e na teoria da arte do conhecimento. Neste caso, é da teoria da ciência a responsabilidade de estudar as “representações em si, o universo ideal independentemente do processo psíquico pelo qual se efetua a apreensão dos objetos ideais, e que possibilita, assim a construção da Lógica pura” (CAPALBO, 2008, p. 17). Esta Lógica pura é quem traz a significação das categorias que fundam as proposições científicas. A partir dessa concepção, a Lógica pura ou transcendental é atribuída por

Husserl como a responsável em realizar a análise dos conceitos básicos quanto à sua origem e significação, ou seja, é uma “Fenomenologia da vivência lógica e dos atos pelos quais são constituídos os seus objetos” (CAPALBO, 2008, p. 17).

Nas palavras de Husserl, o filósofo buscava encontrar a “crítica da razão lógica, da razão prática e da razão valorativa em geral” (HUSSERL apud BIEMEL, 2014, p. 10). Conforme Sadala (2004, p. 02):

A fenomenologia pensada por Husserl (1986) é uma volta ao mundo vivido, ao mundo da experiência, o ponto de partida de todas as ciências. A Fenomenologia propõe descrever o fenômeno, e não explicá-lo ou buscar relações causais, volta-se para as coisas mesmas como elas se manifestam. Voltar às coisas mesmas significa voltar ao mundo da experiência considerando que, antes da realidade objetiva, há um sujeito que a vivencia; antes da objetividade há um mundo pré-dado, e, antes de todo conhecimento, há uma vida que o fundamentou.

Em seu livro “A ideia da Fenomenologia”, Husserl baseou-se na obra kantiana, fonte que lhe legou a “ideia da fenomenologia como filosofia transcendental, como idealismo transcendental, e a ideia da redução fenomenológica” (BIEMEL, 2014, p. 10). Nesse livro, o autor aborda, entre outros pontos, a redução fenomenológica, que tem como objetivo

[...] proporcionar o acesso ao modo de consideração transcendental; possibilita o retorno à ‘consciência’. Vemos nela como é que os objetos se constituem. Efectivamente, como o idealismo transcendental se, caminha-se para o centro do seu pensamento, o problema da constituição dos objetos na consciência ou, como Husserl também diz, ‘dissolução do ser na consciência’ (BIEMEL, 2014, p. 10).

Ademais, Husserl estuda, nas pesquisas lógicas, “os objetos ideais, as categorias e os atos cognitivos fundamentais: a percepção, imaginação, recordação. Intuição do tempo. Trata-se da constituição de objetos ideias” (CAPALBO, 2008, p. 17). A partir daí, passa a explicar como será utilizada a constituição de objetos ideais a outros domínios de objetos. Essas reflexões são apresentadas tanto no livro “A ideia da fenomenologia” quanto em “Lições para uma Fenomenologia íntima do tempo” (CAPALBO, 2008).

Para dar continuidade à nossa discussão do que é a fenomenologia e como encontra-se nas ciências sociais, a seguir, apresentaremos as ideias principais dessa disciplina. O termo “fenomenologia” significa

estudo dos fenômenos, isto é, *daquilo* que aparece à consciência, *daquilo* que é *dado*. Trata-se de explorar este dado, a *própria coisa* que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno com o ser *de que* é fenômeno, como sobre o laço que o une com o Eu *para quem* é fenômeno (LYOTARD, 2008, p. 09, grifo do autor).

Segundo Cerbone (2012), geralmente, coincidem a noção de um fenômeno e a noção de experiência. Por isso, para nos atentarmos aos fenômenos, precisamos prestar atenção à experiência que estamos vivenciando em vez de nos atermos naquilo que é experienciado. Para Husserl (2014, p. 44, grifos do autor), a fenomenologia “designa uma ciência, uma conexão de disciplinas científicas; mas ao mesmo tempo e acima de tudo, ‘fenomenologia’ designa um método e uma atitude intelectual: a *atitude intelectual* especificamente *filosófica*, o *método* especificamente *filosófico*”.

Lyotard (2008, p. 08) nos diz que a fenomenologia começou e continua a ser “uma meditação acerca do conhecimento, um conhecimento do conhecimento” e consiste “em dispensar uma cultura, uma história, em refazer todo o saber elevando-se a um não saber radical”. Ademais, considera a fenomenologia como o estudo dos fenômenos, ou seja, daquilo que aparece à consciência e que é dado, e que precisa ser explorado como “[...] a *própria coisa* que se percebe, em que se pensa, de que se fala, evitando forjar hipóteses, tanto sobre o laço que une o fenômeno como o ser *de que* é fenômeno, como sobre o laço que une com o Eu *para quem* é fenômeno” (LYOTARD, 2008, p. 09, grifos do autor).

Considerada por Demo (1995, p. 229) como uma metodologia alternativa, a fenomenologia é “entendida como compromisso em tornar as ciências sociais algo existencial, do cotidiano, da relevância significativa, para além da forma científica”. Ainda conforme este autor, a fenomenologia pode ser vista como uma postura que prima pelo respeito à realidade social e, em vez de partir de método previamente definido que “ensaca” a realidade, faz o caminho contrário: tenta entender primeiramente a realidade social em detalhes reconhecendo-a como algo existencial e irredutível à realidade natural. A subjetividade é parte da realidade social, assim, não pode ser entendida como um fator perturbante da mesma. Dentro da sociedade, o homem é um ator, assim, não consegue observar-se de forma neutra e a relação que estabelece com a sociedade é complexa. A sociedade concreta deve ser entendida como a cotidiana, a do “homem comum”, não aquela restrita aos ambientes artificiais, como os acadêmicos. Este “homem comum” organiza sua vida pelo senso comum, “pelo conhecimento imediatista que é patrimônio cultural da maioria” (DEMO, 1995, p. 251). A partir da visão fenomenológica, “a base de qualquer pesquisa – sociológica, psicológica, da ciência natural ou social – é, na verdade,

uma interpretação da vida cotidiana. Ali está a fonte de significados sociais que é central e implícita à pesquisa” (DEMO, 1995, p. 251). Um dos estudiosos da fenomenologia de Husserl é Alfred Schutz. Este autor desejava “estabelecer os fundamentos de uma sociologia fenomenológica” (WAGNER, 2012, p. 13).

A linha de base fenomenológica de Schutz é oriunda, em partes, dos estudos de Husserl. Para este último autor, as experiências de uma pessoa consciente são vivenciadas a partir do mundo onde ela as percebe e interpreta. Esse mundo carrega uma intencionalidade, onde “não há qualquer fase ou aspecto da consciência humana que apareça em si mesma ou por si mesma; a consciência é sempre a consciência de alguma coisa” (WAGNER, 2012, p. 16). Em outras palavras, nossas experiências são criadas a partir da nossa percepção do mundo e daquilo que conscientemente percebemos por meio de objetos intencionados.

Com relação à linha de base sociológica adotada por Schutz, esta foi trazida da abordagem de Weber na Sociologia. Conforme Weber, Sociologia é uma ciência focada na compreensão da ação social de forma interpretada que busca explicar as causas dessa ação social e seus efeitos. A ação, nesse caso, se refere à conduta do ser humano quando a pessoa age, atribui um significado à esta ação e a direciona. Quando essa conduta se dirige à conduta de outras pessoas, ela, então, é considerada uma conduta social (WAGNER, 2012).

Embora com algumas críticas às abordagens de Husserl e Weber, a sociologia fenomenológica de Schutz parte das teorias de ambos autores e, conforme Wagner (2012, p. 21), pode ser considerada uma “síntese resultante de um longo processo de seleção, de adaptação e de modificação de componentes relevantes de ambas teorias”, e traz como resultado “uma teoria fenomenológico-sociológica autossuficiente”. Conforme Pizarro (2017, p. 57), a fenomenologia social de Schutz “versa a respeito da estrutura social e destaca a interação entre os indivíduos como elemento essencial para interpretação dos significados e a construção social da realidade. E para isso, evidencia a compreensão do cotidiano e do senso comum, [...] ou seja, do mundo da vida”. Dessa forma, a compreensão de Alfred Schutz serviu para olhar os discursos dos docentes dos cursos e desenvolver uma atitude fenomenológica frente aos mesmos.

4.2 A SOCIOLOGIA DO CONHECIMENTO E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

A Sociologia não pode ser vista como uma ação dentro da sociedade, mas sim como uma tentativa de compreensão da mesma, conforme nos lembra Berger (2007). Assim, conhecer a sociedade de forma mais profunda é importante para evitar que os profissionais precisem descer “às profundezas mitológicas do ‘subconsciente’ para explicar coisas tipicamente conscientes, muito mais simples, e com efeito, de *natureza social*” (BERGER, 2007, p. 13). É a partir da compreensão sociológica que será possível analisar a sociedade. No entanto, essa análise pode ser usada tanto para fins antagônicos como o contrário. Conforme Berger (2007, p. 16) elucida, “a compreensão sociológica da dinâmica do preconceito racial pode ser aplicada tanto pelos que buscam fomentar o ódio inter-racial como pelos que desejam pregar a tolerância”.

Berger e Luckmann (2009) abordam sobre a Sociologia do conhecimento em seu livro intitulado “A construção social da realidade: tratado sobre Sociologia do Conhecimento” publicado originalmente em 1974. Segundo os autores, a realidade é construída socialmente e é a Sociologia do conhecimento que analisa os processos em que essa construção acontece. A realidade é “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 11). Por sua vez, o conhecimento é definido como “a certeza de que fenômenos são reais e possuem características específicas” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 11). O ponto de vista dos autores é que a Sociologia do conhecimento se ocupa

com tudo aquilo que passa por ‘conhecimento’ na sociedade, independentemente da validade ou invalidade última (por quaisquer critérios) desse ‘conhecimento’. E na medida em que todo ‘conhecimento deve procurar compreender o processo pelo qual isto se realiza, de tal maneira que uma ‘realidade’ admitida como certa solidifica-se para o homem da rua. Em outras palavras, defendemos o ponto de vista de que *a sociologia do conhecimento diz respeito à análise da construção social da realidade* (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 13, grifo dos autores).

Embora ressaltem a presença de diversas definições atribuídas à natureza e âmbito da Sociologia do Conhecimento, há um acordo de que esta “trata das relações entre o pensamento humano e o contexto social dentro do qual surge” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 15). Conforme Berger e Luckmann (2009, p. 17), há uma interpretação incorreta sobre os conceitos “infraestrutura e superestrutura” trazidos por Marx. Para os autores,

Marx estabelecia que o “pensamento humano funda-se na atividade humana (‘trabalho’ no sentido amplo da palavra) e nas relações sociais produzidas por esta atividade”. Dessa forma, os conceitos “infraestrutura” e “superestrutura” são considerados como “atividade humana” e “mundo produzido por esta atividade, respetivamente”.

Conforme Berger e Luckmann (2009), a vida cotidiana é uma realidade interpretada pelos sujeitos de forma subjetiva de sentido para esses a partir do momento em que forma um mundo coerente. Acreditam que o mundo da vida não pode ser interpretado pelos sujeitos como uma realidade certa dentro da sociedade com sentidos subjetivos em suas vidas, mas sim, como um mundo afirmado como real e originado no pensamento e na ação dos homens e mulheres comuns. Almeida (2005) aborda que a construção da realidade advém de “elementos culturais” transmitidos por nossos antepassados e que esses elementos são os produtores, a partir das percepções e representações, da visão de mundo que temos da realidade buscando nos situar no meio social em que estamos inseridos, orientando nossas atitudes e modos de agir (ALMEIDA, 2005).

A partir da análise fenomenológica, tida por Berger e Luckmann como um “método puramente descritivo” e empírico, é possível enegrecemos os fundamentos do conhecimento científico. Com a análise fenomenológica da vida do cotidiano, são abstraídas hipóteses causais ou genéticas, bem como afirmações de ordem ontológica dos fenômenos que estão sob análise. Para os autores, o senso comum admite como certas as diferentes interpretações “pré-científicas” e “quase-científicas” da realidade cotidiana. A partir da descrição da realidade do senso comum nos referiremos a essas interpretações e levaremos em conta o “seu caráter de suposição, mas fazemos isso colocando o que dizemos entre parênteses fenomenológicos” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 37).

A consciência é considerada como intencional e dirigida para objetos. Dessa forma, possuímos consciência de alguma coisa independentemente se o objeto de experiência seja “experimentado como pertencendo a um mundo físico ou apreendido como elemento de uma realidade subjetiva interior” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 37). Assim, a partir da análise fenomenológica é possível distinguir as camadas de experiência e as diversas estruturas de significação que se encontram implicadas, por exemplo, no fato da escolha de bibliografias e autores para compor um projeto político pedagógico, os assuntos abordados em disciplinas, entre outros. Para os autores, “objetos diferentes apresentam-se à consciência como constituintes de diferentes esferas da realidade”. A consciência possui a capacidade de mover-se entre esferas diferentes da

realidade (BERGER; LUCKMANN, 2009) e “é capaz de identificar a diferença entre as pessoas do cotidiano, no trabalho, e as pessoas presentes nos sonhos” (MORAES, 2008, p. 817).

A realidade apreendida no dia a dia da vida é tida como uma realidade ordenada, onde os fenômenos são independentes da nossa apreensão. Há uma objetivação da realidade da vida cotidiana e a linguagem utilizada no dia a dia oferece de forma contínua “as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38). Assim, a linguagem demarca as coordenadas da vida de um indivíduo em sociedade e preenche sua “vida de objetos dotados de significação” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38).

Essa realidade da vida cotidiana é permeada por fenômenos que não se encontram presentes no “aqui e agora”, pois pode ser experimentada em diversos níveis de aproximação e distância, tanto espacial quanto temporalmente. A “zona da vida cotidiana diretamente acessível à manipulação corporal” é a mais próxima do sujeito. É ela que detém o mundo que podemos atuar com o intuito de modificar nossa realidade. Nesse mundo, determinado como “mundo pragmático”, a consciência é permeada pelo que estou realizando, fiz ou irei fazer dentro dele (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38).

É a partir da interpretação do contexto social e da vida cotidiana que o sujeito irá elaborar o seu conhecimento sobre a sua realidade. A realidade admitida por um sujeito consciente e o conhecimento adquirido sobre ela são construções sociais. Esse sujeito, terá a sua realidade mediada por representações sociais, cuja função é representar aspectos da realidade que permitem reconhecer a presença de estereótipos, valores, princípios, crenças, normas que orientam suas ações. (ALMEIDA, 2005; SILVA, 2014). Na seção secundária a seguir abordaremos as representações sociais e sua função.

4.3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Para Gama, Santos e Fofonca (2010, s.p.), o conceito sobre representações sociais de Moscovici “[...] nasce da releitura crítica feita sobre as noções de representação coletiva da teoria funcional de Durkheim, uma vez que, para o psicólogo francês, as representações coletivas são por demais abrangentes para darem conta da produção do pensamento na sociedade na atualidade”. Além disso, a partir da releitura de Moscovici (1978), abordam que

a representação social refere-se ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos. Nesse sentido, as representações de um objeto social passam por um processo de formação entendido como um encadeamento de fenômenos interativos, fruto dos processos sociais no cotidiano do mundo moderno (GAMA; SANTOS; FOFONCA, 2010, s. p.).

Ainda para estes autores, os aspectos conceituais e epistemológicos tornam-se em explicação e referem-se à interrelação entre o pensamento e as práticas sociais. Esses aspectos tornam possível a compreensão de fenômenos do senso comum e poder de tais representações na “orientação dos comportamentos e na comunicação, entendendo a representação social como sistema de recepção de novas informações sociais (GAMA; SANTOS; FOFONCA, 2010, s. p.).

As representações sociais são reconhecidas como “conhecimento de senso comum” contido em opiniões, manifestações, posturas e atitudes de um sujeito em sua vida cotidiana. É possível realizarmos a reconstrução e o agrupamento de discursos ou manifestações de pensamentos individuais em categorias. Essas categorias são concebidas como sistemas sócio-cognitivos. Em outras palavras, “modos socialmente compartilhados de conhecer, ou representar e interagir com o mundo e com a vida cotidiana, presentes nos atores sociais de uma dada formação social e que revelam a consciência possível de tais atores em determinado momento histórico” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014, p. 503). No entanto, o fato de agruparmos ou reunirmos pensamentos individuais em categorias de sentido (que podem ser de natureza empírica ou teórica ou entre elas) não significa que estamos observando representações sociais. As representações sociais, que podem ser compreendidas como sínteses próximas da empiria, são reconhecíveis sem dificuldades pelo senso comum como “conhecimentos familiares”, como “coisas suas” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2014).

Duveen (2015) infere que há um “papel e influência da comunicação” nos processos de representação social e, para o autor, estas fazem parte do nosso cotidiano e do senso comum. Essas representações sociais estão presentes em nossas discussões, nas informações disseminadas na mídia, entre outros. Assim, “as representações sustentadas pelas influências sociais da comunicação constituem as realidades de nossas vidas cotidianas e servem como principal meio para estabelecer as associações com as quais nós nos ligamos uns aos outros” (DUVEEN, 2015, p. 08).

A Teoria das Representações Sociais foi elaborada por Serge Moscovici e faz parte do âmbito da Psicologia Social do Conhecimento. A Psicologia Social é conceituada por Moscovici (2015, p. 30) como uma

[...] manifestação do pensamento científicos e, por isso, quando estuda o sistema cognitivo ela pressupõe que:

- 1) Os indivíduos normais reagem a fenômenos, pessoas ou acontecimentos do mesmo modo que os cientistas ou os estatísticos, e
- 2) Compreender consiste em processar informações.

Ou seja, o mundo é percebido exatamente como ele é e as percepções e ideias que possuímos são respostas ao ambiente no qual vivemos. O que irá nos distinguir do ambiente é a necessidade de avaliação de seres e objetos de forma correta, bem como a correta compreensão da nossa realidade, enquanto que o ambiente é completamente autônomo e é indiferente a nós, nossas necessidades e aspirações (MOSCOVICI, 2015). Nas palavras de Oliveira (2004, p. 181), Moscovici “preocupou-se em compreender como o tripé grupos/atos/idéias constitui e transforma a sociedade”. Conforme Moscovici (1990), citado por Duveen (2015, p. 08),

Há inúmeras ciências que estudam a maneira como as pessoas tratam, distribuem e representam o conhecimento. Mas o estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em prática [...] é o problema específico da Psicologia Social.

Dessa forma, a perspectiva da Psicologia Social vê o conhecimento mais do que uma descrição ou “cópia do estado das coisas”. O conhecimento é visto como algo produzido por meio da interação e comunicação que se expressa por interesses humanos (DUVEEN, 2015). Em outras palavras, o conhecimento nasce “das paixões humanas, e como tal, nunca é desinteressado; ao contrário, ele é sempre produto dum grupo específico de pessoas que se encontram em circunstâncias específicas, nas quais elas estão engajadas em projetos definidos (BAUER; GASKELL, 1999 apud DUVEEN, 2015, p. 09).

A Psicologia Social estabelecida por Moscovici é “orientada para como as coisas mudam na sociedade, isto é, para aqueles processos sociais, pelos quais a novidade e a mudança, como a conservação e a preservação, se tornam parte da vida social” (DUVEEN, 2015, p. 15). A perspectiva sociopsicológica de Moscovici permite que percebamos que as representações não podem serem vistas como “algo dado” ou como “variáveis explicativas”. Essa perspectiva mostra que é a construção dessas representações que se torna a questão que deve ser discutida, “[...] tanto em discutir como um fenômeno que antes era visto como um conceito, como em enfatizar o caráter dinâmico das representações, contra seu caráter estático de representações coletivas da formulação de Durkheim” (DUVEEN, 2015, p. 15).

A partir da releitura do conceito de representações coletivas criado inicialmente por Émile Durkheim, Moscovici buscou estudar as “diversas maneiras pelas quais a psicanálise era percebida (representada), difundida e propagandeada ao público parisiense” (OLIVEIRA, 2004, p. 181). Diferentemente de Durkheim, de quem os estudos sobre representações sociais derivaram, Moscovici buscou explorar a “diversidade das ideias coletivas nas sociedades modernas”, visto que essa diversidade seria o ponto de partida para demonstrar a heterogeneidade como algo intrínseco das sociedades modernas, “em que as diferenças refletem uma distribuição desigual de poder e geram uma heterogeneidade de representações” (DUVEEN, 2015, p. 15).

Duveen (2015, p. 16) infere que há “dentro de qualquer cultura pontos de tensão” ou rupturas quando algo não faz sentido. As representações sociais irão surgir a partir de conflitos estabelecidos dentro das estruturas das culturas que levam a novas formas de representações. O fenômeno das representações sociais está relacionado aos processos sociais e às diferenças na sociedade, ou seja, “pode ser visto como a forma como a vida coletiva se adaptou a condições descentradas de legitimação” (DUVEEN, 2015, p. 17).

Para Moscovici (2015, p. 201), é o senso comum que dá o acesso direto a representações sociais, visto que são estas que “combinam nossa capacidade de perceber, inferir, compreender, que vêm à nossa mente para dar sentido às coisas, ou para explicar a situação a alguém. Elas são tão ‘naturais’ e exigem tão pouco esforço que é quase impossível suprimi-las”.

No caso da presente pesquisa, o que desejamos realizar é: a partir dos instrumentos normativos e discursos expressos por docentes, analisar as representações sociais a respeito das culturas africanas e afro-brasileiras na Educação e no Pensamento em cursos de graduação em Biblioteconomia. Neste caso, a pesquisadora precisa desvelar as representações sociais ou manifestações que estão em formato de depoimentos dos docentes coletados em entrevistas semiestruturadas seguindo a técnica de análise de Discurso, o DSC; e extraí-las também dos instrumentos normativos elaborados por docentes dos cursos em BCI, vistos como discursos registrados.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos desta pesquisa. A pesquisa é, para Marconi e Lakatos (2003, p 155), “um procedimento formal com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais”. Entre as fases da pesquisa destacadas pelos autores supracitados, ressaltamos que, após escolhermos o tema, fazemos o levantamento de dados e formularmos o problema e hipóteses, delimitamos aqui o recorte: esta pesquisa visa compreender a inserção das culturas africanas e afro-brasileiras na educação e pensamento biblioteconômico-informacional no Brasil a partir da análise documental, pesquisa bibliográfica e discursos dos docentes.

Os seres humanos são diferenciados pelas suas ações, pelo modo de pensar sobre as suas ações e pela interpretação dada a elas a partir da realidade vivida em sociedade (MINAYO, 2009). A pesquisa de abordagem qualitativa trata de questões específicas e todo o “universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” humanas, conforme infere Minayo (2009, p. 21). Assim, ela é constituída por fenômenos humanos e sociais que não podem ou não deveriam ser quantificados, pois o ‘universo’ da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade e é o objeto da pesquisa qualitativa, dificilmente pode ser trazido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2009, p. 21).

Para a execução e compreensão desta pesquisa é essencial a delimitação dos critérios metodológicos da pesquisa. Nesse sentido, o Quadro 4 apresenta uma síntese dos aspectos metodológicos deste estudo.

Quadro 4 - Aspectos metodológicos da pesquisa.

Aspecto	Descrição
Natureza da Pesquisa	Aplicada
Objetivos	Exploratória
	Descritiva
Abordagem	Qualitativa
Problema	Qualitativo
Procedimentos	Bibliográfico
	Documental
Instrumento de coleta de dados	Questionário de caracterização
	Entrevista semiestruturada via appear.in ou hangout
	Documentos

Fonte: Elaborado pela autora.

5.1 UNIVERSO DA PESQUISA

Esta pesquisa teve como universo os cursos e os docentes dos cursos presenciais de Biblioteconomia de Universidades estaduais e federais brasileiras com foco inicial para cessão de entrevista dos docentes que participassem do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso. Como recorte da pesquisa, houve a seleção da amostra de cursos de Biblioteconomia vinculados a Instituições federais e estaduais brasileiras pelo fato do Governo Federal direcionar recursos para a implementação de políticas públicas, visando a inserção de estudantes nas mais variadas áreas do conhecimento (OLIVEIRA; ESCOTT, 2015), tal como foi a inclusão de política de ações afirmativas na graduação nessas instituições. Conforme Barbosa et al. (2017), desde 1999, houve a proposição de projetos de lei ao Congresso Nacional visando a instituição de um sistema para reserva de vagas a estudantes negros e indígenas em instituições públicas federais de educação superior, o que corroborou para a criação da Lei de Cotas, nº 12.711/2012. Dessa forma, as cotas resultaram na ampliação do número de estudantes negros cotistas em cursos de graduação brasileiros e, por consequência, nos cursos de Biblioteconomia, o que, talvez, trouxesse para a superfície a discussão sobre o negro em sala de aula, mesmo que em forma de discurso oculto.

Com base na lista do e-MEC, foram encontrados os portais eletrônicos em rede das 29 Instituições públicas de ensino que oferecem cursos de Biblioteconomia no Brasil, conforme o Quadro 5.

Quadro 5 - Relação das Universidades Federais e Estaduais pesquisadas.

	Tipo	Instituições
1	F	Universidade Federal de Brasília (UnB)
2	F	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Bacharelado (M/N*)/Licenciatura
3	F	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
4	F	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
5	F	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
6	F	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)
7	F	Universidade Federal Fluminense (UFF)
8	F	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
9	F	Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
10	F	Universidade Federal do Ceará (UFC)
11	F	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
12	F	Universidade Federal do Pará (UFPA)
13	F	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
14	E	Universidade Estadual de Londrina (UEL)
15	F	Universidade Federal do Cariri (UFCA)
16	F	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)
17	F	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)
18	F	Universidade Federal de Sergipe (UFS)
19	E	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (UNESP)
20	F	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)
21	F	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
22	F	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)
23	F	Universidade Federal de Goiás (UFG)
24	F	Universidade de São Paulo (USP)
25	F	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)
26	E	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)
27	E	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)
28	F	Universidade Federal da Bahia (UFBA)
29	F	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Fonte: Dados da Pesquisa (2018). Legenda: F: Federal e E: Estadual.

5.2 SELEÇÃO DOS ENTREVISTADOS

Para seleção dos docentes para concessão de entrevista, seguimos os seguintes passos e condições: primeiro, buscamos em cada site a lista de docentes membros do NDE nos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Quando a lista era encontrada, o presidente do NDE (caso fosse identificado) era selecionado para o envio do e-mail de convite para participação na pesquisa. Quando não encontrada a lista de membros, buscava-se a lista dos docentes do curso e era acessado o Currículo Lattes de cada um com o intuito de verificar se era membro do NDE. O primeiro membro docente encontrado era selecionado

para envio do convite para participação na pesquisa. Caso não fosse encontrada nenhuma informação sobre a participação dos membros no NDE no site ou no Currículo Lattes, ou o curso não tivesse NDE dentro do Departamento, eram selecionados docentes de cada curso via amostra aleatória simples da lista de docentes e, posteriormente, enviado e-mail de convite. Quando o docente não respondia após uma semana de envio do e-mail com o convite para participação, a lista era novamente acessada e selecionado um novo docente para participar seguindo os mesmos critérios de seleção.

Dessa forma, foram contatados um total de 60 docentes pertencentes as 29 Instituições federais e estaduais que oferecem os cursos de Biblioteconomia. Assim, os docentes respondentes deste estudo, estão divididos em quatro categorias (Quadro 6):

Quadro 6 - Categorias dos entrevistados.

Categorias	Descrição
Docente do curso	Professor(a) do curso de Biblioteconomia que faz parte do corpo docente, mas não é membro do NDE
Docente e membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE)	Professor(a) do curso de Biblioteconomia que é também membro do NDE do curso
Coordenador(a) ou Presidente do Núcleo Docente Estruturante (NDE)	Professor(a) do curso de Biblioteconomia que é também presidente(a) ou coordenador(a) do NDE do curso
Coordenador(a) de Curso	Professor(a) que é Coordenador(a) do curso de Biblioteconomia que é também presidente(a) ou coordenador(a) do NDE do curso

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

O período de realização das entrevistas foi de 07 de julho a 07 de setembro de 2018. Ao total, obtivemos 35 respostas dos docentes e destas, 24 entrevistas foram efetivamente realizadas, conforme descrevemos na Tabela 1.

Tabela 1 - Retornos das respostas sobre as entrevistas com docentes dos cursos de Biblioteconomia de Instituições Federais e Estaduais.

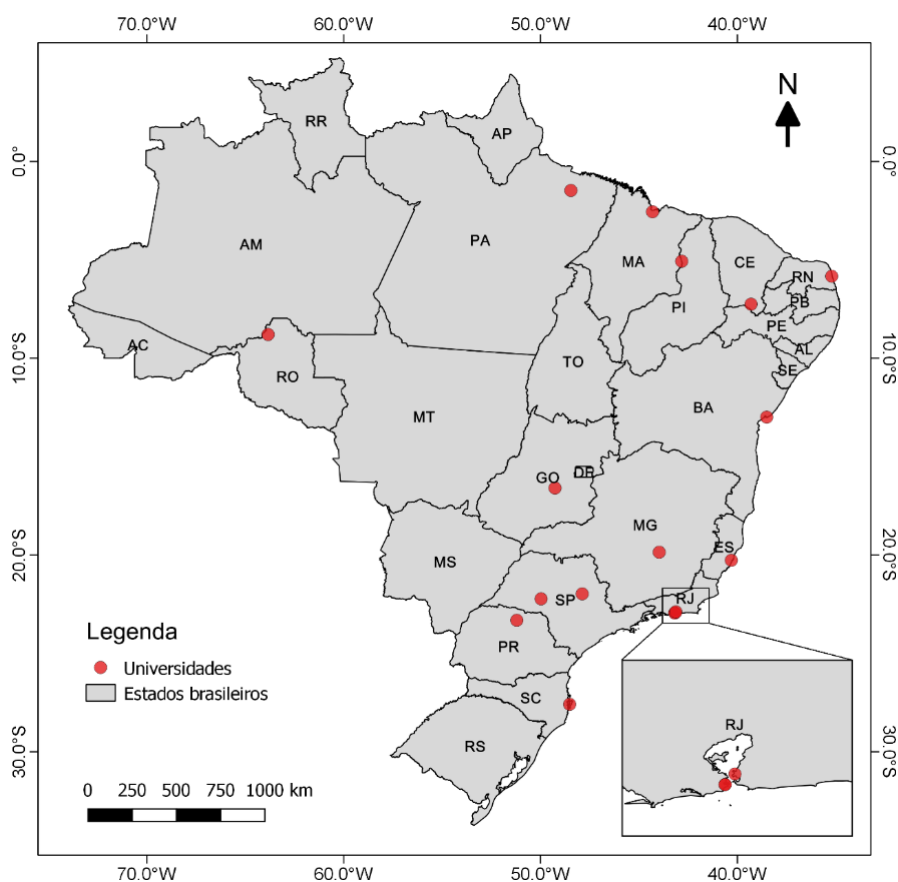
Descrição	Quantidade
Entrevistas realizadas	24
Aceitaram responder, mas não foi realizada a entrevista	05
Recusas	06
Não retornaram os e-mails	25
Total	60

Fonte: Dados da Pesquisa.

Entre as justificativas para as recusas de participação dos docentes contatados, destacamos as seguintes: a) final de período letivo, processos de avaliação e lançamento de notas; b) a não participação no NDE do curso de Biblioteconomia; c) viagem por motivo de saúde de parente; c) PPC do curso estar em processo de reavaliação/atualização e o/a docente não se considerar competente informacionalmente para contribuir com as pesquisa de forma relevante e cooperativa com o tema; d) indisponibilidade de tempo por conta das férias e o/a docente não se considerar a pessoa mais adequada para responder a pesquisa por não ter trabalhado e/ou pesquisa a temática; e) pouco conhecimento do tema, o que não possibilitou à/ao docente participar da pesquisa.

Conforme demonstração na Figura 5, foram contemplados 14 estados e 17 Universidades onde os docentes respondentes se encontram. As entrevistas foram mediadas por tecnologias de vídeo, ou seja, foram feitas pela via remota, com o uso de videoconferências dos programas *appear.in* ou *hangout* durante o período de estudo.

Figura 4 - Distribuição das Universidades que tiveram docentes entrevistados na pesquisa.



Fonte: Elaborado pela autora (2018).

5.3 ETAPAS METODOLÓGICAS

Realizamos a coleta e análise documental de projetos políticos pedagógicos (quando acessíveis) para verificação das ementas, títulos e, quando possível, bibliografias utilizadas nas disciplinas dos cursos citados, bem como documentos oficiais (leis, resoluções, etc.). A seguir, apresentamos a descrição dos procedimentos adotados.

Para a obtenção dos dados dos cursos, primeiramente foi consultada a lista disponível no Cadastro e-MEC de Instituições e Cursos de Educação Superior para aquisição da relação dos cursos presenciais de graduação em Biblioteconomia brasileiros. Após essa etapa inicial, foi acessado o portal eletrônico em rede de cada instituição e extraída a matriz curricular e plano pedagógico de cada curso, quando disponíveis. A partir daí, analisamos o título, as ementas e, quando presentes, as bibliografias básicas de cada disciplina buscando identificar a existência da inserção da temática no currículo.

A coleta de dados em cada site aconteceu no período entre 20 de novembro de 2017 e 10 de janeiro de 2018 e análise dos dados para os resultados apresentados na seção primária 6, ocorreu de 13 de janeiro a 13 de fevereiro de 2018. Construimos um banco de dados em planilha eletrônica para serem incluídas as informações dos cursos: instituição, nome do curso, data de criação, nome da disciplina, ementa, carga horária, bibliografia. Ademais, quando encontrados, foram consultados os projetos (político) pedagógicos dos cursos.

Com relação às dificuldades encontradas para esta parte da pesquisa, verificamos que nem todos os sites dos cursos contam com a relação das ementas das disciplinas ministradas nos mesmos, o que tornou difícil a análise dos dados de forma completa. Nesses casos, entramos em contato via e-mail, solicitando informações sobre o plano (político) pedagógico e matriz curricular de cada curso que não apresentavam no site essas informações. Até o presente momento, não obtivemos retorno.

5.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DOS DISCURSOS

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi a modalidade de análise de discurso utilizada nesta pesquisa. Segundo Lefèvre e Lefèvre (2003, p. 30), as representações sociais podem ser concebidas “como a expressão do que pensa ou acredita determinada população sobre determinado tema”. No caso da presente pesquisa, desejamos extrair o que pensam e acham o coletivo de docentes de cursos de Biblioteconomia brasileiros

sobre as culturas africanas e afro-brasileiras. O pensamento sobre esse tema pode se manifestar através de discursos verbais emitidos pelos docentes dos cursos de BCI. No caso desta dissertação, os docentes foram entrevistados individualmente sobre o tema pela pesquisadora, visando conhecer essas representações sociais.

Muito usado em pesquisas empíricas de opinião baseadas em depoimentos, o DSC é um discurso-síntese redigido em primeira pessoa do singular e composto pelas expressões-chaves que têm a mesma ideia central ou ancoragem. Propõe-se a organizar e tabular dados qualitativos de natureza verbal que são obtidos em depoimentos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003; LEFÈVRE; CRESTANA; CORNETTA, 2003).

Os discursos coletados são reconstruídos por intermédio do DSC, “com discursos individuais, como em um quebra-cabeça, tanto discursos-síntese quantos se julguem necessários para expressar uma dada ‘figura’, ou seja, um dado pensar ou representação social sobre um fenômeno” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 19). Nas pesquisas em que o DSC é utilizado “o pensamento é coletado por entrevistas individuais com questões abertas, o que faz com que o pensamento, como comportamento discursivo e fato social individualmente internalizado, possa se expressar” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005, p. 21).

Para a construção de um DSC é necessário juntar as partes dos discursos seguindo uma coerência, posicionamento próprio e os tipos de distinção entre os DSCs. Seu objetivo é descrever e expressar uma determinada opinião ou posição sobre um tema específico presente em uma formação social. Esta técnica é subdividida e realizada por uma série de operações a serem realizadas no material das entrevistas coletadas durante a pesquisa. Para isto, é necessário que existam quatro operadores/operações para que o DSC seja produzido, são eles:

1. Expressão-chave: trechos que melhor representam seu conteúdo, retirados de cada depoimento gravado;
2. Ideias Centrais: fórmulas sintéticas que descrevem o sentido presente no depoimento do conjunto e em cada uma das respostas dos entrevistados que apresentem um sentido parecido ou complementar;
3. Ancoragens: fórmulas sintéticas que descrevem ideologias, valores e crenças presentes no conjunto e em cada uma das respostas dos entrevistados. Haverá afirmações genéricas que irão enquadrar determinadas situações;
4. Discurso do Sujeito Coletivo propriamente dito: aplica-se quando são reunidas as expressões-chaves que possuem ideias centrais e/ou as ancoragens de sentido semelhante ou complementar (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005).

Como vantagens, a opinião processada utilizando o DSC possui maior riqueza de conteúdos significativos, trazendo “detalhamentos individuais de uma mesma opinião coletiva” acerca do tema pesquisado. Permite ainda, realizar a descrição de argumentos ou justificativas associadas à opinião, em uma escala coletiva, além de obrigar o pesquisador a empreender um raciocínio discursivo, algo que busca tornar os resultados mais densos (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2005). Resumindo, o DSC visa visibilizar o “conjunto de individualidades semânticas componentes do imaginário social” (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, p. 16) ou, em outras palavras, é uma maneira de deixar um determinado coletivo “falar” de forma direta. Neste estudo, não foi utilizada uma das figuras metodológicas do DSC, a ancoragem, por não ter sido necessária no caminho decidido pela autora.

5.5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Para esta pesquisa, nós utilizamos categorias analíticas e categorias discursivas que serviram de orientação para a realização do estudo no momento da análise e discussão dos resultados. As categorias analíticas se baseiam em dados que são explícitos e tangíveis, ou seja, são dados autoexplicativos. As categorias discursivas foram elaboradas a partir de dados que demandam a interpretação à luz de conceitos, extraídos da revisão teórica.

A partir do cruzamento entre essas categorias, foi possível apresentar a discussão e interpretação dos dados deste estudo presentes na seção 7 dos resultados. Dentre as variáveis que compõem as categorias analíticas, nós trabalhamos centralmente com sexo, pertencimento étnico-racial, disciplinas, caráter da disciplina (obrigatória ou optativa), cursos de Biblioteconomia, contexto geográfico do curso, matriz curricular, ementa e bibliografia.

No âmbito das categorias discursivas, a partir dos conceitos trabalhados no referencial teórico, abordamos o mito da democracia racial, o racismo, o preconceito racial, a ideologia do branqueamento e branquitude. A operacionalização dessas categorias no processo de discussão dos dados analisados nos conduziu ao escopo central dos resultados da pesquisa.

5.6 PROCEDIMENTOS ÉTICOS NA PESQUISA

Esta pesquisa atende aos procedimentos éticos estabelecidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, integrada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/CNS/MS) e pelos Comitês de Ética em Pesquisas (CEP). O projeto de pesquisa seguiu os procedimentos estabelecidos pelo ao Comitê de Ética na Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dessa forma, todos os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, além da autorização para gravação das entrevistas.

6 OS CONTEÚDOS DOS CURRÍCULOS E A INSERÇÃO DAS CULTURAS NOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA BRASILEIROS

Esta é a parte inicial dos resultados desta pesquisa, que estão divididos em duas seções: a) seção 6 intitulada “Os conteúdos dos currículos e a inserção das culturas nos cursos de graduação em Biblioteconomia” com os resultados das análises realizadas nos instrumentos normativos dos cursos brasileiros; b) “Percepções dos docentes a partir da análise do discurso do sujeito coletivo” intitula a seção 7, que apresenta o discurso-síntese representando a fala do social em primeira pessoa, bem como comentários tecidos sobre os pensamentos descritos buscando o diálogo com as seções apresentadas na dissertação.

O objetivo desta seção primária é avaliar a inserção das culturas africana e afro-brasileira nos currículos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Neste sentido, iremos: a) listar os cursos de Biblioteconomia existentes no Brasil; b) mapear as matrizes curriculares, ementas e bibliografias das disciplinas e projetos políticos pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia das IES federais e estaduais, buscando identificar a apresentação de saberes referentes às culturas africana e afro-brasileira nos currículos; e c) analisar as disciplinas encontradas sobre as culturas estudadas.

Segundo informações do Portal e-MEC, sistema que “permite a abertura e o acompanhamento dos processos pelas instituições de forma simplificada e transparente” (BRASIL, 2018, s.p.), atualmente há 54 cursos de graduação em Biblioteconomia no Brasil. Como recorte para esta pesquisa, excluímos as Instituições de Ensino Superior privadas, comunitárias e na modalidade EAD. Assim, optamos por analisar as matrizes curriculares dos cursos Biblioteconomia de 29 de Instituições de ensino superior federais e estaduais. Ao fazermos a depuração dos dados, encontramos na UNIRIO dois cursos de bacharelado com matriz curricular idêntica (matutino e noturno), além de um curso de Licenciatura em Biblioteconomia totalizando 32 cursos analisados (Tabela 2).

Ao total, foram analisadas 2.272 disciplinas. Destas, tivemos acesso a 1.608 disciplinas com as ementas completas (título da disciplina, ementa, carga horária, caráter: obrigatória ou optativa) e 664 disciplinas com dados incompletos (apresentavam somente o título da disciplina, carga horária e caráter: obrigatória ou optativa).

Tabela 2 - Número de disciplinas por curso de graduação em Biblioteconomia em Instituições Federais (F) e Estaduais (E) brasileiros.

Tipo	Instituições	Qtde.
F	Universidade Federal de Brasília (UnB)	222
F	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Bacharelado (M/N)	142
F	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	137
F	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) - Licenciatura	116
F	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	106
F	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	101
F	Universidade Federal Fluminense (UFF)	97
F	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	81
F	Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	78
F	Universidade Federal do Ceará (UFC)	73
F	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	71
F	Universidade Federal do Pará (UFPA)	71
F	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	70
E	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	67
F	Universidade Federal do Cariri (UFCA)	66
F	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	65
F	Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT)	63
F	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	61
E	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (UNESP)	56
F	Universidade Federal de Rondônia (UNIR)	55
F	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	54
F	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	53
F	Universidade Federal de Goiás (UFG)	50
F	Universidade de São Paulo (USP)	49
F	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	47
E	Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	46
E	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	45
F	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	45
F	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	45
F	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	40
Total		2.272

M: Matutino, N: Noturno, F: Federal, E: Estadual.

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

Das 2.272 disciplinas, 16 disciplinas que incluem as culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos dos cursos. Oito delas são disciplinas específicas (E) sobre a temática, ou seja, discorrem e discutem sobre a história da África, as relações étnico-raciais e culturas afro-brasileiras, e oito disciplinas são não específicas (NE), abordando o tema como um dos elementos da disciplina, como tema transversal. Com relação ao caráter das disciplinas, a maioria (12) é optativa e quatro são obrigatórias. Em outras

palavras, nos cursos onde a disciplina (específica ou não específica) se faz presente, é o acadêmico quem escolhe se deseja realizar a formação para adquirir conhecimento sobre essas culturas, não os cursos que as tornam obrigatórias para a formação daquele profissional. No caso das disciplinas obrigatórias, todas as três são de abrangência não específica (Quadro 7).

Quadro 7 - Disciplinas e ementas relacionadas à inserção das culturas africana e afro-brasileiras nos Curso de Biblioteconomia.

Instituição	Curso	Disciplina	Caráter	Abrangência	Ementa
1 UFC	Biblioteconomia	Relações étnico-raciais e Africanidades	OP	ES	Negritude e pertencimento étnico. Conceitos de africanidades e afrodescendência. Cosmovisão africana: valores civilizatórios africanos presentes na cultura brasileira. Ancestralidade e ensinamentos das religiosidades tradicionais africanas nas diversas dimensões do conhecimento no Brasil. Introdução à geografia e história da África. As origens africanas e as nações africanas representadas no Brasil. O sistema escravista no Brasil e no Ceará. Aportes dos africanos à formação social e cultural do Brasil e do Ceará. Personalidades africanas, afrodescendentes e da diáspora negra que se destacaram em diferentes áreas do conhecimento. Contexto das Ações Afirmativas hoje. Atualização do legado africano no Brasil. Desconstrução de preconceitos e desdobramentos teórico-práticos para a atuação do profissional na sua área de inserção no mercado de trabalho.
2 UFC	Biblioteconomia	Educação em Direitos Humanos	OP	NE	Direitos Humanos, democratização da sociedade, cultura e paz e cidadania. O nascituro, a criança e o adolescente como sujeitos de direito: perspectiva histórica e legal. O ECA e a rede de proteção integral. Educação em direitos humanos na escola: princípios orientadores e metodologias. O direito à educação como direito humano potencializador de outros direitos. Movimentos, instituições e redes em defesa do direito à educação. Igualdade e diversidade: direitos sexuais, diversidade religiosa e diversidade étnica. Os direitos humanos de crianças e de adolescentes nos meios de comunicação e nas mídias digitais.
3 UFC	Biblioteconomia	Diferença e Enfrentamento profissional nas Desigualdades sociais	OP	NE	Ambientação em EaD. Desigualdade social no Brasil ontem e hoje. Direitos Humanos como construção cultural. Relação na sociedade sustentável, ambiente natural e ambiente cultural. Tecnocultura, tecnologia e tecnocracia. Cultura étnica e africanidades na sociedade da diversidade. Papel e identidade de Gênero. Avaliação em EaD.
4 UFCA	Biblioteconomia	Relações étnico-raciais e Africanidades	OP	ES	Negritude e pertencimento étnico. Conceitos de africanidades e afrodescendência. Cosmovisão africana: valores civilizatórios africanos presentes na cultura brasileira. Ancestralidade e ensinamentos das religiosidades tradicionais africanas nas diversas dimensões do conhecimento no Brasil. Introdução à geografia e história da África. As origens africanas e as nações africanas representadas no Brasil. O sistema escravista no Brasil e no Ceará. Aportes dos africanos à formação social e cultural do Brasil e do Ceará. Personalidades africanas, afrodescendentes e da diáspora negra que se destacaram em diferentes áreas do conhecimento. Contexto das Ações Afirmativas hoje. Atualização do legado africano no Brasil. Desconstrução de

					preconceitos e desdobramentos teórico-práticos para a atuação do profissional na sua área de inserção no mercado de trabalho.	
5	UFCA	Biblioteconomia	Educação em Direitos Humanos	OP	NE	Direitos Humanos, democratização da sociedade, cultura e paz e cidadanias. O nascituro, a criança e o adolescente como sujeitos de direito: perspectiva histórica e legal. O ECA e a rede de proteção integral. Educação em direitos humanos na escola: princípios orientadores e metodologias. O direito à educação como direito humano potencializador de outros direitos. Movimentos, instituições e redes em defesa do direito à educação. Igualdade e diversidade: direitos sexuais, diversidade religiosa e diversidade étnica. Os direitos humanos de crianças e de adolescentes nos meios de comunicação e nas mídias digitais
6	UFPE	Biblioteconomia	Mediação da Informação e Relações Étnicorraciais	OP	ES	Dinâmica das relações etnicorraciais, identidade e afodescendência no Brasil, e os processos de mediações da informação e da cultura
7	UNIRIO	Biblioteconomia (Bac)	História da África	OP	ES	A invenção da África. Ensino e pesquisa de História da África. A África Negra na Antigüidade. A expansão do Islã e os Estados africanos pré-coloniais. A África nos mundos atlântico e índico. O impacto do tráfico atlântico de escravos nas sociedades africanas. O impacto da abolição do tráfico de escravos nas sociedades africanas e a transição para o colonialismo. A partilha da África, as resistências africanas e os sistemas de colonização. Evolução das idéias e organizações nacionalistas. A Conferência de Bandung e a ideologia terceiro-mundista. O processo de descolonização africana, a Guerra Fria e o Socialismo. O pós-colonialismo e o jogo das identidades africanas.
8	UNIRIO	Biblioteconomia (Bac)	Antropologia Cultural	OP	NE	A Antropologia Cultural no quadro das Ciências Humanas. Diferenças entre Antropologia Física ou Biológica e Antropologia Cultural / Etnologia. Raça versus Cultura. A noção de diversidade cultural. O método de etnografia. Identidade, subjetividade e alteridade. Teorias e pesquisa antropológicas contemporâneas.
9	UNIRIO	Biblioteconomia (Bac)	Culturas Afro-Brasileiras em Salas de Aula*	OP	ES	Diversidade Étnico-Racial na Escola de Ensino Fundamental. Diáspora Negra. Civilizações africanas. Africanos no Brasil: origem e contribuições. Movimento negro. Quilombos: história, organização e cultura. Lei 10639/2003: texto e contexto. Africanidade e Religiosidade. Culturas Afro-brasileiras Contemporâneas. Dimensões do Ensino da Cultura Afro-Brasileira.
10	UNIRIO	Biblioteconomia (Lic)	Culturas Afro-Brasileiras em Salas de Aula*	OB	ES	Diversidade Étnico-Racial na Escola de Ensino Fundamental. Diáspora Negra. Civilizações africanas. Africanos no Brasil: origem e contribuições. Movimento negro. Quilombos: história, organização e cultura. Lei

					10639/2003: texto e contexto. Africanidade e Religiosidade. Culturas Afro-brasileiras Contemporâneas. Dimensões do Ensino da Cultura Afro-Brasileira.	
11	UNIRIO	Biblioteconomia (Lic)	História da África	OP	ES	A invenção da África. Ensino e pesquisa de História da África. A África Negra na Antigüidade. A expansão do Islão e os Estados africanos pré-coloniais. A África nos mundos atlântico e índico. O impacto do tráfico atlântico de escravos nas sociedades africanas. O impacto da abolição do tráfico de escravos nas sociedades africanas e a transição para o colonialismo. A partilha da África, as resistências africanas e os sistemas de colonização. Evolução das idéias e organizações nacionalistas. A Conferência de Bandung e a ideologia terceiro-mundista. O processo de descolonização africana, a Guerra Fria e o Socialismo. O pós-colonialismo e o jogo das identidades africanas.
12	UNIRIO	Biblioteconomia (Lic)	Ideologia Racial Brasileira na Educação Escolar	OP	ES	Ideologia e contra-ideologia. Ideologia racista. Conceitos de raça, de racismo, de preconceito, de discriminação, de etnia e de estereótipo. Pensamento racial após Abolição Raça e classe. Racismo no Brasil. Identidade Auto-estima positiva do educando negro. Discriminação racial nas escolas. Desconstrução da discriminação no livro didático. Racismo e formação de professores.
13	UFMT	Biblioteconomia	Cultura Brasileira	OB	NE	Cultura: os vários conceitos de cultura. Os elementos universais da cultura. Tendências do processo sócio-histórico-cultural brasileiro: período colonial (influência dos portugueses, indígenas e negros) Império. Republicano (tendências culturais e a renovação modernista). A cultura de massas.
14	UFMT	Biblioteconomia	História do Brasil I	OP	NE	Período Colonial, considera e analisa as relações metrópole e colônia, o entendimento e reflexão das bases econômicas, jurídicas e sociais e a organização do trabalho escravo e livre. Trata ainda da crise do Antigo Sistema Colonial.
15	UFES	Biblioteconomia	Ação Cultural	OB	NE	Definição de cultura e ação cultural. Multiculturalismo. Fundamentos teóricos e metodológicos. Modelos filantrópicos, tecnocráticos e participativos. As relações de mediação cultural: o contexto institucional e o agente cultural.
16	UDESC	Biblioteconomia	Antropologia Cultural	OB	NE	Conceito de cultura. Etnocentrismo e relativismo cultural. Etnia e gênero. Cultura brasileira e identidade nacional. O nacional e o regional. Globalização e novas identidades.

OP: Optativa, OB: Obrigatória, NE: Não-específica, ES: Específica. *Conforme a Resolução nº 4.244, de 17 de outubro de 2013, a disciplina “Culturas Afro-Brasileiras em Salas de Aula” foi implementada como obrigatória no curso de licenciatura e optativa no curso de bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO. Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Conforme os dados analisados, com relação às Universidades, das 29 instituições federais e estaduais avaliadas, somente sete oferecem disciplinas com as culturas. A seguir, analisaremos cada uma das sete Universidades que oferecem disciplinas (específicas ou não específicas) com a temática.

Na Universidade Federal do Ceará (UFC), instituição pública de ensino superior, o curso de Biblioteconomia foi criado em 1964, pela Resolução nº 153 de 17 de fevereiro do referido ano e implementado em 1965. Conforme o Projeto Pedagógico do Curso (PPC), atualizado em 2004, no início o curso possuía uma “estrutura curricular com base na tendência tecnicista da época”, oferecendo disciplinas de “caráter técnico, à instituição biblioteca e à organização de livros, do que à missão informacional, política, técnica, econômica e cultural do Bibliotecário”. Em outras palavras, perdia de vista ou não mantinha como foco em suas ações pedagógicas, “o aspecto fundante da profissão que responde aos anseios e exigências sociais” (UNIVERSIDADE..., 2004, s.p.). Ainda segundo o PPP, o curso visa atender às diretrizes curriculares estabelecidas pela LDB, ao Currículo Mínimo para os cursos de Biblioteconomia aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 1962 e as mudanças solicitadas pela Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN). As reformulações do currículo aconteceram em 1985, 2000 (instituição da monografia como trabalho de conclusão de curso) e 2004. No entanto, não encontramos quaisquer referências à inclusão da Lei nº 10.639, criada em 2003, ou das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, criadas em 2004.

Com relação ao perfil do profissional que a UFC espera formar, a mesma enfatiza o desejo de uma formação profissional com “domínio no manuseio da tecnologia sem deixar de lado a competência humana, em saber ver a diversidade da sociedade, procurando tomar a biblioteca ou unidade de informação um ambiente que seja um grande centro cultural da cidade” (UNIVERSIDADE..., 2004, s.p.). Assim, o “O bibliotecário é um profissional da informação qualificado para interagir no processo de transferência de informação, da Geração ao uso, dos registros do conhecimento e participar da interpretação criticada realidade social” (UNIVERSIDADE..., 2004, s.p.).

Embora não conste no PPC de 2004, ao acessarmos a estrutura curricular disponibilizada no Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) da UFC identificamos 73 disciplinas no currículo do curso. Ali encontramos três disciplinas que tratam das culturas africanas e afro-brasileiras: a) a disciplina específica “Relações

étnico-raciais e Africanidades” de caráter optativo. Com carga horária de 64 horas, essa disciplina possui sua ementa construída para o entendimento da negritude e pertencimento étnico-racial, aborda conceitos de africanidades e descendência, cosmovisão africana, ancestralidade e ensinamentos de religiosidades de matriz africana, personalidades africanas, entre outros pontos da identidade dos negros e africanos; b) a disciplina “Educação em Direitos Humanos”, de caráter optativo e de abrangência não específica, que entre outros pontos, discute a igualdade e diversidade, com especial foco na diversidade étnica, religiosa e sexual; e c) a disciplina de “Diferença e Enfrentamento profissional nas Desigualdades sociais” que aborda entre outros elementos, a cultura étnica e africanidades na sociedade da diversidade (Quadro 7).

A Universidade Federal do Cariri (UFCA) é instituição pública de ensino superior que foi criada pela Lei nº 12.826/2013, a partir de uma separação da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculadas a partir de um Termo de Cooperação. O curso de Biblioteconomia da UFCA é oferecido na sede da Universidade, em Juazeiro do Norte. O PPC foi criado pela UFC no ano de 2006 pela UFC e, por isso, encontramos duas disciplinas com as mesmas ementas oferecidas no curso de Biblioteconomia da última Universidade (UNIVERSIDADE..., 2006, s.p.).

No SIGAA, a UFCA oferece 66 disciplinas, divididas entre optativas e obrigatórias onde constam duas disciplinas que trabalham a temática, sendo uma específica: “Relações étnico-raciais e Africanidades”, e outra não específica: “Educação em Direitos Humanos” ambas com carga horária de 64 horas e de caráter optativo (Quadro 7). O curso busca seguir os parâmetros estabelecidos pela LDB, a grade curricular se divide em sete tópicos: a) Fundamentos Teóricos da Biblioteconomia e Ciência da Informação; b) Processamento da Informação; c) Recursos e Serviços de Informação; d) Gestão de Unidades de Informação; e) Tecnologias da Informação; f) Pesquisa; g) Estágio. No entanto, não aponta referência à inserção dos aspectos mencionados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana ou Lei nº 10.639, de 2003, já criadas e em fase de implantação na época de criação da grade curricular do curso (UNIVERSIDADE..., 2006, s.p.).

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) criou o curso de Biblioteconomia em 1948 e institucionalizado em 1950 pelo então reitor da Universidade do Recife (nome antigo da UFPE) e reconhecido em Decreto nº 59.114 de 23/08/1966. A estrutura

curricular inicial possuiu como influência a Biblioteca Nacional (BN), visto que em 1949, profissionais da Universidade visitaram a BN intuindo coletar informações que serviriam posteriormente para a criação da matriz curricular. Por conta de exigências necessárias, o curso passou por reformulações curriculares propostas pelo Currículo Mínimo de 1982, e da LDB em 1996. Nos anos 2000, readequou sua matriz curricular à Resolução do CNE/CES nº 19, de 13 de março de 2002 (BRASIL, 2002a) que implementou as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. Em 2003, realizam a implantação do novo perfil curricular do curso de Biblioteconomia com a inclusão das diretrizes estabelecidas. No ano de 2011, nova proposta foi realizada “na busca de um perfil de bibliotecário capaz de atuar de forma decisiva para a resolução de problemas da sociedade no que se refere à informação” (UNIVERSIDADE..., 2011a, p. 09).

O objetivo do curso é formar “profissionais com competências e habilidades para solucionar questões relacionadas à seleção, à coleta, à organização, ao tratamento, à disseminação e ao acesso à informação e do conhecimento produzidos, em diferentes meios e suportes” (UNIVERSIDADE..., 2011a, p. 14). O perfil elencado para delinear a formação do bibliotecário formado pela UFPE é aquele que possui a

posição de mediador da informação, desenvolvendo atividades de seleção, organização, gestão, preservação, produção e disseminação de conhecimentos para a sociedade. Assim, a perspectiva adotada para o bibliotecário, enquanto profissional da informação, é a do profissional dinâmico e flexível perante os desafios sociais, culturais e educativos, responsável pela mediação entre o indivíduo e o conhecimento (UNIVERSIDADE..., 2011a, p. 11).

Ao analisarmos a estrutura curricular do curso de Biblioteconomia da UFPE, encontramos a oferta da disciplina específica de “Mediação da Informação e Relações Étnicorraciais” que apresenta conteúdos sobre etnicidade e racialidade, identidade e Afrodescendência no nosso país, bem como processos de mediação da informação e cultura (Quadro 7). Essa disciplina é oferecida como optativa. Entretanto, não encontramos no PPC referência à inclusão da Lei nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008 ou das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (UNIVERSIDADE..., 2011a).

A Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) criou em 1999, pela Resolução nº 63, de 02 de agosto de 1999, o curso de Biblioteconomia no Instituto de Ciências Humanas e Sociais do Campus de Rondonópolis. No entanto, este só começou a funcionar no ano de 2000, conforme estipulado pela Resolução CONSEPE nº 116, de 11 de

dezembro de 2000. E, 2007, o curso teve uma nova estrutura curricular aprovada, a qual encontra-se em vigor até hoje (UNIVERSIDADE..., 2011b, p. 04).

A sua missão é

formar profissionais capacitados para atuar na organização, disseminação e gestão da informação registrada em qualquer tipo de suporte físico, bem como na promoção da leitura, na organização, direção e execução dos serviços técnicos concernentes às matérias e atividades seguintes: o ensino de Biblioteconomia; administração e direção de bibliotecas e demais unidades e sistemas de informação (UNIVERSIDADE..., 2018a).

O currículo do curso busca atender às diretrizes estabelecidas pelo Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001, que estipula as Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (BRASIL, 2001). Não foi encontrado no PPC, a inclusão de diretrizes da LDB, Lei nº 10.639/2003, Lei nº 11.645/2008 ou das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

O currículo do curso de Biblioteconomia da UFMT está desmembrado em 63 disciplinas obrigatórias e optativas. Destas, duas apresentam a inclusão das culturas africanas e afro-brasileira. A primeira é “Cultura Brasileira”, disciplina obrigatória do currículo, que entre outros elementos, aborda o período colonial e influência dos afrodescendentes naquele período. A segunda é “História do Brasil I”, disciplina optativa da grade que discute, entre outros conteúdos, a “organização do trabalho escravo e livre”. Nesse sentido, podemos inferir que, mesmo de forma transversal em disciplinas não específicas das culturas, as mesmas encontram-se presentes na formação do bibliotecário.

Outra Universidade pública que insere as culturas é a Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). O curso de Biblioteconomia foi criado a primeira vez em 1969, passou por reformulações e trocas de departamentos e foi criado novamente em 1974, sendo reconhecido pelo Conselho Federal de Educação em 1978. A missão do curso é formar bibliotecários para

mediar e gerenciar informações registradas em suportes tradicionais, eletrônicos ou virtuais, habilitando-os para desenvolver atividades de organização, recuperação e disseminação da informação disponível em livros, revistas, jornais, fitas de vídeo, discos, mapas, slides, fotografias, CD-ROM, entre outros (UNIVERSIDADE..., 2018b, s.p.).

Na matriz curricular constam 40 disciplinas distribuídas entre obrigatórias e optativas. Destas, uma delas, a disciplina “Ação Cultural” apresenta entre seus elementos

a discussão sobre multiculturalismo. Esta disciplina é de caráter obrigatório e de abrangência não específica. Não foi encontrado o PPC, por isso não foi possível analisar quais os instrumentos normativos que o mesmo segue (UNIVERSIDADE..., 2018b).

A Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) atualmente oferece três cursos de Biblioteconomia. O curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO, “foi o primeiro [...] criado pela Biblioteca Nacional (institucionalmente criado em 1911, e efetivamente em 1915), com influências francesas foi o precursor do ensino no país” (PINTO, 2015, p. 44). Conforme a Universidade (2018d, s.p.), a “Escola oferece os cursos de Bacharelado Matutino, Bacharelado Noturno e Licenciatura em Biblioteconomia, os quais se sustentam no tripé: ensino, pesquisa e extensão. Seu currículo está organizado em conjuntos de disciplinas obrigatórias e optativas”.

Os cursos de Bacharelado em Biblioteconomia Matutino e Noturno visam à formação de profissionais

aptos a atuar como agentes engajados nos processos sociais, culturais, educacionais e de democratização da informação; capazes de contribuir para o progresso das pesquisas em ciência e tecnologia para o desenvolvimento social e econômico do país e de dar suporte informacional a empresas e organizações no contexto globalizado (UNIVERSIDADE... 2018d, s.p.).

Possui como base para o currículo, a LDB (Lei nº 9.394/1996) e o Plano Nacional de Educação. O currículo dos cursos de Bacharelado oferece 142 disciplinas distribuídas entre obrigatórias e optativas. Destas, duas se referem à introdução das culturas africanas e afro-brasileiras nos cursos. A primeira é denominada “História da África”, caracterizada como uma disciplina específica e optativa que aborda a História do continente africano e seus povos implementada no currículo pela Resolução Resoluções nº 4.115, de 21 de junho de 2013; e a segunda, é a disciplina de “Culturas Afro-Brasileiras em Salas de Aula”, implementada pela Resolução nº 4.244, de 17 de outubro de 2013, como disciplina específica e optativa nos cursos de bacharelado em Biblioteconomia da UNIRIO.

Com relação ao curso de Licenciatura em Biblioteconomia, Spudeit (2014, s.p.) afirma que

O curso já existiu na UNIRIO entre 1986 e 1991, porém, teve o projeto político pedagógico reformulado em 2009 e a primeira turma no novo currículo iniciou em 2010, sendo que esse ano terá os primeiros formados. A licenciatura em Biblioteconomia já teve em outras universidades no país, mas atualmente a UNIRIO é a única que possui o curso em andamento e esse ano formará os primeiros licenciados que desbravarão muitos caminhos.

O seu objetivo é proporcionar

[...] uma sólida fundamentação nos conhecimentos da área pedagógica, integrada de maneira orgânica com os da área de Biblioteconomia, entendendo o processo de ensino-aprendizagem como um todo, partindo das relações pedagógicas que estruturam o curso, a fim de atuar como um profissional consciente e responsável. Ele apresentará competências relativas à compreensão do papel social da escola, ao domínio do conhecimento pedagógico e de investigação que possibilitem o aperfeiçoamento da prática pedagógica e competências referentes aos conteúdos específicos da Biblioteconomia, seus significados em diferentes contextos e sua articulação interdisciplinar (UNIVERSIDADE..., 2018e, s.p.).

Além de também ter como base: a) a LDB; b) a Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002, que institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena (BRASIL, 2002b); c) a Resolução CNE/CP nº 2, de 19 de Fevereiro de 2002, que implementa a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em nível superior (BRASIL, 2002c); e d) o Plano Nacional de Educação; o curso de Licenciatura em Biblioteconomia da UNIRIO utilizou os

[...] documentos básicos gerados a partir de uma série de oficinas e seminários promovidos pela ABECIN - Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação - para a discussão e elaboração de um projeto pedagógico nacional para área e nas Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecidas para o curso de Bacharelado em Biblioteconomia (Parecer CNE/CES no. 492/2001) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de Licenciatura, de graduação plena (Resolução CNE/CP nº. 1/2002). (UNIVERSIDADE..., 2009, s.p.).

Articulado em seis eixos, o curso oferece 116 disciplinas, das quais quatro disciplinas introduzem as culturas africanas e afro-brasileiras, a saber: a) “Culturas Afro-Brasileiras em Salas de Aula”: disciplina obrigatória específica que apresenta discussões sobre África, diáspora e identidade negra para serem trabalhados em sala de aula; b) “História da África”: disciplina optativa específica que retrata a história do continente africano, bem como seus povos e seus aspectos culturais, políticos e de luta; c) “Ideologia Racial Brasileira na Educação Escolar”: disciplina optativa específica que apresenta conceitos sobre ideologia, racismos, contra-ideologia entre outros pontos a serem estudados para a desconstrução de preconceitos contra afrodescendentes; d)

“Antropologia Cultural”: disciplina optativa não específica que aborda entre outros elementos, “Raça versus Cultura” e a “noção de diversidade cultural” (Quadro 7).

Não encontramos nos PPC dos cursos de Bacharelado e Licenciatura referências à inserção das Leis nº 10.639 e nº 11.645, nem às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Entretanto, encontramos a Resolução nº 4.115, de 21 de junho de 2013 e a Resolução nº 4.244, de 17 de outubro de 2013, que estabelecem a inclusão das disciplinas de História da África, Língua Brasileira de Sinais, Culturas Afro-Brasileiras em Sala de Aula e Educação Ambiental e Cidadania ou conhecimentos relativos nos cursos de Graduação da UNIRIO (UNIVERSIDADE..., 2013a,b).

No ano de 1973, foi criado o curso de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). O projeto do curso foi aprovado em 23 de outubro do mesmo ano no Processo nº 435/1973 do Conselho Federal de Educação. Autorizado pelo Decreto nº 73.260 de 6 de dezembro de 1973, o curso deu início às suas aulas em março de 1974, na antiga Faculdade de Educação, atualmente chamado de Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED) (NASCIMENTO, 2014).

O currículo do curso passou por diversas reformulações desde sua criação. A primeira visava a implantação das diretrizes estabelecidas pelo currículo mínimo de 1962. A segunda foi a partir de 1979, quando o curso passou por reformulação conforme orientações estabelecidas pela Associação Brasileira de Ensino de Biblioteconomia (ABEBD), atual ABECIN. Em 1987, houve nova alteração curricular para serem introduzidas algumas disciplinas, como por exemplo, Arquivística e Estudo de Usuários. Com a criação da LDB em 1996, em 2000 foi realizada nova reformulação do currículo, para a adequação das necessidades exigidas pela Reitoria da UDESC, da sociedade, do mercado de trabalho e dos interagentes da informação. O currículo vigente atualmente foi implantado em 2008 e visa atender aspectos trazidos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Biblioteconomia, além de introduzir disciplinas de Tecnologia da Informação e Gestão (NASCIMENTO, 2014).

O curso de Bacharelado em Biblioteconomia da UDESC possui habilitação em Gestão da Informação. Seu objetivo é “formar bibliotecários aptos para produzir e utilizar conhecimentos técnico-científicos na gestão da informação para suprir às necessidades informacionais da sociedade” (UNIVERSIDADE..., 2018c, s.p.). Conforme o PPC, a matriz curricular encontra-se organizada em seis áreas: a) Fundamentação Geral; b)

Organização e Recuperação da Informação; c) Recursos e Serviços de Informação; d) Gestão da Informação; e) Tecnologias da Informação; e f) Pesquisa (UNIVERSIDADE..., 2007). O curso conta com 46 disciplinas, das quais somente a disciplina não específica de “Antropologia Cultural” apresenta a discussão sobre etnias dentro curso, conforme demonstra sua ementa (Quadro 7). No que se refere ao caráter, esta disciplina é obrigatória na formação do bibliotecário.

Em pesquisa de conclusão de curso realizado pela presente pesquisadora, o curso de Biblioteconomia da UDESC foi estudado visando compreender a inserção das culturas africanas e afro-brasileira. Como resultados, compreendemos, por meio do DSC, que haviam outras disciplinas que introduziam basicamente as culturas, embora isto não estivesse presente nas ementas do curso, a saber: Leitura e Literatura Infanto-Juvenil, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Gestão de Estoques Informacionais, Catalogação e a já citada, Antropologia cultural. Verificamos também que, embora os docentes considerem as culturas importantes para a formação do bibliotecário, havia pouca inserção dos conteúdos na educação bibliotecária do referido curso. Isso acontece, pois os docentes não possuem formação para trabalharem as culturas em sala de aula, sendo necessária a capacitação docente (SILVA, 2016a).

Outro ponto relevante do estudo é que as culturas eram inseridas quando os alunos demandavam a produção de trabalhos de conclusão de curso ou traziam as culturas para sala de aula. Nesse caso, os docentes realizavam autoformação para conseguirem suprir suas necessidades. Além disso, aqueles docentes que possuíam formação para introduzir a temática eram oriundos de outros cursos de formação que inseriam a temática no currículo. Por fim, averiguamos o desconhecimento da Lei nº 10.639/2003, bem como o uso de termos (escravo, por exemplo) e expressões que estão sendo descontinuados por demandas da comunidade afrodescendente (SILVA, 2016a).

Pelo exemplo apresentado, temos consciência de que somente os instrumentos normativos produzidos nos cursos, tais como as disciplinas, ementas, projetos políticos pedagógicos e bibliografias seriam insuficientes para afirmarmos a real inserção das culturas, visto que nem sempre tais instrumentos refletem o que o docente aplica em sala de aula. Entretanto, entendemos que o currículo pode ser interpretado como um discurso e, portanto, é político. A partir dele, o que é ou não ensinado na grade curricular desses cursos pode influenciar na manutenção de desigualdades sociais, informacionais, econômicas e educacionais da população afro-brasileira.

Não podemos esquecer que a manutenção de poder no Brasil está sedimentada pelo “mito da democracia racial” que mantém a falsa sensação de que todas as etnias convivem em harmonia e de que não há situações de desigualdade causadas pela discriminação e pelo racismo.

O racismo se mantém em diversos setores da sociedade, inclusive na Universidade. A luta dos movimentos negros pela melhoria da qualidade de vida da população afro continua sendo pauta, mas quando chegamos aos bancos escolares, universitários e aos lugares de poder, não há representatividade proporcional à população negra e também da luta dessa população. E quando há representantes dos direitos humanos e de movimentos civis ou que lutam pelos direitos das populações afro, esta voz acaba sendo silenciada, seja pela opressão ou pela morte (vide o caso da vereadora do Município do Rio de Janeiro Marielle Franco, assassinada em março de 2018).

A presença da luta de classes no nosso país divide a sociedade em dois lados. De um lado temos as etnias historicamente invisibilizadas e relegadas a “seres de segunda categoria” que lutam para serem (re)conhecidas e receberem direitos que a Constituição institui; de outro lado, uma minoria que detém poder sobre quais histórias serão contadas e inseridas na formação dos cidadãos brasileiros. Há também a branquitude, que visa à manutenção de privilégios (simbólicos, materiais e imateriais) do grupo racial branco em detrimento às outras etnias. Em consonância com esses aspectos, a educação em Biblioteconomia no Brasil possui uma base eurocêntrica, que busca enfatizar e tornar norma todo o processo educacional trazido da Europa e Estados Unidos, e praticamente ignora o que é de outros continentes, dentre eles, do Continente Africano. E aqui, não podemos esquecer, que há também uma escolha do que é trazido da Europa e dos Estados Unidos, pois conforme demonstra nosso Quadro 7, os cursos ainda não inserem a *Black Librarianship* dos Estados Unidos como conteúdo da formação dos bibliotecários brasileiros.

Ademais, podemos perceber que, embora as Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 tenham sido criadas há mais de uma década, somente sete universidades introduziram nos currículos dos cursos de Biblioteconomia as culturas relacionadas aos afrodescendentes. Nossa pesquisa busca proporcionar a reflexão de que é a partir da sensibilização da inserção de culturas como essa que o profissional da informação estará melhor equipado para entender criticamente os problemas sociais e educacionais que afetam determinadas populações e, a partir disso, realizar ações de inclusão, de representação e de visibilização

das mesmas. Além disso, pode ser o principal mediador da informação para que estes sujeitos virem atores de suas próprias vivências por intermédio do acesso à informação e ao conhecimento.

7 PERCEPÇÕES DOS DOCENTES A PARTIR DA ANÁLISE DO DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO

Quais as representações sociais docentes sobre as culturas africanas e afro-brasileiras no ensino de Biblioteconomia? Ao longo deste trabalho, buscamos construir o nosso caminho até este momento em que apresentamos a segunda parte dos nossos resultados. Nesta seção primária encontram-se descritos brevemente nossos entrevistados e é apresentado o discurso do coletivo docente para a extração das representações sociais sobre o tema pesquisado, a partir da técnica de análise DSC. O discurso traz o imaginário social dos docentes refletindo o que pensam e falam sobre as culturas afros. Posteriormente, alguns trechos dos depoimentos e do DSC são discutidos e desvelam as percepções docentes visando responder aos objetivos desta pesquisa. Assim, análise dos discursos trouxe à superfície cinco pontos, a saber: a) os desafios sociais do bibliotecário na atualidade; b) a formação do bibliotecário e a sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras; c) as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) que contemplam a inserção dessas culturas em cursos de Biblioteconomia; d) indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras; e e) branquitude.

7.1 DESCREVENDO OS ENTREVISTADOS

Com relação aos dados dos entrevistados, 24 foram os respondentes desta pesquisa. Ao total, 19 docentes preencheram o questionário de caracterização da pesquisa, sendo 11 docentes do sexo feminino e oito do sexo masculino. A idade dos docentes entrevistados estão entre 31 e 71 anos. Verificamos que sete entrevistados se autodeclararam negros, seis como brancos, três como pardos e três não declararam seus pertencimentos étnico-raciais. Com exceção de uma entrevistada que possui graduação em Arquivologia e História, todos os outros respondentes possuem graduação em Biblioteconomia. Quanto à formação, com exceção da entrevistada supracitada, todos os docentes são bibliotecários e a maioria possui mestrado e Doutorado em Ciência da Informação. Dos que preencheram o questionário, somente três não são membros do Núcleo Docente Estruturante. O Quadro 8 apresenta o perfil dos docentes de forma mais detalhada.

Quadro 8 - Perfil dos docentes entrevistados que responderam ao questionário de caracterização.

DOCENTE	DADOS PESSOAIS			TIPO DE INSTITUIÇÃO	FORMAÇÃO			Membro NDE
	Idade	Sexo	Pertencimento Étnico-racial		Graduação	Mestrado	Doutorado	
Entrevistada 1	39	F	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Educação	Educação Escolar	Não
Entrevistado 2	32	M	Pardo	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 3	43	F	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Políticas Sociais	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 4	36	F	-	Universidade Estadual	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Information Science and Technology	Sim
Entrevistado 5	44	M	Preto	Universidade Estadual	Biblioteconomia	Educação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistado 6	31	M	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 7	40	F	-	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 8	39	F	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Comunicação	Geografia Humana	Sim
Entrevistado 10	36	M	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Letras	Letras	Sim
Entrevistada 11	36	F	Preto	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Serviço Social	Não
Entrevistado 12	47	M	Pardo	Universidade Estadual	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 14	71	F	Branco	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Documentação	Sim
Entrevistada 15	69	F	-	Universidade Federal	Biblioteconomia	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 17	31	F	Branco	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistado 18	52	M	Branco	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	-	Sim
Entrevistado 19	44	M	Branco	Universidade Federal	Biblioteconomia	Educação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 21	70	F	Branco	Universidade Federal	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistado 23	38	M	Pardo	Universidade Estadual	Biblioteconomia	Ciência da Informação	Ciência da Informação	Sim
Entrevistada 24	43	F	Branco	Universidade Federal	História/Arquivologia	História	História das Ciências	Não

Fonte: Dados da Pesquisa (2018).

7.2 O DISCURSO DO SUJEITO COLETIVO: O QUE PENSAM OS DOCENTES?

Após a entrevista com os docentes, foi aplicada a metodologia da análise dos discursos coletados, o DSC. A partir disso, foi elaborado o DSC geral, que é o resultado obtido da soma de todos os discursos. Apresentamos no discurso que segue a resposta em ordem das perguntas realizadas.

Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades, como em todas as profissões, e estão cada vez mais complexos. Acredito que não temos somente desafios sociais, temos desafios de todas as ordens, porque são desafios econômicos, políticos, etc. Um dos desafios é a formação dos bibliotecários, pois temos passado por complicadores vindos da própria Universidade e da crise econômica que impacta, inclusive na quantidade de profissionais e mercado de trabalho. O papel da biblioteca e do bibliotecário mudou e acredito que os bibliotecários teriam, pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, a possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a sociedade enfrenta desde os aspectos graves da Economia até a questão social. Talvez, o principal problema na formação do bibliotecário seja a visão da profissão como uma técnica. Outro ponto desafiador é a regulamentação profissional, pois nosso sistema de regulamentação é antigo e precisa ser rediscutido para pensar no papel desse profissional com a sociedade brasileira. É preciso mostrar para os alunos o potencial da biblioteca para mobiliar neles, o pensamento crítico. Por isso, um dos desafios é a questão curricular. O currículo da Biblioteconomia não está preparado para os desafios sociais. Os currículos são defasados e não atendem às demandas sociais, sobretudo na parte teórica. Muitos currículos possuem o foco na técnica, catalogação, classificação, mas não se discute e se entende como as técnicas são criadas e como podem ser excludentes. O espaço universitário ainda é mantenedor de desigualdades, e é preciso refletir sobre esses aspectos na formação. Os alunos do curso de Biblioteconomia são alunos carentes. Um dos grandes desafios da Biblioteconomia hoje é capacitar o aluno em uma formação mais ampla com questões vigentes no dia a dia. O grande problema é que a área ainda parece estar se construindo cientificamente e tende a olhar para o bibliotecário como se este fosse neutro e universal e também como se o fazer técnico não fosse uma formação que exija pensar a intelectualidade. O profissional não era e continua não sendo preparado para essas questões sociais tão presentes na história brasileira. O profissional precisa entender o espaço onde está inserido. O processo de formação do profissional é um processo contextualizado, onde não se pode separar a teoria da prática. O bibliotecário precisa entender e desenvolver um olhar fundamentado e comprometido com as questões do ser profissional no sentido formal de formação técnica e também de uma visão do contexto, onde possa perceber está inserido e o tipo de instituições e usuários de informação com os quais se relaciona. Tudo isso demanda um processo formativo complexo e intenso.

É preciso ainda, uma formação mais completa, embora acredite que, na formação, não é possível contemplar todos os desafios em sua totalidade. Inclusive, há dificuldade em revisar a matriz curricular, pois os professores estão com bastantes trabalhos e é preciso parar para fazer uma matriz, fazer o estudo e a sua elaboração. Assim, o grande desafio é trabalhar matrizes curriculares para que elas atendam as demandas sociais crescentes da questão da história Africana e Afro-brasileira e da questão dos processos de gestão ambiental. Acredito que os desafios sociais da formação atualmente estão voltados para as questões de inclusão no que diz respeito às questões de sexualidade, raça, gênero, religião e acessibilidade.

Por outro lado, a questão tecnológica é um dos desafios encontrados. Não somos reconhecidos pelo nosso potencial em atuar com a tecnologia no tratamento, recuperação e circulação da informação. Muitos cursos não estão abordando as questões tecnológicas como deveriam.

Portanto, há uma falha, pois os bibliotecários que dominam isso foram buscar capacitação em outras instituições após a formação.

Como desafio local, acredito que os alunos chegam ao curso de Biblioteconomia pensando que o curso será mais focado na perspectiva tecnológica, onde a perspectiva social não é prioridade dos docentes e da matriz curricular. Há uma diferença cultural muito grande com uma série de questões que a gente tem da Europa. A nossa formação e a nossa gente são muito mescladas aqui no Brasil. Não é demérito sermos mesclados, mas aqui se privilegia o que vem da Europa e as questões que nos melhoram devido à nossa miscigenação racial não são valorizadas. Há também a questão de compreender a coletividade e dos profissionais e estudantes se engajarem em causas coletivas e questões sociais, além de entender que as técnicas são para alguma coisa e não em si mesmas. Em algumas disciplinas, tento apresentar o social e o usuário como pontos de partida e a comunidade como contexto de prática profissional do bibliotecário. Acredito ser necessário formar o bibliotecário para trabalhar com o contexto social do Brasil e lembrar aos futuros bibliotecários o que é o Brasil, quais suas características, particularidades, diferenças e recuperar a sua matriz indígena, africana e europeia e entendendo as hegemonias que foram colocadas na construção do nosso país. Assim, é necessário compreender a realidade onde esses profissionais são formados, ou seja, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural e étnico-racial.

Penso que ainda, no que se refere aos desafios sociais para a formação, na questão da permanência, pois o perfil do nosso estudante é de baixa renda. Assim como, as deficiências apresentadas com relação à formação do estudante vindo do ensino público, inclusive de escrita e leitura. Há o desafio para o docente, que tem que compreender, pensar e atuar no mercado de trabalho para poder dar aulas. E para o estudante, pois se depara com um mundo complexo ao sair da universidade. Os alunos do curso de Biblioteconomia possuem um perfil diferenciado, visto que já possuem uma vivência da questão racial, das dificuldades e das mazelas do nosso dia a dia, das comunidades e das realidades sociais, pois são oriundos das classes C, D e E, ou seja, são alunos carentes. Isso irá ajudar a formar um melhor bibliotecário social.

A história do bibliotecário é uma história elitizada também na formação. A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos. Na minha formação não tive nenhuma perspectiva, disciplina ou professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Não vejo os professores trabalhando esses temas, vejo-os mais preocupados com a técnica e com a abordagem dos clássicos.

Em alguns momentos, o corpo docente se preocupa com a formação do bibliotecário frente às transformações que se referem às discussões de raça e de gênero. Alguns professores trabalham e estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática e levam para sala de aula. Outros professores não estão envolvidos e pouco trabalham a temática, mas não porque não se importem ou não achem relevante, mas porque são poucos textos, poucas abordagens e poucas reflexões. Parte dos professores se preocupa em incluir as culturas afros no currículo buscando atender a uma exigência do MEC, pois é algo avaliado. O MEC colocou como exigência, mas nunca houve um forte avanço na formação do bibliotecário aqui, pois não há essa preocupação na Universidade. Não adianta somente colocar nas diretrizes do PPC, é preciso passar para o aluno e levar as questões afro e da diversidade sexual e colocar isso na prática docente e provocar o debate. Ainda falta uma capacitação docente para operar com as diversidades e que o currículo seja adequado a isso. Se o profissional não ir atrás dessa formação sobre as culturas não terá nenhum aporte com relação às culturas afro-brasileiras. Não há disciplina que contemple uma formação que atenda a esse público específico e nossos alunos são afro-brasileiros, são afrodescendentes. Contudo, houve uma mudança clara, em especial depois do REUNI, das universidades terem tornado seus cursos mais inclusivos.

A academia ainda é bastante resistente ou pouco informada sobre as questões relacionadas aos afro-brasileiros. A universidade e os cursos precisam estarem voltados para essa questão e eu não tenho visto isso acontecer. Não vejo no ementário da grade de alguns cursos de graduação em Biblioteconomia do nosso país. Na grade curricular de quando fiz minha graduação e a grade que está vigente no curso onde exerço a função de docente e formador de bibliotecários, não vejo

nada em relação às culturas africanas ou afro-brasileiras. Essa questão é importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional, especificamente, com o profissional da Biblioteconomia, no entanto, não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática [docente] uma discussão consistente voltada para essas questões. Não vejo elaboração de políticas específicas no que diz respeito ao currículo para se trabalhar esse tema dentro de sala de aula. Acredito que os conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil e do legado cultural é importante de ser inserido no curso, mas acho que deveria vir intensificado da educação de base.

A formação brasileira envolve falar das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas e todos nós. Infelizmente, na formação escolar isso mal é dado ou é dado de forma enviesada. No ensino superior, a formação de bibliotecários não tem a discussão sobre o tema. O currículo de Biblioteconomia ainda precisa de uma africanização. Os cursos de Biblioteconomia têm que começarem a incluir essa discussão desde os primeiros períodos do curso para fazer essa construção e resgate sobre o tema. Quase não há disciplinas que discutem a questão étnico-racial e quando há, são como disciplinas optativas, não como disciplinas obrigatórias. A questão racial é uma temática transversal, que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora. Embora exista alguma disciplina obrigatória, a Biblioteconomia ainda está muito voltada para questões técnicas e esquece de pensar na diversidade, nas questões raciais e de identidade. Nas disciplinas, o tema fica à margem, não há discussão ou aprofundamento da questão. Quando há discussão, ela depende da vontade dos docentes em abordar a presença do negro no Brasil.

Na Biblioteconomia brasileira não se tem a noção de comunidade e isso é problema grave, porque a população afrodescendente não consegue enxergar sua história na biblioteca. A história negra foi apagada da história do Brasil e é apagada das nossas bibliotecas. Não temos livros sobre História da África e a história da África está apagada, inclusive, nas classificações utilizadas por nós.

Penso que o bibliotecário não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com relação ao público oriundo da África ou países circunscritos a esse Continente que estão no Brasil. O bibliotecário necessita discutir as realidades materiais, sociais, étnicas de onde está inserido. A formação bibliotecária ainda é uma formação distante da realidade local, pois é um único currículo que serve para todo Brasil. Os estudantes não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel, do papel histórico de sua cidade e da sua cultura para o Brasil. A questão de como a temática é tratada em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, nem sempre terá essa aproximação feita tão diretamente com o estudante, pois é trabalhada por professores de outros departamentos. A temática não aparece na matriz curricular, nem na ementa da disciplina e nem na bibliografia, mas está sendo feita uma construção em sala de aula para depois formular o currículo e introduzir bibliografias e conteúdos de ementas para que faça parte da formação do bibliotecário. Em algumas vezes, há disciplinas onde são tratadas e discutidas as questões indígena e negra por fazerem parte da cultura brasileira, como por exemplo, Teoria da Ação Cultural. Em alguns casos, a temática só é trabalhada na pós-graduação, a partir da orientação.

A biblioteca pode ser um canal importante de inclusão social, de justiça social e democratização do acesso a políticas sociais para minorias. A preocupação de inserção das culturas deve acontecer através das bibliotecas públicas, que são o locus privilegiado da população em geral. E vai depender das pessoas, inclusive da visão dos gestores e das políticas públicas.

No Brasil, penso que há uma deficiência, porque as bibliotecas públicas, universitárias ou escolares, elas oferecem serviços de um modo geral. Não há uma preocupação com os diferentes públicos e de trabalhar serviços especializados para determinados públicos e comunidades. As bibliotecas, em especial as públicas, precisam reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para oferecer e levar produtos, serviços e conteúdos que tenham impacto nesse tipo de público. Precisamos começar uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia e criar uma percepção e consciência coletivas da importância em reconfigurar o olhar e ressignificar as ações e modo de ver dos profissionais, alunos e pessoas. Acredito que hoje há uma sensibilidade maior para a questão. Por força dos movimentos sociais há preocupação em inserir

as culturas afros nos programas e currículos dos cursos. É importante trazer África para criar uma Biblioteconomia mais representativa das questões das culturas africanas dentro da nossa cultura, principalmente através dessa formação oficial com a valorização de todo tipo de manifestação cultural. Ainda precisamos estudar o tema, principalmente, as representações do conhecimento fundamentadas nas representações sociais de grandes teóricos. Construir um discurso e um ambiente para sensibilizar os alunos e começar a discutir questões como afrodescendência e cultura indígena. Os projetos pedagógicos dos cursos têm que possibilitarem esse tipo de discussão da temática. A disciplina deve fazer parte do projeto político pedagógico do curso e ser específica para tratar da questão negra.

Quanto às ações, conheço alguns instrumentos normativos como resoluções para a questão de cotas, acessibilidade e temas mais gerais. No entanto, desconheço instrumentos específicos que abordem a temática. Instrumentos norte-americanos e europeus, como a CDD e CDU, possuem falhas em como são tratadas as culturas, visto que não retratam suas especificidades. Há a política de ações afirmativas e outras políticas inclusivas que funcionam. Em algumas vezes, na universidade, não há resoluções oficiais sobre o tema, mas temos as cotas para ingresso de estudantes negros. Tenho observado o uso de ações afirmativas e aumento de bolsas dentro da Universidade. Além disso, há discussões sobre políticas de ações afirmativas nos colegiados para a graduação e para a pós-graduação.

Conheço prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas em disciplinas dos cursos, mas eu desconheço normativas específicas sobre o assunto na Instituição onde trabalho. Com relação a leis, existe a legislação vigente, por meio da Lei 10.639/03. Esta Lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. A Lei 10.639/2003 é aplicada por professores que já são engajados na temática dentro do currículo oculto das disciplinas. Do ponto de vista da formação, muitos docentes que ministram aulas no ensino fundamental e médio não possuem formação para tal, visto que somente alguns cursos das Ciências Humanas estão aptos a aplicarem a Lei 10.639/2003. Na legislação recente, há o pedido de inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes e que tenhamos algo especificamente voltado para isso no curso. Por conta dessa legislação, diversos cursos estão inserindo conteúdos e tentando sanar isso como tópicos dentro das disciplinas. Entretanto, considero que a legislação sobre racismo insuficiente, pois ainda são minimizados os casos de racismo e classificados como injúria racial.

Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática. Há alguns instrumentos legislativos, mas eles não possuem impacto algum no aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia, pois ainda é realizado de forma isolada a inserção da temática dependendo somente dos docentes e projetos de extensão. Ao olhar de forma criteriosa a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso não identifiquei a inclusão da temática. Acredito que o Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso e essa preocupação se reflete na ementa, no Programa e no Projeto Pedagógico do curso. Algumas vezes, os alunos possuem a possibilidade de cursar a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira dentro do Departamento de Antropologia. O curso está em fase de reestruturação do projeto pedagógico para contemplar recomendações do MEC, inclusive com relação à cultura afrodescendente. Em alguns casos, há no curso, a disciplina obrigatória de Cultura Afro e existem algumas disciplinas no currículo atual que buscam incluir essa discussão na disciplina, mas elas foram realizadas para cumprir a exigência da Secretaria de Avaliação da Universidade. Ou seja, foi mais uma preocupação com relação à Comissão de Avaliação do MEC do que em termos de projeto de curso. Em alguns casos, no curso, há disciplina de Ação cultural, que aborda a diversidade cultural, e temos também projeto de extensão sobre o tema. No entanto, há uma normativa na Universidade para que seja implantada a disciplina sobre História Afro-brasileira e meio ambiente e tem sido um desafio de implantar ou inserir disciplinas que contemplem esses conteúdos. Além disso, há uma normativa para oferecer as disciplinas de direitos humanos, questões raciais e de libras. Mas somente a disciplina de libras é ofertada. O regulamento geral dos cursos de graduação obedece ao que prevê a legislação superior. Em alguns casos, a

temática é abordada por professores que orientam trabalhos sobre isso e em projetos realizados por eles e pela Universidade. Entretanto, frequentemente, não tenho percebido nenhuma ação específica sobre a temática dentro do currículo efetivamente praticado. O que ocorre são atitudes isoladas de alguns docentes que trabalham o conteúdo de forma transversal dentro dos seus discursos e da sala de aula.

Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas e não há nenhum projeto a longo prazo que faça interface direta com a temática. Pontualmente, temos TCC sobre o tema e existem alguns trabalhos, mas não são de forma contínua. Em alguns casos, existem projetos de alguns professores que abordam as questões africanas, racismo e misoginia. Em outros casos, há projetos de extensão desenvolvidos em comunidades ribeirinhas e grupos de estudos da Universidade sobre a questão afro, onde participam alunos da Biblioteconomia. Alguns professores também criaram grupos de estudos de afro-brasileiros e revistas científicas que trazem o debate sobre o negro, acessibilidade, questão de gênero, violência e temas sociais. Pontualmente, há docentes que fazem parte do NEAB e, em alguns momentos, os membros do Núcleo vêm dar palestra para alunos da Biblioteconomia. O NEAB oferece disciplinas, mas não podemos incluir nas disciplinas do nosso curso por serem disciplinas de outros turnos. Alguns professores incluem os temas de gênero, direitos humanos e relações étnico-raciais, conforme os temas universais do MEC para o currículo dos cursos.

Em alguns casos, há programas de educação tutorial e foram aprovados programas interdisciplinares que englobam estudantes de diferentes cursos. Acredito que poderia ser criada uma lei ou decreto que tornasse obrigatório o ensino da temática em todos os cursos independentemente das áreas dos cursos ou de ser licenciatura ou bacharelado. Nas Escolas de Biblioteconomia, essa lei mudaria o currículo e este seria estabelecido sem depender de determinados professores que incluem no currículo oculto, pois os conteúdos sobre a questão racial e o lugar do negro na sociedade estariam definidos em disciplinas obrigatórias. Eu acredito que, atualmente, estamos criando um novo currículo para incluir essa dimensão da história e cultura afro-brasileira, quanto as dimensões étnico-raciais, meio ambiente, direitos humanos e cidadania. Dessa maneira, há uma enormidade de coisas a fazer: a) Trabalhar e discutir o tema em sala de aula por intermédio de seminários; b) desenvolver projetos de extensão voltados para comunidades e suas demandas informacionais; c) criar diversas ações nas bibliotecas voltadas à produção de conteúdos e geração de ambientes em espaços web para esse público; d) Pesquisar temas como a questão afrodescendente e de gênero no âmbito da pós-graduação. Quanto a outras medidas, existem a Fundação Cultural e a Fundação Gregório de Matos que abordam as culturas, além de movimentos sociais oficiais.

Quanto a leis, não sei de cor a legislação, pois não sou pesquisador/a e militante dessa área. Existem professores que abordam a temática, mas são da área de História, não do curso. A publicação de livros que discutem essa temática é muito importante. Eu conheço teses, mas quanto a livros sobre o tema, eu acho que “Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI” de Daniella Spudeit e Marielle de Moraes editorado pela ABECIN foi o primeiro a abordar a temática. Além disso, quanto à produção de livros por bibliotecários, conheço “O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública e o livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima, um livro sobre bibliotecários negros. Há também uma gama de literatos/as e escritores/as que precisam ser conhecidos/as na Biblioteconomia como Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outros. Autores acadêmicos como Abdias do Nascimento, Lélia González, Beatriz Nascimento, Alex Ratts. Lembro do autor Muniz Sodré, mas não tenho certeza disto.

Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança. Eu não conheço autores que lidam especificamente com a discussão afro, por isso nós não temos uma bibliografia de autores africanos para discussão sobre o contexto africano em sala de aula. Por conta das percepções e necessidades dos alunos, foco em autores e autoras que não estão na bibliografia do curso, como é o caso da autora Carolina de Jesus sobre a literatura marginal, do autor Stuart Hall com o

conceito de identidade, do autor Néstor García Canclini e o conceito de culturas híbridas, do conceito de hegemonia cultural do Antonio Gramsci e conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu. Há ainda, algumas discussões sobre políticas e estudos culturais onde poderia indicar os manuais de Antropologia Cultural, o Alfred Louis Kroeber, Armand Mattelart.

Seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes em como pensar a classificação de literaturas de outros países e países de África a partir dos sistemas de classificação mais utilizados como CDD e CDU. Quem abriu o universo maravilhoso da África foi Chimamanda Adichie com sua contação de causos e a TED que ficou famosa. Algumas vezes, na minha prática docente tive contato com autores africanos de língua portuguesa que trouxeram a percepção e sensibilidade para entender a temática. Posso citar o livro “O alegre canto da perdiz” da escritora moçambicana Paulina Chiziane, há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra” e o escritor angolano José Luandino Vieira e suas obras. Em alguns momentos, tenho trabalhado com o que os colegas me indicam. Uma leitura que indico aos meus orientandos é a biografia do Malcom X. Na disciplina de Teoria da Ação Cultural utilizo a obra “O povo brasileiro” do Darcy Ribeiro por conter elementos interessantes para discutir a questão indígena e a questão negra. Citaria ainda Roberto da Matta e Sérgio Buarque de Holanda. Utilizo ainda, a obra “Da Cor da Cultura” com documentários produzidos pelo MEC. Além disso, tenho conhecimento da produção da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e existem vários autores como Joseph Ki Zerbo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González, Amauri Mendes, Amílcar Pereira e Kabengele Munanga.

Conheço livros como “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre, “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro. O “História dos Quilombolas” e a “A rebelião escrava do Brasil”, do João José Reis; “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues, o livro “Da diáspora” de Stuart Hall, assim como, Homi Bhabha e o livro “O local da Cultura”. Li artigos como “O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação” de Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar. Há também a literatura afro-brasileira de Cidinha da Silva e do Eduardo De Assis Duarte e o livro de literatura “Zumbi assombra quem” de Allan da Rosa.

Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação. Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com LGBTQI+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz. Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema e Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há. Conheço ainda alguns docentes como a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério, Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino que produzem e/ou abordam a temática em sala. Especificamente, Théo Brandão, no estado do Alagoas, tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado.

Quanto a projetos, a Professora Marielle [de Moraes] possui um projeto de responsabilidade social. A professora Joselina da Silva, militante do movimento negro ministra a disciplina “Informação e Movimentos sociais” e teve um projeto financiado pelo CNPq que avaliava acervos de bibliotecas escolares do Ceará no que se refere à Lei 10.639. Existiram experiências também na UDESC com trabalhos voltados à inserção da temática na Biblioteconomia. Há ainda, artigos de pesquisadores que abordam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB.

Em alguns casos, existem diversas disciplinas na Universidade, uma delas é disciplina de “Educação nas Relações Étnico-Raciais”. Em algumas disciplinas introduzo o livro “Significado do protesto negro” de Florestan Fernandes. Frequentemente, inicio a disciplina para falar justiça de transição e anistia política com o “Red dust”, um filme baseado em um romance de ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão da comissão da verdade e reconciliação na África do Sul. O autor Amílcar Cabral é utilizado em paralelo à história da escravidão do Brasil, além do jornal abolicionista “Redenção” e os registros feitos por negros. Renato Ortiz aborda identidade e cultura e Grada Kilomba é abordada para falar sobre decolonialidades e epistemologias do sul, enquanto Angela Davis é lida para tratar do

movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher negro/a avançam, a sociedade inteira avança. Abordo também sobre a Carolina de Jesus, por ser uma leitura necessária para se tomar consciência de algumas questões como ser negro, pobre e morador de rua. Um autor fundamental é Clóvis Moura, homem negro com uma história de luta e de luta político-partidária. Possui alguns livros como: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão” que abordam o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro. “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre possui algumas críticas fortes com relação a argumentos do autor, no entanto é importante a leitura para compreensão do pensamento da elite da época e a atual. Além disso, “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre é usada para discussão crítica sobre a questão da cultura e miscigenação. Quanto ao autor jamaicano Stuart Hall, este é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades.

Há pouco acabou de ser publicada a Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamilia Ribeiro, que reuniu intelectuais negros e negras para discutir racismo e silenciamento na sociedade brasileira. Há também um site sobre pautas das mulheres negras chamado Gelédes, o Centro de Estudos Afro-Orientais e a revista científica Afro-Ásia. A Editora da UFBA possui publicações sobre diversos aspectos como o Camdomblé, culinária, costumes e racismo. Quanto a grupo sobre o tema, há os grupos DEGENERA e o Intelectuais Negras com a participação da Professora Giovana Xavier.

Na minha época não havia acesso ao estudo da temática no ensino fundamental, médio ou graduação. Acho os conteúdos importantes para a formação não só do bibliotecário, mas para toda a formação profissional. Acredito que precisa fazer esse resgate e a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, que até pela formação do nosso povo, deveria ser abordada na formação do povo da mesma forma que a história europeia é trabalhada. Ou seja, ser tratada como uma coisa natural, não como algo que o MEC cobra de cima para baixo. Em algumas vezes, temos disciplinas que abordamos muito sobre isso. Entretanto, acredito que essa formação esteja acontecendo de forma tardia na formação. Acredito que essa parte do conteúdo devia vir mais forte da base, pois somente na pós-graduação que me aprofundei no estudo da temática étnica. Penso que a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudos, vivência e perspectivas que são oferecidas dentro de sala de aula. Acho o tema pesquisa muito pertinente e oportuno, pois só me descobri negro/a na Universidade. A gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula e com os alunos. Eu percebo uma demanda grande de alunas e alunos para abordar esses temas. Acho que é uma área que tem muito o que discutir esses temas, como a questão de cotas raciais, de cotas para mulheres trans, algo que as pessoas já estão pautando há muito tempo. Muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa relacionada à questão racial, de gênero, LGBT, de religiosidades de matriz africana e os professores tendem a podar e dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, que aquilo é um panfleto político ou um texto cheio de rancor. Acho que a preocupação é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil e da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica, que na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões. Acredito que a Biblioteconomia não é só técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para a ação e é isso que interessa.

Em alguns casos, apesar de ser negro/a e já ter sofrido preconceitos, não sou militante da temática. No entanto, estou aberta a orientar pesquisas, respeito os colegas e sou participante ativa das ações desenvolvidas sobre o tema aqui na Universidade. Acho ainda que bibliotecários formadores ou em formação precisam pensar a respeito da reparação taxonômica, conceito trazido por Maria Aparecida Moura. Não dá mais para reproduzir em quaisquer disciplinas que nos formam na graduação, enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que são consagrados e que não irão fazer com que a gente atue sem conseguir pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, pois quando estávamos no banco universitário sequer fomos provocados para estas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduza desigualdades.

A Biblioteconomia passa por um momento delicado por conta da desvalorização da profissão. Professores, pesquisadores e bibliotecários precisam perceber que a Biblioteconomia precisa ser militante. Como em todas as profissões, a Biblioteconomia precisa discutir as questões do negro junto com as questões de classe, pois o sistema e o mercado de trabalho são excludentes. A discussão é importante porque o bibliotecário precisa amadurecer esses temas. O bibliotecário tem que se posicionar frente aos acervos, à comunidade e aos pesquisadores e inserir a literatura negra e autores que ninguém conhece. Muitas vezes, a gente vê o discurso do bibliotecário sobre o por que a biblioteca pública não ser reconhecida pela sociedade e ser subutilizada. E a resposta é porque ela deve servir a comunidades plurais e essas comunidades tem que se sentirem convidadas a ir lá. Então, ou a biblioteca pública e bibliotecários que atuam nela começar a perceber isso e a mudarem essa realidade ou vamos sempre ser aquele aparelho cultural que é subutilizado.

Acredito que a temática é super relevante e sua pesquisa vem para dar essa contribuição, no sentido de reflexão e de indicar caminhos para trabalharmos em sala de aula e aproximarmos os alunos da nossa realidade. Creio ser urgente a reformulação dos currículos. A técnica e teoria são importantes, mas a gente precisa também da prática teórica e entender a biblioteca como um espaço de construção social, inclusão digital, alfabetização, entre outros. Acredito que esta pesquisa, ao trabalhar essa perspectiva dentro da Biblioteconomia alarga as possibilidades de entendermos qual o universo e o campo de atuação do bibliotecário. Parableno por, enquanto pesquisadora e mulher negra, ter assumido essa causa e ação política de estar discutindo o tema dentro da Ciência da Informação, visto que busca a discussão desta população dentro da formação, onde ainda são poucos materiais e poucos pesquisadores trabalhando a temática. Como estamos em uma sociedade ser muito racista, parableno ainda por ter assumido o compromisso em desenvolver uma pesquisa para apresentar à sociedade científica e bibliotecária que são necessárias mudanças no comportamento do corpo docente das universidades para que haja a inserção de disciplinas dentro do curso que representem essa população. Creio que a gente se envolve pouco com essas questões. Nunca observei as pessoas pela cor. Mas eu sei que algumas pessoas se desdenham, pois elas vêm de uma cultura onde ouviram todo o tempo que são feias. Eu não sou negra e acredito que a gente se envolveria mais com essas questões se tivéssemos colegas negros. A gente não sente na pele o que é ser negro. Obviamente nós convivemos com negros e sabemos da história e do absurdo que se deu com relação às questões da negritude, mas acho que é pouca abordagem do tema. Acho estranho que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação. Tenho algumas hipóteses e ideias do por quê isso acontece, mas são muito gerais. Ao buscarmos as raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes algumas coisas são auto explicáveis. A CI no Brasil e em outros países americanos, ela se vale por tendências de pesquisas criadas ou desenvolvidas por países primeiro-mundistas. Essas tendências acabam organizando pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento. Assim, a CI não tem uma agenda própria com uma lista de temas que são de crucial importância nacional.

Há eventos em que tratamos de Biblioteconomia e diversidade, pois é urgente a discussão tanto das questões de gênero e de violência contra a mulher, como também da luta antirracista para os negros, para os LGBTQs, enfim. Por estar um pouco isolada das discussões sobre o tema, peço sugestões sobre materiais e de experiências, aceitarei conseguir construir, de modo mais estruturado, essas discussões e formar melhor esse bibliotecário. Esta é uma luta diária de tentar equiparar e reparar aquilo que é gritante, visível, pois não são as mesmas oportunidades. Acredito que é um tema que deixa de ser um tema emergente para se transformar em um tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente. Acho também que é uma forma de reconhecimento e valorização, de oportunização e de se trazer à baila questões que são fundamentais na convivência social e humana. O curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e de gênero. Felizmente, uma nova geração está levantando a temática com publicações e ampliando horizontes, fazendo com que esta Biblioteconomia repense suas estruturas e a sua formação.

O discurso acima apresentado representa o imaginário social dos docentes sobre o tema das culturas africanas e afro-brasileiras na educação em Biblioteconomia no Brasil. Este painel de discursos reflete o que se pensa dentro de uma dada coletividade – a de docentes de Biblioteconomia brasileiros – sobre essa temática. Em outras palavras, expressa as representações sociais no que se refere às culturas de origem africana na BCI.

Visando responder aos objetivos atribuídos inicialmente na presente pesquisa, realizaremos a análise do DSC, por vezes, extraíndo alguns trechos dos discursos proferidos pelos docentes, outras a partir do próprio DSC. Para tal, a referida análise será dividida em cinco pontos que responderão aos seguintes itens: a) os desafios sociais do bibliotecário na atualidade; b) a formação do bibliotecário e a sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras; c) as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) que contemplam a inserção dessas culturas em cursos de Biblioteconomia; d) indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras; e e) branquitude.

7.2.1 Ponto 1 - Os Desafios Sociais para a Formação do Bibliotecário

Ao perguntarmos aos docentes sobre os desafios sociais para a formação do bibliotecário, os discursos abaixo explicitaram:

Bem, eu acredito, assim, que os desafios sociais são vários. Não só para a profissão de bibliotecário, mas eu acho que toda a profissão. (Entrevistada nº 1, grifo nosso).

Os princípios que devem ser levados, né, em conta na sua atuação, no lidar com informação, lidar com pessoas com a parte da mediação da informação. Então, eu acredito que são vários os desafios, né. (Entrevistada nº 4, grifo nosso).

Bom, em relação aos desafios, eu tenho percebido que, primeiro, que os desafios são enormes. Eu acho que os desafios sociais enfrentados pelo profissional em processo de formação, eles são bem grandes, no sentido de que a gente precisa, primeiramente, entender o próprio espaço onde nós estamos inseridos. [...] Primeiramente, porque é preciso que ele perceba que o processo de formação é um processo contextualizado. A gente não pode de forma alguma entender e separar dentro da nossa prática do próprio processo formativo a ideia de teoria e prática. Então, a questão da práxis, ela é muito importante para isso. Então, para entender e ir desenvolvendo um olhar fundamentado, um olhar mais comprometido com todas as questões, não apenas com a questão do ser profissional no sentido formal do termo com a preocupação de formar um profissional técnico que saiba

trabalhar com as questões envolvidas com a informação, mas que acima de tudo, que tenha uma visão de contexto, que saiba exatamente onde ele está inserido, com que tipo de instituições ele vai estar se relacionando, com que tipos de usuário de informação ele vai trabalhar, e a gente sabe que isso demanda um processo formativo bem extenso e intenso ao mesmo tempo. (Entrevistado nº 5, grifo nosso).

*[...] pensar a **formação do bibliotecário para trabalhar com o contexto social no Brasil, faz parte deste processo primeiro tentar lembrar a este aluno que é o Brasil mesmo: quais são as suas características, particularidades, diferenças, recuperar a sua matriz indígena, sua matriz africana, sua matriz europeia e entender as hegemonias que foram colocadas na construção desse nosso país e tentar... realmente, a pergunta que caiu na prova foi muito próxima a essa, né? Então, qual é o seu desafio como futuro profissional, como futuro bibliotecário para atuar neste contexto, neste País então híbrido, com estas características tão particulares e diferentes de região para região [...]*** o que eu responderia talvez de um modo mais pontual **é reorientar estes alunos para uma compreensão mais arraigada do que é o próprio país, das sutilezas que fazem parte da construção dessa nossa matriz cultural que não é determinada, ela é flexível e ela é dinâmica.** (Entrevistada nº 7, grifo nosso).

*A meu ver, o **principal desafio da formação do bibliotecário hoje é compreender a realidade onde esses profissionais são formados, né? Ou seja, no nosso caso, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural, étnico-racial. Essa, para mim, é uma grande delimitação [...]*** (Entrevistada nº 11, grifo nosso).

Segundo a percepção dos entrevistados nº 1, 4, 5, 7 e 11, os desafios sociais para a formação bibliotecária são vários e complexos. Entretanto, os desafios sociais se apresentam não somente para o bibliotecário, mas para qualquer profissão. Para o profissional em formação, os desafios são extensos e intensos, visto que a formação profissional é um processo contextualizado e indissociável da teoria e da prática.

A práxis é importante para entender e desenvolver um olhar comprometido com as questões que fazem parte do sentido formal do profissional, além de possuir também uma visão contextualizada da realidade em que está inserido. Assim, a atenção às instituições com as quais se relaciona, aos tipos de usuários que atende fazem parte dessa visão. Ainda sobre os bibliotecários em formação, estes precisam serem reorientados para a compreensão da realidade brasileira e da matriz cultural do nosso país. Além disso, a compreensão, por parte do bibliotecário, da história e a formação social, cultural, econômica e étnico-racial do Brasil é algo ainda limitado.

Enquanto isso, o entrevistado nº 6 chama a atenção para a inclusão social, como as questões de gênero, raça, religião e acessibilidade.

Eu acredito que os desafios sociais da formação do bibliotecário e da bibliotecária nos dias de hoje estão voltados para as questões mais inclusivas na sociedade, sendo que diz respeito às questões de sexualidade, de raça, de gênero, religião e acessibilidade também. (Entrevistado nº 6, grifo nosso).

O depoimento do respondente nº 6 remonta à seção 3.1 quando abordamos a educação em Biblioteconomia no Brasil e lembramos sobre a formação bibliotecária e sua origem a partir das vertentes das escolas francesas e americanas. Embora a escola francesa tenha uma abordagem mais humanística, os aspectos ligados à inclusão de temas como etnia, sexualidade, raça e religião não são percebidos no currículo e nas disciplinas inseridas nos primeiros cursos oriundos desta vertente. Lembremos que o primeiro curso oferecido pela Biblioteca Nacional teve somente as disciplinas: Bibliografia, Paleografia e Diplomática, Iconografia e Numismática, conforme pautam os autores Castro (2000) e Souza (1997, 2009). Dessa forma, era um currículo que buscou somente suprir necessidades da Instituição e não atender demandas da sociedade brasileira como um todo com temas que dizem respeito às suas realidades sociais. Além disso, o discurso do entrevistado nº 6 complementa a posição de Souza (1996, p. 51), quando o autor solicitou às Escolas de Biblioteconomia

[...] que não se limite[m] simplesmente à formação decorrente da ministração de meros conteúdos técnicos, instrumentais, idiotizantes, mas que avance[...] pelos conteúdos históricos, filosóficos, políticos etc. que somem na preparação desse guardião o sentido da razão de ser de sua atividade. Isso poderia lhe dar, também, a compreensão da dimensão de seu valor social.

Souza (1993), em seu estudo sobre o modelo de ensino norte-americano aplicado na Biblioteconomia brasileira, enfatiza que o

Referido modelo foi implantado na década de trinta no Brasil e, ao ser importado, sofreu uma série de reduções que, deixando apenas a sua face tecnicista, cientificista, não recebeu no Brasil uma teorização que lhe desse a adaptação correspondente às características sócio-culturais existentes, além do que sua importação e implantação só podem ser compreendidas dentro de um enquadramento sócio-histórico existente no final do século e início deste, tanto no Brasil quanto no mundo (SOUZA, 1993, p. 17).

Talvez aqui, tenhamos uma das justificativas do porquê não termos acesso à *Black Librarianship* Americana apresentada no referencial teórico desta pesquisa, quiçá, pela primeira vez em uma dissertação de mestrado brasileira.

O foco dos cursos na questão da técnica da profissão foi um dos pontos que apareceram nos discursos docentes:

[...] Porque a nossa visão é de que o currículo da Biblioteconomia no geral não está preparado para os novos desafios, a gente tem focado muito em técnica, muito em catalogar, em classificar, mas simplesmente a técnica não se discute, não se entende como que se chega a essas técnicas, como que elas podem ser aplicadas e, até mesmo, como que essas técnicas são excludentes em alguma medida. [...] (Entrevistado nº 2, grifo nosso).

[...] Então, eu acho que quando eu digo que a gente perder o bonde da história, porque eu vejo que a gente quando focou na questão técnica e descuidou da questão humanística, isso virou mesmo uma fragilidade da nossa formação, porque nos deu uma visão restrita das bibliotecas, da função das Bibliotecas, e aí, da função social, cultural e etc. [...] (Entrevistada nº 14, grifo nosso).

[...] Talvez, o principal deles, seja aí, hoje ainda, um problema que é muito antigo, que é o problema do... da visão, da profissão como uma profissão técnica. Se dá ênfase demais na técnica. Nesses conjuntos de disciplinas que os alunos entendem e boa parte dos professores entendem que sejam disciplinas que formam, caracterizam, que definem o bibliotecário, quando na verdade, são disciplinas que tem uma dimensão mais instrumental do que ensinam para o aluno o sentido da existência da profissão deles em um contexto social desafiador. [...] (Entrevistado nº 20, grifo nosso).

[...] também pelo próprio perfil do bibliotecário e da Biblioteconomia, naquela época eram as técnicas da Biblioteconomia e não nessa inter-relação com todos esses fenômenos, já que a Biblioteca que é o lugar que nós vamos estar, né, nas unidades de informação, nas bibliotecas. Então, é uma compreensão e uma atitude e uma ação social que é o papel da biblioteca e esse papel social tem a ver com todas as questões brasileiras, não só racial que foi o meu caso. [...] (Entrevistada nº 21, grifo nosso).

Então eu acho que o grande desafio do profissional é, colocando todas essas questões, a questão da coletividade, né de se ver como um coletivo, a questão de não focar somente nas técnicas, mas olhar também no âmbito das relações [...]. Então, esses seriam os grandes desafios: trazer este senso de coletividade, trazer este senso de que as técnicas são para alguma coisa, não são em si, né? [...] (Entrevistada nº 22, grifo nosso).

Vejo uma formação técnica muito grande, mas estou tendo a sorte de encontrar pessoas que estão tentando enfrentar essa formação técnica.

E também como se o fazer técnico, tanto de uma formação quanto de outra, arquivistas e bibliotecários, não fosse uma formação que exija pensar, a intelectualidade, pelo contrário. [...] (Entrevistada nº 24, grifo nosso).

Conforme as percepções acima emitidas, o currículo de Biblioteconomia ainda não está preparado para novos desafios. Ademais, a área tem se voltado para a tecnicidade sem nenhuma discussão crítica ou entendimento de como se chegou às técnicas, como podemos aplicá-las e como podem até ser excludentes em certos aspectos. Além disso, o foco na técnica permite que haja um descuido com a questão humanística que se relaciona às questões da coletividade, relações sociais, étnico-raciais, entre outras, bem como o entendimento que as técnicas existem para algo e não são o fim em si mesmas. Entendemos ainda que a profissão ainda é vista como uma profissão técnica, por conta do conjunto de disciplinas apreendidas ao longo da formação do acadêmico e que se caracterizam por definir a profissão bibliotecária.

Então, os alunos, e eles já vêm um pouco com esse entendimento para a [Universidade Federal] e para o curso de Biblioteconomia, de que eles vão ter um curso eventualmente mais focado para tecnologia, onde a perspectiva social, infelizmente, não é a prioridade nem da matriz curricular, nem dos discursos dos docentes. (Entrevistada nº 7, grifo nosso).

Olha, eu acredito que nós estamos em um momento muito complexo em termos de formação do bibliotecário. Primeiro, porque nós estamos em uma transição bastante significativa em termos de tecnologia. A tecnologia, ela tem um impacto muito forte na nossa profissão. E nós estamos em um momento em que, por um lado, a sociedade entende que talvez o nosso trabalho não seja agora tão importante, uma vez que nós temos as redes, que nós temos recursos tecnológicos no ambiente web, que nós temos muito conteúdo digital e eletrônico e que por essa razão as pessoas poderiam em termos de acesso e uso ter maior facilidade. Mas, na verdade é um pensamento que, de fato, é paradoxal. Porque quanto mais conteúdo nós temos no ambiente web, seja digital eletrônico, quanto mais recursos nós temos potentes para poder buscar o que a gente quer, pior fica. Quer dizer, nós temos uma situação maluca no momento. E a formação, na minha opinião... claro que eu acho que há exceções, viu, Franciéle, mas eu penso que muitos cursos não estão trabalhando as questões tecnológicas como poderiam. [...] (Entrevistada nº 16, grifo nosso).

A tecnologia também esteve presente nos discursos docentes como um dos desafios da formação. Primeiro, porque o foco dos cursos na tecnologia também dificulta abordagens de cunho mais social, além de transmitir aos alunos a percepção de que o curso possui um cunho mais tecnológico. Em um segundo momento, pelo impacto da

disponibilização de informações no ambiente *web* e o quanto é paradigmática a relação entre o profissional e a sociedade neste momento.

A dificuldade em elaborar as matrizes curriculares para a abordarem as culturas africanas e afro-brasileiras nos currículos dos cursos está ligada ao pouco tempo dos docentes para o estudo, discussão e elaboração da nova matriz, conforme depoimento a seguir:

Então, a gente tem tido muita dificuldade, porque os professores, eles estão todos bastantes atolados de trabalho. Então, a gente parar para fazer uma matriz curricular de qualquer jeito não é viável. Então, a gente precisa fazer um estudo, fazer a elaboração. [...]. Então, eu acho que um dos grandes desafios, é trabalhar as matrizes curriculares para conseguir que essas matrizes atendam as demandas sociais que a gente tem visto aí, crescentes, né. Como a gente tem, por exemplo, a questão é... de... das questões afro, africanas, da história afro e afro-brasileiras nos currículos que têm que ser inseridos. [...]. Então, eu acho que um dos grandes desafios hoje da Biblio é capacitar o aluno nessa formação mais ampliada. (Entrevistada nº 3, grifo nosso).

A questão da permanência estudantil, a deficiência no ensino público, a situação econômica dos estudantes e a importância do papel da universidade pública enquanto política social e transformadora da realidade social desses alunos também foram evidenciadas como desafios sociais para a formação bibliotecária dentro dos discursos coletados, conforme lemos abaixo:

Bom, os desafios, principalmente se a gente considerar que quem forma os bibliotecários no país, hoje, são especialmente as instituições públicas é mesmo a questão da permanência. [...] E uma outra questão também é que como são estudantes, em sua grande maioria vindo de escolas públicas, a gente percebe uma deficiência no próprio ensino público com relação à formação desse estudante que chega com sérias dificuldades, inclusive de escrita, de leitura. (Entrevistada nº 8, grifo nosso).

[...] o primeiro desafio social, enquanto professor o que a gente percebe é a própria situação dos nossos alunos que vem para o curso, são alunos, muitos deles, carentes. Eu acabei de passar por uma formatura agora que a gente via pela cara das famílias todas na formatura, os alunos, a gente via a felicidade de cada um deles de ter um filho se formando em uma universidade pública, sabe? A universidade pública, ela tem uma importância muito grande de ser uma política social muito importante. Nós temos muito aluno com muita dificuldade de entrar na universidade e quando eles têm a oportunidade de entrar numa universidade pública como a nossa e consegue fazer um curso superior, um curso de Biblioteconomia, é muito importante [...]. (Entrevistado nº 12, grifo nosso).

*[...] A questão, assim, primeiramente, é importante frisar é a questão dos quem são os alunos do curso de Biblioteconomia? Eles são... pelo padrão Nacional de pesquisas comprovadas, assim, é **que a maioria dos alunos são formados pelas classes C, D e E.** [...]. (Entrevistado nº 19, grifo nosso).*

Os desafios sociais elencados pelos discursos apresentados evidenciam a necessidade de uma formação profissional mais crítica ligada a questões sociais como é o caso da temática de pesquisa em questão. A técnica e a tecnologia ainda são o cerne da formação profissional do bibliotecário. Dessa forma, mesmo com as mudanças ocorridas ao longo dos anos, a Biblioteconomia ainda não voltou o seu olhar para uma formação mais contextualizada ao país em que se insere, aos aspectos étnico-raciais da população que será atendida, os aspectos culturais, socioeconômicos e educacionais dos seus estudantes.

7.2.2 Ponto 2 - Indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-Brasileiras: desvelando a Biblioteconomia Negra brasileira?

Na quarta questão, solicitamos aos respondentes indicação de fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas. Seguindo o contexto apresentado na nossa Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira, alguns personagens que compõem a BCI brasileira foram citados durante os discursos, entre os quais destacamos, a Professora Maria Aparecida Moura, não tanto pela sua produção científica sobre a temáticas, mas por sua atuação enquanto bibliotecária negra e docente em prol do respeito à diversidade étnico-racial, de gênero e lutas de populações historicamente marginalizadas. As professoras, Joselina da Silva e Miriam de Albuquerque Aquino – embora não sejam bibliotecárias – formaram uma gama de profissionais da Biblioteconomia, seus orientados, que contribuem para a área por intermédio de suas produções científicas sobre o tema das populações negras e seus diversos contextos.

Com relação a livros publicados na Biblioteconomia sobre o tema, houve o seguinte destaque:

Eu conheço teses, mas quanto a livros sobre o tema, eu acho que “Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI” de Daniella Spudeit e Marielle de Moraes editorado pela

ABECIN foi o primeiro a abordar a temática. Além disso, quanto à produção de livros por bibliotecários, conheço “O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública e o livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima, um livro sobre bibliotecários negros.

Desses materiais, o livro da bibliotecária Francilene Cardoso publicado em 2015, na nossa pesquisa se constitui como o primeiro a abordar a biblioteca e sua relação com a população negra, especificamente. Outro livro que trata especificamente sobre bibliotecários negros e aspectos relacionados às culturas negras e que foi recentemente publicado é o livro “Bibliotecári@s Negr@s”. O referido livro, onde a proponente desta dissertação é uma das organizadoras, encontrava-se em desenvolvimento desde 2016. O intuito da obra foi evidenciar experiências, discussões, pesquisas e atuação profissional do bibliotecário negro em diversos setores da sociedade. Além disso, conforme mostramos no Apêndice A, assim como o livro “Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o século XXI” contém capítulos abordando a temática, outros livros elencados na Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira também o fizeram.

Quanto aos docentes que abordam a questão não só em pesquisas, como na docência e em outros aspectos dentro da Biblioteconomia, foram citados no DSC:

Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação. Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com LGBTQI+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz. Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema e Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há. Conheço ainda alguns docentes como a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério, Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino que produzem e/ou abordam a temática em sala. Especificamente, Théó Brandão, no estado do Alagoas, tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado.

Podemos observar a partir do DSC supracitado, o interesse de alguns docentes e bibliotecários em inserir e investigar o tema. O interesse dos alunos sobre o tema também direciona a ação docente para a introdução de autores e autoras negros em sala de aula. Nas disciplinas do curso, mesmo que no currículo oculto, os docentes inserem diversas bibliografias para conduzir o diálogo em sala de aula sobre temas vinculados à temática

racial. São utilizados literatura, romances, sites, documentários, entre outros, para abordar a questão da identidade negra, cultura, decolonialidades, epistemologias, movimento negro, mulheres negras e lutas de classe e gênero, etc. Além disso, a temática tem sido abordada de forma crítica pelos docentes que a inserem, principalmente quando há a abordagem de livros clássicos, como o caso do livro “Casa Grande & Senzala”. Essas pautas são apresentadas nos trechos do DSC a seguir:

Por conta das percepções e necessidades dos alunos, foco em autores e autoras que não estão na bibliografia do curso, como é o caso da autora Carolina de Jesus sobre a literatura marginal, do autor Stuart Hall com o conceito de identidade, do autor Néstor García Canclini e o conceito de culturas híbridas, do conceito de hegemonia cultural do Antonio Gramsci e conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu. Há ainda, algumas discussões sobre políticas e estudos culturais onde poderia indicar os manuais de Antropologia Cultural, o Alfred Louis Kroeber, Armand Mattelart.

Em algumas disciplinas introduzo o livro “Significado do protesto negro” de Florestan Fernandes. Frequentemente, inicio a disciplina para falar justiça de transição e anistia política com o “Red dust”, um filme baseado em um romance de ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão da comissão da verdade e reconciliação na África do Sul. O autor Amílcar Cabral é utilizado em paralelo à história da escravidão do Brasil, além do jornal abolicionista “Redenção” e os registros feitos por negros. Renato Ortiz aborda identidade e cultura e Grada Kilomba é abordada para falar sobre decolonialidades e epistemologias do sul, enquanto Angela Davis é lida para tratar do movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher negro/a avançam, a sociedade inteira avança. Abordo também sobre a Carolina de Jesus, por ser uma leitura necessária para se tomar consciência de algumas questões como ser negro, pobre e morador de rua. Um autor fundamental é Clóvis Moura, homem negro com uma história de luta e de luta político-partidária. Possui alguns livros como: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão” que abordam o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro. “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre possui algumas críticas fortes com relação a argumentos do autor, no entanto é importante a leitura para compreensão do pensamento da elite da época e a atual. Além disso, “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre é usada para discussão crítica sobre a questão da cultura e miscigenação. Quanto ao autor jamaicano Stuart Hall, este é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades.

Podemos observar que há diversos autores e materiais que podem ser utilizados para abordar as culturas em sala de aula. Por outro lado, há o desconhecimento sobre as

bibliografias, pois os docentes ainda não leem sobre e possuem dificuldades em encontrar autores africanos, de indicá-los e/ou discutí-los em sala de aula, segundo as percepções do DSC:

Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança. Eu não conheço autores que lidam especificamente com a discussão afro, por isso nós não temos uma bibliografia de autores africanos para discussão sobre o contexto africano em sala de aula.

Alguns docentes até conhecem professores que introduzem outras temáticas, como questões LGBTQI+, no entanto, não possuem contato com a bibliografia abordada. Sobre os projetos, também há desconhecimento de alguns entrevistados sobre quais docentes e quais as questões discutidas em sala de aula.

[...] Como eu disse, na pós-graduação ainda existe, mas na graduação hoje eu não conheço ninguém que esteja trabalhando este tema, viu? [...]. (Entrevistada nº 13).

[...] Mas, assim, fui eu quem respondi, principalmente, direitos humanos e relações étnico-raciais, falei um pouco da questão de gênero também dentro do que eu dou em sala de aula. Mas projetos de pesquisa, eu não conheço. [...]. (Entrevistada nº 24).

[...] Olha, que eu tenha conhecimento, a professora Jacqueline Cabral tem trabalhado com o grupo LGBTQ+, mas eu não conheço a bibliografia específica do que ela tem introduzido. Outros projetos, eu realmente não conheço. [...]. (Entrevistado nº 2).

Outro fato importante se refere àqueles docentes que inserem e discutem a temática ou pesquisaram ela durante algum momento de sua carreira acadêmica já possuírem maior conhecimento sobre os trabalhos e projetos existentes tanto no curso, quanto na universidade do que aqueles que não se interessam pelo tema.

7.2.3 Ponto 3 - A formação do bibliotecário e a sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras

Quando perguntamos aos entrevistados sobre a relação entre a formação bibliotecária com as culturas africanas e afro-brasileiras, os discursos registraram que a relação é bastante incipiente, mesmo sendo um tema importante e transversal à Biblioteconomia. Ainda há resistência na academia e na Biblioteconomia em formar

profissionais sensíveis às questões étnico-raciais, em especial, com relação à população negra brasileira, mesmo que os alunos dos cursos de Biblioteconomia sejam alunos afro-brasileiros. Consideram ainda que os bibliotecários em formação necessitariam do conhecimento aprofundado não só da origem, cultura e história da população que descendem e para qual irá prestar serviços e produtos. Ressaltou-se também a necessidade de “africanização” do currículo e a discussão de aspectos relacionados aos contextos e realidades em que o bibliotecário se encontra para poder, assim, direcionar a sua atuação. Abaixo, apresentamos alguns trechos que sinalizam essas percepções:

*É. **Eu acho que está bem incipiente, para falar a verdade. É muito incipiente. A gente vê, às vezes, e às vezes a gente vê até umas falas de que esse é um tema transversal à Biblioteconomia, apesar de estar diretamente ligada, porque ela lida com informação, lida com isso e com aquilo. Porém, é incipiente. A gente sabe!** (Entrevistada nº 1, grifo nosso).*

*É. **Não tem, né. Não sei como é que é aí na sua escola, mas não existe. E há uma briga constante não só da formação do bibliotecário, mas assim, eu vejo a academia ainda bastante resistente ou pouco informada com essas questões... as questões relacionadas aos afro-brasileiros. Então, na [Universidade Federal] não existe nenhuma disciplina que contemple uma formação que vá atender esse público específico. Nosso... A maioria dos nossos alunos, eles são afro-brasileiros. São afrodescendentes. Então, a gente vê que, por ser um curso noturno... Então, tem toda essa... essa acessibilidade maior para as camadas mais populares e a academia, ela não sabe como trabalhar isso. Então, ainda falta uma formação a nível de professores, dos docentes, a capacitação docente para operar com esses... essas... com essas diversidades e também, o currículo seja adequado a isso. [...]** (Entrevistada nº 3, grifo nosso).*

***Formação do bibliotecário e possíveis relações com as culturas afro-brasileiras, quase nenhuma, né, querida?** A gente sabe que não tem quase nenhuma. (risos). É muito difícil você falar de formação quando a gente fala dos aspectos mais humanísticos em relação à Biblioteconomia [...]. (Entrevistada nº 9, grifo nosso).*

***O currículo de Biblioteconomia, ainda hoje necessita de uma africanização, né? [...]** O que significa isso? Significa que o bibliotecário precisa discutir as realidades materiais, sociais, étnicas do lugar onde ele está inserido. Do lugar onde nós estamos formando nossos alunos. [...]. (Entrevistada nº 11, grifo nosso).*

*[...] salvo o melhor juízo, quando eu fico pensando na grade que eu acompanhei **quando eu fiz a minha graduação e mesmo na grade que está vigente no curso em que eu atualmente exerço a função de docente, de formador dos futuros bibliotecários, eu pouco ou nada vejo nesse sentido. O que constrange. Porque parece que nós somos... nós temos habilidades suficientes para poder também inserir uma outra***

discursividade que dê conta desse nosso berço em quaisquer das questões, sejam elas de natureza técnica ou não que a gente discuta nas várias disciplinas do nosso curso. Nós temos habilidade para isso. Porém, essa questão sequer perpassa em algum momento do nosso fazer enquanto... Então, eu fico tentando refletir sobre a ementa de cada... o ementário das disciplinas da grade curricular vigente de alguns curso de graduação em Biblioteconomia do nosso país e eu pouco vejo e para ser bem sincero: não vejo. (Entrevistado nº 10, grifo nosso).

Conforme nosso referencial teórico sobre a educação em Biblioteconomia, desde o início dos cursos houve disputa para a inclusão de determinados temas dentro do currículo. Castro (2000) e Souza (2009) mostraram que, ao longo do tempo, o currículo foi deixando de lado a perspectiva que focaria nas pessoas usuárias dos produtos e serviços para salientar as técnicas e instrumentos para a prática profissional.

Os discursos ressaltaram sobre o fato de alguns docentes não possuírem a preocupação de inserir a temática no currículo, com exceção de quando são solicitados pelo MEC por conta de processos avaliativos do curso. No entanto, o docente não pode se eximir da responsabilidade ético-política (PIZARRO, 2017) de formar bibliotecários para trabalhar as questões étnico-raciais com vistas a minimizar as desigualdades, o racismo e a branquitude. Não adianta somente conter as culturas africanas e afro-brasileiras no PCC por alguma obrigação institucional ou governamental, é preciso conscientização, promover o diálogo, o debate e o ensino dessas questões em sala de aula.

Não é possível esperar também que essa lacuna no ensino vá ser resolvido sem esforço, luta ou reflexão. O currículo é um campo de disputa de poder dentro do contexto acadêmico e institucional e há de ser feita a escolha de formar para a equidade étnico-racial, educacional e de gênero ou deixar os cursos como estão e acabarmos por ter profissionais com formação defasada que não atendem à realidade social do nosso país.

Olha, eu acho que esse é um gap que eu acho a Biblioteconomia carrega há tempos. Eu falo isso, no sentido de que nós tivemos... Em 2016, nós acrescentamos essa discussão diretamente no nosso currículo e uma coisa triste que eu percebi na época é que grande parte dos professores, a preocupação de incluir isso no currículo era mais em função de atender a uma exigência do MEC, porque ia ter uma avaliação. E em momento algum, eu percebi as pessoas, de fato, dizendo assim: - Vamos colocar isso, porque isso tem que fazer parte da formação de qualquer curso de nível superior. Sabe? Eu acho isso uma coisa que me entristece e uma coisa que a gente está tentando corrigir em uma nova proposta curricular que a gente está fazendo agora de ampliar disciplinas mesmo. (Entrevistada nº 12, grifo nosso).

Eu trabalho, porque assim, óh, não adianta somente a gente colocar nas diretrizes lá no PPC. A gente conversa entre os professores que a gente tem que passar isso para o aluno, debater, não é só... Muitas vezes, a gente encontra o PPC é bonito. Ah, o PPC, porque lá no nosso PPC tem essa questão da...do... trabalhar a questão afro, a questão da diversidade sexual, existe isso no PPC. Porém, a gente tem que colocar isso na prática, levar e provocar o debate. (Entrevistado nº 19, grifo nosso).

Também foram elencados nos discursos a formação do docente e do profissional sem direcionamento para a inserção de conteúdos em disciplinas, perspectivas e materiais sobre o Continente Africano, os afrodescendentes, a diversidade étnico-racial, religiosidades de matriz africana, entre outros temas. Isso talvez traga como reflexo o despreparo docente em trabalhar essas questões quando levantadas pelos alunos em sala de aula. Assim, como alternativa para a abordagem do tema, os docentes encontram a auto-formação em outros momentos da carreira docente.

Bom, em relação a isso, Franciéle, eu penso que o bibliotecário de uma maneira geral, também não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com essa relação com um público que é oriundo, por exemplo, da África ou de países circunscritos a esse Continente que estão lá e que, por alguma razão, estão no Brasil. (Entrevistada nº 16, grifo nosso).

Na minha formação não tive nenhuma, nenhuma perspectiva, nenhuma disciplina, nenhum professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Eu lembro de um episódio muito bem, quando eu estava em uma aula... hoje eu sou professora de classificação, de organização e eu estava em uma aula e perguntei sobre as religiões de matrizes africanas, né? E eu fui repreendida e eu estava no segundo ano na universidade. Porque eu perguntei sobre a Umbanda, sobre o Candomblé e eu fui repreendida, porque isso é macumba, porque isso... bem essas expressões. Então, assim, na minha formação, eu não tive nenhuma. Se você não correr atrás por fora dessa formação, você não tem nenhum aporte ou pelo menos não tinha nenhum aporte em relação às culturas afro-brasileiras. Afrodescendentes, afro-brasileiras, não tinha nada. O que a gente faz é formar por fora. [...]. (Entrevistada nº 9, grifo nosso).

A maioria dos docentes, além de atuarem como bibliotecários são, geralmente, pesquisadores e faz parte do seu saber-fazer e saber-agir profissional (PIZARRO, 2017) estar em constante atualização. Entendemos que o docente se encontra em permanente formação e que não é o fato da ausência de uma informação sobre um dado tema o motivo da renúncia a um tipo de pesquisa (principalmente se o mesmo considera esse tema importante para sua atuação profissional).

Nosso referencial teórico sobre África, apresentado na seção 2 desta dissertação, busca (in)formar, mesmo que de forma breve, o nosso leitor para a compreensão de certos aspectos relacionados ao Continente Africano, aspectos vinculados à questão racial na sociedade brasileira, bem como elementos específicos relacionados à escravidão e os reflexos na população negra e africana. Este conteúdo deveria ser parte de toda e qualquer formação orientada para o compromisso social e à consciência ético-política.

Em alguns discursos, a formação para as questões de raça e gênero foi identificada como sendo de forma efetiva. Entretanto, a maioria informou desconhecer disciplinas que abordem a temática racial e inferem que quando as mesmas existem são ofertadas como disciplinas optativas, não como obrigatórias. Posto isto, retomamos a Seção 6 desta pesquisa com os resultados das disciplinas que inserem as culturas em cursos de Biblioteconomia brasileiros, onde, corroborando com os discursos supracitados, apenas 16 disciplinas de 2.272 analisadas tratam do tema. Destas 16, 12 são optativas e quatro são obrigatórias.

A trajetória sócio-histórica da Biblioteconomia brasileira demonstra que o ensino em Biblioteconomia não evidenciou ou privilegiou essa construção de consciência para a inclusão de temas étnico-raciais na categoria bibliotecária e na docência em Biblioteconomia. Portanto, não teria como o bibliotecário ser formado para voltar seu olhar a essas questões. Esses dados nos mostram que o ensino em Biblioteconomia no Brasil não fomenta uma consciência ético-política, não incita um agir bibliotecário e docente a utilizar epistemologias e outros saberes considerados periféricos (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2013) para compor sua prática, mas sim promove um viés colonialista, mercantilista e de fomento à branquitude dentro do ensino em Biblioteconomia que perdura desde o início dos cursos no Brasil.

Há ainda a questão de disciplinas da Biblioteconomia serem ministradas por docentes de outros departamentos. Isso pode acarretar na falta de engajamento e identificação, por parte dos alunos, com o tema, devido à abordagem ser mais vinculada à área da História, por exemplo, e não às ações específicas da formação bibliotecária.

[...] Então, aqui na nossa universidade, no nosso curso de Biblioteconomia, eu posso dizer que de forma efetiva, o corpo docente se preocupa e tem se preocupado com a formação do bibliotecário e da bibliotecária frente às transformações que se referem às discussões de raça e gênero. (Entrevistado nº 5, grifo nosso).

[...] Então, o que se observa? **É que não quase não existem disciplinas voltadas para discutir a temática racial. E quando aparecem, são disciplinas optativas, não são obrigatórias.** Mas a questão racial é uma temática transversal e que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora [...]. (Entrevistada nº 11, grifo nosso).

Por exemplo, eu vou dar um exemplo aqui. Nós temos um professor de história que veio ministrar essa disciplina aqui no nosso curso de Biblio e de Arquivologia. É muito importante para eles, mas como é um trabalho que é um professor que vem de outro departamento e insere esse conteúdo, fica difícil para os estudantes até se reconhecerem com aquela disciplina, querem fazer trabalhos ou TCCs, digamos assim, desenvolverem TCCs sobre aquela disciplina, sobre aquela temática. Então, a gente tem uma dificuldade nessa inserção e nesse reconhecimento do estudante que a disciplina de Cultura Afro é extremamente importante. (Entrevistada nº 9, grifo nosso).

Bom, eu não... eu não trabalho com a disciplina, né, mas eu acredito que a disciplina que nós temos desde o currículo de 2010, ela é trabalhada por um professor da História, né. Então, assim, eu acho que isso também é uma questão... Como a gente tem professor de outros cursos ministrando, né, no nosso Departamento, eu acho que essa aproximação, talvez, não seja tão feita... feita a contento, né, ou como a gente espera. É... Mas, o professor anterior, agora a gente teve uma mudança recente de professor, ele estava conosco há alguns anos, então ele participou mais de algumas reuniões, ele conheceu mais o perfil do curso, né. Então, eu acredito que ele conseguiu aproximar mais com as relações do dia a dia do profissional em lidar com questões.... Porque como a gente, né, trabalha com essa questão da mediação da informação, de... é... indicar literatura, né, tem um envolvimento com essa questão da leitura e a história também carregada com a literatura, né, como ela... ela se articula com a nossa literatura nacional, eu acho que é um... é assim, um compromisso muito importante do profissional bibliotecário conhecer. Então, foi muito relevante, né, para que... essa inclusão dessa disciplina. Mas aí, essa questão de como isso é tratado em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, a gente, assim, nem sempre, né, em todas as ofertas, talvez, tenhamos essa aproximação feita tão diretamente para o estudante. A gente conversa com os professores de fora, mas há muitas trocas, né, quando são professores de outros Departamentos. Mas como eu disse, como o professor anterior ficou alguns anos, ele já conhecia e conseguia relacionar mais com o dia a dia do profissional bibliotecário. Só que eu acho que também esses conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil, né, e de todo o legado da... todo legado cultural, eu acho que também, assim, foi importante de ser inserido no curso, mas... e sei que tem sido inserido, né, nos cursos do ensino médio, mas eu acho que eles deveriam vir com isso muito mais intensificado na educação de base, né. [...]. (Entrevistada nº 4, grifo nosso).

Em algumas universidades, dependendo da vocação, da orientação, da metodologia, o professor de história, que vem de outro departamento e colabora com a área de Biblioteconomia, ele tende a dar uma orientação um pouco mais específica à sua narrativa a respeito dos temas brasileiros. Agora, dentro da Biblioteconomia, se pensar bem, nas disciplinas básicas que poderiam discutir o assunto, entre elas, por exemplo, ação cultural ou outras disciplinas que tenham conteúdo de ação cultural e dentro do conteúdo de ação cultural, seria necessário abrir uma ênfase para os movimentos afirmativos ali. E mesmo para alguns movimentos folclóricos presentes, que deveriam estar presentes em alguns equipamentos culturais que é no caso das manifestações culturais dos quilombolas. Mesmo nestas disciplinas, que são tipicamente da Biblioteconomia, o assunto passa a margem, porque ainda se ensina e ainda se discute práticas biblioteconômicas, de acesso à informação, mas não se entende o conteúdo, o espaço, a própria cultura local em que será realizada a atividade. Isso não apenas com o caso assim da temática afro-brasileira, mas a temática em geral, ela não é debatida, não é aprofundada. (Entrevistado n° 23, grifo nosso).

Em sala de aula, a gente vê que pouco se trabalha essa temática. Alguns professores, que trabalham e que estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática aí sim, levam para a sala essa discussão. Porém, os que não estão envolvidos com essa temática, pouco trabalham. Não quer dizer que não se importem ou que não é relevante, mas que na realidade, são poucos os textos, são poucas abordagens, são poucas reflexões. Devido, talvez, ao arcabouço teórico que também nós temos e aí, a gente tem que fazer a ponte. Utilizar um texto ou outro e fazer pontes com os textos. Mas há poucos? Eu acredito que sim! (Entrevistada n° 1, grifo nosso).

Os discursos apontam que, em sala de aula, as temáticas quando trabalhadas, o são por poucos docentes. Elucidam ainda que não é por não se importarem que alguns docentes não abordam o tema, mas sim por falta de textos, abordagens e reflexões sobre o mesmo. Retomamos nossa análise para apontar sobre a falta de autoresponsabilização por esta lacuna na formação bibliotecária por parte dos docentes. Em outras palavras, parece que se não há quem insira ou ministre a disciplina voltada para o olhar bibliotecário, então, não há o que fazer. Persistimos em afirmar que para ressignificar a técnica, a atuação e a aprendizagem, o ensino deve ser olhado com muita atenção e refletido se, de fato, atende à sociedade brasileira.

Quando mostramos, em nossa seção 3.2.1, o movimento da *Black Librarianship* é possível perceber que o movimento foi criado por conta de uma pauta que a população afro-americana teve, mas, primeiramente, porque houve um “olhar” desta comunidade para o contexto segregacionista que fazia parte daquele país e para como a formação em Biblioteconomia estava acontecendo naquele período. Ao observarmos a

Biblioteconomia Negra Americana, há escolas que desencorajavam (ou recusavam) a receber alunos afro-americanos, por conta do racismo declarado naquela sociedade.

No Brasil, o contexto é outro. Não se reconhece o racismo como parte estruturante e estruturadora da sociedade brasileira e também se ignora a maioria da população brasileira, que é negra e faz parte das classes econômicas e sociais mais baixas da sociedade. Além de não conhecermos nenhum aspecto relacionado à formação para as temáticas e pautas negras e de pessoas negras nos Estados Unidos criadas desde o século XIX (o que demonstra, no mínimo, um desinteresse em procurar outras epistemologias, movimentos, pontos de vista ou teorias que iriam de encontro ao grupo hegemônico dos quais a Biblioteconomia brasileira descendente), ainda não olhamos para nossa própria população, próprio contexto e especificidades (branquitude, racismo, mito da democracia racial, branqueamento) para pensar estratégias para uma formação bibliotecária que seja, de fato, humanizada e promotora do respeito à diversidade.

Alguns entrevistados inferiram que inserem as culturas mesmo sem estar evidente na matriz curricular e ementa das disciplinas.

Então, nós estamos começando a construir o discurso para... sabe? Começando a construir um ambiente... nós estamos começando a sensibilizar os alunos para a gente começar a discutir questões como essa da nossa afrodescendência, nossa cultura indígena e etc. Porque, até então, isso não aparecia nem nos diálogos em sala de aula. Se você for analisar a própria matriz curricular isso não está explícito lá na ementa da disciplina e nem na bibliografia. Isso está sendo uma construção da sala de aula para depois a gente conseguir ir com mais propriedade e fazer uma formulação curricular e introduzir, de fato, bibliografias e conteúdos de ementas para que isso faça parte pedagógica mesmo da formação do bibliotecário. [...]. (Entrevistada nº 7, grifo nosso).

A [Universidade Federal] não tem um currículo que é temático, ele é processual e esse tipo de temática relações de gênero, debates étnico-raciais, eles têm que entrar no currículo em todas as disciplinas de forma transversal, né, e eu não vejo muito professores trabalhando com isso não. Eu tento trazer debate de gênero e étnico-racial. Ao mesmo tempo, fico em uma situação, assim, de: - Bom, é muito importante dar visibilidade para esse debate, mas eu sou uma mulher branca, entendeu? Na verdade, eu lido com disciplinas teórico-metodológicas e tenho uma visão, assim: - Bom, já que eu sei que talvez meus colegas estejam muito preocupados com a técnica e que vão mostrar uma visão universal, construir muito do conhecimento que os estudantes ainda não têm, obviamente, não conhecem e estão chegando agora na Arquivologia e na Biblioteconomia e vão dar os clássicos e tal. Já que eles vão fazer isso, vamos tentar fazer diferente aqui, entendeu?

Essa é a minha posição. Tem sido essa: Sem medo de não dar os clássicos. (Entrevistada nº 24, grifo nosso).

Então, eu trabalho isso... eu venho trabalhando isso, essa questão com os meus alunos em sala de aula, dentro de grupo de pesquisa, mas eu percebo que é muito pouco, que a gente precisa ter uma percepção muito mais coletiva, talvez criar uma consciência coletiva da importância disso, no envolvimento de todos os profissionais, todos os alunos e das pessoas que se comprometam em, sinceramente, reconfigurar o seu olhar e ressignificar as suas ações em relação a essa percepção. (Entrevistado nº 5, grifo nosso).

Desses discursos, podemos refletir os esforços, mesmo que pouco expressivos, para a introdução dos temas. E demonstram como o currículo oculto ser uma das estratégias para a inclusão das temáticas, embora não a mais adequada, visto que o currículo oculto é difícil de ser “medido” o que torna árdua a identificação da inserção das temáticas em casos de estudos como o da presente pesquisa.

Em síntese, os discursos evidenciaram que a formação relacionada às culturas africanas e afro-brasileiras ainda é incipiente, visto que a matriz curricular ainda necessita de uma “africanização” para poder pautar o tema de forma aprofundada em quaisquer disciplinas. Entretanto, poucos docentes abordam a temática em sala de aula e a falta de abordagem do tema é justificada pela escassez de referenciais teóricos. Há dificuldades em despertar interesse nos alunos pelas disciplinas sobre a questão étnico-racial, pois as abordagens são desvinculadas da Biblioteconomia e seus focos de atuação.

7.2.4 Ponto 4 - As ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) que contemplam a inserção dessas culturas em cursos de Biblioteconomia

Sobre as ações que contemplam o tema, identificamos que há um desconhecimento sobre os instrumentos normativos específicos que a abordam, embora, em alguns casos, resoluções para ações afirmativas, acessibilidade e outros temas se tornem conhecidos pelos docentes. Além disso, conforme trecho do DSC abaixo:

Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática. Há alguns instrumentos legislativos, mas eles não possuem impacto algum no aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia, pois ainda é realizado de forma isolada a inserção da temática dependendo somente dos docentes e projetos de extensão.

Enquanto Legislação, a Lei nº 10.639/03, que trata da obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Africana no currículo de instituições brasileiras foi a única citada nos discursos docentes.

Entrevistada: Na Biblioteconomia? Existe a lei, né, 10.639?

Entrevistadora: 10.639, uhum!

Entrevistada: 10.639, isso aí. Existe essa legislação, que ela já está vigente, mas na Biblioteconomia, a gente está inserindo, está tentando inserir a agora, né. (Entrevistada nº 3, grifo nosso).

Então, em 2003, foi como conquista da luta histórica do movimento negro brasileiro, foi instituída a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e instituiu o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. (Entrevistada nº 11, grifo nosso).

De projetos, existiam os projetos da professora Joselina [da Silva], com um projeto financiado pelo PIBIC, do CNPq, que avaliava os acervos das bibliotecas escolares lá do Ceará, avaliava também os acervos das bibliotecas públicas no que se refere à lei 10.639. (Entrevistado nº 6, grifo nosso).

Outro ponto de destaque se refere aos projetos de pesquisa ou extensão e programas educacionais sobre a temática, conforme o DSC abaixo:

Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas e não há nenhum projeto a longo prazo que faça interface direta com a temática. Pontualmente, temos TCC sobre o tema e existem alguns trabalhos, mas não são de forma contínua. Em alguns casos, existem projetos de alguns professores que abordam as questões africanas, racismo e misoginia. Em outros casos, há projetos de extensão desenvolvidos em comunidades ribeirinhas e grupos de estudos da Universidade sobre a questão afro, onde participam alunos da Biblioteconomia. Alguns professores também criaram grupos de estudos de afro-brasileiros e revistas científicas que trazem o debate sobre o negro, acessibilidade, questão de gênero, violência e temas sociais. [...]. Em alguns casos, há programas de educação tutorial e foram aprovados programas interdisciplinares que englobam estudantes de diferentes cursos.

Continuando a análise dos trechos dos discursos, percebemos que alguns docentes não possuem conhecimento de projetos específicos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras em sua instituição e curso. No entanto, há orientação de TCCs, bem como existem alguns projetos de extensão que abordam a questão afro e outras abordagens a ela vinculadas, como racismo, misoginia, questões de gênero, violência, entre outros aspectos. Outros depoimentos elucidaram ainda a abordagem do tema em periódicos

científicos, a criação de grupos de estudos específicos e a aprovação de programas interdisciplinares que incluem discentes do curso.

Com relação à legislação, a pauta da temática negra tem sido debatida desde o momento da criação de LDB (BRASIL, 1996) que, posteriormente, foi alterada para tratar especificamente sobre os temas das história e cultura negras e indígenas (BRASIL, 2003, 2004, 2008). Antes mesmo de precisarmos de uma legislação para pautar um direito humano, que é o de ter sua história, cultura, origem, representatividade, movimentos sociais e demais elementos lembrados e (re)conhecidos, precisaríamos refletir sobre para que e para quem serve a Biblioteconomia. Há uma lacuna epistemológica, formativa e profissional que não nos deixa refletir sobre o que é dito e o que é de fato feito dentro da área. Temos de reconstruir um diálogo colaborativo entre docentes, profissionais e pares para que pensemos uma Biblioteconomia que seja sim preocupada com os aspectos técnicos e instrumentais, mas que antes de tudo, nos foquemos no humano.

7.2.5 Ponto 5 - A Branquitude em questão

Durante os discursos coletados, algumas representações se sobressaíram nas falas mesmo não sendo os objetivos diretos desta pesquisa, mas que foram temas elucidados nas seções teórico-conceituais do presente estudo. Por isso, aqui extraímos alguns discursos para discutirmos sobre branquitude e a percepção docente.

A consciência de ser branco aparece como um dos pontos que chamou a atenção em alguns depoimentos, conforme demonstramos nos trechos abaixo. Essa percepção evidencia o fato de que, por serem brancos, não há o despertar para as culturas africanas e afro-brasileiras e nem o incentivo ao aprendizado desses temas nas escolas ou universidades. Esses trechos corroboram a importância da discussão que trouxemos na seção secundária 2.1 sobre a questão racial brasileira, pois a formação do bibliotecário não se encontra vinculada às questões étnico-raciais, talvez, pela maioria dos docentes serem brancos e estarem em uma realidade social que estereotipa, sub-representa e invisibiliza o negro no currículo formativo, no mercado de trabalho docente e na sociedade.

[...] porque infelizmente na formação, se começar lá na escola pública, lá na escola particular, no ensino médio, isso é mal dado ou muitas vezes dado de forma enviesada. Quando a gente vai para o superior, isso não é discutido quando deveria ser discutido num curso superior

*de formação de bibliotecários que trabalham com a cultura. É o que a gente fala. E aí... Então, é algo que eu tenho buscado, mas eu sei que ainda estou nesse processo também, porque infelizmente eu vivo, né, vivia numa... é triste dizer isso: até numa bolha, porque isso não era... **não me foi despertado, não me foi questionado e eu sou uma pessoa branca que não sofreu preconceito.** Então, não era um assunto que me despertava. Mas agora, trabalhando com a formação de alunos e de bibliotecários, eu acho que é uma obrigação do professor, do sujeito, do ser humano levantar esses questionamentos, esses discursos porque a sociedade, ela é, infelizmente, excludente, né? O nosso preconceito, ele é estrutural, então... e algo que os alunos estão também sendo levados a questionarem por meio da biblioteca, por meio dessas estruturas, porque a biblioteca, ela acaba também fazendo essa manutenção, né, e os profissionais. [...]. (Entrevistada nº 17, Questão 2, grifo nosso).*

*Então, Franciéle, isso é muito novo para mim. **Eu sou uma mulher e uma professora branca tentando trazer alguns temas que são temas, assim, que eu tenho me aproximado de alguns anos para cá por conta de um Núcleo de Pesquisa, um Grupo de Pesquisa do CNPq que eu participo chamado DEGENERÁ - Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros.** [...]. (Entrevistada nº 24, Questão 2, grifo nosso).*

Os privilégios da branquitude elencados por Schucman (2014a,b) estão presentes no discurso acima quando a Entrevistada nº 7 afirma que não houve o despertar para o assunto devido à sua condição de pertença racial branca. Aqui, podemos refletir se somente a pessoa negra é aquela que se preocupa em pautar as questões étnico-raciais e discutir sobre racismo, raça e branquitude, pois sofre os efeitos psíquicos, sociais, educacionais e físicos causados por estes na sociedade.

Nos discursos, foi possível ainda, observar que alguns docentes brancos buscaram estudar a temática, em especial, por estar vinculada a outros temas de debate e luta como as questões de gênero. A compreensão de que o preconceito é estrutural e que o docente e o profissional bibliotecário necessitam tratar disso em sua práxis, independentemente da pertença étnico-racial, deve ser um dos aspectos formativos a ser incentivado pelos cursos para que a pauta pelo antirracismo e a descolonização do ensino em Biblioteconomia finalmente sejam uma possibilidade.

O fato de possuir docentes negros também foi elencado como uma maneira de trazer visibilidade a essas questões, justamente porque os docentes brancos não se sentem confortáveis em abordar essas questões de forma ampla por não terem passado preconceito e racismo. Enfatizam ainda que possuem conhecimento da escravidão e os seus reflexos na sociedade atual.

Tá bom, querida! Ah! Eu creio que a gente se envolve pouco com essas questões, com essa pergunta eu me sinto mais à vontade. Sabe o porquê, Fran? Porque eu não sou negra! E... e eu acho que a gente se envolveria mais com essas questões se nós tivéssemos colegas negros, né? E infelizmente, eu não sei te dizer, né, a gente... a gente não sente... Não sente na pele o que é ser negro, as questões de ser negro e é óbvio que nós convivemos com negros e sabemos da história, do absurdo que se deu com relação as questões da negritude. Mas, assim, óh, eu acho que é pouca abordagem. E, talvez, o desconforto que nos sentimos talvez a responder essas perguntas que você me faz é porque nós não somos negros e nós não temos colegas negros, né? E quando a gente... eu trabalho com exclusão, eu trabalho com questões de exclusão e eu lembro que eu voltei muito mais o meu olhar para essas coisas, porque eu tenho um filho deficiente, né? Então, quando a gente convive com as pessoas que têm suas dificuldades em detrimento de algumas dificuldades de se colocarem socialmente, ou ser excluído de algum direito, de exercer o seu direito, é quando a gente convive com essas pessoas. A gente pode ter mais possibilidades de agregar nessas bandeiras, sabe, nessas lutas dos negros, por exemplo, e de outras... e de outras etnias também, que também são excluídas assim. (Entrevistada nº 22, Questão 5, grifo nosso).

Vamos dizer, assim, até vamos dizer... quando a gente foi adotar o meu filho, então, a gente tem uma certa vivência, porque do lado da família da minha mãe, os únicos brancos na família da mãe é eu e meus irmãos. Todos os meus primos, tios, ou são negros ou são pardos. Então, essa questão, assim, do preconceito que eles passam, isso, vamos dizer assim, ajudou na minha formação. Isso é uma coisa que eu trabalho em sala de aula. Eu trabalho, porque assim, óh, não adianta somente a gente colocar nas diretrizes lá no PPC. A gente conversa entre os professores que a gente tem que passar isso para o aluno, debater, não é só... Muitas vezes, a gente encontra o PPC é bonito. Ah, o PPC, porque lá no nosso PPC tem essa questão da...do... trabalhar a questão afro, a questão da diversidade sexual, existe isso no PPC. Porém, a gente tem que colocar isso na prática, levar e provocar o debate. [...]. (Entrevistado nº 19, Questão 2, grifo nosso).

No depoimento da entrevistada nº 22, a mesma frisa que voltou seu olhar para as questões étnico-raciais por possuir um filho com necessidades especiais. Outro ponto de destaque está na consciência de que conviver com negros e se compadecer de suas lutas e dores não diminui o desconforto sobre a abordagem da temática, em especial, por conta do preconceito que as pessoas brancas sabem que os negros passam.

Quando pensamos no desconforto elucidado pela Entrevistada nº 22, este pode ser interpretado como uma forma de retirar a responsabilidade docente para pensar mais profundamente sobre as questões étnico-raciais, o racismo e o próprio privilégio de ser uma pessoa branca na sociedade brasileira. Ao nos dizer que se tivesse colegas negros esse desconforto diminuiria, pode ser interpretado, por um lado porque assim não

precisaria se preocupar em pautar essas temáticas em sala e, por outro lado, por querer representatividade de pessoas negras como docentes.

O Entrevistado nº 19 nos permite a análise do seu discurso também sob o viés da questão racial, o branqueamento dentro das famílias e de como a branquitude opera nessas relações. Ao apontar que possui parentes negros ou pardos e do preconceito sofrido por eles, demonstra que possui consciência de como opera o racismo na sociedade. No entanto, mesmo que seu discurso evidencie uma experiência pessoal e profissional que permita olhar os dois lados (daquele que comete e daquele que sofre racismo), não se utiliza deste seu elemento para desconstruir o saber henemônico dominante e propor estratégias de mobilização em prol da descolonização do currículo e promoção da diversidade.

Com relação a relacionamentos com pessoas negras, o livro recém-lançado de Lia Vainer Schucman intitulado “Famílias Inter-raciais: tensões entre cor e amor” evidencia que, mesmo em famílias compostas por pessoas negras e brancas, é possível ser racista. Ou seja, uma pessoa branca pode casar com pessoas negras, viver em uma família inter-racial com vínculos afetivos sólidos e amorosos, ser contra o racismo e considerar que o mesmo deve ser combatido, e, mesmo assim, ainda possuir pensamentos e/ou atitudes racistas (SCHUCMAN, 2018). Tratam-se de subjetividades que fazem parte da realidade social dos brasileiros e, por consequência, das relações entre brancos e negros em todos os setores dela, como o mercado de trabalho, na formação profissional e na composição da matriz curricular dos cursos.

Por outro lado, os discursos também evidenciaram a questão do ser branco e abordar a temática negra. Entretanto, o discurso do entrevistado nº 18 nos mostra seu desconforto quando é confrontado sobre o lugar de pessoa branca e, portanto, de opressor e detentor de privilégios.

[...] E até, se for possível, se for permitido, orientar no sentido de que possam ajudar de alguma maneira a furar os bloqueios e ir adiante e tudo mais. Às vezes, a gente é um pouco rechaçado, porque: - Ah! Você é branco, privilegiado, parara e tal. - Está usurpando o lugar de fala e tudo. Tá! Eu sou um pouco avesso a esse discurso de lugar de fala. Eu acho que lugar de fala também é um lugar discursivo, que tem seus poderes e tem seus podres como todos os outros. E tem suas utilizações “maléficas” e acabam contribuindo para que pessoas, que são simplesmente oportunistas, utilizem e desvalorize esse lugar de fala. E lugar de fala é um lugar privilegiado e que tem que assumir esse privilégio de uma forma muito responsável, porque passa a falar pela comunidade. (Entrevistado nº 18, Questão 3, grifo nosso).

Lugar de fala, segundo Djamila Ribeiro (2017), nos traz o entendimento do debate estrutural que existe em torno de quem fala e quem não pode falar. Ou seja, não se trata de apontar conforme suas experiências individuais, mas de entender o lugar social que certos grupos ocupam restringem possibilidades.

Em outras palavras, conforme demonstrado desde o início desta seção secundária nos discursos de pessoas brancas, o fato de entender e se sensibilizar com o racismo e preconceitos não faz com que se tenha as mesmas experiências que grupos de pessoas negras passam nas mãos de pessoas brancas. Mesmo que a pessoa branca que fala faça parte de grupos excluídos na sociedade como os judeus, LGBTQI+, entre outros, o lugar desse indivíduo branco na sociedade brasileira ainda é daquele que pratica o racismo e o preconceito.

Ser branco na sociedade brasileira é ser aquele que não é atravessado pela raça e, que por isso, possui a dificuldade de abordar sobre a temática, em se perceber como parte daqueles que cometem o racismo e que por isso são racistas e em não perceber - ou fingir não perceber - seus privilégios dentro da sociedade. Frisamos aqui, a importância dos docentes e bibliotecários brancos como aliados da luta antirracista e em prol da igualdade étnico-racial. Como diz a autora Grada Kilomba, “o racismo é uma problemática branca” (CARTA CAPITAL, 2016, s.p.), visto que foi criado e mantém os privilégios de seus pares, em detrimento de outros grupos étnicos.

7.3 DISCUSSÃO: DIALOGANDO COM ENTRE DADOS DOCUMENTAIS E DADOS ORAIS

Nesta seção, apresentamos a discussão realizada a partir dos dados orais e documentais encontrados durante o percurso desta pesquisa. À luz das categorias discursivas apontadas na metodologia, são apresentadas na Figura 6 as interconexões entre o discurso docente, a formação para a questão étnico-racial e a consequente inserção ou não do tema em sala.

Para elaboração desta figura, foram sistematizadas as respostas às questões do questionário de caracterização e às questões da pesquisa. Separou-se os respondentes por gênero e pertencimento étnico-racial e sua formação na temática (considerando orientações no tema, formação por intermédio de estudo da temática devido à elaboração

de pesquisas, teses ou dissertações e participação em grupos de pesquisa ou extensão) e se realiza ou não a inserção da temática em sala.

Em um primeiro momento, destacamos as três respondentes do sexo feminino sem identificação de seu pertencimento étnico-racial no questionário de caracterização, mas são identificadas por nós como docentes pertencentes ao grupo étnico-racial branco. Percebemos que não houve formação na temática, no entanto, uma delas insere a discussão em sala. Aqui, podemos considerar que, em algum momento de sua carreira docente, esta professora realizou uma autoformação na temática visando trazer a discussão para a sala de aula.

Conforme contextualizamos em nossa fundamentação teórico-conceitual ao abordarmos sobre relações raciais e branquitude – nos pauntando em Lourenço Cardoso, Maria Aparecida Bento, Lia Vainer Schucman, Iray Carone, Valeria Ribeiro Corossacz, entre outros autores – as pessoas brancas possuem dificuldades em se autodeclararem como pertencentes a um grupo étnico-racial. Corossacz (2017) infere que “a cor é uma informação que se omite” quando pesquisou pessoas brancas no Rio de Janeiro e perguntou “o que faz de um branco um branco?”. Em nossa interpretação, a ausência de explanação do pertencimento étnico-racial pode ser: a) pela percepção de que ao não se identificar racialmente está implícito ser branco; b) por um legado racial que estrutura as relações entre pessoas brancas e não brancas na sociedade brasileira pautadas na negação do racismo e no permanecimento de uma visão de que todos somos frutos de uma mistura entre raças/etnias que acarretou no branqueamento da população brasileira, trazendo a percepção de que todos são iguais em direitos, deveres e oportunidades. Assim, a sociedade brasileira foi construída tendo o europeu ou americano branco como um padrão a ser seguido e, portanto, tudo que é elaborado, publicado, estudado, mostrado e vendido busca atender às necessidades e desejos de pessoas brancas. Como consequência, os privilégios materiais, imateriais e simbólicos também permitem às pessoas brancas a possibilidade de deixar implícito seu pertencimento étnico-racial, visto que o seu fenótipo o caracteriza como parte do grupo hegemônico dominante que percebe o “outro” naquele que não é semelhante à sua imagem.

Quanto aos docentes que se declararam como pertencentes ao grupo racial branco, ao total foram seis respondentes. Destes, quatro são do sexo feminino e dois do sexo masculino. Entre as mulheres, somente uma afirmou não ter formação sobre a temática e que não a insere em sala de aula. Das outras três mulheres brancas, uma teve formação

por exercer a profissão bibliotecária e ter contato com pessoas atuantes com a temática, mas não a inseriu enquanto docente; e as outras duas fizeram autoformação por intermédio de grupos e pesquisas e levam, de alguma forma, a temática para discussão e/ou conscientização dos alunos em sala.

Os professores homens não tiveram formação, mas buscaram estudar por conta própria a temática para realizar a orientação de trabalhos e discutir o tema em sala. O fato dos alunos serem pertencentes à população negra e trazerem consigo as mazelas do racismo e da crença na democracia racial é um dos motivos que leva à discussão sobre as culturas. As mazelas do racismo são identificadas por um dos docentes ao descrever como busca levantar a autoestima dos seus alunos negros que não se aceitam e que veem no professor o modelo de beleza. Para este docente, a beleza não possui cor, no entanto, conforme estudamos sobre a questão racial dentro da sociedade brasileira, a beleza possui a cor branca enquanto modelo universal de humanidade.

Outro aspecto que chamou a atenção está quando este mesmo docente percebe como o racismo está presente na vida do aluno e futuro profissional da Biblioteconomia quando expõe sua experiência em um processo seletivo de estágio. O docente relata que foi aprovado em um estágio à frente de uma pessoa negra considerada por ele com maior capacidade devido às notas e desempenho da concorrente durante a graduação e que, por conta do seu pertencimento étnico-racial, não foi chamada para estagiar na empresa mesmo ficando em primeiro lugar. Aqui, perguntamos se este docente acredita ter sido aprovado por conta do privilégio de ser branco, e o mesmo infere:

Sinceramente, lá do fundo do meu coração, eu acho que sim. Eu acredito que sim. Eu também sou competente. Não vou também me desdenhar, porque eu sou. Eu também era, só que a Kátia tinha um melhor desempenho que eu na academia, tanto é que na prova técnica ela foi melhor do que eu. Tudo bem, né, na entrevista ela era uma pessoa mais tímida. Aí, tu vê tem vários fatores do por quê da timidez [...]. (Entrevistado 19, Questão 5).

Retomamos aqui, a Professora Maria Aparecida Bento e suas pesquisas sobre branquitude, em especial, quando aborda sobre o pacto narcísico entre brancos e como há um acordo tácito em não se reconhecerem como parte da permanência das desigualdades raciais no país. Neste caso, a discriminação racial ocorrida com a estudante durante um processo seletivo demonstra como há uma inclinação em manter a conquista de privilégios de um grupo sobre outro, ou seja, em conceder a vaga à uma pessoa branca em detrimento de uma pessoa negra, mesmo que esta última seja mais qualificada. Há o

Conforme tivemos a oportunidade de compreender na seção primária 2, os africanos foram retirados à força de seu continente, explorados, escravizados e as mulheres foram transformadas em “objetos” para usufruto de como o colonizador desejasse, inclusive, enquanto produtoras de mão de obra escravizada criada a partir do estupro dessas africanas. Com o aumento da população oriunda desse projeto de nação a partir da miscigenação, foram sendo criadas categorias para a separação entre brancos, pretos e miscigenados, o que se considera hoje como pardos.

Outro fator está na capacidade da pessoa que se atribui como parda “transitar” entre dois mundos e se utilizar – até quanto for permitido pelo grupo dominante – dos privilégios atribuídos aos brancos e, em alguma medida, de políticas sociais destinadas aos afrodescendentes, como as cotas étnico-raciais. No entanto, os pardos também possuem uma série de interferências no seu processo de identificação individual, assim como na construção de uma identidade coletiva por não sentirem o pertencimento a um determinado grupo étnico-racial. Durante as entrevistas, o termo pardo foi utilizado para se referir à uma pessoa de fenótipo negro, mas que não era “negro negro”, no qual, para este caso, surgiram outros adjetivos como “cor de cuia”, “pêlo duro”, “mulato”, “moreno” e “moreno-escuro” para designá-la.

Retomando a discussão, percebe-se que quanto a esses docentes pardos, a formação para as questões étnico-raciais aconteceu somente para um deles, mas para dois professores não. No entanto, dois docentes inserem, de alguma forma, a temática em sala de aula, enquanto outro não o faz. Neste caso, poderíamos interpretar que a ligação com a sua ascendência africana, em alguma medida, trouxe o interesse pela compreensão da temática, bem como pela autoformação para inserção da mesma em sala. Outro fator que explicaria a inserção mesmo sem a formação poderia ser a orientação de alunos interessados na temática, o que acarretou na possível capacitação docente.

Quanto aos docentes que se consideram pertencentes ao grupo étnico-racial preto, dos sete respondentes, quatro são do sexo feminino e três do masculino. Das quatro docentes mulheres, três tiveram a formação e incluem a temática negra em sala de aula. Dos três docentes homens que se identificaram como negros, todos obtiveram formação para a temática e somente um faz a inserção em sala de aula. Nesta análise, podemos verificar que a maioria (homens e mulheres negros) foram formados em algum momento de sua vida acadêmica para atuar com a temática negra. No entanto, nem todos inserem a discussão em sala. Quanto a este último dado, podemos refletir e retomar sobre o que

aprendemos sobre a história do negro no Brasil e como a branquitude influencia na vida de uma pessoa negra em todos os setores, inclusive no meio acadêmico. Pautar a temática étnico-racial somente por ser uma pessoa negra não é o ideal para a formação bibliotecária. Como foi possível compreendermos a partir da leitura da fundamentação teórico-conceitual, o racismo é uma problemática de brancos e negros, mas em especial, de pessoas brancas, pois elas fazem parte do grupo hegemônico que determina a exclusão social, econômica e educacional de pessoas não brancas. Dessa forma, uma pessoa negra não deve ser obrigada a pautar a temática somente pela sua cor e pertencimento étnico, mas precisa ser conscientizada para a existência da branquitude, do racismo e da construção da realidade brasileira, bem como das formas de denúncia e lugares de fala dentro da sociedade.

Conforme os dados recolhidos em ambos corpora, foi possível perceber que a inserção da temática ainda é incipiente dentro do currículo dos cursos. Essa afirmativa é confirmada ao analisarmos os planos, projetos políticos pedagógicos e ementas de 2.272 disciplinas discriminadas nas grades curriculares de cursos de Biblioteconomia brasileiros em 29 instituições onde constatamos que somente 16 destas disciplinas em apenas sete universidades abordam a temática. Os discursos docentes ratificaram a incipiente formação bibliotecária e sua relação com a questão étnico-racial dentro da formação.

Percebemos que as diretrizes curriculares, resoluções e legislações – entre elas, as “Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, as Leis Federais nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008 abordadas na seção 4 deste estudo – não foram citadas nos Projetos Pedagógicos dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. No entanto, nos discursos de quatro docentes – destes, três docentes negros e uma docente branca – que inserem a temática em sala de aula, a Lei nº 10.639/2003 foi lembrada. Aqui podemos levantar como questão: Por que a maioria dos docentes que lembraram da Lei foi de cor negra? Ao nos aprofundarmos na vida acadêmica dos docentes entrevistados, percebemos que os três docentes negros que citaram a Legislação tiveram sua formação voltada para a inserção da temática em suas pesquisas de mestrado ou doutorado. Quanto à docente branca, a mesma inferiu que insere a temática por intermédio de grupo de estudos e bibliografias estudadas sobre as culturas.

A autoformação foi outro aspecto que surgiu nos discursos docentes. Ela surge como alternativa para o professor que não obteve nenhuma formação sobre as culturas durante seu percurso acadêmico ou profissional para que possam compreender os contextos (social, educacional e étnico-racial) dos seus alunos do curso, em especial, aqueles alunos pertencentes à população negra. Além disso, a partir do aprendizado sobre os elementos da História da África, dos africanos e seus descendentes e os resultados dos 300 anos de escravidão aqui ocorridos, assim como as relações étnico-raciais no Brasil (contextualizados na seção 2), conseguirão compreender as dificuldades pelas quais seus alunos e alunas passam no que se refere à lacuna formativa trazida desde o ensino fundamental e médio até as desigualdades sociais e econômicas por eles enfrentadas.

A falta de capacitação docente para a inclusão das culturas também pode ser um dos reflexos da baixa inserção das temáticas dos cursos. Há ainda a visão de que as culturas se adequam às disciplinas de cunho mais social e que disciplinas do “núcleo duro” da Biblioteconomia ou de cunho tecnológico não teriam espaço para uma formação bibliotecária voltada à questão étnico-racial.

No entanto, conforme a produção científica evidenciada na Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira e Americana (disponível na seção 3 e Apêndices A e B) e nos resultados obtidos da análise dos instrumentos normativos e dos discursos docentes relacionados à inserção do tema na formação bibliotecária, podemos perceber que há sim espaço para a inserção da temática em diversas áreas da Biblioteconomia brasileira. A seguir, demonstramos uma breve elucidação de como os conteúdos voltados à questão étnico-racial podem ser inseridos em disciplinas independentemente de qual área da Biblioteconomia pertençam (Quadro 9).

Quadro 9 - Sugestão de conteúdos das culturas africanas e afro-brasileiras em disciplinas dos cursos de Biblioteconomia brasileiros

Área da Biblioteconomia	Exemplo de Disciplina	Autores
Fundamentação Geral	- Introdução à Biblioteconomia e Ciência da Informação	Oliveira e Aquino (2012) Aquino (2013) Lima e Cardoso (2018) Silva, Pizarro e Saldanha (2017) Silva e Saldanha (2018) Silva, Saldanha e Pizarro (2018) Silva e Lima (2018)
	- História do Livro e das Bibliotecas	Mattos e Murgia (2009) Cardoso (2015) Gomes (2016) Cardoso e Lima (2018)
Organização e Recuperação da Informação	- Representação descritiva e temática da informação	Moura (2005) Miranda (2007) Miranda et al (2011) Aquino e Santana (2013) Lima, Kroeff e Ribeiro Junior (2014) Silva e Almeida (2017)
	- Recuperação da Informação	Mota e Aquino (2012)
Recursos e Serviços de Informação;	- Disseminação e Mediação da Informação	Silva (2006) Lopes (2014) Silva Júnior (2014)
	- Usuários da Informação	Silva (2014) Cardoso, Garcês, Costa e Lima (2015)
	- Fontes de Informação	Santos (2013)
Gestão da Informação	- Gestão de Estoques de Informação	Lima et al. (2018)
Tecnologias da Informação	- Tecnologias da Comunicação e Informação aplicada à Biblioteconomia	Lima e Aquino (2009) Freitas (2010) Oliveira e Aquino (2010) Aquino, Silva Júnior e Silva (2014) Silva e Karpinski (2018)

Fonte: Elaborado a partir das Cronologias da Biblioteconomia Negra Americana e Brasileira, dos discursos docentes e instrumentos normativos dos cursos (2019).

O que demonstramos no Quadro 9 é a possibilidade de inserção das culturas africanas e afro-brasileiras em diversas disciplinas da matriz curricular dos cursos de Biblioteconomia brasileiros. Com esta demonstração queremos desmistificar a visão de que os conteúdos da temática só devem ser implantados em disciplinas de caráter social, além de evidenciar a qualificada produção científica de bibliotecários ou profissionais da informação em diversos periódicos da BCI. Esta sugestão serve para aqueles cursos que ainda se encontravam ou ainda se encontram em caráter de revisão do Projeto Político Pedagógico e matriz curricular e que buscam pautar a temática negra na formação bibliotecária. Serve ainda para a capacitação docente voltada para as questões étnico-raciais, o que pode auxiliar em orientações de alunos que pesquisem o tema e na abordagem da temática em sala de aula.

Evidenciamos, no entanto, a importância de pautar e discutir o tema em disciplinas específicas elaboradas cuidadosamente para contemplar uma formação voltada a uma atuação profissional respeitosa à diversidade étnico-racial e ciente dos contextos da população negra brasileira.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos para a construção desta pesquisa não foram fáceis. Assim como toda e qualquer pesquisa científica, muitas vezes, foi necessário parar e repensar os próximos passos visando entender no que desejávamos contribuir para a construção de uma educação em Biblioteconomia que fosse voltada para a inserção e respeito à diversidade étnico-racial. Executar uma pesquisa na qual os docentes serão aqueles que trarão à você os elementos para analisar e formar um discurso coletivo sobre o tema em questão também se tornou desafiador, visto que sempre temos na figura docente aquele que possui a maioria das respostas e, que em alguns aspectos, poderiam se sentir como tendo sua atuação docente questionada ou escrutinada. O que buscamos aqui foi trazer a consciência e sensibilidade – por intermédio de dois corpora diferentes – para a inserção de um tema considerado por nós primordial para a formação bibliotecária devido às populações negras fazerem parte da população brasileira e, mesmo assim, não serem um dos focos na formação, na atuação profissional e na oferta de produtos e serviços bibliotecários.

Ainda em relação às dificuldades encontradas para a realização desta pesquisa destacamos a falta de informações em alguns *web sites* das instituições sobre os docentes membros do NDE, bem como disciplinas e matrizes curriculares com dados completos e atualizados. Além disso, durante as entrevistas, em alguns momentos, houve falhas relacionadas ao uso das tecnologias digitais, tais como, cortes na internet e ruídos altos que dificultaram a identificação de partes da fala de alguns entrevistados.

Outro desafio, de fundo socio-científico, esteve no fato de analisar os discursos docentes à luz da fenomenologia, tendo como condição de intérprete o fato político da pesquisadora que desenvolveu esta pesquisa ser mulher e ser negra, tendo já sido vítima de racismo em diversos momentos e setores da vida, incluindo o ambiente acadêmico, conhecendo assim as faces comuns adotadas pela branquitude para manter seus privilégios e encobrir seus preconceitos.

Ao chegarmos até aqui, algumas reflexões construídas no início deste caminhar acadêmico retornam à mente: Como ocorre a inserção das culturas africana e afro-brasileira na formação do bibliotecário? O que os docentes manifestam ou percebem das culturas africanas e afro-brasileiras na formação dos bibliotecários? Como é realizada a preparação dos profissionais em questão quanto à questão étnico-racial? Como os

elementos da *Black Librarianship* comparecem nos instrumentos normativos dos cursos mencionados?

Retomando nossas considerações iniciais, esta dissertação versa sobre representações sociais acerca das culturas africana e afro-Brasileira em Biblioteconomia no Brasil a partir de instrumentos normativos (projeto político pedagógico, ementa, programa e bibliografia das disciplinas), bem como de entrevistas com os docentes dos cursos de Biblioteconomia de instituições federais e estaduais brasileiras.

O primeiro objetivo específico que visava “*Identificar os desafios sociais para a formação em Biblioteconomia no Brasil e sua relação com as culturas africanas e afro-brasileiras, a partir do discurso docente*” e o segundo objetivo que intencionava “*Verificar como as culturas estão inseridas no ensino de graduação em Biblioteconomia*” foram alcançados. Nos discursos docentes, os desafios sociais para a formação bibliotecária foram caracterizados como diversos, imensos e complexos, como em qualquer profissão. A formação profissional é vista como um desafio social, pois ainda não é percebida como um processo contextualizado e indissociável da teoria e da prática. Ainda se busca o entendimento e desenvolvimento de um olhar comprometido com as questões ético-políticas do fazer profissional vinculadas à uma visão contextualizada da realidade onde o mesmo se encontra inserido. Dessa forma, os acadêmicos precisam ser reorientados para a compreensão da realidade brasileira e da matriz cultural do nosso país visando compreender a sua história, memória, formação social, cultural, econômica e étnico-racial.

Os aspectos relacionados à inclusão social, questões de gênero, raça, religião e acessibilidade também foram elencados como desafios sociais. Os docentes e bibliotecários ainda carecem de formação para trabalhar com as culturas em conteúdos de disciplinas, perspectivas teóricas ou materiais bibliográficos de autores e/ou bibliotecários negros ou africanos.

Há um desconhecimento da maioria dos docentes sobre projetos, disciplinas ou instrumentos que insiram a temática étnico-racial nos cursos. Muitos dos docentes evidenciaram a abordagem do tema em sala de aula por intermédio do currículo oculto, ou seja, de uma forma transversal e sem aparecer na matriz curricular das disciplinas.

Quanto às culturas africanas e afro-brasileiras em disciplinas da grade curricular na graduação em Biblioteconomia, segundo os instrumentos normativos dos cursos, somente sete Universidades brasileiras evidenciam a oferta de disciplinas específicas ou

não específicas com a temática. Das 2.272 disciplinas analisadas, 16 disciplinas incluem o tema nos currículos dos cursos. No entanto, a maioria das disciplinas são optativas, o que pode refletir no desencorajamento da formação bibliotecária sobre este tema.

Com relação ao terceiro objetivo que visava “*Reconhecer os potenciais de construção de uma Biblioteconomia Negra Brasileira a partir da transformação curricular e da conseqüente formação do bibliotecário no contexto das culturas africana e afro-brasileira*”, apresentamos na seção 3.2.2, assim como nos discursos docentes, que existem diversos autores negros na Biblioteconomia brasileira que pesquisam, trabalham e defendem ativamente as culturas africanas e afro-brasileiras no contexto acadêmico e profissional do bibliotecário. Entre os nomes de autores da Biblioteconomia que foram citados encontramos Mirian de Albuquerque Aquino, Joselina da Silva, Francilene Cardoso, Maria Aparecida Moura, Graziela dos Santos Lima, Márcio Ferreira da Silva, Cícera Nunes, Leyde Klébia Rodrigues da Silva, Erinaldo Dias Valério, Dávila Feitosa da Silva, entre outros. Além disso, conforme a Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira é possível verificarmos o crescimento da produção científica sobre o tema das culturas africanas e afro-brasileiras, não só em artigos, mas também em livros e capítulos.

Como descoberta evidenciamos a *Black Librarianship* Americana e a sua contribuição para o desenvolvimento de uma Biblioteconomia voltada para o atendimento das necessidades informacionais das populações de origem africana nos Estados Unidos, algo, até o presente momento, desconhecido no Brasil. Inspirados por esse movimento, trazemos evidências da Biblioteconomia Negra Brasileira pautada em diversos autores e produções científicas sobre as culturas africanas e afro-brasileiras na Biblioteconomia. Ainda nesse sentido, obtivemos também a partir dos discursos docentes, indicações de autores, docentes, livros e outras bibliografias que a compõem.

Elucidamos ainda, a partir dos resultados encontrados, que a formação em Biblioteconomia é voltada para o uso e estudo das técnicas e tecnologias, mas não para uma formação bibliotecária mais humana e atenta para as questões sociais, educacionais e cultural da população brasileira.

Enquanto pesquisas futuras, salientamos a importância de serem desenvolvidas investigações que busquem evidenciar a produção negra na Biblioteconomia a partir de estudos epistemológicos. Indicamos ainda, a importância da atualização do estudo daqui há 10 anos para verificar se houve de fato algum avanço na introdução das culturas na

educação em Biblioteconomia ou se, com as medidas tomadas a partir de 2015, o contexto que se apresentará será para a total invisibilidade de temas sociais e étnico-raciais.

Por fim, esperamos que esta pesquisa permita a reflexão, aprendizado e desenvolvimento de um olhar voltado para uma formação mais plural e alteritária, que tenhamos orgulho de nossa ancestralidade africana e indígena assim como muitos têm da europeia. Que sejamos uma geração de bibliotecários/pesquisadores/docentes que lutam para tirar da invisibilidade as populações deixadas à margem da sociedade. Que exterminemos o preconceito e o racismo a partir da informação e do conhecimento das culturas africanas e afro-brasileiras, bem como de novas, contínuas e cada vez mais profundas pesquisas, no plano quantitativo e no plano qualitativo, dedicadas às culturas aqui evidenciadas. Nada melhor que um bibliotecário ou uma bibliotecária para transformar a realidade em que vivemos e promover o acesso à cidadania e dignidade de todos os seres humanos.

REFERÊNCIAS

- ADE AJAYI, J. F. África no início do século XIX: problemas e perspectivas. *In: AD AJAYI, J. F. (ed.). História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880.* Brasília: UNESCO, 2010.
- ADICHIE, C. O perigo de uma história única. **TED Global**, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/BqDmLe>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- AFRICOLOGY: The journal of pan african studies. **In Memoriam: E. J. Josey (1924-2009)**, v. 3, n. 1, 2009. Disponível em: http://www.jpnafrican.org/archive_issues/vol3no1.htm. Acesso em: 14 mar. 2018.
- ALBUQUERQUE, A. W.; FRAGA FILHO, W. **Uma história do negro no Brasil.** Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ALMEIDA, C. A. de. **O campo da Ciência da Informação: suas representações no discurso coletivo dos pesquisadores do campo no Brasil.** 2005. 396 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- ALMEIDA, N. B. F.; BAPTISTA, S. G. Breve histórico da Biblioteconomia Brasileira: formação profissional. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25.,* Florianópolis, 07 a 10 de julho de 2013. **Anais[...]** Florianópolis: ACB; FEBAB, 2013.
- ALI HAKEM, A. M. A civilização de Napata e Méroe. *In: MOKHTAR, G. (ed.). História Geral da África, II: África antiga.* 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- ANDRADE, A. N. de; ROSÁRIO, J. dos S.; RIBEIRO, L. B. O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 3.,* 1997, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT, 1997.
- ANTONIL, A. **Cultura e opulência do Brasil.** Belo Horizonte: Itatiaia, 1982.
- AQUINO, M. de A.; SANTANA, V. A. Para além dos discursos: imagens de inclusão social/racial na sociedade do conhecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6.,* 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2005.
- AZEVEDO, A. M.; LUCINDO, W. R. S. Colonização europeia, escravidão e tráfico. *In: CARDOSO, P. de J. F.; RASCHE, K. L. (org.). Formação de professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana.* Florianópolis: DIOESC, 2014.
- BAÇÃ, D. Presidência do CFB e CRBs: Criação da Comissão de equidade de raça e gênero no âmbito CFB/CRB. **AVAAZ.ORG:** petições da comunidade. 29 fevereiro de 2016. Disponível em: <https://goo.gl/6fj36o>. Acesso em: 20 fev. 2018.

BAIER, S. O Saara no século XIX. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: 2010.

BARBOSA, V. L. R *et al.* A inserção da etnia negra no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina a partir das ações afirmativas. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., Fortaleza, 16 a 20 out. 2017. **Anais[...]** Fortaleza: FEBAB, 2017.

BATHILY, A. As relações entre as diferentes regiões da África. *In*: EL FASÍ, M. (ed.). **História Geral da África, III: África do século VIII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.

BATRAN, A. As revoluções islâmicas do século XIX na África do Oeste. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.

BENTO, M. A. da S. **Pactos narcísicos no racismo: Branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. 169 p. (Tese de doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

BERGER, P. L. **Perspectivas sociológicas: uma visão humanística**. Petrópolis: Vozes, 2007.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 248 p.

BERNARDINO-COSTA, J.; SANTOS, S. A. dos; SILVÉRIO, V. R. Relações raciais em perspectiva. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 215-222, jul./dez. 2009.

BENZINHO, J.; ROSA, M. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. Coimbra: Gráfica Ediliber, 2015. Disponível em: <http://twixar.me/93z3>. Acesso em: 08 dez. 2018.

BIANQUIS, T. O Egito desde a conquista árabe até o final do Império Fatímida (1171). *In*: EL FASI, M. (ed.). **História Geral da África, III: da África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 65 p. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf. Acesso em: 05 out. 2018.

BIEMEL, W. Introdução do editor alemão. *In*: HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014.

BLACK CAUCUS OF THE AMERICAN LIBRARY. **Constitution and Bylaws of the Black Caucus of the American Library Association**. June 2017. Disponível em: <https://goo.gl/xhw3oE>. Acesso em: 07 abr. 2018.

BLACK CAUCUS OF THE AMERICAN LIBRARY. **Our history**. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/WzQ9sx>. Acesso em: 07 abr. 2018.

BRASIL. Lei n. 1, de 1837, e o Decreto nº 15, de 1839, sobre Instrução Primária no Rio de Janeiro. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 18, p. 199-205, set. 2005.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940**. Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 1940. Disponível em: <http://twixar.me/VGg3>. Acesso em: 11 set. 2018.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. **Projeto nº 1.332 de 1983**. Brasília, 1983. Disponível em: <http://twixar.me/MS53>. Acesso em: 10 dez. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara Superior de Educação. Parecer CNE/CES nº 492, de 3 de abril de 2001. Diretrizes Curriculares Nacionais dos cursos de Filosofia, História, Geografia, Serviço Social, Comunicação Social, Ciências Sociais, Letras, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2001. Disponível em: <https://goo.gl/YMG3du>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 19, de 13 de março de 2002. Estabelece as Diretrizes Curriculares para os cursos de Biblioteconomia. **Diário Oficial da União**, Seção 1, p. 34. Brasília, 9 abr. 2002a. Disponível em: <https://goo.gl/CLjjaA>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Presidência da República, 1988. Disponível em: <http://twixar.me/PGg3>. Acesso em: 01 set. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 1962. Disponível em: <https://goo.gl/1Xqzri>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**. Brasília, 1996. Disponível em: <https://goo.gl/dac9jM>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 9674, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 1998. Disponível em: <https://goo.gl/PyYKqe>. Acesso em: 18 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP Nº 1, de 18 de fevereiro de 2002**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Brasília, 2002b. Disponível em: <https://goo.gl/pV1rYz>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP 2, de 19 de fevereiro de 2002**. Institui a duração e a carga horária dos cursos de licenciatura, de graduação plena, de formação de professores da Educação Básica em

nível superior. Brasília, 2002c. Disponível em: <https://goo.gl/ewuopR>. Acesso em: 16 fev. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CP nº 01, de 17 de junho de 2004. **Diário Oficial da União**. Brasília: MEC, 2004a. Disponível em: <https://goo.gl/427tHN>. Acesso em: 20 nov. 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Parecer CNE/CP 003/2004. **Diário Oficial da União**. Brasília: MEC, 2004b. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf. Acesso em: 20 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio - perguntas e respostas**. Brasília, 2017c. Disponível em: <http://twixar.me/9H53>. Acesso em: 19 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Acesse o e-MEC**. Brasília, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/q7VG3v>. Acesso em: 18 fev. 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. Secretaria Nacional de Políticas de Promoção de Igualdade Racial. **A Secretaria**. Brasília, 2017a.

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2003a. Disponível em: <http://twixar.me/JH53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.678, de 23 de maio de 2003. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2003b. Disponível em: <http://twixar.me/1X53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2003c. Disponível em: <http://twixar.me/rS53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 de março de 2008. Disponível em: <https://goo.gl/kcvrN4>. Acesso: 09 fev. 2018.

BRASIL. Presidência da República, Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2010b. Disponível em: <http://twixar.me/GX53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. **Diário Oficial da União**. Brasília, 2017b. Disponível em: <http://twixar.me/3H53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **STF confirma validade de sistema de cotas em universidade pública**. Brasília, 09 de maio de 2012. Disponível em: <http://twixar.me/kS53>. Acesso em: 11 dez. 2018.

BRISO, C. B. STJ liberta PMs acusados de chacina de cinco jovens em Costa Barros. **O globo**. 21 jun. 2016. Disponível em: <http://twixar.me/NGg3>. Acesso em: 10 out. 2018.

BUDD, J. M. Phenomenology and information studies. **Journal of Documentation**, v. 61, n. 1, p. 44-59, 2005.

CALDWELL, R. B. South Carolina State Library Group. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of Black librarianship**. 2. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.

CAPALBO, C. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. São Paulo: Ideias & Letras, 2008. 172 p.

CARDOSO, L. **O branco “invisível”**: um estudo sobre a emergência da branquitude nas pesquisas sobre as relações raciais no Brasil (1957-2007). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia e Centro de Estudos Sociais, 2008.

CARDOSO, L. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. 290 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Araraquara, 2014.

CARDOSO, P. de J. F.; RASCKE, K. L. Lei Federal 10.639/03, discussão de conceitos: multiculturalismo, diversidade, ações afirmativas, racismo, preconceito, afrodescendente, negro, entre outros. *In*: CARDOSO, P. de J. F.; RASCKE, K. L. (org.). **Formação de professores**: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Florianópolis: DIOESC, 2014.

CARDOSO, P.; SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S.; COSTA, A. Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC. *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 32., 2014, **Anais[...]** Lages: ACB, 2014.

CARDOSO, P.; SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S.; COSTA, A. Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, v. 20, n. 1, p. 34-40, 2015.

CARONE, I. Breve Histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CASTRO, C. A. **História da Biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000. 287 p.

CATOIA, C. de C. A produção discursiva do racismo: Da escravidão à criminologia positivista. **Dilemas**: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 259-278, maio/ago. 2018.

CARTA CAPITAL. **“O racismo é uma problemática branca”, diz Grada Kilomba**. 30 mar. 2016. Disponível em: <http://twixar.me/xFY3>. Acesso em: 17 jan. 2019.

- CAVALCANTE, R. (coord.) *et al.* A Construção da Consciência Negra. *In:* CAVALCANTE, R. ESTRÊLA, C. (Coord.) **Repertório Bibliográfico sobre a condição do negro no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.
- CHAGAS, I. C. D. Maria Aparecida Moura, entre habitar mundos e fincar bandeiras. *In:* FREITAS, V. G. (org.). **Intelectuais negras: vozes que ressoam**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2RnXPXd>. Acesso em: 14 jun. 2019.
- CHANAIWA, D. A África Austral. *In:* MAZRUI, A. A.; WONDJI, C. **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.
- CHÉRIF, M. H. Novos desenvolvimentos no Magreb: Argélia, Tunísia e Líbia. *In:* ADE AJAYI, J. F. **História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.
- CHINWEIZU. A África e os países capitalistas. *In:* MAZRUI, A. A.; WONDJI, C. **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010.
- CERBONE, D. R. **Fenomenologia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2012. 296 p.
- CERQUEIRA, D. et al. **Mapa da violência 2017**. Rio de Janeiro: IPEA, FBSP, junho de 2017. Disponível em: <https://goo.gl/FxYVJy>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- COELHO, W. de N. B.; SOARES, N. J. B. A Implementação das Leis Nº 10.639/2003 e Nº 11.645/2008 e o Impacto na Formação de Professores. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 21, n. 3, p. 573-606, set./dez. 2016.
- COLUMBIA CIVIC LIBRARY ASSOCIATION. **A Directory of negro graduates of accredited library schools, 1900-1936**. Washington, D.C., 1937. Disponível em: <https://goo.gl/u2vErt>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO – CBBD. **Programa[...]** Fortaleza: FEBAB, 16 a 20 out. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2HCaOil>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. SISTEMA CFB/CRB. **7ª Gestão (1984-1987)**: Presidente Edson Miguel de Jesus. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/institucional/historico/galeria/>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. SISTEMA CFB/CRB. **12ª GESTÃO (maio de 2000 a maio de 2003)**. Brasília, DF, 2019. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/institucional/historico/12a-gestao-maio-de-2000-a-maio-de-2003/>. Acesso em: 19 mar. 2019.
- COSTA, S. A Construção Sociológica da Raça no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 24, n. 1, p. 35-61, 2002.
- CÔRTE, A. R. *et al.* **Bibliotecário: 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil - 1965-2015**. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015.

CORUJO, L.; REVEZ, J. Uma abordagem fenomenológica às organizações inteligentes: a perspectiva dos estudantes de pós-graduação. *In*: SIMÕES, M. da G.; BORGES, M. M. **Tendências atuais e perspectivas futuras em Organização do Conhecimento**: atas do III Congresso ISKO Espanha-Portugal. Universidade de Coimbra, 23 e 24 de novembro de 2017.

DECLARAÇÃO e Programa de Ação adotados na III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata. Durban, África do Sul, 31 de agosto a 08 de setembro de 2001. Disponível em: <http://twixar.me/SS53>. Acesso em: 10 dez. 2018.

DEMO, P. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. 3. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1995.

DIAGNE, P. História e linguística. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

DIARRA, S. Geografia Histórica: aspectos físicos. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

DJAÏT, M. As fontes escritas anteriores ao século XV. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. Ed. Brasília: UNESCO, 2010.

DOMINGUES, P. J. O mito da democracia racial e a mestiçagem no Brasil (1889-1930). **Diálogos Latinoamericanos**, Aarhus, n. 10, p. 116-131, 2005.

DOMINGUES, P. J. Movimento da negritude: uma breve reconstrução histórica. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, v. 24-25-26, p. 193-210, 2009.

DUVEEN, G. Introdução: O poder das ideias. *In*: MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

EL FASÍ, M.; HRBEK, I. O advento do Islã e a ascensão do Império Muçulmano. *In*: EL FASÍ, M. (ed.). **História geral da África, III: África do século VIII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.

ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. Henri Grégoire. **Encyclopaedia Britannica: Biographies**. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/rkMUXM>. Acesso em: 07 abr. 2018.

FELIPE, D. A.; TERUYA, T. K. Ensino da História e Cultura Africana em salas de aula brasileira. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE. Maringá, 23 e 28 de abril de 2010. **Anais[...]** Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/QiqTn3>. Acesso em: 13 fev. 2018.

FERREIRA, M. L. A. G.; CALDEIRA, P. da T.; BAHIA, M. A.; ARAÚJO, M. E. B. Currículo Mínimo de Biblioteconomia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 92-99, mar. 1977.

- FIGUEIREDO, M. F. de. Pós-fenomenologia e Ciência da Informação: aportes epistêmicos para acesso ao conhecimento. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, p. 21-35, jan./jun. 2012.
- GAMA, A. F.; SANTOS, A. R. B. dos; FOFONCA, E. Teoria das representações sociais: uma análise crítica da comunicação de massa e da mídia. **Revista Eletrônica Temática**, ano VI, n. 10, out. 2010.
- GARCÍA GUTIÉRREZ, A. La organización del conocimiento desde la perspectiva poscolonial: itinerarios de la paraconsistencia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 18, n. 4, p. 93-111, out./dez. 2013.
- GASQUE, K. C. G. D. Arcabouço conceitual do letramento informacional. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 39, n. 3, p. 83-92, set./dez., 2010.
- GÓES, W. L.; CORREIA, R. P. Clóvis Moura: delineamentos gerais para a superação do racismo à brasileira. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 34, p. 174-185, jan./jun. 2015.
- GÓES, L. A “Tradução” do paradigma etiológico de criminologia no Brasil: um diálogo entre Cesare Lombroso e Nina Rodrigues na perspectiva Centro-Margem. 2015. 242 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://twixar.me/QGg3>. Acesso em: 10 out. 2018.
- GOMES, N. L. **O Movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- GOMES, E. O ensino de Biblioteconomia e as relações étnico-raciais. In: SPUDEIT, Daniela. F. A. de O.; PEREIRA, Danielle B.; LOBÃO, Irajayna de S. L.; DAVID, Jéssica G. (org.). **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.
- GUEDES, M. Z. A formação profissional do bibliotecário no curso de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal do Paraná. **Educar**, Curitiba, n. 4, v. 1, p. 159-183, jan./jun., 1985. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n4/n4a11.pdf>. Acesso em: 30 maio 2019.
- GUERRA, C. B. As cores em Wittgenstein: da fenomenologia aos jogos de linguagens e a fotografia digital. **Logeion: filosofia da informação**, v. 2, n. 2, p. 66-79, 2016.
- GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GUIMARÃES, A. S. A. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, p. 9-43, 2004. Disponível em: <http://twixar.me/xGg3>. Acesso em: 10 out. 2018.
- HAMPATÉ BÂ, A. Tradição viva. In: ZERBO, J. K. (org.). **História geral da África I**. Brasília: UNESCO, 2010.

- HARRIS, J. E. A diáspora africana no Antigo e no Novo Mundo. *In*: OGOT, B. A. (ed.). **História geral da África, V**: África do século XVI ao XVIII. Brasília, 2010.
- HILL, H. H. Virginia State Teachers Association, Division of Librarians. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2. nd. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.
- HOFBAUER, A. O Conceito de “raça” e o ideário do “branqueamento” no século XIX – bases ideológicas do racismo brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, v. 42 e 43, jan./jul. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2VProXr>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- HRBEK, I. A África no contexto da história mundial. *In*: EL FASI, M. (ed.). **História Geral da África, III**: da África do século VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010.
- HUYSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2014.
- IVANOV, N. A. Novas formas de intervenção europeia no Magreb. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História geral da África, VI**: África do século XIX à década de 1880. Brasília: 2010.
- JORDAN, C. L. African American Forerunners in Librarianship. *In*: JOSEY, E. J.; SCHOCKLEY, A. A. (ed.). **Handbook of black librarianship**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1977.
- JORDAN, C. L. African American Forerunners in Librarianship. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2. nd. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.
- JORDAN, C. L.; JOSEY, E. L. A Chronology of Events in Black Librarianship. *In*: JOSEY, E. J.; SCHOCKLEY, A. A. (ed.). **Handbook of black librarianship**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1977.
- JOSEY, E. J.; SCHOCKLEY, A. A. (ed.). **Handbook of black librarianship**. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1977.
- JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2. nd. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.
- KI-ZERBO, J. Teorias relativas às “raças” e história da África. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010a.
- KI-ZERBO, J. Introdução geral. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010b.
- KNIGHT, F. W. A diáspora africana. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História geral da África, VI**: África do século XIX à década de 1880. Brasília: UNESCO, 2010.

- LAROUÏ, A. O Marrocos do início do século XIX até 1880. *In*: ADE AJAYI, J. F. **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.
- LAST, M. O califado de Sokoto e o Borno. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: UNESCO, 2010.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, Abr./Jun. 2014.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do Sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos)**. ed. rev. e ampl. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2003.
- LEWICKI, T. O papel do Saara e dos saarianos nas relações entre o Norte e o Sul. *In*: EL FASI, M. (ed.). **História Geral da África, III: da África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.
- LEWIS, L. S. Georgia Teachers and Education Association, Librarians' Section. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2. ed. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.
- LIMA, M. A vitória sobre as correntes: Os libertos no Brasil e seu retorno à África, 1830-1870. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011. São Paulo. **Anais[...]** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <https://bit.ly/2YCWKgE>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- LIMA, G. dos S.; CARDOSO, P. de J. F. Disseminando a igualdade: um balanço da biblioteca de referência sobre diversidade cultural - BRDC/NEAB/UDESC (2009/2010). *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 30. 2011, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: ACB, 2011.
- LIMA, G. dos S.; CARDOSO, P. de J. F. Disseminando a igualdade: um balanço da biblioteca de referência sobre diversidade cultural - BRDC/NEAB/UDESC (2009/2010). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, p. 105-117, 2012.
- LIPSCOMB, C. E. Race and librarianship: part I. **Journal of the Medical Library Association**. v. 92, n. 3, p. 299-301, July 2004. Disponível em: <http://twixar.me/gbc3>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- LIPSCOMB, C. E. Race and librarianship: part II. **Journal of the Medical Library Association**, v. 93, n. 3, p. 308-310, July 2005. Disponível em: <https://goo.gl/gsTjgW>. Acesso em: 14 mar. 2018.
- LOUREIRO, J. M. M.; LOUREIRO, M. L. N. M.; SILVA, S. D.; SOUZA, D. M. V. Abordagem fenomenológica em ciência da informação: questões e desafios no cenário da pesquisa. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais[...]** Brasília, 2011. v. 17.

- LYOTARD, J. F. **A fenomenologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2008.
- M'BOKOLO, E. **África negra: história e civilizações**. Tomo I. Salvador: EDUFBA; São Paulo: Casa das Áfricas, 2009. 626 p.
- M'BOW, M. A. M. Prefácio. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.
- MABOGUNJE, A. Geografia histórica: aspectos econômicos. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- MACEDO, J. R. **História da África**. São Paulo: Contexto, 2013.
- MACIEL, M. E. de S. A eugenia no Brasil. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 11, jul. 1999.
- MANGUE, M. V.; CRIVELLARI, H. M. T. Informatização e organização do trabalho em bibliotecas universitárias: estudo comparado entre Brasil, Moçambique e África do Sul. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2005.
- MARCONI, M. de. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.
- MARCIANO, J. L. P. Abordagens epistemológicas à ciência da informação: fenomenologia e hermenêutica. **Transinformação**, v. 18, n. 3, p. 181-190, 2006.
- MARSHALL, A. P. North Carolina Negro Library Association. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of black librarianship**. 2. nd. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.
- MASHINGAIDZE, E. K. O impacto Mfecane sobre a colônia do Cabo. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: 2010.
- MATTOS, H. M. A escravidão moderna nos quadros do Império português: o Antigo Regime em perspectiva atlântica. *In*: FRAGOSO, J.; BICALHO, M. F. B.; GOUVÊA, M. F. S. **O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI-XVIII)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- MICHALOWSKI, K. A cristianização da Núbia. *In*: MOKHTAR, G. (ed.). **História geral da África, II: África antiga**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- MOEHLECKE, S. Ação afirmativa: história e debates no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, n. 117, p. 197-217, nov. 2002. Disponível em: <http://twixar.me/0j53>. Acesso em: 18 dez. 2018.
- MOKHTAR, G. (ed.). **História geral da África, II: África antiga**. Brasília: UNESCO, 2010.

- MONÈS, H. A conquista da África do Norte e a resistência berbere. *In*: EL FASI, M. (ed.). **História geral da África, III: da África do século VII ao XI**. Brasília: UNESCO, 2010.
- MOORE, C. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007. 320 p.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em Psicologia Social. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MORAES, A. F. de. A diversidade cultural presente nos vídeos em saúde. **Interface**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 811-822, 2008.
- MORTARI, C.; VIEIRA, F. A. O Brasil dos séculos XVI a XIX: populações de origem africana, cativo, identidades, solidariedades, religiosidade e resistências. *In*: CARDOSO, P. de J. F.; RASCHE, K. L. (org.). **Formação de professores**: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana. Florianópolis: DIOESC, 2014.
- MORTARI, C.; VIEIRA, F. A. Tecendo vínculos e reconstruindo vidas na diáspora. Desterro/Florianópolis, 1850/1880. *In*: MORTARI, C. (org.). **Introdução aos estudos africanos e da diáspora**. Florianópolis: DIOESC; UDESC, 2015.
- MOURA, C. **Brasil**: as raízes do protesto negro. São Paulo: Global Editora, 1983.
- MOURA, M. A. Representação informacional e as temáticas nacionais: desafios e tendências para a elaboração de linguagens de indexação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais**[...] Florianópolis: UFSC, 2005.
- MOURA, M. A. Prefácio. *In*: SILVA, F. C. G. da.; LIMA, G. dos S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018.
- MOURA, C. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. **El País**, 19 set. 2018. Disponível em: <http://twixar.me/cGg3>. Acesso em: 10 out. 2018.
- MOSTAFA, S. P. **Epistemologia da Biblioteconomia**. 1985. 147 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1985.
- MOSTAFA, S. P.; CRUZ, D. V. N.; BENEVENUTTO, F. E. Fenomenologia versus filosofia da diferença: a biblioterapia em questão. **DataGramZero**, v. 14, n. 6, p. A03, 2013.
- MULLER, S. P. M. Uma profissão em evolução: profissionais da informação no Brasil sob a ótica de Abbott: proposta de estudo. *In*: BAPTISTA, S. G.; MULLER, S. P. M.

Profissional da informação: o espaço de trabalho. Brasília, DF: Thesaurus, 2004. p. 23-54.

MÜLLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (org.). **Branquitude:** estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. [Artigo on-line]. *In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB-RJ*, 3., 2003. Rio de Janeiro. **Palestra [...]**, Rio de Janeiro: UFF, 2003. Disponível em: <https://goo.gl/7U1TEG>. Acesso em: 07 ago. 2017.

MUNANGA, K. Teoria Social e Relações Raciais no Brasil Contemporâneo. **Cadernos PENESB:** Especial ERER, n. 12, p. 169-204, 2010.

MUNANGA, K. Prefácio. *In: MÜLLER, T. M. P.; CARDOSO, L. Branquitude:* estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017.

NASCIMENTO, M. de J. Da paleografia às tecnologias da informação: histórico, fatos e feitos que a história não registra do curso de Biblioteconomia da FAED/UDESC. *In: KOCH, Z.; SHEIBE, L.; TEIVE, G.; NASCIMENTO, M. de J. (org.). FAED faz 50 anos.* Florianópolis: UDESC, v. 1, 2014. p. 77-103.

NUNES, R. B. Tentando entender a diferença: por que afrodescendente e não negro, pardo, mulato, preto?. **Revista África e Africanidades**, ano X, n. 24, jul./set. 2017. Disponível em: <http://twixar.me/qdN3>. Acesso em: 08 nov. 2018.

OBENGA, T. Fontes e técnicas específicas da história da África – Panorama Geral. *In: KI-ZERBO, J. (ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.* 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

OLDEROGGE, D. Migrações e diferenciações étnicas e linguísticas. *In: KI-ZERBO, J. (ed.). História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África.* 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

OLIVEIRA, M. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 180-186, 2004.

OLIVEIRA, L. O. A. **Expressões de vivência da dimensão racial de pessoas brancas:** representações de branquitude entre indivíduos brancos. 2007. 137 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

OLIVEIRA FILHO, P.; SANTOS, I. O.; SOARES, M. B. Racialismo e antirracismo em discurso de estudantes universitários. **Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 25-40. jan./jun. 2010.

OLIVEIRA, A. R. M. de; ESCOTT, C. M. Políticas públicas e o ensino profissional no Brasil. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 88, p. 717-738, jul./set. 2015.

NAÇÕES UNIDAS. **Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial**. 21 de dezembro de 1965. Disponível em: <http://twixar.me/5Gg3>. Acesso em: 10 set. 2018.

NAÇÕES UNIDAS. General Assembly. **Proclamation of the International Decade for People of African Descent**. Sixty-eight session. Elimination of racismo, racial discrimination, xenofobia and related intolerance: comprehensive implementation of and follow-up to the Durban Declaration and Programme of Action. 19 December 2013. Disponível em: <https://goo.gl/dEH4ch>. Acesso em: 20 nov. 2017.

NAÇÕES UNIDAS. **Década Internacional dos Afrodescendentes**. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/a2twJH>. Acesso em: 20 nov. 2017.

OXFORD UNIVERSITY. **English Oxford Living Dictionaries**: paraprofessional. 2018. Disponível em: <https://goo.gl/F5Sw1d>. Acesso em: 14 mar. 2018.

PANKHURST, R. K. P. A Etiópia e a Somália. *In*: AD AJYI, J. F. (ed.). **História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880**. Brasília: 2010.

PORTÈRES, R.; BARRAU, J. Origens, desenvolvimento e expansão de técnicas agrícolas. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

SÁ, B. V.; COELHO, M. T. A. D.; MENDES, J. S. R. A Escola do Recife e o pensamento racial no século XIX. *In*: COLOQUIO INTERNACIONAL EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE. 2012. São Cristóvão/SE. **Anais**[...] São Cristóvão: Faculdade de Direito do Recife, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/9258>. Acesso: 19 mar. 2019.

SANTOS, J. P. Reflexões sobre Currículo e Legislação na área da Biblioteconomia. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 3, n. 6, 1998.

SANTOS, M. O. P. **Médicos e pacientes têm sexo e cor?**: A perspectiva de médicos sobre a relação médico-paciente na prática ambulatorial. 2012. 177 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SILVA, A. S. da.; LUCAS, E. R. O. O memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 24., 2005, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: ACB, 2005.

SILVA, A. S. da.; LUCAS, E. R. O. O memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 83-96, 2006.

SILVÉRIO, V. R. **Raça e racismo na virada do milênio**: os novos contornos da racialização. 1999. 172 p. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1999. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280036>. Acesso em: 28 jul. 2018.

PEREIRA, A. D. África pré-colonial: ambiente, povos e culturas. *In*: VISENTINI, P. F.; RIBEIRO, L. D. T.; PEREIRA, A. D. **História da África e dos africanos**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

PINTO, E. M. **História do Ensino de Biblioteconomia no Brasil**: da fundação na Biblioteca Nacional à criação na Universidade de Brasília. 2015. 67 p. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade de Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Brasília, 2015.

PIZA, E. **Os caminhos das águas**: personagens femininas negras escritas por mulheres brancas. São Paulo: EdUSP; FAPESP, 1998.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para a branquitude. *In*: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PIZARRO, D. C. **Entre o saber-fazer e o saber-agir**: o que professam os docentes de Biblioteconomia em Santa Catarina. 2017. 535 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017.

PIZARRO, D. C. **Ética profissional do bibliotecário atuante no segmento empresarial em Santa Catarina**. 253 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2010.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Leila Beatriz Ribeiro**. Brasília, 2018a. Disponível em: <https://goo.gl/xm3k7v>. Acesso em: 31 mar. 2018.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Arlete Nery de Andrade**. Brasília, 2018b. Disponível em: <https://goo.gl/TZr6kj>. Acesso em: 31 mar. 2018.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8713013619609185>. Acesso em: 24 jan. 2019.

PRADO, M. A. R. do. A fenomenologia da informação: reflexões essenciais sobre a matriz do conhecimento. **DataGramZero**, v. 14, n. 4, p. A01, 2013.

QUINE, K. Why is North Carolina called “The Tar Heel State”? **Our State**, 05 May 2015. Disponível em: <https://goo.gl/23iysH>. Acesso em: 18 abr. 2018.

RASCHE, K. L. Festas e Celebrações religiosas: considerações sobre as vivências na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. *In*: MORTARI, C. (org.). **Introdução aos Estudos Africanos e da Diáspora**. Florianópolis: DIOESC; UDESC, 2015.

RAMOS, A. G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

RAYMAN, Denise. Action, not reaction: integrating the library profession. **American Library Association Archives**, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/f3wZXP>. Acesso em: 14 mar. 2018.

REIFSCHNEIDER, O. D. B. A relevância da fenomenologia para a metodologia de sistemas flexíveis. **DataGramZero**, v. 12, n. 3, p. A01, 2011.

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2017.

ROBINSON, C. C. Alabama Association of School Librarians. *In*: JOSEY, E. J.; DELOACH, M. (ed.). **Handbook of Black librarianship**. 2. nd. Lanham, Maryland and London: The Scarecrow Press Inc., 2000.

ROSSATO, C.; GESSER, V. A Experiência de branquitude diante dos conflitos raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses. *In*: CAVALLEIRO, E. (org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 11-36.

SADALA, M. L. A. A fenomenologia como método para investigar a experiência vivida uma perspectiva do pensamento de Husserl e de Merleau Ponty. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2., 2004. **Anais[...]** Bauru (SP): SE&PQ, 2004. Disponível em: <<https://goo.gl/4FAcpj>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SANTOS, G. A. dos. **A invenção do “ser negro”**: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ; Fapesp; Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

SHAW, T. Pré-história da África ocidental. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

SCHUCMAN, L. V. **Entre o encardido o branco e o branquíssimo**: branquitude hierarquia e poder na Cidade de São Paulo. São Paulo: Annablume, 2014a. 191 p.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n.1, p. 83-94, 2014b.

SCHUCMAN, L. V. **Famílias inter-raciais: tensões entre cor e amor**. Salvador: EdUFBA, 2018.

SCHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

SECCHI, L. **Políticas públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2014.

SERRANO, C.; WLADMAN, M. **Memória D'África**: a temática africana em sala de aula. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA JÚNIOR, H. **Discriminação racial nas escolas**: entre a lei e as práticas sociais. Brasília: UNESCO, 2002a.

SILVA JÚNIOR, H. **Direito de igualdade racial**: aspectos constitucionais, civis e penais: doutrina e jurisprudência. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 2002b.

SILVA, A. C. P. de O. da. **Biblioteca pública do povão?**: exclusão social da informação nas bibliotecas públicas do Estado de Santa Catarina nas representações de seus dirigentes. 2017. 477 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2017.

SILVA, A. C. P. de O. da. **É preciso estar atento**: a ética no pensamento expresso dos líderes de bibliotecas comunitárias. Curitiba: Appris, 2014.

SILVA, A. S. da; LUCAS, E. R. O. O memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 24., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: ACB, 2005.

SILVA, A. S. da; LUCAS, E. R. O. O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 83-96, 2006.

SILVA, D. F.; VALÉRIO, E. Descolonizando o fazer bibliotecário: uma ação urgente e necessária. *In*: SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. 1. ed. Florianópolis, SC: ACB, 2018.

SILVA, F. A. do N. da. **Africanidade e valorização da cultura negra na formação da cultura brasileira**. 2013. 55 f. Monografia (Especialização em Histórias e Culturas Afro-Brasileira, Indígena e Africana) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Redenção, CE, 2014.

SILVA, F. C. G. da; PIZARRO, D. C.; SALDANHA, G. S. As Temáticas Africana e Afro-Brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Salvador. **Anais...** Marília: UNESP, 2017.

SILVA, F. C. G. da; PIZARRO, D. C.; SALDANHA, G. S. As temáticas africana e afro-brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 10, p. 1-21, 2017.

SILVA, F. C. G. da; SALDANHA, G. S. As culturas africanas e afrodescendentes em Biblioteconomia & Ciência da Informação no Brasil: Epistemologia histórica, pensamento crítico e meio social. *In*: SPUDEIT, D. F. A. de O.; PEREIRA, D. B.;

LOBÃO, I. de S. L.; DAVID, J. G. (org.). **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

SILVA, F. C. G. da; SALDANHA, G. S.; PIZARRO, D. C. A Branquitude nas Práticas docentes em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Notas Teórico-Críticas sobre um Ensino no âmbito do preconceito racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 19., 2018, Londrina. **Anais[...]** Londrina: UEL; ANCIB, 2018. Disponível em: <http://twixar.me/7Kg3>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S. Apresentação. *In*: SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários, 2018.

SILVA, F. C. G. da. **A inserção da temática africana e afro-brasileira no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina**. 2016. 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016a.

SILVA, P. E. da. O Conceito de Branquitude: Reflexões para o campo de estudo. *In*: MÜLLER, T. M. P.; CARDOSO, L. (org.) **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris, 2017.

SOVIK, L. Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e mídia no Brasil. *In*: WARE, V. (org.). **Branquitude: identidade branca e multiculturalismo**. Rio de Janeiro, 2004.

SOVIK, L. **Aqui ninguém é branco: hegemonia branca e mídia no Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

SOVIK, L. Preto no Branco: Stuart Hall e a Branquitude. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 13, p. 162-174, mar./jun. 2014.

SPUDEIT, D. Licenciatura em Biblioteconomia: Uma nova profissão que vem aí. **Biblioo: cultura informacional**. 19 ago. 2014. Disponível em: <https://goo.gl/NrSgZW>. Acesso em: 18 fev. 2002.

SOUZA, F. C. Ensino de Biblioteconomia no Brasil: o modelo norte-americano. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 16-19, jan./dez. 1993.

SOUZA, F. C. Ensina-se corretamente o que se ensina a quem vai ser bibliotecário? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 1, n. 1, p. 49-54, 1996.

SOUZA, F. C. **A Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação**. Florianópolis: ACB, 1997.

SOUZA, F. C. O ensino de biblioteconomia no Brasil e aspectos de sua dimensão curricular: um exame dos ditos e não ditos na coleção documentos ABEBD. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 9., 2008, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo: Universidade de São Paulo; ANCIB, 2008.

SOUZA, F. C. **O ensino de Biblioteconomia no contexto brasileiro: século XX**. 2. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

SOUZA, F. C.; SILVA, A. C. P. de O. da; PIZARRO, D. C.; GARCEZ, E. F.; MENEZES, P. L. Representações de sujeitos imersos em atividades de informação como estímulos ao aprofundamento investigativo. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 7, n. 1, 2014.

SOUZA, J. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

TALBI, M. A independência do Magred. *In*: EL FASI, M. (ed.). **História geral da África, III**: da África do século VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010.

TALIB, Y. A diáspora africana na Ásia. *In*: EL FASI, M. (ed.). **História geral da África, III**: da África do século VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010.

TARGINO, R. Equidade de Etnia e Gênero no CFB/CRBs: Campanha reivindica criação de Comissão de equidade de etnia e gênero no âmbito dos Conselhos de Biblioteconomia. **Biblioo**: cultura informacional, 02 mar. 2016. Disponível em: encurtador.com.br/ctvI2. Acesso em: 20 abr. 2018.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA – UDESC. Centro de Ciências Humanas e da Educação. **Curso de Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação**. Florianópolis, 2018c. Disponível em: <https://goo.gl/GZFQN5>. Acesso em: 14 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC. Centro de Humanidades. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**: atualizado em outubro de 2004. Fortaleza: UFC, 2004.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI – UFCA. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia**. Fortaleza: UFCA, mar. 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO – UFPE. **Projeto Pedagógico do curso de Graduação em Biblioteconomia**. Recife: UFPE, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT. **Projeto Pedagógico do Curso de Biblioteconomia 2007**. Rondonópolis: UFMT, 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO – UFMT. **Biblioteconomia**. Rondonópolis: UFMT, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/rzAMLt>. Acesso em: 14 jan. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO – UFES. **Matriz Curricular**. Vitória: UFES, 2018. Disponível em: <https://goo.gl/RFPtSo>. Acesso em: 14 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Biblioteconomia. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/ioj7J1>. Acesso em: 18 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.
Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Biblioteconomia. **Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Biblioteconomia**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/FoZ1bh>. Acesso em: 14 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.
Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Biblioteconomia. **Resolução nº 4.115, de 21 de junho de 2013**. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013a. Disponível em: <encurtador.com.br/bFJ28>. Acesso em: 18 fev. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO.
Centro de Ciências Humanas e Sociais. Escola de Biblioteconomia. **Resolução nº 4.244, de 17 de outubro de 2013**. Dispõe sobre a inclusão das disciplinas Língua Brasileira de Sinais, Culturas Afro-Brasileiras em Sala de Aula e Educação Ambiental e Cidadania ou conhecimentos relativos nos Cursos de Graduação da UNIRIO. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013b. Disponível em: <https://goo.gl/5k3goG>. Acesso em: 19 fev. 2018.

VALÉRIO, E. D. A formação política do/a bibliotecário/a no campo das relações raciais. *In*: SPUDEIT, D. F. A. de O.; PEREIRA, D. B.; LOBÃO, I. de S. L.; DAVID, J. G. (org.). **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN, 2018.

VERCOUTTER, J. Descoberta e difusão dos metais e desenvolvimento dos sistemas sociais até o século V antes da Era Cristã. *In*: KI-ZERBO, J. (ed.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

WAGNER, H. T. R. Introdução: A abordagem fenomenológica da Sociologia. *In*: SHUTZ, A. **Sobre a fenomenologia e relações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil**. Brasília, DF: ONU, 2015. Disponível em: <https://goo.gl/FfzZni>. Acesso em: 20 abr. 2018.

WARMINGTON, B. H. O período cartaginês. *In*: MOKHTAR, G. (ed.). **História geral da África, II: África antiga**. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.

XAVIER, P. A. de. M. **Africanidades brasileiras na produção de conteúdo educativo para televisão digital: uma contribuição para a educação das relações étnico-raciais**. 2014. 158 f. Dissertação (Mestrado em Televisão Digital) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Bauru, 2014

REFERÊNCIAS DA CRONOLOGIA DA BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA

ALENCAR, P. V. O samba como prática informacional: a cultura brasileira através da memória. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 14., 2013, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2013.

ALENCAR, P. V. Mediação da informação no fazer do bibliotecário no âmbito do interculturalismo. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais[...]** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

ALMEIDA, Á. S. de; MIRANDA, M. L. C. de. Patrimonialização do imaterial: um estudo de caso do samba carioca. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

ANDRADE, A. N. de; ROSÁRIO, J. dos S.; RIBEIRO, L. B. O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 3., 1997, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: ANCIB, 1997.

AQUINO, M. de A. A inclusão de afrodescendentes nas políticas de informação: por uma compreensão da diversidade cultural. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 9., 2008, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo: USP, 2008.

AQUINO, M. de A. A inclusão afrodescendente na era da informação. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, v. 11, n. 2, p. 61-75, 2013. Disponível em: <https://goo.gl/qprXAX>. Acesso em: 27 nov. 2017.

AQUINO, M. de A.; SANTANA, V. A. Para além dos discursos: imagens de inclusão social/racial na sociedade do conhecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 6., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2005.

AQUINO, M. de A.; SANTANA, S. R.; SILVA, L. K. R.; SILVA JÚNIOR, J. F. Dissonâncias e assimetrias na produção de conhecimento da UFPB: (in) visibilidade de temas sobre negros (as). **Biblionline** (João Pessoa), v. 6, p. 110-124, 2010.

AQUINO, M. de A.; SANTANA, V. A. Entre a informação e o conhecimento, imbricam-se tensas relações para inclusão de negros na sociedade contemporânea. **Inclusão Social**, v. 4, n. 1, p. 41-51, 2010.

AQUINO, M. de A.; SANTOS, T. H. do N. A informação étnico-racial em fontes iconográficas do Arquivo Histórico da Paraíba. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

- AQUINO, M. de A.; PEREIRA, C. C. M. A presença das narrativas míticas de ancestralidade africana como elementos de informação e preservação da memória. **PontodeAcesso** (UFBA), v. 6, p. 110-135, 2012.
- AQUINO, M. de A.; SANTANA, V. A. Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negro. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 2, p. 17-36, ago./dez. 2013.
- AQUINO, M. de A.; SILVA JÚNIOR, J. F.; SILVA, L. K. R. Gêneros digitais: expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 12, p. 242-263, 2014.
- AQUINO, M. de A.; SANTANA, V. A. Para além dos discursos: imagens de inclusão social/racial na sociedade do conhecimento. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis, SC. **Anais[...]** Florianópolis: ANCIB, 2005.
- BIBLIOTECA NACIONAL. **Para uma história do negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 65 p. Disponível em: <http://twixar.me/wbc3>. Acesso em: 05 out. 2018.
- BRETTAS, A. P.; FROTA, M. G. da C. O registro do congado como instrumento de preservação da memória mineira: novas possibilidades. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.
- BRETTAS, A. P. Congadas mineiras como patrimônio intangível: reflexão sobre os registros realizados pela FUNARBE/IEPHA e pelo CRAV. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais[...]** Brasília: UNB, 2011.
- BRETTAS, A. P. A valorização da cultura afrodescendente nas políticas de preservação do patrimônio: o exemplo do CRAV. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.
- CAMPOS, A. C. B. et al. Narrativas e Contos Africanos: o resgate da tradição oral a partir das narrativas dos Griots. *In*: GERLIN, M. N. M. (org.). **Competência em Informação e narrativa numa sociedade conectada por redes**. Brasília: Faculdade de Ciência da Informação, 2018. v. 2. p. 222-237.
- CARDOSO, F. do C. **A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2011.
- CARDOSO, F. do C. **O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra**. Curitiba: CRV, 2015.

CARDOSO, F. do C. Memória, informação e identidade negra na biblioteca pública. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

CARDOSO, F. do C.; NÓBREGA, N. G. da. A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., 2011, Brasília. **Anais[...]** Brasília: UNB, 2011.

CARDOSO, P. de J. F.; COSTA, A.; SILVA, F. C. G. da.; LIMA, G. dos S. Disseminação de informações sobre populações de origem africana e afro-brasileira: relato da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO*, 26., 2015, São Paulo. **Anais[...]** São Paulo: FEBAB, 2015.

CARDOSO, P.; GARCÊS, F. C.; COSTA, A.; LIMA, G. dos S. Os interagentes da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC: avaliação da biblioteca especializada em temática africana, afro-brasileira e indígena. *In: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA*, 33., 2015, Joinville. **Anais[...]** Joinville: ACB, 2015.

CARDOSO, P.; GARCÊS, F. C.; COSTA, A.; LIMA, G. dos S. Os interagentes da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC: avaliação da biblioteca especializada em temática africana, afro-brasileira e indígena. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, p. 452-462, 2015.

CARDOSO, P.; SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S.; COSTA, A. Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC. *In: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA*, 32., 2014, Lages. **Anais[...]** Lages: ACB, 2014.

CARDOSO, P.; SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S.; COSTA, A. Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 20, n. 1, p. 34-40, 2015.

CARDOSO, V. F. de. A.; LIMA, G. dos S. As bibliotecas e a promoção da igualdade étnicorracial: uma reflexão acerca das leis 10.639/2003 e 11.645/2008. *In: SPUDEIT*, D.; MORAES, M. (org.). **Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018.

CARMO, N. L. do; BUFREM, L. S.; CORREIA, A. E. G. C. A lei 10.639/03 no diretório dos grupos de pesquisa registrados no CNPq. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: UFPB, 2015.

CAVALCANTE, R.; ESTRÊLA, C. (coord.) **Repertório Bibliográfico sobre a condição do negro no Brasil**. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2017.

CHAGAS, I. C. D. Maria Aparecida Moura, entre habitar mundos e fincar bandeiras. *In: FREITAS, V. G. (org.). Intelectuais negras: vozes que ressoam*. Belo Horizonte:

PPGCOM UFMG, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2RnXPXd>. Acesso em: 14 jun. 2019.

COSTA, C. M. da; ALENCAR, P. V. O silenciamento do multiculturalismo na pauta das Universidades Federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 433-460, 2018.

DEISTER, J. (ed.) Advogada negra é vítima de racismo institucional em fórum de Duque de Caxias (RJ). *In: BRASIL de Fato*. Rio de Janeiro, 11 set. 2018. Disponível em: <http://twixar.me/Fj53>. Acesso em: 15 set. 2018.

ELLIOTT, A. G.; AQUINO, M. de A. Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

FREITAS, R. O. de. Religiões afro-derivadas na web: cyberterreiros e afrodiáspora global. **RECIIS: Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde** (Edição em português. Online), v. 4, p. 70-80, 2010.

FUAO, J. J. Colonização e racismo nos Estados Unidos da América. **Biblos**, Rio Grande, v. 13, p. 55-68, 2001.

GOMES, E. Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 21, n. 3, p. 738-752, ago./nov., 2016.

GOMES, E. O ensino de Biblioteconomia e as relações étnico-raciais. *In: SPUDEIT, Daniela. F. A. de O.; PEREIRA, Danielle B.; LOBÃO, Irajayna de S. L.; DAVID, Jéssica G. (org.). Formação e atuação política na Biblioteconomia*. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

GRIJÓ, W. P. **Mediações quilombolas: apropriações étnicas na recepção de telenovelas**. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/m3DvoT>. Acesso em: 25 maio 2017.

LIMA, C. de B.; AQUINO, M. de A. Acesso e democratização da informação: Identidades afrodescendentes na cibercultura. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 10., 2009, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: UFPB, 2009.

LIMA, I. F. de. et al. Memória da população negra e informação étnico-racial: percebendo limites. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais[...]** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LIMA, G. dos S.; CARDOSO, P. J. F. Disseminando a igualdade: um balanço da Biblioteca de Referência sobre diversidade cultural – BRDC/NEAB/UDESC

(2009/2010). *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 30. 2011. Florianópolis. **Anais**[...] Florianópolis: ACB, 2011.

LIMA, G. dos S.; CARDOSO, P. de J. F. Disseminando a igualdade: um balanço da biblioteca de referência sobre diversidade cultural - BRDC/NEAB/UDESC (2009/2010). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 17, p. 105-117, 2012.

LIMA, G. dos S.; KROEFF, M. S.; RIBEIRO JUNIOR, D. I. Tesouro afro-brasileiro: uso estratégico para organização e recuperação de informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais**[...] Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LIMA, G. dos S. **Cabeçalho de Assuntos de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros**. 2016. 111 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Florianópolis, 2016.

LIMA, D. B. J.; CARDOSO, F. C. Biblioteconomia e questão racial: notas para pensar uma Biblioteconomia social etnicamente diversa. *In*: SPUDEIT, D.; MORAES, M. (org.). **Biblioteconomia Social: epistemologia transgressora para o século XXI**. São Paulo: ABECIN, 2018.

LIMA, C. de B. **Identidades afrodescendentes na cibercultura: acesso e democratização da informação**. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

LIMA, C. de B.; AQUINO, M. de A. A construção de identidade afrodescendentes na cibercultura. **Informação & Sociedade**, v. 19, p. 37-43, 2009.

LIMA, G. dos S.; SILVA, F. C. G. da; COSTA, A.; SILVA, A. S.; SOUZA, G. K. S. Africanizando os acervos: Política de Gestão de Acervos para Bibliotecas especializadas na Temática Afro-brasileira e Africana. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 14, p. 88-103, 2018.

LIVRARIA AFRICANIDADES. **Quem somos?** São Paulo, 2019. Disponível em: <http://www.livrariafricanidades.com.br/quem-somos-pg-62fd4>. Acesso em: 20 mar. 2019.

LOPES, F. C. **O negro e a mediação: a ciência da informação como campo de discussão étnico-racial**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/qoEqW6>. Acesso em: 4 maio 2017.

LOPES, F. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, M. N. da. O negro e a mediação: a Ciência da Informação como campo de discussão étnico-racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais**[...] João Pessoa: UFPB, 2015.

LOPES, F. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, M. N. Relações raciais e mediação da informação: breves considerações. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, n. 2, v. 12, p. 96-113, 2017.

LOPES, F. C.; BORTOLIN, S.; SILVA, M. N. Relações raciais e mediação da informação: breves considerações. **Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação**, v. 4, n. 1, p. 96-113, 2017.

MALÊ EDITORA. **Linha editorial**. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://www.editoramale.com/>. Acesso em: 20 mar. 2019.

MANGUE, M. V.; CRIVELLARI, H. M. T. Informatização e organização do trabalho em bibliotecas universitárias: estudo comparado entre Brasil, Moçambique e África do Sul. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2005.

MATTOS, M.; MURGUIA, E. I. Multiculturalismo em ciência da informação: percepções e ações dos profissionais da informação em bibliotecas escolares. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: UFPB, 2009.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MIRANDA, M. L. C. de. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais[...]** Salvador: UFBA, 2007.

MIRANDA, M. L. C. de. et al. A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais[...]** Brasília: UnB, 2011.

MOTA, A. R. S.; AQUINO, M. de A. A representação de negros na memória iconográfica de universidades públicas da Paraíba. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2012.

MOTA, A. R. S. **Imagens fotográficas de negros/as em placas de formatura na Universidade Federal da Paraíba**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

MOURA, M. A. Representação informacional e as temáticas nacionais: desafios e tendências para a elaboração de linguagens de indexação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: UFSC, 2005.

NUNES, E. M. R. **Cidadania e multiculturalismo**: a lei 10.639/03 no contexto das bibliotecas das escolas municipais de Belo Horizonte. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <https://goo.gl/dD9oFi>. Acesso em: 08 maio 2017.

OLIVEIRA, H. P. C. de; AQUINO, M. de A. Arquitetura da informação no website “A Cor da Cultura”. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais[...]** Rio de Janeiro: IBICT, 2010.

OLIVEIRA, H. P. C. de; AQUINO, M. de A. O conceito de informação étnico-racial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, v. 8, p. 466-492, 2012.

ORTOLAN, L. P. V.; SILVA, M. F.; ALVES, R. C. V.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. As temáticas sobre o negro na ciência da informação brasileira. **Biblionline**, v. 13, n. 3, p. 14-29, 2017.

PASSARELLI, B. **Hipermídia na Aprendizagem - Construção de um Protótipo Interativo: a escravidão no Brasil**. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 210-216, 1993a.

PASSARELLI, B. **Hipermídia na aprendizagem**. Construção de um Protótipo Interativo: a escravidão no Brasil. 1993. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993b.

PEREIRA, C. C. M.; AQUINO, M. de A. Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais[...]** Brasília: UNB, 2011.

PEREIRA, C. C. M.; AQUINO, M. de A. Mitos como “lugares de memória”, informação e preservação da identidade cultural da comunidade quilombola alcantareense de Itamatatua. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: UFPB, 2009.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Ana Cláudia dos Santos de Lima**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1549186723075547>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Ana Paula Meneses Alves**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2434972394883934>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1451014589696902>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Andréa Pereira dos Santos**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9315618025567235>. Acesso em: 24 mar. 2019.

- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Andrea Ferreira Gonçalves do Nascimento**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/2052432238666012>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Aparecida das Dores Silva do Nascimento**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9311706327271890>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Arlete Nery de Andrade**. Brasília, 2018b. Disponível em: <https://goo.gl/TZr6kj>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Eni Alves Rodrigues**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9627481856860071>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Everton da Silva Camillo**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/7929896364046342>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Edilson Targino de Melo Filho**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8525675502520396>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Gláucia Aparecida Vaz**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3514849083614884>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Iara Conceicao Bitencourt Neves**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3829247073785818>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Ivanilma de Oliveira Gama**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8702197061119301>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Jailma Cruz da Silva**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9664267090539376>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Jose Fernando Modesto da Silva**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1070631453914536>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Leidiane Santos dos Reis**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8948897647526515>. Acesso em: 24 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Leila Beatriz Ribeiro**. Brasília, 2018a. Disponível em: <https://goo.gl/xm3k7v>. Acesso em: 31 mar. 2018.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Leonardo do Prado Rodrigues**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5322485292929712>. Acesso em: 31 mar. 2019.
- PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8713013619609185>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Maria Aparecida Moura**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3179079966117749>. Acesso em: 01 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Patrícia Cristina Rodrigues de Oliveira**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4178346125932641>. Acesso em: 01 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Raphael da Silva Cavalcante**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5606968896614011>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Sofie Teles de Oliveira Silva**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/9908174447366930>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Thaís Gabrielly Fernandes Sousa**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/3296213794902238>. Acesso em: 24 mar. 2019.

PLATAFORMA CURRÍCULO LATTES. **Valdinéia Barreto Ferreira**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5290164415091421>. Acesso em: 24 mar. 2019.

SANTANA, V. A.; AQUINO, M. de A. A responsabilidade social e ética e a inclusão de afrodescendentes em discursos de profissionais da informação em universidade pública. **Biblionline** (João Pessoa), v. 5, p. 1-24, 2009.

SANTANA, V. A. O processo de organização da informação etnicorracial para preservação da memória afrodescendente em bibliotecas universitárias: um olhar nos catálogos online. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília. **Anais[...]** Brasília: UNB, 2011.

SANTOS, T. H. do N. **Fontes iconográficas e memória afrocêntrica**: análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas. 2013. 181 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

SANTOS, T. H. do N.; AQUINO, M. de A. Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação com a temática étnicorracial. **Informação & Informação**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 29-55, jan./abr. 2016.

SANTOS, B. A.; LUBISCO, N. M. L. Comunidade LGBTQ da Bahia: perfil e necessidades informacionais. *In*: SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. 1. ed. Florianópolis, SC: ACB, 2018.

SILVA JÚNIOR, J. F. da. **A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk**. 2014. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/u5Ue9n>. Acesso em: 19 abr. 2017.

SILVA, A. C. E.; BERNARDINO, M. C. R.; SILVA, J. História e cultura afro-brasileira: um olhar sobre a lei 10639/2003 nas bibliotecas escolares. **Biblioteca Escolar em Revista**, v. 2, p. 1-16, 2014.

SILVA, A. L. de A. **A (cons)ciência da responsabilidade social e ét(n)ica na produção de conhecimento sobre o(a) negro(a) em programas de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba**. 2009a. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. Disponível em: <https://goo.gl/NKxxTQ>. Acesso em: 10 maio 2017.

SILVA, A. L. de A. A responsabilidade social-ét(n)ica da ciência da informação na produção de conhecimento da Universidade Federal da Paraíba. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais[...]** João Pessoa: UFPB, 2009b.

SILVA, A. S. da; LUCAS, E. R. O. O memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. *In*: PAINEL BIBLIOTECONOMIA EM SANTA CATARINA, 24., 2005, Florianópolis. **Anais[...]** Florianópolis: ACB, 2005.

SILVA, A. S. da; LUCAS, E. R. O. O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 83-96, 2006.

SILVA, A. S. da. Um olhar para o passado. Um olhar para o futuro: democratizando o acesso à história dos afro brasileiros preservada pela Biblioteca Nacional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza. **Pôsteres[...]**. Fortaleza: FEBAB, 2017.

SILVA, A. S. da. **Os núcleos de estudos afro-brasileiros de Santa Catarina e o contexto informacional**: análise sobre o facebook como uma fonte de informação étnico-racial. 2018. 243 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Educação, Programa Pós-Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2018.

SILVA, A. S. da; KARPINSKI, C. O contexto informacional dos núcleos de estudos afro-brasileiros: analisando o facebook como uma fonte de informação étnico-racial. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, p. 276-294, 2018.

SILVA, D. F.; VALÉRIO, E. Descolonizando o fazer bibliotecário: uma ação urgente e necessária. *In*: SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s**: ação, pesquisa e atuação política. 1. ed. Florianópolis, SC: ACB, 2018.

SILVA, D. V. O da; MAXIMIANO, C. A. Negra! A cor do Brasil. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., Fortaleza, 16 a 20 de outubro de 2017. **Anais[...]** Fortaleza: FEBAB, 2017.

SILVA, F. C. G. da. **A inserção da temática africana e afro-brasileira no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina**. 2016. 164 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016a.

SILVA, F. C. G. da; PIZARRO, D. C.; SALDANHA, G. S. As Temáticas Africana e Afro-Brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Salvador. **Anais**[...] Marília: UNESP, 2017.

SILVA, F. C. G. da; SALDANHA, G. S. As culturas africanas e afrodescendentes em Biblioteconomia & Ciência da Informação no Brasil: Epistemologia Histórica, pensamento crítico e meio social. *In*: SPUDEIT, D. F. A. de O.; PEREIRA, D. B.; LOBÃO, I. de. S. L.; DAVID, J. G. (org.). **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN, 2018.

SILVA, F. C. G. da; SALDANHA, G. S.; PIZARRO, D. C. A Branquitude nas Práticas docentes em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Notas Teórico-Críticas sobre um Ensino no âmbito do preconceito racial. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 19., 2018, Londrina. **Anais**[...] Londrina: UEL; ANCIB, 2018. Disponível em: <http://twixar.me/7Kg3>. Acesso em: 10 set. 2018.

SILVA, F. C. G. da; LIMA, G. dos S. (org.). **Bibliotecári@s negr@s: ação, pesquisa e atuação política**. 1. ed. Florianópolis, SC: ACB, 2018. 498 p.

SILVA, L. K. R. da. **Bamidelê**: por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2014. Disponível em: <https://goo.gl/ts7H4V>. Acesso em: 10 maio 2017.

SILVA, L. K. R. da. et al. Apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba - Bamidelê. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais**[...] Salvador: UFBA, 2016a.

SILVA, L. K. R. da. et al. Bamidelê: preservando a informação étnico-racial para o fortalecimento da memória cultural das mulheres negras da Paraíba. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais**[...] Salvador: UFBA, 2016b.

SILVA, R. A.; RODRIGUES, V. J. Memória, informação e patrimônio afro-brasileiro em Minas Gerais. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais**[...] Belo Horizonte: UFMG, 2014.

SILVA, M. F. da; ALMEIDA, C. C. de. A Representação do Negro nos Sistemas de Organização do Conhecimento no Brasil. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Salvador. **Anais**[...] Marília: UNESP, 2017.

SOUSA, M. A. de; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. de. Informação étnico-racial: proposta de glossário sob a égide da semântica discursiva. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., 2015, João Pessoa. **Anais**... João Pessoa: UFPB, 2015.

VALÉRIO, E. D.; BERNARDINO, M. C. R.; SILVA, J. A produção científica sobre os (as) negros nos Enancibs sob um olhar cientométrico. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 22, n. 2, p. 151-169, 2012.

VALÉRIO, E. D. **Reflexões sobre movimentos sociais e informação**: a experiência do Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC. 2014. 163 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Ciência da Informação, 2014.

VALÉRIO, E. D. A formação política do/a bibliotecário/a no campo das relações raciais. *In*: SPUDEIT, D. F. A. de O.; PEREIRA, D. B.; LOBÃO, I. de S. L.; DAVID, J. G. (org.). **Formação e atuação política na Biblioteconomia**. São Paulo: ABECIN Editora, 2018.

VALÉRIO, E. D.; SILVA, D. M. F. da. Discutindo as relações raciais: os trabalhos de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – UFCA. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, v. 13, n. 1, 2018.

WENCESLAU, A. C. B. C. Políticas de ação afirmativa e direitos humanos: promoção equitativa para afro-brasileiros. *In*: SEMINÁRIO SOBRE QUALIDADE DE VIDA PARA LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS, 1, 2005, Campos dos Goytacazes. **Resumos** [...] Campos dos Goytacazes, 2005. p. 01-20.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CRONOLOGIA DE EVENTOS NA BIBLIOTECONOMIA NEGRA AMERICANA NO HANDBOOK OF BLACK LIBRARIANSHIP (COMPILAÇÃO DA 1ª E 2ª EDIÇÃO)

Quadro 10 - Uma cronologia de Publicações da <i>Black Librarianship</i>	
1808	- <i>An Inquiry Concerning the Intellectual and Moral Faculties and Literature of Negroes</i> foi publicado por Henri Gregoire.
1826	- Publicação de Alexander Mott do <i>Biographical Sketches and Interesting Anecdotes of Persons of Color</i> . Este trabalho contém narrativas de escravizados, notícias e outras literaturas relativas a personalidades da ascendência africana
1838	- Criação do <i>Mirror of Liberty</i> de David Ruggles (Nova York), a primeira revista produzida nos Estados Unidos por um afro-americano.
1839	- Publicação do mais famoso e contundente panfleto de Theodore Dwight Weld, <i>American Slavery As It Is: Testimony of a Thousand Witnesses</i> (1839), uma coleção de esboços, testemunhos, relatórios e narrativas. De acordo com Harriet Beecher Stowe, uma das convertidas de Weld, a <i>American Slavery</i> influenciou a escrita de seu romance <i>Uncle Tom's Cabin</i> (1852).
1894	- Comerciante de móveis, ativista político, livreiro e pioneiro bibliófilo negro, Robert Mara Adger (1837-1910) trabalhou para compilar uma das melhores coleções de livros do século XIX. Seu <i>Catalogue of Rare Books and Pamphlets: Subjects Relating to the Past Conditions of the Colored Race and the Slavery in this Country</i> foi publicado em 1894. Adger foi um dos organizadores originais do Instituto <i>Banneker</i> .
1900	- Daniel Alexander Payne Murray editou sua <i>Preliminary List of Books and Pamphlets by Negro Authors</i> para Negro Exhibit preparada para a Exposição de Paris de 1900.
1903	- As almas do povo negro. O célebre livro de W. E. B. Bois, <i>The Souls of Black Folk</i> , foi publicado em 27 de abril. Nele, Du Bois rejeitou o gradualismo de Booker T. Washington, pedindo por agitação em nome dos direitos afro-americanos.
1905	- Atlanta University Press publicou <i>A Select Bibliography of the Negro American</i> compilada por W. E. Du Bois

1909	- O nascimento da ideia de uma <i>Encyclopedia Africana</i> de W. E. B. Du Bois.
1912	- Surge a primeira edição do <i>Negro Yearbook</i> , editada pela Monroe Work. Nove edições foram publicadas (1912-1938).
1913	- William F. Yust tentou, talvez pela primeira vez, estabelecer o status do negro na cena da biblioteca pública americana com seu <i>What of the Black and Yellow Races?</i> na ALA Bulletin, v. 7, p. 159-167, jul. 1913.
1916	- <i>A Bibliographical Checklist of American Negro Poets</i> foi publicada por Arthur A. Schomburg.
1917	- <i>Negro Educations, a Study of the Private and Higher Schools for Colored People in the U. S.</i> , de Thomas J. Jones, foi publicado pelo Departamento de Educação Superior dos EUA.
1928	- <i>Bibliography of the Negro in Africa and America</i> foi compilada pela Monroe N. Work.
	- <i>Survey of Black Colleges and Universities</i> de Arthur J. Klein foi publicado pelo U.S. Office of Education
1930	- Louis S. Shores publicou o <i>Public Library Service to Negroes</i> , Library Journal, v. 55, p. 150-154, fev. 1930.
1940	- Eliza Atkins Gleason foi premiada com o primeiro Ph. D. em Biblioteconomia para um afro-americano. Sua dissertação da Universidade de Chicago teve o título <i>The Southern Negro and the Public Library</i>
1945	- Virginia Lacy Jones recebeu o segundo Ph.D. em Biblioteconomia concedida a um afro-americano. Sua dissertação foi " <i>The Problems of Negro High School Libraries in Selected Southern Cities</i> " (Universidade de Chicago).
	- <i>North American Negro Poets: A Bibliographical Checklist of Their Writing</i> foi publicado por Dorothy Porter.
1963	- <i>Acess to Public Libraries</i> , um estudo de pesquisa preparado para a <i>American Library Association pela Internacional Research Associates, Inc.</i> , sobre discriminação documentada, direta e indireta, em serviços de bibliotecas para negros nos Estados Unidos.
1966	- <i>The Negro Handbook</i> foi publicado pela <i>Johnson Publishing Company, Inc.</i>

1967	- Foi publicada a primeira edição de <i>The Negro Almanac</i> , um trabalho de referência abrangente.
1970	- <i>The Black Librarian in America</i> , editado por E. J. Josey, foi publicado, o primeiro livro para tratar exclusivamente com bibliotecários negros.
	- A Biblioteca do Congresso publicou " <i>The Negro in the United States: A selected bibliography</i> ", editada por Dorothy B. Porter
1971	- Edward C Mapp publicou <i>Books for Occupational Edication Progress</i>
1972	- E. J. Josey publicou <i>What Black Librarians are Saying</i>
	- Edward C. Mapp publicou <i>Blacks in American Films</i>
	- Publicação do <i>Dictionary Catalog of the George Foster Peabody Collection of Negro Literature and History</i> , Collis P. Huntington Memorial Library, Hampton Institute, Hampton, Virginia: ABC to Music.
1974	- Ann Allen Shockley e Sue P. Chandler publicaram <i>Living Black American Authors: A biographical directory</i> .
1980	- Annette Hoage Phinazee, reitora da Escola de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Central da Carolina do Norte, publicou o livro <i>The Black Librarian in the Southeast: Reminiscences, Activities, Challenges</i> .
1981	- Wendy Ball e Anthony Martin publicam <i>Rare Afro-Americana: a Reconstruction of the Adger Library</i> , Boston, G. K. Hall.
1999	- Publicação da <i>Encarta Africana</i> por Henry Louis Gates, Jr.

Fonte: Josey; Schockley (1977); Josey; DeLoach (2000); Silva; Saldanha (2018); The Library of Congress (1998)⁵³; ChichenBones: A Journal for Literary & Artistic African-American Themes.

⁵³ THE LIBRARY OF CONGRESS. Africana American Perspective: Pamphlets from the Daniel A. P. Murray Collection 1818-1907. **The Libray Of Congress**: American Memory, 19 oct. 1998. Disponível em: <<http://rs6.loc.gov/ammem/aap/>>. Acesso em 11 abr. 2018.

APÊNDICE B – CRONOLOGIA DE PUBLICAÇÕES E EVENTOS DA BIBLIOTECONOMIA NEGRA BRASILEIRA

Quadro 11 - Cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira (1993-2018)

1966	Regina Santos Silva Tonini é a primeira mulher negra a tornar-se bibliotecária. Sua graduação foi pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).
1972	Iara Conceição Bitencourt Neves se gradua em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
1975	A bibliotecária Regina Santos Silva Tonini é contratada pela PETROBRAS.
1978	Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro gradua-se em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
1980	Jose Fernando Modesto da Silva torna-se graduado em Biblioteconomia e Documentação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.
1982	Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro torna-se técnica em documentação da Fundação Biblioteca Nacional
1982	Jose Fernando Modesto da Silva foi contratado como bibliotecário da Fundação do Desenvolvimento Administrativo (FUNDAP)
1984	O bibliotecário Edson Miguel de Jesus torna-se o primeiro Presidente negro do Conselho Federal de Biblioteconomia pela Sétima Gestão (1984/1987)
1987	Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro torna-se Professora Adjunta da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
1987	Jose Fernando Modesto da Silva é eleito Vice-Presidente da Associação Paulista de Bibliotecários (APB) na gestão de 1987 a 1989.
1988	O livro “ Para uma História do Negro no Brasil ” foi publicado pela Biblioteca Nacional.
1989	“Microinformática em bibliotecas das universidades públicas do Estado de São Paulo” é título da dissertação de mestrado em Ciência da Informação defendido pelo bibliotecário Jose Fernando Modesto da Silva na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas)

1990	Iara Conceição Bitencourt Neves torna-se Mestra em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais com a dissertação intitulada “Desempenho do pessoal em bibliotecas universitárias em relação à execução de tarefas profissionais e não-profissionais e à elaboração e aplicação de política de pessoal: o caso da UFRGS”
1991	Jose Fernando Modesto da Silva foi eleito Presidente na 9ª Gestão do Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região (CRB-8) no período de 1991 a 1993.
1993	A Bibliotecária Brasileira Passarelli defendeu sua tese intitulada " Hipermídia na Aprendizagem. Construção de um Protótipo Interativo: a escravidão no Brasil " no curso de Doutorado em Ciências da Comunicação, do Departamento de Cinema, Rádio e Televisão da Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo.
1993	Maria Aparecida de Moura se torna bibliotecária pela Universidade Federal de Minas Gerais.
1993	Valdinéia Barreto Ferreira graduou-se em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia
1993	Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro torna-se Mestra em Administração pela Fundação Getúlio Vargas defendendo a dissertação intitulada “Relações entre bibliotecário e usuário de bibliotecas públicas da cidade do Rio de Janeiro”
1993	O artigo " Hipermídia na aprendizagem - construção de um protótipo interativo: a escravidão no Brasil " foi publicado pela Bibliotecária Brasileira Passarelli na Revista Ciência da Informação
1994	Valdinéia Barreto Ferreira foi aprovada no concurso para Bibliotecária e Documentalista na Biblioteca Pública do Estado da Bahia onde atuou até 1997.
1996	Andrea Ferreira Gonçalves do Nascimento gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo (USP)
1996	Eni Alves Rodrigues se gradua em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais
1997	Valdinéia Barreto Ferreira é aprovada em concurso público e torna-se bibliotecária e documentalista da Biblioteca da Universidade Federal da Bahia.
1997	Jose Fernando Modesto da Silva realizou curso de Especialização em Gestão de Informática no Centro Universitário FIEO (UNIFIEO) com a pesquisa intitulada “A ambientação da microinformática nos serviços bibliotecários”.
1997	Arlete Nery de Andrade, Judite dos Santos Rosário e Leila Beatriz Ribeiro apresentam o trabalho " O charme e o acesso à automação através de diferentes linguagens comunicacionais " no III Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (III ENANCIB)
1998	Regina Santos Silva Tonini defende a dissertação intitulada “ Análise de Custos de Produtos e Serviços de Informação e Documentação ” e recebe o grau de Mestra em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB)

2000	José Fernando Modesto da Silva torna-se o segundo bibliotecário negro Presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia, na 12ª Gestão (05/2000-03/2002)
2000	Iara Conceição Bitencourt Neves torna-se Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo com a tese “Pesquisa Escolar nas séries iniciais do ensino fundamental em Porto Alegre/RS: bases para um desempenho interativo entre sala de aula e biblioteca escolar”.
2001	Juarez José Rodeiguwa Fua publica na revista Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação o artigo intitulado " Colonização e racismo nos Estados Unidos da América "
2002	Andréa Pereira dos Santos graduou-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás. Seu trabalho de conclusão de curso intitula-se "Inteligência Competitiva: um estudo de 2 confecções de Goiânia"
2003	Promulgação da Lei Federal nº 10.639/03 que trata da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Africana e Afro-brasileira e institui o Dia Nacional da Consciência Negra.
2003	Eni Alves Rodrigues torna-se bibliotecária na Prefeitura Municipal de Betim.
2004	Fabício José Nascimento da Silveira gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais
2004	Foram sancionadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana a partir da parceria entre o Ministério da Educação e a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
2004	Ana Virginia Teixeira da Paz Pinheiro torna-se bibliotecária-chefe da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional
2005	Ana Paula Meneses Alves recebe o grau de Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho defendendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "O Serviço de Referência e Informação Digital".
2005	Mirian de Albuquerque Aquino e Vanessa Alves Santana apresentam o trabalho " Para além dos discursos: imagens de inclusão social/racial na sociedade do conhecimento " no VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VI ENANCIB)
2005	Maria Aparecida Moura apresentou o trabalho " Representação informacional e as temáticas nacionais: desafios e tendências para a elaboração de linguagens de indexação " no VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VI ENANCIB)
2005	Ana Claudia Borges Campos Wenceslau apresentou o trabalho " Políticas de ação afirmativa e direitos humanos: promoção equitativa para afro-brasileiros " no 1º Seminário sobre qualidade de vida para lideranças comunitárias.
2005	" Informatização e organização do trabalho em bibliotecas universitárias: estudo comparado entre Brasil, Moçambique e África do Sul " de autoria de Manuel Valente Mangue e Helena Maria Tarchié Crivellari é apresentado no VI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VI ENANCIB)

2005	Andreia Sousa da Silva e Elaine Rosangela de Oliveira Lucas apresentam o artigo intitulado " O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação " no XXIV Painel Biblioteconomia em Santa Catarina.
2006	Andreia Sousa da Silva e Elaine Rosangela de Oliveira Lucas publicam o artigo intitulado " O Memorial Antonieta de Barros como veículo de disseminação e produção da informação " na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina
2007	" A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em Religião na CDD " é apresentado por Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda no VIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (VIII ENANCIB)
2007	Fabrizio José Nascimento da Silveira torna-se mestre em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais defendendo a dissertação intitulada "Biblioteca como lugar de práticas culturais: uma discussão a partir dos currículos de Biblioteconomia no Brasil"
2007	Raphael da Silva Cavalcante gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade de Brasília defendendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "A taxonomia navegacional em sítios de comércio eletrônico: uma investigação da Americanas.com, do Extra.com e do Submarino"
2008	Lei Federal nº 11.645/2008 altera a Lei Federal nº 10.639/2003 e inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino da temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.
2008	Mirian de Albuquerque Aquino apresenta o trabalho " A inclusão de afrodescendentes nas políticas de informação : por uma compreensão da diversidade cultural" no IX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (IX ENANCIB).
2008	Ana Cláudia dos Santos de Lima gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.
2008	Mário Lisboa Theodoro publicou o artigo " Exclusão ou inclusão precária? O negro na sociedade brasileira" na revista Inclusão Social.
2008	Celly de Brito Lima defendeu a dissertação " Identidades afrodescendentes na cibercultura : acesso e democratização da informação" no curso de Mestrado em Ciência da Informação), da Universidade Federal da Paraíba.
2009	Valdinéia Barreto Ferreira tornou-se Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia defendendo a dissertação intitulada "Acesso e uso de Repositórios Institucionais: comportamento informacional dos pesquisadores brasileiros da Ciência da Informação".
2009	" Multiculturalismo em ciência da informação : percepções e ações dos profissionais da informação em bibliotecas escolares" é apresentado por Miriam Mattos e Eduardo Ismael Murguia no X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (X ENANCIB).
2009	" A responsabilidade social-ét(n)ica da ciência da informação na produção de conhecimento da Universidade Federal da Paraíba " é apresentado por Alba Lígia de Almeida Silva no X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (X ENANCIB).
2009	A bibliotecária Andréa Pereira dos Santos recebe o grau de Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás. Sua dissertação intitula-se "Comunidades gay do ORKUT: encontros, confrontos e (re)construção de identidades gays".

2009	“Mitos como ‘lugares de memória’, informação e preservação da identidade cultural da comunidade quilombola alcantareense de Itamatatiua de Cleyciane Cássia Moreira Pereira e Mirian de Albuquerque Aquino foi apresentado no X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (X ENANCIB).
2009	Celly de Brito Lima e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho intitulado " Acesso e democratização da informação: Identidades afrodescendentes na cibercultura " no X Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (X ENANCIB).
2009	O artigo " A responsabilidade social e ética e a inclusão de afrodescendentes em discursos de profissionais da informação em universidade pública " escrito por Vanessa Alves Santana e Mirian de Albuquerque Aquino é publicado no periódico Biblionline.
2009	O artigo " A construção de identidade afrodescendentes na cibercultura " escrito por Celly Brito Lima e Mirian de Albuquerque Aquino foi publicado no periódico Informação & Sociedade.
2009	Alba Lígia de Almeida Silva defendeu a dissertação " A (cons)ciência da responsabilidade social e ét(n)ica na produção de conhecimento sobre o(a) negro(a) em programas de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba " no curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.
2010	O artigo " Dissonâncias e assimetrias na produção de conhecimento da UFPB: (in)visibilidade de temas sobre negros (as) " de Mirian de Albuquerque Aquino, Sérgio Rodrigues Santana, Leyde Klébia Rodrigues da Silva e Jobson Francisco da Silva Júnior foi publicado no periódico Biblionline.
2010	Jailma Cruz da Silva gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Bahia defendendo o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado "Leitura e mediação na biblioteca Zeca de Magalhães: um estudo de caso".
2010	A bibliotecária Ana Paula Meneses Alves torna-se Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade pelo Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade Federal de São Carlos. Sua dissertação intitula-se "Periódicos científicos eletrônicos: reflexões sob o viés CTS".
2010	Ivanilma de Oliveira Gama gradua-se em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Seu trabalho de conclusão de curso intitulou-se "Elementos para a proposta de uma política de preservação digital: o caso das bibliotecas digitais da área de música".
2010	Leidiane Santos dos Reis gradua-se em Biblioteconomia e Documentação na Universidade Federal da Bahia. Seu trabalho de conclusão de curso intitulou-se "Biblioteca universitária: o contexto de avaliação".
2010	Airiluci Goes Elliot e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " Informação, imagem e memória: uma análise de discurso em jornais da imprensa negra da Biblioteca da Universidade Federal do Ceará – Campus Cariri " no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB).
2010	Erica Melanie Ribeiro Nunes defendeu a dissertação " Cidadania e multiculturalismo: a Lei 10.639/03 no contexto das bibliotecas das escolas municipais de Belo Horizonte " no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.

2010	Henry Poncio Cruz de Oliveira e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " Arquitetura da informação no website "A Cor da Cultura" " no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB).
2010	" Memória, informação e identidade negra na biblioteca pública " é apresentado por Francilene do Carmo Cardoso no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB).
2010	Foi publicado revista Tendências da Pesquisa em Ciência da Informação o artigo escrito por Francilene do Carmo Cardoso e Nanci Nóbrega intitulado " A biblioteca pública na (re)construção da identidade negra ".
2010	" Religiões afro-derivadas na web: cyberterreiros e afrodiáspora global " de Ricardo Oliveira de Freiras é publicado na RECIIS: Revista eletrônica de comunicação, informação & inovação em saúde.
2010	" Entre a informação e o conhecimento, imbricam-se tensas relações para inclusão de negros na sociedade contemporânea " de Mirian de Albuquerque Aquino e Vanessa Alves Santana foi publicado no periódico "Inclusão Social".
2010	" O registro do congado como instrumento de preservação da memória mineira: novas possibilidades " é apresentado por Aline Pinheiro Brettas e Maria Guiomar da Cunha Frota no XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XI ENANCIB).
2011	Raphael da Silva Cavalcante foi aprovado no concurso público para Analista Legislativo - Bibliotecário e tornou-se Bibliotecário da Biblioteca da Câmara dos Deputados.
2011	Cleyciane Cássia Moreira Pereira e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " Mitos da cultura africana: elementos de informação e preservação da memória na Comunidade Quilombola Alcantareense de Itamatatua " no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).
2011	" Quem somos e o que pensamos? os bibliotecários paraibanos formados na primeira década do Século XXI e sua profissão " é o título do Trabalho de Conclusão de curso defendido na Universidade Federal da Paraíba pelo bibliotecário Edilson Targino de Melo Filho .
2011	Francilene do Carmo Cardoso defende sua dissertação intitulada " A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra " no curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense convênio com o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia.
2011	" A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra " é apresentado por Francilene do Carmo Cardoso e Nanci Gonçalves da Nóbrega no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).
2011	" O processo de organização da informação etnicorracial para preservação da memória afrodescendente em bibliotecas universitárias: um olhar nos catálogos online " é apresentado por Vanessa Alves Santana no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).
2011	" Congadas mineiras como patrimônio intangível: reflexão sobre os registros realizados pela FUNARBE/IEPHA e pelo CRAV " é apresentado por Aline Pinheiro Brettas no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).

2011	" A organização e a representação do conhecimento em religiões de matrizes africanas: um estudo comparativo dos diferentes sistemas de organização do conhecimento (CDD, CDU e LCSH)" de Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda, Jonathan Xisto de Oliveira, João Paulo Borges Paranhos e Michele Sales Paes é apresentado no XII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).
2011	Graziela dos Santos Lima e Paulino de Jesus Francisco Cardoso apresentam o relato de experiência " Disseminando a igualdade: um balanço da biblioteca de referência sobre diversidade cultural" no 30º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina.
2012	Sancionada a Lei Federal nº 12.711 , de 29 de agosto de 2012, que dispõe sobre a reserva de cotas para estudantes oriundos de escolas públicas.
2012	Maria Aparecida Moura se torna a primeira mulher negra Professora Titular da história da Universidade Federal de Minas Gerais.
2012	Gláucia Aparecida Vaz gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais.
2012	Raphael da Silva Cavalcante defende a dissertação intitulada "Critérios para avaliação de taxonomias em sítios de comércio eletrônico" no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade de Brasília.
2012	Graziela dos Santos Lima e Paulino de Jesus Francisco Cardoso publicaram o artigo " Disseminando a igualdade: um balanço da biblioteca de referência sobre diversidade cultural" na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.
2012	O artigo " A produção científica sobre os (as) negros nos Enancibs sob um olhar cientométrico " de Erinaldo Dias Valério, Maria Cleide Rodrigues Bernardino e Joselina Silva no periódico "Informação & Sociedade: Estudos".
2012	Ana Roberta Sousa Mota e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " A representação de negros na memória iconográfica de universidades públicas da Paraíba " no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).
2012	Mirian de Albuquerque Aquino e Thais Helen do Nascimento Santos apresentam o trabalho " A informação étnico-racial em fontes iconográficas do Arquivo Histórico da Paraíba " no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XII ENANCIB).
2012	A dissertação de Ana Roberta Sousa Mota intitulada " Imagens fotográficas de negros/as em placas de Formatura na Universidade Federal da Paraíba " foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba.
2012	" Informação musical: construindo a identidade através do reggae" de Jobson Francisco da Silva Júnior, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Izabel França de Lima é apresentado no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).
2012	Publicado o artigo " A presença das narrativas míticas de ancestralidade africana como elementos de informação e preservação da memória " de autoria de Mirian de Albuquerque Aquino na revista PontodeAcesso.
2012	" Imagem, informação e memória coletiva: o acervo imagético das comunidades quilombolas do vale do Gramame-Paraíba" de Sandra Maria Barbosa Lima é apresentado no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).

2012	" A valorização da cultura afrodescendente nas políticas de preservação do patrimônio: o exemplo do CRAV" de Aline Pinheiro Brettas foi apresentado no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).
2012	Publicado o artigo " O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação " de Henry Pôncio Cruz de Oliveira e Mirian de Albuquerque Aquino na Liinc em Revista.
2012	" Patrimonialização do imaterial: um estudo de caso do samba carioca" de Álea Santos de Almeida e Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda foi apresentado no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).
2012	" Diversidade cultural em museus e preservação do patrimônio na Amazônia " de Arlete Sandra Mariano Alves Baubier e Maria Amélia Gomes de Souza Reis foi apresentado no XIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIII ENANCIB).
2013	Graziela dos Santos Lima e Paulino de Jesus Francisco Cardoso apresentam o trabalho " Educação e diversidade cultural: a Lei Federal 10.639/03 e os acervos de bibliotecas escolares do município de São José - SC" no XXV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXV CBBD).
2013	A dissertação " Fontes iconográficas e memória afrocêntrica: análise da informação étnico-racial a partir do ensaio fotográfico Engenhos e Senzalas" de Thais Helen do Nascimento Santos foi defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba sob orientação da Profa. Mirian de Albuquerque Aquino.
2013	A bibliotecária Ketty Margarete Valêncio cria a Livraria Africanidades , que "é um empreendimento de pequeno porte, com formato de loja física, virtual e itinerante, com o acervo especializado em literatura afro-brasileira e feminista" (LIVRARIA AFRICANIDADES, 2019).
2013	Sofie Teles de Oliveira Silva se gradua em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia.
2013	Erinaldo Dias Valério e Joana Coeli Ribeiro Garcia publicam o artigo " Análise das informações etnicorraciais a partir dos estudos métricos da Biblioteconomia: um olhar cientométrico" na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.
2013	" O samba como prática informacional: a cultura brasileira através da memória" de Patrícia Vargas Alencar foi apresentado no XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIV ENANCIB).
2013	O artigo " A inclusão afrodescendente na era da informação " de Mirian Albuquerque Aquino foi publicado no periódico Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação.
2013	O artigo " Práticas de organização e representação da informação étnico-racial em bibliotecas universitárias: necessidade de preservação da memória de negro" de Mirian Albuquerque Aquino e Vanessa Alves Santana no periódico Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação.
2013	Leonardo do Prado Rodrigues recebe o título de graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2013	Patrícia Cristina Rodrigues de Oliveira recebe o título de graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de São Paulo.

2013	Jobson Francisco da Silva Júnior, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " A informação étnico-racial em blogs : preservando a memória e construindo a identidade negra" no XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XIV ENANCIB).
2014	Publicado o artigo " Comunidades virtuais de música como subsídio para a construção da identidade afrodescendente " na revista Perspectivas em Ciência da Informação, sob autoria de Jobson Francisco da Silva Júnior, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Mirian de Albuquerque Aquino
2014	Publicado o artigo " Fontes de informação na Web : apropriação, uso e disseminação da informação étnico-racial no movimento negro da Paraíba" na revista Transinformação sob autoria de Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Mirian de Albuquerque Aquino.
2014	Rubens Alves Silva e Vanilza Jacundino Rodrigues apresentaram o trabalho " Memória, informação e patrimônio afro-brasileiro em Minas Gerais " no XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XV ENANCIB).
2014	" Tesouro afro-brasileiro : uso estratégico para organização e recuperação de informação" de Graziela dos Santos Lima, Marcia Silveira Kroeff e Divino Ignácio Ribeiro Junior foi apresentado no XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XV ENANCIB).
2014	Wesley Pereira Grijó defende a tese " Mediações quilombolas : apropriações étnicas na recepção de telenovelas" no Programa de Comunicação e Informação, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
2014	O bibliotecário Edilson Targino de Melo Filho defendeu sua dissertação intitulada "Os Egressos do PPGCI/UFPB: representações, perfil e trajetórias profissionais" na Universidade Federal da Paraíba.
2014	Bibliotecária Andréa Pereira dos Santos defendeu sua tese intitulada "Juventude universitária da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura" tornando-se Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás.
2014	Leyde Klébia Rodrigues da Silva defende a dissertação " Bamidêlê : por uma sociologia da informação étnico-racial na organização das mulheres negras da Paraíba" no Curso de Mestrado em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba.
2014	Fernando Cruz Lopes defende a dissertação intitulada " O negro e a mediação : a ciência da informação como campo de discussão étnico-racial" no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina.
2014	Ana Claudia Emidio da Silva, Maria Cleide Rodrigues Bernardino e Joselina da Silva publicam o artigo " História e Cultura Afro-Brasileira : um olhar sobre a Lei 10639/2003 nas bibliotecas escolares" na Biblioteca Escolar em Revista.
2014	Publicado o artigo " Gêneros Digitais : expandindo a comunicação no Movimento Negro da Paraíba" de autoria de Mirian de Albuquerque Aquino, Jobson Francisco Silva Júnior e Leyde Klébia Rodrigues da Silva na Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
2014	Fabrcício José Nascimento da Silveira recebe o título de Doutor em Ciências da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Sua tese intitula-se "Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa".

2014	A bibliotecária negra Leidiane Santos dos Reis defende sua dissertação intitulada "Disponibilidade de serviços online em Bibliotecas Universitária" no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.
2014	Jobson Francisco da Silva Júnior defendeu a dissertação " A construção da identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk " no Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, da Universidade Federal da Paraíba.
2014	" Utilização do Facebook como meio de divulgação de fontes de informação pela Biblioteca de Referência NEAB/UDESC " de Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima e Amabile Costa foi apresentado no 32º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina.
2014	Izabel França de Lima, Sergio Rodrigues de Santana, Henry Poncio Cruz de Oliveira e Mirian de Albuquerque Aquino apresentam o trabalho " Memória da população negra e informação étnico-racial: percebendo limites " no XV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XV ENANCIB).
2014	Patrícia Vargas Alencar apresentou o trabalho " Mediação da informação no fazer do bibliotecário no âmbito do interculturalismo " no XV Encontro nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.
2014	Erinaldo Dias Valério defende sua dissertação intitulada " Reflexões sobre movimentos sociais e informação: a experiência do Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNEC " na Universidade Federal de Pernambuco.
2015	O bibliotecário Vagner da Rosa Amaro cria a Malê Editora. "A Malê delimita sua linha editorial na publicação de textos literários em língua portuguesa, de autores brasileiros, africanos e da diáspora, nos gêneros conto, poesia, romance, crônica, ensaio, crítica textual e roteiro" (MALÊ EDITORA, 2019).
2015	A bibliotecária Eni Alves Rodrigues defende a dissertação intitulada " A Inclusão de obras de Mia Couto nos Kits de Literatura de Escolas Mineiras e os pressupostos da Lei Nº 10.639/2003: pontos de vista e propostas de leitura " no Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
2015	Jailma Cruz da Silva tornou-se bibliotecária documentalista na Prefeitura Municipal de Amélia Rodrigues.
2015	Gláucia Aparecida Vaz torna-se Mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais com a dissertação intitulada "A importância dos Estudos de Usuários na Formação do Arquivista".
2015	" Os interagentes da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC: avaliação da biblioteca especializada em temática africana, afro-brasileira e indígena " de Paulino de Jesus Francisco Cardo, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Amabile Costa e Graziela dos Santos Lima foi apresentado no 33º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina.
2015	" O negro e a mediação: a Ciência da Informação como campo de discussão étnico-racial " de Fernando Cruz Lopes, Sueli Bortolin e Maria Nilza da Silva foi apresentado no XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB).
2015	Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda tornou-se o primeiro bibliotecário negro diretor da Direção de Avaliação e Informações Institucionais (DAINF) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

2015	“ Informação étnico-racial: proposta de glossário sob a égide da semântica discursiva ” de Maria Antonia de Sousa e Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque foi apresentado no XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB).
2015	Francilene do Carmo Cardoso publica o livro " O negro na biblioteca: mediação da informação para a construção da identidade negra " pela Editora CRV.
2015	O trabalho " Disseminação de informações sobre populações de origem africana e afro-brasileira: relato da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC " de Paulino de Jesus Francisco Cardoso, Amabile Costa, Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima foi apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXVI CBBD).
2015	Erinaldo Dias Valério defende sua dissertação intitulada " Reflexões sobre movimentos sociais e informação: a experiência do Grupo de Valorização Negra do Cariri – GRUNE " na Universidade Federal de Pernambuco.
2015	" A Lei 10.639/03 no diretório dos grupos de pesquisa registrados no CNPq " foi apresentado por Nicácia Lina do Carmo, Leilah Santiago Bufrem e Anna Elizabeth Galvão Coutinho Correia no XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB).
2015	Paulino Cardoso, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Graziela dos Santos Lima e Amabile Costa publicam o artigo " Os interagentes da Biblioteca de Referência NEAB/UDESC: avaliação da biblioteca especializada em temática africana, afro-brasileira e indígena " na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.
2016	Maria Aparecida Moura torna-se Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2 .
2016	Graziela dos Santos Lima defende a dissertação " Cabeçalho de assuntos de Estudos Africanos e Afro-brasileiros " no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).
2016	Elisângela Gomes publica o artigo " Afrocentricidade: discutindo as relações étnico-raciais na biblioteca " na Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina.
2016	"Competência em Informação e o uso ético da informação na produção científica: o papel do bibliotecário na produção intelectual no ambiente acadêmico" é o título da tese da bibliotecária Ana Paula Meneses Alves defendida na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
2016	Valdinéia Barreto Ferreira tornou-se Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia com a tese intitulada "e-Science e políticas públicas para ciência, tecnologia e inovação no Brasil: colaboração, infraestrutura e repercussão nos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia da área de Nanotecnologia".
2016	“ Entre os estudos culturais e a Ciência da Informação: fontes de informação com a temática étnicoracial ” de Thais Helen do Nascimento Santos e Mirian de Albuquerque Aquino foi publicado no periódico Informação & Informação.
2016	34º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina incluiu em sua programação, a mesa redonda “ A presença da diversidade cultural no contexto da Ciência da Informação ” com participação da bibliotecária e docente afro-brasileira Maria Aparecida Moura, da Universidade Federal de Minas Gerais, da museóloga e historiadora Maristela Simão, sob mediação da docente e bibliotecária Daniella Camara Pizarro.

2016	"Métricas alternativas para avaliação da produção acadêmica: um guia básico de altmetrics para bibliotecários" é a dissertação de mestrado profissional em Biblioteconomia defendida pela bibliotecária Andrea Ferreira Gonçalves do Nascimento na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
2016	Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Mirian de Albuquerque Aquino, Edvaldo Carvalho Alves e Gisele Rocha Côrtes apresentam o trabalho " Apropriação, disseminação e democratização da informação étnico-racial na organização de mulheres negras da Paraíba - Bamidelê " no XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB).
2016	Dandara Baçã realiza uma petição solicitando a Criação da Comissão de equidade de raça e gênero no âmbito CFB/CRB .
2016	Leyde Klebia Rodrigues da Silva, Mirian de Albuquerque Aquino, Gisele Rocha Côrtes e Edvaldo Carvalho Alves apresentam o trabalho " Bamidelê: preservando a informação étnico-racial para o fortalecimento da memória cultural das mulheres negras da Paraíba " no XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB).
2016	" Mediação da informação em comunidades quilombolas " de Cleyciane Cássia Moreira Pereira e Maria Isabel de Jesus Sousa Barreira foi apresentado no XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVII ENANCIB).
2016	Franciéle Carneiro Garcês da Silva defende o trabalho de conclusão de curso intitulado " A inserção da temática Africana e Afro-brasileira no ensino de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina " no Curso de Biblioteconomia - Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina.
2017	Marcio Ferreira da Silva e Carlos Cândido de Almeida apresentam o trabalho " A Representação do Negro nos Sistemas de Organização do Conhecimento no Brasil " no XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVIII ENANCIB).
2017	Sofie Teles de Oliveira Silva torna-se Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia com a dissertação intitulada "O profissional da informação e sua inserção no mercado de trabalho por meio de concursos públicos".
2017	O artigo " As temáticas sobre o negro na Ciência da Informação brasileira " de Luciana Pereira Vicente Ortolan, Marcio Ferreira da Silva, Roberta Caroline Vesu Alves e Daniel Martínez-Ávila no Periódico Biblionline.
2017	A bibliotecária Ana Paula Meneses Alves lança o livro "Competência informacional e o uso ético da informação na produção científica" pela editora Cultura Acadêmica.
2017	Evertton da Silva Camillo gradua-se em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho com trabalho de conclusão de curso intitulado "Rede de bibliotecas escolares: uma observação preliminar sobre a possibilidade de uma rede na cidade de Ribeirão Preto".
2017	" Relações raciais e mediação da informação: breves considerações " de Fernando Cruz Lopes, Sueli Bortolin e Maria Nilza Silva foi publicado no periódico "Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia" e na "Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação".
2017	Thaís Gabrielly Fernandes Sousa gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás. Seu Trabalho de conclusão de curso intitula-se "O ensino de biblioteconomia na Universidade Federal de Goiás: uma análise dos currículos do curso de 1980-2004".

2017	Ana Paula Meneses torna-se integrante do Conselho Fiscal da Diretoria Executiva 2017-2019 da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e Instituições (FEBAB).
2017	Andrea Ferreira Gonçalves do Nascimento publicou o livro "Altimetria para bilbiotecários: guia prático de métricas alternativas para avaliação da produção científica" pela editora Scortecci.
2017	Valdinéia Barreto Ferreira recebe a Menção Honrosa no Prêmio CAPES de Tese - Edição 2017 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela sua tese intitulada "e-Science e políticas públicas para ciência, tecnologia e inovação no Brasil: colaboração, infraestrutura e repercussão nos Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia da Área de Nanotecnologia" orientada por Ana Paula de Oliveira Villalobos e co-orientada por Maria Aparecida Moura.
2017	Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Daniella Camara Pizarro e Gustavo Silva Saldanha apresentam o trabalho " As Temáticas Africana e Afro-Brasileira em Biblioteconomia e Ciência da Informação " no XVIII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVIII ENANCIB).
2017	Andreia Sousa da Silva apresenta o trabalho " Um olhar para o passado. Um olhar para o futuro: democratizando o acesso à história dos afro-brasileiros preservada pela Biblioteca Nacional " no XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXVII CBBDD).
2017	O trabalho intitulado " Negra! A cor do Brasil " escrito por Dávilla Vieira Odizio da Silva e Claudina Azevedo Maximiano é apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXVII CBBDD).
2017	" A inserção da etnia negra no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina a partir das ações afirmativas " escrito por Vera Lucia Rodrigues Barbosa, Marisa Brascher Basilio Medeiros, Marli Dias De Souza Pinto e Priscila Machado Borges Sena foi apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXVII CBBDD).
2017	Criado o " Repertório bibliográfico sobre a condição do negro no Brasil " sob coordenação do bibliotecário Raphael Cavalcante e de Clarissa Estrêla, da Câmara dos Deputados.
2017	XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (XXVII CBBDD) inseriu em sua programação " Conversando Sobre "As bibliotecas e a década Internacional de Afrodescendentes 2015-2024. Práticas, fazeres e desafios " com os debatedores: Andreia Sousa da Silva (ACB/FEBAB), Bel Santos Mayer (Literasampa) e Vagner Amaro (Malê Editora).
2018	Aparecida das Dores Silva do Nascimento gradua-se em Biblioteconomia pela Universidade Federal de São Carlos
2018	Thaís Gabrielly Fernandes Sousa torna-se bibliotecária catalogadora no Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP).
2018	Ana Claudia Borges Campos e colaboradores publicam o capítulo "Narrativas e Contos Africanos: o resgate da tradição oral a partir das narrativas dos Griots" no livro " Competência em Informação e narrativa numa sociedade conectada por redes " organizado por Meri Nadia Marques Gerlin.

2018	Leidiane Santos dos Reis torna-se bibliotecária da Biblioteca Pública Thales de Azevedo, BPTA, Brasil.
2018	Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Gustavo Silva Saldanha publicam o capítulo intitulado " As culturas africanas e afrodescendentes em Biblioteconomia & Ciência da Informação no Brasil : Epistemologia Histórica, pensamento crítico e meio social" no livro de Daniela Spudeit et al. de título de "Formação e atuação política na Biblioteconomia" publicado pela editora ABECIN.
2018	Ana Paula Meneses Alves torna-se professora adjunta na Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais.
2018	Graziela dos Santos Lima, Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Amabile Costa, Andreia Costa, Andreia Sousa da Silva, Gisele Karine Santos de Souza publicaram o artigo "Africanizando os acervos: política de gestão de acervos para bibliotecas especializadas na temática afro-brasileira e africana" na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação .
2018	A bibliotecária Gláucia Aparecida Vaz torna-se conselheira no Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região.
2018	Vanessa F. de A. Cardoso e Graziela dos Santos Lima publicaram o capítulo "As bibliotecas e a promoção da igualdade étnicorracial: uma reflexão acerca das leis 10.639/2003 e 11.645/2008" no livro organizado por Daniela Spudeit e Marielle de Moraes intitulado " Biblioteconomia Social : epistemologia transgressora para o século XXI" da editora ABECIN.
2018	Erinaldo Dias Valério e Dávila Maria Feitosa da Silva publicam o artigo "Discutindo as relações raciais: os trabalhos de conclusão de curso em Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri – UFCA" na revista Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia.
2018	O capítulo de livro intitulado " A formação política do(a) bibliotecário(a) no campo das Relações Raciais " escrito por Erinaldo Dias Valério foi publicado no livro de Daniela Spudeit et al. intitulado "Formação e atuação política na Biblioteconomia" publicado pela editora ABECIN.
2018	O capítulo de livro intitulado " O Ensino de Biblioteconomia e as Relações Étnico-raciais " de Elisângela Gomes foi publicado no livro de Daniela Spudeit et al. intitulado "Formação e atuação política na Biblioteconomia" publicado pela editora ABECIN.
2018	O artigo escrito por Claudio Moises da Costa e Patricia Vargas Alencar intitulado " O silenciamento do multiculturalismo na pauta das Universidades Federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação " foi publicado na revista RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação.
2018	Andreia Sousa da Silva defendeu sua dissertação intitulada " Os núcleos de estudos afro-brasileiros de Santa Catarina e o contexto informacional: análise sobre o facebook como uma fonte de informação étnico-racial " no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina.
2018	A revista Liinc publica o artigo " O contexto informacional dos núcleos de estudos afro-brasileiros: analisando o facebook como uma fonte de informação étnico-racial " de Andeia Sousa da Silva e César Karpinsk.

2018	" Biblioteconomia e Questão racial: notas para pensar uma Biblioteconomia social e etnicamente diversa " de Dandara Baça e Francilene Cardoso é publicado no livro "Biblioteconomia social: Epistemologia transgressora para o século XXI" organizado Daniela Spudeit e Marielle de Moraes.
2018	" Bibliotecas e a promoção da igualdade étnicorracial: uma reflexão acerca das leis 10.639/2003 e 11.645/2008 " de Vanessa Florargen e Graziela dos Santos Lima é publicado no livro "Biblioteconomia social: Epistemologia transgressora para o século XXI" organizado Daniela Spudeit e Marielle de Moraes.
2018	" Produção científica sobre competência em informação no Continente Africano: análise da <i>Web of Science</i> " de Priscila Fevrier e Dirnéle Carneiro Garcez foi publicado no livro "O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação" organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro.
2018	" Mulheres negras empreendedoras: um breve estudo " das bibliotecárias Críchyna da Silva Madalena e Kariane Laurindo foi publicado no livro "O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação" organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro.
2018	" Política de Memória e o silenciamento das populações africanas e afro-brasileiras na Ciência da Informação " de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Dirnéle Carneiro Garcez e Graziela dos Santos Lima foi publicado no livro "O protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação" organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro.
2018	Publicado o artigo " A Etnomatemática e as relações étnico-raciais " da bibliotecária Luane Bento dos Santos na Revista NGANHU
2018	As organizadoras Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima lançam o livro intitulado " Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política " pela Editora da Associação Catarinense de Bibliotecários no 36º Painel Biblioteconomia em Santa Catarina.
2018	Apresentado o artigo " A Branquitude nas Práticas docentes em Biblioteconomia e Ciência da Informação: Notas Teórico-Críticas sobre um Ensino no âmbito do preconceito racial " de Franciéle Carneiro Garcês da Silva, Gustavo Silva Saldanha e Daniella Camara Pizarro no GT 6 do XIX Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação.
2019	Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda foi eleito como o primeiro presidente negro do Conselho Federal de Biblioteconomia, na 18ª Gestão CFB (2019/2021).

Fonte: Cronologia elaborada pela autora a partir do Repertório Bibliográfico sobre o Negro (2017); FEBAB; BENANCIB; BDTD (2018).

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DAS CULTURAS AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL, sob a responsabilidade da pesquisadora Franciéle Carneiro Garcês da Silva sob orientação do pesquisador Prof. Gustavo Silva Saldanha. A pesquisa procura compreender as Representações Sociais acerca das culturas Africana e Afro-Brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil a partir de instrumentos normativos, a saber: projeto político pedagógico, ementa, programa (planos de estudo) e bibliografia das disciplinas, além de entrevistas.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de entrevistas *online* via *hangout*, *Skype* ou *Appear.In*. Serão previamente marcados a data e horário para a realização das perguntas, utilizando de entrevista semiestruturada que serão gravadas com o auxílio de um gravador de áudio. Não é obrigatório responder a todas as perguntas e o(a) senhor(a) poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, caso deseje.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos. O participante poderá sentir desconforto físico ao participar da entrevista e/ou um possível pequeno cansaço. Tendo em vista estes riscos, as entrevistas serão realizadas em local apropriado escolhido pelo (a) entrevistado (a), de acordo com o horário disponível do(a) mesmo(a). O local escolhido para a realização das entrevistas será confortável e iluminado, para que o(a) participante possa ficar acomodado e relaxado. Antes do começo da entrevista o(a) participante será informado(a) que poderá desistir a qualquer momento e parar a entrevista quantas vezes forem necessárias. Se você aceitar participar, os benefícios serão indiretos e tardios, visto que trará informações de como as culturas africanas e afro-brasileiras têm sido contempladas nos cursos de Biblioteconomia das Instituições de ensino superior federais e estaduais brasileiras e, a partir disso, trará sugestões de como poderá ser melhorado o Projeto Pedagógico dos cursos visando oferecer uma formação profissional mais inclusiva e diversa.

Se depois de consentir em sua participação, o(a) Senhor (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Senhor (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o (a) Senhor (a) poderá entrar em contato com a pesquisadora Franciéle Carneiro Garcês da Silva e/ou com seu orientador de mestrado Prof. Gustavo Silva Saldanha no endereço Rua Lauro Muller, 455 - 4º andar, Botafogo, Rio de Janeiro, pelo telefone (21) 3873-9453, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP HUCFF/FM/UFRJ, R. Prof. Rodolpho P. Rocco, n.º 255 - Cidade Universitária/Ilha do Fundão Rio de Janeiro/RJ - CEP: 21.941-913, Tel. 3938-2480 / Fax: 3938-2481, Horário de funcionamento: 08h às 16h, de 2ª f. a 6ª f. Email: cep@hucff.ufrj.br

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que a pesquisadora quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pela pesquisadora, ficando uma via com cada um de nós.

Assinatura do participante

Data: __/__/____



Impressão do dedopolegar

Caso não saiba assinar _____

Assinatura do Pesquisador Responsável

Ativar o W
A C E

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO**

DADOS PESSOAIS

Idade:_____.

Sexo: () Feminino () Masculino

Pertencimento étnico-racial: () Branco () Pardo () Preto () Amarelo () Indígena

FORMAÇÃO

Biblioteconomia () Sim () Outro. Especificar:_____.

Ano de conclusão do curso de graduação em Biblioteconomia:_____.

Universidade em que se graduou em Biblioteconomia:_____.

Outro Curso de Graduação () Sim () Não.

Concluído () Sim () Não

Qual e onde:_____.

Ano de conclusão:_____.

Especialização () Sim () Não.

Concluída () Sim () Não.

Qual e onde:_____.

Ano de conclusão:_____.

Mestrado () Sim () Não.

Concluído () Sim () Não.

Qual e onde:_____.

Ano de conclusão:_____.

Doutorado () Sim () Não.

Concluído () Sim () Não.

Qual e onde:_____.

Ano de conclusão:_____.

Pós-Doutorado () Sim () Não.

Concluído () Sim () Não.

Qual e onde:_____.

Ano de conclusão:_____.

EXERCÍCIO PROFISSIONAL

Professor (a) na sua IES desde quando: _____.

Cargo atual: _____.

Membro do NDE desde: _____.

APÊNDICE E - ROTEIRO DE ENTREVISTA

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

APÊNDICE F - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Entrevistada 1 - Universidade Federal – 17.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Bem, eu acredito, assim, que os desafios sociais são vários. Não só para a profissão de bibliotecário, mas eu acho que toda a profissão. Eu como docente, eu vejo isso, por exemplo, no ensino fundamental, no ensino médio. Agora eu sou mãe, eu tenho a maior preocupação de como formar meu filho para esse mundo que é complexo, com problemas complexos. Então, que realidade é essa que a gente vive? Que formação que precisa ser dada que nunca vai ser completa. Então, assim, eu acredito que, para o bibliotecário também é igual. Vai ter um mundo de problemas que ele tem que enfrentar, que ele tem, às vezes, permear por vários assuntos, né, e tem que ter uma formação o mais completa possível, mas a gente nunca vai dar conta. Até porque os problemas também sempre irão existir, a complexidade também sempre vai existir. Então, eu acredito assim, que é difícil, é difícil! Eu não isolo só o bibliotecário, mas como bibliotecária, eu acredito que os desafios são cada vez mais... é... Cada vez mais, é... complexos. Tá?*

Entrevistadora: Perfeito!

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

É. Eu acho que está bem incipiente, para falar a verdade. É muito incipiente. A gente vê, às vezes, e às vezes a gente vê até umas falas de que esse é um tema transversal à Biblioteconomia, apesar de estar diretamente ligada, porque ela lida com informação, lida com isso e com aquilo. Porém, é incipiente. A gente sabe! Em sala de aula, a gente vê que pouco se trabalha essa temática. Alguns professores, que trabalham e que estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática aí sim levam para a sala essa discussão. Porém, os que não estão envolvidos com essa temática, pouco trabalham. Não quer dizer que não se importem ou que não é relevante, mas que na realidade, são poucos os textos, são poucas abordagens, são poucas reflexões. Devido, talvez, ao arcabouço teórico que também nós temos e aí, a gente tem que fazer a ponte. Utilizar um texto ou outro e fazer pontes com os textos. Mas há poucos? Eu acredito que sim! E esse, eu acredito até que é o desafio, de acervos voltados... Tá? De ter um acervo voltado, ter práticas voltadas para essa temática, ter reflexões mais pontuadas que realmente insiram essa temática no nosso currículo, no nosso dia a dia, para falar a verdade! Então, eu acredito assim, que hoje, ainda é incipiente!

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Então, em relação aos instrumentos normativos, nós temos as resoluções, né, que as Universidades criaram e tal para a questão de cotas, para a questão da acessibilidade, assim, de temas mais gerais. E também, tem alguns professores que têm grupo de estudos, né, de afro-brasileiros aqui na Universidade Federal do Maranhão. Então, essa temática tem sido trabalhada por esses professores que estão diretamente ligados a esses grupos de pesquisa que trabalha essa temática. Na Biblioteconomia, a gente tem uma professora

que trabalha justamente essa temática afro-brasileira, afrodescendente, a temática do negro, o negro na biblioteca, o negro como... é... a questão social do negro, entendeu? Então, essa temática... a questão da periferia mesmo, a questão de violência. Então, ela trabalha e ela estimula muitos alunos a lerem textos, ela traz textos também para trabalhar e para discutir com os alunos. Inclusive, teve uma revista... a revista, quer dizer, daqui do Departamento que é a Revista Bibliomar, essa professora, ela ficou um período com a revista e ela trouxe sim esse debate, não só do negro, mas também da acessibilidade, a questão de gênero, a questão da violência, temas mais sociais. Também porque a formação dela é mais nessa área e ela trouxe para compartilhar com os alunos. Então, desse eu tenho conhecimento.

Entrevistadora: Perfeito!

Entrevistada: *É recente!*

Entrevistadora: Recente. Certo.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Tá. Então, em relação à essa professora, em exclusivo, ela tem um livro que é “O negro na biblioteca” é a autora Francilene do Carmo Cardoso. Então, ela tem um livro que foi fruto da dissertação dela, “O negro na biblioteca”, que ela vem trabalhando a questão do negro, né, das... das literaturas africanas e como elas são trabalhadas na biblioteca. É... De resto, assim, eu não tenho como te indicar outras leituras. Só sei essa, porque eu não... eu mesma não trabalho diretamente com essa temática.

Entrevistadora: Huum. Perfeito.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Tá. Eu quero dizer que essa pesquisa sua é super importante e muito relevante até para a gente saber como é que está a situação atual dessa temática no Brasil e no curso de Biblioteconomia, em especial. E para que a gente tenha alguns caminhos, né, para ter essa discussão mais efetiva, que como eu te falei é uma discussão muito incipiente, devido, talvez, ao acervo, como a gente desconhece... até existe, eu acredito que sim, mas é um pouco mais... menos trabalhado. Mas eu acho a temática super relevante e sua pesquisa, eu acho que vem para dar essa contribuição, no sentido de nós refletirmos e no sentido também de indicar, né, caminhos para nós trabalharmos em sala de aula também e aproximarmos os nossos alunos da nossa realidade, da nossa própria realidade. Tá certo?

Entrevistadora: Perfeito, Professora!

Entrevistada: *Então, te parablenzo e futuramente quero saber os resultados da pesquisa.*

Entrevistadora: Com certeza!

Entrevistado 2 – Universidade Federal – 19.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Sim. Então, isso a gente tem discutido muito, sobretudo, eu e a Profa. Marielle. E... Porque a nossa visão é de que o currículo da Biblioteconomia no geral não está preparado para os novos desafios, a gente tem focado muito em técnica, muito em catalogar, em classificar, mas simplesmente a técnica não se discute, não se entende como que se chega a essas técnicas, como que elas podem ser aplicadas e, até mesmo, como que essas técnicas são excludentes em alguma medida. Antes de ser professor da [Universidade Federal], eu fui professor substituto na UnB e, lá, a gente já percebia também isso. Então, os currículos são extremamente defasados e extremamente... hãhã. Eles não atendem. Eles realmente não atendem, sobretudo na parte teórica, que é basicamente o meu campo. Eu tento inserir, mas por vezes é muito dificultoso, porque você também tem que dar conta de um conteúdo que já está fixado e que já está entendido como importante. Então, eu acho que é um grande desafio e que têm pequenos passos que eu acho que ainda não foram para frente.

Entrevistadora: Certo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Pois é. É... Eu acho que é uma relação, sobretudo, que visa a justiça social e a... como é o nome? Agora eu esqueci... justiça social e o outro, eu esqueci o nome. (risos). Mas é... que visa sanar os problemas históricos que nós temos. Eu acho que a biblioteca pode ser um canal muito importante, eu acho que em diversos aspectos. Sobretudo, de inclusão social a biblioteca está muito aquém... é... Eu vou falar da realidade brasileira, realmente eu conheço muito pouco da realidade portuguesa e o resto do mundo, eu realmente não conheço. Mas no Brasil, eu acho que a gente está muito aquém, eu acho que a biblioteca poderia ser um espaço de justiça social e da democratização do acesso de... é... políticas sociais voltadas para o fomento de minorias e apesar de não gostar muito do termo, eu vou usar aqui, de minorias, é... de... realmente, o compromisso com... compromisso com a justiça histórica também. Porque eu acho que a biblioteca, ela é o espaço para isso, mas no Brasil, por inúmeros fatores muito mais políticos do que... do que qualquer coisa relacionada a dinheiro, é muito mais a política, ela não é, mas eu acho que a biblioteca tem papel preponderante, sobretudo quando a gente [áudio da gravação ficou mudo de 03:14 a 03:16]. A gente não tem a noção de comunidade na Biblioteconomia brasileira e se entender. A gente tem estudo de usuário, mas não tem estudo de comunidade, por exemplo. E isso é muito dificultoso, porque a gente não consegue atrair. A gente olha o perfil de quem usa as bibliotecas e, eu tenho observado isso com muita atenção, é... o perfil, ele vai, basicamente do turista curioso e do concurseiro. Só. E o resto fica desassistido. Eu acho que há um problema muito grave com relação à população afrodescendente em enxergar a sua história naquele espaço, eu acho que a biblioteca está tendo um grande problema de as pessoas se enxergarem naquele espaço. Há uma desnaturalização dos... aliás, não há uma desnaturaliza... não, calma. Não há (risos). É... exatamente. A desnaturalização do espaço biblioteconômico não tem acontecido. A biblioteca ainda é um local de elite que você não sabe se comportar, que você não sabe se pode subir uma escada, se pode pegar um livro, se você pode ir ao banheiro e isso é muito dificultoso. E eu acho que começa lá atrás na biblioteca escolar e... que não existe, é inexistente a biblioteca escolar, e vai perpassando pela biblioteca pública até chegar à Biblioteca Nacional que é confundida com igreja. Então, é... (risos) Você... há um

problema aí, realmente de circulação, sobretudo da população de origem afrodescendente, por quê? Aí a gente remonta na história, né, como foi feita a abolição e tudo isso, a forma como foi feita sem uma... um compromisso com... com a dívida social, não sei se esse é o termo certo, mas vamos lá, a dívida social. E... É desassistido em múltiplos aspectos. Eu morei ano passado cinco meses em Portugal, que eu acho lindo. Todo mundo quer ser português, todo mundo quer ser espanhol, todo mundo quer ser italiano. Ninguém quer ser africano. Africano aí, a gente está falando em continente. Então, a gente não sabe se é senegalês, se vai ser angolano, enfim, ninguém quer. Mas mesmo que queira, como que a gente consegue fazer isso? A gente não consegue. E por quê? Simplesmente, a história negra foi apagada da história do Brasil por “n” motivos e ela é apagada das nossas bibliotecas. A gente não tem livros sobre História da África. E, aí, lembra quando eu falei na outra pergunta sobre como as classificações funcionam? Elas são apagadas, inclusive, das classificações utilizadas por nós. Nos Estados Unidos têm 500 classes para representar os assuntos deles. A História da África vai estar condensada em uma que vai ter um número deste tamanho que você não consegue condensar, você não consegue trabalhar com ele. São críticas que eu acho que a gente tem que fazer sempre e eu acho que a biblioteca não está atenta, eu acho que ela...deixa muito a desejar e, enquanto educador, o meu papel tem sido chamar a atenção dos alunos para isso. De que eles precisam agir nesse sentido de trazer não só a História negra, mas movimento LGBTQI+, mulheres e outros movimentos para cima. Para a superfície.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Olha, eu estou lá há pouco tempo. Então, realmente assim, falar com certeza eu não vou poder te falar. Mas eu tenho observado que a [Universidade Federal] como um todo tem feito uso de ações afirmativas, sobretudo para que as minorias possam alcançar a Universidade. Então, a reserva de cotas... Há o acompanhamento, por exemplo, na última reunião foi discutido de que, quem entra por ação afirmativa na Universidade vai passar a ter um acompanhamento. Um professor vai acompanhar aquela pessoa para ver se está cumprindo o... o currículo, ver se está... quais são as dificuldades. Porque sendo bem sincero, a nossa dificuldade maior não é com o aluno em si, não é com a sua formação.

Isso de forma alguma, mas sim, com as condições que ele tem para cursar aquela Universidade. Ele é arrimo de família, ele vai ser... ele precisa trabalhar. Como estudar? Como dar conta das disciplinas? Como dar conta das exigências? Então, isso a [Universidade Federal] tem passado a observar até aumentando o número de bolsas, pelo que eu li e pelo que eu observei. Então, é uma ação que eu tenho visto. Mas no curso, especificamente, eu sei dessa do professor começar a realmente acompanhar o aluno. Mas fora essa, realmente não sei mais nenhuma.

Entrevistadora: Certo.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Olha, que eu tenha conhecimento, a professora Jacqueline Cabral tem trabalhado com o grupo LBGBTQ+, mas eu não conheço a bibliografia específica do que ela tem introduzido. Outros projetos, eu realmente não conheço. A gente tem conversado sobre isso. A Profa. Marielle tem um projeto de responsabilidade social que linca um pouco

com essa parte, mas ele ainda está no projeto, ele ainda não foi posto em prática. Então, ela também pode ser um nome. Dos demais, eu realmente desconheço.

Entrevistadora: Certo.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Sim! Acho importante falar, Franciéle, que a Biblioteconomia, ela passa por um momento delicado, sobretudo por conta da desvalorização da profissão. Mas não só isso. A desvalorização das disciplinas das Ciências Sociais Aplicadas, das Ciências Humanas nesse contexto tão “mitoso” que a gente tem por aqui (risos). Eu acho que isso perpassa muito da gente atrair um público interessante. Por exemplo, eu me formei vai fazer 10 anos, mas a diferença é brutal no quanto que a Biblioteconomia está militante atualmente. E isso é muito interessante. Eu gosto muito disso. Eu acho que passa por nós professores, nós pesquisadores e os bibliotecários em si perceberem que a Biblioteconomia precisa de ser militante. Mas eu acho que é urgente a reformulação dos currículos. A técnica é importante? É importante, mas os manuais estão aí. Os manuais estão aí para serem discutidos. Eu acho que, na verdade, a gente precisa também de muita teoria, mas, sobretudo, também da prática teórica de entender a Biblioteca como um espaço de construção social. Um espaço que é importante para a inclusão digital, para a inclusão social, para a alfabetização e por aí vai. E... Isso não é percebido. Isso não é percebido nem por nós, isso não é percebido nem pelos alunos, isso não é percebido pelos coordenadores de curso e isso não é percebido, muito menos, pela grande área que, teoricamente, é a Ciência da Informação. Aí mesmo que a gente se perde. E a gente se perde em dois momentos: a gente se perde na história, porque a história é rechaçada. Eu trabalhei com história. E, também, os novos movimentos são rechaçados. Eu fiquei muito feliz de ver o seu projeto por conta disso, porque é... é um espaço que você está cavando, literalmente falando dentro, porque eu sei que você tem que firmar posição a todo momento, porque vão questionar: - Por que você não está na sociologia ao invés de estar aqui? O que você está fazendo? Mas, porque... Mas é graças a pessoas como você que a gente está conseguindo, hoje em dia, ter um debate sempre de interesse dentro da área. E os alunos estão contando esses debates, os alunos estão interessados. A gente tem alunos cada vez mais militantes. A gente vê, no bom sentido, células feministas, células do movimento negro, células do movimento LGBTQI+ e isso é super interessante para a construção. É... A gente tem que deixar o nosso aluno à vontade para relacionar os assuntos de interesse dele, por exemplo: Como relacionar feminismo e Biblioteconomia? Vamos lá e construir um artigo e ver o que a gente consegue. Então, um que eu vi foi como as mulheres se fantasiavam de homens durante o século XVIII e XIX para poder publicar.

Entrevistadora: Nossa!

Entrevistada: Pois é. Ou então, um que eu vi é como que o movimento negro vai recuperar a sua história e memória através de centros culturais que eles vão criando demandas. E isso é um aspecto interessante, porque a gente... O perfil do bibliotecário em geral é uma população mais pobre que não tem aquela tradição familiar e tal. Você se enxerga num museu? Você se enxerga numa biblioteca? Você se enxerga num arquivo? Não! E, aí, há esses espaços... entender a biblioteca como um espaço, que vai reivindicar esse espaço, esse lugar na sociedade, sobretudo pela ação dos grupos. E aí, começar a encher o saco das pessoas para que tenha essa representação.

Entrevistadora: Certo! Professor, eu agradeço imensamente pela sua participação.

Entrevistada 3 – Universidade Federal – 19.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Bem, eu acho que um dos grandes desafios é a questão curricular, né, porque a gente... como a gente... Nós estamos passando por um processo de revisão da nossa matriz curricular na [Universidade Federal] que já tem dois anos, um pouco mais, que a gente está tentando reformular para trazer uma dinâmica melhor para o currículo, né. Especialmente, para as disciplinas que tratam de gestão de informação, de planejamento, as disciplinas administrativas e do processo de gestão da informação e, também, as disciplinas que trazem um peso maior para a questão da... dos suportes de informática, né, de software. Então, a gente tem tido muita dificuldade, porque os professores, eles estão todos bastantes atolados de trabalho. Então, a gente parar para fazer uma matriz curricular de qualquer jeito não é viável. Então, a gente precisa fazer um estudo, fazer a elaboração. A gente tem visto que o nosso currículo, ele está adequado, mas ele precisa avançar um pouco mais. Então, eu acho que um dos grandes desafios, é trabalhar as matrizes curriculares para conseguir que essas matrizes atendam as demandas sociais que a gente tem visto aí, crescentes, né. Como a gente tem, por exemplo, a questão é... de... das questões afro, africanas, da história afro e afro-brasileiras nos currículos que têm que ser inseridos. A questão da... dos processos de... ahã... aí, gente! Esqueci o nome. Ambientais, né. De gestão ambiental, essas coisas, também a gente tem que inserir. Então, são coisas que não dá para fazer de qualquer jeito, você tem que processar, trabalhar, ver quais são as diretrizes para até adequar o currículo. Então, eu acho que um dos grandes desafios hoje da Biblio é capacitar o aluno nessa formação mais ampliada. Com essas questões que estão vigentes no dia a dia hoje.

Entrevistadora: Certo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

É. Não tem, né. Não sei como é que é aí na sua escola, mas não existe. E há uma briga constante não só da formação do bibliotecário, mas assim, eu vejo a academia ainda bastante resistente ou pouco informada com essas questões... as questões relacionadas aos afro-brasileiros. Então, na [Universidade Federal] não existe nenhuma disciplina que contemple uma formação que vá atender esse público específico. Nosso... A maioria dos nossos alunos, eles são afro-brasileiros. São afrodescendentes. Então, a gente vê que, por ser um curso noturno... Então, tem toda essa... essa acessibilidade maior para as camadas mais populares e a academia, ela não sabe como trabalhar isso. Então, ainda falta uma formação a nível de professores, dos docentes, a capacitação docente para operar com esses... essas... com essas diversidades e também, o currículo seja adequado a isso. Para você ter uma ideia, a gente só tem uma disciplina que contemple essas questões é... culturais brasileiras, que é a Cultura brasileira. Que é dada no curso de Ciências Sociais para o nosso curso. Então, mesmo assim, ainda ela é muito limitada em relação, por exemplo, a uma formação direcionada para... para desenvolvimento de leitor afro... afro orientado, vamos dizer assim, né. Então, é bem complexo.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Na Biblioteconomia? Existe a lei, né, 10639?

Entrevistadora: 10.639, uhum!

Entrevistada: 10639, isso aí. Existe essa legislação, que ela já está vigente, mas na Biblioteconomia, a gente está inserindo, está tentando inserir a agora, né. Já tem desde o ano passado que a gente tem discutido, talvez trazer o pessoal da educação que tem uma formação um pouco mais consistente a respeito do tema para a nossa área. No meu curso tem dois professores que trabalham, que tem... teriam a habilitação para isso que sou eu, que eu fiz o meu mestrado em Políticas Sociais dentro dessa área de ação afirmativa e, uma outra professora, que também o doutorado dela foi dentro da área de diversidade. Só tem duas. Mas a gente não tem disciplina ainda. Então, o que que a gente está fazendo agora? Há uma normativa... Tem a lei, há uma normativa institucional da minha Universidade para que seja implantada essas disciplinas com a História Afro-brasileira e tal e Meio Ambiente e, então, nós estamos tendo um desafio de implementar ou inserir disciplinas que contemplem esse conteúdo. Mas, é... Então, através de lei, né. A gente não tem nenhuma... Como que eu vou dizer? Há... Uma gestão fala: - Ah, vamos inserir conteúdos. Não existe! A lei foi colocada, então, cumpra-se a lei, tipo assim, né?

Entrevistadora: Entendi.

Entrevistada: Não é uma coisa que surgiu autonomamente no curso.

Entrevistadora: Certo.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Sim. Aqui na [Universidade Federal], a gente tem o Centro de Educação que trabalha... é... que tem disciplina, uma disciplina afro-orient... Tem várias, né, mas uma delas que tem sido muito referenciada na Universidade é Educação nas Relações Étnico-Raciais, mas é uma disciplina voltada para formar professores, né, pedagogos. Mas eu participei dessa disciplina porque além de já ter feito doutorado e tal, não sei o que, eu faço Ciências Sociais como graduação, né, eu voltei para a graduação em Ciências Sociais. E eu vejo, nessa disciplina, eu vi alunos de vários cursos diversos da Universidade. Então, alunos de Arquitetura, alunos de História, alunos de Geografia, alunos de Ciências Sociais, alunos da Pedagogia. Então, tem um interesse do público discente por esses conteúdos, até para operacionalizá-los de uma forma melhor. E aí, tem essa disciplina e tem vários autores que a gente pode trabalhar dentro de um contexto mais geral, né, falando da história africana, a gente tem a Enciclopédia de [Joseph] Ki Zerbo, a gente tem autores como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González... E aí, a gente tem que fazer uma adaptação para nossa realidade da Biblioteconomia. Que na verdade, eu até falei para você no e-mail, que eu achei a sua pesquisa muito interessante por causa da temática, que é um negócio que a gente está discutindo lá no nosso curso e tem tido, assim, algumas restrições. Eu vou falar restrições, por quê? Porque há um desconhecimento de como operacionalizar esses conteúdos para o curso de Biblioteconomia.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Tá. Sobre tudo isso? Eu, na verdade, eu estou... Eu acho fantástico, né, o tema, o seu tema de pesquisa é muito pertinente, né, muito oportuno. E é uma coisa que eu já venho pensando há muito tempo, porque eu vim, eu sou da Biblioteconomia, depois eu fui para a área de Ciências Sociais, meu mestrado foi em Políticas Sociais. E na Política Social... Em Políticas Sociais, eu tive que me aprofundar com o estudo da temática étnica, porque eu estudei a minha vida inteira em escolas públicas e eu só fui me descobrir negra quando eu já estava na Universidade. Então, eu não sei como é que é que você percebe isso, que você está fazendo no curso de Biblioteconomia agora, a gente tem uns acessos diferentes, né, que na minha época não tinha. Então, a gente tinha que brigar muito. Então, assim, isso é muito triste, porque uma pessoa que estuda quase 20 anos... até foram ensino fundamental, ensino médio, né, que aí dá 12 anos. Aí, você vai para a Universidade e você se depara com uma realidade étnica que você, até então vivia, mas você não tinha profundidade teórica para discutir ou debater. Então, é... E conversando com um professor amigo meu lá da Educação que também é negro, né, rastafári e tudo, ele me disse, assim: Falou, eu não tem vergonha nenhuma de dizer na sala de aula que, ele também só descobrir a África... que o Egito era na África, quando ele começou a pesquisar sobre isso já fazendo o mestrado. Então, a gente precisa quebrar isso! A gente precisa dizer: - Não! Existe uma história, existem os públicos, existem usuários, existem clientes dentro da área de informação que precisam de informações para corromper com essas barreiras, quebrar esses ciclos viciosos de preconceito, de discriminação. Então, nós bibliotecários somos profissionais da informação, a gente tem que atuar nessa área também. Agora, a gente está quebrando, né, é uma quebra de paradigmas constante.

Entrevistadora: Verdade! Eu agradeço a senhora pela entrevista.

Entrevistada 4 – Universidade Estadual – 19.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Então, eu acredito que são inúmeros, né? No nosso curso, essas discussões têm acontecido em diversas disciplinas: disciplinas de política de informação, nessa disciplina de cultura afro-asiática também, né, que vai passar para... pela questão de discussões sociais, né, porque a nossa disciplina de história... afro-asiática não, afro-brasileira (risos). É que a gente tem Núcleo de Pesquisas Afro-Asiáticas aqui. Então, a nossa... essa disciplina também toca nessa questão social. Nós temos disciplinas de Ética, né, então que vão perpassar por todo o fazer do profissional e sua inserção no mercado de trabalho. Os princípios que devem ser levados, né, em conta na sua atuação, no lidar com informação, lidar com pessoas com a parte da mediação da informação. Então, eu acredito que são vários os desafios, né. Logicamente, que a gente, em uma formação em quatro anos, nós não conseguimos é... contemplar todos os possíveis, né. Até mesmo a questão de lidar com tecnologia, de como isso também interfere no dia a dia das pessoas; questões de privacidade... Então, tem vários aspectos também que tocam na questão tecnológica, né. E a gente tenta discutir e trazer também questões práticas, né, no sentido desses desafios, que eu acho que são diversos e que alguns a formação talvez, e não exclusivamente aqui da [Universidade Estadual], mas eu acredito que todos os demais cursos, talvez, não consigam contemplar todos na totalidade. Mas pelo menos, né, passar pelos pontos mais centrais e trazer isso para a discussão dentro da sala de aula.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Bom, eu não... eu não trabalho com a disciplina, né, mas eu acredito que a disciplina que nós temos desde o currículo de 2010, ela é trabalhada por um professor da História, né. Então, assim, eu acho que isso também é uma questão... Como a gente tem professor de outros cursos ministrando, né, no nosso Departamento, eu acho que essa aproximação, talvez, não seja tão feita... feita a contento, né, ou como a gente espera. É... Mas, o professor anterior, agora a gente teve uma mudança recente de professor, ele estava conosco há alguns anos, então ele participou mais de algumas reuniões, ele conheceu mais o perfil do curso, né. Então, eu acredito que ele conseguiu aproximar mais com as relações do dia a dia do profissional em lidar com questões... Porque como a gente, né, trabalha com essa questão da mediação da informação, de... é... indicar literatura, né, tem um envolvimento com essa questão da leitura e a história também carregada com a literatura, né, como ela... ela se articula com a nossa literatura nacional, eu acho que é um... é assim, um compromisso muito importante do profissional bibliotecário conhecer. Então, foi muito relevante, né, para que... essa inclusão dessa disciplina. Mas aí, essa questão de como isso é tratado em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, a gente, assim, nem sempre, né, em todas as ofertas, talvez, tenhamos essa aproximação feita tão diretamente para o estudante. A gente conversa com os professores de fora, mas há muitas trocas, né, quando são professores de outros Departamentos. Mas como eu disse, como o professor anterior ficou alguns anos, ele já conhecia e conseguia relacionar mais com o dia a dia do profissional bibliotecário. Só que eu acho que também esses conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil, né, e de todo o legado da... todo legado cultural, eu acho que também, assim, foi importante de ser inserido no curso, mas... e sei

que tem sido inserido, né, nos cursos do ensino médio, mas eu acho que eles deveriam vir com isso muito mais intensificado na educação de base, né. Porque, aí, assim, uma questão até... eu sei que você não perguntou muito de carga horária e tudo, mas são 30 horas de disciplina, né. Foi uma questão que foi pensada, mas também veio de uma exigência, porque, né, a gente teve uma resolução tanto do Conselho Nacional de Educação, como também da... do Conselho Estadual de Educação. E aí, nós tínhamos antes uma disciplina de História do Brasil aqui, né, e essa disciplina, ela não existe mais. Então, ficou com a Cultura Afro-brasileira. Então, eu acho, assim, que seria interessante, só que em termos de carga horária para formação em quatro anos... E essa discussão o NDE tem feito constantemente, inclusive, nós tivemos uma reformulação curricular bem recente que foi implantada nesse ano de 2018, né, nós vemos a alteração para o ano passado, nós discutimos todas disciplinas, inclusive, essas de outros departamentos que são competência de outros departamentos, porque a gente não tem docente para lidar com esses conteúdos aqui, né. Então, vem o departamento de história contribuir com essa disciplina e eu acho, assim, acredito que a aproximação, talvez, esteja mais prejudicada agora, porque tem um professor novo que não conhecia o curso, mas que estava sendo feita a contento com o professor anterior que já estava trabalhando conosco há alguns anos.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Não. Especificamente, você diz para a questão das discussões...?

Entrevistadora: É. Das culturas africanas e afro-brasileiras. Por exemplo, se existe projeto de um colega seu que faça a inserção ou que faça a discussão em grupos de estudos...

Entrevistada: Tá. Olha, pelos projetos que eu me lembro agora, nenhum exatamente nessa, né, que faça essa interface com a temática tão direta. Mas, de tempos em tempos, nós temos TCCs que são orientados, né. Então, fazendo... trabalhando a questão de comportamento informacional, né. Então, assim, a gente vê que existe, tanto na parte LGBT. Então, assim, as temáticas de estudos de comportamento informacional em comunidades, nós tivemos de diferentes etnias, né. Então, assim, existem trabalhos, mas eu acredito que não são nessa questão tão contínua, né, de, vamos dizer, assim, projetos mais a longo prazo. São mais pontuais que acontecem. Tá? Posso estar equivocada e depois, eu posso perguntar aqui no departamento, mas pela última passada que eu dei nos projetos, né, e pelo que eu conheço diretamente que os colegas estão desenvolvendo não tem nenhuma pesquisa diretamente aqui do Departamento. Tá? Logicamente, que dentro da Universidade, nós temos ações, têm Institutos, né, vamos dizer assim, é... dentro da cultura afro-asiática tem um pessoal que, né, trabalha com essa temática. Então, assim, existem ações no âmbito da Universidade. Do Departamento, eu desconheço no momento.

Entrevistadora: Certo.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Então, eu dei uma olhadinha aqui, né, e fui dando uma olhada na bibliografia da disciplina, né. Logicamente, que alguns eu conheço que nem o Gilberto Freyre, "Casa

Grande & Senzala”, é uma obra que eu conheço. Tem alguns aqui que eu... Ah, daí tem o Darcy Ribeiro, “O povo brasileiro” que é uma obra de referência. E alguns que ele trabalha mais na bibliografia complementar, né, que eu já não domino. Então, tem... ele cita aqui “História dos Quilombolas”, que daí já é mais específico, né, “A rebelião escrava do Brasil”, do João José Reis. E tem mais alguns: “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues... Mas dessa literatura, o que eu conhecia são esses dois, né, então, para mencionar seria “Casa Grande & Senzala” e “O Povo Brasileiro” que traz muito, né, do conteúdo e da especificidade da cultura africana no Brasil.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Então, eu acho que... Assim, eu sou bem entusiasta desses conteúdos, eu acho que eles são importantes para a formação, não só do bibliotecário, mas toda a formação profissional, mas eu acho que, talvez, ele esteja acontecendo muito tardiamente na formação. Então, assim, porque eu que, quando a gente pensa na questão da formação universitária, principalmente, em como ela se dá... Eu vou falar da estrutura da Universidade Estadual de Londrina, né, nós temos essa possibilidade de ter um... de buscar uma formação articulada com alguns departamentos, isso é positivo. Não tanto quanto gostaríamos, né, porque o currículo, ele não é tão flexível como em algumas federais, que a gente sabe que isso acontece com maior frequência. Então, há possibilidade de cursar mais créditos em outros departamentos ou mesmo com a experiência que eu tenho de fora de que a formação, ela é moldada pelo próprio aluno, né. Então, eu acho que isso, essa parte desse desenvolvimento de conteúdo, ele tinha que vim muito mais forte de base, né, tanto quando a gente tinha antes a disciplina mais de História do Brasil, mais genérica, mais geral, né, não tão voltada para questão da cultura afro, a gente tinha uma dificuldade: - Ah, vai falar sobre o que? Os presidentes do Brasil? Então, assim, os professores que vinham da história queriam saber muito, porque o ementário era geral, mas numa disciplina de pouca carga horária aonde, né, focaria para realmente agregar na formação específica do bibliotecário, né. E até as disciplinas, isso falando da minha própria formação, eu disse assim: - Nossa, mas isso eu tive no ensino médio, mas nem todos os meus colegas tiveram. Né? Porque, diferenças de escolas e tudo mais. Então, eu acho que isso está ainda reverberando, né. Assim, não descredito a iniciativa, acho que é importante, mas eu acho que, assim, isso tinha que vim como uma cultura de base muito mais forte, né. Os alunos ingressarem conhecendo melhor, tanto a hist...né, história geral, que isso ainda é uma deficiência de muitas escolas e também esse enfoque para a importância da cultura afro no Brasil. Então, assim, não acho que 30 horas resolva, né, o problema de falta de compreensão ou, até mesmo, o que...Vamos dizer assim, posso estar equivocada, mas acredito que isso tem muito a ver com a questão, né, da gente lidar com todos os problemas que a gente observa na sociedade com relação ao racismo, inclusão, a questão do sistema de cotas que a gente sabe que ainda têm pessoas que tem um certo preconceito com relação a esses ingressos por cotas. Então, eu acho, assim, que tem o seu valor de incluir esse conteúdo para, realmente, abrir, expandir a cabeça dos estudantes com relação, né, a nossa composição como país. Entender que isso é um... não é, vamos dizer assim, a solução para um problema que se alonga há muitos anos, mas algo que pode, realmente, melhorar no curto e médio prazo algumas situações que nós vivenciamos ainda, né, e aí... quer dizer, mais a médio e longo prazo. Mas, eu acho assim, que esses conteúdos, eles deveriam ser muito fortalecidos nas escolas para ter uma formação muito antes. Eles já virem para o ambiente universitário

já com uma expansão de horizontes. Mas eu noto que, assim, não sei se porque estou em um Centro que é próximo ao Centro de História, em um Centro que é de Educação, Comunicação e Artes que a recepção é muito boa, né. Então, tem um perfil de estudantes que, realmente, acham a... gostam da disciplina, né, pelo que a gente conversou com os estudantes também a respeito do andamento do currículo para fazer as alterações também, não só de acordo... logicamente que a gente tinha algumas obrigadoriedades que mantém, carga horária, mas para pensar na ementa, pensar, né como o professor poderia contornar o conteúdo programático. E assim, eles realmente veem valor na disciplina e isso é um ponto positivo, né, que não foi algo só de cima para baixo, né, e que está tendo uma inclusão entre os estudantes.

Entrevistadora: Perfeito. Professora, muito obrigada pela participação.

Entrevistado 5 – Universidade Estadual – 20.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Olha, primeiro lugar, dizer que é um prazer estar conversando com você e tentando contribuir nesse trabalho tão importante, esse trabalho de pesquisa e desenvolvimento de trabalho... que é um trabalho formativo, formativo e, assim, para mim é um grande prazer poder estar contribuindo com você, tá?

Entrevistadora: Obrigada, Professor.

Entrevistado: Bom, em relação aos desafios, eu tenho percebido que, primeiro, que os desafios são enormes. Eu acho que os desafios sociais enfrentados pelo profissional em processo de formação, eles são bem grandes, no sentido de que a gente precisa, primeiramente, entender o próprio espaço onde nós estamos inseridos. Eu acho que esse entendimento do profissional que está em processo de formação, do futuro profissional no campo da Biblioteconomia, especificamente que é o campo onde o atuo, ele é cheio de dificuldades. Primeiramente, porque é preciso que ele perceba que o processo de formação é um processo contextualizado. A gente não pode de forma alguma entender e separar dentro da nossa prática do próprio processo formativo a ideia de teoria e prática. Então, a questão da práxis, ela é muito importante para isso. Então, para entender e ir desenvolvendo um olhar fundamentado, um olhar mais comprometido com todas as questões, não apenas com a questão do ser profissional no sentido formal do termo com a preocupação de formar um profissional técnico que saiba trabalhar com as questões envolvidas com a informação, mas que acima de tudo, que tenha uma visão de contexto, que saiba exatamente onde ele está inserido, com que tipo de instituições ele vai estar se relacionando, com que tipos de usuário de informação ele vai trabalhar, e a gente sabe que isso demanda um processo formativo bem extenso e intenso ao mesmo tempo. E muito mais do que isso, comprometido. E eu vejo que os desafios sociais desse processo de formação, eles se dão, basicamente, por conta, às vezes, por uma falta desse olhar, de uma falta de percepção, às vezes, tanto do professor desenvolvendo as atividades como por parte do aluno, que às vezes também não busca esse entendimento e essa visão da práxis na atuação dentro de um mercado, que a gente sabe que tem todas as suas características, mas que a gente também tem que entender que esse olhar estar voltado para as questões sociais, também é de fundamental importância. Então, eu vejo que são grandes os desafios. Inclusive, tem muita coisa que a gente precisa ainda repensar e tentar refazer e ressignificar o nosso olhar, ressignificar a nossa atuação para que a gente possa, efetivamente, trabalhar como profissionais de um campo que pertence aí, dentro de uma grande classe, que é o campo das ciências sociais. Então, perceber isso de uma forma muito sensível e com muito cuidado, porque o que está em jogo não é apenas a formação de um profissional técnico, mas acima de tudo um profissional comprometido com o ser social, com o desenvolvimento disso dentro da sua prática.

Entrevistadora: Certo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Olha, Franciéle, essa é uma questão importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional e a gente lida aqui especificamente com o profissional da Biblioteconomia, também porque é um profissional que trabalha com a informação. E a gente sabe que trabalhar com informação existe um comprometimento muito grande, até

porque a informação, ela tem características diversas e dependendo da forma como você se apropria dessa informação e como você compartilha ela, isso vai te levar a diversas atuações. E atuações bem diferentes com possibilidades também bem diferentes. Olha, mas eu tenho percebido, por exemplo dentro da minha realidade, um débito muito forte com relação a essa questão. A gente não vê efetivamente... eu não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática uma discussão consistente voltada para essas questões que você aponta nesse momento dentro dessa questão. Eu acho que é preciso um olhar reconfigurador para o nosso currículo para entender que a nossa ação, ela está muito além de uma ação pautada apenas no acesso ao livro. A nossa ação, é uma ação pautada, especificamente, com um compromisso com o outro. Então é uma visão especificamente voltada para o entendimento de que a informação, ela é alteritária. Então, trabalhar com esse aspecto da alteridade, ela tem sido um ponto dentro de uma agenda que tem sido exigida dentro de um caráter urgentíssimo. A gente não pode fechar os olhos para essa questão, a gente sabe que isso faz parte do nosso cotidiano, trabalhar com essas identidades, trabalhar com essas questões faz parte da nossa ação, faz parte do nosso viver cotidiano. E aí, a universidade e os cursos, eles precisam realmente estarem voltados para essa questão. Eu não tenho visto efetivamente acontecerem, nem mesmo visto levantamento de elaboração de políticas específicas, no que diz respeito ao currículo, para se trabalhar essa questão dentro de sala de aula. O que a gente percebe, às vezes, e mesmo dentro da minha prática, do meu discurso em sala de aula é trabalhar isso de uma forma transversalizada. Então, eu trabalho isso... eu venho trabalhando isso, essa questão com os meus alunos em sala de aula, dentro de grupo de pesquisa, mas eu percebo que é muito pouco, que a gente precisa ter uma percepção muito mais coletiva, talvez criar uma consciência coletiva da importância disso, no envolvimento de todos os profissionais, todos os alunos e das pessoas que se comprometam em, sinceramente, reconfigurar o seu olhar e ressignificar as suas ações em relação a essa percepção. Ainda é pouco o que vem acontecendo, eu acho que isso precisa ser visto de forma mais consistente. E a gente precisa, é claro, começar com uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia, que é uma coisa que a gente já vem fazendo, inclusive, começando dentro do nosso curso exatamente para que possa ter uma... Como eu sempre gosto de falar: ressignificar essa nossa ação, esse nosso modo de ver.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Pois é. Então, como eu já havia dito: não. Eu não tenho percebido isso efetivamente. A gente sabe que dentro da questão do currículo existe este currículo que realmente é praticado dentro das escolas e a gente ver aquele currículo oculto. Então, dentro desse currículo efetivamente praticado, eu vejo pouca coisa acontecer ou quase nada. Como eu falei para você, algumas atitudes isoladas de alguns docentes, de alguns colegas professores e dentro do seu discurso, dentro da sua visão em sala de aula transversalizar esse conteúdo, mas não é feito especificamente nenhuma ação voltada, No que diz respeito ao enfrentamento realmente dessa temática como uma disciplina, por exemplo, um componente curricular que a gente não tem. Mas a gente tem, por exemplo, alguns componentes curriculares como, por exemplo, quando a gente trabalha a questão da mediação da leitura e que a gente tem, por exemplo, práticas de profissionais... e não digo especificamente professores, mas de profissionais que são chamados para compartilhar de suas experiências com a gente e de serem colocadas essas questões e

essa preocupação voltadas para essas políticas. Efetivamente ainda não. É um caminho ainda a ser percorrido, é preciso repensar isso e é preciso de forma urgente a gente trabalhar. Mas realmente efetivamente, eu não tenho percebido isso não.

Entrevistadora: Certo, Professor.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Olha, o que eu tenho tido contato... tenho tido muito contato ultimamente, especialmente, porque eu estou trabalhando agora um trabalho de pesquisa nível de doutorado. E aí, eu tive então que me ausentar um pouco das minhas atividades docentes na minha instituição, considerando que eu estou de licença de quatro anos para poder desenvolver a pesquisa de doutorado que comecei agora, mas que também não tem relação com essa questão, com essa temática. Mas eu tenho visto, por exemplo, colegas trabalhando muito esta questão aqui no doutorado, tem tido uma discussão muito acentuada disso de alguns autores que têm sido apresentados dentro deste contexto, mas especificamente na minha prática docente tive contato com autores de língua portuguesa, africanos, mas que trouxeram uma percepção, uma sensibilidade, vamos dizer assim, para o entendimento dessa questão. E tenho trabalhado também, um pouco... Mas a título de curiosidade mesmo, de ter ido buscar dentro dos estudos culturais alguns autores que trabalham com esta temática específica tanto na questão das africanidades, da cultura negra, como também na questão de gênero e tenho lançado isso. Então, eu tenho sim ido buscar outros autores, tenho colocado isso dentro do meu acervo de informações e de conhecimento, para eu poder movimentar um pouco essas ideias e trabalhar um pouco essa dimensão também enquanto aluno de doutorado e também futuramente enquanto Professor formador de bibliotecários.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Ah, tá bom! Quero sim. Eu acho que são oportunidades como esta, Franciéle, que a gente tem de conversar um pouco, mesmo que seja por um curto espaço de tempo, mas que acrescenta muito dentro desse nosso processo formativo. Eu acho que a tua pesquisa, essa tua iniciativa, juntamente com seu orientador, de trabalhar com essa perspectiva dentro do campo da Biblioteconomia, e isso alarga muito as possibilidades da gente entender qual é o universo e qual é o campo de atuação desse profissional. Eu acho que isso tira um pouco o estigma, acho que ajuda muito até mesmo as pessoas entenderem que aquela imagem, daquele profissional que era o guardador de livros, o guardador de tesouros, essa imagem, ela foi com o tempo sendo repensada, sendo reconfigurada. Claro que eu ainda concordo que a gente trabalhe sim dentro dessa dimensão, porque é importante trabalhar os processos de organização de informação para que se possa possibilitar o acesso. Agora também a gente precisa pensar dentro de outras esferas e de forma alguma isso nos impeça de ver como é rica essa nossa seara e esse nosso campo de formação e esse nosso campo da prática. Então, para mim tem sido, assim, bem importante esse momento, porque também para mim é um momento formativo. É um momento de Formação, porque me ajuda a refletir sobre essa questão tão importante para demarcar esse espaço de atuação do profissional. Então, trabalhar com essas questões, com todas essas políticas voltadas para... tanto para cultura negra, como para questão de gênero, como para a questão das etnias, eu vejo isso de uma forma muito

positiva, tá? Então, é muito salutar, é muito importante discutir isso, é importante pesquisar isso. Então, assim, dar os parabéns a você por esse trabalho e meus votos que seja um trabalho maravilhoso e que a gente possa ver frutos dele o mais rápido possível, viu? Muita sorte, um bom caminho, trilhe um bom caminho, certo? E depois eu quero saber, então, das novidades e dos resultados da sua pesquisa, viu?

Entrevistadora: Com certeza, Professor! Eu vou parar a gravação aqui. Eu agradeço pela sua participação.

Entrevistado 6 – Universidade Federal – 20.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Os desafios sociais?

Entrevistadora: Isso.

Eu acredito que os desafios sociais da formação do bibliotecário e da bibliotecária nos dias de hoje estão voltados para as questões mais inclusivas na sociedade, sendo que diz respeito às questões de sexualidade, de raça, de gênero, religião e acessibilidade também. Daí os desafios dos bibliotecários é que as Universidades, as escolas que formam esses profissionais e essas profissionais, algumas delas não estão se dando conta da importância de inserir essas discussões durante a formação desse profissional e dessa profissional. E aí, os desafios dessas pessoas no mercado de trabalho fora da universidade é como que ela vai tratar essas informações, sobretudo as informações, nesse contexto para um tipo de usuário ou para usuários específicos. Então é seu grande desafio: sair com um pensamento da diferença e tentar promover, de alguma forma, essa inclusão no seu ambiente de trabalho, quer seja na biblioteca, na universidade ou em qualquer unidade de informação.

Entrevistadora: Certo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

No curso de Biblioteconomia, eu acho que em todas as escolas existe uma disciplina que é. Ação cultural. E aqui na universidade, essa disciplina é ministrada como disciplina obrigatória, e aí, a questão da Cultura Africana e Afro-brasileira, ela é falada... só falada e citada, assim como é falado da formação dos caipiras, dos ciganos, da formação da população branca para a contribuição do país. Então, nessa disciplina só é citado nesse momento. Só que com a mudança do PPC... antes da mudança do PPC, na verdade... Eu entrei na universidade em 2015, em 2016 existia uma disciplina, que ainda existe que é do núcleo livre, que é chamada "Letramento informacional na biblioteca escolar". Aí, depois da minha entrada na universidade, conversando com a professora que já ministrava essa disciplina, porque na época eu estava cursando umas disciplinas de doutorado, e aí, eu ficava dando aula aqui e cursando uma disciplina ao mesmo tempo. E aí, a gente dividiu a disciplina para eu poder ficar mais tempo no Rio e quando voltar pegar metade da disciplina. E aí, a gente criou uma metodologia que algumas atividades da disciplina, os alunos e alunas deveriam ir nas bibliotecas, em uma biblioteca qualquer e fazer algumas perguntas ao Profissional ou a profissional que estava lá. E aí, a gente criou, dentro dessas atividades, a importância do aluno ou da aluna verificar se existiam materiais dentro dessas bibliotecas, se existe acervo bibliográfico que contemplasse a lei 10639. Porque dentro dessa disciplina, eu comecei a discutir sobre a importância dessa lei e da formação da bibliotecária e do bibliotecário. E nesse momento, as alunas e os alunos começaram a verificar a existência desses materiais a partir do que a lei contempla, que são materiais que possam dar visibilidade... estás ouvindo?

Entrevistadora: Estou! Estou ouvindo!

Entrevistado: Parou tudo!

Entrevistadora: Peraí. Estou te ouvindo agora. Materiais que possam dar visibilidade...?

Entrevistado: ...Visibilidade às culturas africanas e afro-brasileiras no país, no Brasil. Depois disso, começou a ter uma... Antes disso, já existia uma discussão sobre a mudança do PPC do curso. E aí foi criada uma comissão... na verdade, existia uma comissão muito grande, porque são poucos professores na universidade. Aí precisava de professores para constituir, de fato, o NDE, que não existia, mas não existe aquele grupo específico. Daí a gente começou a discutir sobre a inserção de novas disciplinas, mudar a área de concentração, e aí nessas discussões, eu levei a pauta da inserção de uma disciplina que pudesse contemplar essa temática. E aí, diante de várias discussões dentro da formação na luta para aprovação desse PPC, a gente conseguiu a aprovação de uma disciplina, uma disciplina específica que aborda é essa temática. Daí essa disciplina já foi ministrada no ano passado. Então, aqui na nossa universidade, no nosso curso de Biblioteconomia, eu posso dizer que de forma efetiva, o corpo docente se preocupa e tem se preocupado com a formação do bibliotecário e da bibliotecária frente às transformações que se referem às discussões de raça e gênero.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Dentro do curso específico ainda não existe. Eu desconheço. Eu não posso dizer que não existe, eu desconheço. Eu não sei também se é porque eu estou um pouco tempo na universidade, há três anos na universidade, mas até o momento não teve nenhuma discussão que eu pudesse fazer parte e compreender se existe ou não. O que tem, de fato, como a universidade aqui, ela é dividida entre faculdades... a faculdade que o curso de Biblioteconomia está é dentro da Faculdade de Informação e Comunicação, que junta os cursos de Gestão da informação, Biblioteconomia, Relações Públicas, Jornalismo e Comunicação. E aí, existe uma direção para essas faculdades. Dentro da Direção, existe um Comitê, que é o Comitê de Ações Afirmativas e esse Comitê é coordenado por uma professora do jornalismo, e aí, ela tem buscado participação de integrantes de diversos cursos. Essa é a que, até momento, eu tenho conhecimento, mas é para todos os cursos. Não é desenvolvido pelo corpo docente da Biblioteconomia.

Entrevistadora: Certo, Professor.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Dentro do curso de Biblio?

Entrevistadora: Pode ser dentro do próprio curso, mas também pode ser, por exemplo, que o Senhor conheça. Indicar fontes bibliográficas, autores que o senhor conheça a respeito da temática e que, talvez, o senhor faça a inserção dentro das disciplinas que o senhor comentou...

Entrevistado: Tá, não vou dizer tudo, mas vou dizer as mais importantes (risos).

Entrevistadora: Certo.

Entrevistado: Para graduação, a gente... como é o primeiro momento que esses alunos e essas alunas estão discutindo sobre esse tema de raça e desenvolvimento de um agente político que tem contribuído muito para a inserção dessa temática dentro da Educação, eu tenho trabalhado muito com o surgimento e a criação do movimento negro brasileiro e as suas contribuições. Aí, para esse tópico específico, a gente tem trabalhado muito com o Amauri Mendes, Abdias do Nascimento, Lélia González... eu estou tentando trazer

à memória os mais clássicos e o filho do Amauri Mendes... Como que é o nome dele? Amílcar Pereira. Que faz um percurso... publicou um livro, uma tese sobre o mundo negro, e aí, apresenta todo o contexto do surgimento do movimento negro contemporâneo, e aí, por diante. Então, para discutir raça, a gente tem trabalhado com Kabengele Munanga, que trouxe para o país... Ele não é brasileiro, mas trouxe para o país uma discussão muito importante dessa mistura, dessa compreensão da construção de raça e a importância que o movimento negro se utilizou desse conceito a partir de uma posição política e social, entre outros. E aí, para poder a gente trazer para dentro da Biblioteconomia, a gente precisa trazer outros conceitos e tentar fazer algumas ligações. E para essas ligações, no sentido de mediar essas informações, no sentido de facilitar o tratamento dessas informações para um tipo específico de usuários, que é a população negra, a gente tem trazido também os conceitos de mediação da informação, pelo Miranda, o que se fala sobre comportamento informacional e estudos de usuários pela Campello. E aí, precisamos trazer a discussão de raça nesse sentido. O que é importante também, principalmente nessa disciplina que a gente utiliza muito, são os materiais e as Produções científicas da Professora Mirian Aquino. A Professora Mirian Aquino, ela não é bibliotecária, acho que ela é pedagoga, mas ela tem contribuído muito para a Ciência da Informação e Biblioteconomia. Ela era professora da Paraíba quando ela estava em exercício, e aí, quase todas as produções da professora na Pós-graduação em Ciência da Informação e também seus orientandos, tanto de graduação, quanto de Mestrado e de Doutorado, tem desenvolvido materiais que nos ajudam a refletir sobre a posição do bibliotecário e da bibliotecária e do cientista da informação e da cientista dentro do campo das relações raciais. Então, quase todos os artigos dela que falam sobre a inclusão do negro e da negra na sociedade da informação, herdeiros intelectuais dela como o Henry, que vem discutindo o conceito de informação étnico-racial, o Jobson e a Leyde Klebia que utilizam também o conceito da informação étnico-racial dentro de suas abordagens de pesquisa. Porque dentro da Biblioteconomia, é muito importante a gente apresentar para nossos alunos e nossas alunas referências de profissionais e bibliotecários e bibliotecárias que já venham discutindo esse tema. E esses são alguns dos trabalhos de referência. Os meus trabalhos também durante a graduação, trabalhos de algumas amigas minhas, o trabalho da Francilene Cardoso, que fala sobre o negro dentro da biblioteca, da biblioteca pública. E aí, esses são alguns materiais que a gente tenta discutir em sala de aula e possibilitar um olhar crítico para esses alunos e essas alunas a tentarem a seguir o mesmo caminho, tentar inserir essa população que, por muito tempo, está invisível no que se refere ao acesso à informação. De projetos, existiam os projetos da professora Joselina, com um projeto financiado pelo PIBIC, do CNPQ, que avaliava os acervos das bibliotecas escolares lá do Ceará, avaliava também os acervos das bibliotecas públicas no que se refere à lei 10639. Também existem outras experiências no sul do país que existem na UDESC, que vem trabalhando de forma efetiva também na inserção dessa temática na Biblioteconomia. E aí, a gente utiliza vários artigos das pesquisadoras e dos pesquisadores daquela universidade, sobretudo aqueles artigos que falam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB. E aí, é muito importante a gente apresentar para os nossos alunos e nossas alunas essas experiências significativas de que o bibliotecário e a bibliotecária podem trabalhar nesses lugares e contribuir de forma efetiva para o acesso da informação. Ah, e na “Universidade F” também existe uma disciplina. No PPC, fala que existe uma disciplina de Africanidades, alguma coisa do tipo, mas na prática de onde eu venho, eles não tinham essa disciplina. Então, a professora Joselina, militante do movimento negro em nosso país, ela tem feito a disciplina de “Informação e Movimentos sociais”. E nessa disciplina, a gente tinha discutido sobre a importância do movimento negro, das questões de raça, e aí, inseria os

conteúdos da Biblioteconomia, mesmo ela não sendo bibliotecária. E por isso que os seus herdeiros intelectuais, que sou eu e algumas amigas que são bibliotecárias, que continuam discutindo a temática. Então, a partir de um grupo de pesquisa dentro da universidade, coordenado por essa professora e a de uma disciplina também ministrada por essa professora, que despertou o olhar e a preocupação em também discutir a temática.

Entrevistadora: A professora Joselina faz parte do corpo docente de Biblioteconomia?

Entrevistado: Da UFC. Universidade Federal do Ceará que hoje... Na época era Universidade Federal do Ceará que fica em Fortaleza, e aí, abriu um Campus em Juazeiro que é no interior, aí era Universidade Federal do Ceará Campus Cariri. Hoje não é mais Campus Cariri, hoje é Universidade Federal do Cariri. E lá, tem curso de Biblioteconomia também.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

O comentário que eu tenho é só agradecer por fazer parte dessa pesquisa. te parabenizar enquanto pesquisadora e mulher negra por ter assumido essa causa, essa ação política. Que é uma das formas que eu acho que.... Já que a gente não está naquela militância no dia a dia, nas passeatas, a gente pode militar de outra forma que é na produção de conhecimento. Então, eu te parabeno por ter assumido essa causa e estar discutindo este tema dentro da ciência da informação, que a gente vê que somos poucos, a gente tem pouco material, poucas pessoas trabalhando com esta temática. E aí, por esse “boom” das ações afirmativas, a gente está vendo que tem muita afroconveniência, pessoas querendo discutir a temática, porque existem algumas bolsas, alguns “privilégios”, segundo eles, e aí, querem inserir. No seu caso, a gente percebe que não parte desse princípio, você acredita pelo pouco que te conheço, eu acredito que você está discutindo justamente para tentar dar visibilidade a essa população, ainda mais na formação, que é muito importante. Na nossa formação enquanto bibliotecários, a gente não teve essas oportunidades por conta de uma sociedade muito racista. Então, eu te parabeno por ter assumir este compromisso, por estar desenvolvendo essa pesquisa para tentar apresentar para a sociedade científica, para a sociedade bibliotecária que é necessário existir uma mudança no comportamento do corpo docente das universidades, dessas escolas para inserção de disciplinas dentro do curso que representem a população de uma forma geral. Todo tempo, todos esses conteúdos que a gente tem desenvolvido.... Caiu aí?

Entrevistadora: Eu estou ouvindo.

Entrevistado: Travou, né?

Entrevistadora: É. Deu uma travadinha na imagem, mas eu te ouço. Voltou.

Entrevistado: Ah, sim. Onde é que eu estava, que eu esqueci?

Entrevistadora: Estava falando sobre ser bem visto na sociedade...

Entrevistado: Então, a Biblioteconomia, ela tem sido um conhecimento muito eurocêntrico e privilegiado vários outros conteúdos, e aí, a gente precisa de materiais como a sua dissertação que possam denunciar. Denunciar a existência dessas práticas que não estão inserindo ou estão, a gente vai precisar ver.... A gente sabe que não está, mas o seu trabalho aqui vai dizer isso, já que está sendo a nível nacional. Mas assim, vai ser muito importante, porque aí, eles vão perceber e elas vão perceber que: - Poxa, a

gente precisa inserir. Existe uma população que têm necessidades informacionais diferentes, e aí, a gente precisa inserir esse público. E aí, a minha universidade, quando sair essa tua pesquisa, quando ela for publicada, eu vou dizer: - Nossa! De todas essas, a minha não contempla. O que eu posso fazer para contemplar essa temática? Então, eu acho que vai mexer um pouco com a estrutura dessas escolas, com essas pessoas, com essas professoras e com esses professores para inserir, de alguma forma, essas discussões. Então, eu parablenizo.

Entrevistadora: Obrigada, Professor!

Entrevistada 07 – Universidade Federal - 20.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Os desafios sociais?

Entrevistadora: Exato!

Entrevistada: *Franciéle, então, eu vou conversar com você no lugar de professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos e por que estou sentindo isso? Porque a configuração de uma matriz curricular, ela deve estar inserida no contexto geográfico e geopolítico da cidade onde o curso se insere e isso acaba sendo um determinante até para algumas escolhas teóricas e metodológicas em relação ao modo como a gente vai trabalhar a formação do bibliotecário que para essa região. Por que estou fazendo essa introdução? Aqui em São Carlos, a universidade, assim como os cursos que pertencem a ela de uma maneira geral e sem exceção o curso de Biblioteconomia, eles estão sob o guarda-chuva, não sei se esse é o melhor termo, do discurso da Inovação e do Polo tecnológico e do empreendedorismo, isso não significa que eu concorde com esse discurso, mas a região aqui acomoda um conjunto de características na sua história que a caracteriza como sendo este tal Polo tecnológico. Então, os alunos, e eles já vêm um pouco com esse entendimento para a [Universidade Federal] e para o curso de Biblioteconomia, de que eles vão ter um curso eventualmente mais focado para tecnologia, onde a perspectiva social, infelizmente, não é a prioridade nem da matriz curricular, nem dos discursos dos docentes. Mas, então, agora tentando responder a sua pergunta. E aí, como formar, como preparar esse bibliotecário que vem com esse... esse graduando que vem com essa expectativa e se deparar com o curso que vai prepará-lo para o mercado, para o uso de tecnologias a se atentar para a perspectiva social? Então, talvez em outros cursos essa barreira não esteja tão distante, aqui eu identifico um pouco essa dificuldade a priori, né? Não estou dizendo que os alunos não são sensibilizados para as questões sociais, eles são. Mas em um primeiro momento, a identidade que eles buscam construir fazendo este curso não é necessariamente a social. Mas, já no primeiro ano, na própria disciplina de “Fundamentos da Biblioteconomia”, eu ministro essa disciplina e eu tento, na medida do possível, apresentar o social como ponto de partida, o usuário como ponto de partida, comunidade como contexto de prática profissional, atuação profissional bibliotecário. Então, nesse primeiro semestre, eles desconstroem um pouco esta expectativa como a disciplina de Fundamentos. Então, é um exercício pequeno ainda, ele é sutil para não assustar tanto os alunos que estão chegando, mas assim, eu só gostaria de deixar claro, que a gente identifica a necessidade de inserir o futuro bibliotecário nas problematizações sociais. É dali a origem, né, da nossa prática, dos nossos desafios profissionais e, neste caso, por conta deste contexto que eu te apresentei, a gente tem um pouco que conter umas expectativas até dos alunos que vem, às vezes, procurando um curso um pouco mais de TI e a gente tem que mostrar que não é só isso. Na verdade, o ponto de partida é outro. Então... se você quiser até recuperar a pergunta, por favor, deixa eu ver até se nessa minha conversa toda eu a respondi.*

Entrevistadora: Tá. Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Entrevistada: *Isso. Então, eu falei um pouco dos desafios locais, mas existem... aí para a gente pensar nos desafios nacionais, eu vou tomar com experiência e vou falar acho que talvez em outra oportunidade dessa disciplina... Eu ministro uma outra disciplina*

chamada “Leitura e Cultura”, já no segundo ano, onde a gente discute acho que muitos aspectos que tem relação com a sua pesquisa, mas eu só vou destacar um agora, em um dado momento dessa disciplina, Franciéle, nós fazemos um estudo... que parece que a gente volta lá no ensino médio, fundamental e a gente vai estudar os estados brasileiros, as características destes Estados, a configuração da matriz cultural desses estados e pensar as particularidades regionais até do país, procurando entender como os desafios dessa prática profissional social, elas precisam... como esse profissional, ele precisa entender essas diferenças, essas nuances do nosso país, da nossa configuração cultural. Então, nesse sentido, eu entendi começando a atuar na frente desta disciplina que, pensar a formação do bibliotecário para trabalhar com o contexto social no Brasil, faz parte deste processo primeiro tentar lembrar a este aluno que é o Brasil mesmo: quais são as suas características, particularidades, diferenças, recuperar a sua matriz indígena, sua matriz africana, sua matriz europeia e entender as hegemonias que foram colocadas na construção desse nosso país e tentar... realmente, a pergunta que caiu na prova foi muito próxima a essa, né? Então, qual é o seu desafio como futuro profissional, como futuro bibliotecário para atuar neste contexto, neste País então híbrido, com estas características tão particulares e diferentes de região para região? Então, o que eu responderia talvez de um modo mais pontual é reorientar estes alunos para uma compreensão mais arraigada do que é o próprio país, das sutilezas que fazem parte da construção dessa nossa matriz cultural que não é determinada, ela é flexível e ela é dinâmica. E isso nos coloca um desafio muito grande para trabalhar com a sociedade, né? Então, enfim, eu acho que é um pouco por aí.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Bem, no que diz respeito, então a esse contexto que eu te apresentei, talvez pelo fato de eu estar envolvida com estas disciplinas pontualmente, Franciéle, eu tenho realmente refletido, porque essas disciplinas, principalmente “Leitura e Cultura”, elas entraram só agora no nosso currículo, só em 2013. Então nós começamos a ofertá-la em 2014, então são quatro anos de oferta, ainda é muito pouco, né? O aluno, o nosso aluno não discutia cultura até então. O curso já tem 20 anos. Então, nós estamos começando a construir o discurso para... sabe? Começando a construir um ambiente... nós estamos começando a sensibilizar os alunos para a gente começar a discutir questões como essa da nossa afrodescendência, nossa cultura indígena e etc. Porque, até então, isso não aparecia nem nos diálogos em sala de aula. Se você for analisar a própria matriz curricular isso não está explícito lá na ementa da disciplina e nem na bibliografia. Isso está sendo uma construção da sala de aula para depois a gente conseguir ir com mais propriedade e fazer uma formulação curricular e introduzir, de fato, bibliografias e conteúdos de ementas para que isso faça parte pedagógica mesmo da formação do bibliotecário. Mas, nesse primeiro momento, a gente está começando a fazer estas construções no nível do diálogo só. E aí, Franciéle, o que eu percebo nesses três anos de oferta da disciplina é um despertar desse aluno para querer entender melhor essa nossa natureza, essa nossa matriz que é tríplice, né, ela indígena, ela é africana e também é europeia, e como é bem interessante o resultado, no final dessas discussões, de como os alunos acabam saindo mais... não só sensibilizados, mas mais... eu não sei se ousados ou mais determinados a tentar fazer alguma mudança como profissionais. Querendo entender... e eles se sentem também, isso tudo eu estou falando de percepções, não é nada que está mapeado e nem escrito, tá, Franciéle? Quando também que eles ficam impactados com as revelações que eles mesmos constroem. Então, quando eu peço na disciplina de “Leitura e Cultura”, que eu quero um seminário sobre literatura africana, eles começam até querer

questionar: - Mas p que é esse africano? Do que nós estamos falando? E até essa construção da literatura africana soa estranha no primeiro momento, porque a gente só aprendeu literatura portuguesa, não é verdade? Assim, na nossa escola, etc e tal. Então, quando eu peço um seminário sobre a literatura indígena, mas não a literatura sobre indígenas, sim a literatura nativa escrita por indígenas, soa também um estranhamento e esse impacto no aluno, de que ele se sente, e eu também me sinto assim, a gente se sente ignorante sobre nós mesmos, né? Então, a gente fala: - Nossa, como eu estou aqui na universidade, e eu não tive contato com nenhuma obra africana de literatura? Como? Como? - Eu estou aqui me formando bibliotecário e como que eu, como futuro bibliotecário brasileiro, desconheço autores nativos indígenas? Porque eles estão escrevendo, né? Então, eu acho que esse incômodo, não sei se é a melhor estratégia, não sei se é a melhor forma de introduzir esses assuntos, mas eu acho que esse incômodo ele está sendo muito saudável. Porque depois no final das conversas e das apresentações e das revelações que aparecem durante as disciplinas em relação aos autores, às obras e tudo mais, eu realmente, eu vejo que os alunos, eles ficam bem mais expandidos para saírem depois de formados para pensar... pode ser um sistema de classificação, eu acho que eles não vão pensar mais da mesma forma. Pode ser uma exposição de fotografias no hall de uma biblioteca, eu penso que eles estão mais sensibilizados e preparados para lidar com isso. Então, o que eu faço pontualmente não é nada demais. É só trazer os assuntos para sala de aula e quem faz, de fato, são eles. Na medida em que ele se sente indagados a querer saber o porquê sim e porquê não deles conhecerem a cultura africana ou a cultura indígena. E aí, eles acabam levantando o que eles querem saber, trazem para sala de aula e, a partir disso, a gente vai revelando esses saberes que estavam ocultos. Não sei se escondidos, mas eles não estavam tão evidentes assim. Então, nesse sentido, o esforço de tentar preparar este bibliotecário para uma discussão mais de... que contemplem essas nossas matrizes não só portuguesas, mas africanas e indígenas se dá mais ou menos desta forma. Certo?

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Oh, Franciéle, então, isso não só no contexto do curso de Biblio, eu posso falar no âmbito da universidade, né? Então, a [Universidade Federal], ela tem... não só a [Universidade Federal], mas como todas as federais, mas a Política de ações afirmativas da [Universidade Federal] funciona muito, Franciéle. A [Universidade Federal], ela tem destaque Nacional pelos projetos de extensão que ela desenvolve. Não sei se a gente tem isso um pouco mais mapeado e isso acaba virando um indicador mais substancial na hora da gente ser comparado com outras universidades, mas a [Universidade Federal], ela tem um destaque sim pelas políticas inclusivas. Não só no discurso, mas isso pode ser confirmada até por conta do número de projetos e de relatórios que ela desenvolve. Então, ela tem políticas de ações afirmativas que respeitam aí toda uma política nacional de inclusão e etc. e ela tem também o movimento já bem consolidado, embora isso ainda não esteja tão bem desenvolvido a nível nacional, mas a [Universidade Federal] também tem pensado com as políticas de ações afirmativas para pós-graduação e eu sei e acho que só no Rio e em uma outra instituição isso tem sido... que tem conseguido se oficializar, né? Mas a gente já fez discussões até aqui no nosso próprio Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, que começou em 2016, como ajustar os nossos processos seletivos para incluir as discussões e as possibilidades de entrada de

candidatos por outros caminhos que não só pelo processo seletivo convencional, enfim. Então, a gente tem alguns avanços. Os colegiados discutem essas políticas, tanto para graduação como para pós-graduação, embora a gente ainda não tenha um documento oficial das ações afirmativas para pós-graduação. Aqui na [Universidade Federal], a gente tem, pensando em projetos que você sinaliza, a [Universidade Federal], ela tem muitos programas de educação tutorial, dentro desses, ela... no último edital de abertura de programas PET, ela conseguiu a aprovação de alguns programas interdisciplinares que são o PET Conexões Indígenas, PET de Economia Solidária, tem um Pet Conexões também, que são projetos... que como eles acomodam os diferentes cursos, eles têm discutido bastante a... são PETs que permitem fazer, não só uma discussão disciplinar, mas trazer os desafios da formação do graduando para a sociedade, para a... não vamos nem usar esse termo minoria, porque não somos minoria, né, Franciéle. Na verdade, isso tudo é uma grande... somos todos uma grande maioria de brasileiros aqui, mas, enfim. Então, acho que nós temos também esses programas de educação tutorial que têm características diferenciadas. No que diz respeito a portarias, eu não saberia precisar algum número de portarias, de algum regimento específico, mas eu acho que ela tem também uma... Como a gente já tem um vestibular indígena, já tem quase sete anos, aproximadamente, que esse vestibular indígena começou, a universidade dispõe de um grupo significativo de profissionais que tentam apoiar esses ingressantes indígenas para que eles se mantenham na universidade. Eles fazem um acompanhamento muito de perto desses alunos tentando mantê-los na universidade, independentemente da bolsa que governo federal, às vezes, disponibiliza para ajudá-los. Mas, assim, eu acho que é uma universidade que ela, embora ela esteja naquele contexto inicial o que eu te falei das tecnologias e etc., por um outro lado, ela tem políticas bem significativas de ações afirmativas e de inclusão. E só para dar um destaque pontual em um projeto desenvolvido aqui na [Universidade Federal] por anos, nós tivemos uma professora das Ciências Sociais, eu já vou te falar o nome dela que agora me fugiu, que ela se tornou uma referência no âmbito nacional, justamente por defender a inclusão da literatura africana nas escolas e a carreira toda dela foi voltada para a produção desses materiais e da divulgação disso nas escolas. Eu vou recuperar o nome dela para te falar daqui a pouco. Se eu não me lembrar agora durante entrevista, depois eu te mando por e-mail o nome dela e o curso. Porque eu acho que na universidade, agora pensando um nome bem local, essa professora, como ela teve destaque nacional com essa questão, eu acho que é ela e os projetos dela que mereceriam ser cedidos como um exemplo diferenciado do que a [Universidade Federal] já fez em prol dessas ações humanas, justamente, aí... mas eu te passo já, já, Franciéle, fugiu agora.

Entrevistadora: Tá bom, Professora. Seria a Professora Petronilha?

Entrevistada: Isso. É ela! É ela!

Entrevistadora: É, eu reconheci. Professora, mas aí, pensando no curso de Biblioteconomia, então, nenhum desses projetos, nem o PET indígena, nem o outro que a senhora citou, eles têm ligação com a Biblioteconomia, né? Ele seria mais então, um projeto ou algum programa de extensão onde os alunos de Biblioteconomia, caso eles possuam interesse, eles poderiam participar?

Entrevistada: Franciéle, está cortando um pouquinho.

Entrevistadora: Vamos atualizar a página?

Entrevistada: Tá.

[Atualização da página da sala de conversa no *Appear.in*]

Entrevistada: Voltei. Estás me ouvindo?

Entrevistadora: Estou lhe ouvindo, mas eu não lhe vejo. Está conseguindo me ouvir direitinho?

Entrevistada: Está certinho. Então você estava retomando a pergunta da participação dos alunos de Biblio, né, Franciéle?

Entrevistadora: Isso. Que no caso, assim, os projetos e programas que a senhora citou são de outros departamentos ou até de outro lugar dentro da Universidade, em que os alunos de Biblioteconomia, caso eles desejem, eles vão poder participar. Mas não é algo realizado pelo curso de Biblioteconomia, né? Foi isso que eu compreendi.

Entrevistada: Isso mesmo, embora nós tenhamos até o próprio PET aqui, não é... o PET aqui, ele até tem, em alguma perspectiva, projetos de extensão voltados à comunidade e etc., mas está longe de ter esse eixo temático como projeto. Né? Então, o que eu tenho para te contar, Franciéle, embora não... eu acho que alguns alunos de Biblio, eles até desenvolvem um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso sobre o tema. Então, por exemplo, nós tivemos uma aluna chamada Pâmela, que ela fez toda uma leitura dos catálogos e de políticas de formação de coleções em bibliotecas universitárias buscando essa literatura africana. Então, pontualmente, nós temos alguns alunos que se interessam por isso e como voluntários vão buscar projetos na Universidade para se engajarem ou eles acabam desenvolvendo isso como seus objetos de pesquisa. Mas que o curso tenha Projetos, Programas pontuais sobre isso, eu lamento assim, eu acho que nós ainda precisamos chegar lá. Nós ainda não temos, viu?

Entrevistadora: Certo! Perfeito, professora. Era só realmente para deixar bem evidenciado.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Então, Franciéle, nós, como eu digo, assim, como a gente está começando a fazer esse movimento em sala de aula, eu acho que vai chegar esse momento em que... Agora que a gente já tem, talvez, aí uma primeira turma mais sensibilizada para essas discussões, acho que agora, sim, talvez a gente comece a produzir e indicar materiais para a gente colocar em sala de aula, para a gente colocar como objeto de pesquisa. Eu vou ser muito sincera, assim, tirando a professora Petronilha daqui e tenho conhecimento de pouca... ainda muita pouca coisa em relação a tudo que ela já produziu, nós não temos uma bibliografia de autores africanos para a discussão em sala de aula ou que traga discussões sobre o contexto africano. Isso não foi assumido como bibliografia. Como isso foi provocado aos alunos, eles trouxeram essas percepções. Muitas autoras até femininas do universo africano, trouxeram, mas... não que isso seja vista como uma bibliografia do curso a ser assumida. O que a gente estudou foram autores que ainda antecedem um pouco, talvez, essa discussão mais direta. Por exemplo, uma autora que a gente acabou estudando nessa disciplina foi a própria Carolina de Jesus sobre literatura marginal. Mas, enfim, o livro dela não está lá na bibliografia do curso, foi uma autora que os alunos identificaram e sentiram necessidade de conhecer um pouco mais o seu texto, mas nada muito direto e pertencente ao programa de grade curricular. Mas, o que eu estava dizendo anteriormente, é que nós acabamos estudando um pouco o próprio conceito de identidade cultural, do Stuart Hall; a gente estudou um pouco o próprio conceito de culturas híbridas do Canclini; a gente estudou um pouco o conceito de hegemonia

cultural do Gramsci, nós estudamos um pouco o conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu. Então, esses conceitos que foram estudados na disciplina de “Leitura e Cultura” para abrir o espaço para que essas outras literaturas, esses outros autores e essas outras bibliografias pudessem chegar até o nosso curso. Então, como eu digo, assim, a gente precisa chegar a essa pergunta que você me fez. E chegar... Logo ter condições de incluir esses autores ou essas discussões como bibliografia do nosso curso. Mas, por enquanto, a gente está numa etapa... essa etapa de entender um pouco o contexto de formação cultural, de formação desse nosso leitor brasileiro que é diferente dos outros lá fora para sensibilizar esses alunos de que nós precisamos trazer esses autores, essa literatura africana, indígena e etc. Então, a gente tem esse conjunto de autores que não são os autores que falam sobre cultura africana, mas que tem potencial, para que na hora que nós tivermos mais condições, mais conhecimentos... A gente precisa aprender ainda a identificar melhor esses autores e essa literatura para que, com tranquilidade, a gente assuma com mais propriedade esses saberes, essas publicações, que a gente consiga fazer isso de um modo apropriado, tá certo? E aí, tudo se intera com o que, de fato, acontece, tá? Porque eu poderia trazer aqui um conjunto de textos que a gente discutiu, mas, de fato, eles não se configuram ainda como leituras que a gente indica. Não é. A gente está ainda tentando ver como fazer esse movimento.

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Ahm, oh, Franciéle, agora como curiosidade, né? Vocês já identificaram...? Porque eu gostaria até de ter exemplos depois. Quando você terminar sua pesquisa...

Entrevistadora: Professora, está cortando. Eu não estou lhe ouço direito. Talvez se a senhora conseguir atualizar a página, talvez funcione melhor.

Entrevistada: Tá.

[Realizada a atualização da página Appear.in]

Entrevistada: Oh, Franciéle, o que eu estava dizendo é que eu, particularmente, me sinto um pouco isolada aqui fazendo essas discussões. Não sei se é porque eu estou no interior do estado de São Paulo. Então, assim, futuramente, com o avanço da sua pesquisa, se você puder compartilhar os resultados, se você tiver indicação de bibliografia para me passar, se você tiver indicação de atividades que eu possa desenvolver, né? Porque o máximo que a gente faz, quando você fala de projetos e de conteúdos na universidade, uma atividade final dessa disciplina de Leitura e Cultura é levar os alunos para a rua, mesmo. Então, a gente costuma ir para o São Carlos 8, que é um bairro que está há 4 km aqui com um índice de pobreza e violência que se compara a qualquer bairro periférico do Rio de Janeiro, assim, e estamos na capital da tecnologia, né? Então, a gente procura desenvolver essas atividades, seja de incentivo à leitura por mais simples que ela seja e a gente percebe a carência absoluta da comunidade, das crianças, principalmente, elas veem sedentas por qualquer tipo de acolhimento cultural e de leitura, assim. Então, geralmente, a disciplina, ela acaba com essa atividade, né? Mas isso ainda não é um projeto, como eu disse, é uma atividade dentro de uma disciplina que o curso oferece e o curso tem 48 disciplinas. Então, é ainda muito pouco, né? Eu reconheço que é um grão de areia nesse deserto todo nosso aí que é a formação de bibliotecários. Então, nesse sentido, o que você tiver de material, de experiência, de sugestão, eu realmente vou

aceitar de bom grado aí para a gente conseguir construir de modo mais estruturado essas discussões e formar melhor esse bibliotecário.

Entrevistadora: Perfeito, Professora, então, eu agradeço a sua disponibilidade de participar da pesquisa.

Entrevistada 8 – Universidade Federal - 23.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Ah, Certo. Bom, os desafios, principalmente se a gente considerar que quem forma os bibliotecários no país, hoje, são especialmente as instituições públicas é mesmo a questão da permanência. Apesar de que, a exemplo aqui de Goiás, a gente até tem um bom número de pessoas formadas todo ano, mas a gente percebe pelo próprio perfil do discente e da discente que entram são pessoas de baixa renda, então... Só um minutinho que eu vou ali fechar a porta, tá?

Entrevistadora: Uhum.

Entrevistada: Então, o perfil do nosso estudante de Biblioteconomia é de baixa renda. Então, a gente percebe uma dificuldade muito grande em se manterem no curso. Porque não basta o curso ser gratuito, eles têm um custo que é do transporte, da alimentação, muitas vezes, da moradia. É o que mais percebo aqui essa dificuldade. E uma outra questão também é que como são estudantes, em sua grande maioria vindo de escolas públicas, a gente percebe uma deficiência no próprio ensino público com relação à formação desse estudante que chega com sérias dificuldades, inclusive de escrita, de leitura. Então, eu vejo esses como os problemas mais graves com relação à formação.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Ah, tá. Só um minutinho. (Foi interrompida pela chegada de uma pessoa). Só um minutinho aqui, tá?

Entrevistadora: Uhum!

Entrevistada: Oi, Franciéle.

Entrevistadora: Oi, Professora.

Entrevistada: Desculpa, é porque como eu estou substituindo a direção e o programa de pós-graduação, então de vez em quando a gente... nós vamos ser interrompidas. Você pode repetir, por favor, a pergunta?

Entrevistadora: Não tem problema. Posso. Posso, sim. Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil, Professora.

Entrevistada: Bom, a gente já sabe que isso está na lei de diretrizes e bases, então, a gente... nós, os projetos pedagógicos dos cursos de uma maneira geral têm que possibilitar esse tipo de discussão, aí, nos nossos currículos. Então, a gente tem aqui a discussão que perpassa aí por algumas disciplinas e tem também uma disciplina optativa e que é ofertada esse ano que vai tratar, especificamente, desse caso. Não nessa... Porque outras disciplinas que a gente tem a gente fala. Por exemplo, a disciplina que eu mesma ministro que é “Teoria da Ação Cultural”, a gente vai tratar ali da questão indígena, da questão negra, até porque na formação da nossa Cultura brasileira se deve muito a esse povo. Então, aí, a gente vai perpassar por essa disciplina e pela disciplina de Sociologia ou uma outra, aí, a gente também acaba discutindo. Mas aí também tem, que faz parte do projeto político pedagógico, essa disciplina que é ofertada ano sim, ano não, que vai falar que ela é específica mesmo para tratar dessa questão negra.

Entrevistadora: Ela é oferecida ano sim e ano não?

Entrevistada: É. A proposta é ser dessa forma, porque é um currículo novo que a gente está acabando de implantar. Começou o ano passado, em 2017. Já ofereceu a uma turma sim. E outra possibilidade que a gente tem, é que além de ter essa disciplina própria, a gente ainda tem as disciplinas de ementa aberta que aí pode inserir o tema também. Mas todo ano, especialmente nessa disciplina de Teoria da Ação Cultural, a gente discute o tema.

Entrevistadora: Ah, tá bom.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Entrevistada: Você pergunta se a gente tem projetos aqui?

Entrevistadora: É. poderia ser projeto, poderia ser alguma legislação específica ou até mesmo uma resolução, algum instrumento normativo o administrativo que a senhora conheça dentro do curso.

Entrevistada: A gente tem aqui, nosso regulamento geral dos cursos de graduação, mas o regulamento geral dos cursos de graduação, ele obedece ao que prevê na legislação superior. O que tem a mais aqui na universidade são grupos, né? Grupos, por exemplo, aqui... eu sou... eu sou... não dá para ver, temos só o microfone, mas eu sou uma professora negra também. Eu sou uma professora negra, mas, só que assim, eu não participo dos movimentos, dos projetos que outros professores do próprio curso de Biblioteconomia, eles têm. Igual tem um professor aqui, o professor Erinaldo, que ele... o trabalho dele, inclusive ele está concluindo no doutorado, envolve a temática da questão negra e ele é um militante aqui dentro do curso. Então, ele participa, ele promove atividades, orienta trabalhos nesse sentido. Inclusive, por ele estar de licença, eu estou com os orientandos dele. Os orientandos que seriam dele, eu estou orientando sobre isso. Então, tenho dois orientandos que estão escrevendo sobre a temática: um aluno falando sobre a questão do homem negro e a questão da leitura no cárcere; e uma outra aluna que está estudando as competências informacionais do grupo Dandara, que é um grupo de mulheres negras aqui da universidade. Tem esses grupos, esses projetos aqui que é uma coisa mais institucionalizada pela Universidade e que a Biblioteconomia, ela participa muito justamente, porque há muitos estudantes negros aqui.

Entrevistada: Perfeito.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Eu posso indicar... Assim, agora, eu não sei de cor a legislação, né, o número. Se é a 12.000 não sei o que lá, por que é tanta legislação que a gente tem em vista... Mas assim, como eu falei para você, como eu não sou pesquisadora e militante dessa área, porque eu me envolvo muito com as questões relacionadas à formação de leitores e tudo mais, então eu trabalho muito com o que os colegas me indicam, né? Principalmente o professor Erinaldo que indicou, principalmente porque eu estou com esses estudantes. Mas uma leitura interessante que é uma mais voltada a área literária, mas que é produto de estudo de um dos meus orientandos é a biografia do Malcom X. Então, aí, gente tem lido, mas o que a gente tem se apegado muito são as legislações dessa área. Para essa

disciplina que eu dou o que é Teoria da Ação Cultural, eu utilizo o Darcy Ribeiro, que não é um escritor negro, não foi... não era negro, no caso, mas eu acredito que trata, apesar de algumas críticas até mesmo dos meus colegas que têm algumas críticas com relação ao Darcy Ribeiro, mas eu vejo que “O povo brasileiro”, a obra dele, traz elementos muito interessantes para a gente discutir aí sobre a questão indígena e a questão negra no país. Então, eu trago esse. E tenho um material também que foi produzido pelo MEC, que é o “Da Cor da Cultura”, que traz... tem documentários, tem vários vídeos aí que nos ajudam também no decorrer da disciplina.

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Bom, é só dizer que, como eu não sou militante da área apesar de ser negra, eu... claro, eu sou... vislumbro, estou junto, mas assim, a gente... A vida é feita de escolhas, então, eu tenho muito respeito pelos colegas, sou aberta a orientar trabalhos nesse sentido, me afeição e participo, na medida do possível, desse tipo de projeto. Sou uma das pessoas assim também que quando precisa votar, falar sobre, a gente tenta também colocar esse tema também em pauta, tendo a importância do movimento, claro, justamente por eu ser uma pessoa negra. A gente sabe muito bem dos preconceitos aí. Eu já sofri muitos preconceitos. Aqui, nós agora que somos... mas chegou o momento em que eu era a única professora negra do curso, então agora eu tenho outros colegas negros também. Então, aqui a gente tem as ações que eu não sou, vamos dizer assim, participante muito ativa igual aos outros colegas, mas que eu também participo. Mas eu sou uma pessoa que fico muito de olhos abertos em relação às ações que são desenvolvidas desse tema aqui na universidade, especialmente no curso de Biblioteconomia.

Entrevistadora: Perfeito, Professora! Eu agradeço pela participação e pela sua disponibilidade de tempo.

Entrevistada 9 – Universidade Estadual – 08.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

São muitos... Muitos, muitos desafios sociais, né? A formação do bibliotecário, penso eu, ela vem passando por uma atualização. Mas não uma atualização oficial músculos, tá? Ela vem passando por mais uma atualização, eu penso, por uma questão que tudo muda na sociedade em que os nossos estudantes, eles estão entrando com algumas... não são questões diferentes, porque sempre estiveram, né? Mas eu penso que os nossos estudantes, eles entram agora com uma questão um pouco mais forte, mais enfática da reivindicação do papel deles no mercado de trabalho, do papel deles enquanto bibliotecários. Então, têm dois lados aí, né? Para nós, docentes, isso é um desafio muito grande, porque nós temos que compreender e estar pensando e atuando no mercado também para poder dar aula, tá? E para os estudantes é muito difícil, porque enquanto você está na faculdade você não tem um distanciamento do que realmente acontece. E aí, quando você sai, na verdade, da universidade que é uma bolha, a gente não pode negar, a universidade, ela é uma bolha e é o papel dela também, né? ela não é uma bolha, mas assim, ela tem que ser uma bolha durante um tempo na vida de uma pessoa para que ela possa ter a sua formação. Então assim, quando ele sai ele se depara como uma complexidade muito maior. Então, eu penso que os desafios na formação do bibliotecário hoje são: nós podemos atualizar nosso currículo, ter uma vivência social maior, ter uma vivência com comunidades maiores, então assim, você ir, levar para viagem, ter uma relação, por exemplo, que seja em estágio, que seja... ou seja, não precisa necessariamente ser no estágio, mas ser uma relação com o campo profissional maior para que esse profissional, ele veja quais os desafios que ele tem que enfrentar. Porque quando nós saímos, nós sabemos que a gente pode trabalhar como profissional ou como pesquisador de ponta ou então com uma comunidade que não tem nem luz. Não é verdade? Então, você tem que fazer fichinha na mão ainda, tá? Então assim, esses desafios... todo mundo fala da sociedade da informação e está tudo informatizado, mas a gente sabe que não é assim, que nós fazemos trabalhos... por exemplo, eu estava fazendo trabalho como um assentamento aqui perto de Londrina numa cidade que se chama Porecatu e lá tem um assentamento e eles não tinham luz elétrica, a gente tinha que fazer fichinha, entende, para colocar lá, né? A gente estava fazendo uma... um trabalho com a biblioteca, que cuida da escola, é uma escola itinerante e, assim, não se tinha luz elétrica até três meses atrás. Agora que chegou a luz elétrica. Então como você vai, né? Ou seja, isso é um desafio, porque você também acha que só tem, né? Que tudo é informatizado, né? Não! Não é bem assim. Então, nós vivemos ainda numa situação muito dispare. Então, assim, os desafios são: você atualizar o seu currículo, continuar atualizando o seu currículo para novas e velhas abordagens, antigas abordagens que estão aí, tá?

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Formação do bibliotecário e possíveis relações com as culturas afro-brasileiras, quase nenhuma, né, querida? A gente sabe que não tem quase nenhuma. (risos). É muito difícil você falar de formação quando a gente fala dos aspectos mais humanísticos relação à Biblioteconomia, Arquivologia... Eu dou aula, né, na Arquivologia, na Biblioteconomia. Então, assim, é difícil nós pensarmos na formação em relação às culturas afro-

brasileiras. Por quê? Porque apenas recentemente, como nós sabemos, é que nós temos aí uma disciplina oficial que é “Cultura afro-brasileira”. A gente tem nos nossos cursos, e foi instituída, mas isso aqui na [Universidade Estadual], nós temos a cinco anos. São cinco anos que tem essa disciplina. Então, é um tempo muito curto ainda para você falar sobre essa formação. Não que ela não exista de forma... mais, digamos, informal dentro das disciplinas, mas ela, oficialmente, só vem recentemente. E as Universidades tiveram um tempo para se adaptarem. Mas o que, eu como professora, docente que também sou negra, uma mulher negra na universidade pública como, no geral, percebo? Nós não temos... Eu vou pegar pela minha experiência primeiro e depois como docente. Na minha formação não tive nenhuma, nenhuma perspectiva, nenhuma disciplina, nenhum professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Eu lembro de um episódio muito bem, quando eu estava em uma aula... hoje eu sou professora de classificação, de organização e eu estava em uma aula e perguntei sobre as religiões de matrizes africanas, né? E eu fui repreendida e eu estava no segundo ano na universidade. Porque eu perguntei sobre a umbanda, sobre o Candomblé e eu fui repreendida, porque isso é macumba, porque isso... bem essas expressões. Então, assim, na minha formação, eu não tive nenhuma. Se você não correr atrás por fora dessa formação, você não tem nenhum aporte ou pelo menos não tinha nenhum aporte em relação às culturas afro-brasileiras. Afrodescendentes, afro-brasileiras, não tinha nada. O que a gente faz é formar por fora. agora, no momento atual, nós temos uma disciplina que é a “Cultura afro”, que eu penso que é uma disciplina extremamente importante, tem que ter, mas ela ainda está muito deslocada da realidade do que é realmente a cultura afro e de como ela tem que ser inserida no curso de Biblioteconomia. E aí, eu não falo só da cultura afro, eu falo de todas as outras também, por que são lacunas que nós temos na nossa formação humanística, que não nos dá o preparo específico para, por exemplo, distinguir o que é cultura, distinguir outras etnias e, principalmente, a cultura afro, que é muito relegada no nosso curso. E isso nós não podemos negar, tá? Por exemplo, eu vou dar um exemplo aqui. nós temos um professor de história que veio ministrar essa disciplina aqui no nosso curso de Biblio e de Arquivologia. É muito importante para eles, mas como é um trabalho que é um professor que vem de outro departamento e insere esse conteúdo, fica difícil para os estudantes até se reconhecerem com aquela disciplina, quererem fazer trabalhos ou TCCs, digamos assim, desenvolverem TCCs sobre aquela disciplina, sobre aquela temática. Então, a gente tem uma dificuldade nessa inserção e nesse reconhecimento do estudante que a disciplina de Cultura Afro é extremamente importante. Então, assim, chega um momento em que ela é até tratada, assim: - Ai, vamos colocar isso no currículo, porque tem que colocar, é obrigatório. Mas para quê? Para que? Para a gente colocar isso? Todo mundo sabe que existe um povo da África, para que? Mas a gente tem a obrigação de colocar. Então, isso é muito bom...

Entrevistadora: Está me ouvindo professora?

Entrevistada: *Você está me ouvindo? Eu estou te ouvindo.*

Entrevistadora: Agora sim. Deu só uma cortadinha...

Entrevistada: *Ah, sim. Então, assim, é uma obrigação que eu acho que tem que ser obrigatória mesmo, né, porque você não tem nenhuma perspectiva de ser de outra forma, mas é obrigatória de uma forma, assim, que ainda os cursos e os currículos, eles tratam como uma coisa à parte. Então, assim, fica uma coisa meio descolada. Eu vou te dar um exemplo: desde 2011... eu trabalhei em outras universidades, mas desde 2011, eu trabalho na [Universidade Estadual]. Eu sempre quis ter um estudante que se interessasse pelo tema da cultura afrodescendente para estudar aspectos específicos,*

porque eu insiro muito... como eu trabalho com organização e classificação, não só, mas eu trabalho bastante, eu insiro isso dentro das minhas disciplinas. A gente está lá vendo, por exemplo, esquemas de classificação, a gente vai ver exatamente como é representado lá o negro, como ele está lá na CDD, na CDU, ou seja, eu sempre tento inserir. Mas nunca tive um orientando que quisesse estudar essas questões, agora como está sendo falado, não é verdade? Como as pessoas estão, assim, tendo um pouquinho mais de contato, digamos, assim, talvez por redes sociais, né? O contato a gente não pode negar, né? Está sendo mais falado e aí, eu tenho dois orientandos hoje. Um orientando de TCC e uma orientanda de mestrado que elas estão estudando questões relativas à escravidão e ao negro em algumas perspectivas na Arquivologia e na Biblioteconomia. Mas, assim, você não achava pessoas, justamente para desenvolver temas e isso passa muito por essa questão da valorização mesmo. Da valorização da cultura afrodescendente, da valorização do negro, do negro dentro da universidade, nós sabemos que nós somos extremamente poucos, não é verdade? De uns anos para cá é que nós temos algumas políticas, que não são as ideais, obviamente, mas que pelo menos elas inserem, elas têm um papel de maior inserção do negro na universidade, então isso traz... a universidade de 10 anos atrás era muito menos popular que a universidade de hoje. Ela é um pouquinho mais popular, não é verdade? Assim, a gente deu um passinho bem pouquinho, mas ela é um pouquinho mais popular que a universidade, por exemplo, de quando eu entrei em 2000, que não era nada popular, era totalmente elitizada. Só um minutinho, Franciéle. [Interrupção] Voltei, querida, desculpa!

Entrevistadora: Imagina, Professora.

Entrevistada: Então, eu estava falando das universidades, né, que elas são um pouquinho mais populares agora. Então, eu acho que isso também traz essas temáticas para dentro da universidade, né, porque nós somos públicos, mas não somos populares. Então, obviamente, como nós não somos populares, nós não trazemos temas da população e, principalmente da população que é maioria que é a população negra para a universidade. A população negra e pobre, na universidade, ela não tem representatividade praticamente. Mas com essas políticas que nós tivemos aí, nós temos de alguns anos para cá, penso que essa característica de mais popular você vê estampada nos cursos. O nosso curso é um curso de pobre, né? Biblioteconomia e Arquivologia são cursos de pobre. Mas essa questão de trazer o popular, ela se reflete nessas temáticas, né? Então, você vê um pouco mais essas questões sendo trabalhadas. Quando não são cortadas, obviamente, pelos próprios professores, porque tem isso também. A gente sabe que as temáticas ali são adequadas à tudo que nós temos que fazer e, às vezes, não tem espaço para que sejam trabalhadas. Mas eu penso que essa abertura também dos jovens, da população negra e pobre na universidade, ela traz esses temas um pouco mais enfáticos para dentro de sala de aula também.

Entrevistadora: Uma coisa que me chamou atenção na sua fala foi sobre ser um professor de história no curso da [Universidade Estadual]. A senhora acha que se fosse um professor da Biblioteconomia que tivesse mais convivência, a questão do nosso contexto, ele conseguiria atrair mais as pessoas para conhecer a temática?

Entrevistada: Eu acredito que sim. Porque quando um professor vem de outro departamento, que assim, não importa que seja de história, na verdade teria que ser com a formação em história, mas ele deveria estar alocado no Departamento de Ciência da Informação. Mas, assim, essa disciplina como nós não temos professores de história na Ciência da Informação, ele vem do Departamento de História. Então, ele não tem a vivência do curso de Biblioteconomia ou de Arquivologia, na verdade, ele não conhece.

Tem que pesquisar e estudar, não que ele seja capacitado, o professor, obviamente que não, mas assim, tem que estudar com a Biblioteconomia e Arquivologia para poder ministrar essa disciplina. E o professor que é um historiador ou que tem formação e está dentro do curso tem uma visão diferente. Então, assim, ele tem a vivência. Então, os estudantes, eles têm história afro-brasileira, mas eles têm assim, aquela perspectiva extremamente historiográfica, como se eles estivessem fazendo um curso de história, né? Então, assim, questões que, por exemplo, poderiam ser trazidas: profissional bibliotecário, profissional arquivista, o negro, o mercado de trabalho... Eu acho que vocês acabaram de lançar um livro sobre isso, né, estava vendo. Então, isso não é trazido nessas disciplinas e poderia ser trazido, você pode ter uma parte totalmente historiográfica, obviamente, mas você pode ter uma parte também puxando para essas questões mais atuais da história do negro no Brasil interadas com a profissão. E isso é importante. E isso nós não temos, infelizmente. Eu faço parte do NDE, tive que me afastar um pouco da graduação por conta da pós-graduação, mas... pela coordenação, mas, assim, nós estamos... eu já sinalizei várias vezes, tem alguns professores também que gostariam de ter um professor... dessa disciplina ser alocada no Departamento de Ciência da Informação e isso nós teríamos que abrir um concurso para um professor de História que pudesse dar conta dessas disciplinas. Porque não é só afro, a história afro-brasileira, tem também história contemporânea que eles têm no curso. Então, todas elas são alocadas em outros departamentos e penso que faz muita falta você não ter um historiador no curso de Biblioteconomia e de Arquivologia.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Aqui da [Universidade Estadual]? Ou você fala no geral?

Entrevistadora: Isso. Da sua instituição.

Entrevistada: Tá. Nós temos, basicamente, a disciplina de Cultura Afro. Basicamente isso. Tá? Nós não temos mais nenhuma política, resolução sobre isso. Para entrada no curso, nós temos as cotas para negros... Está me ouvindo? Deu uma travadinha?

Entrevistadora: Deu uma “travadinha”. Eu vou tirar só a minha câmera aqui, que talvez seja isso, Professora. Só um segundo. Tá ok, pode seguir.

Entrevistada: Tá. No curso de entrada, nós temos as cotas que entram bastantes... esse ano cota para negros foram quatro estudantes que entraram e um... porque assim, a gente tem cota universal para negros, então assim, foi um da cota universal e quatro estudantes que entraram nas cotas para negros. Agora, nas resoluções oficiais nós não temos nenhuma. Só a disciplina que é obrigatória de Cultura Afro. Nós temos apenas essa disciplina. Não temos.

Entrevistadora: Ok.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Eu não ouvi, querida, desculpa.

Entrevistadora: Professora, eu acho que... vamos tirar a sua câmera também. Ali embaixo diz “Cam On”. Que talvez ele pare de travar. A senhora está me ouvindo bem agora?

Entrevistada: Estou ouvindo sim.

Entrevistadora: Eu queria saber se a senhora poderia indicar fontes bibliográficas ou autores sobre as culturas africanas e afro-brasileiras?

Entrevistada: *Eu posso indicar o que eu uso?*

Entrevistadora: Pode. Sem problemas.

Entrevistada: *Eu costumo utilizar nas minhas disciplinas quando... atualmente, fazem dois anos que eu não ministro essa disciplina, porque quando eu falei... eu estou na coordenação do PPG, mas quando eu sair da Coordenação, eu vou pegar a [disciplina] História da Cultura. Então, na História da Cultura sempre introduzo algumas questões do negro, em relação a negros. Eu gosto muito de utilizar o Florestan Fernandes, que é o “Significado do protesto negro”, gosto bastante de utilizá-lo. E tem também um autor, na verdade é um livro que fala de um autor que é o Amílcar Cabral. Onde o Amílcar Cabral, ele fez toda digamos assim uma... Como que eu vou dizer? Ele adaptou, na verdade, algumas questões do negro para colonização, contra o regime de espoliação colonial, contra os assassinatos de negros para o Partido Africano da Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde. Eu gosto muito de utilizar esse livro sobre o Amílcar Cabral em paralelo com à nossa história da escravidão que, diferentemente do Brasil, nós temos muitos autores, temos muitas pessoas que fizeram movimento abolicionista, mas no nosso país, nós não temos uma tradição de escrita desses autores. Então, nós temos um movimento fortíssimo abolicionista, nós temos um movimento fortíssimo dos negros na imprensa, em jornais, com artigos, com livros. Mas nós não temos o que? Uma consolidação do pensamento negro em relação a isso, porque nossas lutas sempre foram muito... Nossa luta do negro e populares sempre foram muito reprimidas violentamente no Brasil. Isso a gente não pode negar. Então, assim, eu gosto de fazer esse paralelo e eu gosto de chamar atenção, quando eu estou falando de História da Cultura, para esses registros. Eu sempre de... brinco com os meninos, a gente pega aquele jornal “Redenção”, que é um jornal abolicionista e poucos negros escreviam no “Redenção”. Então a gente vai vendo esses registros que os negros fizeram. Isso na disciplina de História da Cultura, na disciplina de Esquemas de classificação, eu introduzo essas temáticas a partir de alguns livros que tratam do movimento negro, da mulher, agora eu tenho usado muito Angela Davis, porque eu sempre pego a visão classista. E e tento fazer, por exemplo, ano passado os estudantes fizeram para mim um trabalho comparativo entre a CDD e a CDU e onde é que estava a mulher negra. Ou seja, não tem quase nada ou está lá na Biologia, né? Assim, são essas coisas e questões que a gente encontra. Então, eu gosto de utilizar esse tipo de referências com relação a Carolina de Jesus eu acho assim, sempre que eu estou em aula sobre classificação ou então na História dos Registros do Conhecimento, eu falo da Carolina de Jesus, que é pobre, negra, moradora de rua, né, era moradora de rua. E é uma leitura, assim, extremamente necessária, eu penso, para se tomar consciência de algumas questões, então, eu sempre introduzo ou gosto de introduzir a partir desses autores, tá?*

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Olha, um comentário, né? Penso, que como todas as profissões, a Biblioteconomia, ela não se difere de algumas profissões. De todas as profissões que é o que? Que prezam, que preferem e sempre são relegadas, majoritariamente, a pessoas...

Entrevistadora: Cortou a ligação, Professora.

Entrevistada: ...Não tem diferença, nesse sentido. Obviamente, se a gente for pegar direito e essas questões mais tradicionais, você tem o maior índice. No entanto, Biblioteconomia no mercado de trabalho, nesse sistema que nós vivemos que é tão excludente e a gente não pode... eu não concordo de... nunca de discutir as questões do negro sem as questões de classe, eu acho que são muito ligados. Então, a questão classista, ela está aí. Então, você vê claramente isso. Essa questão da profissão da Biblioteconomia e dos negros ali representados, elas são como todas as outras. O que tem que acontecer? Essas pessoas, elas têm que se posicionarem e o bibliotecário, ele tem que se posicionar frente aos acervos, frente à sua comunidade, frente aos pesquisadores e inserir uma literatura negra e inserir esses autores que ninguém conhece. Ninguém conhece. Vai ver uma roda de leitura a não ser que seja uma roda de leitura específica com histórias africanas, histórias não sei o quê, específica que tenha lá o título específico, você não insere autores negros. E isso tem que começar a mudar, não tem que ter privilégios, tolerância, não! Simplesmente você tem que fazer parte do que é a nossa cultura. Simplesmente é isso, né? Então, isso é muito importante e eu penso que a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudo, só vem com a vivência e com as perspectivas que lhe são oferecidas dentro de sala de aula, que é muito importante que a gente sabe. Então, esse movimento da Biblioteconomia se renovar por inteiro, mas não se renovar de uma forma impositiva, mas sim, do que é correto. Não é verdade? Nós temos na nossa cultura, a nossa cultura é majoritariamente negra, africana e afrodescendente e nós não damos o devido, digamos, olhar ou então valor a ela. E isso tem que começar a mudar e eu acho que já começou, então assim, tomara que as perspectivas aí para frente sejam boas.

Entrevistadora: Perfeito. Professora, agradeço pela participação.

Entrevistado 10 – Universidade Federal - 24.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Nossa! Está com cara de orientanda do Gustavo. (risos).

Entrevistadora: Bem orientanda!

Entrevistado: Essa parte não vale, tá?

Entrevistadora: Tá bom.

Entrevistado: Bom. O meu lugar de fala para pensar esta questão que você trouxe, eu estudei toda minha vida em escola pública e cursei Biblioteconomia na graduação na Escola de Ciência da Informação da [Universidade Federal]. Eu me lembro... a minha graduação foi de 2001 a 2004 e eu me lembro que quando eu entrei para a universidade, no meu bairro que é um bairro da Periferia de Sabará, que é uma cidade na região metropolitana de Belo Horizonte, no meu bairro a gente não tinha notícia de ninguém que tivesse cursado a Universidade Federal de Minas Gerais. Porque é bom frisar, que a realidade em relação ao acesso ao ensino superior, o acesso e a permanência no ensino superior naquele início dos anos 2000 era bem diferente do que a gente vivenciou, por exemplo, em meados do ano de 2014 e agora 2018, ainda é bem mais diferente ainda. O fato é que me parecia... eu pude constatar que a universidade, muito embora eu tenho entrado pelo vestibular, um vestibular com mais de 100 mil candidatos naquela época, a universidade ainda tinha, na minha forma de ver, tinha... existiam poucas pessoas participando da vida universitária que eu poderia dizer que me pareciam ser iguais a mim ou da realidade que eu vim. E essas questões, elas na medida que a graduação foi acontecendo, elas foram ficando mais claras, porque eu conseguia enxergar melhor que havia uma... também no espaço universitário, uma desigualdade bastante acentuada. E sendo a Biblioteconomia do campo das ciências sociais aplicadas, isso... e ainda bem, tinha que ser mais evidente na minha percepção, na minha leitura daquela realidade. E via isso também, hoje correndo o olhar pelos meus colegas de turma e colegas de curso e via haver um forte clamor na nossa formação, um discurso muito... uma vertente discursiva muito forte de uma certa louvação às tecnologias de informação e comunicação, a gente não podia deixar-se trair por esse mundo muito... porque a realidade com a qual a gente atuaria em grande medida do nosso ponto de vista, estava e ainda está pelo que eu vejo e posso estar equivocado, muito distante desse cenário altamente tecnológico. Há muito para ser feito por um profissional que trabalha com as diversas feições da informação, mas que ainda a gente tem um longo caminho atravessar do nosso lugar que ainda é essencialmente mantenedor de desigualdades para a gente conseguir atingir um outro patamar que é importante que talvez possa acontecer, em alguma medida, ao mesmo tempo de um uso avançado, eu colocaria isso entre aspas, das tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo as que estão mais no metier do trabalho do bibliotecário. Mas eu não consigo ver as coisas dissociadas de uma formação que também leve para o corpo discente uma reflexão neste sentido também. É necessário, no meu ponto de vista, pesar as coisas, ponderar. Ao mesmo tempo em que eu vou, por exemplo, trabalhar com planejamento e geração de bases de dados e tentar demonstrar aquilo que for conhecimento de ponta nessa ferramenta de trabalho do profissional bibliotecário, também dizer que, talvez, para o enfrentamento da nossa realidade cotidiana, a gente precisa trabalhar também na perspectiva de ferramentas tão elaboradas quanto porque elas vão ter que dar conta de uma realidade que é mantenedora de relações assimétricas que é, para a minha infelicidade, o que marca a

nossa sociedade brasileira. Ou pelo menos o espaço em que quem organiza... uma parcela das pessoas que organizam a sociedade brasileira julga que tem que ser o espaço das Ciências Sociais Aplicadas.

Entrevistadora: Certo!

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Olha. Eu quero muito estar enganado e o resultado da sua pesquisa, desde já, é algo que eu vou querer muito ter em mãos para estudar. Porque, salvo o melhor juízo e eu tenho assim... vou usar do meu direito de pouco saber e ler esse cenário amplo que é o seu trabalho de pesquisa, salvo o melhor juízo, quando eu fico pensando na grade que eu acompanhei quando eu fiz a minha graduação e mesmo na grade que está vigente no curso em que eu atualmente exerço a função de docente, de formador dos futuros bibliotecários, eu pouco ou nada vejo nesse sentido. O que constrange. Porque parece que nós somos... nós temos habilidades suficiente para poder também inserir uma outra discursividade que dê conta desse nosso berço em quaisquer das questões, sejam elas de natureza técnica ou não que a gente discuta nas várias disciplinas do nosso curso. Nós temos habilidade para isso. Porém, essa questão sequer perpassa em algum momento do nosso fazer enquanto... Então, eu fico tentando refletir sobre a ementa de cada... o ementário das disciplinas da grade curricular vigente de alguns curso de graduação em Biblioteconomia do nosso país e eu pouco vejo e para ser bem sincero: não vejo. É claro que eu estou em uma posição em que eu posso ser surpreendido positivamente em cursos em que isso esteja presente, seja como disciplina optativa, optatória ou no corpo das disciplinas obrigatórias, assim, formas da representação das... o que eu chamaria de Africanidades ou das Afrodescendências, por exemplo, nos nossos sistemas de classificação e organização do conhecimento. Por que não? Pode ser. Isso tem lastro para fomentar a oferta de uma disciplina, mas eu não vejo isso. Não vejo!

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Eu tenho relativamente pouquíssimo tempo nessa função de docente aqui no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, mas eu andei lendo a... olhando com algum critério a estrutura curricular, em alguma medida as ementas das disciplinas e as bibliografias e, salvo o melhor juízo, eu não consegui identificar. O que muito me incomodou, porque isso diz respeito também a algo da minha atuação que talvez... quer dizer, que certamente é algo que eu também estou deixando a desejar. E, pela minha trajetória acadêmica acentua ainda mais o ponto em que, por hora, eu estou falhando, porque a aplicação da lei nacional sobre essa matéria, ela se estende a todos os níveis educacionais. Então, ela atinge, necessariamente, ela tem que, ainda que por força de lei, atravessar o conteúdo que a gente leciona. Pelo que eu penso que como a vida está em processo, eu tenho que iniciar de alguma forma para que, no plano ideal, ainda nesse semestre tentar acoplar essa... algo que está na letra da lei, pelo menos, as disciplinas que estão sob minha responsabilidade. Não vejo como algo simples que me parece perfeitamente exequível.

Entrevistadora: Certo, Professor.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Sim. Eu acho que sim. Talvez, eu fico pensando que seria tão interessante trabalhar com... na verdade seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes. Para ficar bem no meio tradicional. Se eu chegasse com um determinado número ou uma coleção de minuta, apenas para o exercício, de obras que pertencem... cujo os autores pertencem a outros espaços e a gente começasse a pensar como que, por exemplo, nós iríamos construir números de classificação para determinadas obras, por exemplo. Iríamos trabalhar com literatura de alguns outros países, de alguns países da África. Então, um romance "O alegre canto da perdiz", de uma escritora que é de Moçambique que é a Paulina Chiziane. Como será que eu trabalharia a classificação desses livros nos esquemas mais amplamente utilizados, em uma CDD ou CDU? Eu concordaria em ainda classificá-los como outras literaturas? E elas ficar alijadas, né? Porque elas vão ficar lá depois da esquina, depois de tudo, a literatura moçambicana será outras literaturas. Porque o sistema de classificação não prevê que aquele continente, né, que aquele é um continente que tem mais de 50 países. Aí, eu poderia fazer o mesmo exercício talvez com uma obra de um filósofo de qualquer que seja o país da África. Então, tem um filósofo interessante do Camarões, um camaronês que o nome dele é Achile Mbembe, que tem uma obra bastante importante, mas que eu citaria, por exemplo, Crítica da Razão Negra. Eu classificaria muito bem Filosofia Grega, Filosofia Italiana, os clássicos Pré-Socráticos, os Socráticos e etc., mas o filósofo camaronês, eu classificaria em que? Em outras filosofias? É isso? Já pensando que nós teríamos que superar a fase de discutir se, o que para mim é uma tremenda bobagem, se África tem filósofos. Só em cogitar pensar nessa questão, a gente já escancara qual é a nossa afiliação, o que formou parte da nossa mentalidade, não é? Então, eu te dei um exemplo de um romance de uma escritora, que aí vai mexer com outros dogmas, né, da nossa... da estrutura que nos formou, né, porque a gente também é parte de um processo, né? De uma escritora moçambicana, uma obra de um filósofo, historiador, mas um filósofo de Camarões, né? Para bagunçar um pouquinho, uma obra de um escritor angolano José Luandino Vieira, que tem uma obra importantíssima, vasta, e que em regra geral, a gente encontra por aí como... porque o texto está escrito em português, porque a língua oficial é a língua portuguesa, a gente vai encontrar, por exemplo, as fichas catalográficas que vão colocar alguns dos termos lá, dos descritores como literatura portuguesa. Quando o erro não for mais crasso e a gente vai encontrar como literatura brasileira, mas não é. Em que lugar nas nossas bibliotecas ficarão as obras literárias, por exemplo, de Angola? Em outras literaturas? E aí, eu posso continuar a te falar uma série de outras. Eu vou te falar o porquê de poder te listar um monte: é porque eu fiz meu mestrado e doutorado em Literaturas Africanas, em Letras, mas eu estudei Literaturas Africanas. Aí, no doutorado, especificamente, eu me dediquei a uma parte da obra em prosa de dois autores da Guiné Bissau, então, eu andei, assim, tem uns oito anos que eu estou mexendo com essas coisas, tentando estudar outras correntes de pensamento que trabalham as Africanidades, mas que sejam produzidas por africanos e não alguém falando por eles ou sobre eles, porque isso a gente encontra muito tranquilamente. Então, vou ficar nesses três exemplos, tá? A escritora moçambicana, o filósofo do Camarões e o autor e escritor angolano. A gente teria que ter muito tempo (risos). Porque aqui eu estou relativamente em uma zona de conforto, mas por isso eu digo a você, Franciéle, que me incomoda o seu objeto de pesquisa, porque eu vejo eu estou com a possibilidade atuar de uma outra forma, mas se não fosse a sua provocação, eu não teria atentado sequer para isso. Pelo que eu te agradeço e por isso fiz questão de te procurar.

Entrevistadora: Obrigada, Professor.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Bom, eu vejo que o seu trabalho é importante e, se me permite, eu assisti uma palestra lá da [Universidade Federal] na última edição do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, e ela apresentou um conceito que ela vem trabalhando nele que me pareceu bastante provocador. A Professora é a Moura, né, a Maria Aparecida Moura, a Cida Moura, e ela tem trabalhado entre as várias coisas que ela trabalha, mas ela apresentou isso, um conceito de reparação taxonômica.

Entrevistadora: Qual é o nome, Professor?

Entrevistado: O conceito ou a pessoa?

Entrevistadora: O conceito.

Entrevistado: Reparação Taxonômica da Cida Moura. Ela abordou brevemente sobre essa parte do trabalho dela e eu achei que é algo que bibliotecários formadores ou em formação, todo mundo está sempre em formação, precisamos pensar um pouco a respeito. Não dá mais para gente reproduzir em quaisquer das disciplinas que nos formam enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que já são consagrados e que vão fazer com que quando a gente atue seja em um ambiente profissional, a gente não consiga pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, porque quando estávamos lá no banco das universidades, nas cadeiras lá das universidades, a gente sequer foi provocado para essas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduzam desigualdades, que não fazem nenhum sentido mais, porque nada nos foi dito a esse respeito nessa parte da formação. Eu falo da graduação. Então, a sua pesquisa é bem um ponto fora da curva. Eu achei bem legal, assim. Vamos aguardar.

Entrevistadora: Perfeito, Professor! Eu vou parar a gravação aqui, mas eu gostaria de agradecê-lo pela disponibilidade.

Entrevistada 11– Universidade Federal - 10.08.2018.

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

A meu ver, o principal desafio da formação do bibliotecário hoje é compreender a realidade onde esses profissionais são formados, né? Ou seja, no nosso caso, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural, étnico-racial. Essa, para mim, é uma grande delimitação, embora a gente saiba que tem a disciplina de pensamento econômico em muitos dos cursos, no entanto, não contempla essa realidade, né? Teria que ser algo muito mais direcionado para... também de acordo para cada estado. Então, esse, para mim é um grande desafio. Atrelado a isso, a Biblioteconomia por ser só teoria ocidental, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação oriundas de países ocidentais é eurocêntrica, né? É uma teoria eurocêntrica que tenta, a partir de uma dada realidade, explicar conceitos e ensinar práticas que a gente no Brasil tem uma realidade diferente. Então, ainda é desafiador conhecer a sociedade local e o seu modo de constituição e os povos que construíram essa sociedade. Do ponto de vista dos meus estudos, a questão racial é uma questão importante que foi sendo silenciada por muito tempo na Biblioteconomia, mas ainda bem, nós temos visto alguns avanços nesse sentido. Ainda sobre essa questão dos desafios sociais para a formação de bibliotecários e bibliotecárias hoje, uma universidade brasileira em um contexto também de crise, uma crise que não é da universidade somente, mas é da sociedade como um todo e a universidade é parte da sociedade, então, ela espelha também essa crise. Uma crise econômica, uma crise política e nós percebemos que acontece que acabamos formando alunos sem as devidas condições materiais, espaços de estágio ainda muito elitizados, com pouca ligação com as realidades locais como as bibliotecas comunitárias, por exemplo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

O currículo de Biblioteconomia, ainda hoje necessita de uma africanização, né? Ou seja, essa é uma discussão que faz o Michel Menou, um intelectual do nosso campo, porque enquanto europeu, ele foi fazer alguns trabalhos de projetos de informação, de gestão da informação no continente africano e lá se deu conta de que as exigências para formar bibliotecários naquele país africano eram as mesmas de qualquer país da Europa. E aí, ele escreveu esse texto... um texto sobre educação, cultura e educação de profissionais da informação, onde ele defende a necessidade de africanizar o currículo da Biblioteconomia. O que significa isso? Significa que o bibliotecário precisa discutir as realidades materiais, sociais, étnicas do lugar onde ele está inserido. Do lugar onde nós estamos formando nossos alunos. Quantos de nós estimulamos estágios em bibliotecas comunitárias, fazemos visitas com nossos alunos em terreiros, casa de religiões de matriz africana, em agremiações carnavalescas, em sede de Bumba Meu Boi, que aqui no Maranhão a gente tem uma cultura popular imensa, riquíssima? Quantos de nós visitamos as casas de escolas de samba? Então, é um currículo dissociado do que a gente tem de mais rico em alguns estados do Nordeste que é a cultura popular. E a cultura popular, ela é um sincretismo, uma mistura de cultura indígena, africana e também europeia. Então, essas ferramentas da cultura popular... Nesse semestre passado, eu fui compor a banca de monografia de um aluno aqui da Universidade Federal do Maranhão onde ele estava defendendo isso. A cultura popular e os elementos da cultura simbólicos da cultura popular ali do Bumba meu Boi do Maranhão lido como ferramenta

informacional, né? Tem símbolos e esses símbolos são informações. Só que isso está fora do nosso currículo. O Bumba meu Boi que é uma riqueza cultural, fora do nosso currículo. Quase não escrevemos, não pensamos, não fazemos visitas a esses espaços, não nos aproximamos dos cantadores e dos fazedores dessa cultura que é uma cultura material e imaterial. O mesmo com a cultura africana e afro-brasileira. Pais de Santo e Mães de Santo ainda não são entendidos como promotores de conhecimento e de saber, porque a teoria que nos alimenta é uma teoria que diz que informação é coisa, que informação é dado, é algo físico. É um conceito limitado para os nossos tempos. Então, o que se observa? É que não quase não existem disciplinas voltadas para discutir a temática racial. E quando aparecem, são disciplinas optativas, não são obrigatórias. Mas a questão racial é uma temática transversal e que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora. O currículo oculto... Através do currículo oculto pode ser trabalhado de que maneira? Pode ser trabalhado na disciplina de formação de leitores, de literatura, uma unidade ou apresentação e discussão de literatura escrita por mulheres negras, autores e autoras negras. Literatura que tragam personagens e histórias do negro não de maneira pejorativa ligada à escravidão, mas que também e fundamentalmente tragam mulheres e história da resistência, porque a história do negro no Brasil não foi só escravidão ou martírio, foi também de resistência. Quantos de nós conhecemos a história de Maria Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira? Quantos de nós conhecemos a história de Catarina Mina, uma mulher africana do século XVIII, começo do XIX, que naquele tempo aqui no Maranhão com esse contexto com o seu trabalho conseguiu comprar casarões e entrar em uma escala social antes nunca ocupada por uma mulher africana escravizada ou ex-escravizada? Quantos de nós conhecemos a história de Maria Aragão, outra mulher negra, médica, comunista que, cujo o trabalho, todo o seu trabalho foi voltado para as mulheres, ela era ginecologista, para as mulheres da periferia em prol da saúde dessas mulheres? Não só a informação, porque a gente também tende a pensar que estão em algumas disciplinas, disciplinas mais do campo social, mas não só! Em gestão, em organização... A professora Valdirene aqui do nosso departamento tem uma pesquisa sobre a imaterialidade, a informação contida na literatura de um autor chamado José Montello. José Montello é um escritor de elite e branco aqui do Maranhão, mas poderia ser algo... ela é do campo da organização, ela está preocupada em organizar e criar escritores, termos para recuperar essa obra do Montello, uma melhor forma para recuperar e por que não fazer isso com a obra de Maria Firmina dos Reis? Com Úrsula, com Gupeva, com Cantos à beira-mar e tantos livros que ela publicou? Na disciplina de Gestão de espaços de informação nós não aprendemos e nós não ensinamos que as bibliotecas são organizações? Nesse sentido, todo o espaço de terreiro, de casa de religiões de matriz africana, Centro de Cultura negra, eles têm um espaço informacional onde contém informação como coisa física ou imaterial. Por que a gente não faz projetos e ações para gerir essas informações contribuindo com a sociedade local que deveria ser o norte do nosso fazer. Então, é uma formação ainda... a gente considera os avanços, mas ainda é uma formação distante da realidade e da realidade local, porque é um currículo único. E nesse currículo único que serve para o Brasil todo tem um único conceito de cultura, um único conceito de informação, um único conceito de gestão e um único modo de gerir a informação.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Então, em 2003, foi como conquista da luta histórica do movimento negro brasileiro, foi instituída a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e instituiu o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. Do ponto de vista da formação, muitos desses professores que dão aula no ensino fundamental e médio não tem formação para tal, apenas alguns cursos das Humanas, História, Filosofia, em algumas universidades brasileiras, estão aptos a aplicar essa lei. No entanto, a lei acaba sendo aplicada muito mais por professores já engajados na temática, no debate que trabalham com o currículo oculto. Nesse sentido, poderia ter uma lei também ou um decreto ou uma lei que tornasse obrigatório as universidades ensinarem em todos os cursos independentemente de ser Ciências Humanas, Licenciatura ou não. De fazer esse recorte em algumas disciplinas, nas disciplinas iniciais, inclusive de Metodologia da pesquisa. Eu ministrei a disciplina de “Metodologia da Pesquisa” por dois anos aqui na Universidade Federal do Maranhão em diferentes cursos e quando a gente estudava a história da Universidade como espaço de produção do conhecimento nós falávamos de Cheikh Anta Diop, um intelectual senegalês que muito contribuiu para entendermos e conhecermos a história da África, mas a história da África não essa história ocidentalizada, né? Ele como homem africano. Então, poderia ser uma lei nesse sentido, as escolas de Biblioteconomia, algumas estão passando por uma mudança de currículo, esses deveriam estar definidos não dependendo de professores X ou Y para praticar o currículo oculto, mas deveriam estar definidos como disciplinas também obrigatórias. E nas disciplinas de formação econômica e social brasileira que tem em vários cursos de Biblioteconomia deveria também ter uma unidade ou um conteúdo que remetesse a esse aspecto da formação para discutir a questão racial e o lugar do negro na sociedade brasileira, algo que a gente precisa entender muito, estudar muito para entender porque ainda hoje a maioria dos negros são os mais pobres, os que mais vão para o cárcere e os que mais são assassinados pelo Estado.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Eu tenho um artigo que saiu no livro recém-publicado “Bibliotecários Negros: ação, pesquisa e atuação política” onde eu faço um recorrido sobre os fundamentos sociais e étnico-raciais no Brasil. Eu, ao longo dos meus estudos, minha graduação em Biblioteconomia, meu mestrado em Ciência da Informação e no Doutorado em Serviço Social, eu fui estudar no doutorado a formação social brasileira. A compreensão de vários autores sobre o que é o Brasil e como ele pode se desenvolver e a questão racial nisso. E tem autores, assim... Nós recomendamos autores pretos ou não nesse artigo que eu estou mencionando. Tem autores como Gilberto Freyre, livro “Casa Grande e Senzala”, que nós temos críticas fortes com relação a muitos desses argumentos desse autor, no entanto, é importante ler para compreender como pensa e como pensava a elite naquela época já que ele era filho e descendente de fazendeiros escravocratas. Mas tem um autor fundamental que é o Clóvis Moura. Homem negro, com toda uma história de luta e luta político-partidária, foi do PCB, mas ele também saiu porque a leitura de Brasil dele implicava pensar o negro, coisa que nem todos daquele partido estavam preocupados naquela época. Então, Clóvis Moura tem alguns livros: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão?”, que mostram o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro. Esse autor mesmo tem outros textos muito interessantes sobre quilombos, falando sobre a nossa história. Uma história de resistência que a gente também precisa conhecer muito, nós da Biblioteconomia e os nossos alunos, porque é a

conhecer a nós mesmos, né? E quando eu falo nossos alunos, não só os alunos negros e negras, mas também alunos brancos, porque falar da história do negro no Brasil e da questão racial não é uma questão só para negros, né, mas é uma questão para toda a sociedade brasileira. Tem uma feminista negra Ângela Davis, que ela diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se falar das questões raciais. E que quando o negro e a mulher negra avançam, toda a sociedade avança. Então, essa é uma concepção importante para a gente resgatar. Falar da questão racial como todos nossos alunos independentemente de cor, raça e origem social. Além disso, tem autoras da literatura. Hoje tem uma gama de literatas e literatos, de escritores negros e negras de periferia que a gente precisa conhecer na Biblio. Maria Fermina dos Reis, já citei algumas, mas as mais contemporâneas, a Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outras. Ainda entre os acadêmicos tem um autor que foi do Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, que foi Abdias do Nascimento. Abdias do Nascimento tem uma produção larga e reconhecida no mundo todo, principalmente no Brasil e nos Estados Unidos é conhecido quanto à sua produção. Tem a feminista negra, Lélia González. Lélia González é uma mulher negra que foi professora da PUC, ex-empregada doméstica, professora da PUC-Rio de Janeiro e chegou a ser coordenadora do curso quando veio a falecer por razões de doença, de saúde. Lélia González também tem uma produção grande que somente agora vem sendo sistematizada, ela tem artigos, ensaios publicados em anais de congressos e eventos ou meses de debates e agora, eu não lembro qual é a editora, mas uma editora resolveu reunir todos os escritos de Lélia González e, portanto, irá publicar e o lançamento está previsto para esse mês de agosto. Tem a Beatriz Nascimento, que é uma mulher negra também, intelectual e historiadora. Quando a gente fala, por exemplo, de quilombo urbano... a história dos quilombos e de quilombos urbanos no Brasil e de que os quilombos eram, em certa medida, reprodução das experiências africanas... esse é um conhecimento que foi construído pela historiadora Beatriz Nascimento. Beatriz Nascimento foi uma mulher negra que foi... se graduou em história na UFRJ e lá também estava fazendo uma pós-graduação quando foi assassinada por um homem onde ela estava... que estava agredindo a sua companheira e a Beatriz Nascimento entrevistou. Tem um livro lindo organizado pelo Alex Ratts, chamado Ori e o vídeo também chamado Ori que pode servir de para nossos estudos. Existe um site chamado Geledés, que é um site sobre mulheres negras que lá são publicados diferentes artigos sob diferentes aspectos das pautas das mulheres negras na área da saúde. Ainda sobre a quarta questão, acabou de sair também uma Coleção chamada Feminismos Plurais, coordenado por uma intelectual negra chamada Djamila Ribeiro. A Djamila reuniu alguns intelectuais negros e negras para discutir questões sociais a partir dessa vertente da questão racial. Então, saíram vários livros, vários materiais que servem de fundamento para discutir o racismo e o racismo na sociedade brasileira. Tem, por exemplo, o livro ‘O que é lugar de fala’, que é de autoria da Djamila, tem ‘O que é encarceramento em massa’, da Juliana Borges, tem ‘O que é empoderamento’ de outra autora e ‘O que é racismo estrutural’ escrito por um jurista negro chamado Silvio Almeida.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Uma outra experiência muito boa que é importante ser mencionada é a Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros aqui na Universidade Federal do Maranhão. É um curso de graduação interdisciplinar, é único no Brasil, ele surgiu em 2015 e agora vai sair a primeira turma formada e é um curso para formar e discutir gestores e

historiadores... de professores de escolas, eles são formados... a formação, a graduação é em História da África e do Negro no Brasil, mas também tem o objetivo de formar gestores escolares para trabalhar a implementação da Lei 10639/2003, que tornou obrigatório a História da África e do negro no Brasil. Então, essa experiência da Licenciatura é uma experiência muito rica porque você... é um curso em que a grade curricular discute a África e o negro em relação à sociedade, em relação a outros povos. Não é um curso afrocentrado no sentido de que só discute África, o continente africano e seus quase 53 países, mas é um curso que discute a história do Brasil e do mundo a partir do continente africano que foi o berço da humanidade e também teve produção de tecnologia e conhecimento. É um curso que funciona por eixos, tem disciplinas de literatura, de geografia, de sociologia, numa perspectiva de resgatar a História da África também em todas essas e outras disciplinas. Ainda tem aqui na Universidade Federal do Maranhão, tem o grupo de estudos sobre “Feminismos negros Marielle Franco” em uma iniciativa coordenada por mim que tem como objetivo combater o epistemicídio, ou seja, o silenciamento. O banimento de autoras e intelectuais negras. Então, nesse grupo de estudos que é uma experiência de dois anos, nós estamos estudando nossas intelectuais negras e as suas contribuições para diferentes áreas e pensar o combate ao racismo, ao machismo e à exploração na sociedade brasileira. É um grupo de estudos que tem um caráter de estudar questões de raça, classe e gênero e sexualidade e religiosidade de maneira interseccionada e relacionada, né? Esse grupo de estudos recentemente homenageou a vereadora Marielle Franco após o seu brutal assassinato no Rio de Janeiro, há cerca de 100 dias e funciona estudando textos, mas também fazendo visitas e convidando intelectuais negras, entendidas não só como as acadêmicas, mas também as Mães de Santo, Mães de terreiro, mulheres populares que tenham experiência organizativa em bairros e comunidades e em periferias e também visitas em cárceres, em prisões, enfim, tem um leque de atividades e propostas. Nesse momento, no contexto eleitoral, nós estamos organizando uma roda de conversa para discutir representatividade na política e, no caso, a representatividade da mulher na política e lugar de fala na política. Porque lugar de fala, segundo a Djamilia, não é só ter consciência de que é negra, de que é negro, usar dread, usar black, enfim, ter uma estética afro, mas é falar pelo teu povo, é ocupar esses espaços sociais para falar e lutar pelas demandas do teu povo. Então, o objetivo dessa roda de conversa é identificar as mulheres negras de partido e as suas pautas e as suas lutas e analisar e discutir essa questão da representatividade. A Marielle nos ensinou muito a importância de estar disputando espaços de poder e é nesses espaços de poder onde a nossa vida é direcionada, onde as políticas são decididas e, muitas vezes, à nossa margem e aí, nós pretendemos fazer isso. Na [Universidade Federal], existe uma iniciativa muito interessante que é de intelectuais negras, mas é uma experiência organizada pela Giovana Xavier. Giovana Xavier, em 2016, lançou um catálogo de intelectuais negras também nessa percepção ampla de intelectuais negras, não só como mulheres acadêmicas, mas ela tem... o catálogo compreende socializar o trabalho de gestoras, de mulheres negras empreendedoras, enfim, mulheres negras que estão em movimento e em luta. São algumas das experiências que a gente lembra agora e que são importantes para resgatar. Em 2015, eu publiquei um livro chamado “O Negro na Biblioteca”, onde nós apresentamos o resultado da pesquisa de mestrando em Ciência da Informação na Universidade Federal Fluminense um livro que é escrito por uma bibliotecária, uma mulher negra bibliotecária, e que teve como preocupação contribuir com uma teoria e também com políticas para trabalhar a questão racial nas atividades das bibliotecas, nas ações culturais e etc. Nós observamos que, desde essas leis de diretrizes e bases que é efeito da luta do movimento negro de 2003 para cá, muita produção vem sendo feita entre

literatura e textos acadêmicos e infanto-juvenis, etc. Agora, a gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula e trabalhar esses conteúdos com nossos alunos, atender às demandas e acompanhar as demandas dos alunos, muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa e relacionado à questão racial, de gênero, de LGBT, de religiosidade de matriz africana e os professores tendem a podar, limitar e dizer que não é necessariamente um projeto... dizer que não tem neutralidade, dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, dizer que aquilo é um panfleto político ou que é um texto cheio de rancor. Então, como professora é precisa estar atenta às preocupações e realidades dos próprios alunos em sala de aula. Os alunos do curso de Biblioteconomia no Brasil quase todo, a grande maioria é de origem popular, é filho de trabalhador, o curso de Biblioteconomia é eminentemente feminino e aqui no Nordeste, ele é muito negro também, especialmente aqui no Nordeste, ele é muito negro. O que acontece que só recentemente nós vimos pesquisando a temática étnico-racial na Biblioteconomia? Mirian Aquino na Paraíba é um exemplo de quem vem fazendo esse trabalho desde a década de 90. Então, tem um marco da questão racial na Biblioteconomia que é importante ser resgatado.

Entrevistadora: Perfeito. Professora, muito obrigada pela participação.

Entrevistado 12 – Universidade Federal – 10.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Bem, o primeiro desafio social, enquanto professor o que a gente percebe é a própria situação dos nossos alunos que vem para o curso, são alunos, muitos deles, carentes. Eu acabei de passar por uma formatura agora que a gente via pela cara das famílias todas na formatura, os alunos, a gente via a felicidade de cada um deles de ter um filho se formando em uma universidade pública, sabe? A universidade pública, ela tem uma importância muito grande de ser uma política social muito importante. Nós temos muito aluno com muita dificuldade de entrar na universidade e quando eles têm a oportunidade de entrar numa universidade pública como a nossa e consegue fazer um curso superior, um curso de Biblioteconomia, é muito importante. E a Biblioteconomia, de alguma forma, é uma área que tem a possibilidade de transformar pessoas, quatro anos que eles ficam aqui no curso, que eles aprendem, que eles se formam enquanto bibliotecários, que eles têm a possibilidade de depois atuar na sociedade no sentido de garantir a possibilidade de que mais pessoas tenham acesso à leitura, ao desenvolvimento enquanto pessoa, então, são diversos desafios que o curso de Biblioteconomia enfrenta e que ele pode trabalhar no sentido de ajudar a sociedade no sentido de superar diversos desafios. Eu acho muito importante. O desafio que a Biblioteconomia enfrenta acaba sendo o desafio de qualquer outra profissão que, de alguma enfrenta, sabe? Principalmente nesse momento que o país vive atualmente, que é um momento de... um pouco extremista e, de alguma forma, o extremismo sempre surge e cresce em um momento de crise e a gente está em um momento de crise política muito forte, que de alguma forma, afetou economicamente o país. Uma crise econômica mundial que o país não consegue passar por ela e, ao mesmo tempo, uma preocupação muito grande de determinados grupos da sociedade em se manter no poder e outros de ascender ao poder, de alguma forma, levaram à uma crise política que afeta a sociedade como um todo e, de alguma forma, afeta a Biblioteconomia, afeta a Universidade e afeta a formação em Biblioteconomia e afeta a comunidade bibliotecária que fica atuando cotidianamente no seu trabalho, né?

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Olha, eu acho que esse é um gap que eu acho a Biblioteconomia carrega há tempos. Eu falo isso, no sentido de que nós tivemos... Em 2016, nós acrescentamos essa discussão diretamente no nosso currículo e uma coisa triste que eu percebi na época é que grande parte dos professores, a preocupação de incluir isso no currículo era mais em função de atender a uma exigência do MEC, porque ia ter uma avaliação. E em momento algum, eu percebi as pessoas, de fato, dizendo assim: - Vamos colocar isso, porque isso tem que fazer parte da formação de qualquer curso de nível superior. Sabe? Eu acho isso uma coisa que me entristece e uma coisa que a gente está tentando corrigir em uma nova proposta curricular que a gente está fazendo agora de ampliar disciplinas mesmo. O que a gente fez em 2015 foi, de alguma forma, tentar incluir parte nas ementas de algumas disciplinas que a gente achava que cabia, sabe? Foi um... No meu pensamento na época em que aconteceu, eu achei que foi um pouco forçado, forçado essa colocação. Em algumas disciplinas não dá para caber essa discussão, a gente tem que criar disciplinas específicas que tratem disso. Tem os espaços específicos para tratar disso. Olha a discussão de cultura, por exemplo, onde se tenha cultura brasileira. É um espaço muito

bom para se discutir isso. A discussão de cidadania e direitos humanos é um espaço muito bom para se discutir isso. Agora, você enfiar isso em disciplinas, às vezes, de cunho muito técnico, às vezes fica um pouco forçada a barra. Eu acho, assim, não ela, eu acho que toda a discussão que fala da discussão de direitos humanos e de cidadania e que inclui o ser humano, enquanto as pessoas com as quais a gente vai trabalhar, em termo de formação cultural... sociopolítico brasileiro, tem que ser tratado levando em consideração essa questão afro-brasileira e indígena também, as discussões das questões étnico-raciais. Eu acho que é uma questão que precisa ser colocada e precisa ser colocada, infelizmente, porque historicamente não foi trabalhado na população, não só no Brasil, mas acredito que em nível mundial, como sendo todas as pessoas iguais, todas as pessoas com os mesmos direitos. Ou seja, não foi trabalhado isso dessa forma, tanto do ponto de vista cultural, quanto do ponto de vista econômico, né? Foi construído historicamente um discurso que as pessoas negam, mas que na prática, a gente percebe claramente que as pessoas, tanto do ponto de vista afro, indígena, elas não têm o mesmo espaço na discussão. De alguma forma, o que a gente percebe é que na guerra de discurso que existe na produção de discurso na sociedade, a gente percebe que alguns discursos são silenciados. Não é só a questão afro ou indígena, o discurso da mulher, o discurso de gênero, os discursos, de alguma forma, eles são silenciados. E, às vezes, são silenciados propositalmente, e às vezes, as pessoas nem pensam em colocar isso no currículo. Às vezes, na hora lá nem lembra em pensar exatamente porque não foi educado para levar isso em consideração. E eu acho que a Biblioteconomia, ela tem um papel importante, tem que colocar isso no currículo, tem que discutir isso na formação do aluno de Biblioteconomia. Ele vai lidar com essa diversidade na sociedade e ele precisa entender que não tem diferença. A gente percebe muito isso com as pessoas... Nós temos alunos aqui que são cadeirantes, cegos, pessoas com deficiência também, em termos de acessibilidade, e a gente percebe como que o nosso aluno, ele é despreparado. O profissional bibliotecário, às vezes, quando chega lá, ele é despreparado para lidar com essas pessoas. Quando chega uma pessoa com um problema de acessibilidade, ele não sabe o que fazer, sabe? É um preconceito que já está tão enraizado, assim, na sociedade que precisa, assim, construir uma formação... Eu acredito, assim, eu sou um pouco otimista que, ao longo prazo, se houver de fato, formação e educação para isso, ao longo prazo, a gente consegue melhorar essa situação, fazer essa transformação. Há... Eu acho que há, por exemplo, na Ciência da Informação... a gente começa a discutir diversos assuntos e acaba que, parece que só um determinado modelo, ou o americano ou o europeu, por exemplo, são os modelos mais adequados para a Ciência da informação, por exemplo. A gente tem, em todas as áreas, diversas teorias, como é o caso da sua pesquisa que são os africanos, da produção africana, afro-brasileira e africana também em diversas áreas importantes do mundo, que também, a gente estuda desde o ensino médio, fundamental e superior e dificilmente você tem o acesso à literatura desses autores. Há formas. Eu acho que a gente precisa começar a trabalhar, buscar nesses autores, conhecer esses autores, eu sei que hoje, para os professores de grande parte dos cursos, eu sei que é difícil porque eles não foram formados com esses autores. Muitos deles não têm nem o conhecimento desses autores ainda, eles precisam conhecer primeiro esses autores, eles precisam primeiro... Os professores da área de Biblioteconomia precisam primeiro se educar nessa formação afro-brasileira, conhecer o que foi produzido sobre isso, quando eu digo é em termos de autores da área, para depois passá-los também aos alunos. A gente precisa passar por essa formação também em relação a isso e isso é uma pena que tenha que acontecer, é uma pena, porque eu fiz um curso de graduação, de mestrado e doutorado na [Universidade Federal] nas áreas de Biblioteconomia e de Ciência da Informação e em momento algum tivemos autores

afro-brasileiros indicados para a gente ler. Sabe? Se a gente for pegar, assim, o nosso professor... quando eu li Cida Moura, que foi minha professora e a gente leu o texto dela... Mas quando eu digo, assim... quando eu falo, são dos grandes autores em nível internacional que, de alguma forma, são base para pensar a Ciência da Informação e a Biblioteconomia. Você vai pegar é... são os autores americanos, os que vão para os Estados Unidos ou franceses, dependendo da corrente, mas você não tem acesso, você não tem nem noção, nem citação. A gente nem conhece. é um problema da ciência em nível mundial que é muito eurocentrada ou mais dos Estados Unidos também, né, que de alguma forma também tudo aquilo que é publicado, que é citado, que acaba sendo importante, ele de alguma forma tira tanto os países da Ásia, quanto os da África de fora também dessa produção. Agora, como resolver isso, eu acho que vai... acho que é um trabalho árduo que tem que ser feito e eu acho que os cursos de Biblioteconomia têm que começarem a incluírem essa discussão lá desde os primeiros períodos do curso para buscar essa solução, para a longo prazo, fazer essa construção, esse resgate de coisas importantes que a gente deixou de utilizar. Tipo, o desconhecimento muitas vezes... esse conhecimento, eu acho forçado por essa construção preconceituosa da ciência ao longo do tempo.

Entrevistadora: Certo.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Franciéle, eu acho que cortou um pouquinho o áudio, acho que ficou meio picado, não deu para entender direito.

Entrevistadora: Ah, tá. Vou tirar a minha imagem, porque talvez possa ser a minha internet. Eu só vou tirar aqui, que aí eu posso... Vou repetir a pergunta, tá? No curso de Biblioteconomia da sua Instituição: Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Entrevistado: Bem, na minha instituição existe, assim, o que existe é alguma disciplina no currículo atual que já buscou incluir essa discussão na disciplina de “Comunicação e Linguagem”, na disciplina de “Fundamentos educacionais”, mas essas disciplinas, elas não foram feitas levando em consideração e pensando em incluir essa discussão, ela acabou sendo incluída mais em função da exigência da Secretaria de Avaliação aqui da Universidade que encaminhou para a PROGRAD e a Secretaria de Administração envio ali para a gente. À época, a gente receberia a comissão do MEC e falou para gente: - Olha, se vocês não colocarem esse tipo de discussão, não colocarem isso no currículo vocês vão ser mal avaliados. Então, foi uma preocupação em relação à avaliação do que uma preocupação, assim, em termos de projeto de curso. Falar que no curso tem um projeto para trazer essa discussão, não! Nós temos uma professora Ana Cláudia Borges, que é do movimento... do movimento para entender toda essa discussão. Temos a professora Cristina, a Maria Cristina que fazia parte do NEAB, que é o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros aqui da [Universidade Federal]. Que é um Núcleo de Estudos que tem disciplinas que tem disciplinas que trabalha especificamente com isso, mas que funciona em um horário que não dá para incluir nas disciplinas do nosso curso, porque o nosso curso é um curso noturno e ele é no horário diurno. A instituição [Universidade Federal] tem essa preocupação nos cursos na área de Pedagogia, no Núcleo de Educação e no NEAB - que é o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. Em alguns momentos,

alguns professores do Núcleo Afro-brasileiros, eles vêm dar palestra no Seminário de Educação Profissional do curso de Biblioteconomia, mas enquanto projeto de pesquisa, enquanto projeto de ensino, enquanto ementa do curso, nós tivemos uma implementação dessa discussão das ementas de algumas disciplinas, mas não enquanto um projeto de ter mesmo a discussão no curso. Isso só está sendo feito agora que a gente está criando esse novo currículo. Nesse novo currículo, tanto essa dimensão da cultura afro-brasileira quanto as dimensões das relações étnico-raciais, meio ambiente e direitos humanos, a gente está criando parte importante da ementa para tratar só disso em algumas disciplinas, disciplinas como direitos humanos e cidadania, cultura brasileira onde vai discutir essa. Não tem como discutir cultura brasileira sem discutir a questão da história afro-brasileira. Então, a gente vai propor isso no novo currículo e no atual, a gente tem essa discussão que a gente coloca os alunos e professores, eles fazem parte do movimento relacionado ao assunto e fazem isso na disciplina deles, mas não ainda como ementa, que é muito burocrático mudar currículo aqui na Universidade. Se você quiser mudar um livro na bibliografia você tem que fazer uma mudança curricular que passa por todos os trâmites da Universidade.

Entrevistada: Entendi.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Pois é, essa é a dimensão. Do ponto de vista das culturas afro-brasileiras, aqui a gente tem... a gente trabalha mais com palestras, então a gente... eu nunca fiz um estudo nesse NEAB, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, são disciplinas que são ofertadas para a formação, mas o curso completo, não dá para fazer a disciplina lá de forma isolada, sabe? No departamento eu estou tentando criar essa possibilidade de alguns professores que, principalmente aqueles que vão assumir as disciplinas que tratem dessa temática, que façam esses cursos para ter esse tipo de informação, principalmente autores mais voltados para a questão da discussão afro-brasileira, eu não conheço e nunca trabalhei com nenhuma disciplina minha. Então, a gente tem professores que a gente sabe que trabalham com isso, mas que trabalham com essa dimensão específica. Específica, não. Eu sei que você e o Gustavo acabaram de lançar um artigo agora e o livro também de vocês aí em Santa Catarina que foi até apresentado no evento do Painel em Santa Catarina, eu gostei disso, mas eu, de fato, não conheço os autores que lidam especificamente. E trabalhando com o Professor Gustavo Ford que trabalha muito com isso no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, mas a gente não tem esse trabalho na bibliografia da disciplina que construiu.

Entrevistadora: Tá bom.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

O comentário primeiro, é que eu acho que a pesquisa é muito importante a que vocês estão trabalhando. Eu acho que precisa fazer esse resgate, precisa fazer isso ser tratado como... não como uma coisa que o MEC cobra de cima para baixo da gente, mas como uma coisa... da mesma forma como, naturalmente, as pessoas vão dar um curso de História e falam do descobrimento do Brasil, por exemplo, como se fosse uma coisa já definitiva ou normal... Eu acho assim, a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, até mesmo pela formação do nosso povo, ela deveria ser trabalhada na formação do povo brasileiro da mesma forma como a história europeia é trabalhada,

sabe? Parece que nós somos descendentes apenas de europeus, não somos descendentes de diversos povos. E eu acho que esse tipo de pesquisa, esse tipo de trabalho que vocês fazem, ele é importante porque ele faz um resgate importante na formação do aluno. O aluno, como eu te falei, a gente não tem acesso ao conhecimento dessas literaturas, desse tipo de trabalho, e só através deste tipo de trabalho que vocês fazem, desse tipo de preocupação que alguns cursos têm e que alguns estão buscando construir é que isso vai ser construído no âmbito dos professores. Eu tenho essa preocupação, eu me senti mal quando a gente fez isso na discussão do nosso currículo, com a preocupação mais normativa do que com a preocupação em relação à área e eu percebi que, para alguns professores nem essa preocupação tem. Então, isso precisa ser trabalhado na área e só com a produção de discurso sobre é que as pessoas vão conhecer e a partir desse momento entender esse outro lado. Vão acabar um pouco com esse silenciamento de determinados assuntos, que às vezes, é proposital em termos de formação da nação brasileira, a gente sabe que é proposital esse silenciamento e os discursos que são construídos no sentido de ter... há um espaço de relações, de disputa em relação à determinados discursos e, às vezes, esse silenciamento, ele é proposital e a gente precisa também propositalmente trabalhar forte para que esse discurso também ganhe força e passe, assim, a ter uma importância maior na sociedade como um todo e não só em pequenos grupos, só dentro da universidade.

Entrevistadora: Perfeito. Professor! Muito obrigada por participar dessa pesquisa e ceder essa entrevista.

Entrevistada 13 – Universidade Federal - 13.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Essa questão você falou aí é algo que, inclusive, eu venho falando quinta-feira na minha aula, sexta-feira numa reunião que a gente teve aqui que, inclusive, estamos agora com a Semana Acadêmica de Biblioteconomia esse ano com o tema “Relações na Biblioteconomia, diversidade, relações étnico-raciais e de gênero”. Exatamente por uma preocupação que a gente está tendo na formação desse profissional que, como eu falava em sala de aula, um profissional que não vai poder escolher quem vai atender que é o que a gente estava hoje em dia. Eu estou muito assustada com o que tá acontecendo com as pessoas selecionando quem vai sentar perto, enfim, e isso em qualquer ambiente social. E Biblioteconomia, que é uma área que é um campo das Ciências Sociais, ela não pode ficar alheia a tudo isso que está acontecendo. Então, não pode ser a-política, não pode ser... não pode deixar de olhar para qualquer questão. Então, quando... Como que eu faço para combater isso? É nos grupos de estudos, é na sala de aula, é tentando educar nosso bibliotecário, tentando formar nosso bibliotecário de forma completa e de forma que ele pense em todas as questões. E que ele seja.... Claro que não vamos conseguir tirar nenhum preconceito dele, né? Isso é algo que é muito inerente da pessoa, a gente pode combater, a gente pode não aceitar, pode, enfim, até constranger na hora que a gente não aceita, porque a pessoa fica meio assim, meio... Mas não... Mas não retira dele. Isso é algo tão profundo... Eu vinha pensando sobre isso. Eu não sei se eu tô divagando aqui, mas eu vinha pensando sobre isso hoje. Quando eu vinha dirigindo para cá, que uma prima minha colocou uma imagem, um vídeo de um padre que na hora de entregar a óstia para todos os fiéis, em todos ele coloca na boca, e na hora da mulher negra, ele coloca na mão. A gente vê como é que ele fica indeciso, aquela coisa toda. E aí, a minha prima que não é católica, ela já chega dia assim: que ele tá sendo preconceituoso e tudo. Eu acho que a gente também tem que ter cuidado com o julgamento, né, não sabe o contexto. Claro que pelo primeiro olhar, você nota isso e pode ser isso. Pode ser, porque como eu falei, isso acontece todos os ambientes. Então, acho que para a gente... nós que somos professores, para a gente tentar combater um pouco, para a gente tentar trazer essa discussão para nossa sala, é trazendo essas realidades, é conversando, é apoiando, é... Enfim, orientando com temas relacionados a essa questão. Eu não sei se eu te respondi, se eu não te respondi, tu falas de novo que eu ajeito, que eu sou meio que tenho um pouco de problema de mandar áudio, minha mão fica doendo (risos).

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

A princípio eu vou te dizer com relação à nossa aqui, né! Hoje, aqui no curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal], a gente não tem mais nenhum trabalho voltado... a não ser na pós-graduação. Na pós-graduação, eu ainda continuo orientando nesse sentido, mas a partir do momento que a professora Joselina da Silva, ela saiu daqui da universidade e voltou para o Rio de Janeiro, ela está na Federal Rural do Rio de Janeiro agora, acabou que a gente perdeu essa temática dentro da formação do bibliotecário da [Universidade Federal]. Por quê? Porque antes a gente tinha o NBLAC, que era o Núcleo Brasileiro e Caribenho de Relações afro... [Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais]. O nome tão grande que eu não.... mas, enfim. (risos). É um nome grande, viu, de gênero e questões raciais. Mas ele era basicamente um grupo de estudos onde a gente trabalhava

a violência, trabalhava o racismo, raça e racismo, trabalhava com identidade, trabalhava várias coisas dentro dele e ele foi muito bom, inclusive teve muitos frutos, muitos desses alunos que foram... se se formaram bibliotecários, hoje estão... tem um no serviço público como professor, tem como bibliotecário também já formados, e ativistas. Continuam atuando, como o professor Erinaldo Dias Valério, como a Nicácia, que hoje está no doutorado, como a Dávila, que está no mestrado hoje e que, inclusive, ela é minha orientanda, enfim. Mas no Brasil, eu ainda acho que falta muito, né? Apesar de ser uma disci... Existe uma disciplina obrigatória, mas a Biblioteconomia, ela ainda está muito voltada apenas para as questões técnicas, que eu acho que não é... eu não estou questionando isso, não, porque afinal de contas, eu sou inclusive professora de técnica, das disciplinas técnicas de organização e tratamento, mas a gente não pode não voltar o nosso olhar para o todo, para toda formação. E a gente ainda está muito nisso, há uma briga: - Ah, a tecnologia é técnica, é tradicional e não sei o quê. E esquece que a gente tem que pensar no todo, tem que pensar na diversidade, tem que pensar nas questões raciais de raça e racismo, de identidade e tudo isso tem que ser discutido dentro da universidade. E isso aí, a gente não está fazendo não. Como eu disse, na pós-graduação ainda existe, mas na graduação hoje eu não conheço ninguém que esteja trabalhando este tema, viu?

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Não tem mais. Antes, a gente tinha um projeto de extensão “Iniciativas negras”, que foi realizado em três ocasiões, foi realizado 2007, 2009 e 2011, mas como eu te falei, com a saída da professora Joselina saiu também a pessoa que era aquela que encabeçava esse tipo de ideia. O que a gente tem é uma replicação do que orienta o MEC. Então, aqui no Regimento graduação que a PROEN, que é a Pró-reitoria de Ensino de graduação, colocou agora para que a gente... para se é uma normativa, a gente tem a obrigatoriedade de ofertar as disciplinas de acho que de direitos humanos... acho que a de direitos humanos é de questões raciais, que eu não sei como é o nome exatamente da disciplina, e de libras. E dessas todas, a única que é realmente ofertada é a de Libras. Eu não vi nenhuma outra disciplina sendo ofertada em nenhum curso, nem de Biblioteconomia nem qualquer outro. E de Biblioteconomia eu te ligo com certeza: não foi ofertada nenhuma.

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Ah, eu conheço a Joselina da Silva. Essa daí, eu indico logo em primeiro lugar que foi a grande responsável aqui por qualquer trabalho que a gente tenha feito aqui na [Universidade Federal], antes, [Universidade Federal], foi através dela. Tem também a Cícera Nunes, que é da URCA [Universidade Regional do Cariri], que ela todo ano, ela faz um... ela tem um evento chamado “Artefatos da cultura negra” que é muito importante para... e ela envolve a região inteira. Tem o Henrique Cunha da UFC, esse eu conheço... Esse eu nunca li nada dele, na realidade, mas eu conheço esse aí, que ele é um teórico da área também. A Edileuza Gomes de Brasília. Tinha a Miriam Aquino na UFPB, mas ela se aposentou. E ela não está bem saúde, então não está mais trabalhando nessa área. Eu conheço um grupo até grande, assim, de pessoas é que agora eu não me veio muito bem à cabeça. Mas tem professora Zuleide da URCA também, Zuleide

Queiroz, que inclusive, ela é sempre chamada para as nossas bancas quando envolvem a temática de Cultura, memória e questões raciais, questões de cultura afrodescendente, enfim. Tem esse pessoal que eu conheço. Não posso deixar de citar o Erinaldo Dias Valério que é professor da UFG, que foi nosso aluno aqui e que hoje é um ativista também da área e a Dávila Feitosa da Silva que também é.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Sim. Sim. Como eu te falei, na nossa Semana Acadêmica de Biblioteconomia desse ano, que é a nossa décima semana acadêmica, 10ª SEAB, a gente vai tratar do tema “Biblioteconomia e diversidade: diálogos étnico-raciais e de gênero”. Por quê? Porque a gente acha que é urgente a discussão, de... tanto das questões de gênero e de violência contra mulher, que na nossa região aqui é bem gritante, como de uma luta antirracista, de uma luta para as questões raciais, para os negros, para os LGBTQs, enfim. Então, a programação, ela está recheada. Tem pessoas de vários lugares que vão vir, a gente tem workshops que falam desde a Agenda 2030 para as bibliotecas, questões de pós-verdade e como a biblioteca combater fake news, atuação do bibliotecário na luta antirracista... antirracismo na realidade, os LGBTQs, a gente tem. Além disso a gente vai ter, pensando numa Biblioteconomia mais progressista, a gente vai abrir palestras sobre atuação do bibliotecário e da biblioteca na sociedade em transformação constante. A gente ter apresentação de filmes ligados à temática com mediação... com discussão e mediação. A gente vai ter uma mesa voltada exclusivamente para as políticas étnico-raciais e de sexualidade e de gênero na pós-graduação, porque nós tentamos, aqui como Universidade, colocar uma resolução para... não cotas, para vagas específicas para negros, pessoas com deficiência e pessoas transgênero, travestis, transexuais, enfim, mas essa resolução, no final, depois... na última instância ela não passou. Só que o nosso Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, que é o mestrado profissional em Biblioteconomia, já está no seu terceiro ano que a gente coloca vagas específicas. Então, foi 2017... 2016, 2017 ... a turma de 2017 e a turma de 2018. E agora, a gente vai lançar o novo edital que também vai contemplar. A nossa briga agora vai ser porque há uma orientação da Reitoria que a gente não faça mais isso, só que a gente vai continuar fazendo, senão nós acreditamos que seria um retrocesso. Então, essa é a nossa luta diária de tentar equiparar, tentar não... quando eu digo... é porque na rapidez assim, a gente não consegue nem encontrar palavras realmente corretas para te dizer, mas é como se a gente tivesse reparando algo que é gritante, que é visível, que não são as mesmas oportunidades. E aí, se a gente pode fazer isso, pelo menos no âmbito da pós-graduação, a gente faz. Na graduação, já existem as cotas que funcionam, inclusive, muito bem. A outra forma também que eu faço é que, por exemplo, eu recebo duas bolsas PIBIC e, aí, eu sempre escolho um aluno que a gente possa visivelmente, que eu possa identificá-lo como negro para que a gente possa dar uma oportunidade para esse aluno melhorar a situação dele, melhorar na pesquisa, melhor tudo, que isso foi o que aconteceu com o Erinaldo e aconteceu com vários alunos dessa universidade. Então, se tiver faltando alguma coisa, Fran, tu me falas que eu prontamente falarei, tá bom?

Entrevistadora: Professora, então, eu agradeço a sua participação e disponibilidade.

Entrevistada 14 – Universidade Federal - 13.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Eu não sei se temos só desafios sociais, hein?! Temos desafios de todas as ordens, porque é econômico, político... A não ser que o seu social seja bem abrangente: técnico, tecnológico... Então, eu não sei... Vou fazer uma pequena volta atrás na questão da formação do bibliotecário, que quando começou... Que dizer, no Brasil foi a terceira escola de Biblioteconomia do mundo, ele tinha uma formação humanística, porque foi feita para os funcionários da Biblioteca Nacional no início do século passado. Depois quando vem a Dorothy Gropp para São Paulo e ela com Rubens Borba de Moraes e a Adelpha Figueiredo fazem um outro curso já nos anos 30 por aí, já é quando começa haver uma demanda de informação mais especializada por conta dessa fase de pré-industrialização, aí a nossa formação passa a ter um cunho mais técnico e, logo em seguida... Bom, técnico e tecnológico com a tecnologia de então, e isso nos dá uma marca tecnicista. Eu acho que aí foi um pouco... A gente perdeu um pouco o bonde da história nessa situação, sabe? Então, eu acho que quando eu digo que a gente perder o bonde da história, porque eu vejo que a gente quando focou na questão técnica e descuidou da questão humanística, isso virou mesmo uma fragilidade da nossa formação, porque nos deu uma visão restrita das bibliotecas, da função das Bibliotecas, e aí, da função social, cultural e etc. Porque você veja, ao longo da história da humanidade, os bibliotecários não eram pessoas com formação específica, eram intelectuais, né? O que acontece? No século 19, que foi o século da catalogação que despontam os grandes catalogadores que foi Charles Ammi Cutter e o Sir Anthony Panizzi, bom daí, a coisa começa a tomar um rumo profissionalizado. A organização de bibliotecas passa a ter uma outra visão. Logo depois com o Paul Otlet também, quando ele organiza o conhecimento até, então, existente através daquelas 18 milhões de fichas do Mundaneum. Obviamente que já existia uma classificação do conhecimento desde os gregos, mas essa questão posta na prática foi uma coisa bem mais recente, mais uma coisa do século 19 para cá. Então, eu acho que, de certa forma, a gente continua com isso, porque quando a gente dá um salto para o advento da internet o que acontece? Parece que se descobre a biblioteca com a internet. As pessoas começaram a falar em Biblioteca digital, biblioteca virtual, biblioteca eletrônica como se fosse uma coisa nova, quando biblioteca já existia desde que o mundo é mundo que as bibliotecas todas têm as mesmas funções que é reunir, organizar, preservar e disseminar. O que é que muda? A ênfase de acordo com a época histórica, por exemplo, se você pega a Idade Média a ênfase era na preservação. Só para dar um exemplo mais gritante, né? O que faz o diferencial de uma biblioteca para outra a partir das mesmas funções? É o tipo de biblioteca. E essa questão da tipologia, que eu acho que é uma das questões que os bibliotecários não estudam quantos tipos de bibliotecas temos. Eu tenho algumas classificações. Tenho a do Briquet, tenho a do Edson Nery, com todo o respeito. Eu tenho uma outra classificação, né, as de cinco tipos de bibliotecas a partir de três variáveis: função, público e acervo. Então, se você consegue reunir na característica de função, público e acervo de forma dependente ou de forma interdependente, perdão, você consegue caracterizar uma nacional, uma pública, uma universitária, uma especializada e uma escolar. O resto, é modalidade de apresentação. Certo? Então, eu vejo que isso é um desafio, não sei se social, mas eu acho que, de certa forma, sim! Porque nos faz perder a dimensão, quando a gente não tem o conhecimento específico da cultura da nossa área, a gente perde a dimensão social, da função social das bibliotecas. Não sei se responde o que você queria, me diga aí!

Entrevistadora: Tá ótimo, Professora. A pergunta é para ser ampla e vai da interpretação da entrevistada.

Entrevistada: *Franciéle, antes de responder a segunda, eu queria complementar. Quando eu te digo que foi... que o nosso curso foi o terceiro do mundo e ele tinha uma formação, uma caracterização humanística... [som de celular tocando] Ai, desculpa, é telefone, ruído de vizinho.... É porque ele se baseou na Ècole de Chartres, que era totalmente humanística. E o curso da Dorothy Gropp, em São Paulo, era um curso americano baseado na escola americana que era mais tecnicista, certo?*

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Ai, nós estamos falando da Bahia, onde a população é afro... Grande parte da população é afrodescendente e estamos falando Brasil. Eu não posso falar em nome do Brasil, porque na realidade temos Brasis, né? Por exemplo, Rio Grande do Sul tem uma colonização estrangeira bastante forte e é o estado brasileiro que tem mais negros dentro dessa cultura europeia, né? Já se você vem para Bahia e Maranhão, são praticamente estados negros no Brasil. Então, a rigor, eu acho que é bem recente uma preocupação... Claro que, por força dos movimentos sociais, há preocupação de inserir nos programas, nos currículos desses cursos daqui, por exemplo, o nosso da Bahia que é o único por hora, de inserir algo voltado para cultura afro. E eu vou te dizer como: através das bibliotecas públicas que são... as bibliotecas públicas são o lócus privilegiado da população em geral. Então, é ali que as coisas têm que acontecer. Acontece 100%? Não. Óbvio que não, porque aí vai um pouco depender das pessoas e eu não tenho nem dúvida, dos gestores, da visão não só do gestor direto da biblioteca, mas das políticas públicas. O que eu acho é que hoje há uma sensibilidade para a questão. Acho que há uma sensibilidade e há dentro do... eu tô falando agora do nosso curso, dentro do nosso curso tem correntes fortes dessa preocupação, entendeu? Então, isso, para mim hoje não chega constituir um problema. O que é um problema? Quer dizer que, de certa forma até de uma maneira compensatória, deu no que deu. Quer dizer, de uma forma mais aberta, mais inclusiva é que a característica do nosso Curso de Biblioteconomia aqui na Bahia é, não totalmente, mas é talvez principalmente, constituído de pessoas de baixa renda, o que significa com uma escolaridade mais ou menos frágil e afrodescendentes. Então, isso foi uma característica muito... é uma característica visível, não precisa nem ir para os números, vai pro olho mesmo. E isso eu acho que foi uma coisa positiva que promoveu, quer dizer, propiciou um movimento social que redundou em inserção dessa cultura afro, não especificamente com esse nome nos currículos, mas com abertura para esses temas.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Franciéle, são as duas coisas que você falou. A gente tem projeto de extensão, eu agora de cabeça não vou poder lhe dizer o nome, mas posso perguntar para a colega. E tem uma disciplina que se chama “Ação cultural”, que ela tem sido esse palco favorável a essa diversidade cultural, quer dizer, trabalhar diversas manifestações e trabalhar as culturas mesmo locais, regionais e etc., entendeu? Isso tem sido uma coisa positiva e, mais do que isso, só para deixar claro de novo, a gente tem estudantes militantes. Isso é muito importante, né? Não só professor. Professor não me lembro se um ou dois professores que militam nessa área de uma forma bastante incisiva, mas estudante-militante é força total! Quanto a outras medidas como você fala na legislação, projetos,

etc., bom, a gente tem a Fundação Cultural que, inclusive, o presidente da Fundação Cultural é um cidadão afrodescendente. A gente até... se fala, né, que ele chegou a privilegiar as culturas afro em detrimento de outras manifestações, mas isso não é uma coisa que eu posso lhe comprovar, eu só estou lhe falando o que se fala, né? Bom, então, tem a Fundação Cultural e tem a Fundação Gregório de Matos que é da prefeitura que é a fundação cultural do município. Bom, e dentro disso, você tem vários movimentos, né, não só os oficiais que eu digo institucionalizados no governo, mas movimentos sociais que aqui na Bahia é fortíssimo. São fortíssimos e são altamente reconhecidos, né? Isso eu acho uma coisa importante, porque... acaba que as pessoas todas transitam em todos ambientes e isso eu acho maravilhoso! O que não significa também, repito: o que não significa também que não haja preconceito, porque essa hipocrisia de dizer que no Brasil não tem racismo, fica por conta da hipocrisia mesmo, porque sabemos que tem, né?

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Bom, vamos lá na penúltima, né, Franciéle, você me pegou um pouco de surpresa, mas deixa eu lhe dizer logo de saída: nós temos aqui na nossa universidade o Centro de Estudos Afro-Orientais, tem uma revista Afro-Ásia, que é uma das revistas mais importantes, acho que ainda está no SciELO. E além do Centro de Estudos Afro-Orientais, quer dizer que é um órgão suplementar da Universidade que reúne pesquisadores, a gente tem a Editora da [Universidade Federal]. Se você abrir o catálogo da EdUFBA, você vai ver a quantidade de autores que têm se debruçado sobre o tema enfocando diversos aspectos da própria... da questão das raízes, da questão do Candomblé, muita coisa de Candomblé, da culinária, de costumes, da questão do racismo... Então, tem de tudo. Agora, para eu lhe dizer um autor, eu já não me lembro. Eu estou me lembrando de um deles que, inclusive, foi diretor-presidente do Centro de Estudos Afro-Orientais e que ele, inclusive, tem um terreiro de candomblé. Ele é um Ogã, chama-se... aí, vou me esquecer o sobrenome, Julio... Esqueci! Mas eu posso fazer o seguinte: eu posso ver e lhe mandou isso por e-mail. Tá certo? Não sei se serve para entrevista eu lhe mandar algo por escrito, mas eu acho que é importante. Inclusive eu tenho alguns aqui em casa e tem um desses livros que, inclusive, eu fui revisora, que é muito interessante que é sobre Candomblé, mas é o de Cachoeira, que é uma... a cidade de Cachoeira, uma cidade histórica aqui da Bahia e que tem um grupo de Candomblé, que é dos mais tradicionais, dos mais antigos, que é a Comunidade da Boa Morte.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Ah, um é que eu não sei exatamente, quer dizer, não me lembro exatamente a tua pesquisa qual é e qual é a Universidade, mas deixa, praticamente, de ser um tema emergente para se transformar num tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente até porque é. Então, eu acho que é uma forma de reconhecimento por um lado, de valorização por outro, de oportunização de se trazer à baila, pelo menos para os desavisados, essas questões que são fundamentais na convivência social e mais do que social, humana mesmo. A questão da inclusão, da questão de oportunidade para todos, as relações democráticas e etc. Fico comprometida com você de lhe mandar essa relação pequena, né, mas lhe mando alguma coisa e lhe mando também o catálogo da [Universidade Federal]. Tá certo?

Entrevistadora: Professora, então, eu agradeço a sua participação e disponibilidade.

Entrevistada 15 – Universidade Federal - 21.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

[Não identificado 18:00 a 18:05] ...esse é conhecido sim, e aí, paramos esse pulo não foi dado nem tanto como gostaríamos nos cursos e muito menos o mercado, então, por essa consequência e essa interconexão, nós não somos reconhecidos pelo potencial que nós temos hoje com a tecnologia para atuar com o tratamento, recuperação, enfim, com a circulação da informação. O segundo que eu diria, então, é um pouco das dificuldades em... todos os nossos cursos, quase todos eles, estão dentro das universidades federais, os que são... com essa não demanda... eu sou avaliadora do INEP, eu estou vendo que os cursos particulares também, pouquíssimos estão funcionando, só alguns mais tradicionais e olhe lá, porque, por exemplo, o de Minas Gerais em Três Corações está fechado. Fechado, não! Ele até está funcionando e tal, mas ele não tem demanda, então, ele não é oferecido. E assim, outros por aí. Então, são poucos os particulares que estão funcionando, alguns mais em São Paulo, mas enfim. Depois disso, a gente pode falar. Os que estão, efetivamente, abrindo vagas, são os das universidades federais. Das universidades federais, nós temos uma certa, como você sabe, lentidão em contratação de novos professores, de estarem mais na área de tecnologia, de serem contratados dentro desse perfil e uma certa dificuldade dos mais antigos também em entrarem nessa área, estudarem e entrarem, enfim, na Federal não há uma exigência tão grande se vai dar aula disso ou daquilo. Nós temos... Se tem um lado muito, muito positivo, né, nós também temos uma certa liberdade de pesquisarmos e trabalharmos com o que o nosso perfil gosta. Então, eu acho que esses são os maiores problemas do ensino. [Interrompida por chegada de uma pessoa].

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Tá bom. Pera aí um segundinho que eu vou fechar a porta, que realmente eu estou com a porta aberta para ninguém mais entrar. Pera aí.

Entrevistadora: Tá.

Entrevistada: Oh, Franciéle, isso aí agora já é um ponto muito, muito positivo de estarmos dentro das universidades federais, essa sim, tem várias medidas... [Caiu a ligação - 03:06]. Pronto.

Entrevistadora: Oi, Professora. Voltamos.

Entrevistada: Bom, essa aí já é... Eu acho que nessa, nós ganhamos, por estarmos em universidades federais e por elas serem muito laicas e isso pode ser discutido abertamente apesar de que temos representantes também da sociedade de todas as... de todos os credos também, os mais fechados e os mais abertos. Nós temos, por exemplo, até lembrei um pouco alguns dos cursos que são oferecidos, eu estou lembrando aqui de dois, um está até oferecendo e outro não, estão dentro de instituições religiosas, né, então, certamente segue-se uma religião que tem seus credos. Bom, mas aqui, então, se você quiser falar do nosso curso, não é isso que você perguntou? Mais um pouco do nosso?

Entrevistadora: É. Eu gostaria de saber a relação entre as culturas africanas e afro-brasileiras e a formação do bibliotecário. Pode ser no âmbito da sua universidade, se já

tiver alguma coisa que a senhora queira comentar sobre isso ou não sua percepção enquanto educadora.

Entrevistada: Tá. É. Então, vamos um pouco na minha percepção como educadora, isso eu vi também uma mudança muito clara, principalmente depois do REUNI com a universidade ter se tornado e todas as federais que aderiram, quase todos os nossos cursos eu acho que aderiram ao REUNI de ser um curso mais inclusivo. Então, isso se percebeu claramente agora com... a partir do REUNI. E o nosso currículo, desde 2008, agora já uma parte mais formal, nós temos disciplinas onde nós temos ementas já preocupadas não só com... as ementas de disciplinas não são para os alunos, mas para se tratar esses assuntos como bibliotecário. Então, essa questão do multiculturalismo e a relações étnicas, isso eu acho que nós estamos indo muito bem. E é interessante que eu lembro assim, não se tratando só da Biblioteconomia, mas discussões dos conselhos universitários em geral com aquela preocupação na época do REUNI, de se abrir e baixar o nível dos nossos alunos federais que eram considerados e continuam sendo, isso é que é o bom, um dos melhores formandos que saem das federais. Realmente, as possibilidades das federais são muito grandes. Então, agora com as nossas... Agora volta um pouco a [Universidade Federal], com as nossas pesquisas desde então mostram que isso foi uma grande balela. Não se baixou o nível nenhum, os nossos alunos continuam seguindo as mesmas aulas que são dadas, não teve... baixou o nível de nada e agora, há alguns que tem mais dificuldades, porque não tiveram uma formação adequada. Agora nós estamos aceitando até também as dificuldades de alunos autistas, mais inclusiva ainda, e mais outras deficiências. As físicas nós já aceitávamos, mas mais as questões de... psicológicas e... né? Então, assim, agora nós estamos trabalhando com isso também e esses alunos estão sendo mais assistidos. Não da forma, é claro, que gostaríamos. Mas aqui na universidade, por exemplo, já tem uma Núcleo de Assistência ao Aluno, que se declara desde quando ele se inscreve no vestibular qual é a sua... média... [Não identificado - 07:08 a 07:36]. Eu estava falando do nosso Núcleo de Assistência, então os alunos que, por exemplo, agora nós estamos recebendo uma aluna que é cega e um aluno autista. Então, nós já estamos conversando com esse Núcleo para instrumentalizar os professores do primeiro semestre. E quanto às questões étnico-raciais, eu acho que aqui na Universidade tem sempre... eu acredito que vi até como avaliadora do INEP em todos cursos, elas são muito semelhantes. Esses grupos batalham, eles têm mesmo que se mostrar, quem é minoria tem que se mostrar e tem espaço. No nosso curso, você sabe que, realmente, nós temos muitos que se declaram descendente afro, não temos indígenas ainda pelo menos nós aqui nenhum, mas afrodescendente nós temos. E eles são muito bem-vindos! Muito bem-vindos!

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Olha, nós seguimos as normas, né, as leis que obrigam a ter disciplinas com essa temática. Então, nós temos essas disciplinas com essas temáticas e são várias. Nós não temos, assim, nós obedecemos, eu acho que não tem nada assim, intermediário a isso. Nosso Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso. Então, nós temos nas nossas disciplinas, nós temos... o nosso curso, por exemplo, ele tem os pilares principais nos seus núcleos, um deles é o social. Então, dentro desse Núcleo tem umas quatro ou cinco disciplinas que tratam da temática. Muito voltada para a biblioteca pública, a biblioteca escolar, a biblioteca universitária também e bibliotecas que... essas que lidam mais com um público mais variado. Antes, por exemplo, na universitária não entrava... nós já estamos colocando essa temática nas nossas ementas das bibliotecas

universitárias. E também de estudos de usuários, é claro, todos os estudos que teriam pesquisa de usuários tem essa preocupação de estudar a clientela os usuários que irão trabalhar nessas questões étnico-raciais. E são essas, né? Nós temos, então, essa preocupação e já está incluída na ementa e no Programa e no nosso Projeto pedagógico institucional, tem até um documento que fala isso claramente sobre essa preocupação.

Entrevistadora: Perfeito.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Nossa, acabei de ler um tão bom! Eu até dei para os meus alunos de estágio para lerem. É que eu procurei de formação de bibliotecário e não conhecia esse artigo aqui ó, vê se você conhece... Cadê... cadê... É que está no meu programa de estágio, deixa eu ver. Aqui! Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar, conhece?

Entrevistadora: Não!

Entrevistada: Chama “O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação”. Está na Revista Digital [de Biblioteconomia e Ciência da Informação], se quiser eu posso passar para você por e-mail.

Entrevistadora: Ah, pode passar, eu gostaria de ler.

Entrevistada: E é novíssimo. Desse ano, de Biblioteconomia e Ciência da Informação de Campinas. Esse já está no nosso NDE para estudo, até porque, agora nós estamos mudando... atualizando novamente o nosso currículo e ele vai como referência no nosso... na nossa atualização de currículo. É muito bom esse artigo.

Entrevistadora: Perfeito, professora!

Entrevistada: É um dos poucos que trata diretamente na nossa área essa questão.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Não! Acho que... que mais, assim... Você está fazendo o doutorado, né?

Entrevistadora: O mestrado agora.

Entrevistada: O mestrado? Qual é o seu tema para eu ver se eu tenho mais alguma coisa?

Entrevistadora: Eu estou buscando as representações sociais a respeito da inserção das culturas africanas e afro-brasileiras na educação em Biblioteconomia. O que eu fiz em um primeiro momento, foi analisar os projetos políticos pedagógicos e as ementas, inclusive, no material que eu coletei nas disciplinas da [Universidade Federal], eu não lembro de ter encontrado, elas não estão na minha lista, mas como a senhora diz, às vezes, é um assunto que pode ser transversal e aí, a gente não encontra dentro da ementa.

Entrevistada: É. Na ementa, eu não acredito não. Mas eu vou dizer para você duas disciplinas que nós tratamos sobre isso muito. Até três, porque em Estudos de Usuários nós tratamos também. É a... deixa eu pegar aqui para dar o nome certo para você, deixa eu pegar a minha grade aqui.

Entrevistadora: Certo.

Entrevistada: Uma é “Memória e Patrimônio...” eu não estou com a grade aqui, eu vou ter que procurar, mas é “Memória e Patrimônio” e a outra é “Cultura e Informação”.

Essas duas, elas estão aí muito colocadas... E de “Estudos de Usuários” também. A de “Estudos de Usuários”, ela é menos trabalhada, porque em ‘Estudos de Usuários’ é necessário, porque é uma disciplina que ela já é tradicional, ela tem muito aporte teórico, mas esse... quando se trata de comunidades, ele é trabalhado, no Programa não está na ementa especificamente e agora, essas duas certamente estão. É bom olhar dentro dos programas de “Memória e Patrimônio” e a outra é “Cultura, Informação e Sociedade”... É uma que dá no primeiro... Mas é “Cultura e Informação”, eu acho.

Entrevistadora: Perfeito, Professora. Eu agradeço, então, a sua disponibilidade e a sua participação.

Entrevistada 16 – Universidade Federal - 24.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Olha, eu acredito que nós estamos em um momento muito complexo em termos de formação do bibliotecário. Primeiro, porque nós estamos em uma transição bastante significativa em termos de tecnologia. A tecnologia, ela tem um impacto muito forte na nossa profissão. E nós estamos em um momento em que, por um lado, a sociedade entende que talvez o nosso trabalho não seja agora tão importante, uma vez que nós temos as redes, que nós temos recursos tecnológicos no ambiente web, que nós temos muito conteúdo digital e eletrônico e que por essa razão as pessoas poderiam em termos de acesso e uso ter maior facilidade. Mas, na verdade é um pensamento que, de fato, é paradoxal. Porque quanto mais conteúdo nós temos no ambiente web seja digital eletrônico, quanto mais recursos nós temos potentes para poder buscar o que a gente quer, pior fica. Quer dizer, nós temos uma situação maluca no momento. E a formação, na minha opinião... claro que eu acho que há exceções, viu, Franciéle, mas eu penso que muitos cursos não estão trabalhando as questões tecnológicas como poderiam. Então, um exemplo, hoje, geralmente o que o pessoal quer em termos, assim, a sociedade? Ela quer buscar informação como se ela buscasse no Google, porque realmente o Google revolucionou essa maneira de buscar informação. Ele trouxe uma facilidade para as pessoas chegarem aonde elas querem e é isso que eles querem. Então, um exemplo: as bibliotecas universitárias. As bibliotecas universitárias, elas dão acesso à muitas bases de dados, várias. Vários tipos de bancos e bases de dados, mas cada base de dados tem a sua maneira de trabalhar a estratégia de busca. Cada base de dados tem uma maneira de apresentação desses conteúdos, e aí, o que acontece? O pessoal não quer. O pessoal quer ir em um lugar e acessar tudo. Então, vamos a biblioteca Universitária. A biblioteca universitária, ela tem que por exemplo propiciar [Não identificado - problema no áudio muito baixo - 03:44 a 03:46] seja digital, seja eletrônico ou o que for de uma única maneira. Só que, por exemplo, para fazer isso eu tenho que trabalhar com metalinguagem, eu tenho de trabalhar com metabuscadores. Para implementar metabuscadores, eu preciso de gente que entenda de tecnologia, eu preciso de gente que domine a parte de arquitetura da informação e, muitas vezes, a gente vê que o bibliotecário, ele não foi para o capacitado para isso. Ele nem sabe como ele começa a fazer isso. Isso é uma falha nos cursos, quer dizer, os cursos hoje da nossa área, eles têm que se preocuparem sim com a questão tecnológica. E a questão tecnológica, ela está indicada tanto no processamento técnico da informação, como também na maneira que a gente trabalha a disponibilização desses conteúdos. Então, é algo que eu vejo que há uma falha na formação em relação a isso. Geralmente os bibliotecários que dominam isso foram capacitados ou nas instituições que estão trabalhando, quer dizer, posteriormente à formação ou foram buscar por conta própria especialização nesse tipo de coisa. Então, eu vejo que há sim um problema aí na formação e é um desafio. Por que? Por que o docente dessas disciplinas, eles também têm que se capacitarem, eles têm que buscar em essa capacitação, se eles não a têm, eles têm que buscar. E isso é também complicado, por que o que nós vemos no Brasil hoje? Nós estamos também no momento de transição da velha guarda de docentes para nova geração, não é? Então, ainda temos muitos professores docentes que ainda são daquela velha guarda e que também não tiveram isso durante a sua formação e não vivenciaram, às vezes, isso numa prática profissional. Então, quer dizer, para esse professor, para esse docente, agora no final da carreira dele que ele já está se aposentando, ele não vai buscar isso. Então, veja, são muitas variáveis aí que, de alguma maneira, demonstram que há desafios sim na área e

eu acho que isso não tem saída, tem que fazer. E a gente vê, por exemplo, que os novos docentes que estão assumindo cursos de Biblioteconomia, eles já percebem isso com muita clareza e, obviamente, estão começando a trabalhar isso da maneira que deve ser. Mas são poucos ainda até porque como eu disse é um momento mesmo de transição. Então eu acredito que mais cinco ou seis anos, essa velha guarda sai e, aí, agora vai precisar ver se vai ter concurso para os novos entrarem também. Então, é outra questão, outro desafio.

Entrevistadora: Perfeito, professora!

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Bom, em relação a isso, Franciéle, eu penso que o bibliotecário de uma maneira geral, também não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com essa relação com um público que é oriundo, por exemplo, da África ou de países circunscritos a esse Continente que estão lá e que, por alguma razão, estão no Brasil. É isso que você quer, né, quer dizer, são pessoas que estão aqui no Brasil atualmente?

Entrevistadora: Africanas e Afro-brasileiras. Então, como a senhora, na percepção que a senhora tiver em relação à essa pergunta sobre a formação do bibliotecário e a relação com as culturas africanas e afro-brasileiras.

Entrevistada: Tá legal. Então, é isso! Eu penso que também aí há uma deficiência. Por que? O que acontece é que no Brasil, as bibliotecas públicas ou universitárias ou escolares, elas, de alguma maneira, oferecem produtos e serviços, mas de uma maneira geral, de um modo geral. Ou seja, não há uma preocupação em perceber em perceber diferentes públicos e trabalhar com serviços especializados ou voltados para determinadas comunidades, né? De fato, eu reconheço uma coisa, Franciéle, a percepção da própria sociedade com relação a todo um conjunto de pessoas que vivem no Brasil, afrodescendentes, ela é muito recente. Ainda temos discursos políticos que nem reconhecem isso. De vez em quando a gente escuta umas barbaridades desse tipo. E nós sabemos, por conta da nossa história, que os afrodescendentes, os afro-brasileiros, eles, em geral, estão em comunidades mais... mais, vamos dizer assim, que demandariam uma atenção especial. A gente, por exemplo, pode se citar as favelas no Rio de Janeiro, nós podemos citar periferias que a gente sabe pela história, enfim, da escravidão que teve no país, que essas pessoas obviamente, elas acabaram sentindo isso em termos econômicos e em termos sociais. Então, as bibliotecas, elas precisariam... óbvio que, primeiro reconhecer isso, principalmente as bibliotecas públicas, na minha opinião reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para estas comunidades. Não só produzindo, mas gerando conteúdos para essas comunidades. Porque não é só oferecer produtos e serviços, mas também fazer com que conteúdos que, vamos dizer, tivessem um impacto nesse tipo de público e que pudesse, de fato, levar isso para afrodescendentes ou afro-brasileiros. Eu penso que o nosso curso também não trabalha isso, Franciéle, com exceções. Às vezes, os professores trabalham com estudos de caso, os docentes, às vezes, levam alguma literatura para a discussão ou tem algum tópico dentro de alguma disciplina que trabalha isso, mas também algo que a gente precisaria rever, que a gente precisaria trabalhar com muito mais propriedade. Até porque, na minha opinião, esse público é um público que precisa de informação. Precisa ter esse apoio informacional, né? Então, também vejo que há aí um desafio grande na formação do bibliotecário.

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Bom, acho que a primeira coisa que pode ser mencionada é a legislação, né, nós temos na legislação, recente também, o pedido da inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes, afro-brasileiras, né, que a gente tenha algo especificamente voltado para isso. Isso também é muito novo, é o que... tem uns três anos, por aí, quatro anos mais ou menos. Eu não me recordo exatamente quando foi lançado, mas é por aí, mas é recente. Muitos cursos por conta dessa legislação estão inserindo sim conteúdos e tentando sanar isso, mas são tópicos dentro de disciplinas. Eu penso que uma ação concreta em termos de formação, poderia ser trabalhar com seminários que discutam essa questão dentro do curso. Essa é uma primeira ação que deveria ser realizada. Como você bem mencionou: projetos de extensão. Isso é muito importante que se desenvolvam projetos de extensão voltados para comunidades que tenham essa demanda, que precisem desse tipo de informação, e aí a gente poderia fazer alguma coisa. As bibliotecas, na minha opinião, elas deveriam, sem dúvida nenhuma, trabalhar com várias, várias ações voltadas para isso. Então, eu acho assim que tem uma enormidade de coisas a fazer. Mas uma coisa que eu penso que aproximaria ou traria esse público para as bibliotecas, seria gerar conteúdos para eles, gerar conteúdos. Porque quando essa população, esse público, vai buscar informação qualquer que seja sobre a própria história, há uma deficiência imensa em relação a isso, e a biblioteca, ela poderia... eu penso que a biblioteca pública hoje, ela tem que ser uma produtora de conteúdo. Então, ela não pode mais deixar de ser uma produtora de conteúdo, sabe? E criar espaços no ambiente web também para isso. Então, eu penso que essa é uma ação extremamente importante, muito importante. O pessoal da Museologia tem feito umas coisas muito legais que eu acho que as bibliotecas poderiam, obviamente não é igual, mas nessa linha de ação que alguns museus estão fazendo trazer isso para as bibliotecas.

Entrevistadora: Show!

Entrevistada: É! Claro, e pesquisas também. E pesquisas no âmbito da pós-graduação sobre isso. Na Pós, viu, Franciéle, a gente já vê que isso já está mais maduro. A gente percebe que nós já temos, por exemplo, grupos de pesquisadores muito voltados para essa temática mesmo, não só a questão do afrodescendente, do afro-brasileiro, mas também discutindo questões de gênero, outras coisas que antes não eram discutidas estão aparecendo no âmbito da pesquisa. E eu vejo isso também como uma ação importante, sabe?

Entrevistadora: Perfeito, Professora.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Olha, eu recentemente editorei um livro que foi lançado pela ABECIN e está até lá na página da ABECIN e é super legal, né, tem tanta coisa lá dentro assim muito bacana, que foi organizado pela Daniela e pela Marielle, né, e eu penso que isso também... quer dizer, a publicação de livros que vão discutir essa temática é muito importante. Acho que começa a aparecer na literatura brasileira agora, pelo menos. Eu conheço assim, teses, eu conheço teses que discutem isso, mas livros, eu acho que, na área, foi o primeiro. Não sei se eu estou errada, mas eu acho que foi o primeiro livro que traz essa discussão, sabe? E também acho que isso é um amadurecimento, que pouco a pouco isso vai começar a

aparecer já que o grupo de pesquisadores no âmbito da Pós está aumentando e trazendo isso. Então, eu vejo que é uma questão de tempo nós termos mais literatura. No âmbito da história, por exemplo, também temos pouca coisa, por incrível que pareça. Os nossos historiadores poderiam trabalhar bem esse tema, a gente também vê pouca literatura. A gente vê teses também, dissertações, mas livros publicados são poucos também.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Eu só acho assim, que essa discussão que você está fazendo é muito importante. O bibliotecário, ele precisa muito amadurecer essas coisas. Muitas vezes a gente vê o discurso dos bibliotecários, assim: - Olha, eu não sei porque a biblioteca pública, em especial, ou a escolar, mas em especial a pública, por que a biblioteca pública não é com reconhecida pela sociedade? Por que a biblioteca pública é subutilizada? E aí, a pergunta, a gente já sabe a resposta: - Porque a biblioteca pública, ela tem que servir a comunidades plurais e essas comunidades têm que ser sentirem convidadas a irem lá. Senão, como elas vão lá? Elas não vão! Óbvio que elas não se sentem... elas não tenham sentimento de pertencimento aquele local, sabe? Porque aquele local, ele está voltado para gente de outro tipo, gente que... sabe, gente que tem uma estrutura educacional, uma estrutura social e econômica que é muito diferente. Então, ou a biblioteca pública e os bibliotecários que atuam nela começam a perceber isso para mudar essa realidade ou a gente sempre vai ser mesmo aquele aparelho cultural, como a gente costuma dizer, que é subutilizado ou que não é utilizado nem por aqueles que têm poder econômico e social, porque esses têm recursos para acessar de outras maneiras a informação, para ter acesso à própria história ou enfim, e a gente deixa de atender justamente aqueles que precisam e querem esse rol de atividades ou de serviços prestados.

Entrevistadora: Perfeito, Professora! Eu gostaria de agradecer pela sua disponibilidade e participação.

Entrevistada 17 – Universidade Federal - 07.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Eu acredito que os desafios, eles são muitos e, na verdade, imensos, porque é uma formação de um profissional de um curso superior, de um bacharelado em que a gente fala desse pensamento crítico... o discurso a gente chama atenção a todo momento que esse profissional, ele deve ser ativo, proativo e mobilizar a sociedade e a comunidade. A gente apresenta que esse perfil, esse papel da biblioteca mudou e desse profissional também, mas a gente não consegue, às vezes, sair muito desse discurso e circular. Então, é preciso que a gente, de fato, efetive, adentre mesmo nas nossas ações. E aí, o desafio é mostrar, então, talvez para os alunos que estão em formação, o potencial dessa biblioteca e o que tem feito, de modo, a instigá-los mesmo a efetivar e mobilizar esse pensamento crítico. A formação, até então, assim, é difícil pensar de uma hora pra outra assim porque, né, eu estou tendo acesso às perguntas agora... Então, por isso que, às vezes, eu acho que deve ficar um pouco confusa a resposta. Mas eu acredito, né, no seu trabalho aí de corte e edição. Então, se eu retomar um pouco essa compreensão do curso de Biblioteconomia, da formação de bibliotecários, ela, no século XX foi criada para mão-de-obra mesmo da instituição nacional, da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, não se discutia a essa questão social. O próprio currículo era formatado para atender a necessidade da demanda e a instituição. Aí, a gente tem um currículo... damos um grande salto depois na década de 30 com essa influência norte-americana em que ela passa a ser exercida não só no ensino da Biblioteconomia, mas de um modo geral. Também é uma formação de mão de obra para trabalhar agora, não mais na Biblioteca Nacional, mas para trabalhar em todas as bibliotecas. E aí, ainda não se instiga, ainda não se estimula este pensamento crítico, não se... Parece que essa realidade social está apartada ainda desta formação. Vem o currículo... O primeiro da década de 60, depois o currículo da década de 80, talvez eu falaria que começa mesmo uma discussão em torno da nossa realidade na década de 80 e que na década de 90... e vai num crescente. De modo que hoje é impossível a gente falar informação sem falar da nossa realidade, o nosso contexto, das especificidades tendo em vista que o Brasil, ele é grande, ele é múltiplo e cada realidade, ela precisa ser olhada, precisa ser observada com atenção. Então, é algo que é urgente, que vem crescendo, mas ainda não estamos no ideal de formação. Estamos no caminho dessa discussão.

Entrevistadora: Certo.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Sim. Essa pergunta é interessante, porque tem tudo a ver, né? A nossa formação brasileira envolve falar então das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas, de todos nós. Não a ideia de miscigenação, porque acaba que anula essa especificidade, a gente... na verdade, é algo que já é claramente contestado, né, a teoria das três raças e etc. E, na verdade, isso é um assunto muito complexo e confesso que até muito difícil para mim, porque recentemente que eu me parei para questionar sobre estas questões,

porque infelizmente na formação, se começar lá na escola pública, lá na escola particular, no ensino médio, isso é mal dado ou muitas vezes dado de forma enviesada. Quando a gente vai para o superior isso não é discutido quando deveria ser discutido num curso superior de formação de bibliotecários que trabalham com a cultura. É o que a gente fala. E aí... Então, é algo que eu tenho buscado, mas eu sei que ainda estou nesse processo também, porque infelizmente eu vivo, né, vivia numa... é triste dizer isso: até numa bolha, porque isso não era... não me foi despertado, não me foi questionado e eu sou uma pessoa branca que não sofreu preconceito. Então, não era um assunto que me despertava. Mas agora, trabalhando com a formação de alunos e de bibliotecários, eu acho que é uma obrigação do professor, do sujeito, do ser humano levantar esses questionamentos, esses discursos porque a sociedade, ela é, infelizmente, excludente, né? O nosso preconceito, ele é estrutural, então... e algo que os alunos estão também sendo levados a questionarem por meio da biblioteca, por meio dessas estruturas, porque a biblioteca, ela acaba também fazendo essa manutenção, né, e os profissionais... [Corte na gravação 07:54 a 07:58].

Entrevistadora: Professora?

Entrevistada: ...a gente então tem esses debates no espaço da biblioteca e fora da biblioteca também.

Entrevistadora: Certo. Está me ouvindo?

Entrevistada: Estou. Você está me ouvindo?

Entrevistadora: Cortou na última frase, eu acho.

Entrevistada: (risos) O problema é eu lembrar, porque eu estou nervosa, porque é um assunto muito delicado, entendeu? Igual eu comecei a falar no início, Franciéle, até te peço para voce rever isso com muito carinho, porque é um assunto muito delicado e muito difícil de ser tratado, entendeu?

Entrevistadora: Sim. Não se preocupe. A entrevista, ela vai estar toda ela transcrita, eu vou deixar toda a sua fala. Inclusive, porque não é só a sua fala, é uma fala de vários docentes que vai montar um discurso. Então, eu estou trabalhando com a abordagem da fenomenologia, então não tem resposta certa ou errada, tá? Pode ficar à vontade.

Entrevistada: Beleza.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Eu só não estou me lembrando agora o início da pergunta, mas são instrumentos, né?

Entrevistadora: Pode ser projeto de algum professor, pode ser alguma legislação, algum instrumento normativo ou administrativo que a senhora tenha conhecimento...

Entrevistada: Bom, pergunta difícil, assim. Não se responde... Eu fico pensando, né, com a Lei de Diretrizes e Bases, o currículo, ele passou a ofertar até também por conta da lei de 2003 que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, né, mas aí é do ensino médio público e particular, enfim. O que eu quero dizer? Lá, o curso oferece a disciplina por meio do Departamento de Antropologia. Os alunos têm a possibilidade de cursar, então, a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira. Isso é dentro de uma estrutura da universidade pública, que é o grande benefício dessa instituição, né, que ela possibilita que os alunos façam disciplinas em outros

departamentos. Agora, instrumentos específicos, infelizmente, eu desconheço. Porque eu estou pensando em instrumento aqui, em CDU, CDD, instrumentos norte-americanos, da Europa, e aí, a gente bem sabe que eles são também falhos, né? Inclusive, em alguma medida, preconceituosos. Tem estudos realizados sobre isso, né, de como a religião é tratada na CDU e na CDD, como as culturas são tratadas e a gente sabe que não é o ideal, não retrata a especificidade dessas culturas ou como elas gostariam, né? Não sei! Porque eu não sou da área de Organização, então, não sei te dizer profundamente, mas a gente sabe que elas têm as suas marcas aí de imprecisão. Infelizmente, eu não estou sabendo, assim, responder outros instrumentos que poderiam ou que leva...

Entrevistadora: Nenhum dos seus colegas faz algum projeto de extensão ou de pesquisa que faça alguma relação com a temática ou que tenha a ver com a temática?

Entrevistada: *Então, essa temática, ela acaba que ela é fruto de interesses pessoais dos professores, né, embora institucionalmente a gente tenha essa disciplina, a gente precisa até acompanhar se, de fato, os alunos estão fazendo essas disciplinas e incentivá-los. O que me chama a atenção porque eu estava recentemente lendo o projeto, então a disciplina, ela está prevista no PPC para que os alunos façam essa disciplina no departamento de Antropologia, mas a gente precisa acompanhar e motivar. Como a pesquisa... Assim, então, os outros professores, eu sei que não. Já teve um professor substituto que trabalhou e trabalha com essa temática, eu não me lembro o nome dele, porque eu não o conheci. Mas eu sei que ele está... parece que ele está em Goiás, mas eu não sei se a pesquisa dele era de interesse dele ou se ele levou isso para a sala de aula. Isso precisaria ser investigado. Agora, eu tenho trabalhado com a pesquisa nessa direção desde o início do ano. Eu entrei em 2017 e em 2018, no início do ano, eu entrei com esse projeto de pesquisa que é, justamente, verificar se nos acervos das bibliotecas públicas é contemplada essa literatura afro-brasileira. E aí, eu trabalho com literatura. Justamente por entender que a literatura, ela faz parte desse processo de formação do sujeito, do conhecimento de si e do outro e da alteridade. Então, é tentar verificar os autores de literatura afro-brasileira nessas bibliotecas públicas do nordeste. O projeto inicial foi esse. Esse projeto inicial derivou da pesquisa do meu marido que é pesquisador do LiterAfro, que é o Portal de Literatura Afro-brasileira da [Universidade Federal]. Que defendeu a monografia dele em 2013, e aí, ele fez essa pesquisa de levantamento dos autores e das edições das obras em 2013 na biblioteca de Minas Gerais. Quando a gente muda para o Rio Grande do Norte, e aí eu me deparo com uma biblioteca pública fechada, eu começo a pensar que... que há um... O processo, ele tá falhando. E aí, eu queria... por isso eu ampliei essa pesquisa para o Nordeste, mas eu precisava de catálogos online, e aí eu descobro que somente três bibliotecas no nordeste tem catálogos online. E, na verdade, uma eu consigo, de fato, pesquisar que foi a biblioteca da Bahia. Então, a gente fez um levantamento de com sete alunos voluntários, porque eu não consegui bolsa. Mas eu tenho sete alunos que estão efetivamente no projeto desde o início e seriam mais alunos, mas é que fica, de fato, inviável trabalhar com mais gente voluntária e coordenar uma equipe maior, já que eu também estou iniciando na carreira docente. Eu entrei na UFRN em 2017, ano passado. Até então, eu era a bibliotecária, né, de um sistema de bibliotecas em Minas Gerais. E aí, então, a gente faz essa constatação, porque eu percebo nas publicações da área mostrando o quão é importante, né, essa construção desse acervo. E a ideia, então, desse projeto foi de... está em desenvolvimento ainda, de verificar quais são essas lacunas, quais são as obras presentes e quais as obras ausentes, partindo de uma lista pré-definida de obras e de autores. Mas isso é um projeto de pesquisa meu, entendeu? E dos alunos que compõem e do Gustavo, que é pesquisador agora também aqui da UFRN vinculado a Letras. Mas, assim, não é algo que é de fato*

abarcado por todos, que é levantado por todos, porque... O que a gente quer fazer é iniciar esse movimento que eu acho que a gente já faz com os alunos né, de instigar, de motivá-los a ver, então, esses acervos, porque eles são uma construção e o bibliotecário, ele tem esse poder de desenvolver as coleções.

Entrevistadora: Perfeito, professora! Então, existe um projeto que, de certa forma, trata das culturas africanas, não enquanto curso, mas de uma docente que seria a senhora, né? Qual é o nome do projeto professora?

Entrevistada: *“A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas do Nordeste”.*

Entrevistadora: É um projeto de extensão ou de pesquisa?

Entrevistada: *É um projeto... é interessante essa história, ele está cadastrado como um projeto de extensão, mas ele é um projeto de pesquisa. Ele poderia ser um projeto de extensão se, de fato, eu fosse, né, na comunidade, mobilizasse aí... É uma relação mais direta com a sociedade, que não é o momento ainda, porque a gente está no momento de construção mesmo de pesquisa, de discussão. A ideia é que depois a gente vá a essas bibliotecas, mas aí seria um segundo momento que a gente ainda não pensou, entendeu?*

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Assim, de modo geral ou não?

Entrevistadora: Pode ser de modo geral, o que a senhora conhecer.

Entrevistada: *Ah tá. Óh, a gente tem trabalhado com... Primeiro assim, da área da Biblio, eu destaco o trabalho... o seu trabalho, que você tem feito, porque recentemente foi publicado um trabalho até envolvendo acervos. E aí, a gente vai colocar na discussão, então, um artigo que vocês produziram. Tem “O negro na biblioteca” também que é de uma colega, uma bibliotecária chamada... Eu tô lembrando sobrenome agora que é Cardoso. Ela também fez um TCC e depois eu acho que dissertação. Então, isso são alguns autores da área da Biblioteconomia. Agora, assim, de um modo geral, a gente tem trabalhado com o... estou tentando lembrar... o Homi Bhabha, embora seja um pouco difícil, a gente está fazendo essa leitura do “O local da Cultura”. A gente está fazendo uma discussão crítica para mostrar a questão da cultura com Gilberto Freyre para que... eu até mencionei das... sobre essa miscigenação, mas a gente está questionando do jeito que ele coloca, né, no livro dele “Casa-grande & Senzala”. A gente tem também o Renato Ortiz sobre identidade e cultura. Deixa eu ver quem mais... Bom, eu estou assim até um pouco gaguejando, porque como eu te falei algo novo, sabe, assim? Eu estou lendo e, se pudesse mandar, eu mandava, mas eu estou...pode não?*

Entrevistadora: Não pode, Professora. Tem que ser assim, na hora que a senhora pensa e a senhora vai me dizendo alguns. Está tranquilo. É justamente para eu compilar depois e ver quais os autores que foram pensados na hora da entrevista, porque a entrevista é surpresa.

Entrevistada: *É. Então, mas eu também não queria comprometer a sua pesquisa entendeu?*

Entrevistadora: Não, não tem problema. A senhora pode falar o que a senhora lembrar.

Entrevistada: *Tá. Então, eu vou com a “Crítica da Razão Negra”, do... eu só não sei se... Eu sei falar o nome dele: o Achille Mbembe. Agora, tem também a Djamilia [Ribeiro]*

também. Eu não li, mas a gente, assim, assistiu alguns vídeos sobre ela e dela falando sobre o silenciamento. Deixa eu ver o que é mais... Acho que... só assim, a nossa ideia também é ler literatura como a do Allan da Rosa, que recentemente foi o último livro de literatura que eu li “Zumbi Assombra Quem”, que ele justamente... ele questiona como é que não é... o personagem, um aluno que na escola os colegas debocham, criticam, deturpam a imagem do Zumbi. E aí, a família dele, de fato, explica quem foi o Zumbi, né, a história toda, de um outro lado que a escola não... não ensina. Aí, voltando no teórico, o Eduardo de Assis Duarte com literatura afro-brasileira, a Cidinha da Silva também é uma autora interessante... E tem uma que eu estou tentando lembrar, que eu sempre confundo o nome dela... Eu não vou lembrar agora, sabe? Mas acho que é isso, uma pena, porque eu também podia ter me programado, mas não me programei, não é?

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Tá, eu tava... a gente lê, assim, eu li o seu TCC. Por sinal um TCC bem grande e extenso. Eu tenho certeza que a sua dissertação, ela também vai ficar à altura ou melhor, né? E aí, fui pesquisando essa questão dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. E aí, infelizmente, eu acho que, talvez, a sua hipótese... Você tem levantado e vai te confirmar que, assim, o curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e essa questão de gênero. Como a gente ainda está engatinhando em algumas questões... Mas eu fico feliz, porque tem uma nova geração aí levantando essa... essa temática e, ainda, com publicações. Porque não é só falar, vide aí o último livro o “Bibliotecári@s Negr@s” que foi lançado e é algo que era impensável antes na Biblioteconomia de ser produzido. Então, acredito muito nessa nova geração, nos bibliotecários... nos futuros bibliotecários e nas novas temáticas de pesquisa que estão ampliando aí os horizontes e, de fato, fazendo com que esta Biblioteconomia repense as suas estruturas e a sua formação. E o bibliotecário consiga ser esse profissional da informação, da cultura, e não só ficar nesse discurso vazio ou circular, sendo que ele não entende da sua cultura, né, ele não sabe que ele também é um produtor de cultura e de preconceito. E ele é responsável por todo esse contato, esse movimento com o outro né? Então, eu te dou parabéns pela pesquisa, foi uma da... um dos motivos que me levou a participar, sabe? Porque eu confesso que eu estou ainda nervosa devido ao pouco tempo de academia, sabe? E sei que isso fica registrado. Então, o medo de falar alguma bobagem, de tocar em um assunto que, para mim, é tão caro, é tão difícil ler e discutir sobre... Então, eu gostaria que você tivesse todo sucesso aí e o êxito na pesquisa.

Entrevistadora: Muito obrigada, Professora!

Entrevistado 18 - Universidade Federal - 08.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Ave Maria!! É uma pergunta enorme! Bem aberta mesmo! (risos) Menina, olha, que loucura. Deixa eu te dizer: o que eu acho... Os desafios...?*

Entrevistadora: ...sociais para a formação do bibliotecário.

Entrevistado: ...para a formação do bibliotecário. No Brasil, né?

Entrevistadora: Isso!

Entrevistado: Para que eu responda isso de um modo mais amplo, de um modo geral, nós temos uma diferença muito grande cultural, apesar de termos vindo de lá, né, há uma série de questões que a gente tem da Europa e tudo, a formação nossa, aqui no Brasil, ela é muito mesclada, assim como nossa gente, ela é muito mesclada. E isso não é demérito, de maneira nenhuma, apenas a forma como ela é mesclada aqui privilegia coisas que vem da Europa, mas que não... nós não temos tudo que vem da Europa. E, ao mesmo tempo temos um outro problema, as questões que nos melhoram pela nossa miscigenação racial não são valorizadas. Então, nós temos um vislumbre daquele local de onde a gente veio. E não temos a valorização do mundo que nos contempla mais expressamente dessa miscigenação. Então, se lá para Europa já está começando a ficar complicado o universo das bibliotecas, principalmente a biblioteca pública, você calcula para um país em que a Biblioteca nunca foi central. A biblioteca era um espaço de elites de um país que a educação vem se degradando, que grande parte da população não tem acesso à educação por, como diria Darcy Ribeiro, por projeto e não por contingência ou desastre ou por fatalidade, né? É um projeto! É um projeto! E ainda as pessoas vêm falar de meritocracia e eu morro de rir, né, para não chorar, porque é o dispositivo foucaultiano em ação, né? A gente tem uma série de ações que são desenhadas, esquadrihados, mesmo que a gente não tenha noção delas, mas são esquadrihadas na cultura, na base. E que você não tem mais acesso, é encapsulada, envelopada, né? Então, funciona como se fosse uma grande infraestrutura que você não tem acesso. É aquela história: como é que o prédio fica de pé? Você não faz ideia. A gente não sabe o que tem dentro, você não vê o que tem dentro, você só imagina, né? Então, a gente não tem acesso a essas infraestruturas na sua completude, mas você tem uma série de traços ali que são fundamentais para manter aquele prédio em pé. E o prédio do racismo, do machismo, da misoginia, da... desse projeto de educação pífio que quer criminalizar o pobre, que quer criminalizar o negro, que quer criminalizar o LGBT é um projeto que tá correndo dentro dessa infraestrutura, né? E da mesma maneira, tirar a centralidade da biblioteca desse caminho é um dos efeitos desse projeto. Não adianta a gente discutir uma biblioteca pública que não seja inclusiva, não tem como! Atualmente, as estratégias têm tentado buscar esses caminhos, de buscar a inclusão. Mas só que existe todo um aparato social que impede esses avanços, não é? Quando a gente reclama de que a biblioteca tem que ser inclusiva para o negro: - Mas porque tem que ser inclusiva para o negro? - O negro não é diferente. - Se você bota cota para o negro na universidade, é porque o negro tem algum problema? - Não! Nós é que não somos racistas. - Vocês é que estão defendendo cotas é que são racistas. Entendeu o problema? Inverte-se o jogo. E aí, nesse sentido, acho que são os principais desafios para a gente vencer essa bobagem, essa barbárie, né? Porque isso é barbárie, para mim é barbárie. Isso é projeto. É um projeto de mundo para manter tudo igual, para manter tudo como está, os mesmos privilégios para as mesmas pessoas sem o menor pudor de fazer isso, né? Então, um dos principais pontos que eu acho que a gente precisa atacar é justamente essa... esse entendimento. Primeiro,

o resgate muito grande das histórias, das nossas histórias e depois de uma tentativa de furar esses bloqueios. E, obviamente, cuidar das nossas eleições, das nossas representações que estão as piores possíveis. Basicamente, eu acho que não é pouco não. (risos). É desafio à beça! E esses, assim, são os principais que já estão na minha cabeça rodando há muito tempo e eu que estou conseguindo verbalizar para você, porque eu tenho pensado sobre eles. Agora, todos os outros que eu ainda não tive a chance... que esse é tão grande, tão pesado, tão difícil, tão complicado e que a gente vive diariamente, né? Eu não sou negro, mas eu vivo com um monte de negros, meus alunos são negros e eu fico preocupado com eles. Eu tenho alunos que estão em comunidades, eu tenho alunos do Alemão, eu tenho aluno em vários lugares do Rio que são perigosos e difíceis. E eles não têm segurança nem para ir e vir, né? Eu não sei se eu saio e me despeço de um aluno hoje, eu não sei se vejo ele amanhã. Entendeu? É difícil! É uma situação bem complicada! Então, eu acho que para a gente... E a biblioteca é central nesse projeto, porque ela... Primeiro, ela deixa a esperança de que todo mundo possa ter acesso a esse conhecimento, não é? E, por outro lado, a gente tem que cuidar também da inclusão de todo conhecimento, não é? Então, também tem uma questão da seleção, também tem uma questão da formação de coleção que precisa representar o LGBT e que precisa representar o negro, que precisa representar o indígena. Não basta simplesmente a gente pegar o Foucault ou o Pêcheux e os grandes filósofos e estudiosos do mundo branco e botar lá dentro. Isso não funciona! Isso não resolve a vida da gente. Então, é assim, é um trabalho hercúleo, que a gente não está dando conta. Na verdade, a gente não está dando conta. E do jeito que as coisas estão indo no país hoje, não vamos dar conta por muito tempo, se a gente não pegar esse “touro à unha” e começar a “tourear” ele aí bonito.

Entrevistadora: Perfeito, Professor.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Um pouco do que eu falei no anterior, né? Nós temos o projeto do professor Marcos Miranda, que eu não vou saber te detalhar tudo, mas um dos grandes valores deste projeto para mim, eu que sou da organização do conhecimento e curto muito esta questão da classificação, principalmente da indexação, acho fundamental e importante, né? Não basta você pegar o livro, classificar e botar na estante. Você tem que ter um trabalho de bibliografia, né? Você tem que ter um bibliógrafo. O seu bibliotecário de referência, ele precisa ser um bibliógrafo. Ele não pode ser, simplesmente, um cara que vai lá olha o sistema, vê a sua pergunta, conversa com você, vai lá pega o livro e te entrega e acabou a relação dele com você. O cara tem que se interessar pelo livro, tem que entender do que ele fala, tem que pegar as referências, ele mesmo pode não ter lido ou ele pode não conhecer tudo aquilo profundamente, mas ele tem que saber quem leu, quem resenhou, quem teve a possibilidade de trazer aquilo para... para lá. E, para isso, a gente precisa ter gente que tenha essa... esse... essa possibilidade de transferir conhecimento, não é, de um lado para o outro. E o trabalho do professor Marcos vai pegar, por exemplo, as religiões de matriz afro e colocar o espaço... a necessidade de um espaço dentro da CDD que não tem, aquela categoria está lá como religião muçulmana, cristã e acabou-se. E outras. Quer dizer, isso não adianta de nada para a gente, não é? É a mesma coisa: eu tenho uma biblioteca de geoquímica, e aí, tudo que eu for fazer lá vai ser em geoquímica, é uma “tagzinha” desse tamanho com uma... Esse é o meu marido (risos). Essa é a Franciéle.

Entrevistadora: Olá! Tudo bem?

Entrevistado: É a gente saiu de em uma casa enorme de três quartos para uma casa desse tamanho de quarto e sala. Então, onde eu estiver aqui a gente vai se ver.

Entrevistadora: Não tem problema.

Entrevistado: E o que acontece é isso: Eu pego lá uma “tagzinha” de geoquímica que tem poucas subtags, subclasses e classifico tudo em geoquímica. O que me adianta isso? Não me adianta nada! Não serve de nada! Ah, eu tenho uma biblioteca de educação e poucas entradas de educação. Não vai fazer nenhuma diferença para mim. O que eu preciso? Eu preciso de especificação, se é especializada, eu preciso de especificação. Se é pública e eu tenho lá uma tag mínima para religião, que vai contemplar duas que não são as maiores para o meu público, quem vai buscar normalmente vai buscar dentro de determinado nicho, de que me adianta isso, né? E também faz parte de uma política de apagamento, não é? É uma forma de você pasteurizar e apagar o que não é o central, o que o que é o global, né? E a gente vive no meio dessa globalização o que é muito complicado! A gente tem que ter esses traços e tem que ter esses dados, né? Uma coisa que eu acho muito legal que, por exemplo, na formação, pelo menos nas licenciaturas, eu tive mais contato com isso, mas eu acredito que seja um projeto global para todas as formações é que existe a necessidade de você ter disciplinas específicas e inclusivas falando das questões africanas, falando das relações entre África e Brasil, falando sobre as questões de gênero... Então, isso já é um projeto que está sendo sabotado obviamente, né, por essas correntes, desculpe, golpistas. Não tem outro nome. É isso o que eu penso e é o que eu falo mesmo. Então, não tem outro jeito ou você vai... [Não identificado - 12:58 a 13:01] essa inclusão ou a gente não vai conseguir furar esses bloqueios, entendeu? É nesse sentido que eu acho. Então, a importância de trazer a relação entre a África e criar uma Biblioteconomia que seja, de alguma maneira, representativa também dessas questões que estão tão dentro da nossa cultura, é fazer valer essas formações através dessas... primeira, né, e principalmente através dessa formação oficial e valorizar todo tipo de manifestação cultural. Então, eu sou um defensor da aula dentro do Museu. Então, é valorizar quando tem uma... eu levei alunos de Fundamentos da Bibliografia para uma exposição no MAR [Museu de Arte do Rio] que falava sobre o ponto de vista indígena na contação de história do... da história do Brasil, do descobrimento do Brasil e foi uma delícia! Uma delícia! É outro universo! É outra forma de entender o outro lado da história que não tem voz e que é apagado. Então, é fundamental! Isso eu acho que é um ponto fundamental.

Entrevistadora: Certo!

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Olha o... projetos de legislação, assim, agora assim de cabeça, eu não vou quer saber te dizer. Mas, por exemplo, esse projeto do professor Marcos e outro... têm o projeto da professora Glenda também que vai falar justamente sobre questões africanas e tal e sobre racismo, sobre misoginia, e tal, existem vários projetos na universidade que estão dando conta dessas questões. Não vou saber te nomear exatamente, mas é uma preocupação. Eu sei que é uma preocupação e conheço alguns casos, né? Eu mesmo tentei iniciar um projeto, mas agora, nesse momento de uns dois anos para cá na coordenação de licenciatura, dando disciplinas e ainda fazendo pesquisas e ainda tentando fazer o projeto pro doutorado... E essas mudanças todas que estão acontecendo, eu não consegui concluir. Mas eu descobri, por exemplo, um dado muito legal. No final do ano passado, eu conheci a Alexia, que é uma queridíssima de uma bibliotecária trans. É uma querida,

que virou... que se tornou realmente amiga vi segunda vez... duas vezes e já somos, assim, muito próximos, muito amigos. E eu comecei a tentar montar um projeto que eu chamei “TransBiblioteconomia: bota a cara no sol” (risos). Eu tenho alunos que são trans, né? Tive contato com alguns e que... a gente precisa dar conta desse universo, né, tem que conversar com essas pessoas, entender esses processos e o que é complicado para elas e o que é necessário para elas não é? Eu sempre fico muito preocupado com isso, porque, como homossexual, eu sei o que a gente passa. E para o transexual sempre foi muito pior. Muito, muito, muito pior! Então, assim, eu não me preocupo muito com o bibliotecário homossexual, porque eu sei que ele tem já os acolhimentos necessários, agora ao transexual, a gente não tem nada ainda muito claro. Então, a gente precisa ajudar a construir, né? Pelo menos para dar um pontapé inicial, porque, muitas vezes, as pessoas não têm forças nem para discutir com as instituições, né? Então, acho que cabe a nós, que temos forças para discutir, a gente iniciar o processo de discussão. E aí, com o processo encaminhado, deixar o barco correr e participar ajudando, tentando sempre valorizar a voz de quem tá sofrendo o problema, né? E até, se for possível, se for permitido, orientar no sentido de que possam ajudar de alguma maneira a furar os bloqueios e ir adiante e tudo mais. Às vezes, a gente é um pouco rechaçado, porque: - Ah! Você é branco, privilegiado, parara e tal. - Está usurpando o lugar de fala e tudo. Tá! Eu sou um pouco avesso a esse discurso de lugar de fala. Eu acho que lugar de fala também é um lugar discursivo, que tem seus poderes e tem seus podres como todos os outros. E tem suas utilizações “maléficas” e acabam contribuindo para que pessoas, que são simplesmente oportunistas, utilizem e desvalorize esse lugar de fala. E lugar de fala é um lugar privilegiado e que tem que assumir esse privilégio de uma forma muito responsável, porque passa a falar pela comunidade. Eu acho super importante que todo mundo tenha essa clareza, porque senão a gente se perde nos discursos e acaba fazendo bobagens à toa. Não precisa. Mas, de qualquer maneira, assim, eu acho que o empoderamento das pessoas e tudo, isso é fundamental. Esses projetos de extensão, eu acho que fazem bem esse processo. A questão das legislações para o racismo, eu acho que existe, por exemplo, uma legislação boa, mas que ainda é insuficiente, porque ainda é minimizada quando, por exemplo, você tem um caso claro de racismo, ele é minimizado como injúria racial. E aí, a detenção, que seria inafiançável, se torna uma cesta básica. Para que isso serve? Nada! Para nada! Quando você não consegue colocar uma lei anti-homofobia, anti-lgbtphobia firme para que coisa ande, a gente não tem muita saída. Então, no âmbito da legislação, enquanto a gente tiver uma... uma manipulação tão forte dos valores via esses agentes tradicionalistas mais bobos, mais boçais, o que a gente vai ter é ainda esse espaço universitário um pouco mais preservado. Mas cuidado, porque, olha aí as notícias das bolsas sendo suspensas em função do... justamente do andar do golpe. Foi o que eu postei no... Eu não sei se você viu no meu Facebook, eu postei ali quando saiu essa história. Eu postei: um dos modos de você acabar com a força de um país é você atacar sua biblioteca, o seu arquivo, que é aonde está a memória nacional, o coração do país, a mente do país está ali. E também as suas instituições de ciência. O Golpe Final! Eu vou matar quem tá produzindo conhecimento e resistência. Conhecimento é resistência! E se eu matar quem tá produzindo conhecimento resistência é o que há. Eu consigo dominar qualquer coisa: as reservas, eu já tô dominando, porque a gente já vendeu a porcaria toda. Agora, o que a gente precisa é subjugar a mente. No final, a gente subjuga o coração. E aí, acabou! Aí, já era!

Entrevistadora: Nossa!

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Olha, uma pessoa que abriu para mim o universo maravilhoso da África é a Chimamanda Adichie, que é fantástica! Eu adoro os livros dela! Eu adoro, principalmente, a contação de causos dela, que é maravilhosa. Aquela TED, a primeira TED dela que ficou famosa, para mim é uma maldição recorrente. Sou apaixonado! Adoro! Algumas coisas que eu... Uma coisa que eu gostei bastante foi um livro sobre bibliotecários negros que eu quero ler. E eu estou, realmente, querendo muito... “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política”, que é de uma moça muito inteligente e interessante chamada Franciéle Carneiro Garcês da Silva e de Graziela dos Santos Lima. E eu estou muito curioso com livro, o que você acha? (risos).

Entrevistadora: Ai, que vergonha! Eu espero que o Senhor goste. (risos).

Entrevistado: Mas eu não estou podendo comprar nada agora. Porque eu tô querendo doar a minha biblioteca para a [Universidade Federal] e eu estou fazendo esse movimento agora. E não posso comprar nada, porque senão vou ter que levar para Portugal e é caro. Então, vocês precisam pensar rapidamente no modo de gente comprar isso virtualmente.

Entrevistadora: Ele está disponível para a download gratuitamente no site da ACB.

Entrevistado: Está? Ah, então, perfeito! Pronto! Já vou fazer a minha... a minha leitura no avião, com certeza!! Eu acho, assim, que a gente tem poucas fontes, mas temos muitos projetos que vão produzir muitas coisas boas. E teve uma outra bibliotecária também, que agora eu não vou lembrar, já tem um tempinho... tem uns dois anos, eu participei de uma mesa em que a gente falava de inclusão, e ela... Meu deus, eu sou péssimo para memória, a minha memória está uma coisa horrível! ...mas ela é uma moça muito combativa, do movimento negro, muito... uma pessoa muito especial mesmo, sabe? E se coloca com muita dignidade, com muita inteligência e o livro dela é primoroso. Não vou lembrar agora o nome, desculpa, mas eu procuro ele. Eu tenho ele. Eu procuro ele pra te passar, porque ela falava justamente dessa questão dos negros com a Biblioteconomia. Então, é uma boa fonte, né? Foi bem interessante.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

É! Porque acabou a entrevista? É isso? Ah!! Enfim. Olha, muito obrigado por me considerar como um entrevistado. Obrigado pela oportunidade de conhecer você e ter esse momento. Pedir a você que a gente mantenha sempre diálogos, porque eu acho que é sempre muito importante. Contar para você que eu estou indo, se Deus quiser, se tudo der certo, se os Orixás ajudarem (risos) vamos para Portugal a partir do dia 24 de Setembro, mas eu mantenho sempre contato com o país, né? A ideia, inclusive, é estabelecer uma linha de pesquisa ali na para a Universidade aonde vou e a Universidade de Música da Unirio e na Biblioteconomia, na área de Documentação, Bibliografia e Musicografia e tal. E o meu ideal é que a gente transite. Então, se a gente conseguir mobilizar pessoas que têm o mesmo interesse em música, eu gosto muito de música africana. Acabei de gravar um... uma música de um compositor de Niterói, o Jeferson Andrade, ele é um cara super interessante, ele fez uma música chamada “Cativeros” e eu gravei com a esposa dele, que já canta essas músicas há bastante tempo e tudo. E a gente fez uma coisa bem interessante: tem um coro que a gente colocou no arranjo musical, que ficou muito bonito. E, assim, eu acho que a gente tem que ter essas proximidades. A Biblioteconomia não é só a técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para ação e é isso que me interessa. Eu sou da licenciatura em Biblioteconomia também, sou

coordenador da Licenciatura em Biblioteconomia e acho que o trabalho de um e de outro são diferentes, mas são muito importantes ambos. Acho que nós temos que ter os dois profissionais funcionando, que poderíamos ter o mesmo profissional trabalhando em habilitações diferentes, eu acredito mais nisso, mas o MEC não acredita nisso, enfim. A gente faz como pode, mas eu acho que é uma coisa que a gente precisa considerar: o bibliotecário e o licenciado em Biblioteconomia, ambos são de origem bibliotecária, as suas ações são mais voltadas à Pedagogia ou à ação técnica da Biblioteconomia, mas ambos têm esse caminho para a educação e para a pesquisa. Isso é fundamental para a formação de qualquer outra área, qualquer pessoa seja engenheiro, cientista social, artista, músico, médico, todo mundo precisa da Biblioteconomia e das suas duas diretrizes. As licenciaturas, que vão dar conta das possibilidades de pesquisa e da Biblioteconomia, que vai dar a parte mais do tratamento técnico e da busca em recuperação de informação, né? Então, ambos são muito importantes e devem andar em associação. E todos nós precisamos dar conta dessas questões sociais. A Biblioteconomia Social, para mim, agora é uma bandeira. A [Nome não identificado] é uma moça muito interessante que eu gosto para caramba e que tem mostrado o valor desse trabalho que ela tem feito, que eu gosto para caramba e acho que é bem interessante. Então, é basicamente é isso.

Entrevistadora: Professor, muito obrigada pela participação.

Entrevistado 19 – Universidade Federal – 07.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Os desafios sociais, vamos dizer assim ó, primeiramente é bom a gente lembrar sempre o histórico do curso de Biblioteconomia né, ele é um curso que ele atende na sua maioria dos seus alunos são de classes B, C e D, dificilmente você vai encontrar a classe A, e B são raros os casos mas é C, D e E já vem por essa questão, que no caso lá da Universidade de Rondônia onde o curso é a noite então ele pega pessoas que trabalham no dia. Ele foi um curso criado pelo REUNE então quando o REUNE, um dos motivos do REUNE qual era? Era levar a universidade as pessoas que trabalham durante o dia para universidade pública à noite, então nessa é a criação do curso de Biblioteconomia pelo REUNE, só um pouquinho aí que... só um pouquinho Franciele... [Pausa para atender a uma ligação].*

Entrevistado: Franciéle?

Entrevistadora: Oi, professor, está me ouvindo?

Entrevistado: Franciéle? Oi?

Entrevistadora: Professor?

Entrevistado: Vou tirar a câmera de novo. Está me ouvindo?

Entrevistadora: Eu lhe ouço, o senhor me ouve?

Entrevistadora: Professor?

Entrevistado: Oi, desculpa, desculpa. Voltei! É que eu estou falando com a minha esposa, eu estou em São Paulo parado, peço desculpas...

Entrevistadora: Sem problemas. Então, eu vou fazer a pergunta de novo: “Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje”.

Entrevistado: Tá! Boa tarde! A questão, assim, primeiramente, é importante frisar é a questão dos quem são os alunos do curso de Biblioteconomia? Eles são... pelo padrão Nacional de pesquisas comprovadas, assim, é que a maioria dos alunos são formados pelas classes C, D e E. São alguns alunos da Classe B, poucos casos, não são no Brasil todo e, dificilmente, você vai encontrar alunos da Classe A dentro dos alunos do curso de Biblioteconomia. Então, já são alunos que já tem um perfil diferenciado, já tem uma vivência da questão social, das dificuldades, das mazelas do dia a dia da nossa sociedade, eles já acompanham isso bem mais de perto. Eles conhecem a realidade da comunidade, as realidades que ajudam... Então, com isso vai ajudar a formar, posteriormente, um melhor bibliotecário, um bibliotecário social. Então, essa é uma das diferenças do nosso curso. Então, quando a gente vai montar um curso, a gente tem que também pensar na questão do lado social, de se trabalhar a Biblioteconomia social e mostrar para os nossos futuros egressos a importância do profissional bibliotecário trabalhando junto à comunidade. E eles como já advém dessas comunidades, já vivenciam diariamente e sabem da importância o papel da educação, o papel da cultura dentro da sociedade, no que ela ajuda no crescimento da sociedade. Então, também é um diferencial nosso. E aí, a gente tem, como professor, saber trabalhar esses fatores que estão ali presentes para criar um bibliotecário muito mais... com maior envolvimento social do que somente um bibliotecário técnico.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

É. Tá. Vamos dizer assim, até eu vou contar um pouquinho, primeiramente, da minha história, né? Quando eu ingressei na universidade pública, dificilmente tu encontrava negros e pobres dentro de uma universidade pública. Ainda mais se o cara é negro e pobre, então, é... dificilmente, um dos poucos cursos que existiam, que tinham negros e pobres era no curso de Biblioteconomia. Hoje, até pelas questões de cotas e tal, vamos dizer que quando eu entro na sala de aula lá em Rondônia, vamos dizer assim, mais de 60% dos alunos ou são negros ou são pardos, isso para mim me deixa muito mais, vamos dizer assim, óh, satisfeito, alegre, feliz. Porque eu tô vendo que a universidade está aí para... a universidade pública tá chegando a quem ela deve chegar. É essa comunidade que a universidade pública tem que abraçar, trazer para eles. E, vamos dizer assim, a questão de trabalhar os temas afros, não somente os temas afros, a questão também da sexualidade, das comunidades e minorias, isso aí, a gente trabalha desde de a "Introdução à Sociologia", é trabalhado isso aí. Tem as políticas culturais, onde é desenvolvido, envolvendo, inclusive, o nosso corpo de professores na [Universidade] Federal de Rondônia tinha um Professor substituto que ele, inclusive, a tese dele foi sobre a questão... do envolvimento afro. Tem um outro professor titular que negro também e ele trabalha essa questão aí junto com os alunos para mostrar que é uma coisa interessante. E aí, pode se ser um desconhecimento meu, muitos alunos, muitas vezes, eles não se aceitam. A questão, quando a gente fala: - Mas você é pardo. Igual ao meu filho. Eu tenho um filho e meu filho é pardo. E é bem interessante. Vamos dizer, assim, até vamos dizer... quando a gente foi adotar o meu filho, então, a gente tem uma certa vivência, porque do lado da família da minha mãe, os únicos brancos na família da mãe é eu e meus irmãos. Todos os meus primos, tios, ou são negros ou são pardos. Então, essa questão, assim, do preconceito que eles passam, isso, vamos dizer assim, ajudou na minha formação. Isso é uma coisa que eu trabalho em sala de aula. Eu trabalho, porque assim, óh, não adianta somente a gente colocar nas diretrizes lá no PPC. A gente conversa entre os professores que a gente tem que passar isso para o aluno, debater, não é só... Muitas vezes, a gente encontra o PPC é bonito. Ah, o PPC, porque lá no nosso PPC tem essa questão da...do... trabalhar a questão afro, a questão da diversidade sexual, existe isso no PPC. Porém, a gente tem que colocar isso na prática, levar e provocar o debate. E, muitas vezes, as reações que a gente encontra, muitas vezes, a gente fica assim, vamos dizer assim, às vezes, deixa triste e, às vezes, não. Às vezes, as pessoas, vamos dizer assim, custam a se aceitar, até em questões de beleza, tá? Às vezes, tem várias pessoas: meninos e meninas. E eu vou e digo: - Ah, vocês são lindos! - Não, a gente não é, professor. Você que é bonito. - Não! não! Nada a ver! Nada a ver! Beleza não tem cor, beleza é beleza! E, vamos dizer assim, a gente trabalha isso na sala de aula. A gente conversa com os alunos da questão da... como numa biblioteca que todos os usuários tem que serem tratados com dignidade, independente de quem é o usuário. Então, a gente trabalha com a questão das bibliotecas prisionais e os projetos... Inclusive, foi implantado bibliotecas prisionais em Porto Velho no... Primeiramente no presídio feminino com uma aluna egressa, e agora está sendo implantada em mais outras duas bibliotecas no presídio... na biblioteca federal também é implantada a informatização com alunos do curso de Biblioteconomia lá da [Universidade] Federal de Rondônia. Não sei se cheguei a entender... a passar tudo, mas a gente trabalha no dia a dia assim, Franciéle, não somente no PPC. No PPC tem, perfeito! Só que não adianta a gente ter lá no PPC bonito, como a gente fala "para inglês ver". A gente tem que trabalhar isso no dia a dia e mostrar para eles essas mazelas, a questão da Biblioteconomia Social e aproximar o bibliotecário da sociedade.

Entrevistadora: Entendi.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Tá. A questão, assim, tem o professor Modesto, que é um professor e atual chefe de Departamento e ele desenvolve projetos de extensão nas comunidades ribeirinhas, tá? Além do que, dentro da [Universidade Federal] existe um grupo de estudo da questão afro e há duas alunas do curso de Biblioteconomia que participam.

Entrevistadora: Mas não é do curso de Biblioteconomia esse grupo?

Entrevistado: Não é do curso. É da Universidade como um todo. O professor Márcio, que estava conosco participava do projeto, e tem duas alunas do curso de Biblioteconomia que participam. E o professor Modesto promove ações, tanto na Biblioteconomia, quanto nas comunidades mais avançadas que a gente chama na Zona Leste. E aí, é tocada essa questão, que a gente ainda carece um pouco mais. O curso ainda é novo e está se reestruturando a questão de professores, né, Franciele? Assim, óh, para o desenvolvimento de mais projetos de extensão. A gente sabe, a gente tem ciência que a gente tem... que a gente precisa de um maior envolvimento, mas é que, tipo, no momento, a gente tá com cinco professores: têm dois afastados pro doutorado e tem três fazendo o doutorado via de DINTER. E o nosso grupo de professores é entre onze professores, então, cinco professores, literalmente, não estão dentro da universidade, tem só seis. E aí, vamos dizer assim, a gente tá... mudou o currículo está sendo implantado o novo. Então, literalmente, a gente está suando, viu? (Risos). Mas a gente sabe da importância, tá? Eu já fui chefe de Departamento e isso é uma coisa que a gente fez... que a gente tem que desenvolver muito mais projetos de extensão junto com as comunidades, porque a gente prega muito para os alunos também e os alunos posteriormente depois de egressos: - Ah, vamos lá, Professor. Vamos desenvolver ações. Eu disse: - Eu sei, a gente tem que desenvolver ação. - Calma, calma que eu tô chegando lá. Que eu também sou responsável pelo estágio, Franciele. Só um adendo. Então, uma das primeiras coisas, assim que eu cheguei há quatro anos, primeiramente, foi estabelecer políticas de convênio de estágio e, finalmente, no início do ano que a gente tem todos os convênios de estágio com as instituições. Vamos dizer assim: a casa tem que estar arrumada para a gente começar a desenvolver mesmo. Agora o foco nosso, posteriormente, é o projeto de extensão.

Entrevistadora: Certo. Me diga uma coisa: existem ações afirmativas na sua instituição, Professor?

Entrevistado: Existem! Existem! Tanto racial... vamos dizer assim, quem melhor poderia falar sobre isso seria nossa Pró-reitora de Extensão que, inclusive, é negra, a professora Marcele, viu? Olha! É muito legal a fala dela, assim. Esses dias, a gente foi em um evento eu e ela, porque ela, vamos dizer assim, é que é o “vulcão da coisa”, assim, dessa do grupo de estudos das ações afirmativas é ela que encabeça tudo. É aquela questão, [cota] não é privilégio! Não é privilégio.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Ah, a questão de ler, aí, tu me apertou, viu? Porque, assim, óh: o Márcio, que é o bibliotecário que se formou agora e fez o doutorado na [Universidade Estadual] e trabalhou essa questão, ele, inclusive, ficou três meses residindo lá na minha casa. Então,

a gente compartilhava as discussões dos livros. Vamos dizer assim, óh, se eu vou dizer assim, que eu li “Casa Grande & Senzala” eu li isso durante a faculdade, atualmente, não... Infelizmente, eu tenho lido mais coisas bem técnicas. Não tenho feito nenhuma leitura com enfoque na questão da... a questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas. Inclusive, creio eu, posso estar enganado, mas há pouquíssima coisa, viu? Eu não tenho muito conhecimento não, porque sempre... eu faço as pesquisas, assim, com o Márcio e daí... Tanto é que eu sei que o Márcio, ele penou para conseguir maiores coisas. Ele pegou muita coisa da Sociologia, porque dentro da Ciência da Informação em si, não. E se quiser, eu até passo o contato do Márcio, tá? Márcio Ferreira da Silva, que ele é bem envolvido com essa questão. Agora ele se formou e é aluno do doutorado da [Universidade Estadual]. Trabalhou dois anos conosco como Professor substituto e ele provocava muito esse debate.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

*Ah, vamos dizer assim, óh: vamos dizer, eu tenho várias coisas assim, né, Franciéle. Às vezes, fica assim... a pessoa fica com certo melindre para tocar... Vamos dizer, assim, óh: eu nunca observei a pessoa, eu como Marcos, o cidadão Marcos, pela questão de cor. Nunca! Tenho alunos bonitos e alunas lindas que eu digo que, assim, poderiam ser miss ou modelo. As pessoas, elas se desdenham. Eu disse assim: - Não é a beleza, ela não importa. A gente tá vendo a pessoa. A pessoa. Vamos dizer assim, eu sei como elas, as pessoas se desdenham... não é somente que elas se desdenham: elas vêm de uma cultura que elas ouviram o tempo todo que elas são feias. E isso, eu tenho na minha casa. Vamos dizer, a minha avó dizia que os únicos netos que eram bonitos era eu e os meus irmãos. E não vou dizer que não tinha primos muito mais bonitos do que eu, que vai parecer mentira, mas é a pura verdade! Mas, para minha avó, éramos os únicos bonitos. Então, já vem assim. Por isso, a questão do porquê o cara não faz... A questão, eu sei que, muitas vezes, se eu competisse com alguém que não fosse branco, tá, fosse negro ou pardo no processo de seleção, eu tenho certeza que, muitas vezes, eu posso ter sido escolhido por causa que eu era branco, tá? Eu tenho certeza disso. No processo de seleção com várias pessoas, algumas com mais capacidade do que eu, eu sei o porquê que eu fui escolhido e isso me dói. Teve um caso em que eu abri mão, porque foi bem claro que a pessoa... Porque na entrevista, a pessoa já veio... por causa de um sobrenome meu, que é o último e que é descendente de alemão, uma pessoa já veio falar e descendente de alemão e tal e tal. E tinha uma colega minha negra, tá, a Kátia, que ela era muito mais competente que eu, ela tinha melhores notas, ela tinha mais capacidade. A gente era da mesma turma e ela era sempre era melhor do que eu. E o escolhido no estágio fui eu e ela ficou em segundo. E ali, eu vi a coisa... com perdão da palavra a p*** sacanagem que tava acontecendo. Eu disse: Não! Não! O estágio ali, a seleção seria com o mesmo valor que eu tava recebendo, né? Aí, eu disse: - Não! Não! Não! Ele seria mais perto.... Eu disse: - Não! Não! Eu vi a sacanagem. Aí eu pensei: - Deixa assim. - Eu vou enganar. - Agora eu vou sair e fazer... E aí, o que acontece? Seria ela para entrar no meu lugar do estágio e ela não entrou. Eles pegaram o terceiro lugar.*

Entrevistadora: Entendi! Em que lugar que aconteceu, Professor, no Rio Grande do Sul?

Entrevistado: *É. Foi no Rio Grande do Sul! Foi uma tremenda sacanagem, tá? A Kátia não soube, eu soube de quem foi selecionado, da questão quando eu fui lá para fazer entrevista e tal e tal. Daí, eu vi a lista, assim, e tava o primeiro, o segundo e terceiro, né? E aí, quando foi trazer a documentação... Eu vi assim: - Hum, a Kátia em segundo. E eu*

disse: - Não. Não. Não. E a Kátia precisava. Eu já estava estagiando e a Kátia não. A Kátia precisava. Eu disse: - Não. Não. Daí, eu dei uma desculpa, então, para a Katia assumir. Daí, então, passados dois dias, a gente morava junto na Casa do Estudante, eu e a Kátia. E aí, eu cheguei: - E aí, Kátia. Já entraram em contato contigo lá? - Não! Tu sabes quem ficou em primeiro? Eu disse: - Fui eu, mas eu abri mão. Tu ficou em segundo... Daí, no outro dia eu disse: - Não. Vou ver isso aí. Aí, no outro dia eu chego na faculdade e o terceiro lugar já tinha sido contatado já. E eu disse: - Nossa! E naquela época não existia muito essa questão de rede social, porque era um caso, né... e isso na década de 90, né? Óh [estalo de dedos] O que acontece? Vamos dizer assim, a pessoa que entrevistou... E é aí que vem a pior sacanagem por isso, a pessoa que nos entrevistou... a gente. Chama de morena, ela era parda.

Entrevistadora: Ela [a recrutadora] era parda? De cabelo cacheado e pele branca?

Entrevistado: Não. Não. A gente chama, assim, óh... E aí, é questão de locais, né? Para minha família, a gente chama "pêlo duro".

Entrevistadora: Que seria o que? Uma pele escura e o cabelo?

Entrevistado: Uma pele escura, uma pele escura, tá? E o é cabelo liso.

Entrevistadora: O cabelo alisado, então?

Entrevistado: É. Seria o pardo de hoje. É igual ao meu filho. Não sei se chegasse a ver foto do meu filho?

Entrevistadora: Não. Não vi, professor!

Entrevistado: Igual ao meu filho! O meu filho é pardo, tá? Daí, vamos dizer assim...

Entrevistadora: Uma pele um pouco mais clara, do que o negro, mas no caso a...

Entrevistado: Não, não é negro negro... Mas aquela questão, assim, vamos dizer assim, o mulato, não sei se é... é que pra nós, a gente chama de moreno, né? Tem a morena-clara e a morena-escura. A pessoa que nos entrevistou era morena-escura, "cor de cuia".

Entrevistadora: Entendi. Uma pele mais dourada?

*Entrevistado: É para negro, viu? Não é negra, mas é igual a metade dos meus primos, viu? Daí, a pessoa selecionou... ela gostou das pessoas claras. Eu disse assim, uma p**** sacanagem, porque era, assim, uma seleção, tá? Era com prova e com uma entrevista. Na prova, o primeiro lugar foi disparado a Kátia. Na entrevista, daí eu fiquei melhor colocado. Daí, nós fomos os dois com essa pessoa, porque, na prova, tu não tinha como apagar a diferença, né, porque a prova saiu... a questão foi uma questão pessoal da empresa. A empresa já fazia isso: fazia a prova de seleção, a entrevista e a nota dos dois.*

Entrevistadora: Entendi. Então, o senhor pode considerar que o fato de o senhor ter passado na frente, foi um privilégio? Uma coisa assim, que lhe deram?

Entrevistado: Eu, vamos dizer assim... Sinceramente, lá do fundo do meu coração, eu acho que sim. Eu acredito que sim. Eu também sou competente. Não vou também me desdenhar, porque eu sou. Eu também era, só que a Kátia tinha um melhor desempenho que eu na academia, tanto é que na prova técnica ela foi melhor do que eu. Tudo bem, né, na entrevista ela era uma pessoa mais tímida. Aí, tu vê tem vários fatores do porquê da timidez. A pessoa acaba sendo sempre sendo a excluída, sempre sendo renegada. Aquilo vai criando na pessoa, o que? A pessoa vai se recolhendo. Ela não é extrovertida e a Kátia era uma pessoa que não era extrovertida. Mas eu tenho certeza, vamos dizer

assim, porque eu posso ter ficado na frente, mas a questão que ela era o segundo lugar, porque eu vi a colocação. A pessoa dos recursos humanos me mostrou. E o terceiro lugar é que foi chamado quando eu desisti. Eu disse: - Opa! Mas naquela época não existia rede social para tu... vamos dizer assim, a coisa era aceita. É assim, porque... Aí vem uma outra questão de futebol, tá? Lá no Rio Grande do Sul tem dois clubes de futebol: o Inter e o Grêmio, tá? E eu cresci escutando isso do povo: “Como é que se faz para tu levantar a torcida do Inter? Passa um cacho de banana que toda a torcida fica de pé”. Para a torcida do Grêmio e para grandes empresas do Rio Grande do Sul: - Ah, isso aí não é discriminação, não é um racismo, isso aí é um cântico de torcida. - Não tem nada a ver com racismo. Eu sempre vi como racismo.

Entrevistadora: Cortou, professor. Como é que eles falam quando passa... para fazer a torcida do Inter?

Entrevistado: “Como é que se faz para fazer a torcida do Inter se levantar? Passa um cacho de banana”. É um cântico. Tem vários... Alguns dos cânticos da torcida do Grêmio que eu me lembro da minha infância e da juventude e que eu cansei de escutar: “gente para cá, macaco para lá”. Ou seja, a torcida do Grêmio era gente. Do outro lado, na torcida do Inter, eram os macacos, tá? E isso também é a questão da cultura no Rio Grande do Sul, vamos dizer assim,.. A gente, em vários momentos, a gente tá na frente e em vários momentos a gente está lá atrás, porque tem a questão do... foram os primeiros a dar liberdade para os escravos na questão da escravidão. Porém, na Revolução Farroupilha, muita gente não lembra que na noite que foi assinado... que na noite anterior que foi assinado o Tratado entraram em acordo entre o Exército Republicano e o Exército Farroupilha, eles entregaram onde é que tava o exército de negros e o Republicano foi lá e massacrou eles. Quase dizimou todos os negros que lutaram na Revolução Farroupilha, que iam ganhar a liberdade. E isso são fatos que não são contados. Sempre se conta que, no Rio Grande do Sul, os negros ganharam primeiramente a liberdade, mas durante a Revolução Farroupilha aconteceram algumas atrocidades que não são contadas.

Entrevistadora: Sim. Ocultam da história.

Entrevistado: É. Isso é interessante tu ler o Juremir Machado. Ele conta bem essa história. E aí, quando fala em Literatura, isso aí eu li no livro do Juremir Machado.

Entrevistadora: Sim. Entendi. É Juremir, né?

Entrevistado: É Juremir Machado. Acho que é “Negros Lanceiros” [História regional da infâmia - O destino dos negros e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)] é o nome do livro. Juremir Machado. É bem interessante. É um fato da história do Rio Grande do Sul que não se conta.

Entrevistadora: Sim, anotei aqui. Então, Professor, eu agradeço a sua participação e disponibilidade.

Entrevistado: Espero ter ajudado.

Entrevistadora: Ajudou, sim! Com certeza. Porque eu preciso ouvir discursos de vários docentes do país para poder realizar minha pesquisa e ver como a temática está sendo introduzida e se está sendo introduzida, né?

Entrevistado: E como eu te falei, a gente tem que discutir na prática e no dia a dia.

Entrevistado 20 – Universidade Federal – 10.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Franciéle, deixa eu ver se eu compreendi a tua pergunta para eu poder seguir um caminho mais adequado. Você... Eu sei que está relativamente expressa a questão, mas o que você quer saber é do ponto de vista do contexto social que desafia o profissional bibliotecário? Ou os desafios pedagógicos para a formação do bibliotecário?*

Entrevistadora: Professor, pode ser conforme o senhor considerar que possa ser um desafio para a formação, tanto do lado do senhor enquanto docente, quanto do lado daquele aluno que vai ser um profissional depois e vai atuar dentro de uma unidade de informação. Então, pode ser as duas questões, conforme o senhor interpretar, pode responder. Tá bom?

Entrevistado: Vou responder as duas. São, no meu entendimento, assim, bem distintas as questões, ainda que no enunciado a gente... de fato, o enunciado suscita essa dúvida. Mas vamos pelo primeiro aspecto dos desafios sociais, que eu acho que essa é a questão, naturalmente, mais ampla, né? Dos desafios que a sociedade nos coloca hoje e coloca ao bibliotecário que se forma. E nesse aspecto, cabe tudo. E cabe tudo e cabem todos os principais problemas que a gente passa hoje na sociedade. Parece meio exibicionismo profissional isso, mas a mim é muito claro que bibliotecários teriam pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, teriam possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a gente enfrenta hoje como sociedade. Desde aspectos graves da Economia relacionados, por exemplo, à questão da produtividade da indústria, da qualidade das empresas até a questão social. Talvez, a mais premente hoje ou a mais visível hoje que é a questão da segurança pública. Vamos pensar, por exemplo, nesse aspecto especificamente: a solução tradicional para o problema da segurança pública no Brasil hoje, pela maioria e pela média dos governos, a maioria muitos petistas é entender que resolve o problema com mais viaturas, com mais equipamentos, com mais policiais, quando isto vem sendo tentado há muito tempo e os resultados não tem sido bons. O raciocínio é que resolve rápido, enquanto, na verdade não resolve. E aí não se utilizam as ferramentas que poderiam dar resultados no médio prazo, no longo prazo. Penso que a gente só sai de uma situação grave como a que a gente está enfrentando hoje em termos de segurança no Brasil, principalmente nas grandes cidades, de forma gradual e... mas olhando e percorrendo os caminhos certos, né? Que caminhos seriam estes? Esses caminhos seriam caminhos relacionados com educação, relacionados com cultura, relacionados com a utilização de múltiplas linguagens, relacionados com disseminação intensiva de informação, mas como serviço e como produto que pode contribuir para que as pessoas se tornem melhores desde que elas começam o seu processo de formação. Então, o problema da violência te, que se enxergado para daqui há cinco anos, dez anos, quinze anos. E quem vai estar em uma situação de agente da violência daqui há quinze anos é o garoto que está nascendo agora. Dependendo de se ele terá creches ou não terá creches, isso pode ser decisivo. Dependendo se ele terá acesso à trabalhar com arte, com cinema, com teatro, com música, com dança. Se ele terá acesso à leitura, literatura. Se ele terá acesso a esportes, isso vai ser determinante para que garotos... nós teremos, o garoto que está nascendo agora até daqui há 15 anos. Isso pode dar resultado em termos da gente ter uma sociedade melhor. Então, o meu entendimento por este exemplo, acho que você percebe, é de bibliotecários tem respostas. Só que bibliotecários e Biblioteconomia e biblioteca e outras instituições e outros aparatos culturais não tem recebido atenção mínima, quando deveriam receber atenção prioritária. Então, aí a gente faz uma ligação com outro aspecto da questão: que desafios

estão postos para formar? Como dar conta da formação deste bibliotecário que consiga, formado, dar resposta para as questões sociais que se colocam? Aí, neste ponto, o que é que a gente observa? Do ponto de vista do financiamento, os cursos de Biblioteconomia hoje, no Brasil, são financiados pelas universidades federais. Significa que o governo federal, por pouco que faça é quem faz mais. E agora, por exemplo, quais são os principais problemas na formação do bibliotecário? Talvez, o principal deles, seja aí, hoje ainda, um problema que é muito antigo, que é o problema do... da visão, da profissão como uma profissão técnica. Se dá ênfase demais na técnica. Nesses conjuntos de disciplinas que os alunos entendem e boa parte dos professores entendem que sejam disciplinas que formam, caracterizam, que definem o bibliotecário, quando na verdade, são disciplinas que tem uma dimensão mais instrumental do que ensinam para o aluno o sentido da existência da profissão deles em um contexto social desafiador.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Franciéle, na nossa experiência aqui na Universidade Federal do Pará, não tem havido essa... essa preocupação. É uma questão que o MEC colocou nos últimos anos, do ponto de vista de exigência, mas a... de fato, isso nunca houve um avanço forte disso na formação do bibliotecário aqui. A não ser por conta de um interesse mais específico de um aluno que vai encontrar respostas em eventos paralelos, normalmente, não promovidos pela própria Faculdade de Biblioteconomia e vai encontrar ações, mas ações de grupos que atuam na Universidade como um todo. E, de fato, não tem havido uma atenção específica da Faculdade de Biblioteconomia em relação à essa questão.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Franciéle, o Projeto Pedagógico que está em vigor, ele é de 2009. Em 2009 não havia essa norma do Ministério da Educação com essa recomendação com relação à cultura afrodescendente. E nós estamos, agora, em uma fase de elaboração de um projeto pedagógico novo e as questões que foram levantadas pelo MEC na última avaliação que foi em 2015, final de 2015, o resultado eu acho que saiu em 2016. Essas recomendações que o MEC fez de aspectos que ele avaliou que nós não estávamos contemplando, elas estão sendo examinadas. Então, no próximo projeto pedagógico nosso certamente deve constar no próprio corpo do projeto, um desdobramento nas atividades algo relacionado a isto. Há um movimento na universidade, eu diria nas universidades relacionados à questão da flexibilização do ensino que vai favorecer, me parece, a oferta de um conjunto de possibilidades que extrapolam as disciplinas tradicionais, teóricas e práticas e o estágio e acho que está é uma temática que, possivelmente, possa ser atendida por atividades que não sejam apenas as disciplinas tradicionais. Mas a questão é esta: nós estamos em uma fase em que a gente está examinando, está reelaborando o projeto pedagógico e está reconsiderando essas recomendações que o Ministério da Educação fez, por meio dos avaliadores, quando estiveram aqui.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Franciéle, eu preciso te confessar de forma muito honesta que eu não... não li nada recentemente e nem lembro, acho, de ter visto algo sobre isso de modo que eu possa te indicar com segurança. Me ocorreu o nome do Muniz Sodré, que é um autor daí do Rio de Janeiro, mas eu não tenho muita certeza disto não. Então, eu não tenho uma resposta

segura para te dar neste sentido de referência ou de autores que estejam abordando esta questão. Sei que existem pessoas trabalhando com esta temática. Na própria Universidade Federal do Pará, eu sei que existem professores, mas eu não tenho, eu não tenho voltado a minha atenção para esta temática e, então, não tenho como te responder esta questão. Uma pesquisadora que, quase seguramente, produz sobre essa temática daqui da Universidade Federal do Pará chama Zélia Amador de Deus. Eu acho que uma busca de produção bibliográfica dela nos levaria à esta temática.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Não me ocorre nada específico, Franciéle. Naturalmente, se a gente pudesse conversar pessoalmente, talvez, isso rendesse mais um pouco. Me ocorre um pouco na linha da primeira questão que a gente tem desafios, talvez, de duas ordens. Um que é o desafio da quantidade, se a gente acredita que bibliotecários possam fazer diferença na sociedade, a gente sabe que a gente tem uma cobertura geográfica, geopolítica sem bibliotecários e, portanto, sem este profissional com esta responsabilidade social que a gente vê nele. E o outro desafio é o desafio da qualidade. O desafio da qualidade da formação, talvez, seja aquele aonde a gente possa fazer alguma coisa, um pouco mais. Acho que a tua preocupação, ela é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil, da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica. Que, na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões. Mas eu te desejo boa sorte. Depois repassa para a gente o resultado da pesquisa. Se achar que eu possa esclarecer ou se você quiser algum complemento, algum comentário em relação a qualquer coisa, você pode me mandar um áudio a qualquer tempo aí, conforme eu vá tendo disponibilidade eu vou respondendo para você. Espero ter ajudado.

Entrevistadora: Professor, eu agradeço muito a sua participação. Ajudou muito sim.

Entrevistado 20 – Universidade Federal – 10.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Franciéle, deixa eu ver se eu compreendi a tua pergunta para eu poder seguir um caminho mais adequado. Você... Eu sei que está relativamente expressa a questão, mas o que você quer saber é do ponto de vista do contexto social que desafia o profissional bibliotecário? Ou os desafios pedagógicos para a formação do bibliotecário?*

Entrevistadora: Professor, pode ser conforme o senhor considerar que possa ser um desafio para a formação, tanto do lado do senhor enquanto docente, quanto do lado daquele aluno que vai ser um profissional depois e vai atuar dentro de uma unidade de informação. Então, pode ser as duas questões, conforme o senhor interpretar, pode responder. Tá bom?

Entrevistado: Vou responder as duas. São, no meu entendimento, assim, bem distintas as questões, ainda que no enunciado a gente... de fato, o enunciado suscita essa dúvida. Mas vamos pelo primeiro aspecto dos desafios sociais, que eu acho que essa é a questão, naturalmente, mais ampla, né? Dos desafios que a sociedade nos coloca hoje e coloca ao bibliotecário que se forma. E nesse aspecto, cabe tudo. E cabe tudo e cabem todos os principais problemas que a gente passa hoje na sociedade. Parece meio exibicionismo profissional isso, mas a mim é muito claro que bibliotecários teriam pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, teriam possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a gente enfrenta hoje como sociedade. Desde aspectos graves da Economia relacionados, por exemplo, à questão da produtividade da indústria, da qualidade das empresas até a questão social. Talvez, a mais premente hoje ou a mais visível hoje que é a questão da segurança pública. Vamos pensar, por exemplo, nesse aspecto especificamente: a solução tradicional para o problema da segurança pública no Brasil hoje, pela maioria e pela média dos governos, a maioria muitos petistas é entender que resolve o problema com mais viaturas, com mais equipamentos, com mais policiais, quando isto vem sendo tentado há muito tempo e os resultados não tem sido bons. O raciocínio é que resolve rápido, enquanto, na verdade não resolve. E aí não se utilizam as ferramentas que poderiam dar resultados no médio prazo, no longo prazo. Penso que a gente só sai de uma situação grave como a que a gente está enfrentando hoje em termos de segurança no Brasil, principalmente nas grandes cidades, de forma gradual e... mas olhando e percorrendo os caminhos certos, né? Que caminhos seriam estes? Esses caminhos seriam caminhos relacionados com educação, relacionados com cultura, relacionados com a utilização de múltiplas linguagens, relacionados com disseminação intensiva de informação, mas como serviço e como produto que pode contribuir para que as pessoas se tornem melhores desde que elas começam o seu processo de formação. Então, o problema da violência te, que se enxergado para daqui há cinco anos, dez anos, quinze anos. E quem vai estar em uma situação de agente da violência daqui há quinze anos é o garoto que está nascendo agora. Dependendo de se ele terá creches ou não terá creches, isso pode ser decisivo. Dependendo se ele terá acesso a trabalhar com arte, com cinema, com teatro, com música, com dança. Se ele terá acesso à leitura, literatura. Se ele terá acesso a esportes, isso vai ser determinante para que garotos... nós teremos, o garoto que está nascendo agora até daqui há 15 anos. Isso pode dar resultado em termos da gente ter uma sociedade melhor. Então, o meu entendimento por este exemplo, acho que você percebe, é de bibliotecários tem respostas. Só que bibliotecários e Biblioteconomia e biblioteca e outras instituições e outros aparatos culturais não tem recebido atenção mínima, quando deveriam receber atenção prioritária. Então, aí a gente faz uma ligação com outro aspecto da questão: que desafios

estão postos para formar? Como dar conta da formação deste bibliotecário que consiga, formado, dar resposta para as questões sociais que se colocam? Aí, neste ponto, o que é que a gente observa? Do ponto de vista do financiamento, os cursos de Biblioteconomia hoje, no Brasil, são financiados pelas universidades federais. Significa que o governo federal, por pouco que faça é quem faz mais. E agora, por exemplo, quais são os principais problemas na formação do bibliotecário? Talvez, o principal deles, seja aí, hoje ainda, um problema que é muito antigo, que é o problema do... da visão, da profissão como uma profissão técnica. Se dá ênfase demais na técnica. Nesses conjuntos de disciplinas que os alunos entendem e boa parte dos professores entendem que sejam disciplinas que formam, caracterizam, que definem o bibliotecário, quando na verdade, são disciplinas que tem uma dimensão mais instrumental do que ensinam para o aluno o sentido da existência da profissão deles em um contexto social desafiador.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Franciéle, na nossa experiência aqui na Universidade Federal do Pará, não tem havido essa... essa preocupação. É uma questão que o MEC colocou nos últimos anos, do ponto de vista de exigência, mas a... de fato, isso nunca houve um avanço forte disso na formação do bibliotecário aqui. A não ser por conta de um interesse mais específico de um aluno que vai encontrar respostas em eventos paralelos, normalmente, não promovidos pela própria Faculdade de Biblioteconomia e vai encontrar ações, mas ações de grupos que atuam na Universidade como um todo. E, de fato, não tem havido uma atenção específica da Faculdade de Biblioteconomia em relação à essa questão.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Franciéle, o Projeto Pedagógico que está em vigor, ele é de 2009. Em 2009 não havia essa norma do Ministério da Educação com essa recomendação com relação à cultura afrodescendente. E nós estamos, agora, em uma fase de elaboração de um projeto pedagógico novo e as questões que foram levantadas pelo MEC na última avaliação que foi em 2015, final de 2015, o resultado eu acho que saiu em 2016. Essas recomendações que o MEC fez de aspectos que ele avaliou que nós não estávamos contemplando, elas estão sendo examinadas. Então, no próximo projeto pedagógico nosso certamente deve constar no próprio corpo do projeto, um desdobramento nas atividades algo relacionado a isto. Há um movimento na universidade, eu diria nas universidades relacionados à questão da flexibilização do ensino que vai favorecer, me parece, a oferta de um conjunto de possibilidades que extrapolam as disciplinas tradicionais, teóricas e práticas e o estágio e acho que está é uma temática que, possivelmente, possa ser atendida por atividades que não sejam apenas as disciplinas tradicionais. Mas a questão é esta: nós estamos em uma fase em que a gente está examinando, está reelaborando o projeto pedagógico e está reconsiderando essas recomendações que o Ministério da Educação fez, por meio dos avaliadores, quando estiveram aqui.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Franciéle, eu preciso te confessar de forma muito honesta que eu não... não li nada recentemente e nem lembro, acho, de ter visto algo sobre isso de modo que eu possa te indicar com segurança. Me ocorreu o nome do Muniz Sodré, que é um autor daí do Rio de Janeiro, mas eu não tenho muita certeza disto não. Então, eu não tenho uma resposta

segura para te dar neste sentido de referência ou de autores que estejam abordando esta questão. Sei que existem pessoas trabalhando com esta temática. Na própria Universidade Federal do Pará, eu sei que existem professores, mas eu não tenho, eu não tenho voltado a minha atenção para esta temática e, então, não tenho como te responder esta questão. Uma pesquisadora que, quase seguramente, produz sobre essa temática daqui da Universidade Federal do Pará chama Zélia Amador de Deus. Eu acho que uma busca de produção bibliográfica dela nos levaria à esta temática.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Não me ocorre nada específico, Franciéle. Naturalmente, se a gente pudesse conversar pessoalmente, talvez, isso rendesse mais um pouco. Me ocorre um pouco na linha da primeira questão que a gente tem desafios, talvez, de duas ordens. Um que é o desafio da quantidade, se a gente acredita que bibliotecários possam fazer diferença na sociedade, a gente sabe que a gente tem uma cobertura geográfica, geopolítica sem bibliotecários e, portanto, sem este profissional com esta responsabilidade social que a gente vê nele. E o outro desafio é o desafio da qualidade. O desafio da qualidade da formação, talvez, seja aquele aonde a gente possa fazer alguma coisa, um pouco mais. Acho que a tua preocupação, ela é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil, da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica. Que, na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões. Mas eu te desejo boa sorte. Depois repassa para a gente o resultado da pesquisa. Se achar que eu possa esclarecer ou se você quiser algum complemento, algum comentário em relação a qualquer coisa, você pode me mandar um áudio a qualquer tempo aí, conforme eu vá tendo disponibilidade eu vou respondendo para você. Espero ter ajudado.

Entrevistadora: Professor, eu agradeço muito a sua participação. Ajudou muito sim.

Entrevistada 21– Universidade Federal - 23.07.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Franciéle, por acaso, o meu primeiro emprego como bibliotecária e o último formal de carteira assinada foi na Universidade Cândido Mendes, no Centro de Estudos Africanos e Afro-Asiáticos, eu trabalhei desde o início da minha carreira de bibliotecária com a questão racial brasileira. E trabalhar com a questão racial brasileira é trabalhar com a questão social brasileira. Eu aprendi muito, porque eu trabalhei junto com pesquisadores da época não só acadêmicos, mas do movimento negro, de mulheres também, de mulheres negras, e assim, no momento de ressurgimento quase do movimento negro, né, naquele momento e o desenvolvimento a partir dali. E eu como bibliotecária, todos os desafios que eu tive enquanto uma falta de... eu acho que não era o meu caso, eu explico o porquê, que não é preparado ou não era, não sei, eu acho que não continua não sendo, preparados para essas questões sociais tão presentes na história brasileira. Ou seja, e também pelo próprio perfil do bibliotecário e da Biblioteconomia, naquela época eram as técnicas da Biblioteconomia e não nessa inter-relação com todos esses fenômenos, já que a Biblioteca que é o lugar que nós vamos estar, né, nas unidades de informação, nas bibliotecas. Então, é uma compreensão e uma atitude e uma ação social que é o papel da biblioteca e esse papel social tem a ver com todas as questões brasileiras, não só racial que foi o meu caso. Eu, por acaso, trabalhei 28 anos com isso, mas são as questões, como agora, as questões de gênero... Nesse meio tempo, as questões do meio ambiente, e mesmo na época que eu estava lá, os afro-asiáticos, por ser um Centro de Estudos Afro-Asiáticos tinha um viés de política internacional e isso era fascinante. Então, você trabalhar com a política internacional dos países, não somente asiáticos essa e relação na...no mundo e você... e algo que está acontecendo no seu entorno politicamente [Não identificado - 3:30] Eu acho que... Eu me formei na [Universidade Federal], e no momento, quando eu estudei Biblioteconomia na [Universidade Federal] e Documentação, eu escolhi intelectualmente disciplinas pouco com essa visão. Foi uma escolha minha. Então, eu acho que a Biblioteconomia está agora mais engatinhando nisso. Acho que já existe, sabe, Franciéle, dentro da Biblioteconomia, pessoas que querem levar isso para os alunos, não é só pelo MEC. Eu tive oportunidade, enquanto eu era bibliotecária, de trabalhar como professora substituta na UFF e na UNIRIO e levei essa minha experiência para os meus alunos. Eu levei muito da minha experiência em relação a essas questões todas. Mas, lá na [Universidade Federal]... agora só muito recentemente que alguns professores vêm trabalhando com gênero, mas era muito voltada para gestão, só gestão, só a organização do conhecimento e suas representações, mas as suas representações muito calcadas na representação da informação, sem relacionar Franciéle, essa relação que existe entre a representação da informação com as representações sociais, né? Então, assim, eu fiquei muito pouco tempo no NDE, porque eu quis sair da Coordenação. Eu fiquei praticamente só um ano no NDE no momento de uma crise no CBG, mas dentre essas questões, imagina você, Franciéle, é um desabafo até o nosso curso tinha uma disciplina de Ética da administração e não tinha Ética da informação, como é que pode? Quer dizer, nós... Então, o que nós somos? O que os alunos vão pensar? Onde nós estudamos a ética da administração, mas não estudamos a ética da Biblioteconomia e da Informação, inclusive, agora com tantos autores. Inclusive, o Rafael Capurro, que aborda a questão da ética intercultural. Então, antes de sair, eu deixei algumas mudanças que eu havia feito em um esboço que já estava bem adiantado de uma mudança do nosso PPC de ter uma disciplina de “Biblioteconomia e a Diversidade” mais ou menos esse título. Algumas pessoas até outros professores que não são bibliotecários viraram e disseram, assim: - Ah, não é*

melhor botar “Informação e a diversidade”. Eu disse: - Não! - Na minha opinião, que exerci a prática da Biblioteconomia e a docência na UFF e na UNIRIO como substituta e agora na [Universidade Federal] como efetiva, na minha opinião, tem que ser a Biblioteconomia, porque a informação fica muito outros... todos também, não é que eles não vão estar juntos da gente, mas nós temos que mostrar para os nossos alunos que se formaram em Biblioteconomia que a Biblioteconomia tem esta preocupação. Ela estuda essas coisas também, ela relaciona isso tudo. E o mais engraçado disso tudo, Franciéle, que me deixou muito feliz ultimamente, muito animada... Até eu já tinha saído da... de tudo, né, da Coordenação e, por isso, da presidência do NDE, eu fui ser referee desse evento que vai ter do ENEBD e vi que alguns trabalhos interessantes, particularmente dois, um da UFF e um de Goiás, que abordavam a questão racial. E eu achei interessante, porque eu vou estar amanhã nesse evento, vou estar de novo... Mas não vou estar nessas... Não vou estar avaliando o trabalho agora presencial, esses dois trabalhos que me interessaria muito assistir. Um é esse de Goiás, ou seja, Goiás já começou a trabalhar com a questão dentro da Biblioteconomia e a UFF, provavelmente, com certeza também deve. E, além disso, fui da banca de TCCs e que um deles abordava essa questão também dentro... dentro de comunidades faveladas, né, aqui do Rio de Janeiro, como Alemão, como Acari etecetera e tal, um trabalho lindo que o rapaz fez e eu tive... a felicidade de estar na banca. Então, eu acho que os próprios alunos exigem isso nesse momento. Eu acho que não tem que ser esse conceito tão amplo que é o da informação, mas um conceito que tem que ser a Biblioteconomia mesmo. A Biblioteconomia e a sua interdisciplinaridade, transdisciplinaridade... Com transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, enfim, todas essas questões do nosso tempo, do nosso mundo. E tem que ser Biblioteconomia para os alunos terem consciência daquilo que eles estão estudando, e mais, valorizarem aquilo que eles estão estudando. Essas coisas não podem vir de fora, de outros, tem que vir de dentro, entendeu? Então, é essa a minha opinião, essa minha opinião sobre o que você me perguntou.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Oh, Franciéle, eu quando fui bibliotecária, eu penei dizendo assim, né, porque os nossos... os nossos... todas as linguagens que nós trabalhamos para representar etecetera e tal, o que o que se insere dentro dos documentos, não existiam, por exemplo, nas linguagens hierárquicas de CDD e CDU. E eu trabalhava com a CDU, que era menos pior que a CDD, mas era uma linguagem totalmente voltada para outra cultura e não a nossa cultura. Então, melhorou uns 10% e continua a gente não tendo, né? E, assim, dentro da Biblioteconomia você estudar exatamente a cultura brasileira, pelo contrário, eu encontrava coisas, assim, aberrantes até dentro daquilo que você queria representar. Então, eu acho que... Eu confesso para você que andei procurando no grande centro que eu conhecia americano, nos Estados Unidos e tal, mas não encontrei material ligado, assim, às representações tão efetivas etecetera e tal. Eu acho que isso deveria ser feito por um grupo aqui do Brasil mesmo, né? Fazer tipo um tesouro mesmo, fazer uma ontologia, enfim, fazer uma linguagem que abordasse todas essas questões tão difíceis da gente encontrar nas bibliotecas. Eu trabalhei no Centro de Estudos Afro-asiáticos da Cândido Mendes e lá era o ambiente digamos, assim, aonde tinha mais informações sobre isso. Primeiro, porque tinha mesmo, e segundo por conta dessa postura que eu tinha junto aos pesquisadores etecetera e tal de trazer o que eles necessitavam. Embora, eu confesso para você que eu não vou lá 20 anos mesmo o CEAO [Centro de Estudos Afro-orientais] de Salvador também não tinha. Até as últimas vezes, não tinha, em São Paulo... Então, ficava muito difícil para as pessoas que pesquisavam dentro da área

encontrarem, realmente, aquilo que elas queriam. Eu tive a sorte de trabalhar com muitos pesquisadores que na época eram, assim, “top de linha” no pensamento sociológico, digo econômico, educacional, então, eu tive a oportunidade de lidar com pessoas que sabiam muito e, sendo assim, eu conseguia encontrar nos documentos aquilo que era necessário encontrar. Mas eu acredito que tenha sido uma coisa muito mais de arte, do que vindo da Biblioteconomia. Não veio da Biblioteconomia, entendeu? Não veio da Biblioteconomia, mas eu “fiz a cabeça” de alguns estagiários que trabalhavam comigo. Mostrava e eu também não tinha medo de perguntar, vergonha, de coisa que eu não sabia... no começo eu não sabia alguns nomes, então, eu perguntava, conversava e fiz meus estagiários perguntarem também. Então, é uma coisa que é Biblioteconomia ainda está longe e ela precisa dar uma repaginada, sabe? A começar a estudar as representações, não como apenas uma representação por representação do conhecimento da informação, mas a representação do conhecimento da informação, mas, assim, fundamentada nas representações sociais destes grandes teóricos das representações principalmente o Moscovici e o próprio Bourdieu e tudo... Não sei se eu tô fugindo, porque eu tô trazendo muito a minha experiência, mas eu acho que é...

Entrevistadora: Está perfeito, Professora. O intuito aqui é ouvi-la e entender um pouco da sua percepção e está sendo maravilhoso. A senhora pode continuar.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Oh, Franciéle, neste momento, nada disso foi passado para mim, tá? Eu andei até pensando nisso há um tempo atrás, mas... às vezes, você já trabalha, você já tem um conhecimento, mas, às vezes, o trabalho de bibliotecário ou o trabalho dentro da universidade é muito grande. Então, até eu conheço muito o professor Marcos Miranda, fomos... assim, tivemos parcerias muito boas e o Marcos sempre... ele é muito ligado à questão, a essas questões, mas... ele é da UNIRIO, né, mas, assim, dentro da [Universidade Federal], eu ainda não vi isso. Não vi, totalmente voltado para isso, eu não vi. Tem a professora Patrícia Mallmann, que atualmente trabalha com a questão da... do gênero. E aí, eu falei para ela. Eu disse, assim: - Patrícia, eu vou sair do NDE, eu acho que essa disciplina é fundamental e ela tem que ser dada no primeiro período, até, para mostrar aos alunos as várias vertentes. Mesmo que sejam em uma disciplina de Seminário e alguns falam do meio ambiente, porque tem trabalho que falam sobre o meio ambiente, tem trabalho de gênero agora com a Patrícia, mas eu... pelo menos que eu saiba, não tem trabalho sobre as culturas africanas, nada disso.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Olha, Franciéle, lá na própria [Universidade Federal] no outro curso, existe uma professora que trabalhou comigo no Centro de Estudos Afro-asiáticos, ela é da área de História e ela... ela tá... Eu vejo ela lá, sabe? Já até nos encontramos... Eu posso até procurar saber, porque ela é totalmente voltada para o trabalho em relação à questão africana, à questão negra brasileira, entendeu? Mas não é do nosso curso. Não é do nosso curso. Em relação a isso, eu andei pesquisando há um tempo atrás que seria, talvez, a minha primeira proposta de doutorado, mas acabei não fazendo isso que seria, inclusive, a presença do negro enquanto professor dentro da Universidade, que é uma estatística perversa, quase não tem Professor negro. Então... uma coisa absurda. Então, eu acabei indo trabalhar com as bibliotecas comunitárias e abandonei digamos, assim,

essa ideia. E a respeito... Eu posso fazer uma pesquisa para você, eu gosto muito de pesquisar e buscar... e buscar isso, inclusive nesses trabalhos que eu analisei do ENEBD, que ele tem a ver com a cultura negra. Uma menina era da UFF e a outra de Goiás e elas vão estar lá. Então, é interessante ver o trabalho delas através das citações que elas fazem, porque através das citações, a gente pode chegar a outros caminhos, né? E eu, inclusive, apresentei uma vez no CBBB, um trabalho sobre uma... uma... um trabalho que foi feito, um artigo meu junto com o Robson, que foi meu estagiário e agora é professor também comigo, de um trabalho que nós tínhamos lá na biblioteca que eu trabalhava. Um material documental, entendeu? Era documento, não era um documento livro, era um outro tipo de documento. Então, ficou um trabalho bastante interessante. Saiu também em uma revista sobre educação, que foi totalmente voltada para a questão racial lá do Paraná, se eu não me engano. O mesmo artigo saiu nesta revista um pouco diferenciada, mas neste momento, Franciéle, eu fiquei muito afastada desta questão. Mas posso até ver para você, porque você tá dando continuidade ao seu mestrado, porque... Porque eu fui fazer doutorado, como eu te disse, e acabou sendo em uma outra... Eu estudei biblioteca, na verdade, e acabei me afastando dessa... digamos assim, dessa inter-relação da Biblioteconomia com a questão racial, com a questão cultural afro-brasileira. Então... mas a gente pode... a gente deve encontrar sim, sabe, porque... porque, pelo que eu vi agora recentemente, tem gente preocupada com isso. E aí, como estão as coisas? Tem já uma... Como vocês estão fazendo? Como que a gente pode levantar isso aqui no CBG? É uma coisa interessante, eu gostaria de levantar isso... uma relacionada à Biblioteconomia e à cultura afro-brasileira.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Eu queria te perguntar isso, se em Minas vocês já estão com uma iniciativa sobre isso no curso de Biblioteconomia?

Entrevistadora: Ah, tá bom. Então, nesse momento eu não estou atuando enquanto bibliotecária, eu estou somente vinculada ao programa de Mestrado do IBICT-UFRJ. No caso, o que eu estou fazendo na minha dissertação seria um mapeamento, uma cronologia juntamente com as entrevistas. Iremos montar uma Biblioteconomia Negra Brasileira, que seria o que? Pegar todo e qualquer material já produzidos por bibliotecários a respeito da temática negra, não somente bibliotecários afro-brasileiros ou negros, mas também bibliotecários que são antirracistas. Aqueles que possuem a temática de pesquisa com alguma relação ou temática relacionada ao negro. E a partir disso, nós queremos, então, trazer essa bibliografia, porque há uma certa dúvida e desconhecimento dessa produção. Essa cronologia da Biblioteconomia Negra Brasileira está sendo baseada na Cronologia da *Black Librarianship*, dos Estados Unidos. Estamos também fazendo entrevistas com os docentes para verificar a introdução da temática na formação dos bibliotecários nos cursos. Enquanto prática profissional, eu estava antes em uma biblioteca específica da temática negra, que era a Biblioteca de Referência do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, e aí, depois que eu passei no mestrado, eu fui para o Rio de Janeiro. Fiz um ano de disciplinas e agora eu vim morar em Belo Horizonte, mas não estou atuando na área.

Entrevistada: Entendi, Franciéle. Duas coisas: A primeira, eu me interessei sobre... Imagina você que eu nunca soube sobre essa Biblioteconomia Negra Americana e procurei... eu procurei, mas eu confesso que eu procurei muito mais a respeito das representações temáticas, do que da própria... do fazer do bibliotecário e porque também eu tive... eu convivi com, por exemplo, com o grande pesquisador, um grande Professor-tutor de Universidade Negra Americana que é o Michael Hanchard que tem livro

publicado e etc., você conhece de nome pelo menos. Assim, também eu era amicíssima de [Não identificado] entre outros da minha época falando assim, né, então falando de pessoas como Amauri Mendes um dos líderes do movimento negro de um determinado momento que escreveu muita coisa, e que se dava muito com Michael Hanchard e lá com essa... dentro dessa Universidade... Eu gostaria que você depois me passasse essa informação. Me interessou bastante até porque... até porque eu posso já desde agora... eu falo de representações desses documentos representativos que a gente recupera informações na biblioteca e crítico bastante essa falta de visibilidade que a cultura brasileira tem. E eu, particularmente, tirando coisas assim que eu nem me lembro, mas eu tenho o meu mestrado foi sobre a questão brasileira, foi sobre eventos, os principais eventos nacionais sobre a discussão racial do Brasil dos 70 aos 90. Os primeiros que foi Gilberto Freyre, que foi com... Eles foram uma referência para esses dos 70 e 90 que eu participei. Tenho também um artigo que eu fiz mais narrativo, um trabalho que eu fiz numa disciplina do IBICT sobre o racismo em Lima Barreto, entendeu? Eu fiz uma... Aproveitei até tudo que eu tinha feito na minha dissertação. O professor tinha mandado a gente ler o Lima Barreto... O ... Como é meu Deus? 'Recordações de... Ai, meu Deus... São tantos livros de Lima Barreto, mas é meio autobiográfico o livro e as palavras de Lima Barreto tinham tudo a ver com os teóricos que eu coloquei no meu mestrado. Então, eu fiz um paralelo, assim: quando o Barreto escrevia isso o que isso significava segundo grandes sociólogos da questão racial. Então... das Relações raciais ou questão racial. É isso. Então, vê se você manda para mim essa referência desse... que eu vou fazer uma pesquisa desta Biblioteconomia Negra dos Estados Unidos... Meu Deus, como que eu fiquei de fora disso?! (risos).

Entrevistada 22 – Universidade Federal - 07.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Então, Fran, representações sociais são sempre difíceis, porque a gente tem que formular na hora, né? Eu acho que os desafios... você pergunta sobre desafios sociais da formação do bibliotecário hoje... Eu acho que a primeira coisa: a gente conhece mais, talvez a gente tem mais enfoque, acho que a gente tem muita informação, né?! Eu acho que isso é a primeira coisa que me vem na cabeça. A gente tem muita informação, a gente tem muita fonte disponível de informação, né, e isso pode gerar uma confusão. E acho também que um desafio que é... às vezes, tá sumindo, tá, Fran, mas eu... eu vou continuando. Mas... Às vezes, você some de mim, mas eu vou continuando. Eu acho que é um desafio grande social, Fran, é o que tá ligado também à conjuntura atual. Por exemplo, a questão da coletividade, de compreender a coletividade, eu acho que isso está em jogo, e também está em jogo a questão de... a questão de... a questão do tecnicismo, eu acho, da nossa profissão. Talvez, eu vá citar três coisas. Eu vou escrever aqui que eu tenho dificuldade de falar sem escrever. É essa questão da quantidade de informação, a questão do... da dificuldade de ver o âmbito coletivo, de ter... de causas coletivas, de se engajar em causas coletivas e isso a gente vê, inclusive, no pouco... a pouca adesão dos profissionais com relação à associação. E isso, inclusive, no âmbito da formação acadêmica, enquanto a gente está na graduação. A gente vê pouca adesão dos... dos alunos em agrupamentos, assim, associativos como o de profissionais bibliotecários e também a questão desse [Não identificado]. Eu acho que essas seriam três questões bem pontuais. Que seriam os desafios para lidar com questões sociais, agora quando fala de questões sociais sabe, Fran, eu vou te falar... [Não identificado] E depois você vai ter trabalho para fazer a... (risos)...*

Entrevistadora: Não tem problema, professora.

Entrevistada: *Olha só, quando fala, assim, óh, questões sociais, eu compreendo que tudo é uma questão social. É... Então, assim, óh, quando fala que é questões sociais, eu acho que você pode estar perguntando em relação a dilemas da sociedade, né, mas eu... creio que tudo está ligado ao social, né? Então, mesmo nesse tecnicismo que a gente fala que contrapõe, às vezes, ao social, né, a Biblioteconomia social não é... e tá contrapondo uma Biblioteconomia, talvez, tecnológica, não sei, pautada mais nas... nos fatos, né, isso também... isso também é do âmbito social. Se você ver, a gente, às vezes, a gente tende atribuir o social às questões da minoria, não é? Mas eu acho que tudo se relaciona com social. você vê, até a nossa forte adesão social se relaciona com a... a questão... ao viés tecnológico, a um olhar mais apurado para olhar tecnológico, também é do âmbito do nosso social. Então eu acho que o grande desafio do profissional é, colocando todas essas questões, a questão da coletividade, né de se ver como um coletivo, a questão de não focar somente nas técnicas mas olhar também no âmbito das relações, e eu tinha falado uma outra coisa que eu não lembro... E você vai resgatar, aí, né... E eu acho que essas questões são as principais, são as principais... qual que era mesmo a pergunta? Os principais lemas, os principais problemas?*

Entrevistadora: Os principais desafios sociais.

Entrevistada: *É, eu acho que são esses. E acho que isso tudo, para poder dar conta disso tudo na formação do bibliotecário, né? Então, esses seriam os grandes desafios: trazer este senso de coletividade, trazer este senso de que as técnicas são para alguma coisa, não são em si, né? E eu tinha falado uma outra coisa... Esqueci! E isso tudo para que a gente possa trabalhar uma sociedade na parte que nos cabe, né, a nós, bibliotecários e*

futuros bibliotecários, no caso. A parte que nos cabe para melhor qualidade de vida social para todo mundo, não é só para um grupo. Então, para que as pessoas possam viver em sociedade, no caso, a brasileira... na sociedade brasileira para que elas possam ter um índice menor de desigualdade, e possam ter igualdade de vida em um estado de direito, né, porque nós estamos em um estado de direito. Então, que a gente não possa... que a gente possa trabalhar na nossa área. Eu acho que esse é o desafio para que a gente possa ter melhor qualidade de vida, e essa melhor qualidade de vida para todos, não para uma parte da população acho que é isso.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

A formação? A formação do bibliotecário?

Entrevistadora: Isso. E a relação com a cultura africana e afro-brasileira, com essas culturas.

Entrevistada: *Ai! Então, eu posso pensar. Eu, como docente, eu posso pensar, assim, que a formação do bibliotecário, ou seja, o tempo que ele está na graduação, né? É isso? O tempo que ele está na graduação e como se dá essa relação com esses assuntos, com essas questões?*

Entrevistadora: Isso!

Entrevistada: *Eu penso, Fran, que é quase nada! Na formação do bibliotecário, a gente tem pouco caráter de compreensão, tem pouco desse caráter, dessa compreensão da história brasileira que a gente já vem, talvez, de uma defasagem escolar. E acho que na formação, a gente tem... a gente tem pouca... pouca base, pouco fundamento para essas questões étnico-raciais, assim. Eu... eu creio que... agora, se a gente for pensar na história do bibliotecário, eu acho que é uma história elitizada também na formação. Na sua formação, porque ela começa na Fundação da Biblioteca Nacional, aqui do Brasil né, e para poucas pessoas também e creio que a Biblioteca também era um aparato de elite aqui no Brasil. Embora exista hoje uma consciência maior uma... um esforço para que a popularização das bibliotecas, inclusive através das bibliotecas, de algumas bibliotecas comunitárias e tudo, a biblioteca ainda é um organismo, uma instituição elitizada, né, ela é elitizada. Eu vejo, porque tem pesquisas que atestam sobre as bibliotecas públicas, por exemplo, que você tem pouca participação de moradores de rua, por exemplo, não é? Isso demonstra bastante. E o entendimento que a biblioteca pública é para a escolar e isso também já demonstra na nossa formação... na nossa formação isso... Isso já demonstra na nossa formação, uma compreensão de que a Biblioteca, ela é elitizada e é para alguns. Falo de estudos, eu estou falando isso com base em estudos que usam discursos de bibliotecários... baseado em discursos de bibliotecários que são discursos excludentes mesmo, não é? Então, eu acho que, na formação da bibliotecária, se a gente for ver a formação, o período em que ele completa a sua... a sua graduação são poucas, e falou isso como docente, são poucas as questões em sala de aula com relação a essas questões étnico-raciais. E também, na formação que eu digo no âmbito mais social fora da Universidade, a biblioteca, ela se apresenta para o estudante e para o próprio bibliotecário como um aparato meio que excludente. Então, eu creio que essa relação é uma relação frágil, é uma relação que é quase inexistente, talvez. Estou falando com base na minha percepção.*

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Então, o que eu... o que eu conheço, Fran, são prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas no... nas disciplinas, né? Nas disciplinas do curso, mas eu desconheço, por exemplo, que existam normativas, por exemplo, onde eu trabalho, específicas desse... que tragam, especificamente, esse assunto. Eu sei que tem... eu sei que tem... Como eu vou falar? Exigências do âmbito do Governo Federal, né? Obrigam... Como uma obrigatoriedade da inserção dessas temáticas do curso, né? Isso, eu sei. Especificamente eu não saberia te dizer que aparato legal é esse, o número, o número da lei ou alguma coisa assim.

Entrevistadora: Sim. Certo, Professora. Então, no âmbito dessas culturas não tem nada que a senhora tenha conhecimento, nem em relação a projetos elaborados por Professores e nada dentro do seu curso, né?

Entrevistada: Não, do meu curso não. O que tem... o que tem, não especificamente sobre a questão étnico-racial, mas o que tem são projetos e isso eu tenho... eu tenho ciência são projetos relacionados às bibliotecas públicas e a exclusão social. E aí, inclui também questões de... né? Questões relacionadas a questões raciais, né? Isso sim, isso tem.

Entrevistadora: E aí, no caso a temática só seria inserida quando, por exemplo, um aluno quiser fazer um TCC, ou algum...?

Entrevistada: Isso! Isso? Eventualmente, você vai ter essa abordagem em algumas disciplinas, mas... mas, trabalhado como uma disciplina específica, não.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Hum! Deixa eu ver... Ah, eu acho que eu te citaria Darcy Ribeiro... Eeu vou te falar os que eu li, tá? Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Sérgio Buarque de Holanda... hum... esses.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Ta bom, querida! Ah! Eu creio que a gente se envolve pouco com essas questões, com essa pergunta eu me sinto mais à vontade. Sabe o porquê, Fran? Porque eu não sou negra! E... e eu acho que a gente se envolveria mais com essas questões se nós tivéssemos colegas negros, né? E infelizmente, eu não sei te dizer, né, a gente... a gente não sente... Não sente na pele o que é ser negro, as questões de ser negro e é óbvio que nós convivemos com negros e sabemos da história, do absurdo que se deu com relação as questões da negritude. Mas, assim ó, eu acho que é pouca abordagem. E, talvez, o desconforto que nos sentimos talvez a responder essas perguntas que você me faz é porque nós não somos negros e nós não temos colegas negros, né? E quando a gente... eu trabalho com exclusão, eu trabalho com questões de exclusão e eu lembro que eu voltei muito mais o meu olhar para essas coisas, porque eu tenho um filho deficiente, né? Então, quando a gente convive com as pessoas que têm suas dificuldades em detrimento de algumas dificuldades de se colocarem socialmente, ou ser excluído de algum direito, de exercer o seu direito, é quando a gente convive com essas pessoas. A gente pode ter mais possibilidades de agregar nessas bandeiras, sabe, nessas lutas dos negros, por exemplo, e de outras... e de outras etnias também, que também são excluídas assim. Eu acho, então, eu penso isso. Eu acho que isso é uma coisa que eu gostaria de colocar, né,

eu me sinto, eu coloco... Enquanto você me faz essas perguntas, eu tento colocar o negro em grupos que eu percebo, que eu estudo, que são grupos excluídos, né? Então, eu sempre tenho... Se eu respondi muito mais com base nesse grupo maior de exclusão e sem olhar... e sem... Não é nem sem olhar, mas, talvez, sem ter tanta percepção da questão específica do negro. E dentro da formação do bibliotecário, eu creio que isso se dá por conta de um pouco grupo docente que nós temos, assim, negros né? E espero que isso se modifique como pesquisas como a sua e a gente possa ter um grupo mais plural, assim, um coletivo mais plural de docente para a Biblioteconomia. Acho que só vai agregar bastante na nossa formação, é uma caminhada, né? É isso.

Entrevistadora: Professora, eu gostaria de agradecer pela participação.

Entrevistado 23 – Universidade Estadual – 24.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje. *Os desafios sociais, hum... olha, são muitos desafios, porque nós temos uma série de problemas, por exemplo, a formação. Ela tem passado por alguns complicadores próprios da Universidade... Bom, no caso da formação dos bibliotecários, nós temos algumas complicações oriundas da própria estrutura Universitária no Brasil. Temos o problema recente da crise, né, uma crise institucional, uma crise econômica e isto impacta. Temos que acrescentar também que esta crise, ela... ela vem acompanhada agora, muito diferente dos anos 90, no incremento no número de cursos no Brasil, né, em razão dos projetos REUNI 1 e REUNI 2. Então, nós temos aí uma quantidade de profissionais com ensino superior e, especificamente, no interior de São Paulo, que o mercado demandava muitos profissionais, mas em razão do aumento da oferta de bibliotecários, nós temos aí uma... algum excedente no mercado de trabalho, né? E outros desafios tratam da própria regulamentação, né, hoje se discute muito o papel da regulamentação profissional. Se, de fato, continuará, porque nós temos um governo que não é afeito às ideias da regulamentação profissional. Então, o nosso receio é que se discuta isso em áreas frágeis quando você retira a regulamentação. Então, você deixa o mercado aberto para competição, né? E em cursos poucos tradicionais e com peso político quase insignificante frente ao próprio estado e a outras categorias, eles tendem a perder mais espaço quando há uma concorrência ampla e franca, né? Então, aí nós temos uma dificuldade em razão do sistema de regulamentação, nosso sistema de regulamentação é envelhecido, ele era muito interessante nos anos 50, 60, mas hoje ele precisa ser rediscutido para que, de fato, pensar no papel desse profissional no mercado de trabalho e os compromissos que ele tem com a sociedade brasileira que não é a sociedade dos anos 60, é uma outra sociedade e nós precisamos repactuar essa... alguns compromissos junto com essas sociedades, se é que eles foram, de fato, pactuados em algum momento da história recente da Biblioteconomia. Então, nós temos desafios de ordem econômica, de ordem profissional, desafios de ordem da própria identidade do profissional, que é algo em construção. E essa construção depende de uma leitura da população brasileira. Então, essa leitura não é clara: quem é essa figura? o que essa figura faz? Então, temos uma série de desafios para pensar a Biblioteconomia, a formação do profissional para os próximos 50 anos no Brasil. Mas não é algo próprio da Biblioteconomia, outros profissionais passam por esse tipo de discussão e procuram pensar suas funções dentro da sociedade um pouco mais complexa e não tanto dependente exclusivamente do Estado.*

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Olha, vou falar de uma maneira muito geral e, ao mesmo tempo, é a minha leitura sobre a questão. Ela, assim, pode ser interessante por conta dos espaços em que transitei. Então, como você bem sabe, eu trabalhei no Rio Grande do Sul, passei um tempo em Santa Catarina, tive minha formação inicial no Paraná, depois estive trabalhando em Alagoas, estive um tempo fora do país, então, dá para comparar algumas coisas, né? Então, do ponto de vista da Biblioteconomia no sul, no sudeste e no nordeste pelas escolas que eu tive contato, a formação é capenga. E é capenga, ou seja, ela tem... ela é desqualificada em alguns aspectos, né, até em regiões em que nós não deveríamos ter esse tipo de questão de distanciamento, por exemplo, vamos citar o caso do Nordeste, especificamente, Alagoas, em que nós temos ali a União dos Palmares, um dos... praticamente um dos berços de todo o movimento brasileiro, né? Tive muitos alunos de

União dos Palmares e alunos de Biblioteconomia e a referência em relação à cultura africana era mínima, porque na própria cidade de União dos Palmares, exceto em grandes eventos nacionais, a formação destes estudantes no nível secundário, que depois chegam nas universidades, eles não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel e o papel histórico de sua cidade, de sua cultura para todo o Brasil. Então... e isto está comprometido no próprio berço da discussão, senão na discussão, pelo menos no berço do que nós consideramos simbólico do debate sobre o negro no Brasil. Do ponto de vista das disciplinas, também participando de reestruturação curriculares em diferentes universidades, né, esse é um tema à margem, não se discute, não se discute dentro do interior das disciplinas bibliotecárias, o que se discute, e depende muito dos professores de história, é a presença do negro na história do Brasil, né? Isso, de fato, depende muito. Em algumas universidades, dependendo da vocação, da orientação, da metodologia, o professor de história, que vem de outro departamento e colabora com a área de Biblioteconomia, ele tende a dar uma orientação um pouco mais específica à sua narrativa a respeito dos temas brasileiros. Agora, dentro da Biblioteconomia, se pensar bem, nas disciplinas básicas que poderiam discutir o assunto, entre elas, por exemplo, ação cultural ou outras disciplinas que tenham conteúdo de ação cultural e dentro do conteúdo de ação cultural, seria necessário abrir uma ênfase para os movimentos afirmativos ali. E mesmo para alguns movimentos folclóricos presentes, que deveriam estar presentes em alguns equipamentos culturais que é no caso das manifestações culturais dos quilombolas. Mesmo nestas disciplinas, que são tipicamente da Biblioteconomia, o assunto passa a margem, porque ainda se ensina e ainda se discute práticas biblioteconômicas, de acesso à informação, mas não se entende o conteúdo, o espaço, a própria cultura local em que será realizada a atividade. Isso não apenas com o caso assim da temática afro-brasileira, mas a temática em geral, ela não é debatida, não é aprofundada. Por exemplo, saindo um pouco dessa discussão, os movimentos sexistas também, eles não são tematizados, exceto uma atividade cultural ou outra. Atividades de ação cultural que são realizadas enquanto exemplo da prática na área teórica, no momento em que você organiza os conteúdos para repasse através dos processos de ensino-aprendizagem, ele não se realiza, ele não é prioritário. Então, a formação do bibliotecário, pensando nos agrupamentos dos professores que organizam as atividades curriculares né, justamente nessa organização não se pensa como uma temática prioritária. Isso é um fato segundo a minha leitura e transcende as regiões, contraditoriamente, as regiões que poderiam ter um lastro histórico por conta da questão regional, elas não trazem, não levantam isso como um ponto positivo. Ou seja, algo que deva ser reafirmado. Então, eu cheguei a orientar alunos de União dos Palmares só como exemplo que chegavam sem nenhuma relação histórica, nenhum contato, mínimo que seja, e os temas de pesquisa, eles acabavam sendo tratados dessa forma. Quer dizer, o aluno por mais que ele se interessasse por uma questão cultural, os temas tradicionais da área não permitiam. Então, ele deveria fazer um TCC, uma monografia, uma pesquisa, em algo mais aplicado dentro de um sistema de bibliotecas fugindo totalmente dos interesses regionais, né? E acho que isso é algo muito claro na Biblioteconomia, não só no Nordeste, mas em escolas do Sudeste e do Sul do Brasil, os temas regionais, eles são praticamente deixados à margem. E isso também se passa em outros temas, não só esse tema que tem um clamor popular por essa discussão, mas em outros temas também: os movimentos sexistas e outros movimentos afirmativos. Então, de fato, se é para falar um pouco do estágio do próprio desenvolvimento da área a respeito do tema, nesse sentido, nós temos... nós estamos muito atrás de outras áreas acadêmicas que já incluíram de maneira muito mais positiva a temática em termos metodológicos, em termos de teoria, é o caso das Ciências Sociais, obviamente, é o caso da Antropologia, é o caso do Serviço

Social, o que mais...? Enfim, é o caso da História.... Então, outras várias já com muito mais clareza e muito mais agilidade fizeram isso. E a Biblioteconomia, apesar da sua interface cultural, ela ainda não abriu os olhos para temática.

Entrevistadora: Na UDESC, tem curso de Matemática e Engenharia já incluído a questão temática.

Ah, isso. Então, é uma outra área, mas olha que interessante: é uma outra área, que aparentemente nós não colocamos. Outra coisa que gostaria de acrescentar que no caso do norte do Brasil, nós temos ainda o que eles também se anteciparam que você tem cursos de Licenciatura em Educação Indígena. Então, são cursos específicos de licenciatura que tratam disso. Então, só para você notar como a Biblioteconomia está atrasada em relação aos temas nacionais e temas que não são recentes, mas temas que, de alguma forma, exigem um comportamento mais plural da área e justamente aí é que nós nos esbarramos. Nós temos uma posição muito mais retrógrada, muito mais tradicional e o fato de não tematizarmos, por exemplo, a presença ou o tratamento de informações em língua indígena, que nós temos mais de 190 no Brasil e isso ainda não é tematizado. Então, só para ter um indício de como vai de mal a pior.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Bom, instrumentos legislativos, nós temos alguns instrumentos só que nós estamos ainda numa discussão periférica, que é a discussão do acesso do indivíduo no espaço, então, o acesso do indivíduo no espaço que a lei de cotas e os programas para cotas, agora isso não se reflete na Biblioteconomia de maneira imediata. Por que? Uma vez que o aluno entra com alguns interesses muito específicos, ele tem uma dificuldade imensa em engrenar a sua temática de pesquisa com as temáticas instituídas. E aí, nós temos que fazer: abre aspas e fazer uma crítica ao próprio... à própria estrutura acadêmica dos projetos de pesquisa, geralmente, são projetos trienais, e da própria instituição de pesquisa pelos programas de pós-graduação via CAPES, que regula as notas dos programas, que acaba engessando um pouco as temáticas de pesquisa, que acaba por engessar ou fechar algumas temáticas de pesquisa. Então, o aluno vem com um interesse específico, só que o professor está vinculado em razão dos compromissos que ele estabelece com as agências de fomento mais com a Universidade, ele tem um tema e ali, ele acaba adaptando o aluno ao tema. Quando não, propondo o tema de acordo com o que ele orienta. E aí, os interesses pessoais, que são transformados na universidade em interesses de pesquisa, já no âmbito profissional, eles são deixados de lado por completo. Então, esses instrumentos que nós temos disponíveis na universidade, eles não se refletem, por exemplo, na questão temática em monografia ou mesmo disciplinas, que é o grande problema. Então, se eu fosse resumir, eu posso dizer que esses instrumentos não têm impacto algum na melhoria das condições de discussões e aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia e isso ainda funciona de maneira isolada, ou seja, depende de um docente, depende de algum projeto de extensão, mas isso não é uma política institucional. Lembrando, só para frisar, que as políticas afirmativas que a universidade dispõe não refletem, de maneira imediata, no aprofundamento destas questões no curso de Biblioteconomia, apenas garante a entrada no espaço físico que é a universidade.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Bom, a questão é que eu não entendi se isso deve ser... eu devo indicar da própria Universidade ou da área em geral ou as fontes que eu procuro me basear?

Entrevistadora: Pode falar dos dois, da fonte que procura se basear e das disciplinas. Se bem que das disciplinas já falou, né?

Então, voltando, às disciplinas como, na verdade, eu como... eu comentei, nós teríamos algumas portas de entrada à discussão, por exemplo, a área de Teoria da ação cultural poderia ser uma, dentro da discussão sobre missão e responsabilidade nas bibliotecas públicas nós teríamos uma outra... Contudo, a temática ainda é capenga nos manuais que nós temos disponíveis em português sobre o assunto, né? Isso não é discutido, mesmo o tema de manifestações culturais em equipamentos culturais é algo ainda muito tortuoso, porque nós temos, por conta da influência da cultura letrada, nós temos por costume essa prática de adaptar a noção de manifestação ao que é expresso de maneira estrita. Então, já tive dificuldades de comissões entenderem um tema de pesquisa quando o aluno procurava por enfatizar as manifestações culturais, por exemplo, Folia de Reis dentro do contexto das bibliotecas, porque eles entendiam isso como folclore e desqualificavam o papel dessas manifestações. E esse tipo de interpretação está presente na Biblioteconomia quando se entende que a temática do negro nessas bibliotecas deve ser entendida como manifestação folclórica, não como algo ativo, presente, contemporâneo. Então, aí é algo que a gente precisa trabalhar com o próprio conceito de cultura em que está manifesto no discurso sobre ação cultural, né, sobre os equipamentos culturais dentro da Biblioteconomia. Bom, este é um aspecto. Agora sobre as bases teóricas, no meu caso em específico, como não sou especialista no assunto, eu procuro buscar nas bases teóricas da Antropologia, especificamente, concepções mais gerais de cultura e de manifestações culturais e que procuram me dar base para questionar algumas práticas biblioteconômicas, sejam práticas de acesso, no caso da ação cultural, da disseminação; sejam práticas de organização, no caso dos sistemas de representação do conhecimento. Então, essa... esse alinhamento com a Antropologia, em especial, também com a Psicologia social, no caso das teorias da representação, dá sustentação, por exemplo, para rediscutir os instrumentos. Então, tenho que entender os limites de uma representação e os impactos de uma representação, não só no instrumento, mas como há um diálogo entre as representações plasmadas nesses instrumentos que produzem uma reprodução dessa organização e a interação dessas representações com as representações que pairam sociedade. Então, esse tipo de contato, eu vejo que é difícil que brote naturalmente no bibliotecário. É algo que nós temos que rediscutir com outras fontes, no caso Antropologia, no caso específico da Psicologia Social, há uma outra linha, que é uma linha culturalista, é uma linha culturalista que ela acaba dando suporte também, ela não se vincula à nenhuma corrente antropológica, mas os culturalistas, eles acabam abordando uma leitura plural, uma leitura dos próprios movimentos afirmativos de maneira ampla e também venha a contribuir com esse debate.

Entrevistadora: Você conhece alguma fonte bibliográfica sobre a cultura africana e afro-brasileira, autores que poderia indicar?

Olha, de estudiosos no assunto, eu não tenho nenhum estudioso em mente. Como eu disse, eu procuro abordar isso com base nos culturalistas. Entre eles, eu classificaria o Stuart Hall. Poderia indicar também os próprios manuais de Antropologia Cultural, que aí nós temos uma série, o [Alfred Louis] Kroeber e temos uma série deles, e mais específica, o [Armand] Mattelart e algumas discussões sobre políticas culturais, sobre estudos culturais. Temos também uma interpretação interessante do Stuart Hall, no livro “Da diáspora”, que é uma outra temática e alguns próprios de história de alguns países, por

exemplo, de histórias de algumas regiões. No caso, nós temos o Théo Brandão, no caso de Alagoas, que tematiza a história do estado, da presença do negro no estado e na formação e na Constituição do Estado. Então, veja que são coisas muito específicas, muito específicas. E o grande desafio agora é permitir com que os alunos possam fazer esse tipo de levantamento e sistematizar essa bibliografia para a área da Biblioteconomia. Voltando para o tema da formação, nós tivemos “gap” na formação nossa lá há 20 anos atrás, que era justamente entender a realidade brasileira e ela não era passível de ser compreendida sem uma base teórica. Por isso que essa base teórica, ela está em sistematização, em construção. Não porque ela já está disponível, a questão são os bibliotecários especialistas agora incorporar esse material.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Bom, eu acho que a leitura mais importante sobre o assunto não é nenhuma bibliografia, nenhuma citação, nenhum autor em questão. Agora, o que eu acho estranho, muito estranho, é que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação.

Entrevistadora: E por quê?

É isso que realmente nós temos algumas hipóteses, né? Eu tenho algumas ideias, mas são muito gerais, mas que são interessantes da gente debater. Quer dizer, quais são as razões que levaram a isso? Porque isso chegou de uma maneira tão tardia, né? Aí, nós buscamos as próprias raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes e algumas coisas são alto-explicáveis, né, por exemplo, a Ciência da Informação no Brasil, especificamente, mas em outros países americanos, ela se vale sempre por modas, ou seja, por tendências de pesquisas. Essas tendências de pesquisas, elas acabam organizando os pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento, né? Veja que esses temas são, em geral, criados ou desenvolvidos em países primeiro-mundistas, especificamente, o Canadá, Estados Unidos e, atualmente, Dinamarca e França com um certo destaque. Então, primeiro uma onda de abordagens novas, recentes, que procuram questionar as anteriores. Isso replica que depois de alguns meses, primeiro sai como um artigo ou na forma de um livro, uma dissertação ou tese e, de repente, há uma epidemia de publicações no mesmo sentido. De modo que a Ciência da Informação, ela não... não tenha uma agenda própria nacional, por exemplo, não tem uma lista de temas que são de crucial importância nacional que ela procura tematizar como uma agenda. Algo que, olha, nós temos que resolver ou amadurecer a teoria sobre essa questão. Que essa questão compete a nós, por exemplo, a questão indígena, né? Como outros países que trabalham com mais de uma língua resolvem o tratamento da documentação em outra... em línguas indígenas, como é que eles trabalham? Veja que isso é um tema que tem uma adesão social muito grande, mas é esquecido, porque ele não está dentro das tendências. Mas há países que já fizeram o seu questionamento. Vou citar aqui o caso do Canadá em que as línguas indígenas têm uma certa presença no debate. Acho que, aí, nós poderíamos fazer algo no mesmo sentido, talvez, nos aproximarmos mais das áreas como Tradução, justamente para entender isso e tal. Bom, aí, tem a questão da tendência. Outra coisa é o nível de amadurecimento teórico, no que diz respeito ao conhecimento de Antropologia e Sociologia dos especialistas em Ciência da Informação e Biblioteconomia, né? Eu não sei por qual razão, mas há uma certa aversão aos temas das humanidades na prática, né? Então, isso pode ser notado pelo número de publicações que tematizam. Isso você vai notar que entre os diversos GTs, você vai ter um GT, uma parte desse GT que vai discutir os temas mais

ligados ao aspecto cultural, e ali, você tem uma intervenção da área de Educação, da área de Sociologia, da área de Comunicação, da área de Antropologia, Filosofia e, é claro, que você pulveriza isso em outras áreas, mas não é predominante. Hora, como não tenho um estofo, uma base em humanidades razoável, ninguém vai se atrever a discutir esse tema e transformá-lo em abordagem ou objeto de pesquisa, né? Então, aí uma carência desse tipo de informação por parte de nossos especialistas, isso é um fato. Outra razão, e aí seria a terceira, isso tudo dentro dessa grande hipótese, né? É o próprio desconhecimento da História do Brasil. Nós temos isso como geral, isso transcende as áreas, não é algo específico da Biblioteconomia, isso atinge os Pedagogos, isso atinge os Licenciados, as diversas matérias: há um desconhecimento generalizado em relação à história do Brasil, a história do negro do Brasil, a história das outras etnias que compuseram a nossa formação, né? Então, esse desconhecimento generalizado, ele provoca uma... eu não sei como explicar isso, mas isso acaba servindo de justificativa para não se admitir ou não se aceitar nenhum tema desses, até porque há um vazio teórico nessa formação. Ou seja, vazio, talvez seja exagero, mas são pinceladas de histórias que estão presentes quando o sujeito procura pensar a questão. Bom, além disso tem em quarto lugar como elemento de explicação... eu acho que a questão da... de algumas coisas que nós... não resolveram no Brasil, dado em processo histórico como, por exemplo, o grave preconceito que nós temos no Brasil em todas as escolas e isso entra nas universidades. Vejam as declarações contra os cotistas por deputados, senadores, por intelectuais, “pseudo-intelectuais”, jornalistas... Então, isso são indícios do forte preconceito que está latente e que é difícil, é impossível você negar. Então, é como se o sujeito que tematiza essa questão automaticamente fosse um comunista ou socialista, ou automaticamente fosse alguém ligado ao movimento afirmativo, quando, na verdade, não é só isso. Você vê que o preconceito, ele acaba instaurando uma agenda conservadora em várias áreas de pesquisa e a Biblioteconomia como refratária de outras áreas, de outras narrativas, ela acaba reproduzido, em certa medida, esse comportamento dentro dos alunos, juntos aos alunos e, por incrível que pareça, alunos negros, não apenas não se comprometem com a questão, mas servem como os reprodutores desse pensamento conservador, desse pensamento preconceituoso. Isso seria algumas, mas acho que não se limita aí. Eu acho que nós teríamos que pensar em conjunto, em coletivo, por qual razão isso tomou demorou tanto tempo para ser discutido, e mesmo que... Mesmo tendo demorado tanto, não é relevante o número de surdos, o número não tô dizendo o nível ou a profundidade não é relevante. Você tem um trabalho acolá no Rio de Janeiro, um trabalho ali na Bahia, você tem um trabalho... veja que é uma coisa, assim, muito reduzida quando nós comparamos a outras temáticas. Vamos lá: temáticas como mediação cultural é uma temática recente. Está em vários espaços, quando você compara tem um grande número. Temática como catalogação automatizada e comutação de registros bibliográficos, você vai ver que tem uma série de universidades, enfim. Então, veja que, numericamente, eles são irrelevantes, eles são insignificantes. Agora, do ponto de vista do clamor social, das demandas dos grupos sociais, isso aí deveria está em outro... estar em outra posição. Então, mas essas não são as únicas razões, eu acredito que para a gente pensar bem a questão, nós temos que ampliar o entendimento sobre isso para entender por qual razão a Biblioteconomia demorou tanto, e ainda não tem um projeto articulado de superar essa visão conservadora, voltada para a Cultura Letrada, voltada a certos grupos de elite, pensando, claro, em reproduzir a posição no campo, de algumas... de alguns coletivos burocráticos. Então, de que maneira nós podemos superar isso? Então, essa agenda ainda carece de amadurecimento, de entendimento em primeiro lugar para depois pensar numa estratégia mais efetiva de superação dessa dificuldade.

Entrevistada 24 – Universidade Federal – 30.08.2018

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

É interessante, assim, é... Eu tenho a formação em História e Arquivologia, né? Mas sou Professora lá no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, a [Universidade Federal], particularmente no Núcleo Comum do Currículo e eu tenho turmas, tenho alunos e alunas de Arquivologia e Biblioteconomia dentro da sala de aula. O debate sobre formação do bibliotecário e da Biblioteconomia em geral é relativamente novo para mim. Eu confesso que eu tô cada vez mais me apaixonando, né? Porque, assim, quando eu comparo as questões sociais que Arquivologia, Biblioteconomia enfrentam, eu vejo que a Biblioteconomia com certeza tem mais debate sobre isso, mais atenção sobre isso e a Arquivologia tem pouquíssimo. Embora, quando eu comparo com o pouco da produção que eu vi tanto de Arquivo quanto de Biblioteconomia no exterior, ainda é muito aquém. Então, eu vejo que... eu sinto que é uma área... o campo informacional visto, assim, da Arquivologia, da Biblioteconomia, ainda é uma área que parece que está se construindo cientificamente de uma forma ainda muito positivista e tem um olhar como se o fazer bibliotecário e arquivístico fosse neutro e universal. Esse que eu acho que é o grande problema. Vejo uma formação técnica muito grande, mas estou tendo a sorte de encontrar pessoas que estão tentando enfrentar essa formação técnica. E também como se o fazer técnico, tanto de uma formação quanto de outra, arquivistas e bibliotecários, não fosse uma formação que exija pensar, a intelectualidade, pelo contrário. Então tenho pensado muito nisso.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Então, Franciéle, isso é muito novo para mim. Eu sou uma mulher e uma professora branca tentando trazer alguns temas que são temas, assim, que eu tenho me aproximado de alguns anos para cá por conta de um Núcleo de Pesquisa, um Grupo de Pesquisa do CNPq que eu participo chamado DEGENERÁ – Núcleo de Pesquisa em Desconstrução de Gêneros. Os debates sobre relação de gêneros e a partir de um ponto de vista interseccional, que é um ponto de vista que aprendemos com os feminismos negros é muito importante para o DEGENERÁ. E lá no DEGENERÁ, inclusive, tem a participação da Giovana Xavier, que é a Coordenadora do Grupo Intelectuais Negras. O desafio... Eu estou na [Universidade Federal] há dois anos, o desafio que eu tenho me proposto é trazer debates que a gente traz para o DEGENERÁ para a Arquivologia e a Biblioteconomia. Então, na verdade, eu não vejo, assim... A [Universidade Federal] não tem um currículo que é temático, ele é processual e esse tipo de temática relações de gênero, debates étnico-raciais, eles têm que entrar no currículo em todas as disciplinas de forma transversal, né, e eu não vejo muito professores trabalhando com isso não. Eu tento trazer debate de gênero e étnico-racial. Ao mesmo tempo, fico em uma situação, assim, de: - Bom, é muito importante dar visibilidade para esse debate, mas eu sou uma mulher branca, entendeu? Na verdade, eu lido com disciplinas teórico-metodológicas e tenho uma visão, assim: - Bom, já que eu sei que talvez meus colegas estejam muito preocupados com a técnica e que vão mostrar uma visão universal, construir muito do conhecimento que os estudantes ainda não têm, obviamente, não conhecem e estão chegando agora na Arquivologia e na Biblioteconomia e vão dar os clássicos e tal. Já que eles vão fazer isso, vamos tentar fazer diferente aqui, entendeu? Essa é a minha posição. Tem sido essa: Sem medo de não dar os clássicos. (risos).

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Não. Isso é uma coisa muito nova, assim. Até essa semana recebemos a visita do MEC para o curso de Arquivologia e foi uma questão que as avaliadoras colocaram, né? Elas colocaram três questões para saber se três temas universais estavam dentro do nosso currículo: a questão dos direitos humanos, a questão étnico-racial e a questão da sustentabilidade. Eu sei que outros professores... elas tinham só meia hora para ficar com a gente, eram quase 30 professores, 25 por aí que estavam presentes e eu sei que outras pessoas trabalham com esse tipo de tema. Mas, assim, fui eu quem respondi, principalmente, direitos humanos e relações étnico-raciais, falei um pouco da questão de gênero também dentro do que eu dou em sala de aula. Mas projetos de pesquisa, eu não conheço. Não, assim, nenhuma ação normativa, assim, sinceramente.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Vou te falar, assim, tudo que eu tenho por conta que eu li por conta de questões familiares, de questões da minha infância, porque eu estudei na época da ditadura militar. Então, era muito forte a perspectiva no livro didático de história, eu não sei se mudou, sobre a harmonia das três raças, né? – Vivemos muito bem, o Brasil é um paraíso racial, não acontece nada por aqui. E coisas que eu ia percebendo dentro da minha família que meus tios-avós com um projeto forte de tentativa de embranquecimento da família, né? O quanto isso era e é, nem todos tão morrendo, tão indo, todo mundo tá indo embora já, né? Só tem mais um tio. Mas o quanto isso era forte para as minhas primas e aí tem essa percepção aí da infância. Depois tem leituras, tem uma... eu sempre me aproximei muito do fenômeno religioso até como fenômeno social também, sempre tive muita curiosidade. Minha mãe frequentava o candomblé, então, eu ia para os barracões aqui em São João do Miriti, no Rio de Janeiro. E aí sempre tive uma curiosidade sobre o tema. E aí, tem um momento, assim, de cinco ou seis anos para cá do DEGENERÁ e o Intelectuais Negras, né? Nós éramos felizes e não sabíamos, quando em 2015, fomos com um grupo forte do DEGENERÁ lá para o Congresso Fazendo Gênero lá em Salvador. Foi um momento, assim, de muito aprendizado, Giovana Xavier estava junto e outras mulheres pretas que participam tanto do Grupo dela quanto do nosso, o DEGENERÁ, e aí, foi a tentativa de... Eu sempre ficava perguntando: - Giovana, Amanda, como que eu levo isso para a Biblioteconomia, para a Arquivologia? Até porque eu comecei a perceber a questão do público que esses cursos recebem lá na [Universidade Federal]. Sempre tem uma pesquisa socioeconômica, Arquivologia e Biblioteconomia é o grupo das classes sociais mais baixas e tem muitas pessoas negras, né? Bom, aconteceram questões fortes de racismo lá na [Universidade Federal] e eu tive a oportunidade de organizar um Encontro e poder chamar a Giovana Xavier. Aconteceram algumas coisas, assim, também do acaso do tipo eu tentar estudar inglês ou poder treinar meu ouvido e estava escutando um podcast e esse podcast se chama “Stuff your mother never told you” “coisas que a sua mãe nunca te disse” e tinha um episódio sobre a Audre Lorde e eu falei: - Ah, que legal, a Audre Lorde a gente lê lá no DEGENERÁ, eu conheço ela como poeta e tal, vamos escutar. Eram dois episódios muito grandes de uma hora cada um. De repente, as moças falam que a Audre Lorde foi bibliotecária, formação em Biblioteconomia, que eu não tinha ideia. Aí, eu achei isso incrível, né? Aí, eu vou te dizer, assim, nas minhas disciplinas, tá? Eu dou uma disciplina de “Fundamentos Teóricos e Informação I” que o debate inicial... ela começa, assim, com um debate sobre culturas

tentando diferenciar cultura do senso comum para o que a ciência percebe como cultura. Aí, entra um debate sobre cultura erudita, popular e cultura de massas. Isso vai falar também da questão forte que nós temos em Arquivo e Biblio que é a cultura da escrita. Então, tem um contraponto entre culturas da oralidade e culturas da escrita e aí, eu entro na questão da identidade, né? Todo o período eu falo, assim: - Gente, eu tenho uma pilha de coisas para ler, seja digital, seja livros impressos e vocês vão ser minhas cobaias e eu vou ler com vocês! Então, semana que vem, por exemplo, nós vamos ler... falar um pouco da identidade, né, eu vou usar para identidade o Stuart Hall, né? Que é um jamaicano, na verdade, ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ele ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades. É uma sociologia, assim, ainda um pouco pautada demais na história da Europa. E aí, eu falei, assim: - Depois a gente vai emendar um livro que eu tô devendo, a gente vai ler juntos. Não o livro todo, mas a introdução do Achille Mbembe, mas é o “A crítica da razão negra” e nós vamos ler a introdução “Devir negro”. Então, quer dizer, aí, a disciplina continua em um debate sobre memória e história e ela termina na questão da visibilidade ou invisibilidade dos profissionais da informação. Porque é a “deixa” para “Fundamentos Teóricos II” que eu não ministro, é outra professora. Na “Fundamentos Teóricos II” é uma disciplina que, realmente, fala mais da Biblioteconomia, mais da Arquivologia, como é que surgiram essas áreas. Mas, assim, eu acho que a minha é um arcabouço e eu me sinto muito à vontade nesse debate de memória, história, que já vem da minha formação mesmo como historiadora. Essa é “Fundamentos”, aí nós temos uma disciplina chamada “Metodologia da Pesquisa I e II”, eu dou a I. Elas estão posicionadas, assim, no currículo: A Metodologia I é no primeiro período, a Metodologia II, ela é quase lá no final antes de começar o TCC. Entendeu? E a I, eu acredito que seja também um “cartão de visitas”, assim, da área, da universidade. O que que a gente está fazendo ali, né? Metodologia como um meio, como um caminho, né, de objetos de estudos que podem surgir. E nessa disciplina, eu faço questão, assim, de em uma aula sim e uma aula não, uma aula a gente lê um clássico, uma aula a gente lê as normas. Tem que passar sobre isso, tem que falar sobre fichamento, eu tenho que falar das dores e amores da vida acadêmica, né? As verdades para os alunos, porque assim: - Seus professores vão pedir fichamento. E eles vão falar, assim: - Ah, são as partes principais, são os trechos que vocês vão copiar. Mas o que é principal quando você está vendo tudo pela primeira vez? Então, assim, eu aprendo muito com a Giovana Xavier com a questão de que a gente está em uma academia muito branca, o fazer acadêmico é estranho, tem muita pompa e circunstância os nomes que a gente dá: conferência isso e aquilo. Então, assim, eu mesma me volto para eles sendo filha de... a minha mãe tem a quarta série primária. Então, não foi fácil chegar na universidade e olhar que mundo é esse que eu não estou entendendo que os professores falam de um jeito que eu não... me mandam ler em francês e eu não sei ler nem em português, entendeu? E aí, depois que você está na academia, você tem... eu, pelo menos, tenho outro estranhamento, que é quando você volta para casa e começa a ver sua família e eles começam a te estranhar. - Quem é você? Olha o jeito diferente que você está falando. - A [Entrevistada] está estranha! Metodologia é uma disciplina para mim que eu vou colocando os estranhamentos também. Aí, tem que passar por Lakatos, Gil, toda aquela bibliografia que a gente conhece. Falo de projeto, falo de fichamento. Mas, assim, aí a gente vai ler a Grada Kilomba, a gente vai falar sobre decolonialidades, epistemologias do sul... A questão de gênero está bem forte na disciplina de “Metodologia da Pesquisa I” e uma questão de gênero sempre pautada na interseccionalidade. Bom, aí, tem a terceira disciplina que se chama “Aspectos legais dos processos informacionais”. Ela parece que tem uma cara que, assim, a Unidade I, fala de direito à informação e a Unidade II é direitos autorais, direitos do autor, a função

social do autor. E aí, parece que a I é para Arquivologia e a II é para a Biblioteconomia. E aí, eu tento romper com isso e sempre falar, na verdade, que as duas formações... e pensar nas duas formações, nos dois cursos. Embora cada uma tenha sua peculiaridade, a questão da organicidade é muito forte para a Arquivologia, eu falo que é importante. Então, assim, semana passada nós começamos e eu com “Red dust” e é um filme baseado num romance, ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão sobre a comissão da verdade e reconciliação na África do Sul. É assim que eu começo a disciplina para falar de justiça de transição e anistia política. Então, a questão de acesso à informação em sociedades cujas democracias são muito... democracias no sentido, assim, europeu são muito recentes. E aí, a questão de direitos humanos entra forte e eu tento, assim, comparar o que aconteceu na ditadura militar e o que aconteceu na África do Sul. E lá é o debate sobre apartheid e é isso. Eu não sei se respondi tudo, eu sou bem caótica. (risos)

Entrevistadora: Show! Tá tranquilo. (risos).

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!
Já acabaram as cinco perguntas?

Entrevistadora: Sim!

Entrevistada: Eu acho que você está me enganando, você fez três só. (risos)

Entrevistadora: Não, eu fiz todas as cinco mesmo. (risos).

Entrevistada: É? Comentário, né? É, assim, na verdade que acontece, né? Eu vejo que tem uma demanda grande das alunas e dos alunos para tocar nesses temas, né? E é engraçado como, para mim é evidente que a Biblioteconomia pauta muito mais esses temas que a Arquivologia. De chegar a ter alunos desesperados, assim, perguntando em um momento de conversa, abordando para saber se não muda de curso. E esses alunos são alunos negros. São alunas e alunos negros/os que vem a produção, o livro que você organizou, por exemplo, o debate quando teve lá a mesa sobre relações de gênero e você falou. Quer dizer, os alunos têm meio que desesperados, né? E também eu acho que, apesar da gente estar na Ciência da Informação e a informação ser importante, também não é só culpa da Universidade. É uma questão, assim, de que a gente vive um mundo ociogênico demais e com essa questão da hiperinformação forte, né? Que eu gosto de chamar de “infoxicação” e muitas vezes, eles não sabem. Por exemplo, eu converso, assim: - Porque você não vai fazer a disciplina da Giovana Xavier, Intelectuais Negras, todo o semestre ela oferece, todo o período ela oferece lá na UFRJ. E aí, as pessoas não sabem: - Pode? Eu posso pegar? Posso fazer? E eu falei: - Claro! Como optativa! Eu não sei dizer exatamente se vão conseguir aproveitar os créditos lá fazendo a disciplina dela, mas eu falo assim: - Olha, a disciplina dela vai muito além da questão de crédito. Eu acho que devia aceitar, mas muito além de uma questão de crédito. Acho que você tem que chegar junto e vai ser um momento muito enriquecedor para a vida, né? Outra coisa também interessante é que uma vez perguntaram no perfil lá no facebook... eu não sei se é [Universidade Federal], “Um país chamado [Universidade Federal]” uma coisa, assim, que junta todos os cursos possíveis e uma moça fez uma questão, assim: - Há, professores negros no seu curso? Me conte. E aí, eu vi uma moça negra da Biblioteconomia falando assim: - Não há. Depois eu encontrei com ela e conversei, assim: - Então, você sabe que a nossa coordenadora, ela se identifica como uma mulher negra, né? Aí, ela: - Nossa, é verdade! Ela se identifica mesmo! Eu esqueci. Ela falou

isso, que esqueceu. Tiveram substitutos que passaram lá, né? E quando essa pergunta foi feita, esses professores substitutos estavam lá. E foi, assim, né? É isso. Às vezes, eu vou lembrando de coisas que acontecem, né? Como eu falei na mesa que a gente participou: - Eu acho que é uma área que tem muito o que discutir ainda esses temas, muito! Questão de cotas raciais, questão de cotas para mulheres trans que as pessoas já estão pautando há muito tempo nos cursos na [Universidade Federal]. Sabe o que vai acontecer? Eu não estou na pós-graduação, mas já estão me dizendo que já que os próprios professores da pós-graduação não tiveram sensibilidade sobre esse tema e ficam no discurso da meritocracia e tudo isso, vai começar a ser imposto de cima para baixo, né? É isso que vai acontecer.

Entrevistadora: Professora, eu gostaria de agradecer pela participação.

APÊNDICE G - INSTRUMENTO DE ANÁLISE DO DISCURSO - IAD

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Bem, eu acredito, assim, que os desafios sociais são vários. Não só para a profissão de bibliotecário, mas eu acho que toda a profissão. Eu como docente, eu vejo isso, por exemplo, no ensino fundamental, no ensino médio. Agora eu sou mãe, eu tenho a maior preocupação de como formar meu filho para esse mundo que é complexo, com problemas complexos. Então, que realidade é essa que a gente vive? Que a formação que precisa ser dada que nunca vai ser completa. Então, assim, eu acredito que, para o bibliotecário também é igual. Vai ter um mundo de problemas que ele tem que enfrentar, que ele tem, às vezes, permear por vários assuntos, né?, e tem que ter uma formação o mais completa possível, mas a gente nunca vai dar conta. Até porque os problemas também sempre irão existir, a complexidade também sempre vai existir. Então, eu acredito assim, que é difícil, é difícil! Eu não isolo só o bibliotecário, mas como bibliotecária, eu acredito que os desafios são cada vez mais... é... Cada vez mais, é... complexos. Tá?</i></p>	<p>Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades, como em todas as profissões, e estão cada vez mais complexos.</p> <p>É preciso uma formação mais completa. Na formação, não é possível contemplar todos os desafios em sua totalidade.</p>
E2	<p><i>Sim. Então, isso a gente tem discutido muito, sobretudo, eu e a Profa. Marielle. E... Porque a nossa visão é de que o currículo da Biblioteconomia no geral não está preparado para os novos desafios, a gente tem focado muito em técnica, muito em catalogar, em classificar, mas simplesmente a técnica não se discute, não se entende como que se chega a essas técnicas, como que elas podem ser aplicadas e, até mesmo, como que essas técnicas são excludentes em alguma medida. Antes de ser professor da [Universidade Federal], eu fui professor substituto na [Universidade Federal] e, lá, a gente já percebia também isso. Então, os currículos são extremamente defasados e extremamente... hã. Eles não atendem. Eles realmente não atendem, sobretudo na parte teórica, que é basicamente o meu campo. Eu tento inserir, mas, por vezes, é muito dificultoso, porque você também tem que dar conta de um conteúdo que já está fixado e</i></p>	<p>O currículo da Biblioteconomia não está preparado para os desafios.</p> <p>Foco na técnica, catalogação, classificação, mas não se discute e se entende como as técnicas são criadas e como podem ser excludentes.</p>

	<i>que já está entendido como importante. Então, eu acho que é um grande desafio e que têm pequenos passos que eu acho que ainda não foram para frente.</i>	Os currículos são defasados e não atendem as demandas sociais, sobretudo na parte teórica.
E3	<i>Bem, eu acho que <u>um dos grandes desafios é a questão curricular</u>, né, porque a gente... como a gente... <u>Nós estamos passando por um processo de revisão da nossa matriz curricular na [Universidade Federal] que já tem dois anos, um pouco mais, que a gente está tentando reformular para trazer uma dinâmica melhor para o currículo</u>, né. Especialmente, para as disciplinas que tratam de gestão de informação, de planejamento, as disciplinas administrativas e do processo de gestão da informação e, também, as disciplinas que trazem um peso maior para a questão da... dos suportes de informática, né, de software. <u>Então, a gente tem tido muita dificuldade, porque os professores, eles estão todos bastantes atolados de trabalho. Então, a gente parar para fazer uma matriz curricular de qualquer jeito não é viável. Então, a gente precisa fazer um estudo, fazer a elaboração.</u> A gente tem visto que o nosso currículo, ele está adequado, mas ele precisa avançar um pouco mais. <u>Então, eu acho que um dos grandes desafios, é trabalhar as matrizes curriculares para conseguir que essas matrizes atendam as demandas sociais que a gente tem visto aí, crescentes, né. Como a gente tem, por exemplo, a questão é... de... das questões afro, africanas, da história afro e afro-brasileiras nos currículos que têm que ser inseridos. A questão da... dos processos de... ahã... aí, gente! Esqueci o nome. Ambientais, né. De gestão ambiental, essas coisas, também a gente tem que inserir. Então, são coisas que não dá para fazer de qualquer jeito, você tem que processar, trabalhar, ver quais são as diretrizes para até adequar o currículo. Então, eu acho que um dos grandes desafios hoje da Biblio é capacitar o aluno nessa formação mais ampliada. Com essas questões que estão vigentes no dia a dia hoje.</u></i>	Um dos desafios é a questão curricular. Há dificuldade em revisar a matriz curricular, pois os professores estão com bastantes trabalhos e é preciso parar para fazer uma matriz, fazer o estudo e a sua elaboração. O grande desafio é trabalhar matrizes curriculares para que elas atendam as demandas sociais crescentes da questão da história Africana e Afro-brasileira e da questão dos processos de gestão ambiental. Um dos grandes desafios da Biblioteconomia hoje é capacitar o aluno em uma formação mais ampla com questões vigentes no dia a dia
E4	<i>Então, eu acredito que são inúmeros, né. No nosso curso, essas discussões têm acontecido em diversas disciplinas: disciplinas de política de informação, nessa disciplina de cultura afro-asiática também, né, que vai passar para... pela questão de discussões sociais, né, porque a nossa</i>	Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de

	<p><i>disciplina de história... afro-asiática não, afro-brasileira (risos). É que a gente tem Núcleo de Pesquisas Afro-Asiáticas aqui. Então, a nossa... essa disciplina também toca nessa questão social. Nós temos disciplinas de Ética, né, então que vão perpassar por todo o fazer do profissional e sua inserção no mercado de trabalho. Os princípios que devem ser levados, né, em conta na sua atuação, no lidar com informação, lidar com pessoas com a parte da mediação da informação. Então, eu acredito que são vários os desafios, né. <u>Logicamente, que a gente, em uma formação em quatro anos, nós não conseguimos é... contemplar todos os possíveis, né. Até mesmo a questão de lidar com tecnologia, de como isso também interfere no dia a dia das pessoas; questões de privacidade... Então, tem vários aspectos também que tocam na questão tecnológica, né. E a gente tenta discutir e trazer também questões práticas, né, no sentido desses desafios, que eu acho que são diversos e que alguns a formação talvez, e não exclusivamente aqui da [Universidade Estadual], mas eu acredito que todos os demais cursos, talvez, não consigam contemplar todos na totalidade. Mas pelo menos, né, passar pelos pontos mais centrais e trazer isso para a discussão dentro da sala de aula.</u></i></p>	<p>dificuldades como em todas as profissões e estão cada vez mais complexos.</p> <p>É preciso uma formação mais completa. Na formação, não é possível contemplar todos os desafios em sua totalidade.</p> <p>A questão tecnológica é um dos desafios encontrados.</p>
E5	<p><i>Bom, em relação aos desafios, eu tenho percebido que, primeiro, que <u>os desafios são enormes. Eu acho que os desafios sociais enfrentados pelo profissional em processo de formação, eles são bem grandes, no sentido de que a gente precisa, primeiramente, entender o próprio espaço onde nós estamos inseridos. Eu acho que esse entendimento do profissional que está em processo de formação, do futuro profissional no campo da Biblioteconomia, especificamente que é o campo onde atuo, ele é cheio de dificuldades. Primeiramente, porque é preciso que ele perceba que o processo de formação é um processo contextualizado. A gente não pode, de forma alguma, entender e separar dentro da nossa prática, do próprio processo formativo, a ideia de teoria e prática. Então, a questão da práxis, ela é muito importante para isso. Então, para entender e ir desenvolvendo um olhar fundamentado, um olhar mais comprometido com todas as questões, não apenas com a questão do ser profissional no sentido formal do termo com a preocupação de formar um profissional técnico, que saiba trabalhar com as questões envolvidas com a informação, mas que acima de tudo, que tenha uma visão de contexto, que saiba exatamente onde ele está inserido, com que tipo de instituições ele vai estar se relacionando, com que tipos de usuário de informação ele vai trabalhar, e a gente sabe que isso demanda um processo formativo bem extenso e intenso ao mesmo tempo. E muito mais do que isso, comprometido. E eu vejo que</u></i></p>	<p>Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades como em todas as profissões e estão cada vez mais complexos.</p> <p>O profissional necessita compreender o espaço onde está inserido. O processo de formação do profissional é um processo contextualizado, onde não se pode separar a teoria da prática.</p>

	<p><i>os desafios sociais desse processo de formação, eles se dão, basicamente, por conta, às vezes, por uma falta desse olhar, de uma falta de percepção, às vezes, tanto do professor desenvolvendo as atividades como por parte do aluno, que às vezes também não busca esse entendimento e essa visão da práxis na atuação dentro de um mercado, que a gente sabe que tem todas as suas características, mas que a gente também tem que entender que esse olhar estar voltado para as questões sociais, também é de fundamental importância. Então, eu vejo que são grandes os desafios. Inclusive, tem muita coisa que a gente precisa ainda repensar e tentar refazer e ressignificar o nosso olhar, ressignificar a nossa atuação para que a gente possa, efetivamente, trabalhar como profissionais de um campo que pertence aí, dentro de uma grande classe, que é o campo das ciências sociais. Então, perceber isso de uma forma muito sensível e com muito cuidado, porque o que está em jogo não é apenas a formação de um profissional técnico, mas acima de tudo um profissional comprometido com o ser social, com o desenvolvimento disso dentro da sua prática.</i></p>	<p>O bibliotecário precisa entender e desenvolver um olhar fundamentado e comprometido com as questões do ser profissional no sentido formal de formação técnica e também de uma visão do contexto, onde possa perceber está inserido e o tipo de instituições e usuários de informação com os quais se relaciona. Tudo isso demanda um processo formativo complexo e intenso.</p>
E6	<p><u><i>Eu acredito que os desafios sociais da formação do bibliotecário e da bibliotecária nos dias de hoje estão voltados para as questões mais inclusivas na sociedade, sendo que diz respeito às questões de sexualidade, de raça, de gênero, religião e acessibilidade também. Daí os desafios dos bibliotecários é que as Universidades, as escolas que formam esses profissionais e essas profissionais, algumas delas não estão se dando conta da importância de inserir essas discussões durante a formação desse profissional e dessa profissional. E aí, os desafios dessas pessoas no mercado de trabalho fora da universidade é como que ela vai tratar essas informações, sobretudo as informações, nesse contexto para um tipo de usuário ou para usuários específicos. Então é seu grande desafio: sair com um pensamento da diferença e tentar promover, de alguma forma, essa inclusão no seu ambiente de trabalho, quer seja na biblioteca, na universidade ou em qualquer unidade de informação.</i></u></p>	<p>Acredito que os desafios sociais da formação atualmente estão voltados para as questões de inclusão no que diz respeito às questões de sexualidade, raça, gênero, religião e acessibilidade.</p>
E7	<p><i>Franciéle, então, eu vou conversar com você no lugar de professora do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da [Universidade Federal] e por que estou sentindo isso? Porque a configuração de uma matriz curricular, ela deve estar inserida no contexto geográfico e geopolítico da cidade onde o curso se insere e isso acaba sendo um determinante até para algumas escolhas teóricas e metodológicas em relação ao modo como a gente vai trabalhar a formação do bibliotecário que para essa região. Por que estou fazendo essa introdução? Aqui em</i></p>	<p>Como desafio local, acredito que os alunos chegam ao curso de Biblioteconomia pensando que o curso será mais focado na perspectiva tecnológica, onde a perspectiva social não é</p>

<p><i>São Carlos, a universidade, assim como os cursos que pertencem a ela de uma maneira geral e sem exceção o curso de Biblioteconomia, eles estão sob o guarda-chuva, não sei se esse é o melhor termo, do discurso da Inovação e do Polo tecnológico e do empreendedorismo, isso não significa que eu concorde com esse discurso, mas a região aqui acomoda um conjunto de características na sua história que a caracteriza como sendo este tal Polo tecnológico. <u>Então, os alunos, e eles já vêm um pouco com esse entendimento para a [Universidade Federal] e para o curso de Biblioteconomia, de que eles vão ter um curso eventualmente mais focado para tecnologia, onde a perspectiva social, infelizmente, não é a prioridade nem da matriz curricular, nem dos discursos dos docentes.</u> Mas, então, agora tentando responder a sua pergunta. E aí, como formar, como preparar esse bibliotecário que vem com esse... esse graduando que vem com essa expectativa e se deparar com o curso que vai prepará-lo para o mercado, para o uso de tecnologias, a se atentar para a perspectiva social? Então, talvez em outros cursos essa barreira não esteja tão distante, aqui eu identifico um pouco essa dificuldade a priori, né? Não estou dizendo que os alunos não são sensibilizados para as questões sociais, eles são. Mas em um primeiro momento, a identidade que eles buscam construir fazendo este curso não é necessariamente a social. Mas, já no primeiro ano, na própria disciplina de “Fundamentos da Biblioteconomia”, eu <u>ministro essa disciplina e eu tento, na medida do possível, apresentar o social como ponto de partida, o usuário como ponto de partida, comunidade como contexto de prática profissional, atuação profissional bibliotecário.</u> Então, nesse primeiro semestre, eles desconstroem um pouco esta expectativa como a disciplina de Fundamentos. Então, é um exercício pequeno ainda, ele é sutil para não assustar tanto os alunos que estão chegando, mas assim, eu só gostaria de deixar claro, que a gente identifica a necessidade de inserir o futuro bibliotecário nas problematizações sociais. É dali a origem, né, da nossa prática, dos nossos desafios profissionais e, neste caso, por conta deste contexto que eu te apresentei, a gente tem um pouco que conter umas expectativas até dos alunos que vem, às vezes, procurando um curso um pouco mais de TI e a gente tem que mostrar que não é só isso. Na verdade, o ponto de partida é outro. [...].Então, eu falei um pouco dos desafios locais, mas existem... aí para a gente pensar nos desafios nacionais, eu vou tomar com experiência e vou falar acho que talvez em outra oportunidade dessa disciplina... Eu ministro uma outra disciplina chamada “Leitura e Cultura”, já no segundo ano, onde a gente discute acho que muitos aspectos que tem relação com a sua</i></p>	<p>prioridade dos docentes e da matriz curricular.</p> <p>Em algumas disciplinas, tento apresentar o social e o usuário como pontos de partida e a comunidade como contexto de prática profissional do bibliotecário. Acredito ser necessário formar o bibliotecário para trabalhar com o contexto social do Brasil e lembrar aos futuros bibliotecários o que é o Brasil, quais suas características, particularidades, diferenças e recuperar a sua matriz indígena, africana e europeia e entendendo as hegemonias que foram colocadas na construção do nosso país.</p> <p>O desafio é reorientar o futuro bibliotecário para uma compreensão do que é o próprio país, suas sutilezas que fazem parte da construção dessa matriz cultural.</p>
--	---

	<p><i>pesquisa, mas eu só vou destacar um agora, em um dado momento dessa disciplina, Franciéle, nós fazemos um estudo... que parece que a gente volta lá no ensino médio, fundamental e a gente vai estudar os estados brasileiros, as características destes Estados, a configuração da matriz cultural desses estados e pensar as particularidades regionais até do país, procurando entender como os desafios dessa prática profissional social, elas precisam... como esse profissional, ele precisa entender essas diferenças, essas nuances do nosso país, da nossa configuração cultural. Então, nesse sentido, eu entendi começando a atuar na frente desta disciplina que, <u>pensar a formação do bibliotecário para trabalhar com o contexto social no Brasil, faz parte deste processo primeiro tentar lembrar a este aluno que é o Brasil mesmo: quais são as suas características, particularidades, diferenças, recuperar a sua matriz indígena, sua matriz africana, sua matriz europeia e entender as hegemonias que foram colocadas na construção desse nosso país e tentar... realmente, a pergunta que caiu na prova foi muito próxima a essa, né? Então, qual é o seu desafio como futuro profissional, como futuro bibliotecário para atuar neste contexto, neste País então híbrido, com estas características tão particulares e diferentes de região para região? Então, o que eu responderia talvez de um modo mais pontual é reorientar estes alunos para uma compreensão mais arraigada do que é o próprio país, das sutilezas que fazem parte da construção dessa nossa matriz cultural que não é determinada, ela é flexível e ela é dinâmica. E isso nos coloca um desafio muito grande para trabalhar com a sociedade, né? Então, enfim, eu acho que é um pouco por aí.</u></i></p>	
E8	<p><i>Bom, os desafios, principalmente se a gente considerar que quem forma os bibliotecários no país, hoje, são especialmente as instituições públicas é mesmo a questão da permanência. Apesar de que, a exemplo aqui de Goiás, a gente até tem um bom número de pessoas formadas todo ano, mas a gente percebe pelo próprio perfil do discente e da discente que entram são pessoas de baixa renda, então... Só um minutinho que eu vou ali fechar a porta, tá? [...]</i></p> <p><i>Então, o perfil do nosso estudante de Biblioteconomia é de baixa renda. Então, a gente percebe uma dificuldade muito grande em se manterem no curso. Porque não basta o curso ser gratuito, eles têm um custo que é do transporte, da alimentação, muitas vezes, da moradia. É o que mais percebo aqui essa dificuldade. <u>E uma outra questão também é que como são estudantes, em sua grande maioria vindo de escolas públicas, a gente percebe uma deficiência no próprio ensino</u></i></p>	<p>Os desafios sociais para a formação é a questão da permanência, pois o perfil do nosso estudante é de baixa renda. Assim, como, as deficiências apresentadas com relação à formação do estudante vindo do ensino público, inclusive de escrita e leitura.</p>

	<p><u>público com relação à formação desse estudante que chega com sérias dificuldades, inclusive de escrita, de leitura. Então, eu vejo esses como os problemas mais graves com relação à formação.</u></p>	
E9	<p><u>São muitos... Muitos, muitos desafios sociais, né? A formação do bibliotecário, penso eu, ela vem passando por uma atualização. Mas não uma atualização, digamos, oficial nos currículos, tá? Ela vem passando por mais uma atualização, eu penso, por uma questão que tudo muda na sociedade em que os nossos estudantes, eles estão entrando com algumas... não são questões diferentes, porque sempre estiveram, né? Mas eu penso que os nossos estudantes, eles entram agora com uma questão um pouco mais forte, mais enfática da reivindicação do papel deles no mercado de trabalho, do papel deles enquanto bibliotecários. Então, têm dois lados aí, né? Para nós, docentes, isso é um desafio muito grande, porque nós temos que compreender e estar pensando e atuando no mercado também para poder dar aula, tá? E para os estudantes é muito difícil, porque enquanto você está na faculdade você não tem um distanciamento do que realmente acontece. E aí, quando você sai, na verdade, da universidade que é uma bolha, a gente não pode negar, a universidade, ela é uma bolha e é o papel dela também, né? ela não é uma bolha, mas assim, ela tem que ser uma bolha durante um tempo na vida de uma pessoa para que ela possa ter a sua formação. Então assim, quando ele sai ele se depara como uma complexidade muito maior. Então, eu penso que os desafios na formação do bibliotecário hoje são: nós podemos atualizar nosso currículo, ter uma vivência social maior, ter uma vivência com comunidades maiores, então assim, você ir, levar para viagem, ter uma relação, por exemplo, que seja em estágio, que seja... ou seja, não precisa necessariamente ser no estágio, mas ser uma relação com o campo profissional maior para que esse profissional, ele veja quais os desafios que ele tem que enfrentar. Porque quando nós saímos, nós sabemos que a gente pode trabalhar como profissional ou como pesquisador de ponta ou então com uma comunidade que não tem nem luz. Não é verdade? Então, você tem que fazer fichinha na mão ainda, tá? Então assim, esses desafios... todo mundo fala da sociedade da informação e está tudo informatizado, mas a gente sabe que não é assim, que nós fazemos trabalhos... por exemplo, eu estava fazendo trabalho como um assentamento aqui perto de Londrina numa cidade que se chama Porecatu e lá tem um assentamento e eles não tinham luz elétrica, a gente tinha que fazer fichinha, entende, para colocar lá, né? A gente estava fazendo uma... um trabalho com a biblioteca, que cuida da escola, é uma escola itinerante e, assim, não se tinha luz elétrica até três meses atrás. Agora que chegou</u></p>	<p>Há o desafio para o docente, que tem que compreender, pensar e atuar no mercado de trabalho para poder dar aulas. E para o estudante, pois se depara com um mundo complexo ao sair da universidade.</p> <p>A formação do bibliotecário está passando por uma atualização, que traz desafios sociais para o estudante, que reivindica seu papel no mercado de trabalho enquanto bibliotecário. Traz também, desafios para os docentes, que tem que compreender, pensar e atuar no mercado de trabalho para poder dar aulas.</p>

	<p><i>a luz elétrica. Então como você vai, né? Ou seja, isso é um desafio, porque você também acha que só tem, né? Que tudo é informatizado, né? Não! Não é bem assim. Então, nós vivemos ainda numa situação muito dispare. Então, assim, os desafios são: você atualizar o seu currículo, continuar atualizando o seu currículo para novas e velhas abordagens, antigas abordagens que estão aí, tá?</i></p>	
E10	<p><i>Bom. O meu lugar de fala para pensar esta questão que você trouxe, eu estudei toda minha vida em escola pública e cursei Biblioteconomia na graduação na Escola de Ciência da Informação da [Universidade Federal]. Eu me lembro... a minha graduação foi de 2001 a 2004 e eu me lembro que quando eu entrei para a universidade, no meu bairro que é um bairro da Periferia de Sabará, que é uma cidade na região metropolitana de Belo Horizonte, no meu bairro a gente não tinha notícia de ninguém que tivesse cursado a Universidade Federal de Minas Gerais. Porque é bom frisar, que a realidade em relação ao acesso ao ensino superior, o acesso e a permanência no ensino superior naquele início dos anos 2000 era bem diferente do que a gente vivenciou, por exemplo, em meados do ano de 2014 e agora 2018, ainda é bem mais diferente ainda. O fato é que me parecia... eu pude constatar que a universidade, muito embora eu tenha entrado pelo vestibular, um vestibular com mais de 100 mil candidatos naquela época, a universidade ainda tinha, na minha forma de ver, tinha... existiam poucas pessoas participando da vida universitária que eu poderia dizer que me pareciam ser iguais a mim ou da realidade que eu vim. E essas questões, elas na medida que a graduação foi acontecendo, elas foram ficando mais claras, porque eu conseguia enxergar melhor que havia uma... também no espaço universitário, uma desigualdade bastante acentuada. E sendo a Biblioteconomia do campo das ciências sociais aplicadas, isso... e ainda bem, tinha que ser mais evidente na minha percepção, na minha leitura daquela realidade. E via isso também, hoje correndo o olhar pelos meus colegas de turma e colegas de curso e via haver um forte clamor na nossa formação, um discurso muito... uma vertente discursiva muito forte de uma certa louvação às tecnologias de informação e comunicação, a gente não podia deixar-se trair por esse mundo muito... porque a realidade com a qual a gente atuaria em grande medida do nosso ponto de vista, estava e ainda está, pelo que eu vejo e posso estar equivocado, muito distante desse cenário altamente tecnológico. <u>Há muito para ser feito por um profissional que trabalha com as diversas feições da informação, mas que ainda a gente tem um longo caminho atravessar do nosso lugar que ainda é essencialmente</u></i></p>	<p>O espaço universitário ainda é mantenedor de desigualdades, e é preciso refletir sobre esses aspectos na formação.</p>

	<p><i><u>mantenedor de desigualdades para a gente conseguir atingir um outro patamar que é importante que talvez, possa acontecer, em alguma medida, ao mesmo tempo de um uso avançado, eu colocaria isso entre aspas, das tecnologias da informação e da comunicação, sobretudo as que estão mais no metier do trabalho do bibliotecário. Mas eu não consigo ver as coisas dissociadas de uma formação que também leve para o corpo discente uma reflexão neste sentido também. É necessário, no meu ponto de vista, pesar as coisas, ponderar. Ao mesmo tempo em que eu vou, por exemplo, trabalhar com planejamento e geração de bases de dados e tentar demonstrar aquilo que for conhecimento de ponta nessa ferramenta de trabalho do profissional bibliotecário, também dizer que, talvez, para o enfrentamento da nossa realidade cotidiana, a gente precisa trabalhar também na perspectiva de ferramentas tão elaboradas quanto porque elas vão ter que dar conta de uma realidade que é mantenedora de relações assimétricas que é, para a minha infelicidade, o que marca a nossa sociedade brasileira. Ou pelo menos o espaço em que quem organiza... uma parcela das pessoas que organizam a sociedade brasileira julga que tem que ser o espaço das Ciências Sociais Aplicadas.</u></i></p>	
E11	<p><i><u>A meu ver, o principal desafio da formação do bibliotecário hoje é compreender a realidade onde esses profissionais são formados, né? Ou seja, no nosso caso, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural, étnico-racial. Essa, para mim, é uma grande delimitação, embora a gente saiba que tem a disciplina de pensamento econômico em muitos dos cursos, no entanto, não contempla essa realidade, né? Teria que ser algo muito mais direcionado para... também de acordo para cada estado. Então, esse, para mim é um grande desafio. Arelado a isso, a Biblioteconomia por ser só teoria ocidental, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação oriundas de países ocidentais é eurocêntrica, né? É uma teoria eurocêntrica que tenta, a partir de uma dada realidade, explicar conceitos e ensinar práticas que a gente no Brasil tem uma realidade diferente. Então, ainda é desafiador conhecer a sociedade local e o seu modo de constituição e os povos que construíram essa sociedade. Do ponto de vista dos meus estudos, a questão racial é uma questão importante que foi sendo silenciada por muito tempo na Biblioteconomia, mas ainda bem, nós temos visto alguns avanços nesse sentido. Ainda sobre essa questão dos desafios sociais para a formação de bibliotecários e bibliotecárias hoje, uma universidade brasileira em um contexto também de crise, uma crise que não é da universidade somente, mas é da sociedade como um todo e a universidade</u></i></p>	<p>Compreender a realidade onde esses profissionais são formados, ou seja, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural e étnico-racial.</p>

	<i>é parte da sociedade, então, ela espelha também essa crise. Uma crise econômica, uma crise política e nós percebemos que acontece que acabamos formando alunos sem as devidas condições materiais, espaços de estágio ainda muito elitizados, com pouca ligação com as realidades locais como as bibliotecas comunitárias, por exemplo.</i>	
E12	<i>Bem, o primeiro desafio social, enquanto professor o que a gente percebe é a própria situação dos nossos alunos que vem para o curso, são alunos, muitos deles, carentes. Eu acabei de passar por uma formatura agora que a gente via pela cara das famílias todas na formatura, os alunos, a gente via a felicidade de cada um deles de ter um filho se formando em uma universidade pública, sabe? A universidade pública, ela tem uma importância muito grande de ser uma política social muito importante. Nós temos muito aluno com muita dificuldade de entrar na universidade e quando eles têm a oportunidade de entrar numa universidade pública como a nossa e consegue fazer um curso superior, um curso de Biblioteconomia, é muito importante. E a Biblioteconomia, de alguma forma, é uma área que tem a possibilidade de transformar pessoas, quatro anos que eles ficam aqui no curso, que eles aprendem, que eles se formam enquanto bibliotecários, que eles têm a possibilidade de depois atuar na sociedade no sentido de garantir a possibilidade de que mais pessoas tenham acesso à leitura, ao desenvolvimento enquanto pessoa, então, são diversos desafios que o curso de Biblioteconomia enfrenta e que ele pode trabalhar no sentido de ajudar a sociedade no sentido de superar diversos desafios. Eu acho muito importante. O desafio que a Biblioteconomia enfrenta acaba sendo o desafio de qualquer outra profissão que, de alguma enfrenta, sabe? Principalmente nesse momento que o país vive atualmente, que é um momento de... um pouco extremista e, de alguma forma, o extremismo sempre surge e cresce em um momento de crise e a gente está em um momento de crise política muito forte, que de alguma forma, afetou economicamente o país. Uma crise econômica mundial que o país não consegue passar por ela e, ao mesmo tempo, uma preocupação muito grande de determinados grupos da sociedade em se manter no poder e outros de ascender ao poder, de alguma forma, levaram à uma crise política que afeta a sociedade como um todo e, de alguma forma, afeta a Biblioteconomia, afeta a Universidade e afeta a formação em Biblioteconomia e afeta a comunidade bibliotecária que fica atuando cotidianamente no seu trabalho, né?</i>	Os alunos do curso de Biblioteconomia possuem um perfil diferenciado, visto que já possuem uma vivência da questão racial, das dificuldades e das mazelas do nosso dia a dia, das comunidades e das realidades sociais, pois são oriundos das classes C, D e E, ou seja, são alunos carentes. Isso irá ajudar a formar um melhor bibliotecário social.
E13	<i>Essa questão você falou aí é algo que, inclusive, eu venho falando quinta-feira na minha aula, sexta-feira numa reunião que a gente teve aqui que, inclusive, estamos agora com a Semana</i>	É preciso uma formação mais completa. Na formação, não é

	<p><i>Acadêmica de Biblioteconomia esse ano com o tema “Relações na Biblioteconomia, diversidade, relações étnico-raciais e de gênero”. Exatamente por uma preocupação que a gente está tendo na formação desse profissional que, como eu falava em sala de aula, um profissional que não vai poder escolher quem vai atender que é o que a gente estava hoje em dia. Eu estou muito assustada com o que tá acontecendo com as pessoas selecionando quem vai sentar perto, enfim, e isso em qualquer ambiente social. E Biblioteconomia, que é uma área que é um campo das Ciências Sociais, ela não pode ficar alheia a tudo isso que está acontecendo. Então, não pode ser apolítica, não pode ser... não pode deixar de olhar para qualquer questão. Então, quando... Como que eu faço para combater isso? <u>É nos grupos de estudos, é na sala de aula, é tentando educar nosso bibliotecário, tentando formar nosso bibliotecário de forma completa e de forma que ele pense em todas as questões. E que ele seja.... Claro que não vamos conseguir tirar nenhum preconceito dele, né? Isso é algo que é muito inerente da pessoa, a gente pode combater, a gente pode não aceitar, pode, enfim, até constranger na hora que a gente não aceita, porque a pessoa fica meio assim, meio... Mas não... Mas não retira dele. Isso é algo tão profundo... Eu vinha pensando sobre isso. Eu não sei se eu tô divagando aqui, mas eu vinha pensando sobre isso hoje. Quando eu vinha dirigindo para cá, que uma prima minha colocou uma imagem, um vídeo de um padre que na hora de entregar a óstia para todos os fiéis, em todos ele coloca na boca, e na hora da mulher negra, ele coloca na mão. A gente vê como é que ele fica indeciso, aquela coisa toda. E aí, a minha prima que não é católica, ela já chega dia assim: que ele tá sendo preconceituoso e tudo. Eu acho que a gente também tem que ter cuidado com o julgamento, né, não sabe o contexto. Claro que pelo primeiro olhar, você nota isso e pode ser isso. Pode ser, porque como eu falei, isso acontece todos os ambientes. Então, acho que para a gente... nós que somos professores, para a gente tentar combater um pouco, para a gente tentar trazer essa discussão para nossa sala, é trazendo essas realidades, é conversando, é apoiando, é... Enfim, orientando com temas relacionados a essa questão. Eu não sei se eu te respondi, se eu não te respondi, tu falas de novo que eu ajeito, que eu sou meio que tenho um pouco de problema de mandar áudio, minha mão fica doendo (risos).</u></i></p>	<p>possível contemplar todos os desafios em sua totalidade.</p>
E14	<p><i><u>Eu não sei se temos só desafios sociais, hein?! Temos desafios de todas as ordens, porque é econômico, político... A não ser que o seu social seja bem abrangente: técnico, tecnológico... Então, eu não sei... Vou fazer uma pequena volta atrás na questão da formação do bibliotecário,</u></i></p>	<p>Acredito que não temos somente desafios sociais, temos desafios de todas as ordens,</p>

<p><i>que quando começou... Que dizer, no Brasil foi a terceira escola de Biblioteconomia do mundo, ele tinha uma formação humanística, porque foi feita para os funcionários da Biblioteca Nacional no início do século passado. Depois quando vem a Dorothy Gropp para São Paulo e ela com Rubens Borba de Moraes e a Adelpha Figueiredo fazem um outro curso já nos anos 30 por aí, já é quando começa haver uma demanda de informação mais especializada por conta dessa fase de pré-industrialização, aí a nossa formação passa a ter um cunho mais técnico e, logo em seguida... Bom, técnico e tecnológico com a tecnologia de então, e isso nos dá uma marca tecnicista. Eu acho que aí foi um pouco... A gente perdeu um pouco o bonde da história nessa situação, sabe? Então, eu acho que quando eu digo que a gente perder o bonde da história, porque eu vejo que a gente quando focou na questão técnica e descuidou da questão humanística, isso virou mesmo uma fragilidade da nossa formação, porque nos deu uma visão restrita das bibliotecas, da função das Bibliotecas, e aí, da função social, cultural e etc. Porque você veja, ao longo da história da humanidade, os bibliotecários não eram pessoas com formação específica, eram intelectuais, né? O que acontece? No século 19, que foi o século da catalogação que despontam os grandes catalogadores que foi Charles Ammi Cutter e o Sir Anthony Panizzi, bom daí, a coisa começa a tomar um rumo profissionalizado. A organização de bibliotecas passa a ter uma outra visão. Logo depois com o Paul Otlet também, quando ele organiza o conhecimento até, então, existente através daquelas 18 milhões de fichas do Mundaneum. Obviamente que já existia uma classificação do conhecimento desde os gregos, mas essa questão posta na prática foi uma coisa bem mais recente, mais uma coisa do século 19 para cá. Então, eu acho que, de certa forma, a gente continua com isso, porque quando a gente dá um salto para o advento da internet o que acontece? Parece que se descobre a biblioteca com a internet. As pessoas começaram a falar em Biblioteca digital, biblioteca virtual, biblioteca eletrônica como se fosse uma coisa nova, quando biblioteca já existia desde que o mundo é mundo que as bibliotecas todas têm as mesmas funções que é reunir, organizar, preservar e disseminar. O que é que muda? A ênfase de acordo com a época histórica, por exemplo, se você pega a Idade Média a ênfase era na preservação. Só para dar um exemplo mais gritante, né? O que faz o diferencial de uma biblioteca para outra a partir das mesmas funções? É o tipo de biblioteca. E essa questão da tipologia, que eu acho que é uma das questões que os bibliotecários não estudam quantos tipos de bibliotecas temos. Eu tenho algumas classificações. Tenho a do Briquet, tenho a do Edson Nery, com todo o respeito. Eu tenho</i></p>	<p>porque são desafios econômicos, políticos, etc.</p>
--	--

	<p><i>uma outra classificação, né, as de cinco tipos de bibliotecas a partir de três variáveis: função, público e acervo. Então, se você consegue reunir na característica de função, público e acervo de forma dependente ou de forma interdependente, perdão, você consegue caracterizar uma nacional, uma pública, uma universitária, uma especializada e uma escolar. O resto, é modalidade de apresentação. Certo? Então, eu vejo que isso é um desafio, não sei se social, mas eu acho que, de certa forma, sim! Porque nos faz perder a dimensão, quando a gente não tem o conhecimento específico da cultura da nossa área, a gente perde a dimensão social, da função social das bibliotecas. [...] Quando eu te digo que foi... que o nosso curso foi o terceiro do mundo e ele tinha uma formação, uma caracterização humanística... [som de celular tocando] Ai, desculpa, é telefone, ruído de vizinho.... É porque ele se baseou na Ècole de Chartres, que era totalmente humanística. E o curso da Dorothy Gropp, em São Paulo, era um curso americano baseado na escola americana que era mais tecnicista, certo?</i></p>	
E15	<p><i>[...] esse é conhecido sim, e aí, paramos esse pulo não foi dado nem tanto como gostaríamos nos cursos e muito menos o mercado, então, por essa consequência e essa interconexão, <u>nós não somos reconhecidos pelo potencial que nós temos hoje com a tecnologia para atuar com o tratamento, recuperação, enfim, com a circulação da informação.</u> O segundo que eu diria, então, é um pouco das dificuldades em... todos os nossos cursos, quase todos eles, estão dentro das universidades federais, os que são... com essa não demanda... eu sou avaliadora do INEP, eu estou vendo que os cursos particulares também, pouquíssimos estão funcionando, só alguns mais tradicionais e olhe lá, porque, por exemplo, o de Minas Gerais em Três Corações está fechado. Fechado, não! Ele até está funcionando e tal, mas ele não tem demanda, então, ele não é oferecido. E assim, outros por aí. Então, são poucos os particulares que estão funcionando, alguns mais em São Paulo, mas enfim. Depois disso, a gente pode falar. Os que estão, efetivamente, abrindo vagas, são os das universidades federais. Das universidades federais, nós temos uma certa, como você sabe, lentidão em contratação de novos professores, de estarem mais na área de tecnologia, de serem contratados dentro desse perfil e uma certa dificuldade dos mais antigos também em entrarem nessa área, estudarem e entrarem, enfim, na Federal não há uma exigência tão grande se vai dar aula disso ou daquilo. Nós temos... Se tem um lado muito, muito positivo, né, nós também temos uma certa liberdade de pesquisarmos e trabalharmos com o que o nosso perfil gosta. Então, eu acho que esses são os maiores problemas do ensino.</i></p>	<p>Não somos reconhecidos pelo nosso potencial em atuar com a tecnologia no tratamento, recuperação e circulação da informação.</p>

E16	<p><i>Olha, eu acredito que nós estamos em um momento muito complexo em termos de formação do bibliotecário. Primeiro, porque nós estamos em uma transição bastante significativa em termos de tecnologia. A tecnologia, ela tem um impacto muito forte na nossa profissão. E nós estamos em um momento em que, por um lado, a sociedade entende que talvez o nosso trabalho não seja agora tão importante, uma vez que nós temos as redes, que nós temos recursos tecnológicos no ambiente web, que nós temos muito conteúdo digital e eletrônico e que por essa razão as pessoas poderiam em termos de acesso e uso ter maior facilidade. Mas, na verdade é um pensamento que, de fato, é paradoxal. Porque quanto mais conteúdo nós temos no ambiente web, seja digital eletrônico, quanto mais recursos nós temos potentes para poder buscar o que a gente quer, pior fica. Quer dizer, nós temos uma situação maluca no momento. E a formação, na minha opinião... claro que eu acho que há exceções, viu, Franciéle, <u>mas eu penso que muitos cursos não estão trabalhando as questões tecnológicas como poderiam.</u> Então, um exemplo, hoje, geralmente o que o pessoal quer em termos, assim, a sociedade? Ela quer buscar informação como se ela buscasse no Google, porque realmente o Google revolucionou essa maneira de buscar informação. Ele trouxe uma facilidade para as pessoas chegarem aonde elas querem e é isso que eles querem. Então, um exemplo: as bibliotecas universitárias. As bibliotecas universitárias, elas dão acesso à muitas bases de dados, várias. Vários tipos de bancos e bases de dados, mas cada base de dados tem a sua maneira de trabalhar a estratégia de busca. Cada base de dados tem uma maneira de apresentação desses conteúdos, e aí, o que acontece? O pessoal não quer. O pessoal quer ir em um lugar e acessar tudo. Então, vamos a biblioteca Universitária. A biblioteca universitária, ela tem que por exemplo propiciar [Não identificado - problema no áudio muito baixo - 03:44 a 03:46] seja digital, seja eletrônico ou o que for de uma única maneira. Só que, por exemplo, para fazer isso eu tenho que trabalhar com metalinguagem, eu tenho de trabalhar com metabuscadores. Para implementar metabuscadores, eu preciso de gente que entenda de tecnologia, eu preciso de gente que domine a parte de arquitetura da informação e, muitas vezes, a gente vê que o bibliotecário, ele não foi para o capacitado para isso. Ele nem sabe como ele começa a fazer isso. Isso é uma falha nos cursos, quer dizer, os cursos hoje da nossa área, eles têm que se preocuparem sim com a questão tecnológica. E a questão tecnológica, ela está indicada tanto no processamento técnico da informação, como também na maneira que a gente trabalha a disponibilização desses conteúdos. <u>Então, é algo que eu vejo que há uma falha na</u></i></p>	<p>Muitos cursos não estão abordando as questões tecnológicas como deveriam. Portanto, há uma falha, pois os bibliotecários que dominam isso foram buscar capacitação em outras instituições após a formação.</p>
-----	---	---

	<p><u>formação em relação a isso. Geralmente, os bibliotecários que dominam isso foram capacitados ou nas instituições que estão trabalhando, quer dizer, posteriormente à formação ou foram buscar por conta própria especialização nesse tipo de coisa. Então, eu vejo que há sim um problema aí na formação e é um desafio. Por que? Por que o docente dessas disciplinas, eles também têm que se capacitarem, eles têm que buscar em essa capacitação, se eles não a têm, eles têm que buscar. E isso é também complicado, por que o que nós vemos no Brasil hoje? Nós estamos também no momento de transição da velha guarda de docentes para nova geração, não é? Então, ainda temos muitos professores docentes que ainda são daquela velha guarda e que também não tiveram isso durante a sua formação e não vivenciaram, às vezes, isso numa prática profissional. Então, quer dizer, para esse professor, para esse docente, agora no final da carreira dele que ele já está se aposentando, ele não vai buscar isso. Então, veja, são muitas variáveis aí que, de alguma maneira, demonstram que há desafios sim na área e eu acho que isso não tem saída, tem que fazer. E a gente vê, por exemplo, que os novos docentes que estão assumindo cursos de Biblioteconomia, eles já percebem isso com muita clareza e, obviamente, estão começando a trabalhar isso da maneira que deve ser. Mas são poucos ainda até porque como eu disse é um momento mesmo de transição. Então eu acredito que mais cinco ou seis anos, essa velha guarda sai e, aí, agora vai precisar ver se vai ter concurso para os novos entrarem também. Então, é outra questão, outro desafio.</u></p>	
E17	<p><u>Eu acredito que os desafios, eles são muitos e, na verdade, imensos, porque é uma formação de um profissional de um curso superior, de um bacharelado em que a gente fala desse pensamento crítico... o discurso a gente chama atenção a todo momento que esse profissional, ele deve ser ativo, proativo e mobilizar a sociedade e a comunidade. A gente apresenta que esse perfil, esse papel da biblioteca mudou e desse profissional também, mas a gente não consegue, às vezes, sair muito desse discurso e circular. Então, é preciso que a gente, de fato, efetive, adentre mesmo nas nossas ações. E aí, o desafio é mostrar, então, talvez para os alunos que estão em formação, o potencial dessa biblioteca e o que tem feito, de modo, a instigá-los mesmo a efetivar e mobilizar esse pensamento crítico.</u></p>	<p>Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades como em todas as profissões e estão cada vez mais complexos.</p> <p>O papel da biblioteca e do bibliotecário mudou. O desafio é mostrar para os alunos o potencial da biblioteca para</p>

		mobilier neles, o pensamento crítico.
E18	<p><i>[...]Para que eu responda isso de um modo mais amplo, de um modo geral, <u>nós temos uma diferença muito grande cultural, apesar de termos vindo de lá, né, há uma série de questões que a gente tem da Europa e tudo, a formação nossa, aqui no Brasil, ela é muito mesclada, assim como nossa gente, ela é muito mesclada. E isso não é demérito, de maneira nenhuma, apenas a forma como ela é mesclada aqui privilegia coisas que vem da Europa, mas que não... nós não temos tudo que vem da Europa. E, ao mesmo, tempo temos um outro problema, as questões que nos melhoram pela nossa miscigenação racial não são valorizadas. Então, nós temos um vislumbre daquele local de onde a gente veio. E não temos a valorização do mundo que nos contempla mais expressamente dessa miscigenação. Então, se lá para Europa já está começando a ficar complicado o universo das bibliotecas, principalmente a biblioteca pública, você calcula para um país em que a Biblioteca nunca foi central. A biblioteca era um espaço de elites de um país que a educação vem se degradando, que grande parte da população não tem acesso à educação por, como diria Darcy Ribeiro, por projeto e não por contingência ou desastre ou por fatalidade, né? É um projeto! É um projeto! E ainda as pessoas vêm falar de meritocracia e eu morro de rir, né, para não chorar, porque é o dispositivo foucaultiano em ação, né? A gente tem uma série de ações que são desenhadas, esquadrihados, mesmo que a gente não tenha noção delas, mas são esquadrihadas na cultura, na base. E que você não tem mais acesso, é encapsulada, envelopada, né? Então, funciona como se fosse uma grande infraestrutura que você não tem acesso. É aquela história: como é que o prédio fica de pé? Você não faz ideia. A gente não sabe o que tem dentro, você não vê o que tem dentro, você só imagina, né? Então, a gente não tem acesso a essas infraestruturas na sua completude, mas você tem uma série de traços ali que são fundamentais para manter aquele prédio em pé. E o prédio do racismo, do machismo, da misoginia, da... desse projeto de educação pífio que quer criminalizar o pobre, que quer criminalizar o negro, que quer criminalizar o LGBT é um projeto que tá correndo dentro dessa infraestrutura, né? E da mesma maneira, tirar a centralidade da biblioteca desse caminho é um dos efeitos desse projeto. Não adianta a gente discutir uma biblioteca pública que não seja inclusiva, não tem como! Atualmente, as estratégias têm tentado buscar esses caminhos, de buscar a inclusão. Mas só que existe todo um aparato social que impede esses avanços, não é?</u></i></p>	<p>Há uma diferença muito cultural muito grande com uma série de questões que a gente tem da Europa. A nossa formação e a nossa gente são muito mescladas aqui no Brasil. Não é demérito sermos mesclados, mas aqui se privilegia o que vem da Europa e as questões que nos melhoram devido à nossa miscigenação racial não são valorizadas.</p>

Quando a gente reclama de que a biblioteca tem que ser inclusiva para o negro: - Mas porque tem que ser inclusiva para o negro? - O negro não é diferente. - Se você bota cota para o negro na universidade, é porque o negro tem algum problema? - Não! Nós é que não somos racistas. - Vocês é que estão defendendo cotas é que são racistas. Entendeu o problema? Inverte-se o jogo. E aí, nesse sentido, acho que são os principais desafios para a gente vencer essa bobagem, essa barbárie, né? Porque isso é barbárie, para mim é barbárie. Isso é projeto. É um projeto de mundo para manter tudo igual, para manter tudo como está, os mesmos privilégios para as mesmas pessoas sem o menor pudor de fazer isso, né? Então, um dos principais pontos que eu acho que a gente precisa atacar é justamente essa... esse entendimento. Primeiro, o resgate muito grande das histórias, das nossas histórias e depois de uma tentativa de furar esses bloqueios. E, obviamente, cuidar das nossas eleições, das nossas representações que estão as piores possíveis. Basicamente, eu acho que não é pouco não. (risos). É desafio à beça! E esses, assim, são os principais que já estão na minha cabeça rodando há muito tempo e eu que estou conseguindo verbalizar para você, porque eu tenho pensado sobre eles. Agora, todos os outros que eu ainda não tive a chance... que esse é tão grande, tão pesado, tão difícil, tão complicado e que a gente vive diariamente, né? Eu não sou negro, mas eu vivo com um monte de negros, meus alunos são negros e eu fico preocupado com eles. Eu tenho alunos que estão em comunidades, eu tenho alunos do Alemão, eu tenho aluno em vários lugares do Rio que são perigosos e difíceis. E eles não têm segurança nem para ir e vir, né? Eu não sei se eu saio e me despeço de um aluno hoje, eu não sei se vejo ele amanhã. Entendeu? É difícil! É uma situação bem complicada! Então, eu acho que para a gente... E a biblioteca é central nesse projeto, porque ela... Primeiro, ela deixa a esperança de que todo mundo possa ter acesso a esse conhecimento, não é? E, por outro lado, a gente tem que cuidar também da inclusão de todo conhecimento, não é? Então, também tem uma questão da seleção, também tem uma questão da formação de coleção que precisa representar o LGBT e que precisa representar o negro, que precisa representar o indígena. Não basta simplesmente a gente pegar o Foucault ou o Pêcheux e os grandes filósofos e estudiosos do mundo branco e botar lá dentro. Isso não funciona! Isso não resolve a vida da gente. Então, é assim, é um trabalho hercúleo, que a gente não está dando conta. Na verdade, a gente não está dando conta. E do jeito que as coisas estão indo no país hoje, não vamos dar conta por muito tempo, se a gente não pegar esse “touro à unha” e começar a “tourear” ele aí bonito.

E19	<p><i>[...] A questão, assim, primeiramente, é importante frisar <u>é a questão dos quem são os alunos do curso de Biblioteconomia? Eles são... pelo padrão Nacional de pesquisas comprovadas, assim, é que a maioria dos alunos são formados pelas classes C, D e E. São alguns alunos da Classe B, poucos casos, não são no Brasil todo e, dificilmente, você vai encontrar alunos da Classe A dentro dos alunos do curso de Biblioteconomia. Então, já são alunos que já tem um perfil diferenciado, já tem uma vivência da questão social, das dificuldades, das mazelas do dia a dia da nossa sociedade, eles já acompanham isso bem mais de perto. Eles conhecem a realidade da comunidade, as realidades que ajudam... Então, com isso vai ajudar a formar, posteriormente, um melhor bibliotecário, um bibliotecário social. Então, essa é uma das diferenças do nosso curso. Então, quando a gente vai montar um curso, a gente tem que também pensar na questão do lado social, de se trabalhar a Biblioteconomia social e mostrar para os nossos futuros egressos a importância do profissional bibliotecário trabalhando junto à comunidade. E eles como já advém dessas comunidades, já vivenciam diariamente e sabem da importância o papel da educação, o papel da cultura dentro da sociedade, no que ela ajuda no crescimento da sociedade. Então, também é um diferencial nosso. E aí, a gente tem, como professor, saber trabalhar esses fatores que estão ali presentes para criar um bibliotecário muito mais... com maior envolvimento social do que somente um bibliotecário técnico.</u></i></p>	<p>Os alunos do curso de Biblioteconomia possuem um perfil diferenciado, visto que já possuem uma vivência da questão racial, das dificuldades e das mazelas do nosso dia a dia, das comunidades e das realidades sociais, pois são oriundos das classes C, D e E. Isso irá ajudar a formar um melhor bibliotecário social.</p>
E20	<p><i>[...]Franciéle, deixa eu ver se eu compreendi a tua pergunta para eu poder seguir um caminho mais adequado. Você... Eu sei que está relativamente expressa a questão, mas o que você quer saber é do ponto de vista do contexto social que desafia o profissional bibliotecário? Ou os desafios pedagógicos para a formação do bibliotecário?</i></p> <p>Entrevistadora: Professor, pode ser conforme o senhor considerar que possa ser um desafio para a formação, tanto do lado do senhor enquanto docente, quanto do lado daquele aluno que vai ser um profissional depois e vai atuar dentro de uma unidade de informação. Então, pode ser as duas questões, conforme o senhor interpretar, pode responder. Tá bom?</p> <p>Entrevistado: Vou responder as duas. São, no meu entendimento, assim, bem distintas as questões, ainda que no enunciado a gente... de fato, o enunciado suscita essa dúvida. Mas vamos pelo primeiro aspecto dos desafios sociais, que eu acho que essa é a questão, naturalmente, mais ampla, né? Dos desafios que a sociedade nos coloca hoje e coloca ao bibliotecário que se forma.</p>	<p>Acredito que os bibliotecários teriam, pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, a possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a sociedade enfrenta desde os aspectos graves da Economia até a questão social. Talvez, o principal problema na formação do bibliotecário seja a visão da profissão como uma técnica.</p>

E nesse aspecto, cabe tudo. E cabe tudo e cabem todos os principais problemas que a gente passa hoje na sociedade. Parece meio exibicionismo profissional isso, mas a mim é muito claro que bibliotecários teriam pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, teriam possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a gente enfrenta hoje como sociedade. Desde aspectos graves da Economia relacionados, por exemplo, à questão da produtividade da indústria, da qualidade das empresas até a questão social. Talvez, a mais premente hoje ou a mais visível hoje que é a questão da segurança pública. Vamos pensar, por exemplo, nesse aspecto especificamente: a solução tradicional para o problema da segurança pública no Brasil hoje, pela maioria e pela média dos governos, a maioria muitos petistas é entender que resolve o problema com mais viaturas, com mais equipamentos, com mais policiais, quando isto vem sendo tentado há muito tempo e os resultados não tem sido bons. O raciocínio é que resolve rápido, enquanto, na verdade não resolve. E aí não se utilizam as ferramentas que poderiam dar resultados no médio prazo, no longo prazo. Penso que a gente só sai dde uma situação grave como a que a gente está enfrentando hoje em termos de segurança no Brasil, principalmente nas grandes cidades, de forma gradual e... mas olhando e percorrendo os caminhos certos, né? Que caminhos seriam estes? Esses caminhos seriam caminhos relacionados com educação, relacionados com cultura, relacionados com a utilização de múltiplas linguagens, relacionados com disseminação intensiva de informação, mas como serviço e como produto que pode contribuir para que as pessoas se tornem melhores desde que elas começam o seu processo de formação. Então, o problema da violência te, que se enxergado para daqui há cinco anos, dez anos, quinze anos. E quem vai estar em uma situação de agente da violência daqui há quinze anos é o garoto que está nascendo agora. Dependendo de se ele terá creches ou não terá creches, isso pode ser decisivo. Dependendo se ele terá acesso à trabalhar com arte, com cinema, com teatro, com música, com dança. Se ele terá acesso à leitura, literatura. Se ele terá acesso a esportes, isso vai ser determinante para que garotos... nós teremos, o garoto que está nascendo agora até daqui há 15 anos. Isso pode dar resultado em termos da gente ter uma sociedade melhor. Então, o meu entendimento por este exemplo, acho que você percebe, é de bibliotecários tem respostas. Só que bibliotecários e Biblioteconomia e biblioteca e outras instituições e outros aparatos culturais não tem recebido atenção mínima, quando deveriam receber atenção prioritária. Então, aí a gente faz uma ligação com outro aspecto da questão: que desafios estão postos para formar? Como dar

	<p><i>conta da formação deste bibliotecário que consiga, formado, dar resposta para as questões sociais que se colocam? Aí, neste ponto, o que é que a gente observa? Do ponto de vista do financiamento, os cursos de Biblioteconomia hoje, no Brasil, são financiados pelas universidades federais. Significa que o governo federal, por pouco que faça é quem faz mais. E agora, por exemplo, quais são os principais problemas na formação do bibliotecário? <u>Talvez, o principal deles, seja aí, hoje ainda, um problema que é muito antigo, que é o problema do... da visão, da profissão como uma profissão técnica. Se dá ênfase demais na técnica. Nesses conjuntos de disciplinas que os alunos entendem e boa parte dos professores entendem que sejam disciplinas que formam, caracterizam, que definem o bibliotecário, quando na verdade, são disciplinas que tem uma dimensão mais instrumental do que ensinam para o aluno o sentido da existência da profissão deles em um contexto social desafiador.</u></i></p>	
E21	<p><i>Franciéle, por acaso, o meu primeiro emprego como bibliotecária e o último formal de carteira assinada foi na Universidade Cândido Mendes, no Centro de Estudos Africanos e Afro-Asiáticos, eu trabalhei desde o início da minha carreira de bibliotecária com a questão racial brasileira. E trabalhar com a questão racial brasileira é trabalhar com a questão social brasileira. Eu aprendi muito, porque eu trabalhei junto com pesquisadores da época não só acadêmicos, mas do movimento negro, de mulheres também, de mulheres negras, e assim, no momento de ressurgimento quase do movimento negro, né, naquele momento e o desenvolvimento a partir dali. <u>E eu como bibliotecária, todos os desafios que eu tive enquanto uma falta de... eu acho que não era o meu caso, eu explico o por quê, que não é preparado ou não era, não sei, eu acho que não continua não sendo, preparados para essas questões sociais tão presentes na história brasileira.</u> Ou seja, e também pelo próprio perfil do bibliotecário e da Biblioteconomia, naquela época eram as técnicas da Biblioteconomia e não nessa inter-relação com todos esses fenômenos, já que a Biblioteca que é o lugar que nós vamos estar, né, nas unidades de informação, nas bibliotecas. Então, é uma compreensão e uma atitude e uma ação social que é o papel da biblioteca e esse papel social tem a ver com todas as questões brasileiras, não só racial que foi o meu caso. Eu, por acaso, trabalhei 28 anos com isso, mas são as questões, como agora, as questões de gênero... Nesse meio tempo, as questões do meio ambiente, e mesmo na época que eu estava lá, os afro-asiáticos, por ser um Centro de Estudos Afro-Asiáticos tinha um viés de política internacional e isso era fascinante. Então, você trabalhar com a política internacional</i></p>	<p>O profissional não era e continua não sendo preparado para essas questões sociais tão presentes na história brasileira.</p>

dos países, não somente asiáticos essa e relação na...no mundo e você... e algo que está acontecendo no seu entorno politicamente [Não identificado - 3:30] Eu acho que... Eu me formei na [Universidade Federal], e no momento, quando eu estudei Biblioteconomia e Documentação na [Universidade Federal], eu escolhi intelectualmente disciplinas pouco com essa visão. Foi uma escolha minha. Então, eu acho que a Biblioteconomia está agora mais engatinhando nisso. Acho que já existe, sabe, Franciéle, dentro da Biblioteconomia, pessoas que querem levar isso para os alunos, não é só pelo MEC. Eu tive oportunidade, enquanto eu era bibliotecária, de trabalhar como professora substituta na UFF e na UNIRIO e levei essa minha experiência para os meus alunos. Eu levei muito da minha experiência em relação a essas questões todas. Mas, lá na UFRJ... agora só muito recentemente que alguns professores vêm trabalhando com gênero, mas era muito voltada para gestão, só gestão, só a organização do conhecimento e suas representações, mas as suas representações muito calcadas na representação da informação, sem relacionar Franciéle, essa relação que existe entre a representação da informação com as representações sociais, né? Então, assim, eu fiquei muito pouco tempo no NDE, porque eu quis sair da Coordenação. Eu fiquei praticamente só um ano no NDE no momento de uma crise no CBG, mas dentre essas questões, imagina você, Franciéle, é um desabafo até o nosso curso tinha uma disciplina de Ética da administração e não tinha Ética da informação, como é que pode? Quer dizer, nós... Então, o que nós somos? O que os alunos vão pensar? Onde nós estudamos a ética da administração, mas não estudamos a ética da Biblioteconomia e da Informação, inclusive, agora com tantos autores. Inclusive, o Rafael Capurro, que aborda a questão da ética intercultural. Então, antes de sair, eu deixei algumas mudanças que eu havia feito em um esboço que já estava bem adiantado de uma mudança do nosso PPC de ter uma disciplina de “Biblioteconomia e a Diversidade” mais ou menos esse título. Algumas pessoas até outros professores que não são bibliotecários viraram e disseram, assim: - Ah, não é melhor botar “Informação e a diversidade”. Eu disse: - Não! - Na minha opinião, que exerci a prática da Biblioteconomia e a docência na UFF e na UNIRIO como substituta e agora na [Universidade Federal] como efetiva, na minha opinião, tem que ser a Biblioteconomia, porque a informação fica muito outros... todos também, não é que eles não vão estar juntos da gente, mas nós temos que mostrar para os nossos alunos que se formaram em Biblioteconomia que a Biblioteconomia tem esta preocupação. Ela estuda essas coisas também, ela relaciona isso tudo. E o mais

	<p><i>engraçado disso tudo, Franciéle, que me deixou muito feliz ultimamente, muito animada... Até eu já tinha saído da... de tudo, né, da Coordenação e, por isso, da presidência do NDE, eu fui ser referee desse evento que vai ter do ENEBD e vi que alguns trabalhos interessantes, particularmente dois, um da UFF e um de Goiás, que abordavam a questão racial. E eu achei interessante, porque eu vou estar amanhã nesse evento, vou estar de novo... Mas não vou estar nessas... Não vou estar avaliando o trabalho agora presencial, esses dois trabalhos que me interessaria muito assistir. Um é esse de Goiás, ou seja, Goiás já começou a trabalhar com a questão dentro da Biblioteconomia e a UFF, provavelmente, com certeza também deve. E, além disso, fui da banca de TCCs e que um deles abordava essa questão também dentro... dentro de comunidades faveladas, né, aqui do Rio de Janeiro, como Alemão, como Acari etcetera e tal, um trabalho lindo que o rapaz fez e eu tive... a felicidade de estar na banca. Então, eu acho que os próprios alunos exigem isso nesse momento. Eu acho que não tem que ser esse conceito tão amplo que é o da informação, mas um conceito que tem que ser a Biblioteconomia mesmo. A Biblioteconomia e a sua interdisciplinaridade, transdisciplinaridade... Com transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, enfim, todas essas questões do nosso tempo, do nosso mundo. E tem que ser Biblioteconomia para os alunos terem consciência daquilo que eles estão estudando, e mais, valorizarem aquilo que eles estão estudando. Essas coisas não podem vir de fora, de outros, tem que vir de dentro, entendeu? Então, é essa a minha opinião, essa minha opinião sobre o que você me perguntou.</i></p>	
E22	<p><i>Então, Fran, representações sociais são sempre difíceis, porque a gente tem que formular na hora, né? Eu acho que os desafios... você pergunta sobre desafios sociais da formação do bibliotecário hoje... Eu acho que a primeira coisa: a gente conhece mais, talvez a gente tem mais enfoque, acho que a gente tem muita informação, né?! Eu acho que isso é a primeira coisa que me vem na cabeça. A gente tem muita informação, a gente tem muita fonte disponível de informação, né, e isso pode gerar uma confusão. E acho também que um desafio que é... às vezes, tá sumindo, tá, Fran, mas eu... eu vou continuando. Mas... Às vezes, você some de mim, mas eu vou continuando. <u>Eu acho que é um desafio grande social, Fran, é o que tá ligado também à conjuntura atual. Por exemplo, a questão da coletividade, de compreender a coletividade, eu acho que isso está em jogo, e também está em jogo a questão de... a questão de... a questão do tecnicismo, eu acho, da nossa profissão. Talvez eu vá citar três coisas. Eu vou escrever aqui que</u></i></p>	<p>Há a questão de compreender a coletividade e dos profissionais e estudantes se engajarem em causas coletivas e questões sociais.</p> <p>Entender que as técnicas são para alguma coisa e não em si mesmas.</p>

eu tenho dificuldade de falar sem escrever. É essa questão da quantidade de informação, a questão do... da dificuldade de ver o âmbito coletivo, de ter... de causas coletivas, de se engajar em causas coletivas e isso a gente vê, inclusive, no pouco... a pouca adesão dos profissionais com relação à associação. E isso, inclusive, no âmbito da formação acadêmica, enquanto a gente está na graduação. A gente vê pouca adesão dos... dos alunos em agrupamentos, assim, associativos como o de profissionais bibliotecários e também a questão desse [Não identificado]. Eu acho que essas seriam três questões bem pontuais. Que seriam os desafios para lidar com questões sociais, agora quando fala de questões sociais sabe, Fran, eu vou te falar... [Não identificado] E depois você vai ter trabalho para fazer a... (risos)..

Entrevistadora: Não tem problema, professora.

Entrevistada: *Olha só, quando fala, assim, óh, questões sociais, eu compreendo que tudo é uma questão social. É... Então, assim, óh, quando fala que é questões sociais, eu acho que você pode estar perguntando em relação a dilemas da sociedade, né, mas eu... creio que tudo está ligado ao social, né? Então, mesmo nesse tecnicismo que a gente fala que contrapõe, às vezes, ao social, né, a Biblioteconomia social não é... e tá contrapondo uma biblioteconomia, talvez, tecnológica, não sei, pautada mais nas... nos fatos, né, isso também... isso também é do âmbito social. Se você ver, a gente, às vezes, a gente tende a atribuir o social às questões da minoria, não é? Mas eu acho que tudo se relaciona com social. você vê, até a nossa forte adesão social se relaciona com a... a questão... ao viés tecnológico, a um olhar mais apurado para olhar tecnológico, também é do âmbito do nosso social. Então eu acho que o grande desafio do profissional é, colocando todas essas questões, a questão da coletividade, né de se ver como um coletivo, a questão de não focar somente nas técnicas, mas olhar também no âmbito das relações, e eu tinha falado uma outra coisa que eu não lembro... E você vai resgatar, aí, né... E eu acho que essas questões são as principais, são as principais... qual que era mesmo a pergunta? Os principais lemas, os principais problemas?*

Entrevistadora: Os principais desafios sociais.

Entrevistada: *É, eu acho que são esses. E acho que isso tudo, para poder dar conta disso tudo na formação do bibliotecário, né? Então, esses seriam os grandes desafios: trazer este senso de*

	<p><i>coletividade, trazer este senso de que as técnicas são para alguma coisa, não são em si, né? E eu tinha falado uma outra coisa... Esqueci! E isso tudo para que a gente possa trabalhar uma sociedade na parte que nos cabe, né, a nós, bibliotecários e futuros bibliotecários, no caso. A parte que nos cabe para melhor qualidade de vida social para todo mundo, não é só para um grupo. Então, para que as pessoas possam viver em sociedade, no caso, a brasileira... na sociedade brasileira para que elas possam ter um índice menor de desigualdade, e possam ter igualdade de vida em um estado de direito, né, porque nós estamos em um estado de direito. Então, que a gente não possa... que a gente possa trabalhar na nossa área. Eu acho que esse é o desafio para que a gente possa ter melhor qualidade de vida, e essa melhor qualidade de vida para todos, não para uma parte da população acho que é isso.</i></p>	
E23	<p><i>Os desafios sociais, hum... olha, são muitos desafios, porque nós temos uma série de problemas, por exemplo, a formação. Ela tem passado por alguns complicadores próprios da Universidade... Bom, no caso da formação dos bibliotecários, nós temos algumas complicações oriundas da própria estrutura Universitária no Brasil. Temos o problema recente da crise, né, uma crise institucional, uma crise econômica e isto impacta. Temos que acrescentar também que esta crise, ela... ela vem acompanhada agora, muito diferente dos anos 90, no incremento no número de cursos no Brasil, né, em razão dos projetos REUNI 1 e REUNI 2. Então, nós temos aí uma quantidade de profissionais com ensino superior e, especificamente, no interior de São Paulo, que o mercado demandava muitos profissionais, mas em razão do aumento da oferta de bibliotecários, nós temos aí uma... algum excedente no mercado de trabalho, né? E outros desafios tratam da própria regulamentação, né, hoje se discute muito o papel da regulamentação profissional. Se, de fato, continuará, porque nós temos um governo que não é afeito às ideias da regulamentação profissional. Então, o nosso receio é que se discuta isso em áreas frágeis quando você retira a regulamentação. Então, você deixa o mercado aberto para competição, né? E em cursos poucos tradicionais e com peso político quase insignificante frente ao próprio estado e a outras categorias, eles tendem a perder mais espaço quando há uma concorrência ampla e franca, né? Então, aí nós temos uma dificuldade em razão do sistema de regulamentação, nosso sistema de regulamentação é envelhecido, ele era muito interessante nos anos 50, 60, mas hoje ele precisa ser discutido para que, de fato, pensar no papel desse profissional no mercado de trabalho e os compromissos que ele tem com a sociedade brasileira que não é a sociedade dos</i></p>	<p>A formação dos bibliotecários, pois temos passado por complicadores vindos da própria Universidade e da crise econômica que impacta, inclusive na quantidade de profissionais e mercado de trabalho.</p> <p>Outro desafio é a regulamentação profissional, pois nosso sistema de regulamentação é antigo e precisa ser rediscutido para pensar no papel desse profissional com a sociedade brasileira.</p>

	<p><i>anos 60, é uma outra sociedade e nós precisamos repactuar essa... alguns compromissos junto com essas sociedades, se é que eles foram, de fato, pactuados em algum momento da história recente da Biblioteconomia. Então, nós temos desafios de ordem econômica, de ordem profissional, desafios de ordem da própria identidade do profissional, que é algo em construção. E essa construção depende de uma leitura da população brasileira. Então, essa leitura não é clara: quem é essa figura? o que essa figura faz? Então, temos uma série de desafios para pensar a Biblioteconomia, a formação do profissional para os próximos 50 anos no Brasil. Mas não é algo próprio da Biblioteconomia, outros profissionais passam por esse tipo de discussão e procuram pensar suas funções dentro da sociedade um pouco mais complexa e não tanto dependente exclusivamente do Estado.</i></p>	
E24	<p><i>É interessante, assim, é... Eu tenho a formação em História e Arquivologia, né? Mas sou Professora lá no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal Fluminense, a [Universidade Federal], particularmente no Núcleo Comum do Currículo e eu tenho turmas, tenho alunos e alunas de Arquivologia e Biblioteconomia dentro da sala de aula. O debate sobre formação do bibliotecário e da Biblioteconomia em geral é relativamente novo para mim. Eu confesso que eu tô cada vez mais me apaixonando, né? Porque, assim, quando eu comparo as questões sociais que Arquivologia, Biblioteconomia enfrentam, eu vejo que a Biblioteconomia com certeza tem mais debate sobre isso, mais atenção sobre isso e a Arquivologia tem pouquíssima. Embora, quando eu comparo com o pouco da produção que eu vi tanto de Arquivo quanto de Biblioteconomia no exterior, ainda é muito aquém. Então, eu vejo que... eu sinto que é uma área... o campo informacional visto, assim, da Arquivologia, da Biblioteconomia, <u>ainda é uma área que parece que está se construindo cientificamente de uma forma ainda muito positivista e tem um olhar como se o fazer bibliotecário e arquivístico fosse neutro e universal. Esse que eu acho que é o grande problema. Vejo uma formação técnica muito grande, mas estou tendo a sorte de encontrar pessoas que estão tentando enfrentar essa formação técnica. E também como se o fazer técnico, tanto de uma formação quanto de outra, arquivistas e bibliotecários, não fosse uma formação que exija pensar, a intelectualidade, pelo contrário. Então tenho pensado muito nisso.</u></i></p>	<p>O grande problema é que a área ainda parece estar se construindo cientificamente e tende a olhar para o bibliotecário como se este fosse neutro e universal e também como se o fazer técnico não fosse uma formação que exija pensar a intelectualidade.</p>

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>É. Eu acho que está bem incipiente, para falar a verdade. É muito incipiente. A gente vê, às vezes, e às vezes a gente vê até umas falas de que esse é um tema transversal à Biblioteconomia, apesar de estar diretamente ligada, porque ela lida com informação, lida com isso e com aquilo. Porém, é incipiente. A gente sabe! Em sala de aula, a gente vê que pouco se trabalha essa temática. Alguns professores, que trabalham e que estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática aí sim, levam para a sala essa discussão. Porém, os que não estão envolvidos com essa temática, pouco trabalham. Não quer dizer que não se importem ou que não é relevante, mas que na realidade, são poucos os textos, são poucas abordagens, são poucas reflexões. Devido, talvez, ao arcabouço teórico que também nós temos e aí, a gente tem que fazer a ponte. Utilizar um texto ou outro e fazer pontes com os textos. Mas há poucos? Eu acredito que sim! E esse, eu acredito até que é o desafio, de acervos voltados... Tá? De ter um acervo voltado, ter práticas voltadas para essa temática, ter reflexões mais pontuadas que realmente insiram essa temática no nosso currículo, no nosso dia a dia, para falar a verdade! Então, eu acredito assim, que hoje, ainda é incipiente!</i></p>	<p>A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos.</p> <p>Alguns professores trabalham e estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática e levam para sala de aula.</p> <p>Outros professores não estão envolvidos e pouco trabalham a temática, mas não porque não se importem ou não achem relevante, mas porque são poucos textos, poucas abordagens e poucas reflexões.</p>
E2	<p><i>[...] Eu acho que é uma relação, sobretudo, que visa a justiça social e a... como é o nome? Agora eu esqueci... justiça social e o outro, eu esqueci o nome. (risos). Mas é... que visa sanar os problemas históricos que nós temos. Eu acho que a biblioteca pode ser um canal muito importante, eu acho que em diversos aspectos. Sobretudo, de inclusão social, a biblioteca está muito aquém... é... Eu vou falar da realidade brasileira, realmente eu conheço muito pouco da realidade portuguesa e o resto do mundo, eu realmente não conheço. Mas no Brasil, eu acho que a gente está muito aquém, eu acho que a biblioteca poderia ser um espaço de justiça social e da democratização do acesso de... é... políticas sociais voltadas para o fomento de minorias e apesar de não gostar muito do termo, eu vou usar aqui, de minorias, é... de... realmente, o compromisso com... compromisso com a justiça histórica também.</i></p>	<p>A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos.</p> <p>A biblioteca pode ser um canal importante de inclusão social, de justiça social e democratização do acesso a políticas sociais para minorias.</p>

Porque eu acho que a biblioteca, ela é o espaço para isso, mas no Brasil, por inúmeros fatores muito mais políticos do que... do que qualquer coisa relacionada a dinheiro, é muito mais a política, ela não é, mas eu acho que a biblioteca tem papel preponderante, sobretudo quando a gente [áudio da gravação ficou mudo de 03:14 a 03:16]. A gente não tem a noção de comunidade na Biblioteconomia brasileira e se entender. A gente tem estudo de usuário, mas não tem estudo de comunidade, por exemplo. E isso é muito dificultoso, porque a gente não consegue atrair. A gente olha o perfil de quem usa as bibliotecas e, eu tenho observado isso com muita atenção, é... o perfil, ele vai, basicamente do turista curioso e do concurseiro. Só. E o resto fica desassistido. Eu acho que há um problema muito grave com relação à população afrodescendente em enxergar a sua história naquele espaço, eu acho que a biblioteca está tendo um grande problema de as pessoas se enxergarem naquele espaço. Há uma desnaturalização dos... aliás, não há uma desnaturaliza... não, calma. Não há (risos). É... exatamente. A desnaturalização do espaço biblioteconômico não tem acontecido. A biblioteca ainda é um local de elite que você não sabe se comportar, que você não sabe se pode subir uma escada, se pode pegar um livro, se você pode ir ao banheiro e isso é muito dificultoso. E eu acho que começa lá atrás na biblioteca escolar e... que não existe, é inexistente a biblioteca escolar, e vai perpassando pela biblioteca pública até chegar à Biblioteca Nacional que é confundida com igreja. Então, é... (risos) Você... há um problema aí, realmente de circulação, sobretudo da população de origem afrodescendente, por quê? Aí a gente remonta na história, né, como foi feita a abolição e tudo isso, a forma como foi feita sem uma... um compromisso com... com a dívida social, não sei se esse é o termo certo, mas vamos lá, a dívida social. E... É desassistido em múltiplos aspectos. Eu morei ano passado cinco meses em Portugal, que eu acho lindo. Todo mundo quer ser português, todo mundo quer ser espanhol, todo mundo quer ser italiano. Ninguém quer ser africano. Africano aí, a gente está falando em continente. Então, a gente não sabe se é senegalês, se vai ser angolano, enfim, ninguém quer. Mas mesmo que queira, como que a gente consegue fazer isso? A gente não consegue. E por quê? Simplemente, a história negra foi apagada da história do Brasil por “n” motivos e ela é apagada das nossas bibliotecas. A gente não tem livros sobre

Na Biblioteconomia brasileira não se tem a noção de comunidade e isso é problema grave, porque a população afrodescendente não consegue enxergar sua história na biblioteca.

A biblioteca ainda é um local de elite e há um problema de circulação da população afrodescendente, pois foi remontada a história e feita a abolição sem compromisso com a dívida social.

A história negra foi apagada da história do Brasil e é apagada das nossas bibliotecas. Não temos livros sobre História da África e a história da África está apagada, inclusive, nas classificações utilizadas por nós.

	<p><i>História da África. E, aí, lembra quando eu falei na outra pergunta sobre como as classificações funcionam? Elas são apagadas, inclusive, das classificações utilizadas por nós. Nos Estados Unidos têm 500 classes para representar os assuntos deles. A História da África vai estar condensada em uma que vai ter um número deste tamanho que você não consegue condensar, você não consegue trabalhar com ele. São críticas que eu acho que a gente tem que fazer sempre e eu acho que a biblioteca não está atenta, eu acho que ela...deixa muito a desejar e, enquanto educador, o meu papel tem sido chamar a atenção dos alunos para isso. De que eles precisam agir nesse sentido de trazer não só a História negra, mas movimento LGBTQI+, mulheres e outros movimentos para cima. Para a superfície.</i></p>	
E3	<p><i>É. Não tem, né. Não sei como é que é aí na sua escola, mas não existe. E há uma briga constante não só da formação do bibliotecário, mas assim, <u>eu vejo a academia ainda bastante resistente ou pouco informada com essas questões... as questões relacionadas aos afro-brasileiros. Então, na [Universidade Federal] não existe nenhuma disciplina que contemple uma formação que vá atender esse público específico. Nosso... A maioria dos nossos alunos, eles são afro-brasileiros. São afrodescendentes. Então, a gente vê que, por ser um curso noturno... Então, tem toda essa... essa acessibilidade maior para as camadas mais populares e a academia, ela não sabe como trabalhar isso. Então, ainda falta uma formação a nível de professores, dos docentes, a capacitação docente para operar com esses... essas... com essas diversidades e também, o currículo seja adequado a isso. Para você ter uma ideia, a gente só tem uma disciplina que contemple essas questões é... culturais brasileiras, que é a Cultura brasileira. Que é dada no curso de Ciências Sociais para o nosso curso. Então, mesmo assim, ainda ela é muito limitada em relação, por exemplo, a uma formação direcionada para... para desenvolvimento de leitor afro... afro orientado, vamos dizer assim, né. Então, é bem complexo.</u></i></p>	<p>A academia ainda é bastante resistente ou pouco informada sobre as questões relacionadas aos afro-brasileiros. A universidade e os cursos precisam estarem voltados para essa questão e não tenho visto isso acontecer. Não vejo elaboração de políticas específicas no que diz respeito ao currículo para se trabalhar esse tema dentro de sala de aula.</p> <p>Ainda falta uma capacitação docente para operar com as diversidades e que o currículo seja adequado a isso. Não há disciplina que contemple uma formação que atenda a esse público específico e nossos alunos são afro-brasileiros, são afrodescendentes.</p>
E4	<p><i>Bom, eu não... eu não trabalho com a disciplina, né, mas eu acredito que a disciplina que nós temos desde o currículo de 2010, ela é trabalhada por um professor da</i></p>	<p>A questão de como a temática é tratada em termos de conteúdo da disciplina com a</p>

História, né. Então, assim, eu acho que isso também é uma questão... Como a gente tem professor de outros cursos ministrando, né, no nosso Departamento, eu acho que essa aproximação, talvez, não seja tão feita... feita a contento, né, ou como a gente espera. É... Mas, o professor anterior, agora a gente teve uma mudança recente de professor, ele estava conosco há alguns anos, então ele participou mais de algumas reuniões, ele conheceu mais o perfil do curso, né. Então, eu acredito que ele conseguiu aproximar mais com as relações do dia a dia do profissional em lidar com questões.... Porque como a gente, né, trabalha com essa questão da mediação da informação, de... é... indicar literatura, né, tem um envolvimento com essa questão da leitura e a história também carregada com a literatura, né, como ela... ela se articula com a nossa literatura nacional, eu acho que é um... é assim, um compromisso muito importante do profissional bibliotecário conhecer. Então, foi muito relevante, né, para que... essa inclusão dessa disciplina. Mas aí, essa questão de como isso é tratado em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, a gente, assim, nem sempre, né, em todas as ofertas, talvez, tenhamos essa aproximação feita tão diretamente para o estudante. A gente conversa com os professores de fora, mas há muitas trocas, né, quando são professores de outros Departamentos. Mas como eu disse, como o professor anterior ficou alguns anos, ele já conhecia e conseguia relacionar mais com o dia a dia do profissional bibliotecário. Só que eu acho que também esses conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil, né, e de todo o legado da... todo legado cultural, eu acho que também, assim, foi importante de ser inserido no curso, mas... e sei que tem sido inserido, né, nos cursos do ensino médio, mas eu acho que eles deveriam vir com isso muito mais intensificado na educação de base, né. Porque, aí, assim, uma questão até... eu sei que você não perguntou muito de carga horária e tudo, mas são 30 horas de disciplina, né. Foi uma questão que foi pensada, mas também veio de uma exigência, porque, né, a gente teve uma resolução tanto do Conselho Nacional de Educação, como também da... do Conselho Estadual de Educação. E aí, nós tínhamos antes uma disciplina de História do Brasil aqui, né, e essa disciplina, ela não existe mais. Então, ficou com a Cultura Afro-brasileira. Então, eu acho, assim, que seria

relação do fazer do bibliotecário, nem sempre terá essa aproximação feita tão diretamente com o estudante, pois é trabalhada por professores de outros departamentos.

Acredito que os conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil e do legado cultural é importante de ser inserido no curso, mas acho que deveria vir intensificado da educação de base.

	<p><i>interessante, só que em termos de carga horária para formação em quatro anos... E essa discussão o NDE tem feito constantemente, inclusive, nós tivemos uma reformulação curricular bem recente que foi implantada nesse ano de 2018, né, nós vemos a alteração para o ano passado, nós discutimos todas disciplinas, inclusive, essas de outros departamentos que são competência de outros departamentos, <u>porque a gente não tem docente para lidar com esses conteúdos aqui, né. Então, vem o departamento de história contribuir com essa disciplina e eu acho, assim, acredito que a aproximação, talvez, esteja mais prejudicada agora, porque tem um professor novo que não conhecia o curso, mas que estava sendo feita a contento com o professor anterior que já estava trabalhando conosco há alguns anos.</u></i></p>	
E5	<p><i><u>Olha, Franciéle, essa é uma questão importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional e a gente lida aqui especificamente com o profissional da Biblioteconomia, também porque é um profissional que trabalha com a informação. E a gente sabe que trabalhar com informação existe um comprometimento muito grande, até porque a informação, ela tem características diversas e dependendo da forma como você se apropria dessa informação e como você compartilha ela, isso vai te levar a diversas atuações. E atuações bem diferentes com possibilidades também bem diferentes. Olha, mas eu tenho percebido, por exemplo dentro da minha realidade, um débito muito forte com relação a essa questão. A gente não vê efetivamente... eu não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática uma discussão consistente voltada para essas questões que você aponta nesse momento dentro dessa questão. Eu acho que é preciso um olhar reconfigurador para o nosso currículo para entender que a nossa ação, ela está muito além de uma ação pautada apenas no acesso ao livro. A nossa ação, é uma ação pautada, especificamente, com um compromisso com o outro. Então é uma visão especificamente voltada para o entendimento de que a informação, ela é alteritária. Então, trabalhar com esse aspecto da alteridade, ela tem sido um ponto dentro de uma agenda que tem sido exigida dentro de um caráter urgentíssimo. A gente não pode fechar os olhos para essa questão, a gente sabe que isso faz parte do nosso cotidiano, trabalhar com essas identidades, trabalhar com essas questões faz parte da nossa ação, faz parte do nosso viver cotidiano. E aí, a universidade e os</u></i></p>	<p>Essa questão é importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional, especificamente, com o profissional da Biblioteconomia, no entanto, não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática [docente] uma discussão consistente voltada para essas questões.</p> <p>É preciso um olhar que reconfigure o currículo para entender que a nossa ação está muito além de uma ação pautada apenas no acesso ao livro, ela está pautada no compromisso com o outro.</p> <p>A academia ainda é bastante resistente ou pouco informada sobre as questões relacionadas aos afro-brasileiros. A universidade e os cursos precisam estarem voltados para essa questão e não tenho</p>

	<p><u> cursos, eles precisam realmente estarem voltados para essa questão. Eu não tenho visto efetivamente acontecerem, nem mesmo visto levantamento de elaboração de políticas específicas, no que diz respeito ao currículo, para se trabalhar essa questão dentro de sala de aula. O que a gente percebe, às vezes, e mesmo dentro da minha prática, do meu discurso em sala de aula é trabalhar isso de uma forma transversalizada. Então, eu trabalho isso... eu venho trabalhando isso, essa questão com os meus alunos em sala de aula, dentro de grupo de pesquisa, mas eu percebo que é muito pouco, que a gente precisa ter uma percepção muito mais coletiva, talvez criar uma consciência coletiva da importância disso, no envolvimento de todos os profissionais, todos os alunos e das pessoas que se comprometam em, sinceramente, reconfigurar o seu olhar e ressignificar as suas ações em relação a essa percepção. Ainda é pouco o que vem acontecendo, eu acho que isso precisa ser visto de forma mais consistente. E a gente precisa, é claro, começar com uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia, que é uma coisa que a gente já vem fazendo, inclusive, começando dentro do nosso curso exatamente para que possa ter uma... Como eu sempre gosto de falar: ressignificar essa nossa ação, esse nosso modo de ver.</u></p>	<p>visto isso acontecer. Não vejo elaboração de políticas específicas no que diz respeito ao currículo para se trabalhar esse tema dentro de sala de aula.</p> <p>Alguns professores trabalham e estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática e levam para sala de aula.</p> <p>Precisamos começar uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia e criar uma percepção e consciência coletivas da importância em reconfigurar o olhar e ressignificar as ações e modo de ver dos profissionais, alunos e pessoas.</p>
E6	<p><u>[...] Então, aqui na nossa universidade, no nosso curso de Biblioteconomia, eu posso dizer que de forma efetiva, o corpo docente se preocupa e tem se preocupado com a formação do bibliotecário e da bibliotecária frente às transformações que se referem às discussões de raça e gênero.</u></p>	<p>O corpo docente se preocupa com a formação do bibliotecário frente às transformações que se referem às discussões de raça e de gênero.</p>
E7	<p><u>Bem, no que diz respeito, então a esse contexto que eu te apresentei, talvez pelo fato de eu estar envolvida com estas disciplinas pontualmente, Franciêlé, eu tenho realmente refletido, porque essas disciplinas, principalmente “Leitura e Cultura”, elas entraram só agora no nosso currículo, só em 2013. Então nós começamos a ofertá-la em 2014, então são quatro anos de oferta, ainda é muito pouco, né? O aluno, o nosso aluno não discutia cultura até então. O curso já tem 20 anos. Então, nós estamos começando a construir o discurso para... sabe? Começando a construir um ambiente... nós estamos começando a sensibilizar os alunos para a gente começar a discutir questões como essa da nossa afrodescendência, nossa cultura indígena e etc. Porque, até então, isso não aparecia nem nos diálogos em sala de aula. Se você for analisar a própria matriz</u></p>	<p>Construir um discurso e um ambiente para sensibilizar os alunos e começar a discutir questões como afrodescendência e cultura indígena.</p> <p>A temática não aparece na matriz curricular, nem na ementa da disciplina e nem na bibliografia, mas está sendo feita uma construção em sala de aula para depois formular o currículo e introduzir</p>

curricular isso não está explícito lá na ementa da disciplina e nem na bibliografia. Isso está sendo uma construção da sala de aula para depois a gente conseguir ir com mais propriedade e fazer uma formulação curricular e introduzir, de fato, bibliografias e conteúdos de ementas para que isso faça parte pedagógica mesmo da formação do bibliotecário. Mas, nesse primeiro momento, a gente está começando a fazer estas construções no nível do diálogo só. E aí, Franciéle, o que eu percebo nesses três anos de oferta da disciplina é um despertar desse aluno para querer entender melhor essa nossa natureza, essa nossa matriz que é tríplice, né, ela indígena, ela é africana e também é europeia, e como é bem interessante o resultado, no final dessas discussões, de como os alunos acabam saindo mais... não só sensibilizados, mas mais... eu não sei se ousados ou mais determinados a tentar fazer alguma mudança como profissionais. Querendo entender... e eles se sentem também, isso tudo eu estou falando de percepções, não é nada que está mapeado e nem escrito, tá, Franciéle? Quando também que eles ficam impactados com as revelações que eles mesmos constroem. Então, quando eu peço na disciplina de “Leitura e Cultura”, que eu quero um seminário sobre literatura africana, eles começam até querer questionar: - Mas o que é esse africano? Do que nós estamos falando? E até essa construção da literatura africana soa estranha no primeiro momento, porque a gente só aprendeu literatura portuguesa, não é verdade? Assim, na nossa escola, etc. e tal. Então, quando eu peço um seminário sobre a literatura indígena, mas não a literatura sobre indígenas, sim a literatura nativa escrita por indígenas, soa também um estranhamento e esse impacto no aluno, de que ele se sente, e eu também me sinto assim, a gente se sente ignorante sobre nós mesmos, né? Então, a gente fala: - Nossa, como eu estou aqui na universidade, e eu não tive contato com nenhuma obra africana de literatura? Como? Como? - Eu estou aqui me formando bibliotecário e como que eu, como futuro bibliotecário brasileiro, desconheço autores nativos indígenas? Porque eles estão escrevendo, né? Então, eu acho que esse incômodo, não sei se é a melhor estratégia, não sei se é a melhor forma de introduzir esses assuntos, mas eu acho que esse incômodo ele está sendo muito saudável. Porque depois no final das conversas e das apresentações e das revelações que aparecem durante as disciplinas em relação aos

bibliografias e conteúdos de ementas para que faça parte da formação do bibliotecário.

	<p><i>autores, às obras e tudo mais, eu realmente, eu vejo que os alunos, eles ficam bem mais expandidos para saírem depois de formados para pensar... pode ser um sistema de classificação, eu acho que eles não vão pensar mais da mesma forma. Pode ser uma exposição de fotografias no hall de uma biblioteca, eu penso que eles estão mais sensibilizados e preparados para lidar com isso. Então, o que eu faço pontualmente não é nada demais. É só trazer os assuntos para sala de aula e quem faz, de fato, são eles. <u>Na medida em que ele se sentem indagados a querer saber o porquê sim e porquê não deles conhecerem a cultura africana ou a cultura indígena. E aí, eles acabam levantando o que eles querem saber, trazem para sala de aula e, a partir disso, a gente vai revelando esses saberes que estavam ocultos. Não sei se escondidos, mas eles não estavam tão evidentes assim. Então, nesse sentido, o esforço de tentar preparar este bibliotecário para uma discussão mais de... que contemplem essas nossas matrizes não só portuguesas, mas africanas e indígenas se dá mais ou menos desta forma. Certo?</u></i></p>	
E8	<p><i>Bom, a gente já sabe que isso está na lei de diretrizes e bases, então, a gente... nós, <u>os projetos pedagógicos dos cursos de uma maneira geral têm que possibilitar esse tipo de discussão, aí, nos nossos currículos. Então, a gente tem aqui a discussão que perpassa aí por algumas disciplinas e tem também uma disciplina optativa e que é ofertada esse ano que vai tratar, especificamente, desse caso. Não nessa... Porque outras disciplinas que a gente tem a gente fala. Por exemplo, a disciplina que eu mesma ministro que é “Teoria da Ação Cultural”, a gente vai tratar ali da questão indígena, da questão negra, até porque na formação da nossa Cultura brasileira se deve muito a esse povo. Então, aí, a gente vai perpassar por essa disciplina e pela disciplina de “Sociologia” ou uma outra, aí, a gente também acaba discutindo. Mas aí também tem, que faz parte do projeto político pedagógico, essa disciplina que é ofertada ano sim, ano não, que vai falar que ela é específica mesmo para tratar dessa questão negra. [...]</u> A proposta é ser dessa forma, porque é um currículo novo que a gente está acabando de implantar. Começou o ano passado, em 2017. Já ofereceu a uma turma sim. E outra possibilidade que a gente tem, é que além de ter essa disciplina própria, a gente ainda tem as disciplinas de ementa aberta que aí pode inserir o tema também. Mas todo ano, especialmente nessa disciplina de “Teoria da Ação Cultural”, a gente discute o tema.</i></p>	<p>Os projetos pedagógicos dos cursos têm que possibilitarem esse tipo de discussão da temática. A disciplina deve fazer parte do projeto político pedagógico do curso e ser específica para tratar da questão negra.</p> <p>Há disciplinas onde são tratadas e discutidas as questões indígena e negra por fazerem parte da cultura brasileira, como por exemplo, Teoria da Ação Cultural.</p>

E9	<p><u>Formação do bibliotecário e possíveis relações com as culturas afro-brasileiras, quase nenhuma, né, querida? A gente sabe que não tem quase nenhuma. (risos). É muito difícil você falar de formação quando a gente fala dos aspectos mais humanísticos relação à Biblioteconomia, Arquivologia... Eu dou aula, né, na Arquivologia, na Biblioteconomia. Então, assim, é difícil nós pensarmos na formação em relação às culturas afro-brasileiras. Por quê? Porque apenas recentemente, como nós sabemos, é que nós temos aí uma disciplina oficial que é “Cultura afro-brasileira”. A gente tem no nossos cursos, e foi instituída, mas isso aqui na [Universidade Estadual], nós temos há cinco anos. São cinco anos que tem essa disciplina. Então, é um tempo muito curto ainda para você falar sobre essa formação. Não que ela não exista de forma... mais, digamos, informal dentro das disciplinas, mas ela, oficialmente, só vem recentemente. E as Universidades tiveram um tempo para se adaptarem. Mas o que, eu como professora, docente que também sou negra, uma mulher negra na universidade pública como, no geral, percebo? Nós não temos... Eu vou pegar pela minha experiência primeiro e depois como docente. <u>Na minha formação não tive nenhuma, nenhuma perspectiva, nenhuma disciplina, nenhum professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Eu lembro de um episódio muito bem, quando eu estava em uma aula... hoje eu sou professora de classificação, de organização e eu estava em uma aula e perguntei sobre as religiões de matrizes africanas, né? E eu fui repreendida e eu estava no segundo ano na universidade. Porque eu perguntei sobre a umbanda, sobre o Candomblé e eu fui repreendida, porque isso é macumba, porque isso... bem essas expressões. Então, assim, na minha formação, eu não tive nenhuma. Se você não correr atrás por fora dessa formação, você não tem nenhum aporte ou pelo menos não tinha nenhum aporte em relação às culturas afro-brasileiras. Afrodescendentes, afro-brasileiras, não tinha nada. O que a gente faz é formar por fora. Agora, no momento atual, nós temos uma disciplina que é a “Cultura afro”, que eu penso que é uma disciplina extremamente importante, tem que ter, mas ela ainda está muito deslocada da realidade do que é realmente a cultura afro e de como ela tem que ser inserida no curso de Biblioteconomia. E aí, eu não falo só da cultura afro, eu falo de todas as outras também, por que são lacunas que nós temos na nossa formação humanística,</u></u></p>	<p>A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos.</p> <p>Na minha formação não tive nenhuma perspectiva, disciplina ou professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Se o profissional não ir atrás dessa formação sobre as culturas não terá nenhum aporte com relação às culturas afro-brasileiras.</p>
----	---	--

que não nos dá o preparo específico para, por exemplo, distinguir o que é cultura, distinguir outras etnias e, principalmente, a cultura afro, que é muito relegada no nosso curso. E isso nós não podemos negar, tá? Por exemplo, eu vou dar um exemplo aqui. Nós temos um professor de história que veio ministrar essa disciplina aqui no nosso curso de Biblio e de Arquivologia. É muito importante para eles, mas como é um trabalho que é um professor que vem de outro departamento e insere esse conteúdo, fica difícil para os estudantes até se reconhecerem com aquela disciplina, querem fazer trabalhos ou TCCs, digamos assim, desenvolverem TCCs sobre aquela disciplina, sobre aquela temática. Então, a gente tem uma dificuldade nessa inserção e nesse reconhecimento do estudante que a disciplina de Cultura Afro é extremamente importante. Então, assim, chega um momento em que ela é até tratada, assim: - Aí, vamos colocar isso no currículo, porque tem que colocar, é obrigatório. Mas para quê? Para que? Para a gente colocar isso? Todo mundo sabe que existe um povo da África, para que? Mas a gente tem a obrigação de colocar. Então, isso é muito bom...

[...] Então, assim, é uma obrigação que eu acho que tem que ser obrigatória mesmo, né, porque você não tem nenhuma perspectiva de ser de outra forma, mas é obrigatória de uma forma, assim, que ainda os cursos e os currículos, eles tratam como uma coisa à parte. Então, assim, fica uma coisa meio descolada. Eu vou te dar um exemplo: desde 2011... eu trabalhei em outras universidades, mas desde 2011, eu trabalho na [Universidade Estadual]. Eu sempre quis ter um estudante que se interessasse pelo tema da cultura afrodescendente para estudar aspectos específicos, porque eu insiro muito... como eu trabalho com organização e classificação, não só, mas eu trabalho bastante, eu insiro isso dentro das minhas disciplinas. A gente está lá vendo, por exemplo, esquemas de classificação, a gente vai ver exatamente como é representado lá o negro, como ele está lá na CDD, na CDU, ou seja, eu sempre tento inserir. Mas nunca tive um orientando que quisesse estudar essas questões, agora como está sendo falado, não é verdade? Como as pessoas estão, assim, tendo um pouquinho mais de contato, digamos, assim, talvez por redes sociais, né? O contato a gente não pode negar, né? Está sendo mais falado e aí, eu tenho dois orientandos hoje. Um orientando de TCC e uma orientanda de mestrado que elas estão estudando questões relativas à

escravidão e ao negro em algumas perspectivas na Arquivologia e na Biblioteconomia. Mas, assim, você não achava pessoas, justamente para desenvolver temas e isso passa muito por essa questão da valorização mesmo. Da valorização da cultura afrodescendente, da valorização do negro, do negro dentro da universidade, nós sabemos que nós somos extremamente poucos, não é verdade? De uns anos para cá é que nós temos algumas políticas, que não são as ideais, obviamente, mas que pelo menos elas inserem, elas têm um papel de maior inserção do negro na universidade, então isso traz... a universidade de 10 anos atrás era muito menos popular que a universidade de hoje. Ela é um pouquinho mais popular, não é verdade? Assim, a gente deu um passinho bem pouquinho, mas ela é um pouquinho mais popular que a universidade, por exemplo, de quando eu entrei em 2000, que não era nada popular, era totalmente elitizada. Só um minutinho, Franciéle [...] Então, eu estava falando das universidades, né, que elas são um pouquinho mais populares agora. Então, eu acho que isso também traz essas temáticas para dentro da universidade, né, porque nós somos públicos, mas não somos populares. Então, obviamente, como nós não somos populares, nós não trazemos temas da população e, principalmente da população que é maioria que é a população negra para a universidade. A população negra e pobre, na universidade, ela não tem representatividade praticamente. Mas com essas políticas que nós tivemos aí, nós temos de alguns anos para cá, penso que essa característica de mais popular você vê estampada nos cursos. O nosso curso é um curso de pobre, né? Biblioteconomia e Arquivologia são cursos de pobre. Mas essa questão de trazer o popular, ela se reflete nessas temáticas, né? Então, você vê um pouco mais essas questões sendo trabalhadas. Quando não são cortadas, obviamente, pelos próprios professores, porque tem isso também. A gente sabe que as temáticas ali são adequadas à tudo que nós temos que fazer e, às vezes, não tem espaço para que sejam trabalhadas. Mas eu penso que essa abertura também dos jovens, da população negra e pobre na universidade, ela traz esses temas um pouco mais enfáticos para dentro de sala de aula também. [...] Eu acredito que sim. Porque quando um professor vem de outro departamento, que assim, não importa que seja de história, na verdade teria que ser com a formação em história, mas ele deveria estar alocado no Departamento de

	<p><i>Ciência da Informação. Mas, assim, essa disciplina como nós não temos professores de história na Ciência da Informação, ele vem do Departamento de História. Então, ele não tem a vivência do curso de Biblioteconomia ou de Arquivologia, na verdade, ele não conhece. Tem que pesquisar e estudar, não que ele seja capacitado, o professor, obviamente que não, mas assim, tem que estudar com a Biblioteconomia e Arquivologia para poder ministrar essa disciplina. E o professor que é um historiador ou que tem formação e está dentro do curso tem uma visão diferente. Então, assim, ele tem a vivência. Então, os estudantes, eles têm história afro-brasileira, mas eles têm assim, aquela perspectiva extremamente historiográfica, como se eles estivessem fazendo um curso de história, né? Então, assim, questões que, por exemplo, poderiam ser trazidas: profissional bibliotecário, profissional arquivista, o negro, o mercado de trabalho... Eu acho que vocês acabaram de lançar um livro sobre isso, né, estava vendo. Então, isso não é trazido nessas disciplinas e poderia ser trazido, você pode ter uma parte totalmente historiográfica, obviamente, mas você pode ter uma parte também puxando para essas questões mais atuais da história do negro no Brasil inteiradas com a profissão. E isso é importante. E isso nós não temos, infelizmente. Eu faço parte do NDE, tive que me afastar um pouco da graduação por conta da pós-graduação, mas... pela coordenação, mas, assim, nós estamos... eu já sinalizei várias vezes, tem alguns professores também que gostariam de ter um professor... dessa disciplina ser alocada no Departamento de Ciência da Informação e isso nós teríamos que abrir um concurso para um professor de História que pudesse dar conta dessas disciplinas. Porque não é só afro, a história afro-brasileira, tem também história contemporânea que eles têm no curso. Então, todas elas são alocadas em outros departamentos e penso que faz muita falta você não ter um historiador no curso de Biblioteconomia e de Arquivologia.</i></p>	
E10	<p><i>Olha. Eu quero muito estar enganado e o resultado da sua pesquisa, desde já, é algo que eu vou querer muito ter em mãos para estudar. Porque, salvo o melhor juízo e eu tenho assim... vou usar do meu direito de pouco saber e ler esse cenário amplo que é o seu trabalho de pesquisa, <u>salvo o melhor juízo, quando eu fico pensando na grade que eu acompanhei quando eu fiz a minha graduação e mesmo na grade que está vigente no curso em que eu atualmente exerço a função de docente, de formador dos</u></i></p>	<p>Na grade curricular de quando fiz minha graduação e a grade que está vigente no curso onde exerço a função de docente e formador de bibliotecários não vejo nada em relação às culturas africanas ou afro-brasileiras.</p>

	<p><i>futuros bibliotecários, eu pouco ou nada vejo nesse sentido. O que constrange. Porque parece que nós somos... nós temos habilidades suficientes para poder também inserir uma outra discursividade que dê conta desse nosso berço em quaisquer das questões, sejam elas de natureza técnica ou não que a gente discuta nas várias disciplinas do nosso curso. Nós temos habilidade para isso. Porém, essa questão sequer perpassa em algum momento do nosso fazer enquanto... Então, eu fico tentando refletir sobre a ementa de cada... o ementário das disciplinas da grade curricular vigente de alguns curso de graduação em Biblioteconomia do nosso país e eu pouco vejo e para ser bem sincero: não vejo. É claro que eu estou em uma posição em que eu posso ser surpreendido positivamente em cursos em que isso esteja presente, seja como disciplina optativa, optatória ou no corpo das disciplinas obrigatórias, assim, formas da representação das... o que eu chamaria de Africanidades ou das Afrodescendências, por exemplo, nos nossos sistemas de classificação e organização do conhecimento. Por que não? Pode ser. Isso tem lastro para fomentar a oferta de uma disciplina, mas eu não vejo isso. Não vejo!</i></p>	<p>Não vejo no ementário da grade de alguns cursos de graduação em Biblioteconomia do nosso país.</p>
E11	<p><i>O currículo de Biblioteconomia, ainda hoje necessita de uma africanização, né? [...] O que significa isso? Significa que o bibliotecário precisa discutir as realidades materiais, sociais, étnicas do lugar onde ele está inserido. Do lugar onde nós estamos formando nossos alunos. [...] Então, o que se observa? É que não quase não existem disciplinas voltadas para discutir a temática racial. E quando aparecem, são disciplinas optativas, não são obrigatórias. Mas a questão racial é uma temática transversal e que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora. O currículo oculto... Através do currículo oculto pode ser trabalhado de que maneira? Pode ser trabalhado na disciplina de formação de leitores, de literatura, uma unidade ou apresentação e discussão de literatura escrita por mulheres negras, autores e autoras negras. Literatura que tragam personagens e histórias do negro não de maneira pejorativa ligada à escravidão, mas que também e fundamentalmente tragam mulheres e história da resistência, porque a história do negro no Brasil não foi só escravidão ou martírio, foi também de resistência. Quantos de nós conhecemos a história de Maria</i></p>	<p>O currículo de Biblioteconomia ainda precisa de uma africanização. Quase não há disciplinas que discutem a questão étnico-racial e quando há, são como disciplinas optativas, não como disciplinas obrigatórias. A questão racial é uma temática transversal, que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora.</p> <p>O bibliotecário necessita discutir as realidades materiais, sociais, étnicas de onde está inserido. A formação bibliotecária ainda é uma formação</p>

	<p><i>Firmina dos Reis, a primeira romancista negra brasileira? Quantos de nós conhecemos a história de Catarina Mina, uma mulher africana do século XVIII, começo do XIX, que naquele tempo aqui no Maranhão com esse contexto com o seu trabalho conseguiu comprar casarões e entrar em uma escala social antes nunca ocupada por uma mulher africana escravizada ou ex-escravizada? Quantos de nós conhecemos a história de Maria Aragão, outra mulher negra, médica, comunista que, cujo o trabalho, todo o seu trabalho foi voltado para as mulheres, ela era ginecologista, para as mulheres da periferia em prol da saúde dessas mulheres? Não só a informação, porque a gente também tende a pensar que estão em algumas disciplinas, disciplinas mais do campo social, mas não só! Em gestão, em organização... A professora Valdirene aqui do nosso departamento tem uma pesquisa sobre a imaterialidade, a informação contida na literatura de um autor chamado José Montello. José Montello é um escritor de elite e branco aqui do Maranhão, mas poderia ser algo... ela é do campo da organização, ela está preocupada em organizar e criar escritores, termos para recuperar essa obra do Montello, uma melhor forma para recuperar e por que não fazer isso com a obra de Maria Firmina dos Reis? Com Úrsula, com Gupeva, com Cantos à beira-mar e tantos livros que ela publicou? Na disciplina de Gestão de espaços de informação nós não aprendemos e nós não ensinamos que as bibliotecas são organizações? Nesse sentido, todo o espaço de terreiro, de casa de religiões de matriz africana, Centro de Cultura negra, eles têm um espaço informacional onde contém informação como coisa física ou imaterial. Por que a gente não faz projetos e ações para gerir essas informações contribuindo com a sociedade local que deveria ser o norte do nosso fazer. Então, é uma formação ainda... a gente considera os avanços, mas <u>ainda é uma formação distante da realidade e da realidade local, porque é um currículo único. E nesse currículo único que serve para o Brasil todo tem um único conceito de cultura, um único conceito de informação, um único conceito de gestão e um único modo de gerir a informação.</u></i></p>	<p>distante da realidade local, pois é um único currículo que serve para todo Brasil.</p>
E12	<p><i>Olha, eu acho que esse é um gap que eu acho a Biblioteconomia carrega há tempos. Eu falo isso, no sentido de que nós tivemos... Em 2016, nós acrescentamos essa discussão diretamente no nosso currículo e uma coisa triste que eu percebi na época é</i></p>	<p>Parte dos professores se preocupa em incluir as culturas afros no currículo</p>

que grande parte dos professores, a preocupação de incluir isso no currículo era mais em função de atender a uma exigência do MEC, porque ia ter uma avaliação. E em momento algum, eu percebi as pessoas, de fato, dizendo assim: - Vamos colocar isso, porque isso tem que fazer parte da formação de qualquer curso de nível superior. Sabe?

Eu acho isso uma coisa que me entristece e uma coisa que a gente está tentando corrigir em uma nova proposta curricular que a gente está fazendo agora de ampliar disciplinas mesmo. O que a gente fez em 2015 foi, de alguma forma, tentar incluir parte nas ementas de algumas disciplinas que a gente achava que cabia, sabe? Foi um... No meu pensamento na época em que aconteceu, eu achei que foi um pouco forçado, forçado essa colocação. Em algumas disciplinas não dá para caber essa discussão, a gente tem que criar disciplinas específicas que tratem disso. Tem os espaços específicos para tratar disso. Olha a discussão de cultura, por exemplo, onde se tenha cultura brasileira. É um espaço muito bom para se discutir isso. A discussão de cidadania e direitos humanos é um espaço muito bom para se discutir isso. Agora, você enfiar isso em disciplinas, às vezes, de cunho muito técnico, às vezes fica um pouco forçada a barra. Eu acho, assim, não ela, eu acho que toda a discussão que fala da discussão de direitos humanos e de cidadania e que inclui o ser humano, enquanto as pessoas com as quais a gente vai trabalhar, em termo de formação cultural... sociopolítico brasileiro, tem que ser tratado levando em consideração essa questão afro-brasileira e indígena também, as discussões das questões étnico-raciais. Eu acho que é uma questão que precisa ser colocada e precisa ser colocada, infelizmente, porque historicamente não foi trabalhado na população, não só no Brasil, mas acredito que em nível mundial, como sendo todas as pessoas iguais, todas as pessoas com os mesmos direitos. Ou seja, não foi trabalhado isso dessa forma, tanto do ponto de vista cultural, quanto do ponto de vista econômico, né? Foi construído historicamente um discurso que as pessoas negam, mas que na prática, a gente percebe claramente que as pessoas, tanto do ponto de vista afro, indígena, elas não têm o mesmo espaço na discussão. De alguma forma, o que a gente percebe é que na guerra de discurso que existe na produção de discurso na sociedade, a gente percebe que alguns discursos são silenciados. Não é só a questão afro ou indígena, o discurso da mulher, o discurso de gênero, os discursos, de alguma

buscando atender a uma exigência do MEC, pois é algo avaliado.

Os cursos de Biblioteconomia têm que comecem a incluir essa discussão desde os primeiros períodos do curso para fazer essa construção e resgate sobre o tema.

forma, eles são silenciados. E, às vezes, são silenciados propositalmente, e às vezes, as pessoas nem pensam em colocar isso no currículo. Às vezes, na hora lá nem lembra em pensar exatamente porque não foi educado para levar isso em consideração. E eu acho que a Biblioteconomia, ela tem um papel importante, tem que colocar isso no currículo, tem que discutir isso na formação do aluno de Biblioteconomia. Ele vai lidar com essa diversidade na sociedade e ele precisa entender que não tem diferença. A gente percebe muito isso com as pessoas... Nós temos alunos aqui que são cadeirantes, cegos, pessoas com deficiência também, em termos de acessibilidade, e a gente percebe como que o nosso aluno, ele é despreparado. O profissional bibliotecário, às vezes, quando chega lá, ele é despreparado para lidar com essas pessoas. Quando chega uma pessoa com um problema de acessibilidade, ele não sabe o que fazer, sabe? É um preconceito que já está tão enraizado, assim, na sociedade que precisa, assim, construir uma formação... Eu acredito, assim, eu sou um pouco otimista que, ao longo prazo, se houver de fato, formação e educação para isso, ao longo prazo, a gente consegue melhorar essa situação, fazer essa transformação. Há... Eu acho que há, por exemplo, na Ciência da Informação... a gente começa a discutir diversos assuntos e acaba que, parece que só um determinado modelo, ou o americano ou o europeu, por exemplo, são os modelos mais adequados para a Ciência da informação, por exemplo. A gente tem, em todas as áreas, diversas teorias, como é o caso da sua pesquisa que são os africanos, da produção africana, afro-brasileira e africana também em diversas áreas importantes do mundo, que também, a gente estuda desde o ensino médio, fundamental e superior e dificilmente você tem o acesso à literatura desses autores. Há formas. Eu acho que a gente precisa começar a trabalhar, buscar nesses autores, conhecer esses autores, eu sei que hoje, para os professores de grande parte dos cursos, eu sei que é difícil porque eles não foram formados com esses autores. Muitos deles não têm nem o conhecimento desses autores ainda, eles precisam conhecer primeiro esses autores, eles precisam primeiro... Os professores da área de Biblioteconomia precisam primeiro se educar nessa formação afro-brasileira, conhecer o que foi produzido sobre isso, quando eu digo é em termos de autores da área, para depois passá-los também aos alunos. A gente precisa passar por essa formação também em relação a isso e isso

	<p><i>é uma pena que tenha que acontecer, é uma pena, porque eu fiz um curso de graduação, de mestrado e doutorado na [Universidade Federal] nas áreas de Biblioteconomia e de Ciência da Informação e em momento algum tivemos autores afro-brasileiros indicados para a gente ler. Sabe? Se a gente for pegar, assim, o nosso professor... quando eu li Cida Moura, que foi minha professora e a gente leu o texto dela... Mas quando eu digo, assim... quando eu falo, são dos grandes autores em nível internacional que, de alguma forma, são base para pensar a Ciência da Informação e a Biblioteconomia. Você vai pegar é... são os autores americanos, os que vão para os Estados Unidos ou franceses, dependendo da corrente, mas você não tem acesso, você não tem nem noção, nem citação. A gente nem conhece. É um problema da ciência em nível mundial que é muito eurocentrada ou mais dos Estados Unidos também, né, que de alguma forma também tudo aquilo que é publicado, que é citado, que acaba sendo importante, ele de alguma forma tira tanto os países da Ásia, quanto os da África de fora também dessa produção. Agora, como resolver isso, eu acho que vai... <u>acho que é um trabalho árduo que tem que ser feito e eu acho que os cursos de Biblioteconomia têm que começarem a incluírem essa discussão lá desde os primeiros períodos do curso para buscar essa solução, para a longo prazo, fazer essa construção, esse resgate de coisas importantes que a gente deixou de utilizar. Tipo, o desconhecimento muitas vezes... esse conhecimento, eu acho forçado por essa construção preconceituosa da ciência ao longo do tempo.</u></i></p>	
E13	<p><i>A princípio eu vou te dizer com relação à nossa aqui, né! <u>Hoje, aqui no curso de Biblioteconomia da [Universidade Federal], a gente não tem mais nenhum trabalho voltado... a não ser na pós-graduação. Na pós-graduação, eu ainda continuo orientando nesse sentido, mas a partir do momento que a professora Joselina da Silva, ela saiu daqui da universidade e voltou para o Rio de Janeiro, ela está na Federal Rural do Rio de Janeiro agora, acabou que a gente perdeu essa temática dentro da formação do bibliotecário da [Universidade Federal]. Por quê? Porque antes a gente tinha o NBLAC, que era o Núcleo Brasileiro e Caribenho de Relações afro... [Núcleo Brasileiro, Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais]. O nome tão grande que eu não.... mas, enfim. (risos). É um nome</u></i></p>	<p>A temática só é trabalhada na pós-graduação, a partir da orientação.</p> <p>Embora exista alguma disciplina obrigatória, a Biblioteconomia ainda está muito voltada para questões técnicas e esquece de pensar na diversidade, nas questões raciais e de identidade.</p>

	<p><i>grande, viu, de gênero e questões raciais. Mas ele era basicamente um grupo de estudos onde a gente trabalhava a violência, trabalhava o racismo, raça e racismo, trabalhava com identidade, trabalhava várias coisas dentro dele e ele foi muito bom, inclusive teve muitos frutos, muitos desses alunos que foram... se se formaram bibliotecários, hoje estão... tem um no serviço público como professor, tem como bibliotecário também já formados, e ativistas. Continuam atuando, como o professor Erinaldo Dias Valério, como a Nicácia, que hoje está no doutorado, como a Dávila, que está no mestrado hoje e que, inclusive, ela é minha orientanda, enfim. Mas no Brasil, eu ainda acho que falta muito, né? Apesar de ser uma disci... <u>Existe uma disciplina obrigatória, mas a Biblioteconomia, ela ainda está muito voltada apenas para as questões técnicas, que eu acho que não é... eu não estou questionando isso, não, porque afinal de contas, eu sou inclusive professora de técnica, das disciplinas técnicas de organização e tratamento, mas a gente não pode não voltar o nosso olhar para o todo, para toda formação. E a gente ainda está muito nisso, há uma briga: - Ah, a tecnologia é técnica, é tradicional e não sei o quê. E esquece que a gente tem que pensar no todo, tem que pensar na diversidade, tem que pensar nas questões raciais, de raça e racismo, de identidade e tudo isso tem que ser discutido dentro da universidade. E isso aí, a gente não está fazendo não. Como eu disse, <u>na pós-graduação ainda existe, mas na graduação hoje eu não conheço ninguém que esteja trabalhando este tema, viu?</u></u></i></p>	
E14	<p><i>Ai, nós estamos falando da Bahia, onde a população é afro... Grande parte da população é afrodescendente e estamos falando de Brasil. Eu não posso falar em nome do Brasil, porque na realidade temos Brasil, né? Por exemplo, Rio Grande do Sul tem uma colonização estrangeira bastante forte e é o estado brasileiro que tem mais negros dentro dessa cultura europeia, né? Já se você vem para Bahia e Maranhão, são praticamente estados negros no Brasil. Então, a rigor, eu acho que é bem recente uma preocupação... Claro que, <u>por força dos movimentos sociais, há preocupação de inserir nos programas, nos currículos desses cursos daqui, por exemplo, o nosso da Bahia que é o único por hora, de inserir algo voltado para cultura afro. E eu vou te dizer como: através das bibliotecas públicas que são... as bibliotecas públicas são o lócus privilegiado da população em geral. Então, é ali que as coisas têm que acontecer.</u></i></p>	<p>Acredito que hoje há uma sensibilidade maior para a questão. Por força dos movimentos sociais há preocupação em inserir as culturas afros nos programas e currículos dos cursos.</p> <p>A preocupação de inserção das culturas deve acontecer através das bibliotecas públicas, que são o lócus privilegiado da população em geral. E vai depender das</p>

	<p><i>Acontece 100%? Não. Óbvio que não, porque aí vai um pouco depender das pessoas e eu não tenho nem dúvida, dos gestores, da visão não só do gestor direto da biblioteca, mas das políticas públicas. O que eu acho é que hoje há uma sensibilidade para a questão. Acho que há uma sensibilidade e há dentro do... eu tô falando agora do nosso curso, dentro do nosso curso tem correntes fortes dessa preocupação, entendeu? Então, isso, para mim hoje não chega constituir um problema. O que é um problema? Quer dizer que, de certa forma até de uma maneira compensatória, deu no que deu. Quer dizer, de uma forma mais aberta, mais inclusiva é que a característica do nosso Curso de Biblioteconomia aqui na Bahia é, não totalmente, mas é talvez principalmente, constituído de pessoas de baixa renda, o que significa com uma escolaridade mais ou menos frágil e afrodescendentes. Então, isso foi uma característica muito... é uma característica visível, não precisa nem ir para os números, vai pro olho mesmo. E isso eu acho que foi uma coisa positiva que promoveu, quer dizer, propiciou um movimento social que redundou em inserção dessa cultura afro, não especificamente com esse nome nos currículos, mas com abertura para esses temas.</i></p>	<p>peças, inclusive da visão dos gestores e das políticas públicas.</p>
E15	<p><i>Oh, Franciéle, isso aí agora já é um ponto muito, muito positivo de estarmos dentro das universidades federais, essa sim, tem várias medidas...[...] Eu acho que nessa, nós ganhamos, por estarmos em universidades federais e por elas serem muito laicas e isso pode ser discutido abertamente apesar de que temos representantes também da sociedade de todas as... de todos os credos também, os mais fechados e os mais abertos. Nós temos, por exemplo, até lembrei um pouco alguns dos cursos que são oferecidos, eu estou lembrando aqui de dois, um está até oferecendo e outro não, estão dentro de instituições religiosas, né, então, certamente segue-se uma religião que tem seus credos. Bom, mas aqui, então, se você quiser falar do nosso curso, não é isso que você perguntou? Mais um pouco do nosso? [...]Então, vamos um pouco na minha percepção como educadora, isso eu vi também uma mudança muito clara, principalmente depois do REUNI com a universidade ter se tornado e todas as federais que aderiram, quase todos os nossos cursos eu acho que aderiram ao REUNI de ser um curso mais inclusivo. Então, isso se percebeu claramente agora com... a partir do REUNI. E o nosso currículo, desde 2008, agora já uma parte mais formal, nós temos disciplinas onde nós</i></p>	<p>Houve uma mudança clara, em especial depois do REUNI, das universidades terem tornado seus cursos mais inclusivos.</p>

temos ementas já preocupadas não só com... as ementas de disciplinas não são para os alunos, mas para se tratar esses assuntos como bibliotecário. Então, essa questão do multiculturalismo e a relações étnicas, isso eu acho que nós estamos indo muito bem. E é interessante que eu lembro assim, não se tratando só da Biblioteconomia, mas discussões dos conselhos universitários em geral com aquela preocupação na época do REUNI, de se abrir e baixar o nível dos nossos alunos federais que eram considerados e continuam sendo, isso é que é o bom, um dos melhores formandos que saem das federais. Realmente, as possibilidades das federais são muito grandes. Então, agora com as nossas... Agora voltando um pouco à [Universidade Federal], com as nossas pesquisas desde então mostram que isso foi uma grande balela. Não se baixou o nível nenhum, os nossos alunos continuam seguindo as mesmas aulas que são dadas, não teve... baixou o nível de nada e agora, há alguns que tem mais dificuldades, porque não tiveram uma formação adequada. Agora nós estamos aceitando até também as dificuldades de alunos autistas, mais inclusiva ainda, e mais outras deficiências. As físicas nós já aceitávamos, mas mais as questões de... psicológicas e... né? Então, assim, agora nós estamos trabalhando com isso também e esses alunos estão sendo mais assistidos. Não da forma, é claro, que gostaríamos. Mas aqui na universidade, por exemplo, já tem uma Núcleo de Assistência ao Aluno, que se declara desde quando ele se inscreve no vestibular qual é a sua... média... [Não identificado - 07:08 a 07:36]. Eu estava falando do nosso Núcleo de Assistência, então os alunos que, por exemplo, agora nós estamos recebendo uma aluna que é cega e um aluno autista. Então, nós já estamos conversando com esse Núcleo para instrumentalizar os professores do primeiro semestre. E quanto às questões étnico-raciais, eu acho que aqui na Universidade tem sempre... eu acredito que vi até como avaliadora do INEP em todos cursos, elas são muito semelhantes. Esses grupos batalham, eles têm mesmo que se mostrar, quem é minoria tem que se mostrar e tem espaço. No nosso curso, você sabe que, realmente, nós temos muitos que se declaram descendente afro, não temos indígenas ainda pelo menos nós aqui nenhum, mas afrodescendente nós temos. E eles são muito bem-vindos! Muito bem-vindos!

E16	<p><i>Bom, em relação a isso, Franciéle, <u>eu penso que o bibliotecário de uma maneira geral, também não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com essa relação com um público que é oriundo, por exemplo, da África ou de países circunscritos a esse Continente que estão lá e que, por alguma razão, estão no Brasil. É isso que você quer, né, quer dizer, são pessoas que estão aqui no Brasil atualmente? [...]Então, é isso! Eu penso que também aí há uma deficiência. Por que? O que acontece é que no Brasil, as bibliotecas públicas ou universitárias ou escolares, elas, de alguma maneira, oferecem produtos e serviços, mas de uma maneira geral, de um modo geral. Ou seja, não há uma preocupação em perceber em perceber diferentes públicos e trabalhar com serviços especializados ou voltados para determinadas comunidades, né? De fato, eu reconheço uma coisa, Franciéle, a percepção da própria sociedade com relação a todo um conjunto de pessoas que vivem no Brasil, afrodescendentes, ela é muito recente. Ainda temos discursos políticos que nem reconhecem isso. De vez em quando a gente escuta umas barbaridades desse tipo. E nós sabemos, por conta da nossa história, que os afrodescendentes, os afro-brasileiros, eles, em geral, estão em comunidades mais... mais, vamos dizer assim, que demandariam uma atenção especial. A gente, por exemplo, pode se citar as favelas no Rio de Janeiro, nós podemos citar periferias que a gente sabe pela história, enfim, da escravidão que teve no país, que essas pessoas obviamente, elas acabaram sentindo isso em termos econômicos e em termos sociais. Então, as bibliotecas, elas precisariam... óbvio que, primeiro reconhecer isso, principalmente as bibliotecas públicas, na minha opinião reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para estas comunidades. Não só produzindo, mas gerando conteúdos para essas comunidades. Porque não é só oferecer produtos e serviços, mas também fazer com que conteúdos que, vamos dizer, tivessem um impacto nesse tipo de público e que pudesse, de fato, levar isso para afrodescendentes ou afro-brasileiros. Eu penso que o nosso curso também não trabalha isso, Franciéle, com exceções. Às vezes, os professores trabalham com estudos de caso, os docentes, às vezes, levam alguma literatura para a discussão ou tem algum tópico dentro de alguma disciplina que trabalha isso, mas também algo que a gente precisaria rever, que a gente precisaria trabalhar com muito mais</u></i></p>	<p>Penso que o bibliotecário não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com relação ao público oriundo da África ou países circunscritos a esse Continente que estão no Brasil.</p> <p>No Brasil, penso que há uma deficiência, porque as bibliotecas públicas, universitárias ou escolares, elas oferecem serviços de um modo geral. Não há uma preocupação com os diferentes públicos e de trabalhar serviços especializados para determinados públicos e comunidades.</p> <p>As bibliotecas, em especial, as públicas precisam reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para oferecer e levar produtos, serviços e conteúdos que tenham impacto nesse tipo de público.</p>
-----	---	--

	<p><i>propriedade. Até porque, na minha opinião, esse público é um público que precisa de informação. Precisa ter esse apoio informacional, né? Então, também vejo que há aí um desafio grande na formação do bibliotecário.</i></p>	
E17	<p><i>Sim. Essa pergunta é interessante, porque tem tudo a ver, né? <u>A nossa formação brasileira envolve falar então das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas, de todos nós.</u> Não a ideia de miscigenação, porque acaba que anula essa especificidade, a gente... na verdade, é algo que já é claramente contestado, né, a teoria das três raças e etc. E, na verdade, isso é um assunto muito complexo e confesso que até muito difícil para mim, porque recentemente que eu me parei para questionar sobre estas questões, <u>porque infelizmente na formação, se começar lá na escola pública, lá na escola particular, no ensino médio, isso é mal dado ou muitas vezes dado de forma enviesada. Quando a gente vai para o superior, isso não é discutido quando deveria ser discutido num curso superior de formação de bibliotecários que trabalham com a cultura. É o que a gente fala. E aí... Então, é algo que eu tenho buscado, mas eu sei que ainda estou nesse processo também, porque infelizmente eu vivo, né, vivia numa... é triste dizer isso: até numa bolha, porque isso não era... não me foi despertado, não me foi questionado e eu sou uma pessoa branca que não sofreu preconceito. Então, não era um assunto que me despertava. Mas agora, trabalhando com a formação de alunos e de bibliotecários, eu acho que é uma obrigação do professor, do sujeito, do ser humano levantar esses questionamentos, esses discursos porque a sociedade, ela é, infelizmente, excludente, né? O nosso preconceito, ele é estrutural, então... e algo que os alunos estão também sendo levados a questionarem por meio da biblioteca, por meio dessas estruturas, porque a biblioteca, ela acaba também fazendo essa manutenção, né, e os profissionais... [Corte na gravação 07:54 a 07:58]</u></i></p> <p>Entrevistadora: Professora? Entrevistada: ...a gente então tem esses debates no espaço da biblioteca e fora da biblioteca também.</p>	<p>A formação brasileira envolve falar das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas e todos nós. Infelizmente, na formação escolar isso mal é dado ou é dado de forma enviesada. No ensino superior, a formação de bibliotecários não tem a discussão sobre o tema.</p>

	[...]	
E18	<p><i>Um pouco do que eu falei no anterior, né? Nós temos o projeto do professor Marcos Miranda, que eu não vou saber te detalhar tudo, mas um dos grandes valores deste projeto para mim, eu que sou da organização do conhecimento e curto muito esta questão da classificação, principalmente da indexação, acho fundamental e importante, né? Não basta você pegar o livro, classificar e botar na estante. Você tem que ter um trabalho de bibliografia, né? Você tem que ter um bibliógrafo. O seu bibliotecário de referência, ele precisa ser um bibliógrafo. Ele não pode ser, simplesmente, um cara que vai lá olha o sistema, vê a sua pergunta, conversa com você, vai lá pega o livro e te entrega e acabou a relação dele com você. O cara tem que se interessar pelo livro, tem que entender do que ele fala, tem que pegar as referências, ele mesmo pode não ter lido ou ele pode não conhecer tudo aquilo profundamente, mas ele tem que saber quem leu, quem resenhou, quem teve a possibilidade de trazer aquilo para... para lá. E, para isso, a gente precisa ter gente que tenha essa... esse... essa possibilidade de transferir conhecimento, não é, de um lado para o outro. E o trabalho do professor Marcos vai pegar, por exemplo, as religiões de matriz afro e colocar o espaço... a necessidade de um espaço dentro da CDD que não tem, aquela categoria está lá como religião muçulmana, cristã e acabou-se. E outras. Quer dizer, isso não adianta de nada para a gente, não é? É a mesma coisa: eu tenho uma biblioteca de geoquímica, e aí, tudo que eu for fazer lá vai ser em geoquímica, é uma “tagzinha” desse tamanho com uma... [...]</i></p> <p><i>Entrevistado: E o que acontece é isso: Eu pego lá uma “tagzinha” de geoquímica que tem poucas subtags, subclasses e classifico tudo em geoquímica. O que me adianta isso? Não me adianta nada! Não serve de nada! Ah, eu tenho uma biblioteca de educação e poucas entradas de educação. Não vai fazer nenhuma diferença para mim. O que eu preciso? Eu preciso de especificação, se é especializada, eu preciso de especificação. Se é pública e eu tenho lá uma tag mínima para religião, que vai contemplar duas que não são as maiores para o meu público, quem vai buscar normalmente vai buscar dentro de determinado nicho, de que me adianta isso, né? E</i></p>	<p>É importante trazer África para criar uma Biblioteconomia mais representativa das questões das culturas africanas dentro da nossa cultura, principalmente através dessa formação oficial com a valorização de todo tipo de manifestação cultural.</p>

	<p><i>também faz parte de uma política de apagamento, não é? É uma forma de você pasteurizar e apagar o que não é o central, o que o que é o global, né? E a gente vive no meio dessa globalização o que é muito complicado! A gente tem que ter esses traços e tem que ter esses dados, né? Uma coisa que eu acho muito legal que, por exemplo, na formação, pelo menos nas licenciaturas, eu tive mais contato com isso, mas eu acredito que seja um projeto global para todas as formações é que existe a necessidade de você ter disciplinas específicas e inclusivas falando das questões africanas, falando das relações entre África e Brasil, falando sobre as questões de gênero... Então, isso já é um projeto que está sendo sabotado obviamente, né, por essas correntes, desculpe, golpistas. Não tem outro nome. É isso o que eu penso e é o que eu falo mesmo. Então, não tem outro jeito ou você vai... [Não identificado - 12:58 a 13:01] essa inclusão ou a gente não vai conseguir furar esses bloqueios, entendeu? É nesse sentido que eu acho. <u>Então, a importância de trazer a relação entre a África e criar uma Biblioteconomia que seja, de alguma maneira, representativa também dessas questões que estão tão dentro da nossa cultura, é fazer valer essas formações através dessas... primeira, né, e principalmente através dessa formação oficial e valorizar todo tipo de manifestação cultural.</u> Então, eu sou um defensor da aula dentro do Museu. Então, é valorizar quando tem uma... eu levei alunos de Fundamentos da Bibliografia para uma exposição no MAR [Museu de Arte do Rio] que falava sobre o ponto de vista indígena na contação de história do... da história do Brasil, do descobrimento do Brasil e foi uma delícia! Uma delícia! É outro universo! É outra forma de entender o outro lado da história que não tem voz e que é apagado. Então, é fundamental! Isso eu acho que é um ponto fundamental.</i></p>	
E19	<p><i>É. Tá. Vamos dizer assim, até eu vou contar um pouquinho, primeiramente, da minha história, né? Quando eu ingressei na universidade pública, dificilmente tu encontravas negros e pobres dentro de uma universidade pública. Ainda mais se o cara é negro e pobre, então, é... dificilmente, um dos poucos cursos que existiam, que tinham negros e pobres era no curso de Biblioteconomia. Hoje, até pelas questões de cotas e tal, vamos dizer que quando eu entro na sala de aula lá em Rondônia, vamos dizer assim, mais de 60% dos alunos ou são negros ou são pardos, isso para mim me deixa muito</i></p>	<p>Não adianta somente colocar nas diretrizes do PPC, é preciso passar para o aluno e levar as questões afro e da diversidade sexual e colocar isso na prática docente e provocar o debate.</p>

mais, vamos dizer assim, óh, satisfeito, alegre, feliz. Porque eu tô vendo que a universidade está aí para... a universidade pública tá chegando a quem ela deve chegar. É essa comunidade que a universidade pública tem que abraçar, trazer para eles. E, vamos dizer assim, a questão de trabalhar os temas afros, não somente os temas afros, a questão também da sexualidade, das comunidades e minorias, isso aí, a gente trabalha desde de a “Introdução à Sociologia”, é trabalhado isso aí. Tem as “Políticas culturais”, onde é desenvolvido, envolvendo, inclusive, o nosso corpo de professores na [Universidade Federal] tinha um Professor substituto que ele, inclusive, a tese dele foi sobre a questão... do envolvimento afro. Tem um outro professor titular que é negro também e ele trabalha essa questão aí junto com os alunos para mostrar que é uma coisa interessante. E aí, pode se ser um desconhecimento meu, muitos alunos, muitas vezes, eles não se aceitam. A questão, quando a gente fala: - Mas você é pardo. Igual ao meu filho. Eu tenho um filho e meu filho é pardo. E é bem interessante. Vamos dizer, assim, até vamos dizer... quando a gente foi adotar o meu filho, então, a gente tem uma certa vivência, porque do lado da família da minha mãe, os únicos brancos na família da mãe é eu e meus irmãos. Todos os meus primos, tios, ou são negros ou são pardos. Então, essa questão, assim, do preconceito que eles passam, isso, vamos dizer assim, ajudou na minha formação. Isso é uma coisa que eu trabalho em sala de aula. Eu trabalho, porque assim, óh, não adianta somente a gente colocar nas diretrizes lá no PPC. A gente conversa entre os professores que a gente tem que passar isso para o aluno, debater, não é só... Muitas vezes, a gente encontra o PPC é bonito. Ah, o PPC, porque lá no nosso PPC tem essa questão da...do... trabalhar a questão afro, a questão da diversidade sexual, existe isso no PPC. Porém, a gente tem que colocar isso na prática, levar e provocar o debate. E, muitas vezes, as reações que a gente encontra, muitas vezes, a gente fica assim, vamos dizer assim, às vezes, deixa triste e, às vezes, não. Às vezes, as pessoas, vamos dizer assim, custam a se aceitar, até em questões de beleza, tá? Às vezes, tem várias pessoas: meninos e meninas. E eu vou e digo: - Ah, vocês são lindos! - Não, a gente não é, professor. Você que é bonito. - Não! não! Nada a ver! Nada a ver! Beleza não tem cor, beleza é beleza! E, vamos dizer assim, a gente trabalha isso na sala de aula. A gente conversa com os alunos da questão da... como

	<p><i>numa biblioteca que todos os usuários tem que serem tratados com dignidade, independente de quem é o usuário. Então, a gente trabalha com a questão das bibliotecas prisionais e os projetos... Inclusive, foi implantado bibliotecas prisionais em Porto Velho no... Primeiramente no presídio feminino com uma aluna egressa, e agora está sendo implantada em mais outras duas bibliotecas no presídio... na biblioteca federal também é implantada a informatização com alunos do curso de Biblioteconomia lá da [Universidade] Federal de Rondônia. Não sei se cheguei a entender... a passar tudo, mas a gente trabalha no dia a dia assim, Franciéle, não somente no PPC. No PPC tem, perfeito! Só que não adianta a gente ter lá no PPC bonito, como a gente fala “para inglês ver”. A gente tem que trabalhar isso no dia a dia e mostrar para eles essas mazelas, a questão da Biblioteconomia Social e aproximar o bibliotecário da sociedade.</i></p>	
E20	<p><u><i>Franciéle, na nossa experiência aqui na Universidade Federal do Pará, não tem havido essa... essa preocupação. É uma questão que o MEC colocou nos últimos anos, do ponto de vista de exigência, mas a... de fato, isso nunca houve um avanço forte disso na formação do bibliotecário aqui. A não ser por conta de um interesse mais específico de um aluno que vai encontrar respostas em eventos paralelos, normalmente, não promovidos pela própria Faculdade de Biblioteconomia e vai encontrar ações, mas ações de grupos que atuam na Universidade como um todo. E, de fato, não tem havido uma atenção específica da Faculdade de Biblioteconomia em relação à essa questão.</i></u></p>	<p>O MEC colocou como exigência, mas nunca houve um forte avanço na formação do bibliotecário daqui, pois não há essa preocupação na Universidade.</p>
E21	<p><i>Oh, Franciéle, eu quando fui bibliotecária, eu penei dizendo assim, né, porque os nossos... os nossos... todas as linguagens que nós trabalhamos para representar etecetera e tal, o que o que se insere dentro dos documentos, não existiam, por exemplo, nas linguagens hierárquicas de CDD e CDU. E eu trabalhava com a CDU, que era menos pior que a CDD, mas era uma linguagem totalmente voltada para outra cultura e não a nossa cultura. Então, melhorou uns 10% e continua a gente não tendo, né? E, assim, dentro da Biblioteconomia você estudar exatamente a cultura brasileira, pelo contrário, eu encontrava coisas, assim, aberrantes até dentro daquilo que você queria representar. Então, eu acho que... Eu confesso para você que andei procurando no grande centro que eu conhecia americano, nos Estados Unidos e tal, mas não encontrei</i></p>	<p>Ainda precisamos estudar o tema, principalmente, as representações do conhecimento fundamentadas nas representações sociais de grandes teóricos.</p>

	<p><i>material ligado, assim, às representações tão efetivas etcetera e tal. Eu acho que isso deveria ser feito por um grupo aqui do Brasil mesmo, né? Fazer tipo um tesouro mesmo, fazer uma ontologia, enfim, fazer uma linguagem que abordasse todas essas questões tão difíceis da gente encontrar nas bibliotecas. Eu trabalhei no Centro de Estudos Afro-asiáticos da Cândido Mendes e lá era o ambiente digamos, assim, aonde tinha mais informações sobre isso. Primeiro, porque tinha mesmo, e segundo por conta dessa postura que eu tinha junto aos pesquisadores etcetera e tal de trazer o que eles necessitavam. Embora, eu confesso para você que eu não vou lá 20 anos mesmo o CEAO [Centro de Estudos Afro-orientais] de Salvador também não tinha. Até as últimas vezes, não tinha, em São Paulo... Então, ficava muito difícil para as pessoas que pesquisavam dentro da área encontrarem, realmente, aquilo que elas queriam. Eu tive a sorte de trabalhar com muitos pesquisadores que na época eram, assim, “top de linha” no pensamento sociológico, digo econômico, educacional, então, eu tive a oportunidade de lidar com pessoas que sabiam muito e, sendo assim, eu conseguia encontrar nos documentos aquilo que era necessário encontrar. Mas eu acredito que tenha sido uma coisa muito mais de arte, do que vindo da Biblioteconomia. Não veio da Biblioteconomia, entendeu? Não veio da Biblioteconomia, mas eu “fiz a cabeça” de alguns estagiários que trabalhavam comigo. Mostrava e eu também não tinha medo de perguntar, vergonha de coisa que eu não sabia... no começo eu não sabia alguns nomes, então, eu perguntava, conversava e fiz meus estagiários perguntarem também. Então, <u>é uma coisa que a Biblioteconomia ainda está longe e ela precisa dar uma repaginada, sabe? A começar a estudar as representações, não como apenas uma representação por representação do conhecimento da informação, mas a representação do conhecimento da informação, mas, assim, fundamentada nas representações sociais destes grandes teóricos das representações principalmente o Moscovici e o próprio Bourdieu e tudo... [...]</u></i></p>	
E22	<p><u>[...] Entrevistada: Eu penso, Fran, que é quase nada! Na formação do bibliotecário, a gente tem pouco caráter de compreensão, tem pouco desse caráter, dessa compreensão da história brasileira que a gente já vem, talvez, de uma defasagem escolar. E acho que na formação, a gente tem... a gente tem pouca... pouca base, pouco fundamento</u></p>	<p>A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se</p>

	<p><i>para essas questões étnico-raciais, assim. Eu... eu creio que... agora, se a gente for pensar na história do bibliotecário, eu acho que é uma história elitizada também na formação. Na sua formação, porque ela começa na Fundação da Biblioteca Nacional, aqui do Brasil, né, e para poucas pessoas também e creio que a Biblioteca também era um aparato de elite aqui no Brasil. Embora exista hoje uma consciência maior uma... um esforço para que a popularização das bibliotecas, inclusive através das bibliotecas, de algumas bibliotecas comunitárias e tudo, a biblioteca ainda é um organismo, uma instituição elitizada, né, ela é elitizada. Eu vejo, porque tem pesquisas que atestam sobre as bibliotecas públicas, por exemplo, que você tem pouca participação de moradores de rua, por exemplo, não é? Isso demonstra bastante. E o entendimento que a biblioteca pública é para a escolar e isso também já demonstra na nossa formação... na nossa formação isso... Isso já demonstra na nossa formação, uma compreensão de que a Biblioteca, ela é elitizada e é para alguns. Falo de estudos, eu estou falando isso com base em estudos que usam discursos de bibliotecários... baseado em discursos de bibliotecários que são discursos excludentes mesmo, não é? Então, eu acho que, na formação da bibliotecário, se a gente for ver a formação, o período em que ele completa a sua... a sua graduação são poucas, e falou isso como docente, são poucas as questões em sala de aula com relação a essas questões étnico-raciais. E também, na formação que eu digo no âmbito mais social fora da Universidade, a biblioteca, ela se apresenta para o estudante e para o próprio bibliotecário como um aparato meio que excludente. Então, eu creio que essa relação é uma relação frágil, é uma relação que é quase inexistente, talvez. Estou falando com base na minha percepção.</i></p>	<p>trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos.</p> <p>A história do bibliotecário é uma história elitizada também na formação.</p>
E23	<p><i>Olha, vou falar de uma maneira muito geral e, ao mesmo tempo, é a minha leitura sobre a questão. Ela, assim, pode ser interessante por conta dos espaços em que transitei. Então, como você bem sabe, eu trabalhei no Rio Grande do Sul, passei um tempo em Santa Catarina, tive minha formação inicial no Paraná, depois estive trabalhando em Alagoas, estive um tempo fora do país, então, dá para comparar algumas coisas, né? <u>Então, do ponto de vista da Biblioteconomia no sul, no sudeste e no nordeste pelas escolas que eu tive contato, a formação é capenga. E é capenga, ou seja, ela tem... ela é desqualificada em alguns aspectos, né, até em regiões em que nós</u></i></p>	<p>Os estudantes não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel, do papel histórico de sua cidade e da sua cultura para o Brasil.</p> <p>Nas disciplinas, o tema fica à margem, não há discussão ou aprofundamento da questão. Quando há discussão, ela</p>

não deveríamos ter esse tipo de questão de distanciamento, por exemplo, vamos citar o caso do Nordeste, especificamente, Alagoas, em que nós temos ali a União dos Palmares, um dos... praticamente um dos berços de todo o movimento brasileiro, né? Tive muitos alunos de União dos Palmares e alunos de Biblioteconomia e a referência em relação à cultura africana era mínima, porque na própria cidade de União dos Palmares, exceto em grandes eventos nacionais, a formação destes estudantes no nível secundário, que depois chegam nas universidades, eles não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel e o papel histórico de sua cidade, de sua cultura para todo o Brasil. Então... e isto está comprometido no próprio berço da discussão, senão na discussão, pelo menos no berço do que nós consideramos simbólico do debate sobre o negro no Brasil. Do ponto de vista das disciplinas, também participando de reestruturação curriculares em diferentes universidades, né, esse é um tema à margem, não se discute, não se discute dentro do interior das disciplinas bibliotecárias, o que se discute, e depende muito dos professores de história, é a presença do negro na história do Brasil, né? Isso, de fato, depende muito. Em algumas universidades, dependendo da vocação, da orientação, da metodologia, o professor de história, que vem de outro departamento e colabora com a área de Biblioteconomia, ele tende a dar uma orientação um pouco mais específica à sua narrativa a respeito dos temas brasileiros. Agora, dentro da Biblioteconomia, se pensar bem, nas disciplinas básicas que poderiam discutir o assunto, entre elas, por exemplo, ação cultural ou outras disciplinas que tenham conteúdo de ação cultural e dentro do conteúdo de ação cultural, seria necessário abrir uma ênfase para os movimentos afirmativos ali. E mesmo para alguns movimentos folclóricos presentes, que deveriam estar presentes em alguns equipamentos culturais que é no caso das manifestações culturais dos quilombolas. Mesmo nestas disciplinas, que são tipicamente da Biblioteconomia, o assunto passa a margem, porque ainda se ensina e ainda se discute práticas biblioteconômicas, de acesso à informação, mas não se entende o conteúdo, o espaço, a própria cultura local em que será realizada a atividade. Isso não apenas com o caso assim da temática afro-brasileira, mas a temática em geral, ela não é debatida, não é aprofundada. Por exemplo, saindo um pouco dessa discussão, os movimentos sexistas

depende da vontade dos docentes em abordar a presença do negro no Brasil.

também, eles não são tematizados, exceto uma atividade cultural ou outra. Atividades de ação cultural que são realizadas enquanto exemplo da prática na área teórica, no momento em que você organiza os conteúdos para repasse através dos processos de ensino-aprendizagem, ele não se realiza, ele não é prioritário. Então, a formação do bibliotecário, pensando nos agrupamentos dos professores que organizam as atividades curriculares né, justamente nessa organização não se pensa como uma temática prioritária. Isso é um fato segundo a minha leitura e transcende as regiões, contraditoriamente, as regiões que poderiam ter um lastro histórico por conta da questão regional, elas não trazem, não levantam isso como um ponto positivo. Ou seja, algo que deva ser reafirmado. Então, eu cheguei a orientar alunos de União dos Palmares só como exemplo que chegavam sem nenhuma relação histórica, nenhum contato, mínimo que seja, e os temas de pesquisa, eles acabavam sendo tratados dessa forma. Quer dizer, o aluno por mais que ele se interessasse por uma questão cultural, os temas tradicionais da área não permitiam. Então, ele deveria fazer um TCC, uma monografia, uma pesquisa, em algo mais aplicado dentro de um sistema de bibliotecas fugindo totalmente dos interesses regionais, né? E acho que isso é algo muito claro na Biblioteconomia, não só no Nordeste, mas em escolas do Sudeste e do Sul do Brasil, os temas regionais, eles são praticamente deixados à margem. E isso também se passa em outros temas, não só esse tema que tem um clamor popular por essa discussão, mas em outros temas também: os movimentos sexistas e outros movimentos afirmativos. Então, de fato, se é para falar um pouco do estágio do próprio desenvolvimento da área a respeito do tema, nesse sentido, nós temos... nós estamos muito atrás de outras áreas acadêmicas que já incluíram de maneira muito mais positiva a temática em termos metodológicos, em termos de teoria, é o caso das Ciências Sociais, obviamente, é o caso da Antropologia, é o caso do Serviço Social, o que mais...? Enfim, é o caso da História.... Então, outras várias já com muito mais clareza e muito mais agilidade fizeram isso. E a Biblioteconomia, apesar da sua interface cultural, ela ainda não abriu os olhos para temática.

	<p>Entrevistadora: Na UDESC, tem curso de Matemática e Engenharia já incluído a questão temática.</p> <p><i>Ah, isso. Então, é uma outra área, mas olha que interessante: é uma outra área, que aparentemente nós não colocamos. Outra coisa que gostaria de acrescentar que no caso do norte do Brasil, nós temos ainda o que eles também se anteciparam que você tem cursos de Licenciatura em Educação Indígena. Então, são cursos específicos de licenciatura que tratam disso. Então, só para você notar como a Biblioteconomia está atrasada em relação aos temas nacionais e temas que não são recentes, mas temas que, de alguma forma, exigem um comportamento mais plural da área e justamente aí é que nós nos esbarramos. Nós temos uma posição muito mais retrógrada, muito mais tradicional e o fato de não tematizarmos, por exemplo, a presença ou o tratamento de informações em língua indígena, que nós temos mais de 190 no Brasil e isso ainda não é tematizado. Então, só para ter um indício de como vai de mal a pior.</i></p>	
E24	<p><i>Então, Franciéle, isso é muito novo para mim. Eu sou uma mulher e uma professora branca tentando trazer alguns temas que são temas, assim, que eu tenho me aproximado de alguns anos para cá por conta de um Núcleo de Pesquisa, um Grupo de Pesquisa do CNPq que eu participo chamado DEGENERÁ – Núcleo de Pesquisa e Desconstrução de Gêneros. Os debates sobre relação de gêneros e a partir de um ponto de vista interseccional, que é um ponto de vista que aprendemos com os feminismos negros é muito importante para o DEGENERÁ. E lá no DEGENERÁ, inclusive, tem a participação da Giovana Xavier, que é a Coordenadora do Grupo Intelectuais Negras. O desafio... Eu estou na [Universidade Federal] há dois anos, o desafio que eu tenho me proposto é trazer debates que a gente traz para o DEGENERÁ para a Arquivologia e a Biblioteconomia. Então, na verdade, eu não vejo, assim... A [Universidade Federal] não tem um currículo que é temático, ele é processual e esse tipo de temática relações de gênero, debates étnico-raciais, eles têm que entrar no currículo em todas as disciplinas de forma transversal, né, e eu não vejo muito professores trabalhando com isso não. Eu tento trazer debate de gênero e étnico-racial. Ao mesmo tempo, fico em uma situação, assim, de: - Bom, é muito importante dar visibilidade para esse debate, mas eu sou uma mulher branca, entendeu? Na verdade, eu lido com disciplinas teórico-</i></p>	<p>Não vejo os professores trabalhando esses temas, vejo-os mais preocupados com a técnica e com a abordagem dos clássicos.</p>

	<p><i>metodológicas e tenho uma visão, assim: - Bom, já que eu sei que talvez meus colegas estejam muito preocupados com a técnica e que vão mostrar uma visão universal, construir muito do conhecimento que os estudantes ainda não têm, obviamente, não conhecem e estão chegando agora na Arquivologia e na Biblioteconomia e vão dar os clássicos e tal. Já que eles vão fazer isso, vamos tentar fazer diferente aqui, entendeu? Essa é a minha posição. Tem sido essa: Sem medo de não dar os clássicos. (risos).</i></p>	
--	--	--

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Então, em relação aos instrumentos normativos, nós temos as resoluções, né, que as Universidades criaram e tal para a questão de cotas, para a questão da acessibilidade, assim, de temas mais gerais. E também, tem alguns professores que têm grupo de estudos, né, de afro-brasileiros aqui na Universidade Federal do Maranhão. Então, essa temática tem sido trabalhada por esses professores que estão diretamente ligados a esses grupos de pesquisa que trabalha essa temática. Na Biblioteconomia, a gente tem uma professora que trabalha justamente essa temática afro-brasileira, afrodescendente, a temática do negro, o negro na biblioteca, o negro como... é... a questão social do negro, entendeu? Então, essa temática... a questão da periferia mesmo, a questão de violência. Então, ela trabalha e ela estimula muitos alunos a lerem textos, ela traz textos também para trabalhar e para discutir com os alunos. Inclusive, teve uma revista... a revista, quer dizer, <u>daqui do Departamento que é a Revista Bibliomar, essa professora, ela ficou um período com a revista e ela trouxe sim esse debate, não só do negro, mas também da acessibilidade, a questão de gênero, a questão da violência, temas mais sociais.</u> Também porque a formação dela é mais nessa área e ela trouxe para compartilhar com os alunos. Então, desse eu tenho conhecimento.</i></p>	<p>Instrumentos normativos como resoluções para a questão de cotas, acessibilidade e temas mais gerais.</p> <p>Alguns professores também criaram grupos de estudos de afro-brasileiros e revistas científicas que trazem o debate sobre o negro, acessibilidade, questão de gênero, violência e temas sociais.</p>
E2	<p><i>Olha, eu estou lá há pouco tempo. Então, realmente assim, falar com certeza eu não vou poder te falar. Mas eu tenho observado que a [Universidade Federal] como um todo tem feito uso de ações afirmativas, sobretudo para que as minorias possam alcançar a Universidade. Então, a reserva de cotas... Há o acompanhamento, por exemplo, na última reunião foi discutido de que, quem entra por ação afirmativa na Universidade vai passar a ter um acompanhamento. Um professor vai acompanhar aquela pessoa para ver se está cumprindo o... o currículo, ver se está... quais são as dificuldades. Porque sendo bem sincero, a nossa dificuldade maior não é com o aluno em si, não é com a sua formação. Isso de forma alguma, mas sim, com as condições que ele tem para cursar aquela Universidade. Ele é arrimo de família, ele vai ser... ele precisa trabalhar. Como</i></p>	<p>Tenho observado o uso de ações afirmativas e aumento de bolsas dentro da Universidade.</p>

	<i>estudar? Como dar conta das disciplinas? Como dar conta das exigências? Então, isso a [Universidade Federal] tem passado a observar até aumentando o número de bolsas, pelo que eu li e pelo que eu observei. Então, é uma ação que eu tenho visto. Mas no curso, especificamente, eu sei dessa do professor começar a realmente acompanhar o aluno. Mas fora essa, realmente não sei mais nenhuma.</i>	
E3	<p><i>Na Biblioteconomia? Existe a lei, né, 10639?</i></p> <p>Entrevistadora: 10.639, uhum!</p> <p><i>Entrevistada: 10639, isso aí. Existe essa legislação, que ela já está vigente, mas na Biblioteconomia, a gente está inserindo, está tentando inserir a agora, né. Já tem desde o ano passado que a gente tem discutido, talvez trazer o pessoal da educação que tem uma formação um pouco mais consistente a respeito do tema para a nossa área. No meu curso tem dois professores que trabalham, que tem... teriam a habilitação para isso que sou eu, que eu fiz o meu mestrado em Políticas Sociais dentro dessa área de ação afirmativa e, uma outra professora, que também o doutorado dela foi dentro da área de diversidade. Só tem duas. Mas a gente não tem disciplina ainda. Então, o que que a gente está fazendo agora? Há uma normativa... Tem a lei, há uma normativa institucional da minha Universidade para que seja implantada essas disciplinas com a História Afro-brasileira e tal e Meio Ambiente e, então, nós estamos tendo um desafio de implementar ou inserir disciplinas que contemplem esse conteúdo. Mas, é... Então, através de lei, né. A gente não tem nenhuma... Como que eu vou dizer? Há... Uma gestão fala: - Ah, vamos inserir conteúdos. Não existe! A lei foi colocada, então, cumpra-se a lei, tipo assim, né?</i></p>	<p>Existe a legislação vigente, por meio da lei 10.639/03. Essa lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares.</p> <p>Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática.</p> <p>Há uma normativa na Universidade para que seja implantada a disciplina sobre História Afro-brasileira e meio ambiente e tem sido um desafio de implantar ou inserir disciplinas que contemplem esses conteúdos.</p>
E4	<i>Tá. Olha, pelos projetos que eu me lembro agora, nenhum exatamente nessa, né, que faça essa interface com a temática tão direta. Mas, de tempos em tempos, nós temos TCCs que são orientados, né. Então, fazendo... trabalhando a questão de comportamento informacional, né. Então, assim, a gente vê que existe, tanto na parte LGBT. Então, assim, as temáticas de estudos de comportamento informacional em comunidades, nós tivemos de diferentes etnias, né. Então, assim, existem trabalhos,</i>	<p>Não há nenhum projeto a longo prazo que faça interface direta com a temática.</p> <p>Pontualmente temos TCC sobre o tema e existem trabalhos, mas não são de forma contínua.</p>

	<p><i>mas eu acredito que não são nessa questão tão contínua, né, de, vamos dizer, assim, projetos mais a longo prazo. São mais pontuais que acontecem. Tá? Posso estar equivocada e depois, eu posso perguntar aqui no departamento, mas pela última passada que eu dei nos projetos, né, e pelo que eu conheço diretamente que os colegas estão desenvolvendo não tem nenhuma pesquisa diretamente aqui do Departamento. Tá? Logicamente, que dentro da Universidade, nós temos ações, têm Institutos, né, vamos dizer assim, é... dentro da cultura afro-asiática tem um pessoal que, né, trabalha com essa temática. Então, assim, existem ações no âmbito da Universidade. Do Departamento, eu desconheço no momento.</i></p>	
E5	<p><i>Pois é. Então, como eu já havia dito: não. Eu não tenho percebido isso efetivamente. A gente sabe que dentro da questão do currículo existe este currículo que realmente é praticado dentro das escolas e a gente ver aquele currículo oculto. Então, dentro desse currículo efetivamente praticado, eu vejo pouca coisa acontecer ou quase nada. Como eu falei para você, algumas atitudes isoladas de alguns docentes, de alguns colegas professores e dentro do seu discurso, dentro da sua visão em sala de aula transversalizar esse conteúdo, mas não é feito especificamente nenhuma ação voltada. No que diz respeito ao enfrentamento realmente dessa temática como uma disciplina, por exemplo, um componente curricular que a gente não tem. Mas a gente tem, por exemplo, alguns componentes curriculares como, por exemplo, quando a gente trabalha a questão da mediação da leitura e que a gente tem, por exemplo, práticas de profissionais... e não digo especificamente professores, mas de profissionais que são chamados para compartilhar de suas experiências com a gente e de serem colocadas essas questões e essa preocupação voltadas para essas políticas. Efetivamente ainda não. É um caminho ainda a ser percorrido, é preciso repensar isso e é preciso de forma urgente a gente trabalhar. Mas realmente efetivamente, eu não tenho percebido isso não.</i></p>	<p>Não tenho percebido nenhuma ação específica sobre a temática dentro do currículo efetivamente praticado. O que ocorre são atitudes isoladas de alguns docentes que trabalham o conteúdo de forma transversal dentro dos seus discursos e da sala de aula.</p>
E6	<p><i>Dentro do curso específico ainda não existe. Eu desconheço. Eu não posso dizer que não existe, eu desconheço. Eu não sei também se é porque eu estou um pouco tempo na universidade, há três anos na universidade, mas até o momento não teve nenhuma discussão que eu pudesse fazer parte e compreender se existe ou não. O que tem, de</i></p>	<p>Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática.</p>

	<p><i>fato, como a universidade aqui, ela é dividida entre faculdades... a faculdade que o curso de Biblioteconomia está é dentro da Faculdade de Informação e Comunicação, que junta os cursos de Gestão da informação, Biblioteconomia, Relações Públicas, Jornalismo e Comunicação. E aí, existe uma direção para essas faculdades. Dentro da Direção, existe um Comitê, que é o Comitê de Ações Afirmativas e esse Comitê é coordenado por uma professora do jornalismo, e aí, ela tem buscado participação de integrantes de diversos cursos. Essa é a que, até momento, eu tenho conhecimento, mas é para todos os cursos. <u>Não é desenvolvido pelo corpo docente da Biblioteconomia.</u></i></p>	
E7	<p><i>Oh, Franciéle, então, isso não só no contexto do curso de Biblio, eu posso falar no âmbito da universidade, né? Então, a [Universidade Federal], ela tem... <u>não só a [Universidade Federal], mas como todas as federais, mas a Política de ações afirmativas da [Universidade Federal] funciona muito, Franciéle. A [Universidade Federal], ela tem destaque Nacional pelos projetos de extensão que ela desenvolve. Não sei se a gente tem isso um pouco mais mapeado e isso acaba virando um indicador mais substancial na hora da gente ser comparado com outras universidades, mas a [Universidade Federal], ela tem um destaque sim pelas políticas inclusivas. Não só no discurso, mas isso pode ser confirmada até por conta do número de projetos e de relatórios que ela desenvolve. <u>Então, ela tem políticas de ações afirmativas que respeitam aí toda uma política nacional de inclusão e etc. e ela tem também o movimento já bem consolidado, embora isso ainda não esteja tão bem desenvolvido a nível nacional, mas a [Universidade Federal] também tem pensado com as políticas de ações afirmativas para pós-graduação e eu sei e acho que só no Rio e em uma outra instituição isso tem sido... que tem conseguido se oficializar, né? Mas a gente já fez discussões até aqui no nosso próprio Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, que começou em 2016, como ajustar os nossos processos seletivos para incluir as discussões e as possibilidades de entrada de candidatos por outros caminhos que não só pelo processo seletivo convencional, enfim. Então, a gente tem alguns avanços. Os colegiados discutem essas políticas, tanto para graduação como para pós-graduação, embora a gente ainda não tenha um documento oficial das ações afirmativas para pós-graduação. Aqui na [Universidade Federal], a gente tem,</u></u></i></p>	<p>Há a política de ações afirmativas e outras políticas inclusivas que funcionam.</p> <p>Há também programas de educação tutorial e foram aprovados programas interdisciplinares que englobam estudantes de diferentes cursos.</p> <p>Além disso, há discussões sobre políticas de ações afirmativas nos colegiados para a graduação e para a pós-graduação.</p>

pensando em projetos que você sinaliza, a [Universidade Federal], ela tem muitos programas de educação tutorial, dentro desses, ela... no último edital de abertura de programas PET, ela conseguiu a aprovação de alguns programas interdisciplinares que são o PET Conexões Indígenas, PET de Economia Solidária, tem um Pet Conexões também, que são projetos... que como eles acomodam os diferentes cursos, eles têm discutido bastante a... são PETs que permitem fazer, não só uma discussão disciplinar, mas trazer os desafios da formação do graduando para a sociedade, para a... não vamos nem usar esse termo minoria, porque não somos minoria, né, Franciéle. Na verdade, isso tudo é uma grande... somos todos uma grande maioria de brasileiros aqui, mas, enfim. Então, acho que nós temos também esses programas de educação tutorial que têm características diferenciadas. No que diz respeito a portarias, eu não saberia precisar algum número de portarias, de algum regimento específico, mas eu acho que ela tem também uma.... Como a gente já tem um vestibular indígena, já tem quase sete anos, aproximadamente, que esse vestibular indígena começou, a universidade dispõe de um grupo significativo de profissionais que tentam apoiar esses ingressantes indígenas para que eles se mantenham na universidade. Eles fazem um acompanhamento muito de perto desses alunos tentando mantê-los na universidade, independentemente da bolsa que governo federal, às vezes, disponibiliza para ajudá-los. Mas, assim, eu acho que é uma universidade que ela, embora ela esteja naquele contexto inicial o que eu te falei das tecnologias e etc., por um outro lado, ela tem políticas bem significativas de ações afirmativas e de inclusão. E só para dar um destaque pontual em um projeto desenvolvido aqui na [Universidade Federal] por anos, nós tivemos uma professora das Ciências Sociais, eu já vou te falar o nome dela que agora me fugiu, que ela se tornou uma referência no âmbito nacional, justamente por defender a inclusão da literatura africana nas escolas e a carreira toda dela foi voltada para a produção desses materiais e da divulgação disso nas escolas. Eu vou recuperar o nome dela para te falar daqui a pouco. Se eu não me lembrar agora durante entrevista, depois eu te mando por e-mail o nome dela e o curso. Porque eu acho que na universidade, agora pensando um nome bem local, essa professora, como ela teve destaque nacional com essa questão, eu acho que é ela e os projetos dela que

	<p><i>mereceriam ser cedidos como um exemplo diferenciado do que a [Universidade Federal] já fez em prol dessas ações humanas, justamente, aí... mas eu te passo já, já, Franciéle, fugiu agora.</i></p> <p>Entrevistadora: Tá bom, Professora. Seria a Professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva?</p> <p>Entrevistada: <i>Isso. É ela! É ela!</i></p>	
E8	<p><i>A gente tem aqui, <u>nosso regulamento geral dos cursos de graduação, mas o regulamento geral dos cursos de graduação, ele obedece ao que prevê na legislação superior. O que tem a mais aqui na universidade são grupos, né? Grupos, por exemplo, aqui... eu sou... eu sou... não dá para ver, temos só o microfone, mas eu sou uma professora negra também. Eu sou uma professora negra, mas, só que assim, eu não participo dos movimentos, dos projetos que outros professores do próprio curso de Biblioteconomia, eles têm. Igual tem um professor aqui, o professor Erinaldo, que ele... o trabalho dele, inclusive ele está concluindo no doutorado, envolve a temática da questão negra e ele é um militante aqui dentro do curso. Então, ele participa, ele promove atividades, orienta trabalhos nesse sentido. Inclusive, por ele estar de licença, eu estou com os orientandos dele. Os orientandos que seriam dele, eu estou orientando sobre isso. Então, tenho dois orientandos que estão escrevendo sobre a temática: um aluno falando sobre a questão do homem negro e a questão da leitura no cárcere; e uma outra aluna que está estudando as competências informacionais do grupo Dandara, que é um grupo de mulheres negras aqui da universidade. Tem esses grupos, esses projetos aqui que é uma coisa mais institucionalizada pela Universidade e que a Biblioteconomia, ela participa muito, justamente, porque há muitos estudantes negros aqui.</u></i></p>	<p>O regulamento geral dos cursos de graduação obedece ao que prevê a legislação superior. A temática é abordada por professores que orientam trabalhos sobre isso e em projetos realizados por eles e pela Universidade.</p>
E9	<p><i>No curso, de entrada, <u>nós temos as cotas que entram bastantes...</u> esse ano, cota para negros <u>foram quatro estudantes que entraram</u> e um... porque assim, a gente tem cota universal para negros, então assim, foi um da cota universal e quatro estudantes que entraram nas cotas para negros. <u>Agora, nas resoluções oficiais nós não temos</u></i></p>	<p>Na universidade não há resoluções oficiais sobre o tema, mas temos as cotas para ingresso de estudantes negros.</p>

	<i>nenhuma. Só a disciplina que é obrigatória de Cultura Afro. Nós temos apenas essa disciplina. Não temos...</i>	Há, no curso, a disciplina obrigatória de Cultura Afro
E10	<i>Eu tenho relativamente pouquíssimo tempo nessa função de docente aqui no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondônia, <u>mas eu andei lendo a... olhando com algum critério a estrutura curricular, em alguma medida as ementas das disciplinas e as bibliografias e, salvo o melhor juízo, eu não consegui identificar. O que muito me incomodou, porque isso diz respeito também a algo da minha atuação que talvez... quer dizer, que certamente é algo que eu também estou deixando a desejar. E, pela minha trajetória acadêmica acentua ainda mais o ponto em que, por hora, eu estou falhando, porque a aplicação da lei nacional sobre essa matéria, ela se estende a todos os níveis educacionais. Então, ela atinge, necessariamente, ela tem que, ainda que por força de lei, atravessar o conteúdo que a gente leciona. Pelo que eu penso que como a vida está em processo, eu tenho que iniciar de alguma forma para que, no plano ideal, ainda nesse semestre tentar acoplar essa... algo que está na letra da lei, pelo menos, as disciplinas que estão sob minha responsabilidade. Não vejo como algo simples que me parece perfeitamente executável.</u></i>	Ao olhar de forma criteriosa a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso não identifiquei a inclusão da temática.
E11	<i><u>Então, em 2003, foi como conquista da luta histórica do movimento negro brasileiro, foi instituída a lei 10.639/2003 que tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e instituiu o dia 20 de novembro como Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. Do ponto de vista da formação, muitos desses professores que dão aula no ensino fundamental e médio não tem formação para tal, apenas alguns cursos das Humanas, História, Filosofia, em algumas universidades brasileiras, estão aptos a aplicar essa lei. No entanto, a lei acaba sendo aplicada muito mais por professores já engajados na temática, no debate que trabalham com o currículo oculto. Nesse sentido, poderia ter uma lei também ou um decreto ou uma lei que tornasse obrigatório as universidades ensinarem em todos os cursos independentemente de ser Ciências Humanas, Licenciatura ou não. De fazer esse recorte em algumas disciplinas, nas disciplinas iniciais, inclusive de Metodologia da pesquisa. Eu ministrei a disciplina de “Metodologia da Pesquisa” por dois anos aqui na Universidade Federal do Maranhão</u></i>	Existe a legislação vigente, por meio da lei 10.639/03. Essa lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. Do ponto de vista da formação, muitos docentes que ministram aulas no ensino fundamental e médio não possuem formação para tal, visto que somente

	<p><i>em diferentes cursos e quando a gente estudava a história da Universidade como espaço de produção do conhecimento nós falávamos de Cheikh Anta Diop, um intelectual senegalês que muito contribuiu para entendermos e conhecermos a história da África, mas a história da África não essa história ocidentalizada, né? Ele como homem africano. Então, <u>poderia ser uma lei nesse sentido, as escolas de Biblioteconomia, algumas estão passando por uma mudança de currículo, esses deveriam estar definidos não dependendo de professores X ou Y para praticar o currículo oculto, mas deveriam estar definidos como disciplinas também obrigatórias. E nas disciplinas de formação econômica e social brasileira que tem em vários cursos de Biblioteconomia deveria também ter uma unidade ou um conteúdo que remetesse a esse aspecto da formação para discutir a questão racial e o lugar do negro na sociedade brasileira, algo que a gente precisa entender muito, estudar muito para entender porque ainda hoje a maioria dos negros são os mais pobres, os que mais vão para o cárcere e os que mais são assassinados pelo Estado.</u></i></p>	<p>alguns cursos das Ciências Humanas estão aptos a aplicarem a Lei 10.639/2003.</p> <p>A Lei 10.639/2003 é aplicada por professores que já são engajados na temática dentro do currículo oculto das disciplinas.</p> <p>Poderia ser criada uma lei ou decreto que tornasse obrigatório o ensino da temática em todos os cursos independentemente das áreas dos cursos ou de ser licenciatura ou bacharelado. Nas Escolas de Biblioteconomia, essa lei mudaria o currículo e este seria estabelecido sem depender de determinados professores que incluem no currículo oculto, pois os conteúdos sobre a questão racial e o lugar do negro na sociedade estariam definidos em disciplinas obrigatórias.</p>
E12	<p><i><u>Bem, na minha instituição existe, assim, o que existe é alguma disciplina no currículo atual que já buscou incluir essa discussão na disciplina de “Comunicação e Linguagem”, na disciplina de “Fundamentos educacionais”, mas essas disciplinas, elas não foram feitas levando em consideração e pensando em incluir essa discussão, ela acabou sendo incluída mais em função da exigência da Secretaria de Avaliação aqui da Universidade que encaminhou para a PROGRAD e a Secretaria de Administração envio ali para a gente. À época, a gente receberia a comissão do MEC e falou para gente: - Olha, se vocês não colocarem esse tipo de discussão, não colocarem isso no currículo vocês vão ser mal avaliados. Então, foi uma preocupação em relação à avaliação do que uma preocupação, assim, em termos de projeto de curso.</u></i></p>	<p>Existem algumas disciplinas no currículo atual que buscam incluir essa discussão na disciplina, mas elas foram realizadas para cumprir a exigência da Secretaria de Avaliação da Universidade. Ou seja, foi mais uma preocupação com relação à Comissão de Avaliação do MEC do que em termos de projeto de curso.</p>

	<p><i>Falar que no curso tem um projeto para trazer essa discussão, não! Nós temos uma professora Ana Cláudia Borges, que é do movimento... do movimento para entender toda essa discussão. Temos a professora Cristina, a Maria Cristina que fazia parte do NEAB, que é o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros aqui da [Universidade Federal]. Que é um Núcleo de Estudos que tem disciplinas que tem disciplinas que trabalha especificamente com isso, mas que funciona em um horário que não dá para incluir nas disciplinas do nosso curso, porque o nosso curso é um curso noturno e ele é no horário diurno. A instituição [Universidade Federal] tem essa preocupação nos cursos na área de Pedagogia, no Núcleo de Educação e no NEAB - que é o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros. Em alguns momentos, alguns professores do Núcleo Afro-brasileiros, eles vêm dar palestra no Seminário de Educação Profissional do curso de Biblioteconomia, mas enquanto projeto de pesquisa, enquanto projeto de ensino, enquanto ementa do curso, nós tivemos uma implementação dessa discussão das ementas de algumas disciplinas, mas não enquanto um projeto de ter mesmo a discussão no curso. Isso só está sendo feito agora que a gente está criando esse novo currículo. Nesse novo currículo, tanto essa dimensão da cultura afro-brasileira quanto as dimensões das relações étnico-raciais, meio ambiente e direitos humanos, a gente está criando parte importante da ementa para tratar só disso em algumas disciplinas, disciplinas como direitos humanos e cidadania, cultura brasileira onde vai discutir essa. Não tem como discutir cultura brasileira sem discutir a questão da história afro-brasileira. Então, a gente vai propor isso no novo currículo e no atual, a gente tem essa discussão que a gente coloca os alunos e professores, eles fazem parte do movimento relacionado ao assunto e fazem isso na disciplina deles, mas não ainda como ementa, que é muito burocrático mudar currículo aqui na Universidade. Se você quiser mudar um livro na bibliografia você tem que fazer uma mudança curricular que passa por todos os trâmites da Universidade.</i></p>	<p>Há docentes que fazem parte do NEAB e, em alguns momentos, os membros do Núcleo vêm dar palestra para alunos da Biblioteconomia. O NEAB oferece disciplinas, mas não podemos incluir nas disciplinas do nosso curso por serem disciplinas de outros turnos.</p> <p>Atualmente, estamos criando um novo currículo para incluir essa dimensão da história e cultura afro-brasileira, quanto as dimensões étnico-raciais, meio ambiente, direitos humanos e cidadania.</p>
E13	<p><i>Não tem mais. Antes, a gente tinha um projeto de extensão “Iniciativas negras”, que foi realizado em três ocasiões, foi realizado 2007, 2009 e 2011, mas como eu te falei, com a saída da professora Joselina saiu também a pessoa que era aquela que encabeçava esse tipo de ideia. O que a gente tem é uma replicação do que orienta o</i></p>	<p>Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas.</p>

	<p><i><u>MEC. Então, aqui no Regimento graduação que a PROEN, que é a Pró-reitoria de Ensino de graduação, colocou agora para que a gente... para se é uma normativa, a gente tem a obrigatoriedade de ofertar as disciplinas de acho que de direitos humanos... acho que a de direitos humanos é de questões raciais, que eu não sei como é o nome exatamente da disciplina, e de libras. E dessas todas, a única que é realmente ofertada é a de Libras. Eu não vi nenhuma outra disciplina sendo ofertada em nenhum curso, nem de Biblioteconomia nem qualquer outro. E de Biblioteconomia eu te ligo com certeza: não foi ofertada nenhuma.</u></i></p>	<p>Na Universidade há uma normativa para oferecer as disciplinas de direitos humanos, que engloba as questões raciais e de libras. Mas somente a disciplina de libras é ofertada.</p>
E14	<p><i><u>Franciéle, são as duas coisas que você falou. A gente tem projeto de extensão, eu agora de cabeça não vou poder lhe dizer o nome, mas posso perguntar para a colega. E tem uma disciplina que se chama “Ação cultural”, que ela tem sido esse palco favorável a essa diversidade cultural, quer dizer, trabalhar diversas manifestações e trabalhar as culturas mesmo locais, regionais e etc., entendeu? Isso tem sido uma coisa positiva e, mais do que isso, só para deixar claro de novo, a gente tem estudantes militantes. Isso é muito importante, né? Não só professor. Professor não me lembro se um ou dois professores que militam nessa área de uma forma bastante incisiva, mas estudante-militante é força total! Quanto a outras medidas como você fala na legislação, projetos, etc., bom, a gente tem a Fundação Cultural que, inclusive, o presidente da Fundação Cultural é um cidadão afrodescendente. A gente até... se fala, né, que ele chegou a privilegiar as culturas afro em detrimento de outras manifestações, mas isso não é uma coisa que eu posso lhe comprovar, eu só estou lhe falando o que se fala, né? Bom, então, tem a Fundação Cultural e tem a Fundação Gregório de Matos que é da prefeitura que é a fundação cultural do município. Bom, e dentro disso, você tem vários movimentos, né, não só os oficiais que eu digo institucionalizados no governo, mas movimentos sociais que aqui na Bahia é fortíssimo. São fortíssimos e são altamente reconhecidos, né? Isso eu acho uma coisa importante, porque... acaba que as pessoas todas transitam em todos ambientes e isso eu acho maravilhoso! O que não significa também, repito: o que não significa também que não haja preconceito, porque essa hipocrisia de dizer que no Brasil não tem racismo, fica por conta da hipocrisia mesmo, porque sabemos que tem, né?</u></i></p>	<p>No curso, há disciplina de Ação cultural, que aborda a diversidade cultural, e temos também projeto de extensão sobre o tema.</p> <p>Quanto a outras medidas, existem a Fundação Cultural e a Fundação Gregório de Matos que abordam as culturas, além de movimentos sociais oficiais.</p>

E15	<p><u>Olha, nós seguimos as normas, né, as leis que obrigam a ter disciplinas com essa temática. Então, nós temos essas disciplinas com essas temáticas e são várias. Nós não temos, assim, nós obedecemos, eu acho que não tem nada assim, intermediário a isso. Nosso Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso. Então, nós temos nas nossas disciplinas, nós temos... o nosso curso, por exemplo, ele tem os pilares principais nos seus núcleos, um deles é o social. Então, dentro desse Núcleo tem umas quatro ou cinco disciplinas que tratam da temática. Muito voltada para a biblioteca pública, a biblioteca escolar, a biblioteca universitária também e bibliotecas que... essas que lidam mais com um público mais variado. Antes, por exemplo, na universitária não entrava... nós já estamos colocando essa temática nas nossas ementas das bibliotecas universitárias. E também de estudos de usuários, é claro, todos os estudos que teriam pesquisa de usuários tem essa preocupação de estudar a clientela os usuários que irão trabalhar nessas questões étnico-raciais. E são essas, né? Nós temos, então, essa preocupação e já está incluída na ementa e no Programa e no nosso Projeto pedagógico institucional, tem até um documento que fala isso claramente sobre essa preocupação.</u></p>	<p>O Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso e essa preocupação se reflete na ementa, no Programa e no Projeto Pedagógico do curso.</p>
E16	<p><u>Bom, acho que a primeira coisa que pode ser mencionada é a legislação, né, nós temos na legislação, recente também, o pedido da inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes, afro-brasileiras, né, que a gente tenha algo especificamente voltado para isso. Isso também é muito novo, é o que... tem uns três anos, por aí, quatro anos mais ou menos. Eu não me recordo exatamente quando foi lançado, mas é por aí, mas é recente. Muitos cursos por conta dessa legislação estão inserindo sim conteúdos e tentando sanar isso, mas são tópicos dentro de disciplinas. Eu penso que uma ação concreta em termos de formação, poderia ser trabalhar com seminários que discutam essa questão dentro do curso. Essa é uma primeira ação que deveria ser realizada. Como você bem mencionou: projetos de extensão. Isso é muito importante que se desenvolvam projetos de extensão voltados para comunidades que tenham essa demanda, que precisem desse tipo de informação, e aí a gente poderia fazer alguma coisa. As bibliotecas, na minha opinião, elas deveriam, sem dúvida nenhuma, trabalhar com várias, várias ações voltadas para isso. Então, eu acho assim</u></p>	<p>Na legislação recente, há o pedido de inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes e que tenhamos algo especificamente voltado para isso no curso. Por conta dessa legislação, diversos cursos estão inserindo conteúdos e tentando sanar isso como tópicos dentro das disciplinas.</p> <p>Há uma enormidade de coisas a fazer: a) Trabalhar e discutir o tema em sala de aula por intermédio de seminários; b) desenvolver projetos de extensão voltados para comunidades e suas demandas</p>

	<p><i>que tem uma enormidade de coisas a fazer. Mas uma coisa que eu penso que aproximaria ou traria esse público para as bibliotecas, seria gerar conteúdos para eles, gerar conteúdos. Porque quando essa população, esse público, vai buscar informação qualquer que seja sobre a própria história, há uma deficiência imensa em relação a isso, e a biblioteca, ela poderia... eu penso que a biblioteca pública hoje, ela tem que ser uma produtora de conteúdo. Então, ela não pode mais deixar de ser uma produtora de conteúdo, sabe? E criar espaços no ambiente web também para isso. Então, eu penso que essa é uma ação extremamente importante, muito importante. O pessoal da Museologia tem feito umas coisas muito legais que eu acho que as bibliotecas poderiam, obviamente não é igual, mas nessa linha de ação que alguns museus estão fazendo trazer isso para as bibliotecas. [...] Claro, e pesquisas também. E pesquisas no âmbito da pós-graduação sobre isso. Na Pós, viu, Franciéle, a gente já vê que isso já está mais maduro. A gente percebe que nós já temos, por exemplo, grupos de pesquisadores muito voltados para essa temática mesmo, não só a questão do afrodescendente, do afro-brasileiro, mas também discutindo questões de gênero, outras coisas que antes não eram discutidas estão aparecendo no âmbito da pesquisa. E eu vejo isso também como uma ação importante, sabe?</i></p>	<p>informativos; c) criar diversas ações nas bibliotecas voltadas à produção de conteúdos e geração de ambientes em espaços web para esse público; d) Pesquisar temas como a questão afrodescendente e de gênero no âmbito da pós-graduação.</p>
E17	<p><i>Bom, pergunta difícil, assim. Não se responde... Eu fico pensando, né, com a Lei de Diretrizes e Bases, o currículo, ele passou a ofertar até também por conta da lei de 2003 que obriga o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, né, mas aí é do ensino médio público e particular, enfim. O que eu quero dizer? Lá, o curso oferece a disciplina por meio do Departamento de Antropologia. Os alunos têm a possibilidade de cursar, então, a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira. Isso é dentro de uma estrutura da universidade pública, que é o grande benefício dessa instituição, né, que ela possibilita que os alunos façam disciplinas em outros departamentos. Agora, instrumentos específicos, infelizmente, eu desconheço. Porque eu estou pensando em instrumento aqui, em CDU, CDD, instrumentos norte-americanos, da Europa, e aí, a gente bem sabe que eles são também falhos, né? Inclusive, em alguma medida, preconceituosos. Tem estudos realizados sobre isso, né, de como a religião é tratada na CDU e na CDD, como as culturas são tratadas e a</i></p>	<p>Existe a legislação vigente, por meio da lei 10.639/03. Essa lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares.</p> <p>Os alunos possuem a possibilidade de cursar a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira dentro do Departamento de Antropologia. No entanto, desconheço</p>

gente sabe que não é o ideal, não retrata a especificidade dessas culturas ou como elas gostariam, né? Não sei! Porque eu não sou da área de Organização, então, não sei te dizer profundamente, mas a gente sabe que elas têm as suas marcas aí de imprecisão. Infelizmente, eu não estou sabendo, assim, responder outros instrumentos que poderiam ou que leva...

Entrevistadora: Nenhum dos seus colegas faz algum projeto de extensão ou de pesquisa que faça alguma relação com a temática ou que tenha a ver com a temática?

Entrevistada: Então, essa temática, ela acaba que ela é fruto de interesses pessoais dos professores, né, embora institucionalmente a gente tenha essa disciplina, a gente precisa até acompanhar se, de fato, os alunos estão fazendo essas disciplinas e incentivá-los. O que me chama a atenção porque eu estava recentemente lendo o projeto, então a disciplina, ela está prevista no PPC para que os alunos façam essa disciplina no departamento de Antropologia, mas a gente precisa acompanhar e motivar. Como a pesquisa... Assim, então, os outros professores, eu sei que não. Já teve um professor substituto que trabalhou e trabalha com essa temática, eu não me lembro o nome dele, porque eu não o conheci. Mas eu sei que ele está... parece que ele está em Goiás, mas eu não sei se a pesquisa dele era de interesse dele ou se ele levou isso para a sala de aula. Isso precisaria ser investigado. Agora, eu tenho trabalhado com a pesquisa nessa direção desde o início do ano. Eu entrei em 2017 e em 2018, no início do ano, eu entrei com esse projeto de pesquisa que é, justamente, verificar se nos acervos das bibliotecas públicas é contemplada essa literatura afro-brasileira. E aí, eu trabalho com literatura. Justamente por entender que a literatura, ela faz parte desse processo de formação do sujeito, do conhecimento de si e do outro e da alteridade. Então, é tentar verificar os autores de literatura afro-brasileira nessas bibliotecas públicas do nordeste. O projeto inicial foi esse. Esse projeto inicial derivou da pesquisa do meu marido que é pesquisador do LiterAfro, que é o Portal de Literatura Afro-brasileira da [Universidade Federal]. Que defendeu a monografia dele em 2013, e aí, ele fez essa pesquisa de levantamento dos autores e das edições das obras em 2013 na biblioteca de Minas Gerais. Quando a gente muda para o Rio Grande do Norte, e aí

instrumentos específicos que abordem a temática. Instrumentos norte-americanos e europeus como a CDD e CDU possuem falhas em como são tratadas as culturas, visto que não retratam suas especificidades.

eu me deparo com uma biblioteca pública fechada, eu começo a pensar que... que há um... O processo, ele tá falhando. E aí, eu queria... por isso eu ampliei essa pesquisa para o Nordeste, mas eu precisava de catálogos online, e aí eu descubro que somente três bibliotecas no nordeste tem catálogos online. E, na verdade, uma eu consigo, de fato, pesquisar que foi a biblioteca da Bahia. Então, a gente fez um levantamento de com sete alunos voluntários, porque eu não consegui bolsa. Mas eu tenho sete alunos que estão efetivamente no projeto desde o início e seriam mais alunos, mas é que fica, de fato, inviável trabalhar com mais gente voluntária e coordenar uma equipe maior, já que eu também estou iniciando na carreira docente. Eu entrei na UFRN em 2017, ano passado. Até então, eu era a bibliotecária, né, de um sistema de bibliotecas em Minas Gerais. E aí, então, a gente faz essa constatação, porque eu percebo nas publicações da área mostrando o quão é importante, né, essa construção desse acervo. E a ideia, então, desse projeto foi de... está em desenvolvimento ainda, de verificar quais são essas lacunas, quais são as obras presentes e quais as obras ausentes, partindo de uma lista pré-definida de obras e de autores. Mas isso é um projeto de pesquisa meu, entendeu? E dos alunos que compõem e do Gustavo, que é pesquisador agora também aqui da UFRN vinculado a Letras. Mas, assim, não é algo que é de fato abarcado por todos, que é levantado por todos, porque... O que a gente quer fazer é iniciar esse movimento que eu acho que a gente já faz com os alunos né, de instigar, de motivá-los a ver, então, esses acervos, porque eles são uma construção e o bibliotecário, ele tem esse poder de desenvolver as coleções.

Entrevistadora: Perfeito, professora! Então, existe um projeto que, de certa forma, trata das culturas africanas, não enquanto curso, mas de uma docente que seria a senhora, né? Qual é o nome do projeto professora?

Entrevistada: “A literatura afro-brasileira nos acervos das bibliotecas públicas do Nordeste”.

Entrevistadora: É um projeto de extensão ou de pesquisa?

	<p>Entrevistada: <i>É um projeto... é interessante essa história, ele está cadastrado como um projeto de extensão, mas ele é um projeto de pesquisa. Ele poderia ser um projeto de extensão se, de fato, eu fosse, né, na comunidade, mobilizasse aí... É uma relação mais direta com a sociedade, que não é o momento ainda, porque a gente está no momento de construção mesmo de pesquisa, de discussão. A ideia é que depois a gente vá a essas bibliotecas, mas aí seria um segundo momento que a gente ainda não pensou, entendeu?</i></p>	
E18	<p><i>Olha o... projetos e legislação, assim, agora assim de cabeça, eu não vou quer saber te dizer. <u>Mas, por exemplo, esse projeto do professor Marcos e outro... têm o projeto da professora Glenda também que vai falar justamente sobre questões africanas e tal e sobre racismo, sobre misoginia,</u> e tal, existem vários projetos na universidade que estão dando conta dessas questões. Não vou saber te nomear exatamente, mas é uma preocupação. Eu sei que é uma preocupação e conheço alguns casos, né? Eu mesmo tentei iniciar um projeto, mas agora, nesse momento de uns dois anos para cá na coordenação de licenciatura, dando disciplinas e ainda fazendo pesquisas e ainda tentando fazer o projeto pro doutorado... E essas mudanças todas que estão acontecendo, eu não consegui concluir. Mas eu descobri, por exemplo, um dado muito legal. No final do ano passado, eu conheci a Alexia, que é uma queridíssima de uma bibliotecária trans. É uma querida, que virou... que se tornou realmente amiga vi segunda vez... duas vezes e já somos, assim, muito próximos, muito amigos. E eu comecei a tentar montar um projeto que eu chamei “Transbiblioteconomia: bota a cara no sol” (risos). Eu tenho alunos que são trans, né? Tive contato com alguns e que... a gente precisa dar conta desse universo, né, tem que conversar com essas pessoas, entender esses processos e o que é complicado para elas e o que é necessário para elas não é? Eu sempre fico muito preocupado com isso, porque, como homossexual, eu sei o que a gente passa. E para o transexual sempre foi muito pior. Muito, muito, muito pior! Então, assim, eu não me preocupo muito com o bibliotecário homossexual, porque eu sei que ele tem já os acolhimentos necessários, agora ao transexual, a gente não tem nada ainda muito claro. Então, a gente precisa ajudar a construir, né? Pelo menos para dar um pontapé inicial, porque, muitas vezes, as pessoas não têm forças</i></p>	<p>Existem projetos de alguns professores que abordam as questões africanas, racismo e misoginia.</p> <p>Quanto à legislação sobre racismo, a considero insuficiente, pois ainda são minimizados os casos de racismo e classificados como injúria racial.</p>

nem para discutir com as instituições, né? Então, acho que cabe a nós, que temos forças para discutir, a gente iniciar o processo de discussão. E aí, com o processo encaminhado, deixar o barco correr e participar ajudando, tentando sempre valorizar a voz de quem tá sofrendo o problema, né? E até, se for possível, se for permitido, orientar no sentido de que possam ajudar de alguma maneira a furar os bloqueios e ir adiante e tudo mais. Às vezes, a gente é um pouco rechaçado, porque: - Ah! Você é branco, privilegiado, parara e tal. - Está usurpando o lugar de fala e tudo. Tá! Eu sou um pouco avesso a esse discurso de lugar de fala. Eu acho que lugar de fala também é um lugar discursivo, que tem seus poderes e tem seus podres como todos os outros. E tem suas utilizações “maléficas” e acabam contribuindo para que pessoas, que são simplesmente oportunistas, utilizem e desvalorize esse lugar de fala. E lugar de fala é um lugar privilegiado e que tem que assumir esse privilégio de uma forma muito responsável, porque passa a falar pela comunidade. Eu acho super importante que todo mundo tenha essa clareza, porque senão a gente se perde nos discursos e acaba fazendo bobagens à toa. Não precisa. Mas, de qualquer maneira, assim, eu acho que o empoderamento das pessoas e tudo, isso é fundamental. Esses projetos de extensão, eu acho que fazem bem esse processo. A questão das legislações para o racismo, eu acho que existe, por exemplo, uma legislação boa, mas que ainda é insuficiente, porque ainda é minimizada quando, por exemplo, você tem um caso claro de racismo, ele é minimizado como injúria racial. E aí, a detenção, que seria inafiançável, se torna uma cesta básica. Para que isso serve? Nada! Para nada! Quando você não consegue colocar uma lei anti-homofobia, anti-lgbtphobia firme para que coisa ande, a gente não tem muita saída. Então, no âmbito da legislação, enquanto a gente tiver uma... uma manipulação tão forte dos valores via esses agentes tradicionalistas mais bobos, mais boçais, o que a gente vai ter é ainda esse espaço universitário um pouco mais preservado. Mas cuidado, porque, olha aí as notícias das bolsas sendo suspensas em função do... justamente do andar do golpe. Foi o que eu postei no... Eu não sei se você viu no meu Facebook, eu postei ali quando saiu essa história. Eu postei: um dos modos de você acabar com a força de um país é você atacar sua biblioteca, o seu arquivo, que é aonde está a memória nacional, o coração do país, a mente do país está ali. E também

	<p><i>as suas instituições de ciência. O Golpe Final! Eu vou matar quem tá produzindo conhecimento e resistência. Conhecimento é resistência! E se eu matar quem tá produzindo conhecimento resistência é o que há. Eu consigo dominar qualquer coisa: as reservas, eu já tô dominando, porque a gente já vendeu a porcaria toda. Agora, o que a gente precisa é subjugar a mente. No final, a gente subjuga o coração. E aí, acabou! Aí, já era!</i></p>	
E19	<p><u><i>Tá. A questão, assim, tem o professor Modesto, que é um professor e atual chefe de Departamento e ele desenvolve projetos de extensão nas comunidades ribeirinhas, tá? Além do que, dentro da [Universidade Federal] existe um grupo de estudo da questão afro e há duas alunas do curso de Biblioteconomia que participam.</i></u></p> <p>Entrevistadora: Mas não é do curso de Biblioteconomia esse grupo?</p> <p>Entrevistado: <u><i>Não é do curso. É da Universidade como um todo. O professor Márcio, que estava conosco participava do projeto, e tem duas alunas do curso de Biblioteconomia que participam. E o professor Modesto promove ações, tanto na Biblioteconomia, quanto nas comunidades mais avançadas que a gente chama na Zona Leste. E aí, é tocada essa questão, que a gente ainda carece um pouco mais. O curso ainda é novo e está se reestruturando a questão de professores, né, Franciele? Assim, óh, para o desenvolvimento de mais projetos de extensão. A gente sabe, a gente tem ciência que a gente tem... que a gente precisa de um maior envolvimento, mas é que, tipo, no momento, a gente tá com cinco professores: têm dois afastados pro doutorado e tem três fazendo o doutorado via de DINTER. E o nosso grupo de professores é entre onze professores, então, cinco professores, literalmente, não estão dentro da universidade, tem só seis. E aí, vamos dizer assim, a gente tá... mudou o currículo está sendo implantado o novo. Então, literalmente, a gente está suando, viu? (Risos). Mas a gente sabe da importância, tá? Eu já fui chefe de Departamento e isso é uma coisa que a gente fez... que a gente tem que desenvolver muito mais projetos de extensão junto com as comunidades, porque a gente prega muito para os alunos também e os alunos posteriormente depois de egressos: - Ah, vamos lá, Professor. Vamos</i></u></p>	<p>Existem projetos de extensão desenvolvidos em comunidades ribeirinhas e há grupos de estudos da Universidade sobre a questão afro, onde participam alunos da Biblioteconomia.</p>

	<p><i>desenvolver ações. Eu disse: - Eu sei, a gente tem que desenvolver ação. - Calma, calma que eu tô chegando lá. Que eu também sou responsável pelo estágio, Franciele. Só um adendo. Então, uma das primeiras coisas, assim que eu cheguei há quatro anos, primeiramente, foi estabelecer políticas de convênio de estágio e, finalmente, no início do ano que a gente tem todos os convênios de estágio com as instituições. Vamos dizer assim: a casa tem que estar arrumada para a gente começar a desenvolver mesmo. Agora o foco nosso, posteriormente, é o projeto de extensão.</i></p> <p>Entrevistadora: Certo. Me diga uma coisa: existem ações afirmativas na sua instituição, Professor?</p> <p><i>Entrevistado: Existem! Existem! Tanto racial... vamos dizer assim, quem melhor poderia falar sobre isso seria nossa Pró-reitora de Extensão que, inclusive, é negra, a professora Marcele, viu? Olha! É muito legal a fala dela, assim. Esses dias, a gente foi em um evento eu e ela, porque ela, vamos dizer assim, é que é o “vulcão da coisa”, assim, dessa do grupo de estudos das ações afirmativas é ela que encabeça tudo. É aquela questão, [cota] não é privilégio! Não é privilégio.</i></p>	
E20	<p><i>Franciele, o Projeto Pedagógico que está em vigor, ele é de 2009. Em 2009 não havia essa norma do Ministério da Educação com essa recomendação com relação à cultura afrodescendente. E nós estamos, agora, em uma fase de elaboração de um projeto pedagógico novo e as questões que foram levantadas pelo MEC na última avaliação que foi em 2015, final de 2015, o resultado eu acho que saiu em 2016. Essas recomendações que o MEC fez de aspectos que ele avaliou que nós não estávamos contemplando, elas estão sendo examinadas. Então, no próximo projeto pedagógico nosso certamente deve constar no próprio corpo do projeto, um desdobramento nas atividades algo relacionado a isto. Há um movimento na universidade, eu diria nas universidades relacionados à questão da flexibilização do ensino que vai favorecer, me parece, a oferta de um conjunto de possibilidades que extrapolam as disciplinas tradicionais, teóricas e práticas e o estágio e acho que está é uma temática que, possivelmente, possa ser atendida por atividades que não sejam apenas as disciplinas tradicionais. Mas a questão é esta: <u>nós estamos em uma fase em que a gente está</u></i></p>	<p>O curso está em fase de reestruturação do projeto pedagógico para contemplar recomendações do MEC, inclusive com relação à cultura afrodescendente.</p>

	<u>examinando, está reelaborando o projeto pedagógico e está reconsiderando essas recomendações que o Ministério da Educação fez, por meio dos avaliadores, quando estiveram aqui.</u>	
E21	<i>Oh, Franciéle, neste momento, nada disso foi passado para mim, tá? Eu andei até pensando nisso há um tempo atrás, mas... às vezes, você já trabalha, você já tem um conhecimento, mas, às vezes, o trabalho de bibliotecário ou o trabalho dentro da universidade é muito grande. Então, até eu conheço muito o professor Marcos Miranda, fomos... assim, tivemos parcerias muito boas e o Marcos sempre... ele é muito ligado à questão, a essas questões, mas... ele é da Unirio, né, mas, assim, dentro da [Universidade Federal], eu ainda não vi isso. Não vi, totalmente voltado para isso, eu não vi. Tem a professora Patrícia Mallmann, que atualmente trabalha com a questão da... do gênero. E aí, eu falei para ela. Eu disse, assim: - Patrícia, eu vou sair do NDE, eu acho que essa disciplina é fundamental e ela tem que ser dada no primeiro período, até, para mostrar aos alunos as várias vertentes. Mesmo que sejam em uma disciplina de Seminário e alguns falam do meio ambiente, porque tem trabalho que falam sobre o meio ambiente, tem trabalho de gênero agora com a Patrícia, mas eu... pelo menos que eu saiba, não tem trabalho sobre as culturas africanas, nada disso.</i>	Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas
E22	<i>[...] Então, o que eu... o que eu conheço, Fran, são prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas no... nas disciplinas, né? Nas disciplinas do curso, mas eu desconheço, por exemplo, que existam normativas, por exemplo, onde eu trabalho, específicas desse... que tragam, especificamente, esse assunto. Eu sei que tem... eu sei que tem... Como eu vou falar? Exigências do âmbito do Governo Federal, né? Obrigam... Como uma obrigatoriedade da inserção dessas temáticas do curso, né? Isso, eu sei. Especificamente eu não saberia te dizer que aparato legal é esse, o número, o número da lei ou alguma coisa assim.</i> Entrevistadora: Sim. Certo, Professora. Então, no âmbito dessas culturas não tem nada que a senhora tenha conhecimento, nem em relação a projetos elaborados por Professores e nada dentro do seu curso, né?	Conheço prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas em disciplinas dos cursos, mas eu desconheço normativas específicas sobre o assunto na Instituição onde trabalho. O que há são projetos relacionados às bibliotecas públicas e a exclusões sociais, que incluem questões raciais.

	<p>Entrevistada: <i>Não, do meu curso não. O que tem... o que tem, não especificamente sobre a questão étnico-racial, mas o que tem são projetos e isso eu tenho... eu tenho ciência são projetos relacionados às bibliotecas públicas e a exclusão social. E aí, inclui também questões de... né? Questões relacionadas a questões raciais, né? Isso sim, isso tem.</i></p> <p>Entrevistadora: E aí, no caso a temática só seria inserida quando, por exemplo, um aluno quiser fazer um TCC, ou algum...?</p> <p>Entrevistada: <i>Isso! Isso? Eventualmente, você vai ter essa abordagem em algumas disciplinas mas... mas, trabalhado como uma disciplina específica, não.</i></p>	
E23	<p><i>Bom, instrumentos legislativos, nós temos alguns instrumentos, só que nós estamos ainda numa discussão periférica, que é a discussão do acesso do indivíduo no espaço, então, o acesso do indivíduo no espaço que a lei de cotas e os programas para cotas, agora isso não se reflete na Biblioteconomia de maneira imediata. Por que? Uma vez que o aluno entra com alguns interesses muito específicos, ele tem uma dificuldade imensa em engrenar a sua temática de pesquisa com as temáticas instituídas. E aí, nós temos que fazer: abre aspas e fazer uma crítica ao próprio... à própria estrutura acadêmica dos projetos de pesquisa, geralmente, são projetos trienais, e da própria instituição de pesquisa pelos programas de pós-graduação via CAPES, que regula as notas dos programas, que acabam engessando um pouco as temáticas de pesquisa, que acabam por engessar ou fechar algumas temáticas de pesquisa. Então, o aluno vem com um interesse específico, só que o professor está vinculado em razão dos compromissos que ele estabelece com as agências de fomento mais com a Universidade, ele tem um tema e ali, ele acaba adaptando o aluno ao tema. Quando não, propondo o tema de acordo com o que ele orienta. E aí, os interesses pessoais, que são transformados na universidade em interesses de pesquisa, já no âmbito profissional, eles são deixados de lado por completo. Então, esses instrumentos que nós temos disponíveis na universidade, eles não se refletem, por exemplo, na questão temática em monografia ou mesmo disciplinas, que é o grande problema. Então, se eu fosse resumir, eu posso dizer que <u>esses instrumentos não têm impacto algum na</u></i></p>	<p>Há alguns instrumentos legislativos, mas eles não possuem impacto algum no aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia. Ainda é realizado de forma isolada a inserção da temática dependendo somente dos docentes e projetos de extensão.</p>

	<p><u>melhoria das condições de discussões e aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia e isso ainda funciona de maneira isolada, ou seja, depende de um docente, depende de algum projeto de extensão, mas isso não é uma política institucional. Lembrando, só para frisar, que as políticas afirmativas que a universidade dispõe não refletem, de maneira imediata, no aprofundamento destas questões no curso de Biblioteconomia, apenas garante a entrada no espaço físico que é a universidade.</u></p>	
E24	<p><u>Não. Isso é uma coisa muito nova, assim. Até essa semana recebemos a visita do MEC para o curso de Arquivologia e foi uma questão que as avaliadoras colocaram, né? Elas colocaram três questões para saber se três temas universais estavam dentro do nosso currículo: a questão dos direitos humanos, a questão étnico-racial e a questão da sustentabilidade. Eu sei que outros professores... elas tinham só meia hora para ficar com a gente, eram quase 30 professores, 25 por aí, que estavam presentes e eu sei que outras pessoas trabalham com esse tipo de tema. Mas, assim, fui eu quem respondi, principalmente, direitos humanos e relações étnico-raciais, falei um pouco da questão de gênero também dentro do que eu dou em sala de aula. Mas projetos de pesquisa, eu não conheço. Não, assim, nenhuma ação normativa, assim, sinceramente.</u></p>	<p>Não há nenhuma ação normativa e desconheço projetos de pesquisa sobre o assunto. Alguns professores incluem os temas de gênero, direitos humanos e relações étnico-raciais, conforme os temas universais do MEC para o currículo dos cursos.</p>

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Tá. Então, em relação à essa professora, em exclusivo, ela tem um livro que é “<u>O negro na biblioteca</u>” é a autora Francilene do Carmo Cardoso. Então, ela tem um livro que foi fruto da dissertação dela, “O negro na biblioteca”, que ela vem trabalhando a questão do negro, né, das... das literaturas africanas e como elas são trabalhadas na biblioteca. É... De resto, assim, eu não tenho como te indicar outras leituras. Só sei essa, porque eu não... eu mesma não trabalho diretamente com essa temática.</i></p>	<p>“O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública.</p>
E2	<p><i>Olha, que eu tenha conhecimento, a professora Jacqueline Cabral tem trabalhado com o grupo LGBTQ+, mas eu não conheço a bibliografia específica do que ela tem introduzido. Outros projetos, eu realmente não conheço. A gente tem conversado sobre isso. A Profa. Marielle [de Moraes] tem um projeto de responsabilidade social que linca um pouco com essa parte, mas ele ainda está no projeto, ele ainda não foi posto em prática. Então, ela também pode ser um nome. Dos demais, eu realmente desconheço.</i></p>	<p>Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com LGBTQI+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz.</p> <p>Quanto a projetos, a Professora Marielle [de Moraes] possui um projeto de responsabilidade social.</p>
E3	<p><i>Sim. Aqui na [Universidade Federal] a gente tem o Centro de Educação que trabalha... é... que tem disciplina, uma disciplina afroorient... Tem várias, né, mas uma delas que tem sido muito referenciada na Universidade é “Educação nas Relações Étnico-Raciais”, mas é uma disciplina voltada para formar professores, né, pedagogos. Mas eu participei dessa disciplina, porque além de já ter feito doutorado e tal, não sei o que, eu faço Ciências Sociais como graduação, né, eu voltei para a graduação em Ciências Sociais. E eu vejo, nessa disciplina, eu vi alunos de vários cursos diversos da Universidade. Então, alunos de Arquitetura, alunos de História, alunos de Geografia, alunos de Ciências Sociais, alunos da Pedagogia. Então, tem um interesse do público discente por esses conteúdos, até para operacionalizá-los de uma forma melhor. E aí, tem essa disciplina e tem vários autores que a gente pode trabalhar dentro de um contexto mais geral, né, falando da história africana, a gente tem a Enciclopédia de [Joseph] Ki Zerbo, a gente tem autores como Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia</i></p>	<p>Existem diversas disciplinas na Universidade, mas uma delas é disciplina de “Educação nas Relações Étnico-Raciais”.</p> <p>Existem vários autores como Joseph Ki Zerbo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González, Amauri Mendes, Amílcar Pereira, Kabengele Munanga.</p>

	<i>González... E aí, a gente tem que fazer uma adaptação para nossa realidade da Biblioteconomia. Que na verdade, eu até falei para você no e-mail, que eu achei a sua pesquisa muito interessante por causa da temática, que é um negócio que a gente está discutindo lá no nosso curso e tem tido, assim, algumas restrições. Eu vou falar restrições, por quê? Porque há um desconhecimento de como operacionalizar esses conteúdos para o curso de Biblioteconomia.</i>	
E4	<i>Então, eu dei uma olhadinha aqui, né, e fui dando uma olhada na bibliografia da disciplina, né. Logicamente, que alguns eu conheço que nem o <u>Gilberto Freyre, “Casa Grande & Senzala”</u>, é uma obra que eu conheço. Tem alguns aqui que eu... Ah, daí tem o <u>Darcy Ribeiro, “O povo brasileiro”</u> que é uma obra de referência. E alguns que ele trabalha mais na bibliografia complementar, né, que eu já não domino. Então, tem... ele cita aqui <u>“História dos Quilombolas”</u>, que daí já é mais específico, né, <u>“A rebelião escrava do Brasil”</u>, do João José Reis. E tem mais alguns: <u>“Os africanos no Brasil”</u>, de Nina Rodrigues... Mas dessa literatura, o que eu conhecia são esses dois, né, então, para mencionar seria “Casa Grande & Senzala” e “O Povo Brasileiro” que traz muito, né, do conteúdo e da especificidade da cultura africana no Brasil.</i>	Conheço os livros: “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre, “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro. “História dos Quilombolas”, “A rebelião escrava do Brasil”, do João José Reis, “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues.
E5	<i>Olha, o que eu tenho tido contato... tenho tido muito contato ultimamente, especialmente, porque eu estou trabalhando agora um trabalho de pesquisa nível de doutorado. E aí, eu tive então que me ausentar um pouco das minhas atividades docentes na minha instituição, considerando que eu estou de licença de quatro anos para poder desenvolver a pesquisa de doutorado que comecei agora, mas que também não tem relação com essa questão, com essa temática. Mas eu tenho visto, por exemplo, colegas trabalhando muito esta questão aqui no doutorado, tem tido uma discussão muito acentuada disso de alguns autores que têm sido apresentados dentro deste contexto, mas especificamente <u>na minha prática docente tive contato com autores de língua portuguesa africanos, mas que trouxeram uma percepção, uma sensibilidade, vamos dizer assim, para o entendimento dessa questão.</u> E tenho trabalhado também, um pouco... Mas a título de curiosidade mesmo, de ter ido buscar dentro dos estudos culturais alguns autores que trabalham com esta temática específica tanto na questão das africanidades, da cultura negra, como também na questão de gênero e tenho</i>	Na minha prática docente tive contato com autores africanos de língua portuguesa que trouxeram a percepção e sensibilidade para entender a temática.

	<p><i>lançado isso. Então, eu tenho sim ido buscar outros autores, tenho colocado isso dentro do meu acervo de informações e de conhecimento, para eu poder movimentar um pouco essas ideias e trabalhar um pouco essa dimensão também enquanto aluno de doutorado e também futuramente enquanto Professor formador de bibliotecários.</i></p>	
E6	<p><i>Para graduação, a gente... como é o primeiro momento que esses alunos e essas alunas estão discutindo sobre esse tema de raça e desenvolvimento de um agente político que tem contribuído muito para a inserção dessa temática dentro da Educação, eu tenho trabalhado muito com o surgimento e a criação do movimento negro brasileiro e as suas contribuições. <u>Aí, para esse tópico específico, a gente tem trabalhado muito com o Amauri Mendes, Abdias do Nascimento, Lélia González...</u> eu estou tentando trazer à memória os mais clássicos e o filho do Amauri Mendes... Como que é o nome dele? <u>Amílcar Pereira</u>. Que faz um percurso... publicou um livro, uma tese sobre o mundo negro, e aí, apresenta todo o contexto do surgimento do movimento negro contemporâneo, e aí, por diante. Então, para discutir raça, a gente tem trabalhado com <u>Kabengele Munanga</u>, que trouxe para o país... Ele não é brasileiro, mas trouxe para o país uma discussão muito importante dessa mistura, dessa compreensão da construção de raça e a importância que o movimento negro se utilizou desse conceito a partir de uma posição política e social, entre outros. E aí, para poder a gente trazer para dentro da Biblioteconomia, a gente precisa trazer outros conceitos e tentar fazer algumas ligações. E para essas ligações, no sentido de mediar essas informações, no sentido de facilitar o tratamento dessas informações para um tipo específico de usuários, que é a população negra, a gente tem trazido também os conceitos de mediação da informação, pelo Miranda, o que se fala sobre comportamento informacional e estudos de usuários pela Campello. E aí, precisamos trazer a discussão de raça nesse sentido. O que é importante também, principalmente nessa disciplina que a gente utiliza muito, são os materiais e as Produções científicas da Professora Mirian Aquino. <u>A Professora Mirian Aquino, ela não é bibliotecária, acho que ela é pedagoga, mas ela tem contribuído muito para a Ciência da Informação e Biblioteconomia.</u> Ela era professora da Paraíba quando ela estava em exercício, e aí, quase todas as produções da professora na Pós-graduação em Ciência da Informação e também seus orientandos,</i></p>	<p>Existem vários autores como Joseph Ki Zerbo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González, Amauri Mendes, Amílcar Pereira, Kabengele Munanga.</p> <p>Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação.</p> <p>“O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública.</p> <p>A professora Joselina da Silva, militante do movimento negro ministra a disciplina “Informação e Movimentos sociais” e teve um projeto financiado pelo CNPq que avaliava acervos de bibliotecas escolares do Ceará no que se refere à Lei 10.639. Existiram experiências também na UDESC com trabalhos voltados à inserção</p>

tanto de graduação, quanto de Mestrado e de Doutorado, tem desenvolvido materiais que nos ajudam a refletir sobre a posição do bibliotecário e da bibliotecária e do cientista da informação e da cientista dentro do campo das relações raciais. Então, quase todos os artigos dela que falam sobre a inclusão do negro e da negra na sociedade da informação, herdeiros intelectuais dela como o Henry [Poncio], que vem discutindo o conceito de informação étnico-racial, o Jobson [Francisco da Silva Junior] e a Leyde Klebia [Rodrigues da Silva] que utilizam também o conceito da informação étnico-racial dentro de suas abordagens de pesquisa. Porque dentro da Biblioteconomia, é muito importante a gente apresentar para nossos alunos e nossas alunas referências de profissionais e bibliotecários e bibliotecárias que já venham discutindo esse tema. E esses são alguns dos trabalhos de referência. Os meus trabalhos também durante a graduação, trabalhos de algumas amigas minhas, o trabalho da Francilene Cardoso que fala sobre o negro dentro da biblioteca, da biblioteca pública. E aí, esses são alguns materiais que a gente tenta discutir em sala de aula e possibilitar um olhar crítico para esses alunos e essas alunas a tentarem a seguir o mesmo caminho, tentar inserir essa população que, por muito tempo, está invisível no que se refere ao acesso à informação. De projetos, existiam os projetos da professora Joselina [da Silva], com um projeto financiado pelo PIBIC, do CNPq, que avaliava os acervos das bibliotecas escolares lá do Ceará, avaliava também os acervos das bibliotecas públicas no que se refere à lei 10.639. Também existem outras experiências no sul do país que existem na UDESC, que vem trabalhando de forma efetiva também na inserção dessa temática na Biblioteconomia. E aí, a gente utiliza vários artigos das pesquisadoras e dos pesquisadores daquela universidade, sobretudo aqueles artigos que falam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB. E aí, é muito importante a gente apresentar para os nossos alunos e nossas alunas essas experiências significativas de que o bibliotecário e a bibliotecária podem trabalhar nesses lugares e contribuir de forma efetiva para o acesso da informação. Ah, e na “Universidade F” também existe uma disciplina. No PPC, fala que existe uma disciplina de “Africanidades”, alguma coisa do tipo, mas na prática de onde eu venho, eles não tinham essa disciplina. Então, a professora Joselina [da Silva], militante do

da temática na Biblioteconomia. Há ainda, artigos de pesquisadores que abordam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB.

	<p><i>movimento negro em nosso país, ela tem feito a disciplina de “<u>Informação e Movimentos sociais</u>”. E nessa disciplina, a gente tinha discutido sobre a importância do movimento negro, das questões de raça, e aí, inseria os conteúdos da Biblioteconomia, mesmo ela não sendo bibliotecária. E por isso que os seus herdeiros intelectuais, que sou eu e algumas amigas que são bibliotecárias, que continuam discutindo a temática. Então, a partir de um grupo de pesquisa dentro da universidade, coordenado por essa professora e a de uma disciplina também ministrada por essa professora, que despertou o olhar e a preocupação em também discutir a temática.</i></p>	
E7	<p><i>Então, Franciéle, nós, como eu digo, assim, como a gente está começando a fazer esse movimento em sala de aula, eu acho que vai chegar esse momento em que... Agora que a gente já tem, talvez, aí uma primeira turma mais sensibilizada para essas discussões, acho que agora, sim, talvez a gente comece a produzir e indicar materiais para a gente colocar em sala de aula, para a gente colocar como objeto de pesquisa. <u>Eu vou ser muito sincera, assim, tirando a professora Petronilha [Beatriz Gonçalves e Silva] daqui e tenho conhecimento de pouca... ainda muita pouca coisa em relação a tudo que ela já produziu, nós não temos uma bibliografia de autores africanos para a discussão em sala de aula ou que traga discussões sobre o contexto africano. Isso não foi assumido como bibliografia. Como isso foi provocado aos alunos, eles trouxeram essas percepções. Muitas autoras até femininas do universo africano, trouxeram, mas... não que isso seja vista como uma bibliografia do curso a ser assumida. O que a gente estudou foram autores que ainda antecedem um pouco, talvez, essa discussão mais direta. Por exemplo, uma autora que a gente acabou estudando nessa disciplina foi a própria Carolina de Jesus sobre literatura marginal. Mas, enfim, o livro dela não está lá na bibliografia do curso, foi uma autora que os alunos identificaram e sentiram necessidade de conhecer um pouco mais o seu texto, mas nada muito direto e pertencente ao programa de grade curricular. Mas, o que eu estava dizendo anteriormente, é que nós acabamos estudando um pouco o próprio conceito de identidade cultural, do Stuart Hall; a gente estudou um pouco o próprio conceito de culturas híbridas do [Néstor García] Canclini; a gente estudou um pouco o conceito de hegemonia cultural do [Antonio] Gramsci, nós estudamos um pouco o conceito de</u></i></p>	<p>Nós não temos uma bibliografia de autores africanos para discussão sobre o contexto africano em sala de aula. No entanto, por conta das percepções e necessidades dos alunos, estudamos autores e autoras que não estão na bibliografia do curso, como é o caso da autora Carolina de Jesus sobre a literatura marginal, do autor Stuart Hall com o conceito de identidade, do autor Néstor García Canclini e o conceito de culturas híbridas, do conceito de hegemonia cultural do Antonio Gramsci e conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu.</p> <p>Tenho conhecimento da produção da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.</p>

	<p><i>capital cultural do Pierre Bourdieu. Então, esses conceitos que foram estudados na disciplina de “Leitura e Cultura” para abrir o espaço para que essas outras literaturas, esses outros autores e essas outras bibliografias pudessem chegar até o nosso curso. Então, como eu digo, assim, a gente precisa chegar a essa pergunta que você me fez. E chegar... Logo ter condições de incluir esses autores ou essas discussões como bibliografia do nosso curso. Mas, por enquanto, a gente está numa etapa... essa etapa de entender um pouco o contexto de formação cultural, de formação desse nosso leitor brasileiro que é diferente dos outros lá fora para sensibilizar esses alunos de que nós precisamos trazer esses autores, essa literatura africana, indígena e etc. Então, a gente tem esse conjunto de autores que não são os autores que falam sobre cultura africana, mas que tem potencial, para que na hora que nós tivermos mais condições, mais conhecimentos... A gente precisa aprender ainda a identificar melhor esses autores e essa literatura para que, com tranquilidade, a gente assuma com mais propriedade esses saberes, essas publicações, que a gente consiga fazer isso de um modo apropriado, tá certo? E aí, tudo se intera com o que, de fato, acontece, tá? Porque eu poderia trazer aqui um conjunto de textos que a gente discutiu, mas, de fato, eles não se configuram ainda como leituras que a gente indica. Não é. A gente está ainda tentando ver como fazer esse movimento.</i></p>	
E8	<p><i>Eu posso indicar... Assim, agora, eu não sei de cor a legislação, né, o número. Se é a 12.000 não sei o que lá, por que é tanta legislação que a gente tem em vista... Mas assim, como eu falei para você, como eu não sou pesquisadora e militante dessa área, porque eu me envolvo muito com as questões relacionadas à formação de leitores e tudo mais. Então, eu trabalho muito com o que os colegas me indicam, né? Principalmente o professor Erinaldo [Dias Valério] que indicou, principalmente porque eu estou com esses estudantes. Mas uma leitura interessante que é uma mais voltada a área literária, mas que é produto de estudo de um dos meus orientandos é a <u>biografia do Malcom X</u>. Então, aí, gente tem lido, mas o que a gente tem se apegado muito são as legislações dessa área. Para essa disciplina que eu dou o que é “Teoria da Ação Cultural”, eu utilizo o Darcy Ribeiro, que não é um escritor negro, não foi... não era negro, no caso, mas eu acredito que trata, apesar de algumas críticas até</i></p>	<p>Não sei de cor a legislação, pois não sou pesquisador/a e militante dessa área.</p> <p>Tenho trabalhado com o que os colegas me indicam. Uma leitura que indico aos meus orientandos é a biografia do Malcom X. Na disciplina de Teoria da Ação Cultural utilizo a obra “O povo brasileiro” do Darcy Ribeiro por conter elementos interessantes para discutir a questão indígena e a questão negra. Utilizo ainda,</p>

	<p><i>mesmo dos meus colegas que têm algumas críticas com relação ao Darcy Ribeiro, mas eu vejo que “O povo brasileiro”, a obra dele, traz elementos muito interessantes para a gente discutir aí sobre a questão indígena e a questão negra no país. Então, eu trago esse. E tenho um material também que foi produzido pelo MEC, que é o “Da Cor da Cultura”, que traz... tem documentários, tem vários vídeos aí que nos ajudam também no decorrer da disciplina.</i></p>	<p>a obra “Da Cor da Cultura” com documentários produzidos pelo MEC.</p>
E9	<p><i>Eu costumo utilizar nas minhas disciplinas quando... atualmente, fazem dois anos que eu não ministro essa disciplina, porque quando eu falei... eu estou na coordenação do PPG, mas quando eu sair da Coordenação, eu vou pegar a [disciplina] História da Cultura. Então, na História da Cultura sempre introduzo algumas questões do negro, em relação a negros. Eu gosto muito de utilizar o Florestan Fernandes, que é o “Significado do protesto negro”, gosto bastante de utilizá-lo. E tem também um autor, na verdade é um livro que fala de um autor que é o Amílcar Cabral. Onde o Amílcar Cabral, ele fez toda digamos assim uma... Como que eu vou dizer? Ele adaptou, na verdade, algumas questões do negro para colonização, contra o regime de espoliação colonial, contra os assassinatos de negros para o Partido Africano da Independência de Guiné Bissau e Cabo Verde. Eu gosto muito de utilizar esse livro sobre o Amílcar Cabral em paralelo com à nossa história da escravidão que, diferentemente do Brasil, nós temos muitos autores, temos muitas pessoas que fizeram movimento abolicionista, mas no nosso país, nós não temos uma tradição de escrita desses autores. Então, nós temos um movimento fortíssimo abolicionista, nós temos um movimento fortíssimo dos negros na imprensa, em jornais, com artigos, com livros. Mas nós não temos o que? Uma consolidação do pensamento negro em relação a isso, porque nossas lutas sempre foram muito... Nossa luta do negro e populares sempre foram muito reprimidas violentamente no Brasil. Isso a gente não pode negar. Então, assim, eu gosto de fazer esse paralelo e eu gosto de chamar atenção, quando eu estou falando de História da Cultura, para esses registros. Eu sempre de... brinco com os meninos, a gente pega aquele jornal “Redenção”, que é um jornal abolicionista e poucos negros escreviam no “Redenção”. Então a gente vai vendo esses registros que os negros fizeram. Isso na</i></p>	<p>Em disciplinas introduzo o livro “Significado do protesto negro” de Florestan Fernandes. O autor Amílcar Cabral é utilizado em paralelo à história da escravidão do Brasil, além do jornal abolicionista “Redenção” e os registros feitos por negros.</p> <p>Angela Davis é lida para tratar do movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher negro/a avançam, a sociedade inteira avança.</p> <p>Abordo também sobre a Carolina de Jesus, por ser uma leitura necessária para se tomar consciência de algumas questões como ser negro, pobre e morador de rua.</p>

	<p><i>disciplina de História da Cultura, na disciplina de Esquemas de classificação, <u>eu introduzo essas temáticas a partir de alguns livros que tratam do movimento negro, da mulher, agora eu tenho usado muito Angela Davis., porque eu sempre pego a visão classista. E tento fazer, por exemplo, ano passado os estudantes fizeram para mim um trabalho comparativo entre a CDD e a CDU e onde é que estava a mulher negra. Ou seja, não tem quase nada ou está lá na Biologia, né? Assim, são essas coisas e questões que a gente encontra. Então, eu gosto de utilizar esse tipo de referências com relação à Carolina de Jesus, eu acho assim, sempre que eu estou em aula sobre classificação ou então na História dos Registros do Conhecimento, eu falo da Carolina de Jesus, que é pobre, negra, moradora de rua, né, era moradora de rua. E é uma leitura, assim, extremamente necessária, eu penso, para se tomar consciência de algumas questões, então, eu sempre introduzo ou gosto de introduzir a partir desses autores, tá?</u></i></p>	
E10	<p><i>Sim. Eu acho que sim. Talvez, eu <u>fico pensando que seria tão interessante trabalhar com... na verdade seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes. Para ficar bem no meio tradicional. Se eu chegasse com um determinado número ou uma coleção de minuta, apenas para o exercício, de obras que pertencem... cujo os autores pertencem a outros espaços e a gente começasse a pensar como que, por exemplo, nós iríamos construir números de classificação para determinadas obras, por exemplo. Iríamos trabalhar com literatura de alguns outros países, de alguns países da África. Então, um romance “O alegre canto da perdiz”, de uma escritora que é de Moçambique que é a Paulina Chiziane. Como será que eu trabalharia a classificação desses livros nos esquemas mais amplamente utilizados, em uma CDD ou CDU? Eu concordaria em ainda classificá-los como outras literaturas? E elas ficar alijadas, né? Porque elas vão ficar lá depois da esquina, depois de tudo, a literatura moçambicana será outras literaturas. Porque o sistema de classificação não prevê que aquele continente, né, que aquele é um continente que tem mais de 50 países. Aí, eu poderia fazer o mesmo exercício talvez com uma obra de um filósofo de qualquer que seja o país da África. Então, tem um filósofo interessante do Camarões, um camaronês que o nome dele é Achille Mbembe, que tem uma obra bastante importante, mas que eu citaria, por exemplo, Crítica da Razão Negra. Eu classificaria muito bem Filosofia</u></i></p>	<p>Seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes em como pensar a classificação de literaturas de outros países e países de África a partir dos sistemas de classificação mais utilizados como CDD e CDU.</p> <p>O livro “O alegre canto da perdiz” da escritora moçambicana Paulina Chiziane.</p> <p>Há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra”.</p> <p>Há o escritor angolano José Luandino Vieira e suas obras.</p>

Grega, Filosofia Italiana, os clássicos Pré-Socráticos, os Socráticos e etc., mas o filósofo camaronês, eu classificaria em que? Em outras filosofias? É isso? Já pensando que nós teríamos que superar a fase de discutir se, o que para mim é uma tremenda bobagem, se África tem filósofos. Só em cogitar pensar nessa questão, a gente já escancara qual é a nossa afiliação, o que formou parte da nossa mentalidade, não é? Então, eu te dei um exemplo de um romance de uma escritora, que aí vai mexer com outros dogmas, né, da nossa... da estrutura que nos formou, né, porque a gente também é parte de um processo, né? De uma escritora moçambicana, uma obra de um filósofo, historiador, mas um filósofo de Camarões, né? Para bagunçar um pouquinho, uma obra de um escritor angolano José Luandino Vieira, que tem uma obra importantíssima, vasta, e que em regra geral, a gente encontra por aí como... porque o texto está escrito em português, porque a língua oficial é a língua portuguesa, a gente vai encontrar, por exemplo, as fichas catalográficas que vão colocar alguns dos termos lá, dos descritores como literatura portuguesa. Quando o erro não for mais crasso e a gente vai encontrar como literatura brasileira, mas não é. Em que lugar nas nossas bibliotecas ficarão as obras literárias, por exemplo, de Angola? Em outras literaturas? E aí, eu posso continuar a te falar uma série de outras. Eu vou te falar o porquê de poder te listar um monte: é porque eu fiz meu mestrado e doutorado em Literaturas Africanas, em Letras, mas eu estudei Literaturas Africanas. Aí, no doutorado, especificamente, eu me dediquei a uma parte da obra em prosa de dois autores da Guiné Bissau, então, eu andei, assim, tem uns oito anos que eu estou mexendo com essas coisas, tentando estudar outras correntes de pensamento que trabalham as Africanidades, mas que sejam produzidas por africanos e não alguém falando por eles ou sobre eles, porque isso a gente encontra muito tranquilamente. Então, vou ficar nesses três exemplos, tá? A escritora moçambicana, o filósofo do Camarões e o autor e escritor angolano. A gente teria que ter muito tempo (risos). Porque aqui eu estou relativamente em uma zona de conforto, mas por isso eu digo a você, Franciéle, que me incomoda o seu objeto de pesquisa, porque eu vejo eu estou com a possibilidade atuar de uma outra forma, mas se não fosse a sua provocação, eu não teria atentado sequer para isso. Pelo que eu te agradeço e por isso fiz questão de te procurar.

E11	<p><i>Eu tenho um artigo que saiu no livro recém-publicado <u>“Bibliotecários Negros: ação, pesquisa e atuação política”</u> onde eu faço um recorrido sobre os fundamentos sociais e étnico-raciais no Brasil. Eu, ao longo dos meus estudos, minha graduação em Biblioteconomia, meu mestrado em Ciência da Informação e no Doutorado em Serviço Social, eu fui estudar no doutorado a formação social brasileira. A compreensão de vários autores sobre o que é o Brasil e como ele pode se desenvolver e a questão racial nisso. E tem autores, assim... Nós recomendamos autores pretos ou não nesse artigo que eu estou mencionando. <u>Tem autores como Gilberto Freyre, livro “Casa Grande & Senzala”, que nós temos críticas fortes com relação a muitos desses argumentos desse autor, no entanto, é importante ler para compreender como pensa e como pensava a elite naquela época já que ele era filho e descendente de fazendeiros escravocratas. Mas tem um autor fundamental que é o Clóvis Moura. Homem negro, com toda uma história de luta e luta político-partidária, foi do PCB, mas ele também saiu porque a leitura de Brasil dele implicava pensar o negro, coisa que nem todos daquele partido estavam preocupados naquela época. Então, Clóvis Moura tem alguns livros: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão?”, que mostram o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro. Esse autor mesmo tem outros textos muito interessantes sobre quilombos, falando sobre a nossa história. Uma história de resistência que a gente também precisa conhecer muito, nós da Biblioteconomia e os nossos alunos, porque é a conhecer a nós mesmos, né? E quando eu falo nossos alunos, não só os alunos negros e negras, mas também alunos brancos, porque falar da história do negro no Brasil e da questão racial não é uma questão só para negros, né, mas é uma questão para toda a sociedade brasileira. <u>Tem uma feminista negra Ângela Davis, que ela diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se falar das questões raciais. E que quando o negro e a mulher negra avançam, toda a sociedade avança. Então, essa é uma concepção importante para a gente resgatar. Falar da questão racial como todos nossos alunos independentemente de cor, raça e origem social. Além disso, tem autoras da literatura. Hoje tem uma gama de literatas e literatos, de escritores negros e negras de periferia que a gente precisa conhecer na Biblio. Maria Fermina dos Reis,</u></u></i></p>	<p>“Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” de Franciéle Carneiro Garcês da Silva e de Graziela dos Santos Lima é um livro sobre bibliotecários negros.</p> <p>“Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre possui algumas críticas fortes com relação a argumentos do autor, no entanto é importante a leitura para compreensão do pensamento da elite da época e a atual.</p> <p>Um autor fundamental é Clóvis Moura, homem negro com uma história de luta e de luta político-partidária. Possui alguns livros como: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão” que abordam o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro.</p> <p>Angela Davis é lida para tratar do movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher</p>
-----	---	--

já citei algumas, mas as mais contemporâneas, a Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outras. Ainda entre os acadêmicos tem um autor que foi do Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, que foi Abdias do Nascimento. Abdias do Nascimento tem uma produção larga e reconhecida no mundo todo, principalmente no Brasil e nos Estados Unidos é conhecido quanto à sua produção. Tem a feminista negra, Lélia González. Lélia González é uma mulher negra que foi professora da PUC, ex-empregada doméstica, professora da PUC-Rio de Janeiro e chegou a ser coordenadora do curso quando veio a falecer por razões de doença, de saúde. Lélia González também tem uma produção grande que somente agora vem sendo sistematizada, ela tem artigos, ensaios publicados em anais de congressos e eventos ou meses de debates e agora, eu não lembro qual é a editora, mas uma editora resolveu reunir todos os escritos de Lélia González e, portanto, irá publicar e o lançamento está previsto para esse mês de agosto. Tem a Beatriz Nascimento, que é uma mulher negra também, intelectual e historiadora. Quando a gente fala, por exemplo, de quilombo urbano... a história dos quilombos e de quilombos urbanos no Brasil e de que os quilombos eram, em certa medida, reprodução das experiências africanas... esse é um conhecimento que foi construído pela historiadora Beatriz Nascimento. Beatriz Nascimento foi uma mulher negra que foi... se graduou em história na UFRJ e lá também estava fazendo uma pós-graduação quando foi assassinada por um homem onde ela estava... que estava agredindo a sua companheira e a Beatriz Nascimento entreviu. Tem um livro lindo organizado pelo Alex Ratts, chamado “Ori” e o vídeo também chamado “Ori” que pode servir de para nossos estudos. Existe um site chamado Geledés, que é um site sobre mulheres negras que lá são publicados diferentes artigos sob diferentes aspectos das pautas das mulheres negras na área da saúde. Ainda sobre a quarta questão, acabou de sair também uma Coleção chamada Feminismos Plurais, coordenado por uma intelectual negra chamada Djamila Ribeiro. A Djamila reuniu alguns intelectuais negros e negras para discutir questões sociais a partir dessa vertente da questão racial. Então, saíram vários livros, vários materiais que servem de fundamento para discutir o racismo e o racismo na sociedade brasileira. Tem, por exemplo, o livro ‘O que é lugar de fala’, que é de autoria da Djamila, tem ‘O que é encarceramento em massa’,

negro/a avançam, a sociedade inteira avança.

Há também uma gama de literatos/as e escritores/as que precisam ser conhecidos/as na Biblioteconomia como Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outros. Autores acadêmicos como Abdias do Nascimento, Lélia González, Beatriz Nascimento, Alex Ratts.

Há um site sobre pautas das mulheres negras chamado Gelédes.

Acabou de ser publicada a Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, que reuniu intelectuais negros e negras para discutir racismo e silenciamento na sociedade brasileira.

	<i>da Juliana Borges, tem “O que é empoderamento” de outra autora e “O que é racismo estrutural” escrito por um jurista negro chamado Silvio Almeida.</i>	
E12	<i>Pois é, essa é a dimensão. Do ponto de vista das culturas afro-brasileiras, aqui a gente tem... a gente trabalha mais com palestras, então a gente... eu nunca fiz um estudo nesse NEAB, o Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, são disciplinas que são ofertadas para a formação, mas o curso completo, não dá para fazer a disciplina lá de forma isolada, sabe? No departamento eu estou tentando criar essa possibilidade de alguns professores que, principalmente aqueles que vão assumir as disciplinas que tratam dessa temática, que façam esses cursos para ter esse tipo de informação, principalmente <u>autores mais voltados para a questão da discussão afro-brasileira, eu não conheço e nunca trabalhei com nenhuma disciplina minha.</u> Então, a gente tem professores que a gente sabe que trabalham com isso, mas que trabalham com essa dimensão específica. Específica, não. Eu sei que você e o Gustavo acabaram de lançar um artigo agora e o livro também de vocês aí em Santa Catarina que foi até apresentado no evento do Painel em Santa Catarina, eu gostei disso, <u>mas eu, de fato, não conheço os autores que lidam especificamente.</u> E trabalhando com o Professor Gustavo Ford que trabalha muito com isso no Núcleo de Estudos Afro-brasileiros, mas a gente não tem esse trabalho na bibliografia da disciplina que construiu.</i>	Eu não conheço autores que lidam especificamente com a discussão afro.
E13	<i>Ah, <u>eu conheço a Joselina da Silva.</u> Essa daí, eu indico logo em primeiro lugar que foi a grande responsável aqui por qualquer trabalho que a gente tenha feito aqui na [Universidade Federal], antes, [Universidade Federal] - Campus Cariri, foi através dela. Tem também a <u>Cícera Nunes,</u> que é da URCA [Universidade Regional do Cariri], que ela todo ano, ela faz um... ela tem um evento chamado “Artefatos da cultura negra” que é muito importante para... e ela envolve a região inteira. Tem o <u>Henrique Cunha da UFC,</u> esse eu conheço... Esse eu nunca li nada dele, na realidade, mas eu conheço esse aí, que ele é um teórico da área também. A <u>Edileuza Gomes</u> de Brasília. Tinha a Miriam Aquino na UFPB, mas ela se aposentou. E ela não está bem saúde, então não está mais trabalhando nessa área. Eu conheço um grupo até grande, assim, de pessoas é que agora eu não me veio muito bem à cabeça. Mas tem professora Zuleide</i>	Conheço a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério e Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino que produzem e/ou abordam a temática em sala.

	<p>da URCA também, <u>Zuleide Queiroz</u>, que inclusive, ela é sempre chamada para as nossas bancas quando envolvem a temática de Cultura, memória e questões raciais, questões de cultura afrodescendente, enfim. Tem esse pessoal que eu conheço. Não posso deixar de citar o <u>Erinaldo Dias Valério</u> que é professor da UFG, que foi nosso aluno aqui e que hoje é um ativista também da área e a <u>Dávila Feitosa da Silva</u> que também é.</p>	
E14	<p>Bom, vamos lá na penúltima, né, Franciéle, você me pegou um pouco de surpresa, mas deixa eu lhe dizer logo de saída: nós temos aqui na nossa universidade o <u>Centro de Estudos Afro-Orientais</u>, tem uma revista <u>Afro-Ásia</u>, que é uma das revistas mais importantes, acho que ainda está no SciELO. E além do Centro de Estudos Afro-Orientais, quer dizer que é um órgão suplementar da Universidade que reúne pesquisadores, a gente tem a Editora da [Universidade Federal]. Se você abrir o catálogo da EdUFBA, você vai ver a quantidade de autores que têm se debruçado sobre o tema enfocando diversos aspectos da própria... da questão das raízes, da questão do Candomblé, muita coisa de Candomblé, da culinária, de costumes, da questão do racismo... Então, tem de tudo. Agora, para eu lhe dizer um autor, eu já não me lembro. Eu estou me lembrando de um deles que, inclusive, foi diretor-presidente do Centro de Estudos Afro-Orientais e que ele, inclusive, tem um terreiro de candomblé. Ele é um Ogã, chama-se... aí, vou me esquecer o sobrenome, Julio... Esqueci! Mas eu posso fazer o seguinte: eu posso ver e lhe mandou isso por e-mail. Tá certo? Não sei se serve para entrevista eu lhe mandar algo por escrito, mas eu acho que é importante. Inclusive eu tenho alguns aqui em casa e tem um desses livros que, inclusive, eu fui revisora, que é muito interessante que é sobre Candomblé, mas é o de Cachoeira, que é uma... a cidade de Cachoeira, uma cidade histórica aqui da Bahia e que tem um grupo de Candomblé, que é dos mais tradicionais, dos mais antigos, que é a Comunidade da Boa Morte.</p>	<p>Há o Centro de Estudos Afro-Orientais e a revista científica Afro-Ásia. A Editora da UFBA possui publicações sobre diversos aspectos como o Candomblé, culinária, costumes e racismo.</p>
E15	<p>Nossa, acabei de ler um tão bom! Eu até dei para os meus alunos de estágio para lerem. É que eu procurei de formação de bibliotecário e não conhecia esse artigo aqui ó, vê se você conhece.... cadê... cadê... É que está no meu programa de estágio, deixa eu ver. Aqui! <u>Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar</u>, conhece? [...] Chama</p>	<p>“O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da</p>

	<p><i>“O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação”. Está na Revista Digital [de Biblioteconomia e Ciência da Informação], se quiser eu posso passar para você por e-mail. [...] E é novíssimo. Desse ano, de Biblioteconomia e Ciência da Informação de Campinas. Esse já está no nosso NDE para estudo, até porque, agora nós estamos mudando... atualizando novamente o nosso currículo e ele vai como referência no nosso... na nossa atualização de currículo. É muito bom esse artigo.</i></p>	<p>informação” de Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar.</p>
E16	<p><i>Olha, eu recentemente editei um livro que foi lançado pela ABECIN e está até lá na página da ABECIN e é super legal, né, tem tanta coisa lá dentro assim muito bacana, que foi organizado pela Daniela [Spudeit] e pela Marielle [de Moraes] [Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI], né, e eu penso que isso também... quer dizer, a publicação de livros que vão discutir essa temática é muito importante. Acho que começa a aparecer na literatura brasileira agora, pelo menos. <u>Eu conheço assim, teses, eu conheço teses que discutem isso, mas livros, eu acho que, na área, foi o primeiro. Não sei se eu estou errada, mas eu acho que foi o primeiro livro que traz essa discussão, sabe? E também acho que isso é um amadurecimento, que pouco a pouco isso vai começar a aparecer já que o grupo de pesquisadores no âmbito da Pós está aumentando e trazendo isso. Então, eu vejo que é uma questão de tempo nós termos mais literatura. No âmbito da história, por exemplo, também temos pouca coisa, por incrível que pareça. Os nossos historiadores poderiam trabalhar bem esse tema, a gente também vê pouca literatura. A gente vê teses também, dissertações, mas livros publicados são poucos também.</u></i></p>	<p>A publicação de livros que discutem essa temática é muito importante. Eu conheço teses, mas quanto a livros sobre o tema, eu acho que “Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI” de Daniella Spudeit e Marielle de Moraes editorado pela ABECIN foi o primeiro a abordar a temática.</p>
E17	<p><i>Assim, de modo geral ou não?</i></p> <p>Entrevistadora: Pode ser de modo geral, o que a senhora conhecer.</p> <p>Entrevistada: <i>Ah tá. Óh, a gente tem trabalhado com... Primeiro assim, da área da Biblio, eu destaco o trabalho... o seu trabalho, que você tem feito, porque recentemente foi publicado um trabalho até envolvendo acervos. E aí, a gente vai colocar na</i></p>	<p>“O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública.</p> <p>Homi Braba e o livro “O local da Cultura”.</p>

<p><i>discussão, então, um artigo que vocês produziram. <u>Tem “O negro na biblioteca” também que é de uma colega, uma bibliotecária chamada... Eu tô lembrando sobrenome agora que é Cardoso.</u> Ela também fez um TCC e depois eu acho que dissertação. Então, isso são alguns autores da área da Biblioteconomia. Agora, assim, de um modo geral, a gente tem trabalhado com o... estou tentando lembrar... o <u>Homi Bhabha, embora seja um pouco difícil, a gente está fazendo essa leitura do “O local da Cultura”.</u> A gente está fazendo uma discussão crítica para mostrar a questão da cultura com Gilberto Freyre para que... eu até mencionei das... sobre essa miscigenação, mas a gente está questionando do jeito que ele coloca, né, no livro dele <u>“Casa-grande & Senzala”.</u> A gente tem também o Renato Ortiz sobre identidade e cultura. Deixa eu ver quem mais... Bom, eu estou assim até um pouco gaguejando, porque como eu te falei algo novo, sabe, assim? Eu estou lendo e, se pudesse mandar, eu mandava, mas eu estou...pode não?</i></p> <p>Entrevistadora: Não pode, Professora. Tem que ser assim, na hora que a senhora pensa e a senhora vai me dizendo alguns. Está tranquilo. É justamente para eu compilar depois e ver quais os autores que foram pensados na hora da entrevista, porque a entrevista é surpresa.</p> <p>Entrevistada: <i>É. Então, mas eu também não queria comprometer a sua pesquisa entendeu?</i></p> <p>Entrevistadora: Não, não tem problema. A senhora pode falar o que a senhora lembrar.</p> <p>Entrevistada: <i>Tá. Então, eu vou com a “Crítica da Razão Negra”, do... eu só não sei se... Eu sei falar o nome dele: o Achille Mbembe. Agora, tem também a Djamila [Ribeiro] também. Eu não li, mas a gente, assim, assisti alguns vídeos sobre ela e dela falando sobre o silenciamento. Deixa eu ver o que é mais... Acho que... só assim, a nossa ideia também é ler literatura como a do Allan da Rosa, que recentemente foi o último livro de literatura que eu li “Zumbi Assombra Quem”, que ele justamente... ele questiona como é que não é... o personagem, um aluno que na escola os colegas debocham, criticam, deturpam a imagem do Zumbi. E aí, a família dele, de fato, explica</i></p>	<p>“Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre é usada para discussão crítica sobre a questão da cultura e miscigenação.</p> <p>Renato Ortiz aborda identidade e cultura.</p> <p>Há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra”.</p> <p>Acabou de ser publicada a Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, que reuniu intelectuais negros e negras para discutir racismo e silenciamento na sociedade brasileira.</p> <p>Há literatura afro-brasileira de Cidinha da Silva e do Eduardo De Assis Duarte e o livro de literatura “Zumbi assombra quem” de Allan da Rosa</p>
--	--

	<i>quem foi o Zumbi, né, a história toda, de um outro lado que a escola não... não ensina. Aí, voltando no teórico, o <u>Eduardo de Assis Duarte com literatura afro-brasileira, a Cidinha da Silva também é uma autora interessante...</u> E tem uma que eu estou tentando lembrar, que eu sempre confundo o nome dela... Eu não vou lembrar agora, sabe? Mas acho que é isso, uma pena, porque eu também podia ter me programado, mas não me programei, não é?</i>	
E18	<i>Olha, <u>uma pessoa que abriu para mim o universo maravilhoso da África é a Chimamanda Adichie, que é fantástica! Eu adoro os livros dela! Eu adoro, principalmente, a contação de causos dela, que é maravilhosa. Aquela TED, a primeira TED dela que ficou famosa, para mim é uma maldição recorrente. Sou apaixonado! Adoro! Algumas coisas que eu... Uma coisa que eu gostei bastante foi um livro sobre bibliotecários negros que eu quero ler. E eu estou, realmente, querendo muito...</u> “<u>Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política</u>”, que é de uma moça muito inteligente e interessante chamada <u>Franciéle Carneiro Garcês da Silva e de Graziela dos Santos Lima</u>. E eu estou muito curioso com livro, o que você acha? (risos).</i>	Quem abriu o universo maravilhoso da África foi Chimamanda Adichie com sua contação de causos e a TED que ficou famosa. “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” de Franciéle Carneiro Garcês da Silva e de Graziela dos Santos Lima é um livro sobre bibliotecários negros.
E19	<i>Ah, a questão de ler, aí, tu me apertou, viu? Porque, assim, óh: o Márcio, que é o bibliotecário que se formou agora e fez o doutorado na [Universidade Estadual] e trabalhou essa questão, ele, inclusive, ficou três meses residindo lá na minha casa. Então, a gente compartilhava as discussões dos livros. Vamos dizer assim, óh, se eu vou dizer assim, que eu li “<u>Casa Grande & Senzala</u>” eu li isso durante a faculdade, atualmente, não... Infelizmente, eu tenho lido mais coisas bem técnicas. Não tenho feito nenhuma leitura com enfoque na questão da... a questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas. Inclusive, creio eu, posso estar enganado, mas há pouquíssima coisa, viu? Eu não tenho muito conhecimento não, porque sempre... eu faço as pesquisas, assim, com o Márcio e daí... Tanto é que eu sei que o Márcio, ele penou para conseguir maiores coisas. <u>Ele pegou muita coisa da Sociologia, porque dentro da Ciência da Informação em si, não. E se quiser, eu até passo o contato do Márcio, tá? Márcio Ferreira da Silva, que ele é bem envolvido com essa questão. Agora</u></i>	Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança. Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há.

	<i>ele se formou e é aluno do doutorado da [Universidade Estadual]. Trabalhou dois anos conosco como Professor substituto e ele provocava muito esse debate.</i>	
E20	<i><u>Franciéle, eu preciso te confessar de forma muito honesta que eu não... não li nada recentemente e nem lembro, acho, de ter visto algo sobre isso de modo que eu possa te indicar com segurança. Me ocorreu o nome do Muniz Sodré, que é um autor daí do Rio de Janeiro, mas eu não tenho muita certeza disto não. Então, eu não tenho uma resposta segura para te dar neste sentido de referência ou de autores que estejam abordando esta questão. Sei que existem pessoas trabalhando com esta temática. Na própria Universidade Federal do Pará, eu sei que existem professores, mas eu não tenho, eu não tenho voltado a minha atenção para esta temática e, então, não tenho como te responder esta questão. Uma pesquisadora que, quase seguramente, produz sobre essa temática daqui da Universidade Federal do Pará chama Zélia Amador de Deus. Eu acho que uma busca de produção bibliográfica dela nos levaria à esta temática.</u></i>	<p>Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança.</p> <p>Lembro do autor Muniz Sodré, mas não tenho certeza disto.</p> <p>Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema.</p>
E21	<i><u>Olha, Franciéle, lá na própria [Universidade Federal] no outro curso, existe uma professora que trabalhou comigo no Centro de Estudos Afro-asiáticos, ela é da área de História e ela... ela tá... Eu vejo ela lá, sabe? Já até nos encontramos... Eu posso até procurar saber, porque ela é totalmente voltada para o trabalho em relação à questão africana, à questão negra brasileira, entendeu? Mas não é do nosso curso. Não é do nosso curso. Em relação a isso, eu andei pesquisando há um tempo atrás que seria, talvez, a minha primeira proposta de doutorado, mas acabei não fazendo isso que seria, inclusive, a presença do negro enquanto professor dentro da Universidade, que é uma estatística perversa, quase não tem Professor negro. Então... uma coisa absurda. Então, eu acabei indo trabalhar com as bibliotecas comunitárias e abandonei digamos, assim, essa ideia. E a respeito... Eu posso fazer uma pesquisa para você, eu gosto muito de pesquisar e buscar... e buscar isso, inclusive nesses trabalhos que eu analisei do ENEBD, que ele tem a ver com a cultura negra. Uma menina era da UFF e a outra de Goiás e elas vão estar lá. Então, é interessante ver o trabalho delas através das citações que elas fazem, porque através das citações, a gente pode chegar a outros caminhos, né? E eu, inclusive, apresentei uma vez no CBBB, um trabalho sobre uma...</u></i>	<p>Existem professores que abordam a temática, mas são da área de História, não do curso.</p>

	<p><i>uma... um trabalho que foi feito, um artigo meu junto com o Robson, que foi meu estagiário e agora é professor também comigo, de um trabalho que nós tínhamos lá na biblioteca que eu trabalhava. Um material documental, entendeu? Era documento, não era um documento livro, era um outro tipo de documento. Então, ficou um trabalho bastante interessante. Saiu também em uma revista sobre educação, que foi totalmente voltada para a questão racial lá do Paraná, se eu não me engano. O mesmo artigo saiu nesta revista um pouco diferenciada, mas neste momento, Franciéle, eu fiquei muito afastada desta questão. Mas posso até ver para você, porque você tá dando continuidade ao seu mestrado, porque... porque... Porque eu fui fazer doutorado, como eu te disse, e acabou sendo em uma outra... Eu estudei biblioteca, na verdade, e acabei me afastando dessa... digamos assim, dessa interrelação da Biblioteconomia com a questão racial, com a questão cultural afro-brasileira. Então... mas a gente pode... a gente deve encontrar sim, sabe, porque... porque, pelo que eu vi agora recentemente, tem gente preocupada com isso. E aí, como estão as coisas? Tem já uma... Como vocês estão fazendo? Como que a gente pode levantar isso aqui no CBG? É uma coisa interessante, eu gostaria de levantar isso... uma relacionada à Biblioteconomia e à cultura afro-brasileira.</i></p>	
E22	<p><i>Hum! Deixa eu ver... Ah, eu acho que eu te citaria Darcy Ribeiro... Eu vou te falar os que eu li, tá? Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Sérgio Buarque de Holanda... hum... esses.</i></p>	Citaria Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Sérgio Buarque de Holanda.
E23	<p><i>[...]</i> Entrevistadora: Você conhece alguma fonte bibliográfica sobre a cultura africana e afro-brasileira, autores que poderia indicar? <i>Olha, de estudiosos no assunto, eu não tenho nenhum estudioso em mente. Como eu disse, eu procuro abordar isso com base nos culturalistas. Entre eles, eu classificaria o Stuart Hall. Poderia indicar também os próprios manuais de Antropologia Cultural, que aí nós temos uma série, o [Alfred Louis] Kroeber e temos uma série deles, e mais específica, o [Armand] Mattelart e algumas discussões sobre políticas culturais, sobre estudos culturais. Temos também uma interpretação interessante do Stuart Hall, no livro “Da diáspora”, que é uma outra temática e alguns próprios de história de alguns</i></p>	<p>Algumas discussões sobre políticas e estudos culturais onde poderia indicar os manuais de Antropologia Cultural, o Alfred Louis Kroeber, Armand Mattelart.</p> <p>O livro “Da diáspora” de Stuart Hall.</p> <p>Théo Brandão no estado do Alagoas tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado.</p>

	<p><i>países, por exemplo, de histórias de algumas regiões. No caso, nós temos o <u>Théo Brandão, no caso de Alagoas, que tematiza a história do estado, da presença do negro no estado e na formação e na Constituição do Estado</u>. Então, veja que são coisas muito específicas, muito específicas. E o grande desafio agora é permitir com que os alunos possam fazer esse tipo de levantamento e sistematizar essa bibliografia para a área da Biblioteconomia. Voltando para o tema da formação, nós tivemos “gap” na formação nossa lá há 20 anos atrás, que era justamente entender a realidade brasileira e ela não era passível de ser compreendida sem uma base teórica. Por isso que essa base teórica, ela está em sistematização, em construção. Não porque ela já está disponível, a questão são os bibliotecários especialistas agora incorporar esse material.</i></p>	
E24	<p><i>Vou te falar, assim, tudo que eu tenho por conta que eu li por conta de questões familiares, de questões da minha infância, porque eu estudei na época da ditadura militar. Então, era muito forte a perspectiva no livro didático de história, eu não sei se mudou, sobre a harmonia das três raças, né? – Vivemos muito bem, o Brasil é um paraíso racial, não acontece nada por aqui. E coisas que eu ia percebendo dentro da minha família que meus tios-avós com um projeto forte de tentativa de embranquecimento da família, né? O quanto isso era e é, nem todos tão morrendo, tão indo, todo mundo tá indo embora já, né? Só tem mais um tio. Mas o quanto isso era forte para as minhas primas e aí tem essa percepção aí da infância. Depois tem leituras, tem uma... eu sempre me aproximei muito do fenômeno religioso até como fenômeno social também, sempre tive muita curiosidade. Minha mãe frequentava o candomblé, então, eu ia para os barracões aqui em São João do Miriti, no Rio de Janeiro. E aí sempre tive uma curiosidade sobre o tema. <u>E aí, tem um momento, assim, de cinco ou seis anos para cá do DEGENERÁ e o Intelectuais Negras, né? Nós éramos felizes e não sabíamos, quando em 2015, fomos com um grupo forte do DEGENERÁ lá para o Congresso Fazendo Gênero lá em Salvador. Foi um momento, assim, de muito aprendizado, Giovana Xavier estava junto e outras mulheres pretas que participam tanto do Grupo dela quanto do nosso, o DEGENERÁ, e aí, foi a tentativa de...</u> Eu sempre ficava perguntando: - Giovana, Amanda, como que eu levo isso para a Biblioteconomia, para a Arquivologia? Até porque eu comecei a perceber a questão</i></p>	<p>Há os grupos DEGENERÁ e o Intelectuais Negras com a participação da Professora Giovana Xavier.</p> <p>A autora Audre Lorde, poeta que também é formada em Biblioteconomia já foi lida no grupo e sala de aula.</p> <p>O autor jamaicano Stuart Hall é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista com uma Sociologia pautada na história da Europa.</p> <p>Há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra”.</p> <p>Grada Kilomba para falar sobre decolonialidades e epistemologias do sul.</p>

do público que esses cursos recebem lá na [Universidade Federal]. Sempre tem uma pesquisa socioeconômica, Arquivologia e Biblioteconomia é o grupo das classes sociais mais baixas e tem muitas pessoas negras, né? Bom, aconteceram questões fortes de racismo lá na [Universidade Federal] e eu tive a oportunidade de organizar um Encontro e poder chamar a Giovana Xavier. Aconteceram algumas coisas, assim, também do acaso do tipo eu tentar estudar inglês ou poder treinar meu ouvido e estava escutando um podcast e esse podcast se chama “Stuff your mother never told you” “coisas que a sua mãe nunca te disse” e tinha um episódio sobre a Audre Lorde e eu falei: - Ah, que legal, a Audre Lorde a gente lê lá no DEGENERA, eu conheço ela como poeta e tal, vamos escutar. Eram dois episódios muito grandes de uma hora cada um. De repente, as moças falam que a Audre Lorde foi bibliotecária, formação em Biblioteconomia, que eu não tinha ideia. Aí, eu achei isso incrível, né? Aí, eu vou te dizer, assim, nas minhas disciplinas, tá? Eu dou uma disciplina de “Fundamentos Teóricos e Informação I” que o debate inicial... ela começa, assim, com um debate sobre culturas tentando diferenciar cultura do senso comum para o que a ciência percebe como cultura. Aí, entra um debate sobre cultura erudita, popular e cultura de massas. Isso vai falar também da questão forte que nós temos em Arquivo e Biblio que é a cultura da escrita. Então, tem um contraponto entre culturas da oralidade e culturas da escrita e aí, eu entro na questão da identidade, né? Todo o período eu falo, assim: - Gente, eu tenho uma pilha de coisas para ler, seja digital, seja livros impressos e vocês vão ser minhas cobaias e eu vou ler com vocês! Então, semana que vem, por exemplo, nós vamos ler... falar um pouco da identidade, né, eu vou usar para identidade o Stuart Hall, né? Que é um jamaicano, na verdade, ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ele ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades. É uma sociologia, assim, ainda um pouco pautada demais na história da Europa. E aí, eu falei, assim: - Depois a gente vai emendar um livro que eu tô devendo, a gente vai ler juntos. Não o livro todo, mas a introdução do Achille Mbembe, mas é o “A crítica da razão negra” e nós vamos ler a introdução “Devir negro”. Então, quer dizer, aí, a disciplina continua em um debate sobre memória e história e ela termina na questão da visibilidade ou invisibilidade dos profissionais da

Início a disciplina para falar justiça de transição e anistia política, o “Red dust”, um filme baseado em um romance de ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão sobre a comissão da verdade e reconciliação na África do Sul.

informação. Porque é a “deixa” para “Fundamentos Teóricos II” que eu não ministro, é outra professora. Na “Fundamentos Teóricos II” é uma disciplina que, realmente, fala mais da Biblioteconomia, mais da Arquivologia, como é que surgiram essas áreas. Mas, assim, eu acho que a minha é um arcabouço e eu me sinto muito à vontade nesse debate de memória, história, que já vem da minha formação mesmo como historiadora. Essa é “Fundamentos”, aí nós temos uma disciplina chamada “Metodologia da Pesquisa I e II”, eu dou a I. Elas estão posicionadas, assim, no currículo: A Metodologia I é no primeiro período, a Metodologia II, ela é quase lá no final antes de começar o TCC. Entendeu? E a I, eu acredito que seja também um “cartão de visitas”, assim, da área, da universidade. O que que a gente está fazendo ali, né? Metodologia como um meio, como um caminho, né, de objetos de estudos que podem surgir. E nessa disciplina, eu faço questão, assim, de em uma aula sim e uma aula não, uma aula a gente lê um clássico, uma aula a gente lê as normas. Tem que passar sobre isso, tem que falar sobre fichamento, eu tenho que falar das dores e amores da vida acadêmica, né? As verdades para os alunos, porque assim: - Seus professores vão pedir fichamento. E eles vão falar, assim: - Ah, são as partes principais, são os trechos que vocês vão copiar. Mas o que é principal quando você está vendo tudo pela primeira vez? Então, assim, eu aprendo muito com a Giovana Xavier com a questão de que a gente está em uma academia muito branca, o fazer acadêmico é estranho, tem muita pompa e circunstância os nomes que a gente dá: conferência isso e aquilo. Então, assim, eu mesma me volto para eles sendo filha de... a minha mãe tem a quarta série primária. Então, não foi fácil chegar na universidade e olhar que mundo é esse que eu não estou entendendo que os professores falam de um jeito que eu não... me mandam ler em francês e eu não sei ler nem em português, entendeu? E aí, depois que você está na academia, você tem... eu, pelo menos, tenho outro estranhamento, que é quando você volta para casa e começa a ver sua família e eles começam a te estranhar. - Quem é você? Olha o jeito diferente que você está falando. – A [Entrevistada] está estranha! Metodologia é uma disciplina para mim que eu vou colocando os estranhamentos também. Aí, tem que passar por Lakatos, Gil, toda aquela bibliografia que a gente conhece. Falo de projeto, falo de fichamento. Mas, assim, aí a gente vai ler a Grada

Kilomba, a gente vai falar sobre decolonialidades, epistemologias do sul... A questão de gênero está bem forte na disciplina de “Metodologia da Pesquisa I” e uma questão de gênero sempre pautada na interseccionalidade. Bom, aí, tem a terceira disciplina que se chama “Aspectos legais dos processos informacionais”. Ela parece que tem uma cara que, assim, a Unidade I, fala de direito à informação e a Unidade II é direitos autorais, direitos do autor, a função social do autor. E aí, parece que a I é para Arquivologia e a II é para a Biblioteconomia. E aí, eu tento romper com isso e sempre falar, na verdade, que as duas formações... e pensar nas duas formações, nos dois cursos. Embora cada uma tenha sua peculiaridade, a questão da organicidade é muito forte para a Arquivologia, eu falo que é importante. Então, assim, semana passada nós começamos e eu com “Red dust” e é um filme baseado num romance, ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão sobre a comissão da verdade e reconciliação na África do Sul. É assim que eu começo a disciplina para falar de justiça de transição e anistia política. Então, a questão de acesso à informação em sociedades cujas democracias são muito... democracias no sentido, assim, europeu são muito recentes. E aí, a questão de direitos humanos entra forte e eu tento, assim, comparar o que aconteceu na ditadura militar e o que aconteceu na África do Sul. E lá é o debate sobre apartheid e é isso. Eu não sei se respondi tudo, eu sou bem caótica. (risos)

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Entrevistado	Expressões-Chave	Ideias Centrais
E1	<p><i>Tá. Eu quero dizer que essa pesquisa sua é super importante e muito relevante até para a gente saber como é que está a situação atual dessa temática no Brasil e no curso de Biblioteconomia, em especial. E para que a gente tenha alguns caminhos, né, para ter essa discussão mais efetiva, que como eu te falei é uma discussão muito incipiente, devido, talvez, ao acervo, como a gente desconhece... até existe, eu acredito que sim, mas é um pouco mais... menos trabalhado. <u>Mas eu acho a temática super relevante e sua pesquisa, eu acho que vem para dar essa contribuição, no sentido de nós refletirmos e no sentido também de indicar, né, caminhos para nós trabalharmos em sala de aula também e aproximarmos os nossos alunos da nossa realidade, da nossa própria realidade. Tá certo?</u></i></p>	<p>Acredito que a temática é super relevante e sua pesquisa vem para dar essa contribuição, no sentido de reflexão e de indicar caminhos para trabalharmos em sala de aula e aproximarmos os alunos da nossa realidade.</p>
E2	<p><i>Sim! Acho importante falar, Franciéle, que a Biblioteconomia, ela passa por um momento delicado, sobretudo por conta da desvalorização da profissão. Mas não só isso. A desvalorização das disciplinas das Ciências Sociais Aplicadas, das Ciências Humanas nesse contexto tão “mitoso” que a gente tem por aqui (risos). Eu acho que isso perpassa muito da gente atrair um público interessante. Por exemplo, eu me formei vai fazer 10 anos, mas a diferença é brutal no quanto que a Biblioteconomia está militante atualmente. E isso é muito interessante. Eu gosto muito disso. <u>Eu acho que passa por nós professores, nós pesquisadores e os bibliotecários em si perceberem que a Biblioteconomia precisa de ser militante. Mas eu acho que é urgente a reformulação dos currículos. A técnica é importante? É importante, mas os manuais estão aí. Os manuais estão aí para serem discutidos. Eu acho que, na verdade, a gente precisa também de muita teoria, mas, sobretudo, também da prática teórica, de entender a Biblioteca como um espaço de construção social. Um espaço que é importante para a inclusão digital, para a inclusão social, para a alfabetização e por aí vai. E... Isso não é percebido. Isso não é percebido nem por nós, isso não é percebido nem pelos alunos,</u></i></p>	<p>A Biblioteconomia passa por um momento delicado por conta da desvalorização da profissão.</p> <p>Professores, pesquisadores e bibliotecários precisam perceber que a Biblioteconomia precisa ser militante.</p> <p>Acredito ser urgente a reformulação dos currículos. A técnica e teoria são importantes, mas a gente precisa também da prática teórica e entender a biblioteca como um espaço de construção social, inclusão digital, alfabetização, entre outros.</p>

	<p><i>isso não é percebido pelos coordenadores de curso e isso não é percebido, muito menos, pela grande área que, teoricamente, é a Ciência da Informação. Aí mesmo que a gente se perde. E a gente se perde em dois momentos: a gente se perde na história, porque a história é rechaçada. Eu trabalhei com história. E, também, os novos movimentos são rechaçados. Eu fiquei muito feliz de ver o seu projeto por conta disso, porque é... é um espaço que você está cavando, literalmente falando dentro, porque eu sei que você tem que firmar posição a todo momento, porque vão questionar: - Por que você não está na sociologia ao invés de estar aqui? O que você está fazendo? Mas, porque... Mas é graças a pessoas como você que a gente está conseguindo, hoje em dia, ter um debate sempre de interesse dentro da área. E os alunos estão contando esses debates, os alunos estão interessados. A gente tem alunos cada vez mais militantes. A gente vê, no bom sentido, células feministas, células do movimento negro, células do movimento LGBTQI+ e isso é super interessante para a construção. É... A gente tem que deixar o nosso aluno à vontade para relacionar os assuntos de interesse dele, por exemplo: Como relacionar feminismo e biblioteconomia? Vamos lá e construir um artigo e ver o que a gente consegue. Então, um que eu vi foi como as mulheres se fantasiavam de homens durante o século XVIII e XIX para poder publicar.</i></p> <p>Entrevistadora: Nossa!</p> <p>Entrevistada: <i>Pois é. Ou então, um que eu vi é como que o movimento negro vai recuperar a sua história e memória através de centros culturais que eles vão criando demandas. E isso é um aspecto interessante, porque a gente... O perfil do bibliotecário em geral é uma população mais pobre que não tem aquela tradição familiar e tal. Você se enxerga num museu? Você se enxerga numa biblioteca? Você se enxerga num arquivo? Não! E, aí, há esses espaços... entender a biblioteca como um espaço, que vai reivindicar esse espaço, esse lugar na sociedade, sobretudo pela ação dos grupos. E aí, começar a encher o saco das pessoas para que tenha essa representação.</i></p>	
E3	<p><i>Tá. Sobre tudo isso? Eu, na verdade, eu estou... Eu acho fantástico, né, o tema, o seu tema de pesquisa é muito pertinente, né, muito oportuno. E é uma coisa que eu já venho pensando há muito tempo, porque eu vim, eu sou da Biblioteconomia, depois eu fui</i></p>	<p>Acho o tema pesquisa muito pertinente e oportuno, pois só me descobri negro/a na Universidade.</p>

	<p><i>para a área de Ciências Sociais, <u>meu mestrado foi em Políticas Sociais. E na Política Social... Em Políticas Sociais, eu tive que me aprofundar com o estudo da temática étnica, porque eu estudei a minha vida inteira em escolas públicas e eu só fui me descobrir negra quando eu já estava na Universidade. Então, eu não sei como é que é que você percebe isso, que você está fazendo no curso de Biblioteconomia agora, a gente tem uns acessos diferentes, né, que na minha época não tinha. Então, a gente tinha que brigar muito. Então, assim, isso é muito triste, porque uma pessoa que estuda quase 20 anos... até foram ensino fundamental, ensino médio, né, que aí dá 12 anos. Aí, você vai para a Universidade e você se depara com uma realidade étnica que você, até então vivia, mas você não tinha profundidade teórica para discutir ou debater. Então, é... E conversando com um professor amigo meu lá da Educação que também é negro, né, rastafári e tudo, ele me disse, assim: Falou, eu não tem vergonha nenhuma de dizer na sala de aula que, ele também só descobrir a África... que o Egito era na África, quando ele começou a pesquisar sobre isso já fazendo o mestrado. Então, a gente precisa quebrar isso! A gente precisa dizer: - Não! Existe uma história, existem os públicos, existem usuários, existem clientes dentro da área de informação que precisam de informações para corromper com essas barreiras, quebrar esses ciclos viciosos de preconceito, de discriminação. Então, nós bibliotecários somos profissionais da informação, a gente tem que atuar nessa área também. Agora, a gente está quebrando, né, é uma quebra de paradigmas constante.</u></i></p>	<p>Na minha época não havia acesso ao estudo da temática no ensino fundamental, médio ou graduação. Somente na pós-graduação que me aprofundi no estudo da temática étnica.</p>
E4	<p><i>Então, eu acho que... Assim, eu sou bem entusiasta desses conteúdos, eu acho que eles são importantes para a formação, não só do bibliotecário, mas toda a formação profissional, mas eu acho que, talvez, ele esteja acontecendo muito tardiamente na formação. Então, assim, porque eu que, quando a gente pensa na questão da formação universitária, principalmente, em como ela se dá... Eu vou falar da estrutura da Universidade Estadual de Londrina, né, nós temos essa possibilidade de ter um... de buscar uma formação articulada com alguns departamentos, isso é positivo. Não tanto quanto gostaríamos, né, porque o currículo, ele não é tão flexível como em algumas federais, que a gente sabe que isso acontece com maior frequência. Então, há possibilidade de cursar mais créditos em outros departamentos ou mesmo com a</i></p>	<p>Acho os conteúdos importantes para a formação não só do bibliotecário, mas para toda a formação profissional. Entretanto, acredito que essa formação esteja acontecendo de forma tardia na formação. Acredito que essa parte do conteúdo devia vir mais forte da base.</p>

experiência que eu tenho de fora de que a formação, ela é moldada pelo próprio aluno, né. Então, eu acho que isso, essa parte desse desenvolvimento de conteúdo, ele tinha que vim muito mais forte de base, né, tanto quando a gente tinha antes a disciplina mais de História do Brasil, mais genérica, mas geral, né, não tão voltada para questão da cultura afro, a gente tinha uma dificuldade: - Ah, vai falar sobre o que? Os presidentes do Brasil? Então, assim, os professores que vinham da história queriam saber muito, porque o ementário era geral, mas numa disciplina de pouca carga horária aonde, né, focaria para realmente agregar na formação específica do bibliotecário, né. E até as disciplinas, isso falando da minha própria formação, eu disse assim: - Nossa, mas isso eu tive no ensino médio, mas nem todos os meus colegas tiveram. Né? Porque, diferenças de escolas e tudo mais. Então, eu acho que isso está ainda reverberando, né. Assim, não descredito a iniciativa, acho que é importante, mas eu acho que, assim, isso tinha que vim como uma cultura de base muito mais forte, né. Os alunos ingressarem conhecendo melhor, tanto a hist....né, história geral, que isso ainda é uma deficiência de muitas escolas e também esse enfoque para a importância da cultura afro no Brasil. Então, assim, não acho que 30 horas resolva, né, o problema de falta de compreensão ou, até mesmo, o que...Vamos dizer assim, posso estar equivocada, mas acredito que isso tem muito a ver com a questão, né, da gente lidar com todos os problemas que a gente observa na sociedade com relação ao racismo, inclusão, a questão do sistema de cotas que a gente sabe que ainda têm pessoas que tem um certo preconceito com relação a esses ingressos por cotas. Então, eu acho, assim, que tem o seu valor de incluir esse conteúdo para, realmente, abrir, expandir a cabeça dos estudantes com relação, né, a nossa composição como país. Entender que isso é um... não é, vamos dizer assim, a solução para um problema que se alonga há muitos anos, mas algo que pode, realmente, melhorar no curto e médio prazo algumas situações que nós vivenciamos ainda, né, e aí... quer dizer, mais a médio e longo prazo. Mas, eu acho assim, que esses conteúdos, eles deveriam ser muito fortalecidos nas escolas para ter uma formação muito antes. Eles já virem para o ambiente universitário já com uma expansão de horizontes. Mas eu noto que, assim, não sei se porque estou em um Centro que é próximo ao Centro de História, em um Centro que é de Educação,

	<p><i>Comunicação e Artes que a recepção é muito boa, né. Então, tem um perfil de estudantes que, realmente, acham a... gostam da disciplina, né, pelo que a gente conversou com os estudantes também a respeito do andamento do currículo para fazer as alterações também, não só de acordo... logicamente que a gente tinha algumas obrigatoriedades que mantém, carga horária, mas para pensar na ementa, pensar, né como o professor poderia contornar o conteúdo programático. E assim, eles realmente veem valor na disciplina e isso é um ponto positivo, né, que não foi algo só de cima para baixo, né, e que está tendo uma inclusão entre os estudantes.</i></p>	
E5	<p><i>Ah, tá bom! Quero sim. Eu acho que são oportunidades como esta, Franciéle, que a gente tem de conversar um pouco, mesmo que seja por um curto espaço de tempo, mas que acrescenta muito dentro desse nosso processo formativo. <u>Eu acho que a tua pesquisa, essa tua iniciativa, juntamente com seu orientador, de trabalhar com essa perspectiva dentro do campo da Biblioteconomia, e isso alarga muito as possibilidades da gente entender qual é o universo e qual é o campo de atuação desse profissional.</u> Eu acho que isso tira um pouco o estigma, acho que ajuda muito até mesmo as pessoas entenderem que aquela imagem, daquele profissional que era o guardador de livros, o guardador de tesouros, essa imagem, ela foi com o tempo sendo repensada, sendo reconfigurada. Claro que eu ainda concordo que a gente trabalhe sim dentro dessa dimensão, porque é importante trabalhar os processos de organização de informação para que se possa possibilitar o acesso. Agora também a gente precisa pensar dentro de outras esferas e de forma alguma isso nos impeça de ver como é rica essa nossa seara e esse nosso campo de formação e esse nosso campo da prática. Então, para mim tem sido, assim, bem importante esse momento, porque também para mim é um momento formativo. É um momento de formação, porque me ajuda a refletir sobre essa questão tão importante para demarcar esse espaço de atuação do profissional. Então, trabalhar com essas questões, com todas essas políticas voltadas para... tanto para cultura negra, como para questão de gênero, como para a questão das etnias, eu vejo isso de uma forma muito positiva, tá? Então, é muito salutar, é muito importante discutir isso, é importante pesquisar isso. Então, assim, dar os parabéns a você por esse trabalho e meus votos que seja um trabalho maravilhoso e que a gente possa ver</i></p>	<p>Acredito que esta pesquisa, ao trabalhar essa perspectiva dentro da Biblioteconomia alarga as possibilidades de entendermos qual o universo e o campo de atuação do bibliotecário.</p>

	<p><i>frutos dele o mais rápido possível, viu? Muita sorte, um bom caminho, trilhe um bom caminho, certo? E depois eu quero saber, então, das novidades e dos resultados da sua pesquisa, viu?</i></p>	
E6	<p><i><u>O comentário que eu tenho é só agradecer por fazer parte dessa pesquisa, te parabenizar enquanto pesquisadora e mulher negra por ter assumido essa causa, essa ação política. Que é uma das formas que eu acho que.... Já que a gente não está naquela militância no dia a dia, nas passeatas, a gente pode militar de outra forma que é na produção de conhecimento. Então, eu te parabenizo por ter assumido essa causa e estar discutindo este tema dentro da ciência da informação, que a gente vê que somos poucos, a gente tem pouco material, poucas pessoas trabalhando com esta temática. E aí, por esse “boom” das ações afirmativas, a gente está vendo que tem muita afroconveniência, pessoas querendo discutir a temática, porque existem algumas bolsas, alguns “privilégios”, segundo eles, e aí, querem inserir. No seu caso, a gente percebe que não parte desse princípio, você acredita pelo pouco que te conheço, eu acredito que você está discutindo justamente para tentar dar visibilidade a essa população, ainda mais na formação, que é muito importante. Na nossa formação enquanto bibliotecários, a gente não teve essas oportunidades por conta de uma sociedade muito racista. Então, eu te parabenizo por ter assumido este compromisso, por estar desenvolvendo essa pesquisa para tentar apresentar para a sociedade científica, para a sociedade bibliotecária que é necessário existir uma mudança no comportamento do corpo docente das universidades, dessas escolas para inserção de disciplinas dentro do curso que representem a população de uma forma geral. Todo tempo, todos esses conteúdos que a gente tem desenvolvido... [...] Então, a Biblioteconomia, ela tem sido um conhecimento muito eurocêntrico e privilegiado vários outros conteúdos, e aí, a gente precisa de materiais como a sua dissertação que possam denunciar. Denunciar a existência dessas práticas que não estão inserindo ou estão, a gente vai precisar ver.... A gente sabe que não está, mas o seu trabalho aqui vai dizer isso, já que está sendo a nível nacional. Mas assim, vai ser muito importante, porque aí, eles vão perceber e elas vão perceber que: - Poxa, a gente precisa inserir. Existe uma população que têm necessidades informacionais diferentes, e aí, a gente</u></i></p>	<p>Parabenizo por, enquanto pesquisadora e mulher negra, ter assumido essa causa e ação política de estar discutindo o tema dentro da Ciência da Informação, visto que busca a discussão desta população dentro da formação, onde ainda são poucos materiais e poucos pesquisadores trabalhando a temática.</p> <p>Como estamos em uma sociedade ser muito racista, parabenizo ainda por ter assumido o compromisso em desenvolver uma pesquisa para apresentar à sociedade científica e bibliotecária que são necessárias mudanças no comportamento do corpo docente das universidades para que haja a inserção de disciplinas dentro do curso que representem essa população.</p>

	<i>precisa inserir esse público. E aí, a minha universidade, quando sair essa tua pesquisa, quando ela for publicada, eu vou dizer: - Nossa! De todas essas, a minha não contempla. O que eu posso fazer para contemplar essa temática? Então, eu acho que vai mexer um pouco com a estrutura dessas escolas, com essas pessoas, com essas professoras e com esses professores para inserir, de alguma forma, essas discussões. Então, eu parablenizo.</i>	
E7	<i>Oh, Franciéle, o que eu estava dizendo é que eu, particularmente, <u>me sinto um pouco isolada aqui fazendo essas discussões.</u> Não sei se é porque eu estou no interior do estado de São Paulo. Então, assim, futuramente, com o avanço da sua pesquisa, se você puder compartilhar os resultados, se você tiver indicação de bibliografia para me passar, se você tiver indicação de atividades que eu possa desenvolver, né? Porque o máximo que a gente faz, quando você fala de projetos e de conteúdos na universidade, uma atividade final dessa disciplina de Leitura e Cultura é levar os alunos para a rua, mesmo. Então, a gente costuma ir para o São Carlos 8, que é um bairro que está há 4 km aqui com um índice de pobreza e violência que se compara a qualquer bairro periférico do Rio de Janeiro, assim, e estamos na capital da tecnologia, né? Então, a gente procura desenvolver essas atividades, seja de incentivo à leitura por mais simples que ela seja e a gente percebe a carência absoluta da comunidade, das crianças, principalmente, elas veem sedentas por qualquer tipo de acolhimento cultural e de leitura, assim. Então, geralmente, a disciplina, ela acaba com essa atividade, né? Mas isso ainda não é um projeto, como eu disse, é uma atividade dentro de uma disciplina que o curso oferece e o curso tem 48 disciplinas. Então, é ainda muito pouco, né? Eu reconheço que é um grão de areia nesse deserto todo nosso aí que é a formação de bibliotecários. Então, nesse sentido, <u>o que você tiver de material, de experiência, de sugestão, eu realmente vou aceitar de bom grado aí para a gente conseguir construir de modo mais estruturado essas discussões e formar melhor esse bibliotecário.</u></i>	Por estar um pouco isolada das discussões sobre o tema, peço sugestões sobre materiais e de experiências, aceitarei conseguir construir, de modo mais estruturado, essas discussões e formar melhor esse bibliotecário
E8	<i>Bom, é só dizer que, <u>como eu não sou militante da área apesar de ser negra, eu... claro, eu sou... vislumbro, estou junto, mas assim, a gente... A vida é feita de escolhas, então, eu tenho muito respeito pelos colegas, sou aberta a orientar trabalhos nesse sentido, me afeioo e participo, na medida do possível, desse tipo de projeto. Sou uma das</u></i>	Apesar de ser negro/a e já ter sofrido preconceitos, não sou militante da temática. No entanto, estou aberta a orientar pesquisas, respeito os colegas e

	<p><i>peças assim também que quando precisa votar, falar sobre, a gente tenta também colocar esse tema também em pauta, tendo a importância do movimento, claro, justamente por eu ser uma pessoa negra. A gente sabe muito bem dos preconceitos aí. <u>Eu já sofri muitos preconceitos. Aqui, nós agora que somos... mas chegou o momento em que eu era a única professora negra do curso, então agora eu tenho outros colegas negros também. Então, aqui a gente tem as ações que eu não sou, vamos dizer assim, participante muito ativa igual aos outros colegas, mas que eu também participo. Mas eu sou uma pessoa que fico muito de olhos abertos em relação às ações que são desenvolvidas desse tema aqui na universidade, especialmente no curso de Biblioteconomia.</u></i></p>	<p>sou participante ativa das ações desenvolvidas sobre o tema aqui na Universidade.</p>
E9	<p><i>Olha, um comentário, né? Penso, que como todas as profissões, a Biblioteconomia, ela não se difere de algumas profissões. De todas as profissões que é o que? Que prezam, que preferem e sempre são relegadas, majoritariamente, a pessoas...[...] ...Não tem diferença, nesse sentido. Obviamente, se a gente for pegar direito e essas questões mais tradicionais, você tem o maior índice. No entanto, <u>Biblioteconomia no mercado de trabalho, nesse sistema que nós vivemos que é tão excludente e a gente não pode... eu não concordo de... nunca de discutir as questões do negro sem as questões de classe, eu acho que são muito ligados. Então, a questão classista, ela está aí. Então, você vê claramente isso. Essa questão da profissão da Biblioteconomia e dos negros ali representados, elas são como todas as outras. O que tem que acontecer? <u>Essas pessoas, elas têm que se posicionarem e o bibliotecário, ele tem que se posicionar frente aos acervos, frente à sua comunidade, frente aos pesquisadores e inserir uma literatura negra e inserir esses autores que ninguém conhece. Ninguém conhece. Vai ver uma roda de leitura a não ser que seja uma roda de leitura específica com histórias africanas, histórias não sei o quê, específica que tenha lá o título específico, você não insere autores negros. E isso tem que começar a mudar, não tem que ter privilégios, tolerância, não! Simplesmente você tem que fazer parte do que é a nossa cultura. Simplesmente é isso, né? Então, isso é muito importante e eu penso que <u>a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudo, só vem com a vivência e com as perspectivas que lhe são oferecidas dentro de sala de aula, que é muito importante que</u></u></u></i></p>	<p>Como em todas as profissões, a Biblioteconomia precisa discutir as questões do negro junto com as questões de classe, pois o sistema e o mercado de trabalho são excludentes.</p> <p>O bibliotecário tem que se posicionar frente aos acervos, à comunidade e aos pesquisadores e inserir a literatura negra e autores que ninguém conhece.</p> <p>Penso que a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudos, vivência e perspectivas que são oferecidas dentro de sala de aula.</p>

	<i>a gente sabe. Então, esse movimento da Biblioteconomia se renovar por inteiro, mas não se renovar de uma forma impositiva, mas sim, do que é correto. Não é verdade? Nós temos na nossa cultura, a nossa cultura é majoritariamente negra, africana e afrodescendente e nós não damos o devido, digamos, olhar ou então valor a ela. E isso tem que começar a mudar e eu acho que já começou, então assim, tomara que as perspectivas aí para frente sejam boas.</i>	
E10	<i>Bom, eu vejo que o seu trabalho é importante e, se me permite, eu assisti uma palestra lá da [Universidade Federal] na última edição do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, e ela apresentou um conceito que ela vem trabalhando nele que me pareceu bastante provocador. A Professora é a Moura, né, a <u>Maria Aparecida Moura</u>, a Cida Moura, e ela tem trabalhado entre as várias coisas que ela trabalha, <u>mas ela apresentou isso, um conceito de reparação taxonômica.</u> [...] Ela abordou brevemente sobre essa parte do trabalho dela e eu achei que é algo que bibliotecários formadores ou em formação, todo mundo está sempre em formação, precisamos pensar um pouco a respeito. <u>Não dá mais para gente reproduzir em quaisquer das disciplinas que nos formam enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que já são consagrados e que vão fazer com que quando a gente atue seja em um ambiente profissional, a gente não consiga pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, porque quando estávamos lá no banco das universidades, nas cadeiras lá das universidades, a gente sequer foi provocado para essas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduzam desigualdades, que não fazem nenhum sentido mais, porque nada nos foi dito a esse respeito nessa parte da formação. Eu falo da graduação. Então, a sua pesquisa é bem um ponto fora da curva. Eu achei bem legal, assim. Vamos aguardar.</u></i>	<i>Acho que bibliotecários formadores ou em formação precisam pensar a respeito da reparação taxonômica, conceito trazido por Maria Aparecida Moura. Não dá mais para reproduzir em quaisquer disciplinas que nos formam na graduação, enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que são consagrados e que não irão fazer com que a gente atue sem conseguir pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, pois quando estávamos no banco universitário sequer fomos provocados para estas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduza desigualdades.</i>
E11	<i>Uma outra experiência muito boa que é importante ser mencionada é a Licenciatura em Estudos Africanos e Afro-brasileiros aqui na Universidade Federal do Maranhão. É um curso de graduação interdisciplinar, é único no Brasil, ele surgiu em 2015 e agora vai sair a primeira turma formada e é um curso para formar e discutir gestores e historiadores... de professores de escolas, eles são formados... a formação, a</i>	<i>A gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula e com os alunos. Muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa relacionada à</i>

<p><i>graduação é em História da África e do Negro no Brasil, mas também tem o objetivo de formar gestores escolares para trabalhar a implementação da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório a História da África e do negro no Brasil. Então, essa experiência da Licenciatura é uma experiência muito rica porque você... é um curso em que a grade curricular discute a África e o negro em relação à sociedade, em relação a outros povos. Não é um curso afrocentrado no sentido de que só discute África, o continente africano e seus quase 53 países, mas é um curso que discute a história do Brasil e do mundo a partir do continente africano que foi o berço da humanidade e também teve produção de tecnologia e conhecimento. É um curso que funciona por eixos, tem disciplinas de literatura, de geografia, de sociologia, numa perspectiva de resgatar a História da África também em todas essas e outras disciplinas. Ainda tem aqui na Universidade Federal do Maranhão, tem o grupo de estudos sobre “Feminismos negros Marielle Franco” em uma iniciativa coordenada por mim que tem como objetivo combater o epistemicídio, ou seja, o silenciamento. O banimento de autoras e intelectuais negras. Então, nesse grupo de estudos que é uma experiência de dois anos, nós estamos estudando nossas intelectuais negras e as suas contribuições para diferentes áreas e pensar o combate ao racismo, ao machismo e à exploração na sociedade brasileira. É um grupo de estudos que tem um caráter de estudar questões de raça, classe e gênero e sexualidade e religiosidade de maneira interseccionada e relacionada, né? Esse grupo de estudos recentemente homenageou a vereadora Marielle Franco após o seu brutal assassinato no Rio de Janeiro, há cerca de 100 dias e funciona estudando textos, mas também fazendo visitas e convidando intelectuais negras, entendidas não só como as acadêmicas, mas também as Mães de Santo, Mães de terreiro, mulheres populares que tenham experiência organizativa em bairros e comunidades e em periferias e também visitas em cárceres, em prisões, enfim, tem um leque de atividades e propostas. Nesse momento, no contexto eleitoral, nós estamos organizando uma roda de conversa para discutir representatividade na política e, no caso, a representatividade da mulher na política e lugar de fala na política. Porque lugar de fala, segundo a Djamila, não é só ter consciência de que é negra, de que é negro, usar dread, usar black, enfim, ter uma estética afro, mas é falar pelo teu povo,</i></p>	<p>questão racial, de gênero, LGBT, de religiosidades de matriz africana e os professores tendem a podar e dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, que aquilo é um panfleto político ou um texto cheio de rancor.</p>
---	---

é ocupar esses espaços sociais para falar e lutar pelas demandas do teu povo. Então, o objetivo dessa roda de conversa é identificar as mulheres negras de partido e as suas pautas e as suas lutas e analisar e discutir essa questão da representatividade. A Marielle nos ensinou muito a importância de estar disputando espaços de poder e é nesses espaços de poder onde a nossa vida é direcionada, onde as políticas são decididas e, muitas vezes, à nossa margem e aí, nós pretendemos fazer isso. Na UFRJ, existe uma iniciativa muito interessante que é de intelectuais negras, mas é uma experiência organizada pela Giovana Xavier. Giovana Xavier, em 2016, lançou um catálogo de intelectuais negras também nessa percepção ampla de intelectuais negras, não só como mulheres acadêmicas, mas ela tem... o catálogo compreende socializar o trabalho de gestoras, de mulheres negras empreendedoras, enfim, mulheres negras que estão em movimento e em luta. São algumas das experiências que a gente lembra agora e que são importantes para resgatar. Em 2015, eu publiquei um livro chamado “O Negro na Biblioteca”, onde nós apresentamos o resultado da pesquisa de mestrando em Ciência da Informação na Universidade Federal Fluminense um livro que é escrito por uma bibliotecária, uma mulher negra bibliotecária, e que teve como preocupação contribuir com uma teoria e também com políticas para trabalhar a questão racial nas atividades das bibliotecas, nas ações culturais e etc. Nós observamos que, desde essas leis de diretrizes e bases que é efeito da luta do movimento negro de 2003 para cá, muita produção vem sendo feita entre literatura e textos acadêmicos e infanto-juvenis, etc. Agora, a gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula e trabalhar esses conteúdos com nossos alunos, atender às demandas e acompanhar as demandas dos alunos, muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa e relacionado à questão racial, de gênero, de LGBT, de religiosidade de matriz africana e os professores tendem a podar, limitar e dizer que não é necessariamente um projeto... dizer que não tem neutralidade, dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, dizer que aquilo é um panfleto político ou que é um texto cheio de rancor. Então, como professora é precisa estar atenta às preocupações e realidades dos próprios alunos em sala de aula. Os alunos do curso de Biblioteconomia no Brasil quase todo, a grande maioria é de origem popular, é filho de trabalhador, o curso de Biblioteconomia é

	<p><i>eminentemente feminino e aqui no Nordeste, ele é muito negro também, especialmente aqui no Nordeste, ele é muito negro. O que acontece que só recentemente nós vimos pesquisando a temática étnico-racial na Biblioteconomia? Mirian Aquino na Paraíba é um exemplo de quem vem fazendo esse trabalho desde a década de 90. Então, tem um marco da questão racial na Biblioteconomia que é importante ser resgatado.</i></p>	
E12	<p><i>O comentário primeiro, é que eu acho que a pesquisa é muito importante a que vocês estão trabalhando. <u>Eu acho que precisa fazer esse resgate, precisa fazer isso ser tratado como... não como uma coisa que o MEC cobra de cima para baixo da gente, mas como uma coisa... da mesma forma como, naturalmente, as pessoas vão dar um curso de descobrimento do Brasil, por exemplo, como se História e falam do fosse uma coisa já definitiva ou normal... Eu acho assim, a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, até mesmo pela formação do nosso povo, ela deveria ser trabalhada na formação do povo brasileiro da mesma forma como a história europeia é trabalhada, sabe? Parece que nós somos descendentes apenas de europeus, não somos descendentes de diversos povos. E eu acho que esse tipo de pesquisa, esse tipo de trabalho que vocês fazem, ele é importante porque ele faz um resgate importante na formação do aluno. O aluno, como eu te falei, a gente não tem acesso ao conhecimento dessas literaturas, desse tipo de trabalho, e só através deste tipo de trabalho que vocês fazem, desse tipo de preocupação que alguns cursos têm e que alguns estão buscando construir é que isso vai ser construído no âmbito dos professores. Eu tenho essa preocupação, eu me senti mal quando a gente fez isso na discussão do nosso currículo, com a preocupação mais normativa do que com a preocupação em relação à área e eu percebi que, para alguns professores nem essa preocupação tem. Então, isso precisa ser trabalhado na área e só com a produção de discurso sobre é que as pessoas vão conhecer e a partir desse momento entender esse outro lado. Não acabar um pouco com esse silenciamento de determinados assuntos, que às vezes, é proposital em termos de formação da nação brasileira, a gente sabe que é proposital esse silenciamento e os discursos que são construídos no sentido de ter... há um espaço de relações, de disputa em relação à determinados discursos e, às vezes, esse silenciamento, ele é proposital e a gente precisa também propositalmente trabalhar forte para que esse discurso também</u></i></p>	<p>Acho que precisa fazer esse resgate e a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, até pela formação do nosso povo, deveria ser abordada na formação do povo da mesma forma que a história europeia é trabalhada. Ou seja, ser tratada como uma coisa natural, não como algo que o MEC cobra de cima para baixo.</p>

	<p><i>ganhe força e passe, assim, a ter uma importância maior na sociedade como um todo e não só em pequenos grupos, só dentro da universidade.</i></p>	
E13	<p><i>Sim. Sim. Como eu te falei, na nossa Semana Acadêmica de Biblioteconomia desse ano, que é a nossa décima semana acadêmica, 10ª SEAB, a gente vai tratar do tema “Biblioteconomia e diversidade: diálogos étnico-raciais e de gênero”. Por quê? Porque a gente acha que é urgente a discussão, de... tanto das questões de gênero e de violência contra mulher, que na nossa região aqui é bem gritante, como de uma luta antirracista, de uma luta para as questões raciais, para os negros, para os LGBTs, enfim. Então, a programação, ela está recheada. Tem pessoas de vários lugares que vão vir, a gente tem workshops que falam desde a Agenda 2030 para as bibliotecas, questões de pós-verdade e como a biblioteca combater fake news, atuação do bibliotecário na luta antirracista... antirracismo na realidade, os LGBTs, a gente tem. Além disso a gente vai ter, pensando numa Biblioteconomia mais progressista, a gente vai abrir palestras sobre atuação do bibliotecário e da biblioteca na sociedade em transformação constante. A gente ter apresentação de filmes ligados à temática com mediação... com discussão e mediação. A gente vai ter uma mesa voltada exclusivamente para as políticas étnico-raciais e de sexualidade e de gênero na pós-graduação, porque nós tentamos, aqui como Universidade, colocar uma resolução para... não cotas, para vagas específicas para negros, pessoas com deficiência e pessoas transgênero, travestis, transexuais, enfim, mas essa resolução, no final, depois... na última instância ela não passou. Só que o nosso Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia, que é o mestrado profissional em Biblioteconomia, já está no seu terceiro ano que a gente coloca vagas específicas. Então, foi 2017... 2016, 2017 ... a turma de 2017 e a turma de 2018. E agora, a gente vai lançar o novo edital que também vai contemplar. A nossa briga agora vai ser porque há uma orientação da Reitoria que a gente não faça mais isso, só que a gente vai continuar fazendo, senão nós acreditamos que seria um retrocesso. Então, essa é a nossa luta diária de tentar equiparar, tentar não... quando eu digo... é porque na rapidez assim, a gente não consegue nem encontrar palavras realmente corretas para te dizer, mas é como se a gente tivesse reparando algo que é gritante, que é visível, que não são as mesmas</i></p>	<p>Há eventos em que tratamos de Biblioteconomia e diversidade, pois é urgente a discussão tanto das questões de gênero e de violência contra a mulher, como também da luta antirracista para os negros, para os LGBTs, enfim. Esta é uma luta diária de tentar equiparar e reparar aquilo que é gritante, visível, pois não são as mesmas oportunidades.</p>

	<p><i>oportunidades. E aí, se a gente pode fazer isso, pelo menos no âmbito da pós-graduação, a gente faz. Na graduação, já existem as cotas que funcionam, inclusive, muito bem. A outra forma também que eu faço é que, por exemplo, eu recebo duas bolsas PIBIC e, aí, eu sempre escolho um aluno que a gente possa visivelmente, que eu possa identificá-lo como negro para que a gente possa dar uma oportunidade para esse aluno melhorar a situação dele, melhorar na pesquisa, melhor tudo, que isso foi o que aconteceu com o Erinaldo e aconteceu com vários alunos dessa universidade. Então, se tiver faltando alguma coisa, Fran, tu me falas que eu prontamente falarei, tá bom?</i></p>	
E14	<p><i>Ah, um é que eu não sei exatamente, quer dizer, não me lembro exatamente a tua pesquisa qual é e qual é a Universidade, <u>mas deixa, praticamente, de ser um tema emergente para se transformar num tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente até porque é. Então, eu acho que é uma forma de reconhecimento por um lado, de valorização por outro, de oportunização de se trazer à baila, pelo menos para os desavisados, essas questões que são fundamentais na convivência social e mais do que social, humana mesmo.</u> A questão da inclusão, da questão de oportunidade para todos, as relações democráticas e etc. Fico comprometida com você de lhe mandar essa relação pequena, né, mas lhe mando alguma coisa e lhe mando também o catálogo da [Universidade Federal]. Tá certo?</i></p>	<p>Acredito que deixa de ser um tema emergente para se transformar em um tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente. Acredito que é uma forma de reconhecimento e valorização, de oportunização e de se trazer à baila questões que são fundamentais na convivência social e humana.</p>
E15	<p><i>[...] Mas eu vou dizer para você duas disciplinas que nós tratamos sobre isso muito. Até três, porque em Estudos de Usuários nós tratamos também. É a... deixa eu pegar aqui para dar o nome certo para você, deixa eu pegar a minha grade aqui. [...] Uma é “Memória e Patrimônio...” eu não estou com a grade aqui, eu vou ter que procurar, mas é “Memória e Patrimônio” e a outra é “Cultura e Informação”. Essas duas, elas estão aí muito colocadas... E de “Estudos de Usuários” também. A de “Estudos de Usuários”, ela é menos trabalhada, porque em ‘Estudos de Usuários’ é necessário, porque é uma disciplina que ela já é tradicional, ela tem muito aporte teórico, mas esse... quando se trata de comunidades, ele é trabalhado, no Programa não está na ementa especificamente e agora, essas duas certamente estão. É bom olhar dentro dos programas de “Memória e Patrimônio” e a outra é “Cultura, Informação e Sociedade”... É uma que dá no primeiro... Mas é “Cultura e Informação”, eu acho.</i></p>	<p>Temos disciplinas que abordamos muito sobre isso.</p>

E16	<p><i>Eu só acho assim, que essa discussão que você está fazendo é muito importante. <u>O bibliotecário, ele precisa muito amadurecer essas coisas. Muitas vezes a gente vê o discurso dos bibliotecários, assim: - Olha, eu não sei porque a biblioteca pública, em especial, ou a escolar, mas em especial a pública, por que a biblioteca pública não é com reconhecida pela sociedade? Por que a biblioteca pública é subutilizada? E aí, a pergunta, a gente já sabe a resposta: - Porque a biblioteca pública, ela tem que servir a comunidades plurais e essas comunidades têm que ser sentirem convidadas a irem lá. Senão, como elas vão lá? Elas não vão! Óbvio que elas não se sentem... elas não tenham sentimento de pertencimento aquele local, sabe? Porque aquele local, ele está voltado para gente de outro tipo, gente que... sabe, gente que tem uma estrutura educacional, uma estrutura social e econômica que é muito diferente. Então, ou a biblioteca pública e os bibliotecários que atuam nela começam a perceber isso para mudar essa realidade ou a gente sempre vai ser mesmo aquele aparelho cultural, como a gente costuma dizer, que é subutilizado ou que não é utilizado nem por aqueles que têm poder econômico e social, porque esses têm recursos para acessar de outras maneiras a informação, para ter acesso à própria história ou enfim, e a gente deixa de atender justamente aqueles que precisam e querem esse rol de atividades ou de serviços prestados.</u></i></p>	<p>A discussão é importante porque o bibliotecário precisa amadurecer esses temas. Muitas vezes, a gente vê o discurso do bibliotecário sobre o por que a biblioteca pública não ser reconhecida pela sociedade e ser subutilizada. E a resposta é porque ela deve servir a comunidades plurais e essas comunidades tem que se sentirem convidadas a irem lá. Então, ou a biblioteca pública e bibliotecários que atuam nela começar a perceber isso e a mudarem essa realidade ou vamos sempre ser aquele aparelho cultural que é subutilizado.</p>
E17	<p><i>Tá, eu tava... a gente lê, assim, eu li o seu TCC. Por sinal um TCC bem grande e extenso. Eu tenho certeza que a sua dissertação, ela também vai ficar à altura ou melhor, né? E aí, fui pesquisando essa questão dos cursos de Biblioteconomia no Brasil. E aí, infelizmente, eu acho que, talvez, a sua hipótese... <u>Você tem levantado e vai te confirmar que, assim, o curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e essa questão de gênero. Como a gente ainda está engatinhando em algumas questões... Mas eu fico feliz, porque tem uma nova geração aí levantando essa... essa temática e, ainda, com publicações. Porque não é só falar, vide aí o último livro o “Bibliotecári@s Negr@s” que foi lançado e é algo que era impensável antes na Biblioteconomia de ser produzido. Então, acredito muito nessa nova geração, nos bibliotecários... nos futuros bibliotecários e nas novas temáticas de pesquisa que estão ampliando aí os horizontes e, de fato, fazendo com que esta Biblioteconomia repense</u></i></p>	<p>O curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e de gênero. Felizmente, uma nova geração está levantando a temática com publicações e ampliando horizontes, fazendo com que esta Biblioteconomia repense suas estruturas e a sua formação.</p>

	<p><i>as suas estruturas e a sua formação. E o bibliotecário consiga ser esse profissional da informação, da cultura, e não só ficar nesse discurso vazio ou circular, sendo que ele não entende da sua cultura, né, ele não sabe que ele também é um produtor de cultura e de preconceito. E ele é responsável por todo esse contato, esse movimento com o outro né? Então, eu te dou parabéns pela pesquisa, foi uma da... um dos motivos que me levou a participar, sabe? Porque eu confesso que eu estou ainda nervosa devido ao pouco tempo de academia, sabe? E sei que isso fica registrado. Então, o medo de falar alguma bobagem, de tocar em um assunto que, para mim, é tão caro, é tão difícil ler e discutir sobre... Então, eu gostaria que você tivesse todo sucesso aí e o êxito na pesquisa.</i></p>	
E18	<p><i>É! Porque acabou a entrevista? É isso? Ah!! Enfim. Olha, muito obrigado por me considerar como um entrevistado. Obrigado pela oportunidade de conhecer você e ter esse momento. Pedir a você que a gente mantenha sempre diálogos, porque eu acho que é sempre muito importante. Contar para você que eu estou indo, se Deus quiser, se tudo der certo, se os Orixás ajudarem (risos) vamos para Portugal a partir do dia 24 de setembro, mas eu mantenho sempre contato com o país, né? A ideia, inclusive, é estabelecer uma linha de pesquisa ali para a Universidade aonde vou e a Universidade de Música da Unirio e na Biblioteconomia, na área de Documentação, Bibliografia e Musicografia e tal. E o meu ideal é que a gente transite. Então, se a gente conseguir mobilizar pessoas que têm o mesmo interesse em música, eu gosto muito de música africana. Acabei de gravar um... uma música de um compositor de Niterói, o Jeferson Andrade, ele é um cara superinteressante, ele fez uma música chamada “Cativeiros” e eu gravei com a esposa dele, que já canta essas músicas há bastante tempo e tudo. E a gente fez uma coisa bem interessante: tem um coro que a gente colocou no arranjo musical, que ficou muito bonito. E, assim, eu acho que a gente tem que ter essas proximidades. <u>A Biblioteconomia não é só a técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para ação e é isso que me interessa.</u> Eu sou da licenciatura em Biblioteconomia também, sou coordenador da Licenciatura em Biblioteconomia e acho que o trabalho de um e de outro são diferentes, mas são muito importantes ambos. Acho que nós temos que ter os dois</i></p>	<p>Acredito que a Biblioteconomia não é só técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para a ação e é isso que interessa.</p>

	<p><i>profissionais funcionando, que poderíamos ter o mesmo profissional trabalhando em habilitações diferentes, eu acredito mais nisso, mas o MEC não acredita nisso, enfim. A gente faz como pode, mas eu acho que é uma coisa que a gente precisa considerar: o bibliotecário e o licenciado em Biblioteconomia, ambos são de origem bibliotecária, as suas ações são mais voltadas à Pedagogia ou à ação técnica da Biblioteconomia, mas ambos têm esse caminho para a educação e para a pesquisa. Isso é fundamental para a formação de qualquer outra área, qualquer pessoa seja engenheiro, cientista social, artista, músico, médico, todo mundo precisa da Biblioteconomia e das suas duas diretrizes. As licenciaturas, que vão dar conta das possibilidades de pesquisa e da Biblioteconomia, que vai dar a parte mais do tratamento técnico e da busca em recuperação de informação, né? Então, ambos são muito importantes e devem andar em associação. E todos nós precisamos dar conta dessas questões sociais. A Biblioteconomia Social, para mim, agora é uma bandeira. A [Nome não identificado] é uma moça muito interessante que eu gosto para caramba e que tem mostrado o valor desse trabalho que ela tem feito, que eu gosto para caramba e acho que é bem interessante. Então, é basicamente é isso.</i></p>	
E19	<p><i>Ah, vamos dizer assim, óh: vamos dizer eu tenho várias coisas assim, né, Franciéle. Às vezes, fica assim... a pessoa fica com certo melindres para tocar... Vamos dizer assim, óh: <u>eu nunca observei a pessoa, eu como Marcos, o cidadão Marcos, pela questão de cor. Nunca!</u> Tenho alunos bonitos e alunas lindas que eu digo que, assim, poderiam ser miss ou modelo. As pessoas, elas se desdenham. Eu disse assim: - Não é a beleza, ela não importa. A gente tá vendo a pessoa. A pessoa. <u>Vamos dizer assim, eu sei como elas, as pessoas se desdenham... não é somente que elas se desdenham: elas vêm de uma cultura que elas ouviram o tempo todo que elas são feias.</u> E isso, eu tenho na minha casa. Vamos dizer, a minha avó dizia que os únicos netos que eram bonitos era eu e os meus irmãos. E não vou dizer que não tinha primos muito mais bonitos do que eu, que vai parecer mentira, mas é a pura verdade! Mas, para minha avó, éramos os únicos bonitos. Então, já vem assim. Por isso, a questão do porquê o cara não faz... <u>A questão, eu sei que, muitas vezes, se eu competisse com alguém que não fosse branco, tá, fosse negro ou pardo no processo de seleção, eu tenho certeza que, muitas vezes, eu</u></i></p>	<p>Nunca observei as pessoas pela cor. Mas eu sei que algumas pessoas se desdenham, pois elas vêm de uma cultura onde ouviram todo o tempo que são feias.</p>

*posso ter sido escolhido por causa que eu era branco, tá? Eu tenho certeza disso. No processo de seleção com várias pessoas, algumas com mais capacidade do que eu, eu sei o porquê que eu fui escolhido e isso me dói. Teve um caso em que eu abri mão, porque foi bem claro que a pessoa... Porque na entrevista, a pessoa já veio... por causa de um sobrenome meu, que é o último e que é descendente de alemão, uma pessoa já veio falar e descendente de alemão e tal e tal. E tinha uma colega minha negra, tá, a Kátia, que ela era muito mais competente que eu, ela tinha melhores notas, ela tinha mais capacidade. A gente era da mesma turma e ela era sempre era melhor do que eu. E o escolhido no estágio fui eu e ela ficou em segundo. E ali, eu vi a coisa... com perdão da palavra a p*** sacanagem que tava acontecendo. Eu disse: Não! Não! O estágio ali, a seleção seria com o mesmo valor que eu tava recebendo, né? Aí, eu disse: - Não! Não! Não! Ele seria mais perto.... Eu disse: - Não! Não! Eu vi a sacanagem. Aí eu pensei: - Deixa assim. - Eu vou enganar. - Agora eu vou sair e fazer... E aí, o que acontece? Seria ela para entrar no meu lugar do estágio e ela não entrou. Eles pegaram o terceiro lugar.*

Entrevistadora: Entendi! Em que lugar que aconteceu, Professor, no Rio Grande do Sul?

Entrevistado: *É. Foi no Rio Grande do Sul! Foi uma tremenda sacanagem, tá? A Kátia não soube, eu soube de quem foi selecionado, da questão quando eu fui lá para fazer entrevista e tal e tal. Daí, eu vi a lista, assim, e tava o primeiro, o segundo e terceiro, né? E aí, quando foi trazer a documentação... Eu vi assim: - Hum, a Kátia em segundo. E eu disse: - Não. Não. Não. E a Kátia precisava. Eu já estava estagiando e a Kátia não. A Kátia precisava. Eu disse: - Não. Não. Daí, eu dei uma desculpa, então, para a Katia assumir. Daí, então, passados dois dias, a gente morava junto na Casa do Estudante, eu e a Kátia. E aí, eu cheguei: - E aí, Kátia. Já entraram em contato contigo lá? - Não! Tu sabes quem ficou em primeiro? Eu disse: - Fui eu, mas eu abri mão. Tu ficou em segundo... Daí, no outro dia eu disse: - Não. Vou ver isso aí. Aí, no outro dia eu chego na faculdade e o terceiro lugar já tinha sido contatado já. E eu disse: - Nossa! E naquela época não existia muito essa questão de rede social, porque era um caso,*

né... e isso na década de 90, né? Óh [estalo de dedos] O que acontece? Vamos dizer assim, a pessoa que entrevistou... E é aí que vem a pior sacanagem por isso, a pessoa que nos entrevistou... a gente. Chama de morena, ela era parda.

Entrevistadora: Ela [a recrutadora] era parda? De cabelo cacheado e pele branca?

Entrevistado: Não. Não. A gente chama, assim, óh... E aí, é questão de locais, né? Para minha família, a gente chama “pêlo duro”.

Entrevistadora: Que seria o que? Uma pele escura e o cabelo?

Entrevistado: Uma pele escura, uma pele escura, tá? E o é cabelo liso.

Entrevistadora: O cabelo alisado, então?

Entrevistado: É. Seria o pardo de hoje. É igual ao meu filho. Não sei se chegasse a ver foto do meu filho?

Entrevistadora: Não. Não vi, professor!

Entrevistado: Igual ao meu filho! O meu filho é pardo, tá? Daí, vamos dizer assim...

Entrevistadora: Uma pele um pouco mais clara, do que o negro, mas no caso a...

Entrevistado: Não, não é negro negro... Mas aquela questão, assim, vamos dizer assim, o mulato, não sei se é... é que pra nós, a gente chama de moreno, né? Tem a morena-clara e a morena-escura. A pessoa que nos entrevistou era morena-escura, “cor de cuia”.

Entrevistadora: Entendi. Uma pele mais dourada?

*Entrevistado: É para negro, viu? Não é negra, mas é igual a metade dos meus primos, viu? Daí, a pessoa selecionou... ela gostou das pessoas claras. Eu disse assim, uma p**** sacanagem, porque era, assim, uma seleção, tá? Era com prova e com uma entrevista. Na prova, o primeiro lugar foi disparado a Kátia. Na entrevista, daí eu fiquei melhor colocado. Daí, nós fomos os dois com essa pessoa, porque, na prova, tu*

não tinha como apagar a diferença, né, porque a prova saiu... a questão foi uma questão pessoal da empresa. A empresa já fazia isso: fazia a prova de seleção, a entrevista e a nota dos dois.

Entrevistadora: Entendi. Então, o senhor pode considerar que o fato de o senhor ter passado na frente, foi um privilégio? Uma coisa assim, que lhe deram?

Entrevistado: Eu, vamos dizer assim... Sinceramente, lá do fundo do meu coração, eu acho que sim. Eu acredito que sim. Eu também sou competente. Não vou também me desdenhar, porque eu sou. Eu também era, só que a Kátia tinha um melhor desempenho que eu na academia, tanto é que na prova técnica ela foi melhor do que eu. Tudo bem, né, na entrevista ela era uma pessoa mais tímida. Aí, tu vê tem vários fatores do porquê da timidez. A pessoa acaba sendo sempre sendo a excluída, sempre sendo renegada. Aquilo vai criando na pessoa, o que? A pessoa vai se recolhendo. Ela não é extrovertida e a Kátia era uma pessoa que não era extrovertida. Mas eu tenho certeza, vamos dizer assim, porque eu posso ter ficado na frente, mas a questão que ela era o segundo lugar, porque eu vi a colocação. A pessoa dos recursos humanos me mostrou. E o terceiro lugar é que foi chamado quando eu desisti. Eu disse: - Opa! Mas naquela época não existia rede social para tu... vamos dizer assim, a coisa era aceita. É assim, porque... Aí vem uma outra questão de futebol, tá? Lá no Rio Grande do Sul tem dois clubes de futebol: o Inter e o Grêmio, tá? E eu cresci escutando isso do povo: "Como é que se faz para tu levantar a torcida do Inter? Passa um cacho de banana que toda a torcida fica de pé". Para a torcida do Grêmio e para grandes empresas do Rio Grande do Sul: - Ah, isso aí não é discriminação, não é um racismo, isso aí é um cântico de torcida. - Não tem nada a ver com racismo. Eu sempre vi como racismo.

Entrevistadora: Cortou, professor. Como é que eles falam quando passa... para fazer a torcida do Inter?

Entrevistado: "Como é que se faz para fazer a torcida do Inter se levantar? Passa um cacho de banana". É um cântico. Tem vários... Alguns dos cânticos da torcida do

Grêmio que eu me lembro da minha infância e da juventude e que eu cansei de escutar: “gente para cá, macaco para lá”. Ou seja, a torcida do Grêmio era gente. Do outro lado, na torcida do Inter, eram os macacos, tá? E isso também é a questão da cultura no Rio Grande do Sul, vamos dizer assim... A gente, em vários momentos, a gente tá na frente e em vários momentos a gente está lá atrás, porque tem a questão do... foram os primeiros a dar liberdade para os escravos na questão da escravidão. Porém, na Revolução Farroupilha, muita gente não lembra que na noite que foi assinado... que na noite anterior que foi assinado o Tratado entraram em acordo entre o Exército Republicano e o Exército Farroupilha, eles entregaram onde é que tava o exército de negros e o Republicano foi lá e massacrou eles. Quase dizimou todos os negros que lutaram na Revolução Farroupilha, que iam ganhar a liberdade. E isso são fatos que não são contados. Sempre se conta que, no Rio Grande do Sul, os negros ganharam primeiramente a liberdade, mas durante a Revolução Farroupilha aconteceram algumas atrocidades que não são contadas.

Entrevistadora: Sim. Ocultam da história.

Entrevistado: *É. Isso é interessante tu ler o Juremir Machado. Ele conta bem essa história. E aí, quando fala em Literatura, isso aí eu li no livro do Juremir Machado.*

Entrevistadora: Sim. Entendi. É Juremir, né?

Entrevistado: *É Juremir Machado. Acho que é “Negros Lanceiros” [História regional da infâmia - O destino dos negros e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)] é o nome do livro. Juremir Machado. É bem interessante. É um fato da história do Rio Grande do Sul que não se conta.*

Entrevistadora: Sim, anotei aqui. Então, Professor, eu agradeço a sua participação e disponibilidade.

Entrevistado: *Espero ter ajudado.*

	<p>Entrevistadora: Ajudou, sim! Com certeza. Porque eu preciso ouvir discursos de vários docentes do país para poder realizar minha pesquisa e ver como a temática está sendo introduzida e se está sendo introduzida, né?</p> <p><i>Entrevistado: E como eu te falei, a gente tem que discutir na prática e no dia a dia.</i></p>	
E20	<p><i>Não me ocorre nada específico, Franciéle. Naturalmente, se a gente pudesse conversar pessoalmente, talvez, isso rendesse mais um pouco. Me ocorre um pouco na linha da primeira questão que a gente tem desafios, talvez, de duas ordens. Um que é o desafio da quantidade, se a gente acredita que bibliotecários possam fazer diferença na sociedade, a gente sabe que a gente tem uma cobertura geográfica, geopolítica sem bibliotecários e, portanto, sem este profissional com esta responsabilidade social que a gente vê nele. E o outro desafio é o desafio da qualidade. O desafio da qualidade da formação, talvez, seja aquele aonde a gente possa fazer alguma coisa, um pouco mais. <u>Acho que a tua preocupação, ela é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil, da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica. Que, na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões.</u> Mas eu te desejo boa sorte. Depois repassa para a gente o resultado da pesquisa. Se achar que eu possa esclarecer ou se você quiser algum complemento, algum comentário em relação a qualquer coisa, você pode me mandar um áudio a qualquer tempo aí, conforme eu vá tendo disponibilidade eu vou respondendo para você. Espero ter ajudado.</i></p>	<p>Acho que a preocupação é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil e da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica, que na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões.</p>
E21	<p>[...]</p> <p><i>Entrevistada: Entendi, Franciéle. Duas coisas: A primeira, eu me interessei sobre... Imagina você que <u>eu nunca soube sobre essa Biblioteconomia Negra Americana e procurei... eu procurei, mas eu confesso que eu procurei muito mais a respeito das representações temáticas, do que da própria... do fazer do bibliotecário e porque também eu tive... eu convivi com, por exemplo, com o grande pesquisador, um grande Professor-tutor de Universidade Negra Americana que é o Michael Hanchard que tem livro publicado e etc., você conhece de nome pelo menos. Assim, também eu era amigíssima de [Não identificado] entre outros da minha época falando assim, né, então falando de pessoas como <u>Amauri Mendes, um dos líderes do movimento negro de um</u></u></i></p>	<p>Nunca soube da Biblioteconomia Negra Americana, embora tenha tido contato com diversos pesquisadores e líderes do movimento de minha época.</p>

	<p><i>determinado momento que escreveu muita coisa, e que se dava muito com Michael Hanchard e lá com essa... dentro dessa Universidade... Eu gostaria que você depois me passasse essa informação. Me interessou bastante até porque... até porque eu posso já desde agora... eu falo de representações desses documentos representativos que a gente recupera informações na biblioteca e critico bastante essa falta de visibilidade que a cultura brasileira tem. E eu, particularmente, tirando coisas assim que eu nem me lembro, mas eu tenho o meu mestrado foi sobre a questão brasileira, foi sobre eventos, os principais eventos nacionais sobre a discussão racial do Brasil dos 70 aos 90. Os primeiros que foi Gilberto Freyre, que foi com... Eles foram uma referência para esses dos 70 e 90 que eu participei. Tenho também um artigo que eu fiz mais narrativo, um trabalho que eu fiz numa disciplina do IBICT sobre o racismo em Lima Barreto, entendeu? Eu fiz uma... Aproveitei até tudo que eu tinha feito na minha dissertação. O professor tinha mandado a gente ler o Lima Barreto... O ... Como é meu Deus? 'Recordações de... Ai, meu Deus... São tantos livros de Lima Barreto, mas é meio autobiográfico o livro e as palavras de Lima Barreto tinham tudo a ver com os teóricos que eu coloquei no meu mestrado. Então, eu fiz um paralelo, assim: quando o Barreto escrevia isso o que isso significava segundo grandes sociólogos da questão racial. Então... das Relações raciais ou questão racial. É isso. Então, vê se você manda para mim essa referência desse... que eu vou fazer uma pesquisa desta Biblioteconomia Negra dos Estados Unidos... Meu Deus, como que eu fiquei de fora disso?! (risos).</i></p>	
E22	<p><i>Tá bom, querida! Ah! <u>Eu creio que a gente se envolve pouco com essas questões, com essa pergunta eu me sinto mais à vontade. Sabe o porquê, Fran? Porque eu não sou negra! E... e eu acho que a gente se envolveria mais com essas questões se nós tivéssemos colegas negros, né? E infelizmente, eu não sei te dizer, né, a gente... a gente não sente... Não sente na pele o que é ser negro, as questões de ser negro e é óbvio que nós convivemos com negros e sabemos da história, do absurdo que se deu com relação as questões da negritude. Mas, assim, óh, eu acho que é pouca abordagem. E, talvez, o desconforto que nos sentimos talvez a responder essas perguntas que você me faz é porque nós não somos negros e nós não temos colegas negros, né? E quando a gente... eu trabalho com exclusão, eu trabalho com questões de exclusão e eu lembro que eu</u></i></p>	<p>Creio que a gente se envolve pouco com essas questões. Eu não sou negra e acredito que a gente se envolveria mais com essas questões se tivéssemos colegas negros. A gente não sente na pele o que é ser negro. Obviamente nós convivemos com negros e sabemos da história e do absurdo que se deu com relação às questões da negritude, mas acho que é pouca abordagem do tema.</p>

	<p><i>voltei muito mais o meu olhar para essas coisas, porque eu tenho um filho deficiente, né? Então, quando a gente convive com as pessoas que têm suas dificuldades em detrimento de algumas dificuldades de se colocarem socialmente, ou ser excluído de algum direito, de exercer o seu direito, é quando a gente convive com essas pessoas. A gente pode ter mais possibilidades de agregar nessas bandeiras, sabe, nessas lutas dos negros, por exemplo, e de outras... e de outras etnias também, que também são excluídas assim. Eu acho, então, eu penso isso. Eu acho que isso é uma coisa que eu gostaria de colocar, né, eu me sinto, eu coloco... Enquanto você me faz essas perguntas, eu tento colocar o negro em grupos que eu percebo, que eu estudo, que são grupos excluídos, né? Então, eu sempre tenho... Se eu respondi muito mais com base nesse grupo maior de exclusão e sem olhar... e sem... Não é nem sem olhar, mas, talvez, sem ter tanta percepção da questão específica do negro. E dentro da formação do bibliotecário, eu creio que isso se dá por conta de um pouco grupo docente que nós temos, assim, negros né? E espero que isso se modifique como pesquisas como a sua e a gente possa ter um grupo mais plural, assim, um coletivo mais plural de docente para a Biblioteconomia. Acho que só vai agregar bastante na nossa formação, é uma caminhada, né? É isso.</i></p>	
E23	<p><i>Bom, eu acho que a leitura mais importante sobre o assunto não é nenhuma bibliografia, nenhuma citação, nenhum autor em questão. Agora, o que eu acho estranho, muito estranho, é que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação.</i></p> <p>Entrevistadora: E por quê?</p> <p><i><u>É isso que realmente nós temos algumas hipóteses, né? Eu tenho algumas ideias, mas são muito gerais, mas que são interessantes da gente debater. Quer dizer, quais são as razões que levaram a isso? Porque isso chegou de uma maneira tão tardia, né? <u>Aí, nós buscamos as próprias raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes e algumas coisas são alto-explicáveis, né, por exemplo, a Ciência da Informação no Brasil, especificamente, mas em outros países americanos, ela se vale sempre por modas, ou seja, por tendências de pesquisas. Essas tendências de</u></u></i></p>	<p>Acho estranho que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação. Tenho algumas hipóteses e ideias do por quê isso acontece, mas são muito gerais. Ao buscarmos as raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes algumas coisas são auto explicáveis. A CI no Brasil e em outros países americanos, ela se vale por tendências de pesquisas criadas ou desenvolvidas por países primeiro-mundistas. Essas tendências</p>

pesquisas, elas acabam organizando os pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento, né? Veja que esses temas são, em geral, criados ou desenvolvidos em países primeiro-mundistas, especificamente, o Canadá, Estados Unidos e, atualmente, Dinamarca e França com um certo destaque. Então, primeiro uma onda de abordagens novas, recentes, que procuram questionar as anteriores. Isso replica que depois de alguns meses, primeiro sai como um artigo ou na forma de um livro, uma dissertação ou tese e, de repente, há uma epidemia de publicações no mesmo sentido. De modo que a Ciência da Informação, ela não... não tenha uma agenda própria nacional, por exemplo, não tem uma lista de temas que são de crucial importância nacional que ela procura tematizar como uma agenda. Algo que, olha, nós temos que resolver ou amadurecer a teoria sobre essa questão. Que essa questão compete a nós, por exemplo, a questão indígena, né? Como outros países que trabalham com mais de uma língua resolvem o tratamento da documentação em outra... em línguas indígenas, como é que eles trabalham? Veja que isso é um tema que tem uma adesão social muito grande, mas é esquecido, porque ele não está dentro das tendências. Mas há países que já fizeram o seu questionamento. Vou citar aqui o caso do Canadá em que as línguas indígenas têm uma certa presença no debate. Acho que, aí, nós poderíamos fazer algo no mesmo sentido, talvez, nos aproximarmos mais das áreas como Tradução, justamente para entender isso e tal. Bom, aí, tem a questão da tendência. Outra coisa é o nível de amadurecimento teórico, no que diz respeito ao conhecimento de Antropologia e Sociologia dos especialistas em Ciência da Informação e Biblioteconomia, né? Eu não sei por qual razão, mas há uma certa aversão aos temas das humanidades na prática, né? Então, isso pode ser notado pelo número de publicações que tematizam. Isso você vai notar que entre os diversos GTs, você vai ter um GT, uma parte desse GT que vai discutir os temas mais ligados ao aspecto cultural, e ali, você tem uma intervenção da área de Educação, da área de Sociologia, da área de Comunicação, da área de Antropologia, Filosofia e, é claro, que você pulveriza isso em outras áreas, mas não é predominante. Hora, como não tenho um estofo, uma base em humanidades razoável, ninguém vai se atrever a discutir esse tema e transformá-lo em abordagem ou objeto de pesquisa, né? Então, aí uma

acabam organizando pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento. Assim, a CI não tem uma agenda própria com uma lista de temas que são de crucial importância nacional.

carência desse tipo de informação por parte de nossos especialistas, isso é um fato. Outra razão, e aí seria a terceira, isso tudo dentro dessa grande hipótese, né? É o próprio desconhecimento da História do Brasil. Nós temos isso como geral, isso transcende as áreas, não é algo específico da Biblioteconomia, isso atinge os Pedagogos, isso atinge os Licenciados, as diversas matérias: há um desconhecimento generalizado em relação à história do Brasil, a história do negro do Brasil, a história das outras etnias que compuseram a nossa formação, né? Então, esse desconhecimento generalizado, ele provoca uma... eu não sei como explicar isso, mas isso acaba servindo de justificativa para não se admitir ou não se aceitar nenhum tema desses, até porque há um vazio teórico nessa formação. Ou seja, vazio, talvez seja exagero, mas são pinceladas de histórias que estão presentes quando o sujeito procura pensar a questão. Bom, além disso tem em quarto lugar como elemento de explicação... eu acho que a questão da... de algumas coisas que nós... não resolveram no Brasil, dado em processo histórico como, por exemplo, o grave preconceito que nós temos no Brasil em todas as escolas e isso entra nas universidades. Vejam as declarações contra os cotistas por deputados, senadores, por intelectuais, “pseudo-intelectuais”, jornalistas... Então, isso são indícios do forte preconceito que está latente e que é difícil, é impossível você negar. Então, é como se o sujeito que tematiza essa questão automaticamente fosse um comunista ou socialista, ou automaticamente fosse alguém ligado ao movimento afirmativo, quando, na verdade, não é só isso. Você vê que o preconceito, ele acaba instaurando uma agenda conservadora em várias áreas de pesquisa e a Biblioteconomia como refratária de outras áreas, de outras narrativas, ela acaba reproduzido, em certa medida, esse comportamento dentro dos alunos, juntos aos alunos e, por incrível que pareça, alunos negros, não apenas não se comprometem com a questão, mas servem como os reprodutores desse pensamento conservador, desse pensamento preconceituoso. Isso seria algumas, mas acho que não se limita aí. Eu acho que nós teríamos que pensar em conjunto, em coletivo, por qual razão isso tomou demorou tanto tempo para ser discutido, e mesmo que... Mesmo tendo demorado tanto, não é relevante o número de surdos, o número não tô dizendo o nível ou a profundidade não é relevante. Você tem um trabalho acolá no Rio de Janeiro, um trabalho ali na

	<p><i>Bahia, você tem um trabalho... veja que é uma coisa, assim, muito reduzida quando nós comparamos a outras temáticas. Vamos lá: temáticas como mediação cultural é uma temática recente. Está em vários espaços, quando você compara tem um grande número. Temática como catalogação automatizada e comutação de registros bibliográficos, você vai ver que tem uma série de universidades, enfim. Então, veja que, numericamente, eles são irrelevantes, eles são insignificantes. Agora, do ponto de vista do clamor social, das demandas dos grupos sociais, isso aí deveria está em outro... estar em outra posição. Então, mas essas não são as únicas razões, eu acredito que para a gente pensar bem a questão, nós temos que ampliar o entendimento sobre isso para entender por qual razão a Biblioteconomia demorou tanto, e ainda não tem um projeto articulado de superar essa visão conservadora, voltada para a Cultura Letrada, voltada a certos grupos de elite, pensando, claro, em reproduzir a posição no campo, de algumas... de alguns coletivos burocráticos. Então, de que maneira nós podemos superar isso? Então, essa agenda ainda carece de amadurecimento, de entendimento em primeiro lugar para depois pensar numa estratégia mais efetiva de superação dessa dificuldade.</i></p>	
E24	<p><i>[...]</i> <i>Entrevistada: É? Comentário, né? É, assim, na verdade que acontece, né? <u>Eu vejo que tem uma demanda grande das alunas e dos alunos para tocar nesses temas, né? E é engraçado como, para mim é evidente que a Biblioteconomia pauta muito mais esses temas que a Arquivologia. De chegar a ter alunos desesperados, assim, perguntando em um momento de conversa, abordando para saber se não muda de curso. E esses alunos são alunos negros. São alunas e alunos negros/os que vem a produção, o livro que você organizou, por exemplo, o debate quando teve lá a mesa sobre relações de gênero e você falou. Quer dizer, os alunos têm meio que desesperados, né? E também eu acho que, apesar da gente estar na Ciência da Informação e a informação ser importante, também não é só culpa da Universidade. É uma questão, assim, de que a gente vive um mundo ociogênico demais e com essa questão da hiperinformação forte, né? Que eu gosto de chamar de “infoxicação” e muitas vezes, eles não sabem. Por exemplo, eu converso, assim: - Porque você não vai fazer a disciplina da Giovana</u></i></p>	<p>Eu percebo uma demanda grande de alunas e alunos para abordar esses temas. Acho que é uma área que tem muito o que discutir esses temas, como a questão de cotas raciais, de cotas para mulheres trans, algo que as pessoas já estão pautando há muito tempo.</p>

Xavier, *Intelectuais Negras*, todo o semestre ela oferece, todo o período ela oferece lá na UFRJ. E aí, as pessoas não sabem: - Pode? Eu posso pegar? Posso fazer? E eu falei: - Claro! Como optativa! Eu não sei dizer exatamente se vão conseguir aproveitar os créditos lá fazendo a disciplina dela, mas eu falo assim: - Olha, a disciplina dela vai muito além da questão de crédito. Eu acho que devia aceitar, mas muito além de uma questão de crédito. Acho que você tem que chegar junto e vai ser um momento muito enriquecedor para a vida, né? Outra coisa também interessante é que uma vez perguntaram no perfil lá no facebook... eu não sei se é [Universidade Federal], “Um país chamado [Universidade Federal]” uma coisa, assim, que junta todos os cursos possíveis e uma moça fez uma questão, assim: - Há, professores negros no seu curso? Me conte. E aí, eu vi uma moça negra da Biblioteconomia falando assim: - Não há. Depois eu encontrei com ela e conversei, assim: - Então, você sabe que a nossa coordenadora, ela se identifica como uma mulher negra, né? Aí, ela: - Nossa, é verdade! Ela se identifica mesmo! Eu esqueci. Ela falou isso, que esqueceu. Tiveram substitutos que passaram lá, né? E quando essa pergunta foi feita, esses professores substitutos estavam lá. E foi, assim, né? É isso. Às vezes, eu vou lembrando de coisas que acontecem, né? Como eu falei na mesa que a gente participou: - Eu acho que é uma área que tem muito o que discutir ainda esses temas, muito! Questão de cotas raciais, questão de cotas para mulheres trans que as pessoas já estão pautando há muito tempo nos cursos na [Universidade Federal]. Sabe o que vai acontecer? Eu não estou na pós-graduação, mas já estão me dizendo que já que os próprios professores da pós-graduação não tiveram sensibilidade sobre esse tema e ficam no discurso da meritocracia e tudo isso, vai começar a ser imposto de cima para baixo, né? É isso que vai acontecer.

APÊNDICE H – INSTRUMENTO DE ANÁLISE DE DISCURSO – IAD 2

Questão 1 - Comente os desafios sociais para a formação do bibliotecário no Brasil hoje.

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades, como em todas as profissões, e estão cada vez mais complexos.	E1; E4; E5 E13; E17
É preciso uma formação mais completa. Na formação, não é possível contemplar todos os desafios em sua totalidade.	E1; E4
O currículo da Biblioteconomia não está preparado para os desafios sociais.	E2
Foco na técnica, catalogação, classificação, mas não se discute e se entende como as técnicas são criadas e como podem ser excludentes.	E2
Os currículos são defasados e não atendem as demandas sociais, sobretudo na parte teórica.	E2
Um dos desafios é a questão curricular.	E3
Há dificuldade em revisar a matriz curricular, pois os professores estão com bastantes trabalhos e é preciso parar para fazer uma matriz, fazer o estudo e a sua elaboração.	E3
O grande desafio é trabalhar matrizes curriculares para que elas atendam as demandas sociais crescentes da questão da história Africana e Afro-brasileira e da questão dos processos de gestão ambiental.	E3
Um dos grandes desafios da Biblioteconomia hoje é capacitar o aluno em uma formação mais ampla com questões vigentes no dia a dia.	E3
A questão tecnológica é um dos desafios encontrados.	E4
O profissional precisa entender o espaço onde está inserido. O processo de formação do profissional é um processo contextualizado, onde não se pode separar a teoria da prática. O bibliotecário precisa entender e desenvolver um olhar fundamentado e comprometido com as questões do ser profissional no sentido formal de formação técnica e também de uma visão do contexto, onde possa perceber está inserido e o tipo de instituições e usuários de informação com os quais se relaciona. Tudo isso demanda um processo formativo complexo e intenso.	E5
Acredito que os desafios sociais da formação atualmente estão voltados para as questões de inclusão no que diz respeito às questões de sexualidade, raça, gênero, religião e acessibilidade.	E6
Como desafio local, acredito que os alunos chegam ao curso de Biblioteconomia pensando que o curso será mais focado na perspectiva tecnológica, onde a perspectiva social não é prioridade dos docentes e da matriz curricular.	E7

Em algumas disciplinas, tento apresentar o social e o usuário como pontos de partida e a comunidade como contexto de prática profissional do bibliotecário. Acredito ser necessário formar o bibliotecário para trabalhar com o contexto social do Brasil e lembrar aos futuros bibliotecários o que é o Brasil, quais suas características, particularidades, diferenças e recuperar a sua matriz indígena, africana e europeia e entendendo as hegemonias que foram colocadas na construção do nosso país.	E7
Os desafios sociais para a formação é a questão da permanência, pois o perfil do nosso estudante é de baixa renda. Assim, como, as deficiências apresentadas com relação à formação do estudante vindo do ensino público, inclusive de escrita e leitura.	E8
Há o desafio para o docente, que tem que compreender, pensar e atuar no mercado de trabalho para poder dar aulas. E para o estudante, pois se depara com um mundo complexo ao sair da universidade.	E9
O espaço universitário ainda é mantenedor de desigualdades, e é preciso refletir sobre esses aspectos na formação.	E10
Compreender a realidade onde esses profissionais são formados, ou seja, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural e étnico-racial.	E11
Acredito que não temos somente desafios sociais, temos desafios de todas as ordens, porque são desafios econômicos, políticos, etc.	E14
Não somos reconhecidos pelo nosso potencial em atuar com a tecnologia no tratamento, recuperação e circulação da informação.	E15
Muitos cursos não estão abordando as questões tecnológicas como deveriam. Portanto, há uma falha, pois os bibliotecários que dominam isso foram buscar capacitação em outras instituições após a formação.	E16
O papel da biblioteca e do bibliotecário mudou. O desafio é mostrar para os alunos o potencial da biblioteca para mobilizar neles, o pensamento crítico.	E17
Há uma diferença muito cultural muito grande com uma série de questões que a gente tem da Europa. A nossa formação e a nossa gente são muito mescladas aqui no Brasil. Não é demérito sermos mesclados, mas aqui se privilegia o que vem da Europa e as questões que nos melhoram devido à nossa miscigenação racial não são valorizadas.	E18
Os alunos do curso de Biblioteconomia possuem um perfil diferenciado, visto que já possuem uma vivência da questão racial, das dificuldades e das mazelas do nosso dia a dia, das comunidades e das realidades sociais, pois são oriundos das classes C, D e E, ou seja, são alunos carentes. Isso irá ajudar a formar um melhor bibliotecário social.	E12; E19
Acredito que os bibliotecários teriam, pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, a possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a sociedade enfrenta desde os aspectos graves da Economia até a questão social. Talvez, o principal problema na formação do bibliotecário seja a visão da profissão como uma técnica.	E20
O desafio enfrentado é que o profissional não era e continua não sendo preparado para essas questões sociais tão presentes na história brasileira.	E21

Há a questão de compreender a coletividade e dos profissionais e estudantes se engajarem em causas coletivas e questões sociais.	E22
Entender que as técnicas são para alguma coisa e não em si mesmas.	E22
A formação dos bibliotecários, pois temos passado por complicadores vindos da própria Universidade e da crise econômica que impacta, inclusive na quantidade de profissionais e mercado de trabalho.	E23
Outro desafio é a regulamentação profissional, pois nosso sistema de regulamentação é antigo e precisa ser rediscutido para pensar no papel desse profissional com a sociedade brasileira.	E23
O grande problema é que a área ainda parece estar se construindo cientificamente e tende a olhar para o bibliotecário como se este fosse neutro e universal e também como se o fazer técnico não fosse uma formação que exija pensar a intelectualidade.	E24

Resposta questão nº 1:

Os desafios sociais para os bibliotecários são diversos, inúmeros e cheios de dificuldades, como em todas as profissões, e estão cada vez mais complexos. Acredito que não temos somente desafios sociais, temos desafios de todas as ordens, porque são desafios econômicos, políticos, etc. Um dos desafios é a formação dos bibliotecários, pois temos passado por complicadores vindos da própria Universidade e da crise econômica que impacta, inclusive na quantidade de profissionais e mercado de trabalho. O papel da biblioteca e do bibliotecário mudou e acredito que os bibliotecários teriam, pelas suas responsabilidades, atribuições, competências e habilidades, a possibilidade de dar resposta aos principais problemas que a sociedade enfrenta desde os aspectos graves da Economia até a questão social. Talvez, o principal problema na formação do bibliotecário seja a visão da profissão como uma técnica. Outro ponto desafiador é a regulamentação profissional, pois nosso sistema de regulamentação é antigo e precisa ser rediscutido para pensar no papel desse profissional com a sociedade brasileira. É preciso mostrar para os alunos o potencial da biblioteca para mobilizar neles, o pensamento crítico. Pois isso, um dos desafios é a questão curricular. O currículo da Biblioteconomia não está preparado para os desafios sociais. Os currículos são defasados e não atendem às demandas sociais, sobretudo na parte teórica. Muitos currículos possuem o foco na técnica, catalogação, classificação, mas não se discute e se entende como as técnicas são criadas e como podem ser excludentes. O espaço universitário ainda é mantenedor de desigualdades, e é preciso refletir sobre esses aspectos na formação. Os alunos do curso de Biblioteconomia são alunos carentes.

Um dos grandes desafios da Biblioteconomia hoje é capacitar o aluno em uma formação mais ampla com questões vigentes no dia a dia. O grande problema é que a área ainda parece estar se construindo cientificamente e tende a olhar para o bibliotecário como se este fosse neutro e universal e também como se o fazer técnico não fosse uma formação que exija pensar a intelectualidade. O profissional não era e continua não sendo preparado para essas questões sociais tão presentes na história brasileira. O profissional precisa entender o espaço onde está inserido. O processo de formação do profissional é um processo contextualizado, onde não se pode separar a teoria da prática. O bibliotecário precisa entender e

desenvolver um olhar fundamentado e comprometido com as questões do ser profissional no sentido formal de formação técnica e também de uma visão do contexto, onde possa perceber está inserido e o tipo de instituições e usuários de informação com os quais se relaciona. Tudo isso demanda um processo formativo complexo e intenso.

É preciso ainda, uma formação mais completa, embora acredite que, na formação, não é possível contemplar todos os desafios em sua totalidade. Inclusive, há dificuldade em revisar a matriz curricular, pois os professores estão com bastantes trabalhos e é preciso parar para fazer uma matriz, fazer o estudo e a sua elaboração. Assim, o grande desafio é trabalhar matrizes curriculares para que elas atendam as demandas sociais crescentes da questão da história Africana e Afro-brasileira e da questão dos processos de gestão ambiental. Acredito que os desafios sociais da formação atualmente estão voltados para as questões de inclusão no que diz respeito às questões de sexualidade, raça, gênero, religião e acessibilidade. Por outro lado, a questão tecnológica é um dos desafios encontrados. Não somos reconhecidos pelo nosso potencial em atuar com a tecnologia no tratamento, recuperação e circulação da informação. Muitos cursos não estão abordando as questões tecnológicas como deveriam. Portanto, há uma falha, pois os bibliotecários que dominam isso foram buscar capacitação em outras instituições após a formação.

Como desafio local, acredito que os alunos chegam ao curso de Biblioteconomia pensando que o curso será mais focado na perspectiva tecnológica, onde a perspectiva social não é prioridade dos docentes e da matriz curricular. Há uma diferença muito cultural muito grande com uma série de questões que a gente tem da Europa. A nossa formação e a nossa gente são muito mescladas aqui no Brasil. Não é demérito sermos mesclados, mas aqui se privilegia o que vem da Europa e as questões que nos melhoram devido à nossa miscigenação racial não são valorizadas. Há também a questão de compreender a coletividade e dos profissionais e estudantes se engajarem em causas coletivas e questões sociais, além de entender que as técnicas são para alguma coisa e não em si mesmas. Em algumas disciplinas, tento apresentar o social e o usuário como pontos de partida e a comunidade como contexto de prática profissional do bibliotecário. Acredito ser necessário formar o bibliotecário para trabalhar com o contexto social do Brasil e lembrar aos futuros bibliotecários o que é o Brasil, quais suas características, particularidades, diferenças e recuperar a sua matriz indígena, africana e europeia e entendendo as hegemonias que foram colocadas na construção do nosso país. Assim, é necessário compreender a realidade onde esses profissionais são formados, ou seja, compreender o Brasil, sua história, a história da formação social brasileira do ponto de vista econômico, social, cultural e étnico-racial.

Penso que ainda, no que se refere aos desafios sociais para a formação, na questão da permanência, pois o perfil do nosso estudante é de baixa renda. Assim como, as deficiências apresentadas com relação à formação do estudante vindo do ensino público, inclusive de escrita e leitura. Há o desafio para o docente, que tem que compreender, pensar e atuar no mercado de trabalho para poder dar aulas. E para o estudante, pois se depara com um mundo complexo ao sair da universidade. Os alunos do curso de Biblioteconomia possuem um perfil diferenciado, visto que já possuem uma vivência da questão racial, das dificuldades e das mazelas do nosso dia a dia, das comunidades e das realidades sociais, pois são oriundos das classes C, D e E, ou seja, são alunos carentes. Isso irá ajudar a formar um melhor bibliotecário social.

Questão 2 - Eu gostaria de escutá-lo(a) sobre a formação do bibliotecário e sua relação com culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil.

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos.	E1; E2; E9; E22
Alguns professores trabalham e estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática e levam para sala de aula.	E1; E5
Outros professores não estão envolvidos e pouco trabalham a temática, mas não porque não se importem ou não achem relevante, mas porque são poucos textos, poucas abordagens e poucas reflexões.	E1
A biblioteca pode ser um canal importante de inclusão social, de justiça social e democratização do acesso a políticas sociais para minorias.	E2
Na Biblioteconomia brasileira não se tem a noção de comunidade e isso é problema grave, porque a população afrodescendente não consegue enxergar sua história na biblioteca.	E2
A biblioteca ainda é um local de elite e há um problema de circulação da população afrodescendente, pois foi remontada a história e feita a abolição sem compromisso com a dívida social.	E2
A história negra foi apagada da história do Brasil e é apagada das nossas bibliotecas. Não temos livros sobre História da África e a história da África está apagada, inclusive, nas classificações utilizadas por nós.	E2
A academia ainda é bastante resistente ou pouco informada sobre as questões relacionadas aos afro-brasileiros. A universidade e os cursos precisam estarem voltados para essa questão e eu não tenho visto isso acontecer. Não vejo elaboração de políticas específicas no que diz respeito ao currículo para se trabalhar esse tema dentro de sala de aula.	E3; E5
Ainda falta uma capacitação docente para operar com as diversidades e que o currículo seja adequado a isso. Não há disciplina que contemple uma formação que atenda a esse público específico e nossos alunos são afro-brasileiros, são afrodescendentes.	E3
A questão de como a temática é tratada em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, nem sempre terá essa aproximação feita tão diretamente com o estudante, pois é trabalhada por professores de outros departamentos.	E4
Acredito que os conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil e do legado cultural é importante de ser inserido no curso, mas acho que deveria vir intensificado da educação de base.	E4
Essa questão é importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional, especificamente, com o profissional da Biblioteconomia, no entanto, não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática [docente] uma discussão consistente voltada para essas questões.	E5
Precisamos começar uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia e criar uma percepção e consciência coletivas da importância em reconfigurar o olhar e ressignificar as ações e modo de ver dos profissionais, alunos e pessoas.	E5

O corpo docente se preocupa com a formação do bibliotecário frente às transformações que se referem às discussões de raça e de gênero.	E6
Construir um discurso e um ambiente para sensibilizar os alunos e começar a discutir questões como afrodescendência e cultura indígena.	E7
A temática não aparece na matriz curricular, nem na ementa da disciplina e nem na bibliografia, mas está sendo feita uma construção em sala de aula para depois formular o currículo e introduzir bibliografias e conteúdos de ementas para que faça parte da formação do bibliotecário.	E7
Os projetos pedagógicos dos cursos têm que possibilitarem esse tipo de discussão da temática. A disciplina deve fazer parte do projeto político pedagógico do curso e ser específica para tratar da questão negra.	E8
Há disciplinas onde são tratadas e discutidas as questões indígena e negra por fazerem parte da cultura brasileira, como por exemplo, Teoria da Ação Cultural.	E8
Na minha formação não tive nenhuma perspectiva, disciplina ou professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Se o profissional não ir atrás dessa formação sobre as culturas não terá nenhum aporte com relação às culturas afro-brasileiras.	E9
Na grade curricular de quando fiz minha graduação e a grade que está vigente no curso onde exerço a função de docente e formador de bibliotecários, não vejo nada em relação às culturas africanas ou afro-brasileiras.	E10
Não vejo no ementário da grade de alguns cursos de graduação em Biblioteconomia do nosso país.	E10
O currículo de Biblioteconomia ainda precisa de uma africanização. Quase não há disciplinas que discutem a questão étnico-racial e quando há, são como disciplinas optativas, não como disciplinas obrigatórias. A questão racial é uma temática transversal, que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora.	E11
O bibliotecário necessita discutir as realidades materiais, sociais, étnicas de onde está inserido. A formação bibliotecária ainda é uma formação distante da realidade local, pois é um único currículo que serve para todo Brasil.	E11
Parte dos professores se preocupa em incluir as culturas afros no currículo buscando atender a uma exigência do MEC, pois é algo avaliado.	E12
Os cursos de Biblioteconomia têm que começarem a incluir essa discussão desde os primeiros períodos do curso para fazer essa construção e resgate sobre o tema.	E12
A temática só é trabalhada na pós-graduação, a partir da orientação.	E13
Embora exista alguma disciplina obrigatória, a Biblioteconomia ainda está muito voltada para questões técnicas e esquece de pensar na diversidade, nas questões raciais e de identidade.	E13

Acredito que hoje há uma sensibilidade maior para a questão. Por força dos movimentos sociais há preocupação em inserir as culturas afros nos programas e currículos dos cursos.	E14
A preocupação de inserção das culturas deve acontecer através das bibliotecas públicas, que são o lócus privilegiado da população em geral. E vai depender das pessoas, inclusive da visão dos gestores e das políticas públicas.	E14
Houve uma mudança clara, em especial depois do REUNI, das universidades terem tornado seus cursos mais inclusivos.	E15
Penso que o bibliotecário não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com relação ao público oriundo da África ou países circunscritos a esse Continente que estão no Brasil.	E16
Penso que o bibliotecário não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com relação ao público oriundo da África ou países circunscritos a esse Continente que estão no Brasil.	E16
No Brasil, penso que há uma deficiência, porque as bibliotecas públicas, universitárias ou escolares, elas oferecem serviços de um modo geral. Não há uma preocupação com os diferentes públicos e de trabalhar serviços especializados para determinados públicos e comunidades.	E16
As bibliotecas, em especial, as públicas precisam reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para oferecer e levar produtos, serviços e conteúdos que tenham impacto nesse tipo de público.	E16
A formação brasileira envolve falar das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas e todos nós. Infelizmente, na formação escolar isso mal é dado ou é dado de forma enviesada. No ensino superior, a formação de bibliotecários não tem a discussão sobre o tema.	E17
É importante trazer África para criar uma Biblioteconomia mais representativa das questões das culturas africanas dentro da nossa cultura, principalmente através dessa formação oficial com a valorização de todo tipo de manifestação cultural.	E18
Não adianta somente colocar nas diretrizes do PPC, é preciso passar para o aluno e levar as questões afro e da diversidade sexual e colocar isso na prática docente e provocar o debate.	E19
O MEC colocou como exigência, mas nunca houve um forte avanço na formação do bibliotecário aqui, pois não há essa preocupação na Universidade.	E20
Ainda precisamos estudar o tema, principalmente, as representações do conhecimento fundamentadas nas representações sociais de grandes teóricos.	E21
A história do bibliotecário é uma história elitizada também na formação.	E22
Os estudantes não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel, do papel histórico de sua cidade e da sua cultura para o Brasil.	E23
Nas disciplinas, o tema fica à margem, não há discussão ou aprofundamento da questão. Quando há discussão, ela depende da vontade dos docentes em abordar a presença do negro no Brasil.	E23

Não vejo os professores trabalhando esses temas, vejo-os mais preocupados com a técnica e com a abordagem dos clássicos.	E24
--	-----

Resposta questão nº 2:

A história do bibliotecário é uma história elitizada também na formação. A relação entre a formação do bibliotecário e as culturas africanas e afro-brasileiras é incipiente ou quase não há nenhuma em sala de aula, pois pouco se trabalha essa temática que visa a justiça social e sanar problemas históricos. Na minha formação não tive nenhuma perspectiva, disciplina ou professor que falasse sobre as culturas afrodescendentes. Não vejo os professores trabalhando esses temas, vejo-os mais preocupados com a técnica e com a abordagem dos clássicos.

Em alguns momentos, o corpo docente se preocupa com a formação do bibliotecário frente às transformações que se referem às discussões de raça e de gênero. Alguns professores trabalham e estão envolvidos com grupos de estudos dessa temática e levam para sala de aula. Outros professores não estão envolvidos e pouco trabalham a temática, mas não porque não se importem ou não achem relevante, mas porque são poucos textos, poucas abordagens e poucas reflexões. Parte dos professores se preocupa em incluir as culturas afros no currículo buscando atender a uma exigência do MEC, pois é algo avaliado. O MEC colocou como exigência, mas nunca houve um forte avanço na formação do bibliotecário daqui, pois não há essa preocupação na Universidade. Não adianta somente colocar nas diretrizes do PPC, é preciso passar para o aluno e levar as questões afro e da diversidade sexual e colocar isso na prática docente e provocar o debate. Ainda falta uma capacitação docente para operar com as diversidades e que o currículo seja adequado a isso. Se o profissional não ir atrás dessa formação sobre as culturas não terá nenhum aporte com relação às culturas afro-brasileiras. Não há disciplina que contemple uma formação que atenda a esse público específico e nossos alunos são afro-brasileiros, são afrodescendentes. Contudo, houve uma mudança clara, em especial depois do REUNI, das universidades terem tornado seus cursos mais inclusivos.

A academia ainda é bastante resistente ou pouco informada sobre as questões relacionadas aos afro-brasileiros. A universidade e os cursos precisam estarem voltados para essa questão e eu não tenho visto isso acontecer. Não vejo no ementário da grade de alguns cursos de graduação em Biblioteconomia do nosso país. Na grade curricular de quando fiz minha graduação e a grade que está vigente no curso onde exerço a função de docente e formador de bibliotecários, não vejo nada em relação às culturas africanas ou afro-brasileiras. Essa questão é importantíssima dentro do processo formativo de todo e qualquer profissional, especificamente, com o profissional da Biblioteconomia, no entanto, não tenho visto cotidianamente dentro dessa minha prática [docente] uma discussão consistente voltada para essas questões. Não vejo elaboração de políticas específicas no que diz respeito ao currículo para se trabalhar esse tema dentro de sala de aula. Acredito que os conteúdos relacionados à questão da cultura africana, da importância da África para a formação do Brasil e do legado cultural é importante de ser inserido no curso, mas acho que deveria vir intensificado da educação de base.

A formação brasileira envolve falar das culturas afro-brasileiras, da África, dos indígenas e todos nós. Infelizmente, na formação escolar isso mal é dado ou é dado de forma enviesada. No ensino superior, a formação de bibliotecários não tem a discussão sobre o tema. O currículo de

Biblioteconomia ainda precisa de uma africanização. Os cursos de Biblioteconomia têm que começarem a incluir essa discussão desde os primeiros períodos do curso para fazer essa construção e resgate sobre o tema. Quase não há disciplinas que discutem a questão étnico-racial e quando há, são como disciplinas optativas, não como disciplinas obrigatórias. A questão racial é uma temática transversal, que pode ser trabalhada no currículo oculto dos cursos de Biblioteconomia, Ciência da Informação e Gestão no Brasil à fora. Embora exista alguma disciplina obrigatória, a Biblioteconomia ainda está muito voltada para questões técnicas e esquece de pensar na diversidade, nas questões raciais e de identidade. Nas disciplinas, o tema fica à margem, não há discussão ou aprofundamento da questão. Quando há discussão, ela depende da vontade dos docentes em abordar a presença do negro no Brasil.

Na Biblioteconomia brasileira não se tem a noção de comunidade e isso é problema grave, porque a população afrodescendente não consegue enxergar sua história na biblioteca. A história negra foi apagada da história do Brasil e é apagada das nossas bibliotecas. Não temos livros sobre História da África e a história da África está apagada, inclusive, nas classificações utilizadas por nós.

Penso que o bibliotecário não foi preparado para trabalhar com a diversidade, em especial, com relação ao público oriundo da África ou países circunscritos a esse Continente que estão no Brasil. O bibliotecário necessita discutir as realidades materiais, sociais, étnicas de onde está inserido. A formação bibliotecária ainda é uma formação distante da realidade local, pois é um único currículo que serve para todo Brasil. Os estudantes não têm uma consciência crítica a respeito do seu papel, do papel histórico de sua cidade e da sua cultura para o Brasil. A questão de como a temática é tratada em termos de conteúdo da disciplina com a relação do fazer do bibliotecário, nem sempre terá essa aproximação feita tão diretamente com o estudante, pois é trabalhada por professores de outros departamentos. A temática não aparece na matriz curricular, nem na ementa da disciplina e nem na bibliografia, mas está sendo feita uma construção em sala de aula para depois formular o currículo e introduzir bibliografias e conteúdos de ementas para que faça parte da formação do bibliotecário. Em algumas vezes, há disciplinas onde são tratadas e discutidas as questões indígena e negra por fazerem parte da cultura brasileira, como por exemplo, Teoria da Ação Cultural. Em alguns casos, a temática só é trabalhada na pós-graduação, a partir da orientação.

A biblioteca pode ser um canal importante de inclusão social, de justiça social e democratização do acesso a políticas sociais para minorias. A preocupação de inserção das culturas deve acontecer através das bibliotecas públicas, que são o locus privilegiado da população em geral. E vai depender das pessoas, inclusive da visão dos gestores e das políticas públicas.

No Brasil, penso que há uma deficiência, porque as bibliotecas públicas, universitárias ou escolares, elas oferecem serviços de um modo geral. Não há uma preocupação com os diferentes públicos e de trabalhar serviços especializados para determinados públicos e comunidades. As bibliotecas, em especial as públicas, precisam reconhecer isso e ter uma ação concreta voltada para oferecer e levar produtos, serviços e conteúdos que tenham impacto nesse tipo de público.

Precisamos começar uma discussão sobre os currículos das escolas de Biblioteconomia e criar uma percepção e consciência coletivas da importância em reconfigurar o olhar e ressignificar as ações e modo de ver dos profissionais, alunos e pessoas. Acredito que hoje há uma sensibilidade maior para a questão. Por força dos movimentos sociais há preocupação em inserir as culturas afros nos programas e currículos

dos cursos. É importante trazer África para criar uma Biblioteconomia mais representativa das questões das culturas africanas dentro da nossa cultura, principalmente através dessa formação oficial com a valorização de todo tipo de manifestação cultural. Ainda precisamos estudar o tema, principalmente, as representações do conhecimento fundamentadas nas representações sociais de grandes teóricos. Construir um discurso e um ambiente para sensibilizar os alunos e começar a discutir questões como afrodescendência e cultura indígena. Os projetos pedagógicos dos cursos têm que possibilitarem esse tipo de discussão da temática. A disciplina deve fazer parte do projeto político pedagógico do curso e ser específica para tratar da questão negra.

Questão 3 - Quais as ações (projetos, legislações, instrumentos administrativos e/ou normativos) contemplam a inserção dessas culturas no curso de Biblioteconomia da sua Instituição?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Instrumentos normativos como resoluções para a questão de cotas, acessibilidade e temas mais gerais.	E1
Alguns professores também criaram grupos de estudos de afro-brasileiros e revistas científicas que trazem o debate sobre o negro, acessibilidade, questão de gênero, violência e temas sociais.	E1
Tenho observado o uso de ações afirmativas e aumento de bolsas dentro da Universidade.	E2
Existe a legislação vigente, por meio da lei 10.639/03. Essa lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares.	E3; E11; E17
Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática.	E3; E6
Há uma normativa na Universidade para que seja implantada a disciplina sobre História Afro-brasileira e meio ambiente e tem sido um desafio de implantar ou inserir disciplinas que contemplem esses conteúdos.	E3
Não há nenhum projeto a longo prazo que faça interface direta com a temática.	E4
Pontualmente temos TCC sobre o tema e existem alguns trabalhos, mas não são de forma contínua.	E4
Não tenho percebido nenhuma ação específica sobre a temática dentro do currículo efetivamente praticado. O que ocorre são atitudes isoladas de alguns docentes que trabalham o conteúdo de forma transversal dentro dos seus discursos e da sala de aula.	E5
Há a política de ações afirmativas e outras políticas inclusivas que funcionam.	E7
Há também programas de educação tutorial e foram aprovados programas interdisciplinares que englobam estudantes de diferentes cursos. Além disso, há discussões sobre políticas de ações afirmativas nos colegiados para a graduação e para a pós-graduação.	E7
O regulamento geral dos cursos de graduação obedece ao que prevê a legislação superior. A temática é abordada por professores que orientam trabalhos sobre isso e em projetos realizados por eles e pela Universidade.	E8
Na universidade não há resoluções oficiais sobre o tema, mas temos as cotas para ingresso de estudantes negros.	E9
Há, no curso, a disciplina obrigatória de Cultura Afro.	E9
Ao olhar de forma criteriosa a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso não identifiquei a inclusão da temática.	E10
Do ponto de vista da formação, muitos docentes que ministram aulas no ensino fundamental e médio não possuem formação para tal, visto que somente alguns cursos das Ciências Humanas estão aptos a aplicarem a Lei 10.639/2003.	E11
A Lei 10.639/2003 é aplicada por professores que já são engajados na temática dentro do currículo oculto das disciplinas.	E11

Poderia ser criada uma lei ou decreto que tornasse obrigatório o ensino da temática em todos os cursos independentemente das áreas dos cursos ou de ser licenciatura ou bacharelado. Nas Escolas de Biblioteconomia, essa lei mudaria o currículo e este seria estabelecido sem depender de determinados professores que incluem no currículo oculto, pois os conteúdos sobre a questão racial e o lugar do negro na sociedade estariam definidos em disciplinas obrigatórias.	E11
Existem algumas disciplinas no currículo atual que buscam incluir essa discussão na disciplina, mas elas foram realizadas para cumprir a exigência da Secretaria de Avaliação da Universidade. Ou seja, foi mais uma preocupação com relação à Comissão de Avaliação do MEC do que em termos de projeto de curso.	E12
Há docentes que fazem parte do NEAB e, em alguns momentos, os membros do Núcleo vêm dar palestra para alunos da Biblioteconomia. O NEAB oferece disciplinas, mas não podemos incluir nas disciplinas do nosso curso por serem disciplinas de outros turnos.	E12
Atualmente, estamos criando um novo currículo para incluir essa dimensão da história e cultura afro-brasileira, quanto as dimensões étnico-raciais, meio ambiente, direitos humanos e cidadania.	E12
Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas	E13; E21
Na Universidade há uma normativa para oferecer as disciplinas de direitos humanos, questões raciais e de libras. Mas somente a disciplina de libras é ofertada.	E13
No curso, há disciplina de Ação cultural, que aborda a diversidade cultural, e temos também projeto de extensão sobre o tema.	E14
Quanto a outras medidas, existem a Fundação Cultural e a Fundação Gregório de Matos que abordam as culturas, além de movimentos sociais oficiais.	E14
O Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso e essa preocupação se reflete na ementa, no Programa e no Projeto Pedagógico do curso.	E15
Na legislação recente, há o pedido de inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes e que tenham algo especificamente voltado para isso no curso. Por conta dessa legislação, diversos cursos estão inserindo conteúdos e tentando sanar isso como tópicos dentro das disciplinas.	E16
Há uma enormidade de coisas a fazer: a) Trabalhar e discutir o tema em sala de aula por intermédio de seminários; b) desenvolver projetos de extensão voltados para comunidades e suas demandas informacionais; c) criar diversas ações nas bibliotecas voltadas à produção de conteúdos e geração de ambientes em espaços web para esse público; d) Pesquisar temas como a questão afrodescendente e de gênero no âmbito da pós-graduação.	E16
Os alunos possuem a possibilidade de cursar a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira dentro do Departamento de Antropologia. No entanto, desconheço instrumentos específicos que abordem a temática. Instrumentos norte-americanos e europeus como a CDD e CDU possuem falhas em como são tratadas as culturas, visto que não retratam suas especificidades.	E17

Existem projetos de alguns professores que abordam as questões africanas, racismo e misoginia.	E18
Quanto à legislação sobre racismo, a considero insuficiente, pois ainda são minimizados os casos de racismo e classificados como injúria racial.	E18
Existem projetos de extensão desenvolvidos em comunidades ribeirinhas e há grupos de estudos da Universidade sobre a questão afro, onde participam alunos da Biblioteconomia.	E19
O curso está em fase de reestruturação do projeto pedagógico para contemplar recomendações do MEC, inclusive com relação à cultura afrodescendente.	E20
Conheço prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas em disciplinas dos cursos, mas eu desconheço normativas específicas sobre o assunto na Instituição onde trabalho. O que há são projetos relacionados às bibliotecas públicas e a exclusões sociais, que incluem questões raciais.	E22
Há alguns instrumentos legislativos, mas eles não possuem impacto algum no aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia. Ainda é realizado de forma isolada a inserção da temática dependendo somente dos docentes e projetos de extensão.	E23
Não há nenhuma ação normativa e desconheço projetos de pesquisa sobre o assunto. Alguns professores incluem os temas de gênero, direitos humanos e relações étnico-raciais, conforme os temas universais do MEC para o currículo dos cursos.	E24

Resposta questão nº 3:

Quanto às ações, conheço alguns instrumentos normativos como resoluções para a questão de cotas, acessibilidade e temas mais gerais. No entanto, desconheço instrumentos específicos que abordem a temática. Instrumentos norte-americanos e europeus, como a CDD e CDU, possuem falhas em como são tratadas as culturas, visto que não retratam suas especificidades. Há a política de ações afirmativas e outras políticas inclusivas que funcionam. Em algumas vezes, na universidade, não há resoluções oficiais sobre o tema, mas temos as cotas para ingresso de estudantes negros. Tenho observado o uso de ações afirmativas e aumento de bolsas dentro da Universidade. Além disso, há discussões sobre políticas de ações afirmativas nos colegiados para a graduação e para a pós-graduação.

Conheço prerrogativas do Governo Federal para a inserção dessas temáticas em disciplinas dos cursos, mas eu desconheço normativas específicas sobre o assunto na Instituição onde trabalho. Com relação a leis, existe a legislação vigente, por meio da Lei 10.639/03. Esta Lei é uma conquista histórica do movimento negro brasileiro e tornou obrigatório o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas municipais e estaduais e o Dia da Consciência Negra em homenagem a Zumbi dos Palmares. A Lei 10.639/2003 é aplicada por professores que já são engajados na temática dentro do currículo oculto das disciplinas. Do ponto de vista da formação, muitos docentes que ministram aulas no ensino fundamental e médio não possuem formação para tal, visto que somente alguns cursos das Ciências Humanas estão aptos a aplicarem a Lei 10.639/2003. Na

legislação recente, há o pedido de inclusão de conteúdos voltados às comunidades afrodescendentes e que tenham algo especificamente voltado para isso no curso. Por conta dessa legislação, diversos cursos estão inserindo conteúdos e tentando sanar isso como tópicos dentro das disciplinas. Entretanto, considero que a legislação sobre racismo insuficiente, pois ainda são minimizados os casos de racismo e classificados como injúria racial.

Na Biblioteconomia, ainda não temos disciplina no curso que contemple a temática. Há alguns instrumentos legislativos, mas eles não possuem impacto algum no aprofundamento das questões afro-brasileiras no curso de Biblioteconomia, pois ainda é realizado de forma isolada a inserção da temática dependendo somente dos docentes e projetos de extensão. Ao olhar de forma criteriosa a estrutura curricular e as ementas das disciplinas do curso não identifiquei a inclusão da temática. Acredito que o Núcleo Docente Estruturante está sempre alerta a isso e essa preocupação se reflete na ementa, no Programa e no Projeto Pedagógico do curso. Algumas vezes, os alunos possuem a possibilidade de cursar a disciplina de História e Cultura Afro-brasileira dentro do Departamento de Antropologia. O curso está em fase de reestruturação do projeto pedagógico para contemplar recomendações do MEC, inclusive com relação à cultura afrodescendente. Em alguns casos, há no curso, a disciplina obrigatória de Cultura Afro e existem algumas disciplinas no currículo atual que buscam incluir essa discussão na disciplina, mas elas foram realizadas para cumprir a exigência da Secretaria de Avaliação da Universidade. Ou seja, foi mais uma preocupação com relação à Comissão de Avaliação do MEC do que em termos de projeto de curso. Em alguns casos, no curso, há disciplina de Ação cultural, que aborda a diversidade cultural, e temos também projeto de extensão sobre o tema. No entanto, há uma normativa na Universidade para que seja implantada a disciplina sobre História Afro-brasileira e meio ambiente e tem sido um desafio de implantar ou inserir disciplinas que contemplem esses conteúdos. Além disso, há uma normativa para oferecer as disciplinas de direitos humanos, questões raciais e de libras. Mas somente a disciplina de libras é ofertada. O regulamento geral dos cursos de graduação obedece ao que prevê a legislação superior. Em alguns casos, a temática é abordada por professores que orientam trabalhos sobre isso e em projetos realizados por eles e pela Universidade. Entretanto, frequentemente, não tenho percebido nenhuma ação específica sobre a temática dentro do currículo efetivamente praticado. O que ocorre são atitudes isoladas de alguns docentes que trabalham o conteúdo de forma transversal dentro dos seus discursos e da sala de aula.

Na Universidade, não há trabalhos sobre as culturas africanas e não há nenhum projeto a longo prazo que faça interface direta com a temática. Pontualmente, temos TCC sobre o tema e existem alguns trabalhos, mas não são de forma contínua. Em alguns casos, existem projetos de alguns professores que abordam as questões africanas, racismo e misoginia. Em outros casos, há projetos de extensão desenvolvidos em comunidades ribeirinhas e grupos de estudos da Universidade sobre a questão afro, onde participam alunos da Biblioteconomia. Alguns professores também criaram grupos de estudos de afro-brasileiros e revistas científicas que trazem o debate sobre o negro, acessibilidade, questão de gênero, violência e temas sociais. Pontualmente, há docentes que fazem parte do NEAB e, em alguns momentos, os membros do Núcleo vêm dar palestra para alunos da Biblioteconomia. O NEAB oferece disciplinas, mas não podemos incluir nas disciplinas do nosso curso por serem disciplinas de outros turnos. Alguns professores incluem os temas de gênero, direitos humanos e relações étnico-raciais, conforme os temas universais do MEC para o currículo dos cursos.

Em alguns casos, há programas de educação tutorial e foram aprovados programas interdisciplinares que englobam estudantes de diferentes cursos. Acredito que poderia ser criada uma lei ou decreto que tornasse obrigatório o ensino da temática em todos os cursos independentemente das áreas dos cursos ou de ser licenciatura ou bacharelado. Nas Escolas de Biblioteconomia, essa lei mudaria o currículo e este seria estabelecido sem depender de determinados professores que incluem no currículo oculto, pois os conteúdos sobre a questão racial e o lugar do negro na sociedade estariam definidos em disciplinas obrigatórias. Eu acredito que, atualmente, estamos criando um novo currículo para incluir essa dimensão da história e cultura afro-brasileira, quanto as dimensões étnico-raciais, meio ambiente, direitos humanos e cidadania. Dessa maneira, há uma enormidade de coisas a fazer: a) Trabalhar e discutir o tema em sala de aula por intermédio de seminários; b) desenvolver projetos de extensão voltados para comunidades e suas demandas informacionais; c) criar diversas ações nas bibliotecas voltadas à produção de conteúdos e geração de ambientes em espaços web para esse público; d) Pesquisar temas como a questão afrodescendente e de gênero no âmbito da pós-graduação. Quanto a outras medidas, existem a Fundação Cultural e a Fundação Gregório de Matos que abordam as culturas, além de movimentos sociais oficiais.

Questão 4 - O(a) senhor(a) poderia indicar fontes bibliográficas, autores, disciplinas ou projetos sobre as culturas africanas e afro-brasileiras? Quais?

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
“O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública.	E1; E6; E17
Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com LGBTQI+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz.	E2
Quanto a projetos, a Professora Marielle [de Moraes] possui um projeto de responsabilidade social.	E2
Existem diversas disciplinas na Universidade, mas uma delas é disciplina de “Educação nas Relações Étnico-Raciais”	E3
Existem vários autores como Joseph Ki Zerbo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González, Amauri Mendes, Amílcar Pereira, Kabengele Munanga.	E3; E6
Conheço os livros: “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre, “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro. “História dos Quilombolas”, “A rebelião escrava do Brasil”, do João José Reis, “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues	E4
Na minha prática docente tive contato com autores africanos de língua portuguesa que trouxeram a percepção e sensibilidade para entender a temática.	E5
Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação.	E6
A professora Joselina da Silva, militante do movimento negro ministra a disciplina “Informação e Movimentos sociais” e teve um projeto financiado pelo CNPq que avaliava acervos de bibliotecas escolares do Ceará no que se refere à Lei 10.639. Existiram experiências também na UDESC com trabalhos voltados à inserção da temática na Biblioteconomia. Há ainda, artigos de pesquisadores que abordam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB.	E6
Nós não temos uma bibliografia de autores africanos para discussão sobre o contexto africano em sala de aula. No entanto, por conta das percepções e necessidades dos alunos, estudamos autores e autoras que não estão na bibliografia do curso, como é o caso da autora Carolina de Jesus sobre a literatura marginal, do autor Stuart Hall com o conceito de identidade, do autor Néstor García Canclini e o conceito de culturas híbridas, do conceito de hegemonia cultural do Antonio Gramsci e conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu.	E7
Tenho conhecimento da produção da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva.	E7
Não sei de cor a legislação, pois não sou pesquisador/a e militante dessa área.	E8

Tenho trabalhado com o que os colegas me indicam. Uma leitura que indico aos meus orientandos é a biografia do Malcom X. Na disciplina de Teoria da Ação Cultural utilizo a obra “O povo brasileiro” do Darcy Ribeiro por conter elementos interessantes para discutir a questão indígena e a questão negra. Utilizo ainda, a obra “Da Cor da Cultura” com documentários produzidos pelo MEC.	E8
Em disciplinas introduzo o livro “Significado do protesto negro” de Florestan Fernandes. O autor Amílcar Cabral é utilizado em paralelo à história da escravidão do Brasil, além do jornal abolicionista “Redenção” e os registros feitos por negros.	E9
Angela Davis é lida para tratar do movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher negro/a avançam, a sociedade inteira avança.	E9; E11
Abordo também sobre a Carolina de Jesus, por ser uma leitura necessária para se tomar consciência de algumas questões como ser negro, pobre e morador de rua.	E9
Seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes em como pensar a classificação de literaturas de outros países e países de África a partir dos sistemas de classificação mais utilizados como CDD e CDU.	E10
O livro “O alegre canto da perdiz” da escritora moçambicana Paulina Chiziane.	E10
Há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra”.	E10; E17; E24
Há o escritor angolano José Luandino Vieira e suas obras.	E10
Livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política”.	E11
“Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre possui algumas críticas fortes com relação a argumentos do autor, no entanto é importante a leitura para compreensão do pensamento da elite da época e a atual.	E11
Um autor fundamental é Clóvis Moura, homem negro com uma história de luta e de luta político-partidária. Possui alguns livros como: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão” que abordam o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro.	E11
Há também uma gama de literatos/as e escritores/as que precisam ser conhecidos/as na Biblioteconomia como Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outros. Autores acadêmicos como Abdias do Nascimento, Lélia González, Beatriz Nascimento, Alex Ratts.	E11
Há um site sobre pautas das mulheres negras chamado Gelédes.	E11
Acabou de ser publicada a Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, que reuniu intelectuais negros e negras para discutir racismo e silenciamento na sociedade brasileira.	E11; E17
Eu não conheço autores que lidam especificamente com a discussão afro.	E12

Conheço a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério e Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino.	E13
Há o Centro de Estudos Afro-Orientais e a revista científica Afro-Ásia. A Editora da UFBA possui publicações sobre diversos aspectos como o Camdomblé, culinária, costumes e racismo.	E14
“O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação” de Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar.	E15
A publicação de livros que discutem essa temática é muito importante. Eu conheço teses, mas quanto a livros sobre o tema, eu acho que “Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI” de Daniella Spudeit e Marielle de Moraes editorado pela ABECIN foi o primeiro a abordar a temática.	E16
Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre com discussão crítica sobre a questão da cultura e miscigenação.	E17
Homi Braba e o livro “O local da Cultura”.	E17
Renato Ortiz aborda identidade e cultura.	E17
Há literatura afro-brasileira de Cidinha da Silva e do Eduardo De Assis Duarte e o livro de literatura “Zumbi assombra quem” de Allan da Rosa.	E17
Quem abriu o universo maravilhoso da África foi Chimamanda Adichie com sua contação de causos e a TED que ficou famosa.	E18
“Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” de Franciéle Carneiro Garcês da Silva e de Graziela dos Santos Lima é um livro sobre bibliotecários negros.	E18
Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança	E19; E20
Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há.	E19
Lembro do autor Muniz Sodré, mas não tenho certeza disto.	E20
Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema.	E20
Existem professores que abordam a temática, mas são da área de História, não do curso.	E21
Citária Darcy Ribeiro, Roberto da Matta, Sérgio Buarque de Holanda.	E22
Algumas discussões sobre políticas e estudos culturas onde poderia indicar os manuais de Antropologia Cultural, o Alfred Louis Kroeber, Armand Mattelart.	E23
O livro “Da diáspora” de Stuart Hall.	E23
Théo Brandão no estado do Alagoas tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado.	E23

Há os grupos DEGENERA e o Intelectuais Negras com a participação da Professora Giovana Xavier.	E24
O autor jamaicano Stuart Hall é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades.	E24
O autor jamaicano Stuart Hall é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista pautado na história da Europa.	E24
Grada Kilomba para falar sobre decolonialidades e epistemologias do sul.	E24
Início a disciplina para falar justiça de transição e anistia política, o “Red dust”, um filme baseado em um romance de ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é sobre a questão sobre a comissão da verdade e reconciliação na África do Sul.	E24

Resposta Questão nº 4:

Quanto a leis, não sei de cor a legislação, pois não sou pesquisador/a e militante dessa área. Existem professores que abordam a temática, mas são da área de História, não do curso. A publicação de livros que discutem essa temática é muito importante. Eu conheço teses, mas quanto a livros sobre o tema, eu acho que “Biblioteconomia social: epistemologia transgressora para o século XXI” de Daniella Spudeit e Marielle de Moraes editorado pela ABECIN foi o primeiro a abordar a temática. Além disso, quanto à produção de livros por bibliotecários, conheço “O negro na biblioteca” da bibliotecária Francilene do Carmo Cardoso que aborda sobre o negro na biblioteca pública e o livro “Bibliotecári@s Negr@s: ação, pesquisa e atuação política” organizado por Franciéle Carneiro Garcês da Silva e Graziela dos Santos Lima, um livro sobre bibliotecários negros. Há também uma gama de literatos/as e escritores/as que precisam ser conhecidos/as na Biblioteconomia como Maria Firmina dos Reis, Conceição Evaristo, Cidinha da Silva, entre outros. Autores acadêmicos como Abdias do Nascimento, Lélia González, Beatriz Nascimento, Alex Ratts. Lembro do autor Muniz Sodré, mas não tenho certeza disto.

Não tenho feito nenhuma leitura recentemente com o enfoque na questão afro na Ciência da Informação e nas bibliotecas que possa indicar com segurança. Eu não conheço autores que lidam especificamente com a discussão afro, por isso nós não temos uma bibliografia de autores africanos para discussão sobre o contexto africano em sala de aula. Por conta das percepções e necessidades dos alunos, foco em autores e autoras que não estão na bibliografia do curso, como é o caso da autora Carolina de Jesus sobre a literatura marginal, do autor Stuart Hall com o conceito de identidade, do autor Néstor García Canclini e o conceito de culturas híbridas, do conceito de hegemonia cultural do Antonio Gramsci e conceito de capital cultural do Pierre Bourdieu. Há ainda, algumas discussões sobre políticas e estudos culturais onde poderia indicar os manuais de Antropologia Cultural, o Alfred Louis Kroeber, Armand Mattelart.

Seria interessante trabalhar com os próprios colegas docentes em como pensar a classificação de literaturas de outros países e países de África a partir dos sistemas de classificação mais utilizados como CDD e CDU. Quem abriu o universo maravilhoso da África foi Chimamanda Adichie

com sua contação de causos e a TED que ficou famosa. Algumas vezes, na minha prática docente tive contato com autores africanos de língua portuguesa que trouxeram a percepção e sensibilidade para entender a temática. Posso citar o livro “O alegre canto da perdiz” da escritora moçambicana Paulina Chiziane, há o filósofo camaronês Achille Mbembe e a obra “Crítica da Razão Negra” e o escritor angolano José Luandino Vieira e suas obras. Em alguns momentos, tenho trabalhado com o que os colegas me indicam. Uma leitura que indico aos meus orientandos é a biografia do Malcom X. Na disciplina de Teoria da Ação Cultural utilizo a obra “O povo brasileiro” do Darcy Ribeiro por conter elementos interessantes para discutir a questão indígena e a questão negra. Citaria ainda Roberto da Matta e Sérgio Buarque de Holanda. Utilizo ainda, a obra “Da Cor da Cultura” com documentários produzidos pelo MEC. Além disso, tenho conhecimento da produção da professora Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva e existem vários autores como Joseph Ki Zerbo, Abdias do Nascimento, Joel Rufino, Lélia González, Amauri Mendes, Amílcar Pereira e Kabengele Munanga.

Conheço livros como “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre, “O povo brasileiro” de Darcy Ribeiro. O “História dos Quilombolas” e a “A rebelião escrava do Brasil”, do João José Reis; “Os africanos no Brasil”, de Nina Rodrigues, o livro “Da diáspora” de Stuart Hall, assim como, Homi Bhabha e o livro “O local da Cultura”. Li artigos como “O silenciamento do multiculturalismo na pauta das universidades federais do sudeste e nordeste brasileiro: tendências na formação do bibliotecário e cientista da informação” de Claudio Moisés da Costa e Patrícia Vargas Alencar. Há também a literatura afro-brasileira de Cidinha da Silva e do Eduardo De Assis Duarte e o livro de literatura “Zumbi assombra quem” de Allan da Rosa.

Na Biblioteconomia, temos a Professora Mirian Aquino, que juntamente com seus orientandos e herdeiros intelectuais como Henry Poncio, Leyde Klebia Rodrigues da Silva e Francisco da Silva Junior, possui produções científicas abordando a inclusão do negro na sociedade da informação. Tenho conhecimento da professora, Jacqueline Cabral, que trabalha com LGBTQI+, mas não conheço a bibliografia que ela introduz. Seguramente a Zélia Amador de Deus é uma pesquisadora que produz sobre o tema e Márcio Ferreira da Silva está envolvido com a questão afro, mas retirou da Sociologia, pois dentro da Ciência da Informação em si não há. Conheço ainda alguns docentes como a Joselina da Silva, Cícera Nunes, Henrique Cunha, Edileuza Gomes, Zuleide Queiroz, Erinaldo Dias Valério, Dávila Feitosa da Silva e Mirian de Aquino que produzem e/ou abordam a temática em sala. Especificamente, Théó Brandão, no estado do Alagoas, tematiza a história do estado com a presença do negro e formação do Estado.

Quanto a projetos, a Professora Marielle [de Moraes] possui um projeto de responsabilidade social. A professora Joselina da Silva, militante do movimento negro ministra a disciplina “Informação e Movimentos sociais” e teve um projeto financiado pelo CNPq que avaliava acervos de bibliotecas escolares do Ceará no que se refere à Lei 10.639. Existiram experiências também na UDESC com trabalhos voltados à inserção da temática na Biblioteconomia. Há ainda, artigos de pesquisadores que abordam sobre a Biblioteca de Referência do NEAB.

Em alguns casos, existem diversas disciplinas na Universidade, uma delas é disciplina de “Educação nas Relações Étnico-Raciais”. Em algumas disciplinas introduzo o livro “Significado do protesto negro” de Florestan Fernandes. Frequentemente, inicio a disciplina para falar justiça de transição e anistia política com o “Red dust”, um filme baseado em um romance de ficção, mas é uma ficção muito forte com a realidade, que é

sobre a questão da comissão da verdade e reconciliação na África do Sul. O autor Amílcar Cabral é utilizado em paralelo à história da escravidão do Brasil, além do jornal abolicionista “Redenção” e os registros feitos por negros. Renato Ortiz aborda identidade e cultura e Grada Kilomba é abordada para falar sobre decolonialidades e epistemologias do sul, enquanto Angela Davis é lida para tratar do movimento negro, da mulher e a visão classista. Essa autora diz que só se pode falar em igualdade, democracia e desenvolvimento se abordar as questões raciais. E que quando o homem e mulher negro/a avançam, a sociedade inteira avança. Abordo também sobre a Carolina de Jesus, por ser uma leitura necessária para se tomar consciência de algumas questões como ser negro, pobre e morador de rua. Um autor fundamental é Clóvis Moura, homem negro com uma história de luta e de luta político-partidária. Possui alguns livros como: “Raízes do Protesto Negro”, “Sociologia do Negro Brasileiro”, “O Negro de Bom Escravo a Mau Cidadão” que abordam o lugar do negro na transição entre o escravismo e o capitalismo brasileiro. “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre possui algumas críticas fortes com relação a argumentos do autor, no entanto é importante a leitura para compreensão do pensamento da elite da época e a atual. Além disso, “Casa Grande & Senzala” de Gilberto Freyre é usada para discussão crítica sobre a questão da cultura e miscigenação. Quanto ao autor jamaicano Stuart Hall, este é lido para trabalhar identidade, mas ele tem toda uma trajetória acadêmica na Inglaterra e ainda fala de um ponto de vista, assim, de como se constitui as identidades.

Há pouco acabou de ser publicada a Coleção Feminismos Plurais, coordenada por Djamila Ribeiro, que reuniu intelectuais negros e negras para discutir racismo e silenciamento na sociedade brasileira. Há também um site sobre pautas das mulheres negras chamado Gelédes, o Centro de Estudos Afro-Orientais e a revista científica Afro-Ásia. A Editora da UFBA possui publicações sobre diversos aspectos como o Camdomblé, culinária, costumes e racismo. Quanto a grupo sobre o tema, há os grupos DEGENEREA e o Intelectuais Negras com a participação da Professora Giovana Xavier.

Questão 5 - O(a) senhor(a) gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o que conversamos, ou gostaria de fazer algum comentário? Fique à vontade!

Síntese das Ideias Centrais	Entrevistado
Acredito que a temática é super relevante e sua pesquisa vem para dar essa contribuição, no sentido de reflexão e de indicar caminhos para trabalharmos em sala de aula e aproximarmos os alunos da nossa realidade.	E1
A Biblioteconomia passa por um momento delicado por conta da desvalorização da profissão.	E2
Professores, pesquisadores e bibliotecários precisam perceber que a Biblioteconomia precisa ser militante.	E2
Acredito ser urgente a reformulação dos currículos. A técnica e teoria são importantes, mas a gente precisa também da prática teórica e entender a biblioteca como um espaço de construção social, inclusão digital, alfabetização, entre outros.	E2
Acho o tema pesquisa muito pertinente e oportuno, pois só me descobri negro/a na Universidade.	E3
Na minha época não havia acesso ao estudo da temática no ensino fundamental, médio ou graduação. Somente na pós-graduação que me aprofundi no estudo da temática étnica.	E3
Acho os conteúdos importantes para a formação não só do bibliotecário, mas para toda a formação profissional. Entretanto, acredito que essa formação esteja acontecendo de forma tardia na formação. Acredito que essa parte do conteúdo devia vir mais forte da base.	E4
Acredito que esta pesquisa, ao trabalhar essa perspectiva dentro da Biblioteconomia alarga as possibilidades de entendermos qual o universo e o campo de atuação do bibliotecário.	E5
Parabenizo por, enquanto pesquisadora e mulher negra, ter assumido essa causa e ação política de estar discutindo o tema dentro da Ciência da Informação, visto que busca a discussão desta população dentro da formação, onde ainda são poucos materiais e poucos pesquisadores trabalhando a temática.	E6
Como estamos em uma sociedade ser muito racista, parabenizo ainda por ter assumido o compromisso em desenvolver uma pesquisa para apresentar à sociedade científica e bibliotecária que são necessárias mudanças no comportamento do corpo docente das universidades para que haja a inserção de disciplinas dentro do curso que representem essa população.	E6
Por estar um pouco isolada das discussões sobre o tema, peço sugestões sobre materiais e de experiências, aceitarei conseguir construir, de modo mais estruturado, essas discussões e formar melhor esse bibliotecário	E7
Apesar de ser negro/a e já ter sofrido preconceitos, não sou militante da temática. No entanto, estou aberta a orientar pesquisas, respeito os colegas e sou participante ativa das ações desenvolvidas sobre o tema aqui na Universidade.	E8
Como em todas as profissões, a Biblioteconomia precisa discutir as questões do negro junto com as questões de classe, pois o sistema e o mercado de trabalho são excludentes.	E9

O bibliotecário tem que se posicionar frente aos acervos, à comunidade e aos pesquisadores e inserir a literatura negra e autores que ninguém conhece.	E9
Penso que a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudos, vivência e perspectivas que são oferecidas dentro de sala de aula.	E9
Acho que bibliotecários formadores ou em formação precisam pensar a respeito da reparação taxonômica, conceito trazido por Maria Aparecida Moura. Não dá mais para reproduzir em quaisquer disciplinas que nos formam na graduação, enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que são consagrados e que não irão fazer com que a gente atue sem conseguir pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, pois quando estávamos no banco universitário sequer fomos provocados para estas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduza desigualdades.	E10
A gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula e com os alunos. Muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa relacionada à questão racial, de gênero, LGBT, de religiosidades de matriz africana e os professores tendem a podar e dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, que aquilo é um panfleto político ou um texto cheio de rancor.	E11
Acho que precisa fazer esse resgate e a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, até pela formação do nosso povo, deveria ser abordada na formação do povo da mesma forma que a história europeia é trabalhada. Ou seja, ser tratada como uma coisa natural, não como algo que o MEC cobra de cima para baixo	E12
Há eventos em que tratamos de Biblioteconomia e diversidade, pois é urgente a discussão tanto das questões de gênero e de violência contra a mulher, como também da luta antirracista para os negros, para os LGBTs, enfim. Esta é uma luta diária de tentar equiparar e reparar aquilo que é gritante, visível, pois não são as mesmas oportunidades.	E13
Acredito que é um tema que deixa de ser um tema emergente para se transformar em um tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente. Acredito que é uma forma de reconhecimento e valorização, de oportunização e de se trazer à baila questões que são fundamentais na convivência social e humana.	E14
Temos disciplinas que abordamos muito sobre isso.	E15
A discussão é importante porque o bibliotecário precisa amadurecer esses temas. Muitas vezes, a gente vê o discurso do bibliotecário sobre o por que a biblioteca pública não ser reconhecida pela sociedade e ser subutilizada. E a resposta é porque ela deve servir a comunidades plurais e essas comunidades tem que se sentirem convidadas a irem lá. Então, ou a biblioteca pública e bibliotecários que atuam nela começar a perceber isso e a mudarem essa realidade ou vamos sempre ser aquele aparelho cultural que é subutilizado.	E16
O curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e de gênero. Felizmente, uma nova geração está levantando a temática com publicações e ampliando horizontes, fazendo com que esta Biblioteconomia repense suas estruturas e a sua formação.	E17

Acredito que a Biblioteconomia não é só técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para a ação e é isso que interessa.	E18
Nunca observei as pessoas pela cor. Mas eu sei que algumas pessoas se desdenham, pois elas vêm de uma cultura onde ouviram todo o tempo que são feias.	E19
Acho que a preocupação é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil e da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica, que na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões.	E20
Nunca soube da Biblioteconomia Negra Americana, embora tenha tido contato com diversos pesquisadores e líderes do movimento de minha época.	E21
Creio que a gente se envolve pouco com essas questões. Eu não sou negra e acredito que a gente se envolveria mais com essas questões se tivéssemos colegas negros. A gente não sente na pele o que é ser negro. Obviamente nós convivemos com negros e sabemos da história e do absurdo que se deu com relação às questões da negritude, mas acho que é pouca abordagem do tema.	E22
Acho estranho que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação. Tenho algumas hipóteses e ideias do por quê isso acontece, mas são muito gerais. Ao buscarmos as raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes algumas coisas são auto explicáveis. A CI no Brasil e em outros países americanos, ela se vale por tendências de pesquisas criadas ou desenvolvidas por países primeiro-mundistas. Essas tendências acabam organizando pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento. Assim, a CI não tem uma agenda própria com uma lista de temas que são de crucial importância nacional.	E23
Eu percebo uma demanda grande de alunas e alunos para abordar esses temas. Acho que é uma área que tem muito o que discutir esses temas, como a questão de cotas raciais, de cotas para mulheres trans, algo que as pessoas já estão pautando há muito tempo.	E24

Resposta questão nº 5:

Na minha época não havia acesso ao estudo da temática no ensino fundamental, médio ou graduação. Acho os conteúdos importantes para a formação não só do bibliotecário, mas para toda a formação profissional. Acredito que precisa fazer esse resgate e a discussão em torno da questão da História Afro-brasileira, que até pela formação do nosso povo, deveria ser abordada na formação do povo da mesma forma que a história europeia é trabalhada. Ou seja, ser tratada como uma coisa natural, não como algo que o MEC cobra de cima para baixo. Em algumas vezes, temos disciplinas que abordamos muito sobre isso. Entretanto, acredito que essa formação esteja acontecendo de forma tardia na formação. Acredito que essa parte do conteúdo devia vir mais forte da base, pois somente na pós-graduação que me aprofundi no estudo da temática étnica. Penso que a tomada de consciência do bibliotecário só vem com estudos, vivência e perspectivas que são oferecidas dentro de sala de aula. Acho o tema pesquisa muito pertinente e oportuno, pois só me descobri negro/a na Universidade. A gente precisa acessar, ler e trabalhar esses conteúdos em sala de aula

e com os alunos. Eu percebo uma demanda grande de alunas e alunos para abordar esses temas. Acho que é uma área que tem muito o que discutir esses temas, como a questão de cotas raciais, de cotas para mulheres trans, algo que as pessoas já estão pautando há muito tempo. Muitas vezes, o aluno vem com uma proposta de pesquisa relacionada à questão racial, de gênero, LGBT, de religiosidades de matriz africana e os professores tendem a podar e dizer que é preciso neutralidade na pesquisa, que aquilo é um panfleto político ou um texto cheio de rancor. Acho que a preocupação é interessante, ainda que seja um recorte do ponto de vista do perfil e da sensibilidade do profissional em relação à uma questão específica, que na verdade, está muito conectada com uma série de outras questões. Acredito que a Biblioteconomia não é só técnica, muito ao contrário, ela é menos técnica, ela é muito mais coração, muito mais trazer o conhecimento para a ação e é isso que interessa.

Em alguns casos, apesar de ser negro/a e já ter sofrido preconceitos, não sou militante da temática. No entanto, estou aberta a orientar pesquisas, respeito os colegas e sou participante ativa das ações desenvolvidas sobre o tema aqui na Universidade. Acho ainda que bibliotecários formadores ou em formação precisam pensar a respeito da reparação taxonômica, conceito trazido por Maria Aparecida Moura. Não dá mais para reproduzir em quaisquer disciplinas que nos formam na graduação, enquanto profissionais bibliotecários, os discursos que são consagrados e que não irão fazer com que a gente atue sem conseguir pensar em outras possibilidades de ordenar o mundo, pois quando estávamos no banco universitário sequer fomos provocados para estas outras possibilidades de organizar o mundo que não reproduza desigualdades.

A Biblioteconomia passa por um momento delicado por conta da desvalorização da profissão. Professores, pesquisadores e bibliotecários precisam perceber que a Biblioteconomia precisa ser militante. Como em todas as profissões, a Biblioteconomia precisa discutir as questões do negro junto com as questões de classe, pois o sistema e o mercado de trabalho são excludentes. A discussão é importante porque o bibliotecário precisa amadurecer esses temas. O bibliotecário tem que se posicionar frente aos acervos, à comunidade e aos pesquisadores e inserir a literatura negra e autores que ninguém conhece. Muitas vezes, a gente vê o discurso do bibliotecário sobre o por que a biblioteca pública não ser reconhecida pela sociedade e ser subutilizada. E a resposta é porque ela deve servir a comunidades plurais e essas comunidades tem que se sentirem convidadas a irem lá. Então, ou a biblioteca pública e bibliotecários que atuam nela começar a perceber isso e a mudarem essa realidade ou vamos sempre ser aquele aparelho cultural que é subutilizado.

Acredito que a temática é super relevante e sua pesquisa vem para dar essa contribuição, no sentido de reflexão e de indicar caminhos para trabalharmos em sala de aula e aproximarmos os alunos da nossa realidade. Creio ser urgente a reformulação dos currículos. A técnica e teoria são importantes, mas a gente precisa também da prática teórica e entender a biblioteca como um espaço de construção social, inclusão digital, alfabetização, entre outros. Acredito que esta pesquisa, ao trabalhar essa perspectiva dentro da Biblioteconomia alarga as possibilidades de entendermos qual o universo e o campo de atuação do bibliotecário. Parabênzo por, enquanto pesquisadora e mulher negra, ter assumido essa causa e ação política de estar discutindo o tema dentro da Ciência da Informação, visto que busca a discussão desta população dentro da formação, onde ainda são poucos materiais e poucos pesquisadores trabalhando a temática. Como estamos em uma sociedade ser muito racista, parabênzo ainda por ter assumido o compromisso em desenvolver uma pesquisa para apresentar à sociedade científica e bibliotecária que são necessárias mudanças no comportamento do corpo docente das universidades para que haja a inserção de disciplinas dentro do curso que representem essa

população. Creio que a gente se envolve pouco com essas questões. Nunca observei as pessoas pela cor. Mas eu sei que algumas pessoas se desdenham, pois elas vêm de uma cultura onde ouviram todo o tempo que são feias. Eu não sou negra e acredito que a gente se envolveria mais com essas questões se tivéssemos colegas negros. A gente não sente na pele o que é ser negro. Obviamente nós convivemos com negros e sabemos da história e do absurdo que se deu com relação às questões da negritude, mas acho que é pouca abordagem do tema. Acho estranho que esse tema não conseguiu, nos últimos 20 anos, ser algo predominante na discussão teórica na Ciência da Informação. Tenho algumas hipóteses e ideias do por quê isso acontece, mas são muito gerais. Ao buscarmos as raízes da Biblioteconomia e da Ciência da Informação mais recentes algumas coisas são auto explicáveis. A CI no Brasil e em outros países americanos, ela se vale por tendências de pesquisas criadas ou desenvolvidas por países primeiro-mundistas. Essas tendências acabam organizando pesquisadores em função da visibilidade que um tema dá em certo momento. Assim, a CI não tem uma agenda própria com uma lista de temas que são de crucial importância nacional.

Há eventos em que tratamos de Biblioteconomia e diversidade, pois é urgente a discussão tanto das questões de gênero e de violência contra a mulher, como também da luta antirracista para os negros, para os LGBTs, enfim. Por estar um pouco isolada das discussões sobre o tema, peço sugestões sobre materiais e de experiências, aceitarei conseguir construir, de modo mais estruturado, essas discussões e formar melhor esse bibliotecário. Esta é uma luta diária de tentar equiparar e reparar aquilo que é gritante, visível, pois não são as mesmas oportunidades. Acredito que é um tema que deixa de ser um tema emergente para se transformar em um tema do nosso dia a dia, da nossa vida corrente. Acho também que é uma forma de reconhecimento e valorização, de oportunização e de se trazer à baila questões que são fundamentais na convivência social e humana. O curso de Biblioteconomia ainda precisa muito discutir essa questão racial e de gênero. Felizmente, uma nova geração está levantando a temática com publicações e ampliando horizontes, fazendo com que esta Biblioteconomia repense suas estruturas e a sua formação.